

SIMONE MEUCCI

GILBERTO FREYRE E A SOCIOLOGIA NO BRASIL: DA SISTEMATIZAÇÃO À CONSTITUIÇÃO DO CAMPO CIENTÍFICO

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de
Doutorado em Sociologia do Instituto de Filosofia
e Ciências Humanas da Universidade Estadual
de Campinas sob a orientação do Profa. Dra.
Elide Rugai Bastos.

Este exemplar corresponde à
redação final da tese defendida e
aprovada pela Comissão Julgadora
em 27/04/2006.

BANCA

Profa. Dra. Elide Rugai Bastos (Orientadora)

Prof. Dr. Fernando Antonio Lourenço (IFCH-UNICAMP)

Prof. Dr. Gláucia Villas Bôas (IFCS-UFRJ)

Prof. Dr. Josué Pereira da Silva (IFCH-UNICAMP)

Prof. Dr. Afrânio Raul Garcia (CRBC-EHESS)

Maio
2006

UNIDADE	80
Nº CHAMADA	
V	EX
TOMBO BC/	68846
PROC.	6.23.06
C	<input type="checkbox"/>
D	<input checked="" type="checkbox"/>
PREÇO	1,00
DATA	09/06/06

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA
BIBLIOTECA DO IFCH - UNICAMP

M57g Meucci, Simone
Gilberto Freyre e a sociologia no Brasil : da sistematização à
constituição do campo científico / Simone Meucci. - Campinas,
SP : [s. n.], 2006.

Orientador: Elide Rugai Bastos.
Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas,
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

1. Freyre, Gilberto, 1900-1987. 2. Universidade do Distrito
Federal. 3. Sociologia - Brasil. 4. Sociologia - Manuais, guias etc.
5. Desenvolvimento institucional. 6. Ensino normal. 7. Ciência -
História - Brasil. I. Bastos, Elide Rugai. II. Universidade
Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.
III. Título.

(mfbm/ifch)

Palavras chaves em inglês (keywords) : Sociology - Brazil
Sociology - Handbooks, manuals, etc
Institution building
Science - History - Brazil

Área de Concentração: Sociologia

Titulação: Doutorado

Banca examinadora: Prof. Dr. Elide Rugai Bastos (orientadora)
Prof. Dr. Fernando Antonio Lourenço
Prof. Dr. Gláucia Villas Boas
Prof. Dr. Josué Pereira da Silva
Prof. Dr. Afrânio Raul Garcia

Data da defesa: 27 de abril de 2006

RESUMO

O objetivo desta pesquisa é reconstruir alguns aspectos da trajetória intelectual de Gilberto Freyre no período compreendido entre o final dos anos 20 e o final dos anos 50, especialmente referidos à sistematização de suas idéias sociológicas. O ponto de partida da análise é a sua experiência docente na Escola Normal de Pernambuco durante os anos de 1929 e 1930, quando o autor reuniu as primeiras ferramentas conceituais a partir das quais foi possível produzir sua singular interpretação da sociedade brasileira e consagrar os estudos sociológicos no meio intelectual brasileiro. Em seguida, investigamos sua experiência docente na Universidade do Distrito Federal entre os anos de 1935 e 1937. Trata-se da única experiência em que o autor permaneceu, de forma mais ou menos estável, nos quadros de uma instituição de ensino superior brasileiro. A análise dos manuscritos de suas aulas permite compreender o sentido das suas idéias naquele período. Por fim, apresentamos uma análise das duas primeiras edições do compêndio *Sociologia: uma introdução aos seus princípios*, publicado pela primeira vez em 1945, um livro singular no conjunto da obra do autor, resultante de experiência docente nas duas instituições acima referidas. Na reconstrução desta trajetória - que compreende desde a artesanaria de suas idéias sociológicas até ambiência social e política que serviu de substrato para sua atividade intelectual - constatamos as diferentes expectativas de que a ciência sociológica foi depositária no Brasil.

ABSTRACT

This research aims at reconstructing some aspects of Gilberto Freyre's intellectual trajectory between the late 1920s and the late 1950s, with a focus on the systematization of his sociological ideas. The analysis starts with his teaching experience at the Pernambuco's Normal School in 1929-1930, when the author produced his first conceptual tools that enabled him to produce his particular interpretation of Brazilian society, consolidating at the same time sociological studies. Following this his teaching experience at the Federal District's University, between 1935-1937, is investigated. It was the only experience Freyre had as a fixed member of the faculty of a Brazilian university. The analysis of the manuscripts from his classes allows for a comprehension of his ideas in that period. An investigation of the first two editions of his compendium *Sociologia: uma introdução aos seus princípios* (Sociology: an introduction to its principles), first published in 1945, is presented at last. This was a singular book in his trajectory, resulting from teaching experience at the above mentioned institutions. In the process of reconstructing Freyre's trajectory - including the crafting of his sociological ideas and the social and political context that served as a basis for his intellectual activity - one notices the different expectations one had on Sociology in Brazil.

AGRADECIMENTOS

À orientadora Elide Rugai Bastos.

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) e seu parecerista anônimo.

Aos membros da banca de doutoramento Afrânio Garcia, Fernando Antonio Lourenço, Glaucia Villas Bôas e Josué Pereira da Silva.

Aos membros da banca de qualificação Fernando Antonio Lourenço e Valeriano Costa.

Aos colegas Alexandro Dantas Trindade e André Botelho.

Aos funcionários do Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre, especialmente à Ana Claudia e sua equipe de colaboradores.

Aos funcionários da Fundação Joaquim Nabuco, especialmente à Lúcia Gaspar e Maria Letícia Bandeira.

Aos membros pesquisadores do Núcleo de Estudos e Pesquisas em História da Educação em Pernambuco (NEPHEPE) da Universidade Federal de Pernambuco, especialmente Andréa Agnes da Silva.

Ao César Ornellas e Dalva Soares, ambos da Casa de Cultura Heloísa Torres de Itaboraí.

À Sra. Nilma, funcionária responsável pelo arquivo da Universidade do Distrito Federal, mantido pelo Instituto de Superior de Educação do Rio de Janeiro.

À Christina e Gilvani, secretárias do Programa de pós-graduação em Sociologia da Universidade Estadual de Campinas.

Ao Edson Nery da Fonseca, Heraldo Souto Maior, Roberto Motta, Vamireh Chacon, Sônia Freyre e Fernando Freyre (*in memoriam*).

Aos pesquisadores da área que, em diferentes encontros científicos, favoreceram a reflexão sistemática sobre o tema: Fernanda Peixoto, Marcos Chor Maio, Ricardo Benzaquen de Araújo, Adélia Miglievich Ribeiro, Robert Wegner, Lucia Lippi de Oliveira, Afrânio Garcia, Gustavo Tuna, André Botelho, Glaucia Villas Bôas, Milton Lauherta, Carlos Gileno, Nelson Tomazi e Marcio de Oliveira.

A todos os professores e colaboradores membros do Centro de Estudos Brasileiros (CEB/Unicamp), especialmente aos companheiros de empreitada João Francisco Simões, Mariana Chaguri e Priscila Nucci.

Aos amigos e colegas Milena Martins, Samira El Saifi, Maria Claudia Bonadio, Uliana Dias, Andréia Gonzalez, Maria Marce Moliani, Samira Marzochi, Juliana Chio, Daniel Romero, Alexandro Dantas Trindade, Ângelo José da Silva, Ana Luisa Sallas, Marisete Horochovski, Valéria Floriano, Ana Lucia Vasquez, Alexsandro Eugenio Pereira, Maria Luiza Taboada, Gustavo Antonietto e Emilio Corso.

À minha família.

Para o Paulo

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
-----------------	----

PARTE 1

Experiência docente na Escola Normal de Pernambuco 1929 – 1930

CAPÍTULO 1 – ENTRE A *ESCOLA NOVA* E A OLIGARQUIA

I. Reformismo educacional.....	19
II. O oligarca e a crise do pacto oligárquico.....	22
III. Economia e sociedade: Pernambuco na segunda metade dos anos 20.....	26
IV. O plano de reforma de <i>Carneiro Leão</i>	31
V. Tensões explicitadas.....	37

CAPÍTULO 2 - A 'REVELAÇÃO' COMO SOCIÓLOGO

I. Primeiros mecanismos de consagração.....	47
II. Sociologia para normalistas.....	64
III. Conservação e criação.....	80
IV. O mito e o sentido de <i>Casa-Grande & Senzala</i>	87

PARTE 2

Experiência docente na Universidade do Distrito Federal 1935 – 1937

CAPÍTULO 3 - ENTRE O RECIFE E O RIO DE JANEIRO

I. No Recife, Sociologia para estudantes de direito.....	93
II. Enfim, no Rio de Janeiro.....	102
III. A Universidade do Distrito Federal e o curso de ciências sociais.....	113
IV. O <i>Club de Sociologia</i>	128

CAPÍTULO 4 – DIVERSIDADE, EQUILÍBRIO SOCIAL E CULTURA POPULAR

I. Menos oratória, mais investigação.....	139
II. Pela demarcação de áreas de cultura.....	141
III. Pelo equilíbrio inter-regional.....	144
IV. O morro carioca e a inteligibilidade da cultura popular.....	156
V. Algum lugar para suas idéias sociológicas?.....	163
VI. Ambigüidades e afinidades: Freyre e o Estado-novo.....	172

PARTE 3

O livro *Sociologia* e o debate sociológico

CAPÍTULO 5 - SOCIOLOGIA: FRONTEIRAS DISCIPLINARES E INTER-RELAÇÕES

I. Outros compêndios.....	181
II. Os fenômenos sociológicos e a posição da sociologia.....	189
III. Sociologia e psicologia e <i>sociologia psicológica</i>	200
IV. A noção de "raça": sociologia e biologia; <i>sociologia biológica</i>	209
V. <i>Sociologia regional</i> ; processos sócio-ecológicos.....	215
VI. História e sociologia; <i>sociologia histórica</i>	228
VII. Sociologia e antropologia; <i>sociologia da cultura</i>	233

CAPÍTULO 6 - A 'SOCIOLOGIA DE FREYRE' E A 'SOCIOLOGIA CIENTÍFICA'

I. O processo de constituição do campo sociológico.....	239
II. O lugar do sociólogo e da sociologia.....	243
III. Purificação da linguagem sociológica.....	253
IV. Freyre e Gurvitch: afinidades sociológicas.....	266
V. A natureza e o método da sociologia: o <i>esquema</i> ou a <i>origem</i>	270

CAPÍTULO 7 – OUTRA SOCIOLOGIA, OUTRA MODERNIDADE

I. O debate intelectual dos anos 50.....	281
II. Autoritarismo e iberismo.....	285
III. O legado patriarcal.....	291
IV. A diversidade cultural.....	298

CONCLUSÃO.....	303
----------------	-----

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	313
---------------------------------	-----

ANEXOS.....	325
-------------	-----

INTRODUÇÃO

FREYRE E A SOCIOLOGIA

... as idéias, para mim, são como as nozes, e até hoje não descobri melhor processo para saber o que está dentro de umas e de outras, - senão quebrá-las.

Machado de Assis, no conto *O mundo das idéias*, 1885.

Este estudo dedica-se à compreensão do papel de Gilberto Freyre na formação e consolidação do conhecimento sociológico no Brasil. O objeto privilegiado desta análise será o livro *Sociologia: uma introdução aos seus princípios*, publicado por Freyre no ano de 1945, reeditado com significativas alterações em 1957.

A investigação compreenderá a análise do texto de *Sociologia* em suas duas versões, bem como o mapeamento do debate intelectual em torno do livro que se estendeu até a segunda metade dos anos 50. Apresentaremos também a reconstituição de duas experiências docentes que serviram, segundo o autor, de substrato para a elaboração do livro: na Escola Normal de Pernambuco (1929-1930) e na Universidade do Distrito Federal (1935-1937).

Através desta análise, percorreremos um longo período que vai dos anos 20 ao final dos anos 50. Acompanharemos, pois, o processo de consolidação da disciplina desde a reunião das primeiras ferramentas conceituais capazes de lançar as luzes sobre a esfera social, até o processo de profissionalização e constituição de um rígido *cânon* científico. Rigorosamente, chamamos estas duas etapas da formação da sociologia de *sistematização* e *consolidação do campo científico*. (BASTOS, 1997)

Desejamos, com este estudo, contribuir para o entendimento de aspectos importantes (até então ignorados) da trajetória intelectual de Freyre. Por meio do exame de seus manuscritos, de seus programas de aulas, bem como da obra aludida, esperamos identificar algumas das ferramentas conceituais a partir das quais Freyre alicerçou a sua interpretação acerca da sociedade brasileira. Interpretação que resultou numa inversão radical no pensamento brasileiro: a passagem do foco na definição do *Estado* para a definição da *Sociedade*.

No longo período analisado, importa também compreender o modo como o autor e sua obra foram re-significados. Pretende-se, sobretudo, compreender o *sentido* das idéias sociológicas de Freyre em diferentes momentos históricos: no final dos anos 20 (em plena crise do pacto oligárquico), na segunda metade dos anos 30 (com o fortalecimento do Estado varguista), em 1945 (no contexto da reabertura democrática) e ao longo dos anos 50 (no auge do desenvolvimentismo). Rigorosamente, trata-se de identificar, percorrendo diferentes episódios da vida intelectual de Freyre, as sucessivas transformações do caráter da investigação sociológica no Brasil, desde o período em que houve esforços pioneiros para sua institucionalização no sistema de ensino secundário até a sua definitiva incorporação na rotina acadêmica.

O livro *Sociologia* é uma obra singular entre os escritos de Freyre. Trata-se de um compêndio científico que surgiu num ano cheio de significados: fim da Grande Guerra, marco da democratização do país. Uma época também significativa para as Ciências Sociais, pois foi um período no qual se consolidaram efetivamente os esforços para profissionalização do novo cientista.

Partimos do pressuposto de que o livro, através das disputas teóricas que enseja, é um ponto de partida significativo não apenas para compreender a ossatura conceitual do autor, mas para o entendimento do significado da sociologia naquele contexto. Trata-se de um compêndio científico que acena o desejo do autor de, naquele ambiente em que se mobilizavam esforços para a profissionalização do cientista social, instituir fronteiras disciplinares, combater o diletantismo, demarcar uma perspectiva teórica incomum. Mas para além das disputas teóricas, compreendemos que, através das páginas de *Sociologia*, Freyre procurava fundamentar uma noção de sociedade cheia de significados para o debate social em curso.

Nossa hipótese é que o livro manifesta uma disputa simbólica referida ao processo de constituição do campo científico que, não obstante, era reflexo de um debate mais amplo sobre as modalidades de inserção do país na modernidade.

O livro, o debate acerca dele e as alterações sofridas pelo texto sugerem, de início, que houve, a partir da segunda metade dos anos 50, uma inflexão importante no pensamento social brasileiro que se traduziu, sobretudo, no questionamento da competência científica de Freyre. Em contraste, a reconstituição das experiências docentes anteriores ao livro permite compreender o importante papel de Freyre na sistematização e consagração da sociologia, antes mesmo do processo de institucionalização das regras do campo científico.

Sociologia se situa, pois, num momento que é o divisor de águas entre duas fases do processo de formação da sociologia no Brasil. Entre a sistematização (que compreende os primeiros esforços para a definição das expectativas de que a nova disciplina é depositária e para a reunião de ferramentas conceituais a fim de circunscrever o tema) e a institucionalização (quando definitivamente se constituíram as regras científicas dominantes; a linguagem, o método e os autores-emblema legitimamente reconhecidos). (BASTOS, 1987)

Foi através de *Sociologia* que chegamos à experiência docente de Freyre na Universidade do Distrito Federal e, mais remotamente, na Escola Normal de Pernambuco. Freyre afirmava que o livro era resultante do esforço de síntese realizado nestas duas diferentes circunstâncias. Ambas as experiências são significativas para a compreensão das condições de sistematização do conhecimento sociológico entre nós.

A cadeira de sociologia ocupada por Freyre na Escola Normal de Pernambuco foi uma das primeiras introduzidas no ensino secundário no Brasil. Nesse sentido, a investigação acerca desta experiência remete às expectativas originais que mobilizaram os esforços para a institucionalização do conhecimento sociológico entre nós, mesmo antes da implantação da disciplina no sistema de ensino superior.

A Universidade Federal do Distrito Federal foi uma instituição do ensino superior que teve uma vida curta no Brasil (entre 1935 e 1939), criada em condições políticas e intelectuais bastante particulares. Foi, pois, ali que houve a terceira experiência de institucionalização do curso superior de Ciências Sociais entre nós, logo após a implantação do curso na Escola Livre de Sociologia e Política (1933) e na Universidade de São Paulo (1934). Trata-se de um episódio significativo da história das ciências sociais no Brasil, ainda tão desconhecido quanto a experiência da Escola Normal de Pernambuco. Ali na Universidade do Distrito Federal, Freyre teve sua única passagem, mais ou menos estável, pelo ensino superior brasileiro.

Estas duas experiências docentes de Freyre foram reconstituídas graças à consulta de textos de aulas inaugurais, programas de curso e manuscritos de aula mantidos pelo Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre. Textos e programas que, mais tarde, alongados e aprofundados, se converteram em páginas de *Sociologia*, livro que nos arremessou para momentos pouco conhecidos da vida intelectual de Freyre e permitiu compreender não apenas aspectos da arteficialidade conceitual operada pelo autor desde o final dos anos 20, como possibilitou também

identificar o lugar que a sociologia ocupava no sistema intelectual em diferentes momentos da vida do país.

Esta análise se inscreve numa área que podemos definir como sociologia das idéias. Neste esforço de *interpretação sociológica das idéias sociológicas de Freyre* exploraremos basicamente três níveis de leitura: 1) a *leitura textual* (que se prende à forma mesma do texto), 2) a *leitura do autor* (que exige a compreensão, ainda que limitada, das possibilidades semânticas e sociais do indivíduo que produziu o texto), a *leitura contextual* (que confronta a produção do autor ao contexto histórico-social de que ele é produto). Necessário, a um só tempo, observar a obra “de dentro” (em termos de sua estrutura lógica) e “de fora” (em termos dos condicionantes sociais). (MANNHEIM et al, 1997:68)

Sobretudo a leitura contextual exige que se definam algumas características fundamentais do ambiente social no qual surgiram as idéias. Trata-se de entender, ainda que de modo geral, a ambiência política, social e intelectual na qual emergem as formulações de um determinado autor. O essencial é, pois, compreender os temas e problemas fundamentais de cada período histórico para os quais são mobilizadas as forças intelectuais. Nos termos de Mannheim, trata-se de compreender a *constelação* de questões que se constituem como problemas e desafios de uma determinada época. (MANNHEIM et al 1997:64) (SKINNER, 1998: 78)

Desta maneira, quando nos referimos à idéia de campo científico não pensamos em termos de uma esfera completamente autônoma em relação ao processo social em curso. Compreendemos que os intelectuais, bem como os cientistas, têm invariavelmente seus interesses relacionados às transformações pelas quais passa a sociedade. (BASTOS; BOTELHO, 2005) Assim, mesmo constrangidos pelas rígidas regras científicas, a autonomia e a independência dos cientistas em relação às demandas sociais são muito tênues.

Rigorosamente, admitimos que a tese que Lukacs considerou válida para os estilos artísticos, também pode ser levada para a esfera do pensamento sociológico. Queremos com isso dizer, nos apropriando das idéias de Lukacs, que novas formas de pensar e representar a realidade social não surgem jamais de uma dialética imanente das formas científicas, mas da necessidade histórico-social da vida. (LUKACS, 1968: 53).

Nesse sentido, compreendemos que ainda que os embates intelectuais no campo da sociologia se traduzam como disputas simbólicas pelo *monopólio da competência científica*, são, a rigor, reflexos de uma luta que remete ao debate social mais amplo.

Especialmente o caso da formação da sociologia entre nós nos parece paradigmático da porosidade do campo científico, pois que no centro do debate político e intelectual do Brasil entre as décadas de 20 e 50, estava a luta pela definição da sociedade brasileira. A disciplina foi assim, ao longo deste período, o palco onde se desenrolou uma discussão sistemática sobre o destino da sociedade brasileira. Ainda que, nos anos 50, as regras e a vigilância do campo sociológico fossem severas, também elas mesmas eram resultados de um processo social amplo e da aposta numa certa visão de modernidade que fora então dominante entre nós.

Além dos três níveis básicos de leitura a que acabamos de aludir, é preciso também lembrar que o significado de um texto não é apenas um exercício de decifração de seu léxico. Tampouco pode ser simplesmente deduzido do contexto psíquico-histórico-social no qual foi produzido. Ora, o significado do texto é *também* determinado pelos efeitos que ele produz em seu meio intelectual, pelos usos efetivos e prováveis que se fazem dele e pelo debate que ele provoca. Tal pressuposto exige a reconstrução de parte do debate intelectual no qual se insere o objeto textual e demanda igualmente a circunscrição da trajetória do autor no processo social mais amplo. Nesse sentido, estaremos também atentos às diferentes formas de apropriação das idéias sociológicas de Freyre ao longo do período em questão.

Rigorosamente, ao discutir o percurso de Freyre nos diferentes momentos da constituição da sociologia entre nós e diagnosticar suas diferentes alocações no meio sociológico, testemunhamos as transformações de uma época. Transformações que se manifestam no surgimento de novas interpretações sociais, nas alterações das ferramentas analíticas e na linguagem sociológica, na mudança do *estilo de pensamento* dominante. (MANNHEIM, 1981)

A tese se apresenta em três partes: a primeira, que compreende dois capítulos, se refere à experiência docente de Freyre na Escola Normal de Pernambuco. A segunda, também composta por dois capítulos, dedica-se a descrever e analisar a ambiência e as aulas do autor na Universidade do Distrito Federal. Por fim, a terceira parte, organizada sob a forma de três capítulos, compreende a análise das idéias apresentadas no livro *Sociologia* e a reconstrução do debate intelectual em torno de alguns dos princípios sociológicos de Freyre ali contidos.

No primeiro capítulo, discutiremos as condições gerais nas quais foi implantado o curso de sociologia na Escola Normal de Pernambuco durante os anos de 1928 e 1929. Identificaremos as expectativas do educador Carneiro Leão ao propor a introdução da nova disciplina. Ao mesmo tempo observaremos alguns dos dilemas daquela sociedade explicitados pela reforma de ensino ali

promovida. Caracterizaremos o ambiente no qual a sociologia foi considerada necessária para a formação dos novos educadores.

No segundo capítulo, analisaremos os instrumentos sociais e intelectuais que permitiram que Freyre assumisse a nova condição de sociólogo. Através da análise do seu programa de aulas na Escola Normal de Pernambuco identificaremos quais foram as ferramentas conceituais que permitiram que o autor iniciasse entre nós a circunscrição mais sistemática do objeto sociológico. Observaremos também que, da perspectiva de Freyre, a sociologia assumiu então, naquela sociedade submetida ao drama da decadência, a tarefa de celebração de um acordo entre o passado e o futuro.

No terceiro capítulo apresentaremos alguns dados inéditos sobre a experiência de Gilberto Freyre na Universidade Federal do Distrito Federal entre os anos de 1935 e 1937. Reconstituiremos a experiência docente do autor naquele conturbado ambiente no qual foi, pouco a pouco, gestado o Regime do Estado Novo. Passaremos também rapidamente por suas aulas de Introdução à Sociologia Regional na Faculdade de Direito do Recife ocorridas no ano de 1935.

O quarto capítulo será dedicado à análise do conteúdo das aulas de Freyre na Universidade carioca. Por meio do estudo de seus manuscritos, apresentaremos dados precisos acerca de suas aulas de *antropologia*, *sociologia* e *inquéritos sociais*. Por fim, procuraremos compreender a ambigüidade dos princípios sociológicos de Freyre em relação à tônica discursiva do Estado Novo. Mostraremos que algumas das idéias de Freyre foram fundamentais para a legitimação do novo pacto de dominação e para o reconhecimento da sociologia como um instrumento importante de singularização da experiência social brasileira.

O quinto capítulo compreende uma leitura cuidadosa do livro *Sociologia: uma introdução aos seus princípios*. Procuraremos, em primeiro lugar, situar o esforço de Freyre de elaboração do livro num novo contexto de delimitação das fronteiras do campo sociológico e numa nova ambiência social de democratização que acenava para a dinamização do debate social acerca do destino do país após muitos anos de ditadura. Identificaremos as fronteiras disciplinares e as inter-relações entre as áreas de conhecimentos proposta pelo autor, os autores mobilizados, os fatores explicativos dominantes, os seus princípios sociológicos fundamentais.

No capítulo sexto, mostraremos, através da reconstrução do debate em torno do livro *Sociologia* ao longo dos anos 50, que houve uma inflexão fundamental no pensamento sociológico do período. Sob um acelerado processo de industrialização, agravadas as diferenças regionais, na

Universidade de São Paulo surgia a primeira geração de sociólogos formados entre nós que, vigilantes e instituidores de regras universalmente legítimas para o campo sociológico, questionaram sistematicamente a competência científica de Freyre. Veremos que, nestas circunstâncias, questionar Freyre simbolizava um rompimento com o passado da disciplina e a consolidação de uma nova história disciplinar, mais ligada ao compromisso de racionalização e universalização. Nestas condições, mostraremos como Freyre ficou completamente ausente do processo de profissionalização do cientista social.

No sétimo capítulo, procuraremos demonstrar que o questionamento da competência científica implicava no questionamento do próprio projeto de inserção do Brasil na modernidade que estava presente na interpretação de Freyre. Enquanto os representantes da *sociologia científica* queriam romper com o atraso e propor um projeto de modernidade burguesa inspirado na racionalização, na democracia e no desenvolvimento econômico, Freyre apresentava um modelo pautado na diversidade cultural e na unidade patriarcal.

Finalmente, na conclusão, cotejamos os princípios sociológicos propostos por Freyre àqueles que se tornaram dominantes nos anos 50 a fim de demonstrar que se traduzia, no embate entre Freyre e o campo sociológico dominante, um confronto fundamental entre estilos de pensamento absolutamente distintos.

CAPÍTULO 1

ENTRE A *ESCOLANOVA* E A OLIGARQUIA

I. Reformismo educacional

O objetivo deste capítulo será reconstruir um dos episódios significativos da institucionalização da sociologia no Brasil: a implantação da disciplina na Escola Normal de Pernambuco nos anos de 1929 e 1930, cuja cadeira foi assumida por Gilberto Freyre. Trata-se, no Brasil, de uma das primeiras experiências de implantação da sociologia no currículo dedicado à formação de professores.¹

A rigor, não se tem dado a devida importância às experiências que precederam a implantação da sociologia na Escola Livre de Sociologia e Política (1933), na Universidade de São Paulo (1934) e na Universidade do Distrito Federal (1935). Veremos aqui que no ambiente da Escola Normal celebrou-se um vínculo importante entre ação educacional e a pesquisa social que favoreceu a institucionalização da sociologia. Educação e sociologia emergiram juntas nos anos 20, aliando-se na crítica ao bacharelismo e no estímulo ao contato com o que se convencionou denominar de 'realidade social brasileira'.

Nesse sentido, as Escolas Normais foram portas de entrada para a síntese de teorias e conceitos sociológicos e para a pesquisa social propriamente dita. E Gilberto Freyre, um dos pioneiros deste esforço de síntese.

De modo geral, os intelectuais brasileiros, nos anos 20, cultivavam a sensação de que viviam num momento histórico de extrema gravidade, de crise profunda do Estado brasileiro e das elites republicanas nacionais. Formulava-se então a idéia de que lhes cabia executar, a um só

¹ Sabe-se que, no mesmo período, Fernando de Azevedo, que dirigira a Reforma Educacional no Distrito Federal, também incluía a Sociologia entre as disciplinas do curso de Normal. Ver: (AZEVEDO, 1971)

tempo, uma obra de construção da consciência da nação e de substituição da velha elite republicana. (OLIVEIRA, 1980: 38)

A idéia de missão, que já povoava o imaginário dos literatos brasileiros na passagem do século, se fortalecia à sombra da crise do pacto oligárquico. (SEVCENKO, 2003) Pensava-se afinal que os novos intelectuais seriam protagonistas do que se convencionou então denominar de *organização da nação*. (LAHUERTA, 1997: 98)

Um verdadeiro surto reformista ocupou nossa elite pensante nesta época. A idéia de reforma passou a ser uma espécie de palavra de ordem: clamava-se pela *reforma constitucional*, pela *reforma moral*, pela *reforma sanitária*, por *reformas urbanas*. Até mesmo um '*reformismo étnico*' se espreitava na política de imigração. (OLIVEIRA, 1997: 190)

Não obstante, manifestou-se particularmente uma aguda consciência do descaso da educação no Brasil. Com efeito, inúmeras reformas escolares foram realizadas na década. Apenas para exemplificar algumas delas: Sampaio Dória em São Paulo (1920), Lourenço Filho no Ceará (1922), Anísio Teixeira na Bahia (1924), José Augusto Bezerra de Menezes no Rio Grande do Norte (1925), Francisco Campos em Minas Gerais (1927), Fernando de Azevedo, Distrito Federal (1928), Lísimaco da Costa no Paraná (1927), Carneiro Leão em Pernambuco (1928). (BOMENY, 1993: 28)

Tanta energia foi mobilizada nas reformas educacionais porque se compreendia que a educação era um dos aspectos mais importantes para a construção da nação. Acreditava-se então que os índices de analfabetismo e o despreparo profissional representariam a mais séria dificuldade para a constituição da nação brasileira. A promoção da educação tornou-se então uma espécie de *religião cívica*. A escola, considerada instituição crucial para o destino nacional. (BOMENY, 2001:40)

Segundo Bendix (1996: 376), o empenho no reformismo educacional foi um fenômeno que adquiriu contornos peculiares nas sociedades em atraso. Pretendia-se, afinal, investir em novos recursos educacionais a fim de desenvolver uma espécie de um atalho para a modernidade. Em particular, os pressupostos da Escola Nova foram considerados como um conjunto de técnicas de ensino capazes de permitir o preparo dos jovens estudantes para as habilidades exigidas pelo mundo moderno.²

Lembremos que a Escola Nova foi um movimento no âmbito da educação com ressonância mundial que teve como protagonistas os seguintes educadores: na Europa, Edouard Claparède (1873-1940), Adolphe Ferrière (1879=1960) e Maria Montessori (1870-1952); nos Estados Unidos,

² Ver: CORTEZ (1997). Nesta tese, o autor apresenta uma análise da difusão dos ideais da escola nova na Colômbia, durante a República liberal nos anos 30.

John Dewey (1859-1952). No Brasil, embora o escolanovismo estivesse presente nas reformas educacionais dos anos 20, só adquiriu contornos de um movimento intelectual sistemático nos anos 30 com a publicação do Manifesto dos Pioneiros da Escola Nova (1932). Seus principais representantes entre nós foram, pois, Anísio Teixeira, Fernando de Azevedo, Carneiro Leão, Lourenço Filho, entre outros.

A idéia básica da Escola Nova (também chamada de 'Escola Ativa' e 'Escola Progressiva') é a de que a construção do conhecimento se realiza por meio de atividades lúdicas e de pesquisa e por meio do diálogo e da convivência social do grupo de alunos. Em contraste com a noção de aluno passivo, expectador do conteúdo ministrado pelo professor, a Escola Nova apresentou um sujeito, capaz de, com a orientação adequada, ter uma atitude ativa e criativa. Nesse sentido, o aprendiz passou a ser entendido como agente principal da produção do conhecimento.

O fundamento das técnicas pedagógicas da Escola Nova é, pois, uma nova noção de homem relacionada ao processo de transformação social ocorrido entre o século XIX e o século XX: um homem ativo, adaptável, realizador do seu destino (compatível exatamente à dinâmica das sociedades modernas, industrializadas e urbanizadas).

No Brasil também a idéia que fundamentava as reformas educacionais ocorridas entre a década de 20 e a década de 30 era o desejo de difundir uma concepção pedagógica e métodos de ensino considerados eficientes para a lapidação de um novo homem, capaz de viver num mundo também novo, imprevisível, regulado pela ciência, pelo industrialismo e pela ordem democrática. (TEIXEIRA, 1924)

A alfabetização da população, o ensino profissionalizante, o aumento de vagas em todos os níveis e, sobretudo, a mudança dos métodos convencionais de ensino: essas eram reivindicações que faziam parte das demandas de novos agentes sociais e que as reformas educacionais procuravam atender. O que estava em questão era o controle e o preparo para a nova vida social.

Foi neste contexto intelectual geral no qual se desenvolveu, no ano de 1928, em Pernambuco, a reforma educacional sob o comando do governador Estácio Coimbra. Conhecida como *Reforma Carneiro Leão*, foi uma das primeiras que permitiu, no Brasil, a entrada da sociologia no currículo das normalistas.³

³ O Estado de Pernambuco tivera antes disso uma experiência significativa na Reforma do Ensino Normal do Estado: as transformações pedagógicas promovidas por Ulisses Pernambucano (primo de Gilberto Freyre) na Escola Normal de Pernambuco, entre os anos de 1923 e 1926. (SELLARO, 2000)

II. O oligarca e a crise do pacto oligárquico

E em quais condições políticas e sociais se realizou esta reforma educacional pernambucana? Qual o lugar ocupado pelo governador Estácio Coimbra no cenário político regional e nacional?

Estácio Coimbra (1872-1937) era um legítimo representante da aristocracia pernambucana. Filho de senhor de engenho formou-se bacharel em Direito na Faculdade do Recife e casou-se com uma prima de Gilberto Freyre, Joana Castelo Branco, cuja família era também proprietária de engenho em Barreiros, o famoso Morim (o mesmo que, mais tarde, Estácio transformou na Usina Central de Barreiros, um dos pontos de referência da indústria açucareira do Estado na década de 20).

Era um homem poderoso no contexto do arranjo político republicano. Em termos locais, foi beneficiário do poder concedido aos oligarcas pelo acordo conhecido como 'política dos governadores' (instaurado no governo de Campos Salles entre os anos de 1898 e 1902). Tal acordo compreendia a concessão de ampla liberdade aos grupos oligarcas dominantes de cada Estado em troca de bancadas estaduais que concedessem apoio ao governo central no congresso. O efeito desta política era, freqüentemente, a luta encarniçada entre as facções de oligarquias rivais nos Estados.

Em termos nacionais, Coimbra conseguiu também ocupar postos importantes. Foi ministro da Agricultura do Governo de Epitácio Pessoa (1919-1922) e vice-presidente da República no governo de Arthur Bernardes (1922-1926).

A propósito, lembremos de um outro pacto vigente no período que consistia no revezamento de políticos representantes dos estados de Minas Gerais e São Paulo na chefia do poder executivo. Basta constatar que oito dos treze presidentes da Primeira República eram de Minas ou de São Paulo. Este acordo, conhecido como política 'café-com-leite', garantia, por exemplo, a intervenção cambial favorável aos cafeicultores. Neste arranjo, estados como Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro e Pernambuco ocupavam cargos no Ministério ou a vice-presidência a fim de neutralizar as dissidências regionais.

Com efeito, Coimbra fez parte deste arranjo, conquistou o Ministério e a vice-presidência e, como resultado, tornou-se um dos homens mais importantes do Nordeste nesta época. Discípulo de

Rosa e Silva (um oligarca que, por sua vez, fora vice-presidente de Campos Salles), esteve ainda à frente do Governo do Estado de Pernambuco entre os anos de 1926 e 1930.

Entretanto, a proeminência de Coimbra na política nordestina ocorreu num contexto muito particular. Um contexto no qual se manifestavam os primeiros sinais de que os arranjos políticos da República que estavam em operação desde o início do século não dariam conta dos conflitos com militares, operários e dos desacordos entre as elites regionais.

A rigor, o jogo político da República Velha se realizava tendo como fundamento uma sociedade agrária. A transformação e a complexificação da economia brasileira desde a Primeira Guerra Mundial, o surgimento de novos agentes sociais e novas demandas causavam, pouco a pouco, o esgarçamento desses acordos que, a rigor excluía os novos agentes e suas demandas.

Os ingredientes mais imediatos da crise do pacto oligárquico eram basicamente três: descontentamento do exército, que se sentia aliado do jogo político desde a eleição de Prudente de Moraes (1894-1898); o crescimento das tensões regionais diante da supremacia e dos privilégios do Estado de São Paulo e de sua oligarquia cafeeira no jogo político; a insatisfação da crescente população urbana que, entre outras coisas, era penalizada pela política cambial. (FAUSTO, 1985)

Os primeiros sinais notórios desta crise (que, sabemos desembocou na Revolução de 30) são os levantes do exército, especialmente durante o governo de Arthur Bernardes. Tais levantes resultaram a eclosão do movimento tenentista em 1922 que, a despeito da falta de contornos ideológicos, fora capaz de canalizar grande parte das energias que se opunham ao governo central: desde as oligarquias estaduais enfraquecidas até a classe média urbana insatisfeita. (FAUSTO, 1985)

O governo de Arthur Bernardes (1922-1926) foi dos mais dramáticos. Sua eleição se deu em meio a um movimento de oposição significativo. O lançamento da candidatura de Nilo Peçanha pela Frente de Oposição revelou, sobretudo, o agravamento das tensões regionais e o primeiro confronto importante aos arranjos políticos da República. Reunidos na Frente de Oposição, representantes de setores oligárquicos desprivilegiados dos Estados da Bahia, Pernambuco, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul desejavam romper com a política café-com-leite.

Entretanto, Bernardes saiu vitorioso, validando - senão por fraudes - pela força das armas os acordos da Velha República. Não foi à toa que recorreu seguidamente à decretação do estado de sítio em seu governo. Como observamos anteriormente, Estácio Coimbra esteve ao seu lado na

condição de vice-presidente. Era um dos personagens centrais num dos episódios mais violentos e dramáticos de manutenção da forma de dominação típica da Velha República.

Convém notar que, no mesmo ano de 1922, quando se realizava esta primeira eleição competitiva da República no Brasil, há uma fermentação equivalente no campo intelectual. Assinalamos dois episódios relevantes: a Semana de Arte Moderna em São Paulo, a Criação do Centro D. Vital. Também destacamos a fundação do Partido comunista.

Modernismo, comunismo, reação católica e tenentismo propunham respostas diversas às novas demandas da época. Nas artes, nos partidos, na igreja e nos quartéis as idéias fermentavam. Propostas polêmicas se conflitavam e assim não apenas agitavam a vida intelectual brasileira, mas anunciavam um período de transformação substantiva das formas de compreensão da sociedade.

Não obstante, em 1926, quando Coimbra foi eleito para o Governo de Pernambuco, as tensões políticas não eram tão fortes. As dissidências regionais se acomodaram sob o novo governo de Washington Luis. Houve, pois, uma trégua, muito embora os fatores estruturais que minavam o jogo político republicano instaurado no Brasil continuassem em gestação, quais sejam, a complexificação da economia e o surgimento de novos agentes políticos e sociais. Esse novo mundo em crescimento afetava definitivamente e irreversivelmente o equilíbrio político, os pactos celebrados entre setores e regiões.

Em Pernambuco, logo após a eleição, Coimbra, que gozava da fama de pacificador, propunha também uma espécie de trégua: a conciliação entre os representantes das facções distintas. Afinal as tensões durante o governo e a sucessão de Arthur Bernardes atiçaram o embate interno entre as oligarquias locais. (PORTO, 1977:112)⁴

⁴ Tão longe ia a fama de pacificador que, no contexto da crise mais imediata que resultaria na Revolução de 30, Estácio Coimbra teria sido convidado, segundo testemunho de Gilberto Freyre, pelos membros da Aliança Liberal (que representava a oposição ao candidato oficial de Washington Luis, Julio Prestes) a se candidatar à Presidência. Estas são as palavras de Freyre acerca do acontecimento: *Recorde-se que, durante os dias máximos da intransigência de Washington Luis em torno do nome, de pouca ressonância nacional, de Julio Prestes, como candidato oficial à Presidência da República brasileira, essa Presidência esteve nas mãos de Estácio Coimbra. Um emissário dos dois grandes líderes da oposição a esse nome de prestígio apenas estadual e a essa solução quase doméstica de assunto tão nacional (...) a fim de que Estácio Coimbra concordasse em que os dois, Getúlio Vargas e Antonio Carlos [Andrada e Silva, presidente de Minas Gerais], com apoio de forças políticas decisivas dentre os oposicionistas de Washington Luis, apresentassem o seu nome à Presidência. O emissário foi Felipe d'Oliveira, então jovem industrial e já poeta ilustre: homem de toda confiança de Getúlio Vargas e que o apresentara a Antonio Carlos. (...) Ninguém soube de sua presença em Pernambuco – a não ser dois ou três íntimos de Estácio Coimbra. Nem sua missão. Nem de quanto de extremou nas suas artes de sereia para conseguir que Estácio Coimbra concordasse em simplesmente aceitar sua candidatura, desde que apresentada por forças tão consideráveis de oposição, honraria quem se vinha mantendo de todo leal ao Presidente Washington Luis. Estácio Coimbra recusou. O episódio ficou de todo na sombra. Ignorado e desconhecido.* (FREYRE, 1973: 20) Note-se que, embora não tenhamos como confirmar a veracidade destas palavras, é possível Estácio fosse cogitado como um nome de conciliação entre as novas demandas e os velhos interesses. Para a oposição na época,

Apesar do caráter pacificador atribuído ao governo de Estácio Coimbra, ele não deixou de enfrentar forte oposição durante o governo de Pernambuco que se traduzia notavelmente na imprensa jornalística. Eram nas páginas dos jornais diários que se travavam os mais duros embates políticos: sobretudo no *Diário de Pernambuco* (favorável ao governo) e no *Diário da Manhã* (de propriedade dos irmãos Lima Cavalcanti, conhecidos opositores de Estácio Coimbra, também usineiros, mas contrários à condução oligárquica do estado)⁵.

A rigor, Estácio Coimbra, na condição de representante local do governo central, enfrentava a oposição à prática política da Velha República, recentemente articulada durante a eleição de Arthur Bernardes. Enfrentava, pois, o descontentamento das elites regionais que se sentiam alijadas e ressentidas com os pactos políticos instaurados.

Coimbra representava, a rigor, a forma de dominação típica da Velha República. Uma prática política que se fundamentava na troca de favores entre o 'senhor benfeitor' e seus eleitores. Nada mais revelador disso do que as famosas 'audiências públicas' que organizava. Toda sexta-feira o governador dispunha das tardes no andar térreo do Palácio do Governo para receber a população e os funcionários públicos. Ali, todos faziam pessoalmente seus pedidos e reclamações ao governador. Eis a descrição de tais encontros por um dos secretários de Estácio Coimbra:

Nas audiências revelava-se bem o espírito patriarcal de Estácio Coimbra, a sua natureza de bom senhor de engenho, atendendo, solícitamente, às pessoas pobres que o procuravam, apertando-lhes as mãos, mandando-as sentar ao seu lado. E ali era atendido não de pé, mas sentado numa cadeira ao lado esquerdo do governador. E cada um de sua vez. (CHAVES, 1942: 79)

O secretário, no mesmo depoimento, afirmava que Estácio Coimbra, em muitos casos, chegava a doar seu dinheiro aos pedintes durante as sessões que costumaram denominar Audiências Públicas:

lançar o nome de Estácio Coimbra para a Presidência da República poderia prenunciar um acordo com o próprio governo de Washington Luís. Aliás, basta lembrar que o próprio Getúlio Vargas fora ministro de Washington Luis e buscou, mesmo após lançada sua candidatura, durante toda a campanha, manter a amizade pessoal e os compromissos políticos com o presidente. (ANDRADE, 1988: 44) Este, um indicativo de que o Golpe, a rigor, não representou exatamente uma ruptura, ainda que manifestasse uma alteração nas regras do jogo político e conseqüentemente uma modificação nas relações entre as diversas classes e setores sociais. (GOMES, 1980: 374) Sobre Felipe d'Oliveira ver: (FONSECA, 2002: 128) e (GOMES, 1999).

⁵ Carlos de Lima Cavalcanti, após o Golpe de 30, tornou-se interventor do Estado de Pernambuco, responsável pelo desmantelamento da máquina oligárquica mantida no Estado até então por Estácio Coimbra. Segundo Gomes (1980), o governo de Lima Cavalcanti foi marcado pela busca de legitimação nos diversos setores sociais, especialmente dos setores populares. Neste período, o jornal *Diário da Manhã*, veículo de propriedade da família Lima Cavalcanti, torna-se um meio de enaltecimento da obra revolucionária e contribui efetivamente para o fortalecimento do governo.

... do seu bolso particular Estácio Coimbra dava sempre um auxílio. Suas despesas médias em cada audiência eram aproximadamente 400\$ a 600\$000. Certas vezes, esgotada a provisão destinada às audiências públicas, ainda tomava dinheiro emprestado ao secretário ou ao ajudante de ordens para atender, no momento, as despesas de emergência. E isso era comum acontecer. (CHAVES, 1942: 78)

Não obstante, em muitos aspectos, Coimbra estava longe de ser enquadrado como uma figura típica do oligarca radicalmente conservador. Logo veremos que a reforma educacional que ele propôs, ainda que não fosse radical, não se moldava aos cânones conservadores em muitos pontos. Sobretudo os pressupostos católicos mais conservadores eram afrontados com as propostas.

Com efeito, governo de Estácio Coimbra foi marcado por ambigüidades. Ainda que limitado às regras do jogo oligárquico, fazia concessões às novas demandas sociais.

III. Economia e sociedade: Pernambuco na segunda metade dos anos 20

Ao longo da década de 20, o que se viu particularmente no Nordeste foi o agravamento dos efeitos causados por uma crise da economia agrário-exportadora. E como a economia nordestina era então quase que exclusivamente voltada à exportação de cana-de-açúcar, o impacto das mudanças foi ali notável.

A rigor, a decadência da economia açucareira nordestina já se insinuara na primeira metade do século XIX, quando a competição com cultivadores estrangeiros (as culturas de açúcar do Caribe e de beterraba na Europa), fez baixar significativamente os preços e alijou o produto brasileiro do mercado. As exportações do produto caíram pela metade. (LEVINE, 1980: 57)

Importante dizer que, em 1888, embora houvesse recuperações periódicas, a crise das exportações sofreu também o impacto da Abolição. Ainda que a escravidão tenha sido lentamente abolida dos engenhos a partir da segunda metade do século XIX, através da venda de escravos para centros econômicos mais dinâmicos, é certo que seu fim afetou parcialmente os custos da produção e a organização do trabalho na indústria açucareira.

É, pois, nesta época que ocorreram transformações produtivas notáveis na produção canavieira. A mais significativa: grandes usinas a vapor substituíram os velhos engenhos movidos

pela força da água e pela tração animal no nordeste brasileiro. Os antigos engenhos foram assim rapidamente se transformando em fazendas fornecedoras de cana para as usinas centrais mecanizadas. No final do século XIX, a maior parte dos 2000 engenhos de Pernambuco passou a fornecer cana para as usinas. (LEVINE, 1980: 63)

Ainda assim, o desempenho no mercado externo era sofrível. A sobrevida da economia açucareira no Nordeste passou então a depender de sua capacidade de abastecer o nascente mercado interno situado no centro-sul do país. Não conseguia, porém, vencer a concorrência com os engenhos e usinas que surgiram especialmente no interior de São Paulo. Estas ficavam mais próximas do mercado consumidor, podendo oferecer preços mais baixos. (CANO, 1975: 93)

Concomitantemente à perda de competitividade externa do principal produto de exportação nordestino, ocorria um deslocamento do centro econômico do país para o sul. Minas Gerais, Rio de Janeiro e, particularmente São Paulo passaram a constituir o novo complexo produtivo do país capaz de satisfazer o mercado externo e constituir um mercado interno dinâmico. Vejamos os dados de Eisenberg acerca do novo fenômeno de concentração industrial nos anos 20:

A década de 1920 representou para São Paulo 'um novo salto' de sua capacidade produtiva. Agora, porém, não era apenas quantitativo, mas também significava grande avanço na diversificação estrutural de sua indústria, com inclusão de novos produtos e novos segmentos produtivos. Essa superinversão dos anos de 1920 (...) provocou um acirramento da luta intercapitalista inter-regional, de onde saiu vitoriosa a indústria paulista, que lançava, assim, bases mais sólidas para a definitiva conquista do mercado nacional. De pouco mais de 15% da produção industrial brasileira em 1907, São Paulo chegava, em 1929, como pouco menos de 40%. (EISENBERG, 1977: 69)

A rigor, tem-se um quadro dramático da condição de decadência e dependência do Nordeste, especialmente visível a partir dos anos 20. Dedicando-se quase exclusivamente a produtos para exportação, a organização do sistema produtivo incapacitava a constituição de um mercado de produtores e consumidores autônomos prejudicando assim a diversificação industrial. Nessas condições, o nordeste exportava matéria-prima e produtos agrícolas (principalmente o açúcar) e, ainda que tivesse uma estrutura industrial incipiente, ficava na dependência da importação de manufaturas especializadas e gêneros alimentícios. O resultado foi o desequilíbrio da balança comercial na região, especialmente agravada pelas recentes dificuldades competitivas no mercado externo e interno. Sabe-se que no final da década de 20, o custo das importações no

estado de Pernambuco chegou a ser quatro vezes maior que os recursos obtidos pela exportação de produtos. (LEVINE, 1980: 72)

Tal fenômeno tinha desdobramentos políticos notáveis. No nível regional, freqüentemente a elite local formulou uma visão ressentida que compreendia que os motivos da decadência estavam relacionados à Libertação dos Escravos e à instauração da República que implantou o estadualismo e trouxe a descentralização regional. (LEVINE, 1980)

Nesse sentido, os problemas se traduziam, principalmente, nas críticas relativas à natureza do pacto federativo instaurado no Brasil, em particular durante o primeiro período republicano. O sentimento geral, especialmente em Pernambuco, era de que os Estados do sudeste eram exclusivamente beneficiados pelos empréstimos do governo central. Sobretudo o Estado de São Paulo era acusado de se beneficiar do protecionismo governamental⁶. Isso estabelecia, pois, uma relação problemática com o sul. (LEVINE, 1980)

Com efeito, a decadência da região contribuía para o desenvolvimento de um ambiente de conspiração, intrigas e ressentimentos que se manifesta de modo diverso na vida política e intelectual do estado de Pernambuco. Alguns dos impasses nestas esferas pareciam traduzir a formação de uma consciência dramática da condição regional de decadência.

As usinas, ainda que não fossem por si só capazes de restaurar o vigor econômico do nordeste, causaram efeitos sociais importantes. A emergência da usina causou, sobretudo, o agravamento da concentração fundiária e a decadência de parte significativa da oligarquia representada pelos senhores de engenho. Pode-se, portanto, afirmar que a transformação do engenho em usina aprofundava a já enorme concentração de riqueza.

Sobretudo o modelo de posse da terra na região tornou-se ainda mais concentrado. Freqüentemente, as usinas mais promissoras compravam terras para então cedê-las em regime de parceria. Segundo dados levantados, em 1930, sessenta usinas pernambucanas possuíam cerca de 60% dos canaviais do Estado. (LEVINE, 1980: 63) (BARROS, 1972: 50)

Neste contexto de grande concentração fundiária, os 'homens livres' - que desde a escravidão eram subjugados pelos senhores de engenho a formas de dominação fundamentadas na posse da terra (parceria) - foram expostos a condições ainda mais precárias de vida. A perda das terras pelos senhores de engenho, e a conseqüente concentração agrária nas mãos de usineiros,

⁶ No *Diário de Pernambuco* e no *Diário da Manhã* (cujos exemplares publicados durante os anos de 1928 e 1929 consultamos na Biblioteca Nacional - RJ), nota-se um grande ressentimento da indústria do açúcar pernambucana em relação às linhas de créditos concedidas aos produtores de café e cana do Estado de São Paulo.

implicava a radicalização dos esquemas de dominação, quando não a exclusão absoluta dos antigos *moradores* e *diaristas* do processo de plantio e fornecimento da cana e da produção do açúcar. (EISENBERG, 1977: 246)

Ou seja, um dos efeitos notáveis das transformações no Nordeste brasileiro, foi o abalo do poder dos senhores de engenho. Os outrora opulentos senhores eram agora, quando muito, fornecedores dos usineiros, responsáveis tão simplesmente, pelo abastecimento da cana para as usinas centrais. No limite, foram efetivamente arremessados para as margens do sistema produtivo já que muitas usinas, possuindo terras próprias, asseguraram completa independência em relação aos senhores de engenho.

A mobilidade descendente dos senhores assinalava para o aprofundamento das diferenças sociais, especialmente para a precarização das condições de vida dos homens livres e sem propriedades: com a decadência de seus senhores e a concentração da riqueza entre poucos usineiros estes ficaram socialmente desamparados, ainda mais expostos à pobreza e à arbitrariedade tanto no meio rural como na incipiente indústria de bens e ofertas de serviços urbanos.

Este fenômeno de concentração de riqueza manifestou-se nas cidades nordestinas, especialmente no Recife. A capital pernambucana viveu, na década de 20, uma transformação demográfica significativa: entre os anos de 1900 e 1920 a população da cidade mais que duplicou, passando de 113.106 para 239.000 habitantes. A miséria nos campos correspondia ao aumento dos mucambos na capital. (SELLARO, 2000:146) Daí fazer enorme sentido uma estratégia de dominação política do governador Estácio Coimbra que mobilizava o afeto e a generosidade durante suas famosas sessões das sextas-feiras: ele ocupava, pois, o lugar do senhor de engenho benevolente.

Mas a concentração de riqueza correspondeu também ao aumento do que se convencionou chamar de 'banditismo rural'. Era crescente a ação de cangaceiros no interior do Nordeste, especialmente no estado de Pernambuco. Basta ver que os jornais pernambucanos da década de 20 noticiavam diariamente fatos relativos ao itinerário dos bandos, seus crimes e as ações isoladas ou conjuntas dos governadores do Nordeste no combate ao cangaço. (QUEIROZ, 1977)

Nesse sentido, a usina recriou, em escala mais ampliada, alguns aspectos da organização produtiva do engenho tradicional, quais sejam, a concentração de riqueza e as relações de dominação baseadas na patronagem. Por isso é que os usineiros não foram capazes de produzir

transformações sociais radicais na direção da maior racionalização do trabalho e da construção de uma sociedade democrática. Nesse sentido é que se pode afirmar que ali a mudança no padrão de acumulação não representou propriamente uma mudança no padrão de dominação.

Não obstante, ainda assim havia uma transição acelerada dos padrões de vida agrário-comercial para os da civilização urbano-industrial, especialmente em Pernambuco. A criação, ainda que incipiente, de um parque industrial dedicado à produção de roupas e alimentos no Estado e a organização do movimento operário revelavam que o trabalho assalariado convivia lado a lado com formas tradicionais de dominação.

Eram ainda verificadas mudanças mais ou menos sutis de alguns costumes seculares, favorecidas pela nova sociabilidade urbana e por novidades tecnológicas que se rotinizavam como eletricidade, automóveis, telefones, rádios, aquecedores domésticos, fogões a gás.⁷

Em meio a este ambiente é que Estácio Coimbra lançava mão de recursos ambíguos num jogo político tenso, revelador das contradições próprias do período. A propósito, reformas urbanas, sanitárias e educacionais foram comuns na década de 20 na capital do Estado e ocuparam grande parte da energia dos governadores e prefeitos do período. Por meio delas, buscou-se adaptar parcialmente as ruas do Recife, os equipamentos urbanos, os hábitos e as mentes de seus habitantes à nova conformação social. (MELO, 2000) (SALES, 2002)

O plano de Reforma Educacional a que estamos aqui nos referindo estava previsto desde 1926, no início do mandato de Estácio Coimbra, como comprova o texto de sua Plataforma de Governo apresentado na Convenção das Municipalidades em junho de 1926. Neste texto, o governador assinalava o desejo de empreender uma mudança importante no sistema de ensino do Estado.

A instrução, como é ministrada, não se coaduna com as solicitações inevitáveis de nossa existência e forma o homem para o passado e não para o tumulto da hora vertiginosa que o mundo atravessa. Desperdiça-se o tempo na apreensão de conhecimentos supérfluos, em detrimento de noções essenciais ao trato da vida real e a prática das cousas úteis e de suas relações com a sociedade. O regime escolar em que nos temos educado colhe as crianças na idade em que as idéias não se cristalizaram, creta-lhes a iniciativa, cria-lhes o hábito da obediência passiva, incute-lhes a uniformidade de princípios e de sentimentos e assim, concorre para

⁷ Basta ver os jornais pernambucanos da época para notarmos o impacto das novidades tecnológicas como os automóveis, telefones, rádios e outras modernidades domésticas na vida cotidiana de parte da população. Ver: (LEITE, 1999).

apagar dos moços a personalidade, ao invés de prepará-los para bastarem a si mesmos, conquistando pela capacidade adquirida o seu lugar no meio em que se agitam. Só pelo desenvolvimento harmonioso de suas faculdades, pela energia e pela perseverança, atingirá a juventude os seus objetivos terrenos. (COIMBRA apud LEÃO, 1942: 54)

Bem ao gosto da Escola Nova, Estácio Coimbra apontava a necessidade da formação de homens ativos e criativos capazes de conquistar um lugar na sociedade. Tal necessidade contrastava, segundo o governador, com o modelo de ensino vigente, no qual jovens eram preparados para obedecer passivamente. Por isso, a urgência de uma reforma radical no ensino na qual fosse possível celebrar um acordo entre o regime escolar e as exigências do tempo presente.

Observemos que, rigorosamente, os pressupostos da Escola Nova entravam em confronto com a prática de dominação oligárquica. A idéia de homem ativo e criativo, produtor do seu lugar na sociedade contrastava visivelmente com as formas de dominação típicas da oligarquia.

O encontro entre a oligarquia e o escolanovismo se realizava, pois, em meio a um ambiente social tenso, contraditório, em que forças de renovação e conservação social emergiam, se confrontavam e, por vezes, se combinavam de modo ambíguo.

IV. O plano de reforma de *Carneiro Leão*

Em 1928 a elaboração do plano de reforma de ensino foi confiada a Carneiro Leão, que embora fosse pernambucano de nascimento, era atuante educador e militante da Escola Nova no Rio de Janeiro.⁸

Carneiro Leão iniciou seu trabalho em Pernambuco procurando avaliar as especificidades do problema educacional local.⁹ Em seu diagnóstico, concluiu que um dos problemas mais relevantes

⁸ Antonio Carneiro Leão (1887-1966) era filho de Antônio Carlos Carneiro Leão e de Elvira Cavalcanti de Arruda Câmara Leão. Nasceu em Recife. Fez seus estudos primários, secundários e universitários na capital pernambucana. Bacharelou-se em Ciências Jurídicas e Sociais e Doutorou-se em Filosofia. Jornalista e professor de Filosofia em Recife, de 1910 a 1912. Jornalista, advogado e professor no Rio de Janeiro de 1916 a 1920. Diretor Geral da Instrução Pública do Distrito Federal, de 1922 a 1926. Autor da Reforma de Educação do Estado de Pernambuco, em 1928. Professor chefe do Departamento de Francês do Colégio Pedro II de 1932 a 1937. Professor de Sociologia na Escola de Economia e Direito da Universidade do Distrito Federal em 1936 e 1937. Diretor do Instituto de Pesquisas Educacionais em 1935. Professor de Administração Escolar na Faculdade de Educação da Universidade do Distrito Federal. Professor de Administração Escolar e Educação da Universidade do Brasil. Eleito em 1944 para a Academia Brasileira de Letras.

⁹ O plano e o diagnóstico que lhe deu origem estão descritos no livro de Carneiro Leão *Organização da Educação e, Pernambuco: justificção, lei orgânica, explicações e comentários, opiniões de associações e da imprensa* publicado pela Imprensa Oficial do Estado de Pernambuco em 1929. O livro, embora muito citado nos trabalhos seguintes de Carneiro Leão e em alguns estudos históricos sobre a educação em Pernambuco, não foi por nós encontrado, nem em

era a falta de assistência técnica ao professorado. Afirmou, pois, que na capital e no sertão do Estado o professorado estava em abandono, inteiramente entregue a si mesmo.¹⁰

Para ele, a reforma deveria então dar grande prioridade ao professor, interessar-se principalmente pela sua preparação pedagógica. Afinal, o professor primário era, segundo sua perspectiva, o agente mais importante no processo de reprodução da organização da nova educação.

Assim, embora a reforma se destinasse a todos os níveis do ensino – desde o jardim de infância até os cursos superiores passando pelo nível técnico e pela educação especial – é a formação dos professores que será a tônica central do projeto idealizado por Carneiro Leão.

Acreditando que faltava direção e orientação técnica ao professorado, julgou necessária a criação de uma Diretoria Técnica de Educação, que centralizaria e conduziria a elaboração e a implantação de todas as medidas técnicas pertinentes à reforma:

*Nenhum plano educativo, nenhum programa poderá ser executado com êxito se não tiver para dirigi-lo e orientá-lo um órgão capaz. Sem uma direção técnica que articule tudo em um todo harmonioso, há de ser impossível unidade de pensamento e ação construtora.*¹¹

Segundo o educador, o diretor técnico da educação seria como *um verdadeiro mentor do professorado*.

*Será ele o organizador de tudo quanto no domínio da educação crie e organize o Estado. Sua atividade há de ser enorme. Ele deve estar em toda parte, superintendendo, orientando, fiscalizando, aconselhando. É de sua competência e capacidade que dependerá, em primeiro lugar, o êxito da reforma.*¹²

Entre as principais funções do novo diretor técnico estava, pois, a orientação didática das alunas da Escola Normal Oficial de Pernambuco.

Pernambuco, nem no Rio de Janeiro, nem em São Paulo. Não obstante, o relatório acerca da reforma, apresentado por Carneiro Leão ao governador do Estado foi publicado na íntegra no jornal "A Província" no dia 20 de janeiro de 1929 e pode ser consultado no setor de microfilmagem da Fundação Joaquim Nabuco, *campus* Anísio Teixeira. Foi a partir deste relatório que apresentamos os dados sobre a reforma.

¹⁰ "Qual foi o plano de organização da educação deste Estado" *In: A Província*, Recife, 20/01/1929, p. 1, 2ª sessão.

¹¹ "Qual foi o plano de organização da educação deste Estado" *In: A Província*, Recife, 20/01/1929, p. 1, 2ª sessão.

¹² "Qual foi o plano de organização da educação deste Estado" *In: A Província*, Recife, 20/01/1929, p. 1, 2ª sessão.

Para o cargo de Diretor Técnico de Educação, Estácio Coimbra nomeou, por sugestão de Carneiro Leão, o educador paulista José Ribeiro Escobar, um promissor professor de Lógica e Matemática da Escola Normal de São Paulo.

Outras medidas igualmente importantes relacionadas à formação técnica de educadores foram a criação da Biblioteca do Professor e dos Cursos de Aperfeiçoamento Docente. A biblioteca era imaginada como um espaço de estudo e consulta voltado exclusivamente aos professores, no qual deveriam existir obras técnicas úteis e modernas e revistas de educação responsáveis pela divulgação de avanços pedagógicos em outros países. (ARAÚJO, 2002: 102)

Os cursos de aperfeiçoamento, por sua vez, eram destinados aos professores da capital e do interior e visavam, sobretudo, preparar melhor o professor atuante. Previa-se principalmente que, no período de férias escolares, os professores do interior realizassem cursos de Didática e Psicologia Experimental.

Para orientar e capacitar tecnicamente estes professores, Carneiro Leão previa a vinda de professores paulistas (ocasionalmente alguns estrangeiros), capazes para ministrar as disciplinas relativas à apresentação das modernas técnicas pedagógicas. Previa, pois, a ida de uma espécie de *missão paulista* para o Estado de Pernambuco a fim de desenvolver a reforma.

Com efeito, além de Escobar (nomeado Diretor Técnico de Educação do Estado), chegaram de São Paulo, nesta época, outros educadores: Philomena Bernardes Escobar (esposa do Diretor Técnico) foi nomeada diretora da Escola Técnico-Profissional Feminina; José Scaramelli, diretor da Escola de Aplicação da Escola Normal Oficial; Paschoal Montesano Salgado, diretor da Escola Técnico-Profissional Masculina e, finalmente, Fábio Lozano foi encarregado de conduzir a educação musical. (ARAÚJO, 2002:136) Notemos, pois, que as principais unidades de ensino do Estado foram 'colonizadas', por assim dizer, pelos técnicos paulistas.

Vale apenas lembrar que a reforma de Carneiro Leão estava mesmo disposta a valorizar o professor em sentido amplo. O projeto chega mesmo a antecipar alguns dos direitos trabalhistas. Previa a concessão de licença-maternidade e afastamentos remunerados - definitivos ou temporários - por motivos de saúde. Existia também a previsão de conceder aos professores mais dedicados e destacados, bolsas de estudos para realizar cursos no exterior, na França, na Suíça (Instituto Jean Jacques Rousseau) ou Estados Unidos. Os alunos carentes também seriam, segundo o projeto, beneficiados por um sistema de concessão de bolsas.

Não obstante, grande parte dos esforços de reforma foi destinado às estudantes da Escola Normal Oficial de Pernambuco, considerada, na época, a escola modelo para a formação do professorado do Estado.¹³ Pela centralidade que Carneiro Leão conferia ao preparo do educador na experiência da reforma, ele previa, uma remodelação profunda no curso Normal a fim de contemplar o educador com as disciplinas necessárias para o seu preparo. Tais alterações seriam, pois, primeiramente implantadas na Escola Normal Oficial do Estado.

Propôs, por isso, mudanças significativas no programa de curso. Começou por dividi-lo em duas diferentes fases. A primeira, denominada *ciclo geral*, teria três anos de duração, período no qual se ministrariam disciplinas de cultura geral: português, inglês, francês, geografia geral e corografia, história da civilização, história do Brasil e educação cívica, matemáticas (álgebra, aritmética e geometria), física e química, história natural, anatomia e fisiologia humanas, psicologia geral, desenho, trabalhos manuais, música, canto coral e educação física.

A segunda fase, o *ciclo profissional* duraria dois anos, e nele as alunas se dedicariam às disciplinas de formação profissional: psicologia experimental, pedagogia, higiene, puericultura, didática e sociologia.

A reforma introduziu quatro disciplinas inéditas ao programa do curso normal: no ciclo geral, *inglês* e *anatomia e fisiologia humanas*; no ciclo profissional, *didática* e *sociologia*.

A introdução do *inglês* pode ser explicada pela admiração de Carneiro Leão pelos Estados Unidos. Para ele, o país constituía um laboratório de investigações e pesquisas, no qual trabalhava uma verdadeira multidão de técnicos especializados em educação. Nesse sentido, é que compreendia que o domínio das ciências pedagógicas exigia inapelavelmente o conhecimento da língua inglesa.

*Quem acompanha a evolução atual do pensamento, sobretudo no domínio das ciências psicológicas, pedagógicas e sociais, sabe que não se pode desconhecer mais hoje a bibliografia americana. O professor que não souber inglês terá um verdadeiro mundo fechado à sua inteligência.*¹⁴

Com efeito, a presença da língua inglesa no currículo das normalistas se explica pelo fascínio que exerciam os Estados Unidos nesta época sobre a nova geração de intelectuais,

¹³ Carneiro Leão tinha, inclusive, a ambição de ali criar uma Escola Normal Superior voltada para o preparo de professores secundários e diretores de estabelecimentos de ensino. Tal projeto foi apenas esboçado e não se realizou em sua completude. Seria, pois, uma iniciativa pioneira através da qual Carneiro Leão desejava realizar uma grande mudança qualitativa no ensino em Pernambuco.

¹⁴ "Qual foi o plano de organização da educação deste Estado" *In: A Província*, Recife, 20/01/1929, p. 3, 2ª sessão.

particularmente, sobre os educadores brasileiros. O modelo americano de modernidade, representado pelo desenvolvimento do conhecimento pedagógico, emergiu com forte repercussão no Brasil. (BOMENY, 1993: 32)

Quanto à presença da disciplina de *anatomia e fisiologia humanas*, Carneiro Leão acreditava que ela era imprescindível para o conhecimento de cada indivíduo: suas funções fisiológicas, o estado do sistema nervoso, músculos, articulações, visão, audição, paladar e tato. Segundo seu raciocínio, este conhecimento seria decisivo para a determinação das vocações individuais.¹⁵ Esta disciplina representa, de algum modo, o reconhecimento do condicionamento biológico. Pois, segundo a perspectiva de Carneiro Leão, é a partir do critério fisiológico que se definem vocações e, conseqüentemente, se fundamenta a divisão do trabalho social.

A *didática*, por sua vez, era considerada, por excelência, a disciplina preparadora do mestre. Através do domínio da *didática* o aluno seria habilitado tecnicamente para suas futuras atividades de ensino.

O conhecimento didático estaria ao alcance das alunas por meio de leituras, de pesquisas, da elaboração de planos, mas, sobretudo, por meio da experimentação. Carneiro Leão sugeriu que todos os métodos fossem 'experimentados' na Escola de Aplicação da Escola Normal.¹⁶

Por fim, para o idealizador do novo projeto curricular da Escola Normal de Pernambuco, a *sociologia* permitiria alargar os horizontes do professor em formação. Era, pois, considerada uma disciplina indispensável ao programa de Escola Normal e por isso mereceu justificativa enfática. Salvo engano, era a primeira vez que esta disciplina ocupava um lugar na formação de normalistas no Brasil. Segundo a perspectiva de Carneiro Leão, enquanto a Didática prepararia tecnicamente o educador, a sociologia permitiria transformá-lo num artífice da sociedade:

*É a Sociologia que vai fazer da escola a oficina social e do educador o elaborador autêntico da sociedade em marcha.*¹⁷

A rigor, Carneiro Leão, entendia que, por meio da sociologia, a escola se realizaria efetivamente como instituição influente *na elaboração do Estado e da sociedade*. Nesse sentido, a nova disciplina deveria permitir, sobretudo, o reconhecimento do que ele chama de *necessidades sociais do tempo e do meio*. Os problemas relativos à família, à pobreza, ao crime, a imigração é

¹⁵ "Qual foi o plano de organização da educação deste Estado" In: *A Província*, Recife, 20/01/1929, p. 3, 2ª sessão.

¹⁶ "Qual foi o plano de organização da educação deste Estado" In: *A Província*, Recife, 20/01/1929, p. 3, 2ª sessão.

¹⁷ "Qual foi o plano de organização da educação deste Estado" In: *A Província*, Recife, 20/01/1929, p. 3, 2ª sessão.

que deveriam constituir os temas sociológicos a serem investigados pelos próprios alunos através de inquéritos sociais. O objetivo seria, pois, ensiná-los a ver, a observar e disso tirar experiência. É, afinal, na escola que, no entender de Carneiro Leão, se deveria, a um só tempo, conhecer o meio social, reagir sobre ele, conduzi-lo, orientá-lo.

Acrescenta que a sociologia deveria favorecer o conhecimento dos hábitos nefastos, as anomalias sociais, suas causas e seus efeitos entre os quais a *ociosidade*, os *casamentos malsãos*, o *parasitismo*.¹⁸

Havia uma expectativa em relação ao conhecimento sociológico no contexto da formação de educadoras, na qual pesquisa e normatização social se combinavam. Ao definir a pesquisa sociológica como dedicada ao reconhecimento de *necessidades sociais* e à identificação de *hábitos nefastos*, Carneiro Leão assume uma perspectiva que embora incentive a realização de pesquisas, não deixa de ocultar o seu caráter normativo. Uma perspectiva higienista se entrevê entre seus argumentos.

Carneiro Leão faz, não obstante, algumas ressalvas ao conteúdo do ensino da nova disciplina. Para ele, a fim de que cumpra o seu objetivo, a sociologia não se poderia ser tratada como matéria dedicada ao estudo do passado, como disciplina doutrinária ou como uma espécie de *filosofia da história*.

A Sociologia imprescindível a uma escola normal é a que trata dos problemas sociais, sobretudo, contemporâneos. É uma experimentação social. Não deverá guardar de doutrina senão o preciso à melhor compreensão de sua função positiva e pragmática. É à luz da sociedade em que vivemos que temos de organizar a educação do povo. Uma Sociologia Educacional como dizem os americanos. Sociologia educacional que estude os fins sociais da educação, procurando afastar a preocupação escolar de tudo quanto constitui fardo inútil. A tradição anacrônica, o culto exagerado do passado, o estudo absorvente e exclusivo de civilizações mortas não podem constituir alvo supremo da educação. O passado vale como um estádio de evolução humana para as épocas atuais e futuras. Jamais deverá constituir um elemento fascinador para amoldar o presente e o porvir. Seu estudo deve limitar-se a explicar cientificamente determinadas questões sociais. Se a escola continua a descuidar as questões sociais, e não esclarecer a juventude sobre os problemas correntes, iremos ver demagogos e aventureiros audazes procurarem interpretá-los a seu talento, confundindo tudo, envenenando a opinião para dominarem. A opinião que a escola poderia construir sadia, será assim deformada, deturpada,

¹⁸ "Qual foi o plano de organização da educação deste Estado" *In: A Província*, Recife, 20/01/1929, p. 3, 2ª sessão.

corrompida. Devemos, pois, formar a consciência de que a escola tem que ser chamada a cumprir um grande fim social. É nela que há de estudar o meio, conhece-lo, reagir sobre ele, conduzi-lo, orienta-lo. (...) A Sociologia, assim compreendida, contribuirá para o progresso e a reforma social, como nunca a psicologia e a pedagogia, sozinhas, poderiam fazer.(Grifo meu)¹⁹

Com estas ressalvas, Leão talvez quisesse evitar que a cadeira de sociologia fosse confundida com algum 'ismo', sobretudo, com o regionalismo. Há neste trecho, (principalmente na parte destacada) indícios de um possível mal-estar do educador com movimento regionalista em curso na capital pernambucana. Embora não tenhamos outras evidências para confirmar esta hipótese, é notório que, para Leão, a perspectiva sociológica deveria estar exclusivamente voltada para o presente e o futuro e que o passado e suas tradições não deveriam ser alvo de análise da disciplina. O passado aparece como fardo inútil que deveria ser afastado das preocupações dos escolares. Os alunos deveriam ter, pois, seus olhares voltados para o presente e para o futuro, nunca para o pretérito. Apenas com esse olhar contemporâneo poderia permitir, de acordo com Leão, que a escola cumprisse seu grande fim social que é o de preparar os alunos para o novo mundo.

V. Tensões explicitadas

A despeito do projeto de Reforma da Educação em Pernambuco, elaborado por Carneiro Leão, ser extremamente coerente e minucioso, sua execução não foi fácil. Diante dos limites impostos pelo contexto político e social, a proposta foi apenas parcialmente implantada.

A cronologia da reforma foi a seguinte: durante o ano de 1928 Carneiro Leão realizou o diagnóstico e o projeto a que aludíamos acima, em janeiro de 1929 foi publicado no jornal *A Província* (veículo de comunicação do governador Estácio Coimbra), na íntegra, o texto do plano de reforma, tal como elaborado pelo educador. No mesmo jornal, quatro dias depois, foi apresentado ao público o novo Diretor Técnico de Educação - o professor José Escobar que acabava de chegar ao Estado para assumir suas funções.²⁰ No início de fevereiro os professores de *sociologia e fisiologia e*

¹⁹ "Qual foi o plano de organização da educação deste Estado" *In: A Província*, Recife, 20/01/1929, p. 3, 2ª sessão.

²⁰ *A Província*, 24/01/1929, p. 3.

Anatomia foram nomeados.²¹ E, finalmente, em março foram iniciadas as aulas sob a vigência do novo currículo.

No mês seguinte, ocorreram os primeiros episódios de oposição à Reforma. Um dos problemas mais imediatamente perceptíveis foi relativo aos desentendimentos entre o Diretor da Escola Normal e o Diretor Técnico de Educação. A rigor, a Escola Normal foi o epicentro de uma crise que se estendeu ao governo e colocou em risco a própria estabilidade política de Estácio Coimbra.

O Diretor da Escola Normal era, na época, Alfredo Freyre, pai de Gilberto Freyre. O velho Freyre fora designado diretor da Escola Normal do Estado ainda em 1928 e permaneceu no cargo até o primeiro semestre de 1929. Logo que foi nomeado, apareceram notas freqüentes no *Diário da Manhã* (o jornal que representava a oposição a Estácio Coimbra) que denunciavam, por um lado, a inabilidade do diretor ao lidar com os professores da instituição; por outro, a ocorrência de fraudes com o propósito de favorecer certas pessoas nos concursos para docentes.

Eis o tom de uma destas notas, publicadas no mês de fevereiro de 1928: *depois que os fígados do sr. Freyre foram postos na direção da Escola Normal, desapareceram d'ali a candura e a inteligência necessárias em quem trata com a sensibilidade de jovens educandas.*²² Em março do mesmo ano, outra nota qualificava a natureza da indisposição entre o diretor e seus professores: afirmava que alguns docentes da Escola Normal que compunham uma banca de seleção de novos professores teriam sido obrigados, por Alfredo Freyre, a aprovar três 'protegidos' de Estácio Coimbra.²³

Com efeito, outras notas deste jornal ao longo do ano de 1928, se referiam ao *regime de pistolões no magistério pernambucano*. Pretendia-se, pois, revelar à população que o ensino pernambucano, sob o comando do Governador Estácio Coimbra, estava entregue a *prepostos diretos ou indiretos da quadrilha que desbaratava os dinheiros públicos na mais escandalosa bombachata já presenciada em Pernambuco no regime republicano.*²⁴

Não obstante, as maiores dificuldades do velho Freyre ainda estariam por vir. Em 1929, após a nomeação de José Ribeiro Escobar, no período de implantação do novo currículo,

²¹ *A Província*, 04/02/1929, 1ª página.

²² *Diário da Manhã*, 08/02/1928, p. 3.

²³ *Diário da Manhã*, 06/03/1928, p. 3.

²⁴ *Diário da Manhã*, 08/08/1928, p.3.

experimentou um grave conflito que se converteu num verdadeiro escândalo público que culminou com sua demissão.

A relação do velho Freyre com Escobar foi, para dizer o mínimo, tensa. Observemos o testemunho de Alfredo Freyre referindo-se aos seus desentendimentos com o educador paulista:

Nesse período de diretor da Escola Normal, tive que enfrentar muitas dificuldades. (...) Por essa época o Governo do Estado fez corajosa reforma de instrução pública: trabalho de excepcional valor, confiado pelo Governador, que era Estácio Coimbra, ao Professor Antonio Carneiro Leão. Houve violenta oposição ao Governo sob o pretexto de que a reforma era inepta ou arrojada demais. Os senhores oposicionistas achavam que deviam atacar todos os serviços públicos, por melhores que fossem; e assim inventaram coisas fantásticas acerca da execução da mesma reforma. Mentiram. Contra a Escola, levantaram calúnias de toda ordem. Não sei como houve gente que nelas acreditasse. (...) Dentre as pessoas nomeadas, em face da reforma Carneiro Leão, para executá-la, houve um professor paulista, homem aliás competente e sabedor do seu ofício, mas que não tinha nem o senso de medida nem o de oportunidade. Ele queria fazer em uma semana aquilo que só poderia ser feito dentro de um ano. A princípio, seguiu minhas sugestões: aquelas com que eu lhe procurei mostrar que era preciso haver, da sua parte, compreensão melhor do meio em que se encontrava. (...) A princípio me ouvia. Mas começaram a dizer ao paulista que ele era governado por mim e como a vaidade é pecado muito comum procurou afastar-se do suposto orientador. Criou-se entre nós inevitável incompatibilidade. Resultou aí uma desinteligência entre mim e o Governador que se sentiu obrigado a sustentar o professor estranho, para que não se desprestigiasse a reforma Carneiro Leão. (FREYRE, Alfredo. 1970: 107-108)

O diretor da Escola Normal dizia não concordar com a rapidez e a forma com que Diretor Técnico desejava impor certas mudanças. Para Alfredo Freyre, o arrojo da Reforma exigia, afinal, uma compreensão maior do meio social e uma execução conduzida suavemente.

O embate entre ambos referia-se especialmente à implantação da cadeira de *anatomia e fisiologia humanas*, cujo conteúdo incluía tópicos de reprodução humana. Com efeito, após as primeiras aulas da disciplina, os educadores foram surpreendidos por um verdadeiro escândalo social. Especialmente, as aulas de anatomia na Fazenda Modelo de Tejipló – no qual as alunas aprenderam sobre a fecundação de sapos e ratos - suscitaram uma forte reação dos católicos.

Os estudos anatômicos e fisiológicos foram condenados por parte das alunas, pelas suas mães e por toda a população mais conservadora que, apoiadas pelos membros do Círculo Católico

do Recife organizaram inúmeras passeatas em oposição à Reforma. Frequentemente o Governo do Estado procurou conter tais protestos por meio da ação policial.

A rigor, a demissão de Alfredo Freyre ocorreu porque houve uma passeata em seu apoio em 13 de junho de 1929. (LEMOS FILHO, 1960) A manifestação reuniu diversos grupos que, em maior ou menor nível, contestavam o encaminhamento da Reforma: desde aqueles que, em solidariedade a Alfredo Freyre, se manifestavam contra a suposta ingerência do 'educador paulista', até os conservadores católicos indignados com os temas das aulas de *anatomia e fisiologia*.

A repercussão destes protestos - sobretudo da ação policial contra jovens normalistas e suas mães - foi tão grande que, segundo alguns historiadores do período, chegou a abalar a estabilidade do governo do estado. (PORTO, 1977: 163-164)

Ao mesmo tempo, a oposição a Estácio continuava a fazer sua crítica ao sistema de distribuição de cargos feitos através de concursos suspeitos ou por meio de nomeações consideradas arbitrárias. A própria nomeação de Gilberto Freyre para a cadeira de *sociologia* gerou polêmica.

Com efeito, as críticas à atuação do governo Estácio Coimbra no setor da educação tinham essencialmente duas direções: uma de caráter político, outra de caráter moral. Por um lado, os grupos de oposição questionavam a arbitrariedade das nomeações e a transparência dos concursos promovidos no magistério. Com isso, procuravam questionar a prática política oligárquica.

Por outro lado, a Igreja Católica e membros da comunidade desferiam sua crítica especialmente ao conteúdo da cadeira de *anatomia e fisiologia humanas*. Não admitiam, pois, que temas como reprodução humana fossem tratados do ponto de vista laico da ciência.

A repercussão desfavorável da Reforma entre a comunidade católica foi, de fato, considerada importante. Tanto isso é verdade que o próprio Carneiro Leão escreveu ao padre Félix Barreto, na época líder dos jesuítas em Pernambuco, a fim de esclarecer que a nova disciplina não estava em contradição com os valores da Igreja.²⁵

A carta de Carneiro Leão ao padre foi publicada no jornal *A Província*. A rigor, sua publicação fazia parte de uma estratégia do jornal (de propriedade da família de Estácio Coimbra) de responder e controlar as críticas negativas à Reforma. À medida que o movimento de oposição à

²⁵ *A província*. 21/05/1929.

Reforma se organizava, o número de artigos que dava ênfase às repercussões favoráveis do Plano de Carneiro Leão nos outros estados brasileiros (especialmente Rio e São Paulo) crescia.²⁶

Não obstante, nas críticas à reforma estavam contidas demandas distintas que representam as tensões e contradições próprias de uma sociedade agrária em processo de transição para a forma urbana e industrial. A um só tempo, cobrou-se do governo maior racionalização da máquina administrativa e reagiu-se contra a racionalização do ensino, especialmente a laicização do corpo humano promovida pela disciplina de *anatomia e fisiologia humana*.

Circunstancialmente, os dois grupos - os críticos da prática política oligárquica e os conservadores católicos - se aliaram a fim de combater, senão o governo do Estado, o encaminhamento da Reforma por ele promovido.

Observemos que o governo de Estácio Coimbra, em particular o episódio relativo à implementação da Reforma, descontentou tanto os setores mais modernos quanto os mais conservadores daquela sociedade. O embate que se travou em torno da sua implementação explicitou basicamente três focos de tensão: político, social e regional.

As críticas à Reforma tinham basicamente três direções: 1) os opositores à prática política oligárquica de Estácio Coimbra denunciavam o caráter arbitrário das nomeações para a composição do novo quadro docente da Escola Normal; 2) os conservadores católicos se opuseram à introdução da disciplina de *anatomia e fisiologia humanas* por considerá-la imoral; 3) A elite intelectual de Pernambuco, por sua vez, questionava a presença de 'educadores paulista' na Direção Técnica e na direção das principais unidades de ensino do Estado.

No nível político, a Reforma explicitou as contradições próprias de um governo oligarca que, para atender às novas demandas sociais, tentava controlar a expansão e a modernização da educação no âmbito do Estado, propondo uma reforma do ensino sob sua direção. Os instrumentos políticos de Estácio Coimbra foram naturalmente insuficientes e contraditórios para a promoção desta ação.

Lembremos que a própria configuração do Estado brasileiro, marcado por decisões de alcance setorial e regional estava em período de grave crise. Tratava-se, afinal, da época de declínio do pacto oligárquico e isso certamente contribuiu para impossibilitar o sucesso da Reforma não apenas em Pernambuco como em outros estados do país. Os próprios educadores eram enfáticos ao reivindicar a centralização administrativa do Estado, sem o que as numerosas e sucessivas

²⁶ Ver exemplares d'*A Província* no período compreendido entre abril e maio de 1929. Acervo: Fundação Joaquim Nabuco, Setor de Microfilmagem.

reformas educacionais, no âmbito restrito dos estados, constituíam esforço inútil para atingir a meta de organização nacional.

Um dos paradoxos básicos contidos na Reforma Carneiro Leão: Estácio Coimbra, com seus instrumentos políticos oligárquicos, assentado sobre um modelo social estamental, procurou fundar uma experiência de ensino que tinha como substrato a meritocracia e a igualdade ²⁷ (BOMENY, 1993) Nesta encruzilhada, por um lado, lançava mão de expedientes tipicamente patronais para se relacionar com a população, nomear e depor funcionários públicos; por outro, implantava critérios meritocráticos de ascensão na carreira dos professores e de estímulo aos alunos.

Convém, também, lembrar que a Reforma Educacional ocorria no mesmo momento em que os embates políticos em torno da sucessão presidencial se tornavam mais severos. Segundo pode ser constatado nos jornais da época de Recife, sobretudo o 'Diário da Manhã', a adesão ao candidato de oposição ao governo era bastante significativa. Em junho de 1928 uma multidão aguardou a 'Caravana Democrática' no cais do porto do Recife para receber o candidato da oposição Getúlio Vargas e os demais membros da Aliança Liberal. Principalmente a partir de 1929 os embates políticos tornaram-se mais severos. Provavelmente essa disputa nacional inspirou a própria oposição a Estácio Coimbra e congregou as críticas às suas ações políticas, especialmente a Reforma Educacional.

Num segundo nível, a Reforma explicitou os limites da expansão de uma concepção racionalizada da vida, especialmente da reprodução humana. A proposta de reforma de ensino de Carneiro Leão fundamentava-se numa noção racionalizada do homem que não tinha base para se sustentar naquele meio social onde a Igreja Católica ainda era uma força atuante.²⁸ Note-se que um dos grandes obstáculos da reforma foi a cadeira de *fisiologia e anatomia* no curso Normal. A rigor, a laicização e racionalização do corpo no contexto de uma sociedade conservadora, não eram

²⁷ ARAÚJO (2002), várias vezes citada neste tópico, tenta fazer um exame desta contradição. A resposta que oferece é de que a Escola Nova não estava sempre comprometida com a transformação democrática da sociedade. Por vezes, diz a autora, esteve a serviço do controle social pelos setores mais conservadores. A rigor, esta autora coloca-se numa tendência que tem revisto a memória dos Pioneiros Educadores e negado a pretensa capacidade de renovação social contida em algumas de suas propostas educacionais. Um interessante trabalho que avalia a crítica cristalizada na historiografia acerca da Escola Nova e seus vários matizes (principalmente a partir do estudo do depoimento de Paschoal Lemme) é de Zaia BRANDÃO (1999). De todo modo, ao analisar o nexos entre o escolanovismo e os setores tradicionais (sobretudo nos anos 20) não se trata de desqualificar o movimento (que, aliás, então ainda nem se constituía como um movimento intelectual propriamente dito), mas de demonstrar as tensões e contradições inerentes ao reformismo do período.

²⁸ O enfrentamento entre educadores da escola nova e os católicos não se restringiu a este episódio no Estado de Pernambuco. É conhecido o embate entre os dois grupos ao longo dos anos 30 em torno da definição do caráter laico ou não do ensino público.

possíveis. Afinal, o corpo era a última fronteira da expansão do mundo moderno a ser guardada pela religião.

Por fim, num terceiro nível, a Reforma explicitou de modo inequívoco o mal-estar entre pernambucanos e paulistas. Por meio da nomeação de vários educadores paulistas para implantação do projeto, Estácio Coimbra parecia impor uma situação de mimetismo regional insuportável para aquela sociedade ressentida com a decadência do Nordeste e a nova dinâmica econômica no eixo sul do país.

Para compreender este mal-estar devemos remeter ao clima de hostilidade regional extremamente aguçado nos anos 20, a que aludimos num dos tópicos aqui apresentados. Ainda que esta hostilidade fosse, de tempos em tempos, politicamente acomodada por meio de pactos políticos circunstanciais, ela era o fundamento para muitos dos embates políticos e culturais da Velha República. Basta que lembremos da mobilização da oposição para o lançamento da candidatura de Nilo Peçanha para a presidência da República e do debate entre regionalistas e modernistas no Recife. Ambos os episódios, ainda que tenham naturezas muito diferentes, manifestam inequivocamente o fortalecimento de hostilidades regionais.

O próprio Gilberto Freyre considerava a Reforma uma proposta pedagógica equivalente à proposta estética do modernismo paulistano que ele combatia.

Que dizer a V., amigo diário, da reforma Carneiro Leão de ensino da qual se está falando nos jornais do Recife, do Rio e até nos dos Jesuítas de Paris, que a combatem? É inteligente no seu modo de ser modernizante. Revolucionariamente modernizante. Tem certos aspectos mais que modernizantes: modernistas, que me repugnam. Enfaticamente modernistas para uma província, como é Pernambuco, como toda província apegada a convenções. Direi, como homenagem ao seu valor e restrição ao seu método, que é uma espécie de 'Semana de Arte Moderna' – o Modernismo – de São Paulo, 1922, em termos pedagógicos. Vai ter, no ensino brasileiro, uma atuação semelhante à que o Modernismo teve nas artes e nas letras. (FREYRE, 1975: 213)

É significativo que uma das primeiras experiências de institucionalização da sociologia tenha se realizado em meio a este ambiente de tensões. Neste contexto é que se dá um inusitado encontro entre os pressupostos da escola nova e a oligarquia pernambucana. A introdução da sociologia no ensino Normal ocorreu, entre nós, num ambiente onde os instrumentos políticos para renovação eram insuficientes e onde a explosão de forças sociais colocava a nu a diferenciação

entre Estado e sociedade. E é também neste meio, no qual se explicitavam tantos dramas do declínio da sociedade agrária, que se celebra um outro encontro importante: entre Gilberto Freyre e a sociologia.

Talvez não tenha sido à toa que a disciplina sociológica foi, pela primeira vez implantada no ensino secundário brasileiro no ambiente pernambucano dos anos 20, num contexto em que se desenvolvia uma consciência dramática e hesitante acerca da decadência, da mobilidade social, da transformação histórica, do confronto entre diferentes modelos e tempos sociais.

Não há notícias de que a proposta da cadeira de *sociologia* tenha encontrado resistências comparáveis à de *fisiologia e anatomia*. Talvez fosse certo afirmar que a racionalização da sociedade era mais bem aceita do que a racionalização da vida humana em suas manifestações biológicas. Tudo leva a crer, inclusive, que a cadeira de *sociologia* foi palco de disputas entre a elite intelectual local.

Assim, ainda que não se aceitasse o controle racional do corpo e da sexualidade, impunha-se a orientação 'racional' da sociedade, sobretudo quando esta tivesse sobre o domínio de uma figura como Gilberto Freyre, pouco temida pelas elites tradicionalistas que criticavam a introdução de *Fisiologia e Anatomia*.

Como sugere uma nota do próprio Freyre, outro professor desejava assumir a nova disciplina. Não temos, porém, pistas acerca do outro personagem do confronto. Se fosse possível reconstituir essa luta em torno da disciplina certamente teríamos indícios mais precisos das demandas incorporadas pela disciplina e das disputas que ela ensejava.

Conciliar e administrar ambigüidades relativas às recentes transformações regional e nacional por meio do estudo sociológico parecia ser então compreendido como uma medida aceitável. Talvez até mesmo necessária para instauração de um novo pacto social.

Não sabemos se Gilberto Freyre teria de fato interferido na decisão de Carneiro Leão no sentido de acrescentar a sociologia no programa de curso das normalistas. A ausência de dados acerca da relação entre ambos na época não nos permite afirmar isso. Entretanto, é possível que Freyre tenha feito esta sugestão ao educador ou ao próprio governador (já que se auto-proclamava, seu conselheiro). Neste caso, Freyre teria, a rigor, criado um meio institucional não apenas para assumir a condição de cientista social, mas para evocar cientificamente soluções para os impasses do período.

Entretanto, na impossibilidade de fazer tal afirmativa, o que está ao nosso alcance é dizer que a estabilidade da sociologia no programa do curso de normal do Estado de Pernambuco foi possível graças a uma expectativa positiva em relação à contribuição da disciplina sociológica. Gilberto Freyre foi assim favorecido pelo otimismo dos educadores brasileiros em relação ao desenvolvimento e a propagação do conhecimento sociológico, especialmente no meio escolar (então compreendido como estratégico para provocar efeitos importantes na sociedade). É possível que fossem tão favoráveis estas expectativas, capazes de tornar a disciplina sociológica refratária às pesadas críticas que atingiam as demais medidas da conturbada reforma educacional.

Nesse sentido, será interessante pensar qual a substância dada a essa matéria neste complexo contexto de transformação histórica. Como, afinal, Freyre propunha sociologicamente a administração destes impasses? Qual sua expectativa específica em relação à disciplina? Qual a pauta de problemas que ele buscava discutir no âmbito da disciplina?

Trata-se de um momento decisivo para compreender não apenas os rumos da carreira de Gilberto Freyre, mas para o entendimento da própria natureza do conhecimento sociológico proposto pelo autor.

CAPÍTULO 2

A ‘REVELAÇÃO’ COMO SOCIÓLOGO

I. Primeiros mecanismos de consagração

A nomeação de Gilberto Freyre para a cadeira de sociologia ocorreu precisamente no dia 04 de fevereiro de 1929.¹ Permaneceu no cargo até outubro de 1930, quando, após a Revolução de 30, foi exonerado enquanto seguia em viagem de auto-exílio para Europa em companhia do governador deposto Estácio Coimbra.²

Em sua aula inaugural, apresentou a sua condição de cientista social como uma espécie de revelação à sociedade local: afirmou, pois, que não sabia como o Governador *descobriu* que ele tinha *se especializado no estudo moderno das Ciências Sociais*. (Grifo meu)³

Diante desta declaração cabe-nos propor a seguinte questão: Quais as condições que lhe permitiam acionar, nestas circunstâncias, a identidade de sociólogo? Tal pergunta pode ser desmembrada em três outras indagações: Como é possível caracterizar a formação acadêmica de Freyre nos Estados Unidos? Qual a natureza das atividades desempenhadas pelo autor em Pernambuco desde seu retorno ao Brasil? Qual o sentido da sociologia naquele ambiente social? Vamos às possíveis respostas que ocuparão o capítulo.

A. Formação acadêmica

Segundo levantamento realizado por Pallares-Burke (2005), em Waco, ao realizar sua graduação, Freyre matriculou-se em 22 disciplinas: nove do departamento de língua e literatura

¹ *A província*. 05/02/1929, 1ª página.

² *Diário de Pernambuco*, 18/10/1930, p. 3. Na coluna “Governo Provisório do Estado” a seguinte nota: *O sr. Governador resolveu exonerar, por abandono, o sr. Gilberto Freyre do cargo de professor contratado da cadeira de Sociologia da Escola Normal*.

³ Texto da Aula Inaugural ao curso de sociologia na Escola Normal do Recife. Acervo do Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre – Recife/PE.

inglesa, cinco de sociologia, duas de história, duas de zoologia, uma de geologia, uma de economia, uma de psicologia, uma de bíblia e ética cristã. As matérias da área de sociologia realizadas por Freyre foram exatamente as seguintes: princípios de sociologia, sociologia das cidades, sociologia rural, sociologia da família, origens sociais. (PALLARES-BURKE, 2005:62)

Em Columbia, por sua vez, durante seu curso de pós-graduação em Estudos Jurídicos e Sociais, Freyre teria freqüentado 14 disciplinas: seis de história, duas de lei pública, duas de sociologia, duas de antropologia, duas de inglês, uma de belas-artes. (PALLARES-BURKE, 2005: 71)

Observemos que as disciplinas com que Freyre mais se ocupou, durante a sua graduação e pós-graduação, foram da área de literatura, sociologia e história. Em Columbia concentrou-se de modo particular nas áreas de história e ciências sociais.

Não podemos esquecer que, na época na qual Freyre chegara aos Estados Unidos, aquele era um ambiente de grandes realizações no campo das ciências sociais. Nos anos 20, houve esforços notáveis da comunidade acadêmica norte-americana para dar às ciências sociais um sólido fundamento metodológico. Procurou-se desenvolver um modelo de ciência social baseado em grandes pesquisas empíricas sobre problemas fundamentais da população urbana e industrial. (WITTRICK, WAGNER, VOLLMANN: 1999:82)

Tal fecundidade estava relacionada à crítica aos grandes modelos explicativos do século anterior que se propagou com especial intensidade no meio intelectual norte-americano⁴. Cientistas nativos ou refugiados europeus protagonizavam, nas principais Universidades dos Estados Unidos (sobretudo em Chicago e em Columbia), discussões sistemáticas sobre as formas de conversão do indivíduo biológico em ser social e sobre meios alternativos de investigação histórica e sociológica capazes de fazer compreender os processos mais sutis de regulação da vida social. Em lugar de discutir a validade das leis de grandes esquemas históricos evolucionistas, forjava-se ali um olhar atento aos micro-processos sociais.

Provavelmente Freyre acompanhou de forma atenta estes debates da área de sociologia e história. O tema de sua tese, defendida em 1923 em Columbia, testemunha certo interesse pela área. Sob a orientação de Carlton Hayes, desenvolveu a sua primeira pesquisa acadêmica: *'Social life in Brazil in the Middle of the Nineteenth Century'*. Como o próprio título sugere, nas páginas de

⁴ Alguns detalhes sobre a experiência social e intelectual dos Estados Unidos nos anos 20 podem ser conferidas em: (LINK & CATTON, 1965:548)

sua tese, Freyre preocupou-se em reconstituir a vida social no Brasil do século XIX, especialmente os hábitos cotidianos da família patriarcal nordestina. (FREYRE, 1922)

Neste seu texto acadêmico inaugural Freyre utilizou fontes históricas que, ainda que nos pareçam incomuns, passaram a ser valorizadas no campo dos estudos históricos a partir do surgimento de um movimento denominado *New History*, iniciado em 1910 na Universidade de Columbia. Tal movimento, organizado por historiadores, reivindicava uma abordagem capaz de fazer compreender os processos histórico-sociais a partir de uma perspectiva mais próxima dos aspectos da cultura e da socialização do que dos eventos políticos. Daí a valorização de novas fontes de pesquisa que permitissem o acesso aos mecanismos mais sutis de produção e reprodução da vida social como cartas, diários, relatos, anúncios e imagens. (TUNA, 2003)

Nos estudos sociológicos o mesmo acontecia. Basta ver o trabalho publicado pelos autores Thomas e Znaniecki que utilizaram essencialmente a correspondência pessoal entre membros da família para reconstituir a experiência social dos imigrantes poloneses nos Estados Unidos. (THOMAS & ZNANIECKI, 1984)

Não obstante, a tese de Freyre, embora revele grande interesse pela história social e a opção pelos novos métodos pouco convencionais de abordagem histórica e sociológica, carece de uma problemática e de uma ossatura teórica mais substantiva. É um texto de jovem escritor que, a despeito do interesse pelo patriarcalismo, não permite ainda antever o impacto de *Casa-Grande & Senzala*. Melhor dizendo, não permite antever as conseqüências de sua tese sobre o patriarcalismo que estão ali apenas embrionariamente esboçadas.

Nesse sentido, talvez seja correto afirmar que as condições para a produção de *Casa-Grande & Senzala* foram definitivamente dadas entre os anos de 1923 e 1933. Quando falamos em condições não nos limitamos apenas às estritamente intelectuais, mas também aos condicionamentos sociais e políticos que foram favoráveis à produção desta obra e à orientação da carreira de Gilberto Freyre.

De fato, há elementos que nos fazem crer que é no período de 10 anos que antecede a publicação de *Casa-Grande & Senzala*, que Gilberto Freyre irá efetivamente definir seu diálogo com as ciências sociais. Irá, com efeito, explorar o instrumental teórico-metodológico das ciências sociais que esteve ao seu alcance e dele retirar o máximo de conseqüências, compondo parte substantiva da sua ossatura conceitual.

Por enquanto, cremos poder destacar que a formação acadêmica de Gilberto Freyre foi plural, muito embora ele manifestasse inclinação aos estudos histórico-sociais, especialmente na fase da pós-graduação.

B. O ofício de escritor

Munido desta formação, ao final de sua formação universitária, Freyre confessou ao amigo e tutor, o historiador e diplomata Oliveira Lima, vontade de seguir carreira de escritor em algum jornal no Brasil. É possível considerar que, por algum momento, o autor imaginou que história e a sociologia seriam disciplinas que lhe dariam instrumentos eficientes para o exercício da sua carreira de escritor.

Aliás, é necessário indagar o que era afinal, para Freyre, ser *escritor*. Possivelmente não se referia então à condição de literato propriamente dita.⁵ O ofício de escritor, tal como parecia conceber para seu destino, estava mais relacionado à observação social e à crítica cultural do que à ficção poética e literária propriamente dita.

Rigorosamente, desde 1918, Freyre esteve no exercício do ofício de escritor: escrevia, pois, artigos semanais para o *Diário de Pernambuco* nos quais fazia observações sobre a arquitetura, comportamento, a vida cultural e intelectual norte-americana.⁶

Em 1922 - contrariando todos os conselhos de Oliveira Lima - Gilberto Freyre se despediu dos Estados Unidos. Não obstante, antes de voltar ao Brasil, passou alguns meses na Europa viajando entre a França, Alemanha, Bélgica, Inglaterra, Espanha e Portugal. Foi um período no qual, segundo sua versão, complementou sua formação acadêmica com visitas a Museus, Laboratórios, Bibliotecas e Universidades importantes (entre as quais a Universidade de Oxford que foi, de longe, a que mais o impressionou na viagem)⁷. Manteve também contato com diversos autores e grupos 'regionalistas' e 'passadistas' europeus: franceses (Mistral e Maurras), irlandeses (leats), e espanhóis. (ADAMI, 2002) (BASTOS, 2003) (D'ANDREA, 1987)⁸ Nesta época, ao passar

⁵ Apenas em 1964, Freyre fez sua estréia no universo ficcional com a publicação da *semi novela Dona Sinhá e o filho do padre*.

⁶ Os artigos publicados no *Diário de Pernambuco* por Freyre neste período foram reunidos em dois volumes intitulados *Tempo de aprendiz* (FREYRE, 1979).

⁷ Sobre a passagem de Freyre em Oxford ver Pallares-Burke (2005: 113-147).

⁸ Elide Rugai Bastos demonstra, em seu último livro, a influência de Ganivet e outros autores hispânicos sobre Freyre. É, segundo a autora, Ganivet que lhe serve de modelo para a fundação do *Centro Regionalista* e para a elaboração do *Livro do Nordeste*, ambos quase que mimetismos da *Confraria Del Avellano* e do *Livro de Granada* (iniciativas do

por Portugal expressou também simpatia pelo grupo de intelectuais do movimento antiliberal português. (FREYRE, 1978: 277) Ao passar por Paris, conviveu com Vicente do Rego Monteiro e, por meio deste, disse ter conhecido o grupo de modernistas brasileiros especialmente Tarsila do Amaral e Victor Brecheret.

Munido desta vasta experiência intelectual, Freyre voltou ao Brasil no início de 1923. No total, ficou cerca de quatro anos longe da terra natal. Ao chegar ao Recife, certamente um dos fatos mais perceptíveis aos olhos de Freyre era o agravamento da decadência econômica que atingia certos setores da elite agrária pernambucana.

Em seu diário há um trecho significativo no qual pretende demonstrar surpresa diante do fenômeno da decadência social de seus tios que, segundo seu breve relato, não se manifestava apenas na perda de bens materiais (como jóias e carros), mas também se inscrevia no corpo de seus parentes.

Venho encontrar em decadência meus Tios Tomás e Arminda. Eu que a vi tantas vezes coberta de jóias, de rubis e esmeraldas como se fosse uma princesa hindu, vejo-a agora uma ruína de mulher. Meu tio T., outra ruína. Ele que foi uma das famílias mais opulentas desta parte do Brasil. Até toma morfina ou cocaína: não sei bem o quê. Faz pena vê-lo andar a pé ou à espera do bonde: sem automóvel nem carro à sua disposição, como nos dias do seu esplendor. Carro com lanternas de prata e cocheiro de cartola. Sua família foi das que mais luxaram no Recife. (FREYRE, 1975:136)

Os corpos arruinados de Tomás e Arminda expõem a debilidade física e emocional dos senhores de engenho que foram surpreendidos pelas transformações relativas ao declínio da economia agro-exportadora e à mudança do eixo econômico nacional para o sudeste. Seus corpos eram testemunhos dramáticos dos efeitos das mudanças sociais em curso no Nordeste e no Brasil.

Mudanças que, aliás, estavam também inscritas no modo de andar dos transeuntes pernambucanos. Uma nova temporalidade e gestualidade urbana eram notadas por Freyre. Vejamos suas palavras, registradas em 1924 no *Diário de Pernambuco*, acerca dos efeitos do surgimento dos bondes elétricos:

espanhol para lutar pela preservação da cidade e de suas tradições). (BASTOS, 2003) Em entrevista a Moema D'Andrea, Freyre afirmou que seu regionalismo não era de base brasileira e destacou, sobretudo, a influência dos franceses Mistral e Maurras. (D'ANDREA: 1987: 238-257)

A veiculação elétrica vai matando entre nós os vagares da delicadeza. Para viajar nos elétricos do Recife é quase indispensável ser acrobata de circo ou ter as pernas numa Companhia de Seguros. (FREYRE, 1979: 382 vol. 1)

Segundo o autor, as mudanças estavam, sobretudo, manifestas no novo padrão de organização urbana do Recife. Lembremos de que ele não cansava de se lamentar, após seu desembarque, do desaparecimento de prédios históricos e do 'encapamento' do casario antigo com novas fachadas ecléticas que lhes davam um ar europeu. São desta época as seguintes observações acerca das mudanças arquitetônicas em Recife e Olinda:

Num Recife que vai virando todo confeitaria, a arquitetura sóbria dos nossos avós se torna estapafúrdia. O que se quer é o arrebicado; o açucarado; o confeitado. (FREYRE, 1979: 316 vol. 1)

Quando em Olinda furou-se, roeu-se, esfuracou-se, dilapidou-se de azulejos a antiga Sé, para lhe dar o falso arrojo de catedralesco de agora, os tais senhores de fraque continuaram a discutir, entre goles d'água, o heroísmo de Bernardo Vieira de Melo, frios como o gelo diante dos terríveis ultrajes. Quem protestou foi um simples rapaz sem fraque em que logo se descobriram insolências de garoto. (FREYRE, 1979: 341 vol. 1)

Freyre, o inquieto *rapaz sem fraque*, deparou-se, afinal, com 'outro' Recife, com outra Olinda, diferentes daqueles que deixara em 1918. As duas cidades foram, afinal, rapidamente transformadas por uma nova elite em ascensão atraída com volúpia pelas novidades, avessa às marcas do passado.

Em 1926, num dos artigos para o *Diário de Pernambuco*, o próprio Freyre resume sua reação:

Eu acabara de chegar dos Estados Unidos e da Europa que nem um Fradique Jacobino. Tradicionalista e 'futurista' ao mesmo tempo. Querendo isso tudo aqui quase como no tempo da Lingüeta. Preferindo o caráter da cidade com os maus cheiros à ausência dos ditos maus cheiros com ausência de caráter. De bom caráter. Elogiando ruas estreitas. Levando Gagarin e De Garo a recantos de sujice oriental para eles pintarem. Comprando peixe frito de tabuleiro. Exaltando o Pátio de D. Pedro sobre o Parque o Dérbi. Escrevendo coisas horríveis contra a Linha Reta nos velhos burgos como o Recife. Chorando a derrubada do Corpo Santo. Chorando a derrubada dos arcos. Chorando a derrubada das gameleiras. Achando safadíssimas as mobílias novas, amarelinhas, e

as casas novas, sarapintadas de anjinhos, ramalhetes, rosas abertas e em botão - e apontando para os velhos casarões brancos ou cor de ocre amarelo de acolhedores alpendres; e para os velhos jacarandás. E achando safadíssima também a culinária européia em prejuízo da nossa velha cozinha e da nossa velha doçaria. Frisando a relação íntima entre a imundície e o gênio artístico em povos como os italianos e os russos; e entre a higiene e a esterilidade de espírito nos finlandeses, nos suíços e nos norte-americanos. Exageros decerto. Mas necessários contra conceitos tão poderosamente cretinos. (FREYRE, 1979: 349 vol. 2)

Ele foi, pois, surpreendido pelo impacto de um novo mundo social, que ainda que tivesse sido gestado desde o final do século XIX, adquirira nos anos 20 contornos mais nítidos. A ruína dos seus tios, a velocidade dos bondes elétricos, o desaparecimento da arquitetura e da culinária colonial eram apenas algumas das faces evidentes de uma transformação profunda, em curso naquela sociedade. Transformação que fazia com que o velho mundo dos senhores de engenho e a nova realidade das usinas, dos bondes elétricos, do ecletismo estético e do fundamentalismo higiênico se confrontassem e, por vezes, se ajustassem de modo dramático.

Mas de que maneira Freyre se adaptou às condições do ambiente em termos intelectuais e profissionais?

É, pois, comum encontrar notas do autor acerca da experiência de desajustamento intelectual que teria sofrido desde sua chegada ao Brasil.

Sinto que meu ajustamento intelectual no Brasil é quase impossível. Experimento às vezes enorme vontade de voltar aos meus amigos de Columbia e, sobretudo, aos de Oxford – de Oxford e Paris – cujas cartas venho deixando sem resposta, decidido como estou a que esse meu intenso passado – inglês e parisiense – seja um tempo que morra de todo - a não ser como vaga recordação sentimental. São cartas que se seria doloroso responder: 'dead paper' é ao que elas devem reduzir-se. 'Dead paper, mute and white' , como diria Elizabeth Barret Browning. Minha decisão está tomada: é reintegrar-me completamente no Brasil. Atolar-me na sua carne e no seu massapé. Pelo sentimento já me sinto restituído à infância brasileira. Restituído à minha Mãe, a meu Pai, aos meus Irmãos, aos parentes e amigos que aqui deixei quando parti adolescente para os Estados Unidos. Isto é o princípio: esta recuperação sentimental. A adaptação intelectual é secundária. (FREYRE, 1975:134)

A verdade é que me sinto um místico, um introspectivo, sempre inquieto, perdido no mundo brasileiro que não é, como mundo intelectual, o meu; e a jogar fora oportunidades pelas quais todos os homens de minha idade dariam a cabeça e até os olhos. Os próprios olhos. Alguns, mais do que isto. (FREYRE, 1975: 238)

Uma ambigüidade foi aqui construída por Freyre. Por um lado, ressalta o ajustamento emocional a terra, aos pais e amigos. Por outro, confessa seu desajustamento ao meio intelectual pernambucano/brasileiro. Sua cabeça em Paris ou Oxford, mas seus pés fixados no solo de massapê.

Mais um testemunho desse sentimento de inadaptação intelectual/adaptação afetiva: em 1930, numa carta enviada da Europa ao pai, logo após o Golpe de Trinta, Freyre afirmou que no Recife não há ambiente intelectual para ele e que sua *superioridade escandalosa de espírito e de cultura chegou a sofrer humilhações ali*. Entretanto, imediatamente nas linhas seguintes, acrescentava que, a despeito de suas dificuldades intelectuais, é no Recife apenas *que sente a terra debaixo dos pés*. (FREYRE, 1978:55)

Pensem na frase: o que é que ele quis dizer com *sentir a terra debaixo dos pés*? É possível que ainda que as limitações intelectuais dos provincianos lhe incomodassem eram as regras quase estamentais de sociabilidade que lhe davam firmeza para prosseguir na carreira.

Na verdade, Freyre sempre se apresentou como uma pessoa perfeitamente ajustada ao Brasil (ao Recife especialmente), sua terra, sua gente e sua cultura, mas jamais se considerou um autor ajustado à intelectualidade brasileira. Com o tempo, aliás, à medida que ingressou nos debates intelectuais no Brasil, deu contornos ainda mais definitivos a este seu alegado drama. Não condenava a gente e a terra, mas seus intelectuais. Considerou-se sempre pouco reconhecido. Sua originalidade (ou genialidade) sempre incompreendida.

Com efeito, uma de suas queixas, logo que chegou ao Brasil, era de que aqui a sua condição de cientista social foi ignorada. Afirmou que, durante alguns anos, viveu como uma espécie de sociólogo clandestino.

Mas Freyre não era exatamente um anônimo e conseguiu com grande sucesso - a despeito de seus lamentos - construir uma fama notável. Uma das evidências da notoriedade de

Freyre entre os recifenses foi uma pomposa homenagem prestada a ele pela Escola Americana logo após a sua chegada ao Brasil em 1923. (AZEVEDO, 1983: 146)⁹

Não obstante, naturalmente, tal notoriedade foi também capaz de atrair contundentes manifestações contrárias. Cerca de um mês após seu desembarque no Brasil, foi alvo de críticas num dos mais conhecidos periódicos culturais locais: *O Fiau*. O artigo intitulado *Gilberto Freyre, fruto bichado da literatura brasílio-ianque* dedicava-se a acusá-lo de pedantismo, debochando de suas citações em inglês e de sua *mania de reclame*. (AZEVEDO, 1983: 147)

As homenagens e críticas permitem, pois, compreender que Freyre ocupava - pouco depois de sua chegada - uma posição incomum na vida cultural da cidade.

Flagramos, numa nota do jornal *Diário da Manhã*, do Recife, um trecho que manifesta que a notoriedade de Freyre foi, de fato, construída, naquele ambiente, muito cedo. Na década de 20, no Recife, antes mesmo da publicação de *Casa-Grande & Senzala*, ele era visto como um *menino prodígio*:

*O sr. Gilberto Freyre é um escritor de fama quase mundial. Tiraram-lhe o chapéu, com admiração e respeito, os grandes nomes da literatura européia e americana. Ultimamente, Loyd George, que não é literato mas é cidadão de espírito e de prestígio formidável em seu país e no mundo, teria proclamado conhecer o nosso menino prodígio. Uma vez no Rio, Loyd não o esqueceu nem o perdeu de vista. (grifo meu) (*Diário da Manhã*, 08/08/1928, p. 3)*

Certamente seus estudos nos Estados Unidos e sua breve passagem pela Europa serviram para construir a notoriedade. A publicação semanal de seus artigos no *Diário de Pernambuco*, na coluna *Da outra América*, durante todo o período em que esteve ausente do país, foram estratégicos para a construção de sua imagem. Afinal, por meio destes artigos, Freyre conseguiu assegurar reputação de jovem escritor, culto, cosmopolita e admirado por importantes intelectuais dos dois continentes.

Observemos que esta sua notoriedade - tão precocemente construída - nutria-se da mesma obsessão pelo mimetismo estrangeiro que Freyre costumeiramente criticava em seus artigos de jornais a propósito da destruição da arquitetura colonial e da mudança de hábitos seculares. O provincianismo intelectual que dizia encontrar no Brasil (em especial no Recife) e que

⁹ Acerca desta homenagem, ver também um dos anexos do livro *Tempo de Aprendiz* (FREYRE, 1979: 374-378 vol. 2)

supostamente lhe causava mal-estar era, pois, ingrediente fundamental para a sua afirmação seja na carreira de escritor, ou numa inconfessada ambição política.

Lembremos que, na época, o meio jornalístico concentrava grande poder. Não se podia admitir alguma pretensão à carreira intelectual ou política sem ter na imprensa uma atividade qualquer. O jornal era o *locus* central da vida intelectual, divulgador de idéias e pessoas. (BARROS, 1972:176) Neste período, os homens de letras viam a imprensa como uma das mais importantes vias de realização do ofício de escritor. O jornalismo era, pois, uma atividade essencial para o sustento material e para a visibilidade intelectual. (LUCA, 1999)

Com efeito, ao retornar ao Recife, em 1923, Freyre manteve a posse de um dos mais notáveis mecanismos de consagração: continuou a ocupar, com seus artigos, as colunas semanais no *Diário de Pernambuco*. Mais do que isto, entre os anos de 1925 e 1927, foi nomeado diretor do referido jornal.

E ao deixar o *Diário de Pernambuco*, em 1927, assumiu a direção do novo *A Província*, jornal fundado por Estácio Coimbra, então governador do Estado. Tratou-se de um jornal oficioso naturalmente, mas que reuniu um grupo significativo de intelectuais entre os quais Olívio Montenegro, Jorge de Lima, Barbosa Sobrinho, Ulisses Pernambucano e Pontes de Miranda. (FREYRE, 1973: 125)¹⁰

C. No gabinete do oligarca

Não podemos esquecer que Gilberto Freyre fora também Secretário de Gabinete de Estácio Coimbra. Gozou ali de uma posição privilegiada junto à oligarquia local. Na função de diretor de jornal (primeiramente no *Diário de Pernambuco* e, em seguida, n'*A Província*) e de chefe de gabinete do governo, era um personagem significativo do instável jogo político da época.

¹⁰ Freyre ainda voltou a ocupar a direção do *Diário de Pernambuco* em 1933, já então anexado ao império dos *Diários Associados*, de Assis Chateaubriand. Ficou, porém, apenas quinze dias na direção. Segundo sua versão, demitiu-se por incompatibilidade com Chateaubriand. Francisco de Assis Chateaubriand Bandeira de Melo (1892-1968) nasceu em Umbuzeiro na Bahia em 1892. Bacharelou-se em Direito na Faculdade do Recife em 1913. Trabalhou como jornalista no *Jornal do Recife* e no *Diário de Pernambuco*. Em 1915 foi aprovado em concurso para docente da Faculdade de Direito do Recife. Porém, em 1917 transferiu-se para o Rio de Janeiro como consultor do Ministério das Relações Exteriores. Não se afastou do jornalismo atuando como comentarista no *Correio da Manhã*. A partir de 1924 comprou vários jornais do Rio, Belo Horizonte, São Paulo, Recife e Porto Alegre. Inicia então um dos maiores empreendimentos de comunicação no Brasil, composto pela grande empresa jornalística conhecida como *Diários Associados*, pela Revista *O Cruzeiro* e, mais tarde, pela emissora de televisão TV Tupi. Ver site: <http://www.cpdoc.fgv.br/comum/htm>. Ver também a biografia de Chateaubriand escrita por MORAIS (1994).

Garantiu, afinal, a posse de dois instrumentos estratégicos para a consagração numa sociedade de caráter oligárquico e estamental: o jornal e o gabinete do oligarca.

Freyre eventualmente acompanhava Estácio Coimbra em suas longas estadas no Rio. Datam desta época suas primeiras viagens para a capital federal. Ali, Estácio Coimbra lhe apresentara uma nova rede de sociabilidade.

Acerca de suas funções como oficial de gabinete, Freyre costumava dizer, nas décadas seguintes, sem modéstia, que era uma espécie de subsecretário de Estado, tal o poder de seus conselhos e sugestões sobre a opinião do governador. Vejamos o que diz mais uma vez seu diário:

Minhas funções de 'oficial de gabinete' – ou de 'Chefe de Gabinete' – do Governador do Estado estão longe de corresponder à tradição dessas funções. Há quem diga até que eu venho sendo 'sub-secretário de Estado', com quem o Governador se aconselha sobre assuntos difíceis e até delicados. A verdade é que isto vem acontecendo em vários casos, e até sobre nomeações políticas o Estácio vem me ouvindo de preferência a políticos. Ao mesmo tempo não estranha que eu seja um eterno ausente de embarques, desembarques, missas, solenidades de caráter político, nas quais ele nem ousa me pedir para representá-lo, sabendo o meu desdém pela política à moda brasileira. 'É um homem para sua época e sua formação, excepcional, o velho Estácio. (FREYRE, 1975:238)

Esta visão acerca de seu poder de influência sobre Estácio Coimbra foi largamente vulgarizada pelo próprio Freyre nos anos subseqüentes como é possível ainda notar no seguinte trecho de texto, elaborado por um historiador pernambucano na ocasião da comemoração do centenário de nascimento do governador:

... gozava Gilberto de um prestígio e de uma familiaridade junto ao Governador Estácio Coimbra que o faziam elevar-se à altura de Secretário de Estado. De um particularíssimo Secretário de Estado, em que Estácio depositava toda a confiança não só de amigo, mas de homem de larga visão dos problemas públicos, sociais e humanos. Donde o papel que chegou a representar como conselheiro constante para solução de tais problemas, dele se tornando mesmo verdadeiro confidente. (VALENTE, 1973: 57)

Não sabemos exatamente se as opiniões de Freyre eram, de fato, decisivas para as ações do oligarca. Em outros relatos Freyre afirma que uma de suas tarefas rotineiras era secretariar as

audiências públicas do governador. E essa parecia ser uma de suas funções no comando do gabinete que ele executava com mais prazer. Notemos o seu depoimento:

Essas audiências eram como que sagradas para o Governador. Recebia multidões. Anotava os pedidos que lhe pareciam justos. Registrava as queixas contra abusos de poder: de autoridades, de chefes políticos, de ricos. Escrevia centenas de cartas com esses pedidos, essas queixas justas, essas exigências de justiça da parte de um governador que fazia questão de manter contatos diretos com a gente, além de mais humilde, desprotegida, desamparada, do Estado; quer do Recife, quer do interior. Não poucas injustiças contra esses humildes foram, graças a essas audiências, reparadas. Não poucos abusos de poder foram contidos. Não poucas desonestidades, punidas. É claro que eram audiências que inquietavam a muitos. Que levantaram contra o governador-fidalgo indignações de uns fidalgotes mais arreliaados. Contra ele e contra o secretário que punha, em cartas ou cartões, decisões do governador a respeito de injustiças e abusos, em palavras incisivas. Datam daí as primeiras acusações contra mim de 'comunista disfarçado'; e contra Estácio, como homem de responsabilidade nacional que estava se deixando levar por um menino irresponsável. (FREYRE, 1973: 32)

Gilberto Freyre, neste breve testemunho, manifestou-se favoravelmente à prática política senhorial e tutelar e ainda deixou entrever grande admiração pelo governador. Lembremos das palavras de José Lins do Rego, que dizia que Freyre encontrara em Estácio Coimbra o senhor de engenho dos velhos tempos que sempre idealizara nos seus anos de ausência do Brasil. (REGO, 1942: 82) Um senhor de engenho ponderado, justo, favorável aos humildes: era assim que Freyre queria representá-lo.

D. O movimento regionalista

Importante ainda aqui lembrar que, em 1925, quando era diretor do *Diário de Pernambuco*, Freyre organizou, a pretexto das comemorações do centenário do jornal, o *Livro do Nordeste*. Reuniu, neste volume, trinta e um artigos de estudiosos pernambucanos que se dedicavam à compreensão da economia, da história, da higiene, da educação e da cultura nordestinas nos últimos cem anos.

Freyre reafirmou, no conjunto de artigos que ali reuniu, a sua perspectiva original (antecipada em sua tese) acerca do que considera as substâncias componentes da história de um

povo: análises de rendas, modas, artesanatos e mobiliários do nordeste figuram ao lado do exame de estatísticas demográficas e tabelas de produtividade econômica. (FREYRE, 1979b)

Oportunamente, publicou neste volume três artigos de sua autoria. Um deles, resultante de sua tese de mestrado. Segundo alguns de seus estudiosos, a publicação deste livro representa a largada na carreira intelectual de Gilberto Freyre. (DIMAS, 2003: 327) Com efeito, esta é a primeira vez que Freyre expôs ao meio social de origem (ao Brasil e a Pernambuco) os resultados de seus estudos de mestrado nos Estados Unidos.

O *Livro do Nordeste* se articulava, não obstante, a um movimento significativo que teve Gilberto Freyre como um dos seus mais notáveis protagonistas: o regionalismo nordestino. A publicação tornou-se, afinal, um inquérito sobre a realidade nordestina, enfocando desde a história e a economia local, até a cultura popular, a culinária, a arte das rendeiras. Freyre promoveu, por meio do *Livro do Nordeste* um mergulho na memória regional. (ALMEIDA, 2003)

Lembremos que, em 1924, Freyre fundou, com o amigo Odilon Nestor, o *Centro Regionalista do Nordeste*. Certamente, foi sob a inspiração dos variados movimentos tradicionalistas europeus que conheceu em 1922 que nasceu o *Centro*.¹¹

Tratou-se, a princípio, de uma iniciativa com o objetivo de mobilizar esforços para a defesa do que então se construía como tradição nordestina. Uma ação no sentido de evitar a devastação da arquitetura colonial, a 'desnacionalização' da culinária e dos costumes que, desde seu retorno ao Brasil, foram observadas com lamento.

O *Centro Regionalista* nunca chegou de fato a ser uma instituição propriamente dita. Apenas manteve reuniões quase familiares na casa de Odilon Nestor. Não teve também duração muito prolongada. (CHAGURI, 2005: 6) Não obstante, por meio da fundação do Centro, Freyre, re-iniciara, nos anos 20, uma campanha de valorização do passado nordestino e de suas coisas.

A rigor, a disponibilidade para a valorização das tradições regionais do Nordeste não era nova. Emergiu, ainda que embrionariamente, em concomitância com a eclosão da crise da economia do açúcar na segunda metade do século XIX. Manifestou-se especialmente no campo literário com a publicação de *O cabeleira* de Franklin Távora em 1876. (ALMEIDA, 2004). Nesta obra, o autor creditou ao Nordeste a conservação de uma cultura pura e genuína. É como se, em

¹¹ Bastos demonstra a similitude entre as iniciativas de Freyre e as do espanhol Ganivet: *Ganivet e Gilberto buscam formas de lutar pela preservação da cidade e suas tradições. O espanhol, além de artigos dos jornais, através da Confraria Del Avelano e da publicação do Libro de Granada: o brasileiro, não apenas como jornalista, mas no Centro Regionalista, fundado em abril de 1924, organizando o Livro do Nordeste, em 1925, e através do Manifesto Regionalista de 1926.* (BASTOS, 2003: 66)

resposta ao desaparecimento do mundo rural, fosse necessária uma reação sentimental no sentido de valorizar e conservar os bens e tradições a ele relacionadas.

Na segunda década do século XX (antes mesmo da chegada de Freyre ao Brasil), no auge da crise econômica da região, as condições para o surgimento de um movimento sistemático de idéias em torno do regionalismo foram favoráveis.

O discurso de posse de Oliveira Lima na Academia Pernambucana de Letras, em 13 de maio de 1920 é considerado um dos marcos do início do movimento. As palavras do mais admirado intelectual pernambucano do período veiculavam idéias de defesa das tradições pitorescas na literatura. (AZEVEDO, 1983: 108)

Outro marco do regionalismo foi a publicação do livro *Senhora do Engenho*, de Mario Sette (1886-1950), em 1921.¹² Foi compreendido como um dos primeiros exemplares da literatura regional nordestina do século XX. O enredo da obra é significativo: refere-se a um casal de senhores de engenho que parte do Recife para o Rio de Janeiro em busca de uma nova vida. Porém, inadaptados à capital federal, retornam à terra de origem. Chama atenção o rigor e a antipatia com que é descrita a experiência social do casal no Rio de Janeiro, em contraste com o modo agradável com que é apresentada ao leitor a vida no engenho. (AZEVEDO, 1983: 115)¹³

Como se pode observar, no enredo proposto por Mario Sette, há a representação de um confronto entre o *ethos* patriarcal e o *ethos* burguês no contraste entre o modo de vida do nordestino e do habitante da capital da República. Tal confronto foi, pois, um dos pontos nodais do Movimento Regionalista.

¹² Vale a pena conferir o estudo de Moema Selma D'Andrea sobre alguns dos 'produtos culturais' recifenses do período. Um dos seus objetos de análise é o poema *Recife Morto* de Joaquim Cardoso (publicado originalmente na *Revista do Norte* ano III, no. 2, em 1925). Ainda que sem filiação ortodoxa às facções intelectuais locais, o autor, segundo D'Andrea, no conteúdo e na forma poética, traduz com fina ironia as tensões sociais próprias do momento, particularmente entre tradição e progresso, entre cultura rural e urbana. A autora também analisa o poema de Manuel Bandeira, *Evocação de Recife* publicado no *Livro do Nordeste*. Discute o modo como o autor - um dos poetas mais afinados ao modernismo - utiliza as técnicas modernistas de poesia para propor um retorno à sua infância povoada por folguedos infantis e outras expressões de brinquedos e brincadeiras regionais. Assim, de acordo com D'Andrea, o poeta acaba por evocar nostalgicamente uma tradição ancestral, um tempo perdido só recuperável pela memória poética. Nos dois poetas, melhor dizendo, nos dois poemas, apesar de diferenças significativas, a pesquisadora encontra uma espécie de consciência das transformações históricas e o forte antagonismo entre tradição e progresso. Por fim, analisa *Senhora do Engenho* (1921) de Mario Sette, alguns dos romances de José Lins do Rego e *A bagaceira* (1928) de José Américo de Almeida. (D'ANDREA, 1987)

¹³ Segundo Azevêdo (1983), o livro *Senhora do Engenho* chegou às mãos de Gilberto Freyre nos Estados Unidos. Foi tema de um artigo seu no *Diário de Pernambuco*, em 30/10/1921. Freyre dizia-se encantado pela novela de Mario Sette. Criticava, porém, a fala postiça dos personagens e a falta de intensidade dramática do enredo. (AZEVEDO, 1983: 117) Ver a crítica do autor, tal como publicada no *Diário de Pernambuco* em FREYRE (1978: pp. 150-152). Ver também análise de Moema D'Andrea acerca do livro de Mario Sette. (D'ANDREA, 1987: 147)

Por meio do que ficou conhecido mais tarde como *Movimento do Recife*, Freyre procurou concentrar e vivificar os esforços que se manifestavam aqui e ali de modo esparso na direção de uma estética regionalista. Despertou a consciência dos intelectuais da região para a importância do regionalismo e criou as condições para a emergência de autores como Joaquim Cardoso, Ascenso Ferreira e José Lins do Rego, por exemplo. (ALMEIDA, 2003)

Foi sob o comando de Freyre que se desenvolveu o acalorado debate com o modernismo paulista que tinha um entusiasmado representante pernambucano: Joaquim Inojosa¹⁴. (AZEVEDO, 1983: 77)

Com efeito, sobretudo no ano de 1924 e 1925, a vida cultural pernambucana foi animada pela forte hostilidade entre o que se convencionou denominar na época de *passadistas* e *futuristas*. Ou, dito de outro modo, entre *regionalistas* e *modernistas*. De um lado Freyre, de outro Inojosa. (AZEVEDO, 1983)

Entre numerosos episódios do confronto intelectual local, vale a pena lembrar de uma conferência de Guilherme de Almeida (1890-1969)¹⁵, realizada em novembro de 1925 no Recife, organizada por Joaquim Inojosa. A conferência destinava-se a explicitar a oposição do modernismo em relação ao regionalismo. O argumento central do conferencista era que regionalismo e 'brasilidade' não combinam. Para Almeida, ser regionalista é, rigorosamente, deixar de ser brasileiro. (AZEVEDO, 1983: 94)

Freyre reagiu à crítica: em 15 de novembro de 1925, publicou um artigo no *Diário de Pernambuco* afirmando que Almeida *disse tolices na voz de conferencista*. Para Freyre, ao contrário de Almeida, o regionalismo é a forma mais madura e mais viva de *ser brasileiro*. (AZEVEDO, 1983: 95)

O aspecto mais sensível do debate entre modernistas e regionalistas - tal como se configurava no Recife, sob a coordenação de Freyre e de Inojosa - era a questão da brasilidade.¹⁶

¹⁴ Inojosa participou, em 1922, do I Congresso Internacional dos Estudantes no Rio de Janeiro. Aproveitou a longa viagem e passa alguns dias em São Paulo onde conheceu os modernistas Mario de Andrade, Oswald de Andrade, Tarsila do Amaral e Anita Malfatti, na época bastante empolgados com a repercussão da Semana de Arte Moderna. Inojosa, seduzido pela proposta modernista do grupo, acabou, voluntariamente, sendo uma espécie de propagador do modernismo no Recife entre os anos de 1923 e 1928. Seu principal veículo foi a *Revista Mauricéia* onde publicou textos e manifestos importantes. Ver: (AZEVEDO, 1983).

¹⁵ Guilherme de Almeida participou da Semana de Arte Moderna em São Paulo. Integrava o corpo de redatores do *Estado de São Paulo*. Recentemente, foi reeditado um livro seu pela Livraria Martins Fontes, o *Pela Cidade*. (ALMEIDA, 2003)

¹⁶ Acerca da relação entre modernismo e nacionalismo ver MORAES (1988) e (1983). O autor procura demonstrar que o modernismo brasileiro pode ser compreendido em duas diferentes fases. A primeira (1917-1924), seria caracterizada por um desejo de ruptura com o padrão estético anterior e pela busca de inserção em padrões

Pode-se afirmar que o movimento regionalista propunha, como um dos fundamentos da brasilidade, a experiência nordestina. Ao passo que o modernismo, naquele momento (pelo menos a versão propagada por Inojosa no Recife), entendia a afirmação da cultura nordestina como uma ameaça à própria unidade cultural da nação. A rigor, o que estava em jogo era um projeto cultural para a nação. Nesse sentido, o debate entre modernistas e regionalistas foi um episódio importante que explicitou a tensão que se criara em torno das diferenças regionais, tão evidentes na década de 20. (ALMEIDA, 2003)

Não obstante, uma das atividades mais notáveis do *Movimento do Recife*, sob o comando de Freyre, foi a organização do que se convencionou denominar de *Congresso Regionalista do Recife*. Entre os dias 8 e 11 de fevereiro de 1926, no salão nobre da Faculdade de Direito do Recife, Gilberto Freyre e os demais membros da causa regionalista reuniram numerosos participantes em conferências e seminários para afirmação de suas aspirações regionalistas. Como ocorreu no *Livro do Nordeste*, Freyre fez do *Congresso* uma oportunidade de atrair as principais personalidades intelectuais do Nordeste para a causa regionalista.

A programação do *Congresso* nos permite ver que a natureza da proposição do Regionalismo Nordestino liderado por Gilberto Freyre. Divide-se em duas partes: A primeira, intitulada "*Problemas Econômicos e Sociais*" incluiu cinco itens de discussão: 1. *Unificação econômica do Nordeste. Ação dos poderes públicos e dos particulares.* 2. *Defesa da população rural. Habitação, instrução, economia doméstica.* 3. *O problema rodoviário do Nordeste – aspectos turísticos, valorização das belezas naturais da região.* 4. *O problema florestal. Legislação e meios educativos.* 5. *Tradições da cozinha nordestina. Aspectos econômicos, higiênico e estético.* A segunda parte intitulava-se "*Vida artística e intelectual*" e compreendia mais quatro tópicos de discussão: 1. *Unificação da vida cultural nordestina. Organização Universitária. Ensino artístico. Meios de colaboração intelectual e artística. Escola primária e secundária.* 2. *Defesa da fisionomia arquitetônica do Nordeste. Urbanização das capitais. Plano para as pequenas cidades do interior.*

universalistas. A segunda, que se manifesta a partir de 1924, caracteriza-se por uma preocupação com a definição de brasilidade. *A partir de 1924, sem que seja, é claro, colocada em questão a ordem mundial, ou, o que é a mesma coisa, sem abrir mão de seu ideal universalista, o modernismo brasileiro, vivendo um momento que se poderia dizer de crise de participação, passa a se interessar pelos problemas que dizem respeito à sua identidade e à determinação da entidade nacional. Será esse momento a partir do qual o ingresso na modernidade não será mais buscado dentro de uma vertente imediata, mas, ao contrário, serão discutidas as mediações que irão, ao mesmo tempo, constituir o seu caminho e a sua garantia. É, portanto, como exigência do comparecimento na ordem universal que se instaura no modernismo a questão da brasilidade. Isso quer dizer que é no próprio cerne da definição do acesso à modernidade que ela vem se instalar.* (MORAES, 1988: 228) Ver também: (MORAES, 1983)

Vilas proletárias. Parques e jardins nordestinos. 3. A Defesa do patrimônio artístico e dos monumentos históricos. Reconstituição de festas e jogos tradicionais. (SELLARO, 2000: 108)

Ao observarmos tal programação constatamos que se buscou, no âmbito do Movimento Regionalista, responder a algumas demandas impostas pela própria transformação social em curso. Demandas que, rigorosamente, ultrapassavam muito a questão cultural. Estão em pauta alguns dos dramas fundamentais da região naquele período: as estratégias e alternativas para a sobrevivência e a integração da economia regional; a tragédia da população pobre do campo; o problema ecológico decorrente dos novos métodos de produção do açúcar. É dentro deste escopo temático mais amplo que se operava a defesa das tradições culturais regionais.

Os temas do *Congresso* explicitam a mobilização para ação propositiva não apenas no âmbito cultural, mas também no âmbito econômico e político. Nesse sentido, o regionalismo acena para divergências entre a classe dominante pernambucana e o encaminhamento da política central. Invocava, em sua essência, um debate de natureza política que remetia ao projeto de nação e ao lugar do Nordeste na vida política nacional. Nesse sentido, Freyre dedicou-se a questões cruciais da época. Estava, pois, pensando em saídas políticas para a questão regional.

D. A 'revelação' da condição de sociólogo

As posições logradas por Freyre desde a conclusão de seus estudos nos Estados Unidos (a direção dos principais jornais do Estado de Pernambuco, a chefia do gabinete do governador do Estado e a liderança do Movimento Regionalista), não exigiam a posse de títulos acadêmicos, tampouco o domínio de uma disciplina científica. Sua nomeação para a cadeira de sociologia acabou por se apresentar como uma oportunidade de assumir uma nova condição intelectual diante daquela sociedade. De fato, Freyre 'revelou-se' repentinamente como um cientista social numa oportuna circunstância, na qual o conhecimento sociológico passou a ser valorizado como instrumento para reforma social.

Não obstante, em sua aula inaugural, Freyre afirmou que aceitara o cargo de professor apenas em caráter experimental e que não tinha o desejo de *fixar-se no magistério*. Disse então que *não estudou para ser professor de Ciências Sociais* e, por fim, acrescentou: *outra é a minha vocação*. Segundo suas palavras, seria sempre, tão simplesmente, um *estudante* de Ciências

Sociais. Observa-se, pois, que, desde os anos 20, Freyre sempre manteve uma relação ambígua com a área, ainda que manifestasse o desejo de ser reconhecido como cientista social.¹⁷

Esta afirmação acerca de sua vocação é um tanto quanto enigmática. Pode significar clareza de Freyre em relação a seu destino mais ligado à escrita do que aos afazeres professorais. Mas é possível também supor que as condições de sua nomeação para a cátedra de sociologia da Escola Normal tenham contribuído para que definisse, logo em sua primeira aula, o caráter experimental de sua condição de docente.

É que embora a nomeação de professores da Escola Normal Oficial do Estado exigisse a aprovação em concurso público¹⁸, Gilberto Freyre assumiu o cargo sem passar pela avaliação de uma banca nomeada. Bastou-lhe, para que assumisse suas aulas de sociologia, a indicação pessoal de Coimbra.

Estácio (Coimbra) me comunica que está combinada a fundação de uma cátedra de Sociologia na Escola Normal: consequência da reforma Carneiro Leão. 'A cátedra será tua', me informa ele. Conta-me ter sido procurado pelo G. N. que, sabendo dessa possibilidade – uma criação de tal cadeira – lhe dissera: 'O único que poderá ocupar esta cátedra sou eu: não vejo outro'. Estácio me conta ter-lhe respondido: 'Pois está enganado: o catedrático será o Dr. Gilberto Freyre, formado pela Universidade de Columbia, na Faculdade de Ciências Políticas, Jurídicas e Sociais, embora aqui ninguém saiba disso'. (FREYRE, 1975)

Freyre foi considerado pelo governador, indiscutivelmente, o único portador especializado do conhecimento sociológico capaz de assumir a função em questão.

II. Sociologia para normalistas

Apenas duas fontes nos permitem reconstruir, ainda que parcialmente, a experiência docente de Freyre na direção das aulas de sociologia da Escola Normal do Recife: o plano do

¹⁷ Texto da Aula Inaugural do Curso de Sociologia na Escola Normal do Recife. Acervo do Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre – Recife/PE.

¹⁸ Ulisses Pernambucano, em 1923, institui o concurso de títulos e provas para o provimento das cadeiras para a Escola Normal Oficial (Ato no. 588, artigos 92º ao 111º do Regulamento). Segundo esta legislação, o concurso era composto de prova escrita, arguição pela banca examinadora sobre dissertação escrita pelo candidato, aula de 45 minutos. (SELLARO, 2000: 176)

curso formulado para o ano de 1930 e o manuscrito de sua aula inaugural em 1929 (a que já nos referimos).¹⁹

A partir destas duas fontes procuraremos compreender: a) o que era sociologia para o autor, b) quais são os conceitos fundamentais da nova disciplina, c) qual o lugar da pesquisa sociológica, d) qual a relação entre o conhecimento sociológico e a ação social.

Antes, porém, observaremos algumas características da disposição dos temas do seu programa de aulas. A forma de organização e ordenamento dos temas do programa manifesta, ainda que timidamente, alguns direcionamentos peculiares, algumas escolhas de Gilberto Freyre, as quais fazem entrever aspectos importantes de sua concepção original acerca da sociologia.

Seu plano está basicamente dividido em cinco partes que qualificaremos do seguinte modo: 1. definição das ciências sociais e da sociologia. 2. métodos da pesquisa sociológica. 3. moldura conceitual da disciplina. 4. os temas sociológicos. 5. história da sociologia.²⁰

Uma das características mais notáveis do seu programa de aulas: Freyre não o inicia com um apanhado geral, histórico, das escolas sociológicas. Esse era o modo mais comum pelo qual se iniciavam os cursos de sociologia. Basta ver os manuais didáticos da disciplina da época. (MEUCCI, 2000) De maneira diversa, Freyre rapidamente inscreveu a sociologia no elenco das ciências, definiu sua especificidade; em seguida introduziu os alunos nos métodos de pesquisa e em alguns dos conceitos fundamentais para, por fim, discutir os temas considerados importantes do ponto de vista do conhecimento sociológico. O apanhado histórico acerca da disciplina ele o previa para o último período de aulas.

Tal disposição do conteúdo da matéria sugere um desejo de evitar ‘enciclopedismos’. Lembremos de que uma das características do pensamento social brasileiro dos anos 20 era exatamente a crítica ao bacharelismo, a tudo que representasse o conhecimento supostamente livresco. Freyre parecia concordar com esta crítica ao propor uma abordagem mais direta sobre a natureza do conhecimento sociológico, seus fins e meios.

De fato, no texto de sua aula inaugural, o autor não deixa dúvidas acerca do caráter ‘próximo’ que queria imprimir à disciplina sociológica. Nestas páginas, que guardam as primeiras palavras de Freyre para suas alunas, o autor expressou a vontade de que seu curso de sociologia

¹⁹ Plano de aulas de sociologia da Escola Normal de Pernambuco (1929). Acervo do Centro e Documentação da Fundação Gilberto Freyre – Recife /PE. Os tópicos do plano de aulas constam nos anexos desta tese.

²⁰ Plano de aulas de sociologia da Escola Normal de Pernambuco (1929). Acervo do Centro e Documentação da Fundação Gilberto Freyre – Recife /PE. Os tópicos do plano de aulas constam nos anexos desta tese.

fosse diferente, ousado e inovador. Ousadia e inovação que estavam, sobretudo, relacionadas à capacidade de estabelecer relação entre o conhecimento teórico e a realidade social mais próxima.²¹

Freyre expressava, com efeito, o desejo de propor uma "*sociologia aplicada à análise e à tentativa de interpretação daquilo que mais de fato nos afeta como meio ou ambiente social: o Brasil, o Nordeste, Pernambuco, o Recife, o bairro, a rua, a casa*".²²

Na abertura do plano de aulas, Freyre já qualificava a sociologia como o estudo *técnico ou concreto dos fatos sociais, próximos, de imediato interesse nacional e local*.²³ Pareceu seguir criteriosamente a recomendação de Carneiro Leão de propor uma abordagem sociológica preocupada com fatos recentes.

A primeira parte do programa, dedicada à definição da sociologia no quadro geral das ciências, foi apresentada deste modo: "*Os fatos sociais. As ciências sociais. Sua diferenciação, lugar entre elas da sociologia. Relação da sociologia com a biologia*". Observamos que Freyre, neste tópico, apresentou a intenção de discutir o lugar da sociologia entre as ciências sociais. Procurou definir os fatos sociais e diferenciá-los do conhecimento sociológico das outras ciências próximas.²⁴

Destaca-se, sobretudo, a tentativa de estabelecer a relação da sociologia com a biologia. Ainda que não possamos inferir o conteúdo desta discussão, nos parece que, ao propor uma 'relação' entre as duas áreas de conhecimento, Freyre estava supondo a existência de uma reciprocidade entre os condicionamentos biológico e social. Com efeito, veremos que em *Sociologia: uma introdução aos seus princípios* (1945) o autor apresentará uma noção de *raça* peculiar, que admite condicionamentos recíprocos entre os fatores sociais e biológicos. E por fatores biológicos parecia compreender igualmente os raciais e os ecológicos. Basta ver que no quarto tópico do Plano de aulas, Freyre propõe o estabelecimento de uma relação entre os fatos da natureza física e os fatos sociais.

²¹ Texto da Aula Inaugural do curso de sociologia na Escola Normal do Recife. Acervo do Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre – Recife/PE.

²² Texto da Aula Inaugural ao curso de sociologia na Escola Normal do Recife. Acervo do Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre – Recife/PE.

²³ Plano de aulas de sociologia da Escola Normal de Pernambuco (1929). Acervo do Centro e Documentação da Fundação Gilberto Freyre – Recife/PE. Os tópicos do plano constam nos anexos desta tese.

²⁴ Plano de aulas de sociologia da Escola Normal de Pernambuco (1929). Acervo do Centro e Documentação da Fundação Gilberto Freyre – Recife /PE. Os tópicos do plano de aulas constam nos anexos desta tese.

Um aspecto notável de sua aula inaugural, sobre o qual desejamos chamar atenção, é o modo como Freyre representa a condição epistemológica da sociologia e como avalia sua situação teórica atual.

Freyre reconhece que a ciência sociológica é uma ciência singular que exige certa dose de *imaginação* (este é o termo usado por ele na época). A sociologia se apresenta, segundo o autor, como um estudo científico que tem grande familiaridade com a filosofia, a engenharia e a arte. Para ele, artífices criativos de idéias sociológicas foram Marx e Comte e, também, Giddings.²⁵

Não obstante, a sociologia é também caracterizada por Freyre como uma ciência em formação que padecia, principalmente, dos grandes exageros do século XIX. Dois tipos de exageros: em primeiro lugar, os exageros contidos nas obras de Marx e Comte, cujas generalizações de suas *teorias-catedrais* chegaram ao extremo de ignorar certas manifestações singulares da vida social. Em segundo lugar, dizia Freyre, um furor napoleônico vitimava a sociologia e tornava tudo que é *social* sociológico: estendendo ao exagero de atuação da sociologia e dos sociólogos, esse tipo de perspectiva, acabava, segundo Freyre, provocando confusão entre a nova ciência, o socialismo ou qualquer obra de caráter social.

Freyre se inseriu numa tradição sociológica de forte repercussão nos Estados Unidos que se caracterizava por uma espécie de 'revolta' contra as teorias sociais do século XIX, especialmente as de Marx e Comte. De modo geral, os intelectuais americanos, a exemplo de Dewey e Veblen, estiveram convencidos de que grandes teorias eram incapazes de compreender a riqueza, a complexidade, o movimento e a plenitude da vida social. Por isso, buscaram sistematizar métodos capazes de fazer compreender os mais sutis processos que se manifestam na vida social. (WHITE, 1957: 11)

A propósito, na segunda parte do plano de aulas, dedicado à explanação dos conceitos sociológicos, percebe-se claramente que Freyre vinculava-se a uma perspectiva sociológica muito ligada aos processos de socialização. Citou então dois conceitos sociológicos significativos desta direção: *controle social* e *processos de socialização*.

Lembremos que 'controle social' é um termo que surgiu nos Estados Unidos. Um dos marcos mais importantes que assinalam a sistematização deste novo conceito é a publicação, em

²⁵ Texto da Aula Inaugural do curso de sociologia na Escola Normal do Recife. Acervo do Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre – Recife/PE.

1901, do livro *Social Control* de Edward Alsworth Ross²⁶. (ALVAREZ, 2004) (WEINBERG, HINKLE e HINKLE, 1969: XXX)

Ross estava orientado pela indagação acerca do modo como a sociedade criava e reproduzia mecanismos para sua auto-regulação. O conceito *controle social* trazia implícita a idéia (que é fundadora da sociologia) de que o equilíbrio da sociedade não é mantido apenas por mecanismos jurídicos ou sanções formais, mas é produto de relações e processos sociais mais amplos. (ROSS, 1969)

Segundo indicam alguns estudos, a obra 'Social Control' exerceu considerável influência nos primeiros tempos da sociologia norte-americana. Ao lado de *Human Nature and the social order* (1902) de Charles Cooley e *Folkways* (1906) de William Sumner foi compreendida como clássico fundador da sociologia nos Estados Unidos (MELOSSI, 1992) (VILANOVA, 1998) (WEINBERG, HINKLE e HINKLE, 1969) O conceito de controle social recebeu redefinições importantes nas inúmeras obras de sociologia que apareceram entre as décadas de 10 e 30 do século XX. A noção de auto-regulação da sociedade e a crítica ao imperativo da jurisprudência estão, também, presentes nos trabalhos de Franklin Giddings, Ernest Burgess, Charles Cooley, etc. (WEINBERG, HINKLE e HINKLE, 1969: L)

A noção de controle social corresponde, no programa de Freyre, à idéia de socialização. Freyre propôs, em seu plano de aulas para a Escola Normal de Pernambuco, a apresentação do conceito de *formas de socialização*. Inspirado em Giddings²⁷, previu a discussão das seguintes formas de socialização: *agregação, associação, cooperação, combinação, organização, comunicação, diferenciação*.²⁸ Constatamos aqui a ausência das noções de competição e conflito.

As noções de *controle social e processos de socialização* surgiram e repercutiram nos EUA exatamente nos anos da emergência de conflitos sociais ligados ao processo de

²⁶ Conhecido principalmente como autor de 'Social Control' Edward Ross chefiou o departamento de Sociologia da Universidade de Wisconsin durante muitos anos, após ser demitido da Universidade de Stanford, Califórnia em 1900 por criticar a política docente. Economista de formação, originário de uma família rural e protestante, notabilizou-se como publicista e reformador social de inspiração populista. Do mesmo modo que Giddings em Columbia, Ross não conseguiu dar ao departamento de Sociologia da Universidade de Wisconsin a proeminência alcançada pelo departamento de Sociologia da Universidade de Chicago, em grande medida pelo seu notório desinteresse pela pesquisa de campo, por um lado, por outro, pelo seu intenso e passional envolvimento na atividade jornalística. (VILA NOVA, 1998: 62)

²⁷ Franklin Giddings foi um importante professor da Escola de Columbia nas décadas de 10 e 20, onde Freyre fizera seu curso de pós-graduação.

²⁸ Plano de aulas de sociologia da Escola Normal de Pernambuco (1929). Acervo do Centro e Documentação da Fundação Gilberto Freyre – Recife /PE. Os tópicos do plano de aulas constam nos anexos desta tese.

industrialização e urbanização (que, rigorosamente, se manifestara desde o final do século XIX até a década de 30). Parecia que, com o surgimento de novos atores e a complexificação da sociedade, procurou-se, através das ciências sociais e seus conceitos, estabelecer fundamentos teóricos e práticos para a celebração de um novo acordo social no qual fosse possível incluir imigrantes, operários, católicos, judeus, pobres ou remediados.

A enorme repercussão da ciência social (que vimos no início deste capítulo) e da noção de controle social e processos de socialização (que acabamos de aludir) revela que, para celebração deste novo acordo, os pensadores americanos não partiram para a formulação de um conceito apriorístico de Estado. Ao contrário, dedicaram grande parte de seus esforços para o debate acerca da natureza empírica dos processos de socialização e regulação social. Rigorosamente buscaram a solução para o dilema do contrato fora do domínio estritamente político, e se arremessavam no terreno da pesquisa sociológica para compreensão dos aspectos sutis de produção e reprodução da ordem social. (MELOSSI, 1992)

É certo que grande parte destas questões postas pelos intelectuais norte-americanos do período tinha sua origem no pensamento alemão. Os autores alemães tinham grande ressonância nos Estados Unidos nesta época, basta ver os numerosos leitores das resenhas das obras de Simmel nos meios acadêmicos norte-americanos, especialmente entre as décadas de 10 e 20. (VILA NOVA, 1998:85)

Tudo leva a crer (embora não possamos aqui fazer uma análise detalhada da questão), que os intelectuais americanos do início do século XX se identificavam com os dilemas e as soluções teórico-metodológicas propostas por pensadores alemães no campo dos estudos sociais. É possível que tal identificação intelectual estivesse relacionada com certa similitude entre os dilemas da heterogeneidade social enfrentados pela sociedade norte-americana em transformação e os desafios postos pela tentativa de unificação do Império Austro-Húngaro. No limite, ambas as nações, Estados Unidos e Alemanha, depararam-se (ainda que com diferenças notáveis em suas experiências históricas) com os desafios de manter uma unidade social e nacional sob o signo da enorme heterogeneidade social, cultural, racial.

É possível, portanto, supor que em contextos desafiados pela enorme heterogeneidade da sociedade, a crítica ao racionalismo e aos imperativos sociais universais, associada à proposição de procurar os fundamentos para um acordo político nos processos intestinos da sociedade tinha grande repercussão. A rigor, tratava-se de procurar a solução para o consenso na estrutura social,

na maneira sutil como se produzem e reproduzem igualmente os conflitos e o equilíbrio, os mandantes e os subjugados.

Freyre, de acordo como o que sugere o plano de aulas aqui analisado, provavelmente tinha alguma familiaridade com as obras de Ross, Giddings e outros autores americanos.²⁹ Tinha também alguma afinidade com as idéias de Simmel, um dos importantes sociólogos alemães da virada do século com enorme ressonância nos Estados Unidos.

Certamente a experiência acadêmica norte-americana possibilitou o contato com tais conceitos sociológicos fundamentais que permitiram Freyre produzir uma verdadeira 'revolução copernicana' no pensamento social brasileiro.

Com efeito, Freyre, ainda que de modo conservador, tivera ao seu alcance os meios intelectuais para focar o olhar sobre os processos sociais em lugar de privilegiar o formato do Estado. Desse modo, se não foi o pioneiro, foi capaz de sistematizar uma tendência bastante dispersa entre os autores brasileiros, que se manifestava aqui e acolá diluidamente em algum modernista, algum educador ou até mesmo em algum jurista mais ousado.

Ou seja, verificamos, através da consulta ao programa das aulas de sociologia da Escola Normal, que Freyre teve o privilégio da posse dos instrumentos conceituais capazes de chamar a atenção sobre a sociedade. Rompeu assim a monotonia do debate sobre a arquitetura jurídica do Estado. Ao se familiarizar, nos Estados Unidos, com um debate acadêmico que priorizava o desvendamento da natureza empírica dos processos sociais em lugar de preocupar-se com a estruturação apriorística do Estado, Freyre estava, pois, mobilizando as condições favoráveis para que produzisse não apenas uma nova interpretação da sociedade brasileira, mas uma nova proposição para a resolução da crise do pacto oligárquico.

Nesse sentido, o episódio da docência na Escola Normal de Pernambuco revelou-se como uma oportunidade para rever os conceitos sociológicos exatamente nos momentos finais da crise do pacto oligárquico.

Finalmente, voltemos à análise do programa de aulas da Escola Normal de Pernambuco. Nestas páginas, Freyre apresentou sob a forma de 10 tópicos os temas privilegiados da discussão sociológica. São os seguintes assuntos, que segundo o planejamento, passariam a ocupar as

²⁹ A propósito, veremos que Freyre cita constantemente em *Casa-Grande & Senzala*, o livro de Ross *The old world in the new*, publicado em Nova Iorque em 1914, um estudo sobre a imigração portuguesa nos EUA. (FREYRE, 2004: 351)

aulas de Freyre: a) família, b) Estado, c) produção e consumo de riqueza, d) moral social, e) pauperismo, e) crime, f) urbanismo, g) sociologia rural, h) miscigenação, i) sociologia da criança e, por fim, j) história da sociologia.³⁰

A relação de temas, com efeito, segue o padrão clássico dos compêndios sociológicos publicados na época tanto nos EUA como na Europa. Não obstante, cabe observar que Freyre manifestava disposição para discuti-los em suas repercussões mais próximas. "*A família no Brasil*", "*Problemas sociológicos do governo no Brasil*", "*A Igreja católica e a organização brasileira*", "*O problema da miscigenação no Brasil*" "*O urbanismo no Recife*". estes são tópicos que figuram no programa e demonstram a preocupação com a análise do que se convencionou denominar de 'realidade nacional'.³¹

Notemos que o programa de aulas proposto por Freyre mergulha rapidamente nos temas sociológicos propriamente ditos. *Família* é o primeiro tema que ele desejava discutir. Sucedido pelos temas *Estado* e *Produção e Consumo*. Forma-se então uma trilogia com a qual Freyre parecia querer inaugurar a reflexão sociológica entre as normalistas, composta pelas esferas da família, do Estado e do mercado.

Não nos parece casual que *família* ocupe o primeiro lugar entre os temas deste programa. O conhecimento da totalidade da obra de Freyre nos revela que a família é, para ele, a base fundamental do processo de socialização humana. (BASTOS, 1986).

A propósito, um dos poucos compêndios de sociologia que pudemos consultar na biblioteca pessoal de Freyre é *Elements de sociologie* (1930) de Celestin Bouglé e R. Raffault.³² Neste livro há, pois, muitos trechos sublinhados, um dos quais se refere à afirmativa de que a variedade de formas de Estado corresponde à variedade de formas de organização familiar. Outro trecho assinalado resume o argumento de Montesquieu, no qual o filósofo afirma que a lei deve corresponder aos costumes.

Vale lembrar que o livro de Bouglé é, pois, uma coletânea de textos de sociologia que, não obstante, compreende autores franceses considerados conservadores a exemplo de De Bonald, Comte, etc. Em geral, tais autores, selecionados pelo organizador do volume, partem do

³⁰ Plano de aulas de sociologia da Escola Normal de Pernambuco (1929). Acervo do Centro e Documentação da Fundação Gilberto Freyre – Recife /PE. Os tópicos do plano de aulas constam nos anexos desta tese.

³¹ Plano de aulas de sociologia da Escola Normal de Pernambuco (1929). Acervo do Centro e Documentação da Fundação Gilberto Freyre – Recife /PE. Os tópicos do plano de aulas constam nos anexos desta tese.

³² Celestin Bouglé foi professor adjunto da Sorbonne. Publicou entre outros livros, *Qu'est-ce la sociologie?*(1939) e *Le guide de l'étudiant en sociologie* (1931).

pressuposto de que a família e a nação são os grupos sociais mais importantes para a sociologia. A família, em geral, é entendida como o fundamento da educação moral, por consequência, é considerada como fundamento da sociedade.

Em certo sentido, a presença desta coletânea na biblioteca pessoal de Freyre, seus grifos e notas laterais, revelam que um tanto da inspiração dos conservadores franceses circula pela interpretação de Freyre e que a noção de que a sociedade é auto-regulada se soma a uma percepção acerca da centralidade do papel socializador da família e do ambiente doméstico.

Mas retomemos mais uma vez a análise do programa de curso. Os temas seguintes são ligados aos problemas de coesão social: *moral, pauperismo, crime*. Pobreza e criminalidade são, com efeito, temas comuns à sociologia européia e americana. Basta recordar dos tratados italianos de sociologia criminal, tão difundidos no Brasil. Também a vertente sociológica cristã teria consagrado os problemas de 'pauperismo' na pauta de discussão da disciplina.³³

Mas lembremos também que em Recife dos anos 20 esses eram temas especialmente significativos. Em pleno processo de concentração de riqueza, assistia-se ao desenvolvimento do cangaço no campo e ao aumento dos mucambos na cidade. Cotidianamente a população acompanhava nos jornais da época numerosos relatos e imagens dos crimes cometidos por cangaceiros no interior do estado de Pernambuco.³⁴

É possível que a 'atualidade' desses problemas tenham motivado de modo especial a escolha de Freyre por esses temas, considerando-os fundamentais para o preparo das normalistas. Suas alunas, que seriam professoras primárias no sertão ou no litoral do Estado, deveriam afinal refletir sociologicamente sobre estas questões. A escolha de Freyre não parecia ser, pois, aleatória.

A seguir, o programa prossegue com dois temas também significativos: *urbanismo* e *sociologia rural*. Possivelmente temas a partir dos quais Freyre procurou discutir como se traduziram, na organização socio-espacial, o embate entre moderno e tradicional. Observamos que ele não utilizou a expressão 'sociologia urbana', mas *urbanismo*. Certamente desejava discutir as mudanças urbanas ocorridas na cidade de Recife entre as décadas de 10 e 20 (muitas das quais, aliás, mereceram a reprovação pública de Gilberto Freyre).

³³ Uma boa amostra acerca do pensamento sociológico cristão no Brasil pode ser verificada nos compêndios sociológicos de Amaral Fontoura. (FONTOURA, 1944, 1953)

³⁴ Ao folhar diferentes jornais da época de Pernambuco (Diário da Manhã, Diário de Pernambuco, A Província) percebemos quanto o tema do cangaço estava na ordem do dia. Sobre a história do cangaço no Brasil ver: (QUEIROZ, 1977)

O próximo tópico: *miscigenação*. Lembremos que a questão racial era um dos nós do pensamento social brasileiro da época. Nesse sentido, é compreensível que Freyre considerasse necessário o enfrentamento da questão em suas aulas de sociologia.

Por fim, antes de propor um apanhado da *história da sociologia*, Freyre propôs uma discussão sobre o que ele denomina *sociologia da criança*. Não há dúvidas de que se trata de um tema que considerava importante para o preparo das professoras primárias.

Não obstante, chama a atenção o fato de que esta lista de temas de seu Programa de Aulas inicie com a discussão sobre o desenvolvimento histórico da família e seja concluído com o que ele denominou de *sociologia da criança*. Neste movimento temático, observa-se afinal um retorno circular ao campo da 'intimidade'. Freyre revela assim um interesse particular pela esfera privada e pelos primeiros mecanismos de socialização. Parece, pois, que na tradição de pensamento ao qual Freyre se inscreveu, a unidade familiar e a lapidação do indivíduo em pessoa social são temas caros. Basta lembrar que é exatamente neste período que ele manifestou a intenção de escrever um livro sobre a história da infância no Brasil. (GIUCCI & LARRETA, 2002: 726)

O balanço dos tópicos deste programa de curso nos permite observar os temas sociológicos eleitos por Freyre para a formação de jovens educadoras. Permite observar, sobretudo, o seu interesse pela esfera da intimidade. Possivelmente queria encontrar nesta esfera os mecanismos de regulação da vida social. Constatamos ainda que, dentro desta orientação, havia um esforço, mais ou menos sistemático, para discutir o que então se costumava denominar 'realidade' mais imediata.

Com efeito, numa espécie de preâmbulo do programa, Freyre expôs o desejo de que o curso se voltasse para a observação dos fatos sociais próximos. Para tanto informa o seguinte às alunas:

O curso de Sociologia compreenderá o estudo analítico e histórico dos fatos sociais, em geral, e o estudo técnico ou concreto de fatos sociais próximos, de imediato interesse nacional e local. Para o estudo dos últimos a classe tentará sondagens por meio de estatísticas, inquéritos e 'social survey'. Pela classe de Sociologia serão visitados no Recife e cidades próximas os principais serviços públicos, obras de assistência social, bairros pobres, usinas, fábricas, etc., exigindo-se do estudante o máximo de trabalho pessoal, de observação e de pesquisa.³⁵

Freyre recomendou ainda que suas alunas mantivessem um 'caderno de retalhos', no qual deveriam reunir material impresso recente, recortado dos jornais, acerca de temas interessantes do ponto de vista sociológico. O propósito era que trouxessem este material, assim reunido, para discussões semanais em sala de aula. Desse modo, Freyre acreditava que as alunas estariam exercitando a capacidade de refletir acerca da vida social.

Também exigia que as alunas conhecessem detalhes da vida cotidiana do seu bairro, desde os serviços públicos até os hábitos sociais.

As alunas deverão conservar dois cadernos: um de notas, registrando as explicações dadas na classe; outro de retalhos de jornais, com artigos, notícias, etc., sobre fatos e atualidades de interesse sociológico. O material reunido nesses cadernos de retalhos será objeto de discussão e motivo para troca de idéias uma vez por semana. Frequentemente terão as alunas de responder a questionários em torno dos fatos sociais dentro de sua própria experiência e observação (a hora que passa a Limpeza Pública na rua onde mora a aluna, a natureza exata do calçamento, da iluminação na rua, dos hábitos sociais dos vizinhos, etc).³⁶

Freyre estava preocupado em criar meios para que as alunas se habituassem a refletir acerca da vida social, especialmente suas manifestações mais atuais e próximas. Desde aquela época, o autor já atribuía grande importância aos jornais na pesquisa sociológica. Considerava-o uma fonte nada insignificante para o acesso ao cotidiano de um determinado grupo social.

Com efeito, muitos anos depois, em 1973, Freyre afirmava que o exame e a interpretação de anúncios de jornais são substratos importantes para o desenvolvimento da abordagem micro-sociológica:

³⁵ Plano de aulas de sociologia da Escola Normal de Pernambuco (1929). Acervo do Centro e Documentação da Fundação Gilberto Freyre – Recife /PE. Os tópicos do plano constam nos anexos desta tese.

³⁶ Plano de aulas de sociologia da Escola Normal de Pernambuco (1929). Acervo do Centro e Documentação da Fundação Gilberto Freyre – Recife /PE. Os tópicos deste plano constam nos anexos desta tese.

É um exame, o deste material, que nos põe em contato com um conjunto de fatos, de tendências, de símbolos de tal interesse humano e de tal importância social que não há exagero em dizer-se dos anúncios de jornais quase o mesmo que Capistrano de Abreu disse uma vez das crônicas da Companhia de Jesus relacionadas com o Brasil colônia: que sem o estudo deste material é incompleta a história da formação nacional brasileira. Incompleta será toda tentativa de interpretação do 'ethos' brasileiro que ignore ou despreze não só os elementos de informação como as sugestões, de ordem psicossocial, contidas nos mesmos anúncios, a seu modo, crônicas daquela formação e expressões desse 'ethos' ainda em desenvolvimento. Pode-se já falar numa Sociologia dos anúncios de jornais como uma Sociologia especial a espera de quem a sistematize de todo. (FREYRE, 1973: 11)

Freyre considerava, pois, que é possível também surpreender nos anúncios e matérias jornalísticas as relações psicossociais entre os elementos de uma dada sociedade: a relação entre homens e mulheres, entre vendedores e compradores, entre dominantes e dominados. (FREYRE, 1973b: 10)

Observemos que os fundamentos dessa perspectiva analítica que valoriza o exame de jornais foram cultivados desde os tempos de suas aulas na Escola Normal. Freyre afirmou que o autor norte-americano Guy B. Johnson lhe apresentou a importância dos jornais para a análise sociológica em 1925, por meio de uma pesquisa acerca dos problemas da relação entre a cultura de negros e brancos nos Estados Unidos baseada, sobretudo, em anúncios de jornais. (FREYRE, 1973b: 19)

No Plano de Aulas para a Escola Normal, os jornais foram utilizados como recurso pedagógico. Tratava-se certamente de aproximar suas alunas da vida cultural, policial e política da região. Uma estratégia didática que, não obstante, ia de encontro aos fundamentos metodológicos do autor.³⁷

Entretanto, além dos jornais como apoio didático, Freyre previa também a discussão de "films". Lembremos que nesta época o cinema surgia como um fato importante da vida cultural. Os "films" estavam então se constituindo como parte da vida e do lazer das pessoas. Em 1929, nos Estados Unidos havia cerca de vinte e três mil salas de cinema.

³⁷ Plano de aulas de sociologia da Escola Normal de Pernambuco (1929). Acervo do Centro e Documentação da Fundação Gilberto Freyre – Recife /PE. Os tópicos do plano de aulas constam nos anexos desta tese.

No Brasil, nesta época, do mesmo modo, iniciava-se a formação de um público assíduo. Surgiram, também, entre nós, as primeiras iniciativas de produção cinematográfica. Pernambuco, especialmente neste período, tivera uma produção local notável: a maior fora do eixo Rio-São Paulo. Tal produção ficou conhecida como "*Ciclo do Recife*" e se caracterizou pela temática regionalista. Nas telas, jangadeiros, cangaceiros e coronéis. É possível que Freyre se referisse a esta produção local a fim de orientar suas alunas.

Freyre parecia estar de acordo com os fundamentos da moderna Pedagogia da Escola Nova (ou Escola Ativa). Considerava necessário o vínculo entre os conceitos abstratos e a realidade, cultivado por meio da participação ativa e criativa das alunas. A cobrança de dois cadernos - um voltado às notas gerais de aula e outro contendo testemunhos da vida social em fluxo - parece ser uma evidência eloqüente desse esforço de estabelecer uma relação entre conceitos e teorias e os fatos cotidianos.

Por meio destes artifícios pedagógicos, Freyre desejava que suas alunas compreendessem condições diversas de vida à sua volta que, como costumava destacar, eram bastante variadas de região para região, de cidade para cidade, e ainda, dentro de uma cidade, de acordo com o bairro, a rua ou, até mesmo, com a idade e o estado civil dos indivíduos. Freyre parecia, assim, querer estimular a compreensão da diversidade da vida social, sobretudo a diversidade regional. Aos seus olhos, a sociologia era um saber privilegiado, capaz de colocar os alunos em contato com o que denominou no texto da aula inaugural de "*aspectos ignorados das existências regionais do Brasil.*"³⁸

Aqui se revela o *sentido* do aparecimento do ensino da sociologia no sistema secundário brasileiro exatamente no Nordeste, no Recife: a disciplina parecia estar destinada a fazer reconhecer as diferenças regionais. A consciência da decadência, o combate à nova hegemonia econômica e política do centro-sul (que foi também a luta contra o predomínio de um novo *ethos* burguês) tornou possível o desenvolvimento de uma consciência da diversidade cultural e regional, cujo instrumento para legitimação passava então necessariamente pelo discurso sociológico. Num certo sentido, o que se vê no plano de aulas de Freyre é um salto da questão regional para o 'problema sociológico'.

³⁸ Texto da Aula Inaugural de sociologia da Escola Normal de Pernambuco. Acervo do Centro e Documentação da Fundação Gilberto Freyre – Recife /PE.

Mas aqui uma pergunta: É possível que, em Freyre, seu discurso sociológico se confunda com o seu discurso regionalista? A resposta: embora o autor acredite que a observação sociológica exija um recorte empírico preciso (frequentemente baseado na noção de região), ele não considera que o *sociológico* possa ser confundido com o *regional* ou com o *ecológico*. Na verdade, acreditamos que é a partir de uma formulação sociológica mais sofisticada (cuja sistematização acreditamos que ele inaugura neste curso para Escola Normal) que Freyre foi capaz de colocar sobre bases mais fecundas os problemas da época, sobretudo a questão da nação e do Nordeste, da modernização e do modernismo sempre tão incômodas na pauta de enigmas intelectuais da época. Em certo sentido, o discurso sociológico tornou-se, para Freyre, um recurso necessário para ultrapassar os simplismos 'folcloristas' do Movimento Regionalista, por exemplo. Tornou-se também um instrumento de uma luta política que se traduzirá numa disputa intelectual especialmente acirrada no campo da sociologia, mais do que na Antropologia.

Retomemos então a articulação entre região e sociologia em seu texto da Aula Inaugural. Freyre compreende a região como uma unidade de observação sociológica fundamental que se combina a uma perspectiva ecológica. Nesse sentido é que chama a atenção das alunas para o fato de que é necessário ficar *dentro do critério regional e ecológico de investigações sociais*. Questões de método e aplicação exigem a restrição do campo de análise para uma realidade diminuta (a rua, o bairro e, principalmente, a região) que naturalmente manifestam fenômenos de natureza sociológica. É, pois, uma proposta similar às hoje denominadas *teorias de médio alcance*, nas quais as generalizações não podem se dar senão com base na pesquisa empírica.³⁹

Este é, pois, um procedimento recomendável, de acordo com Freyre, para o desenvolvimento dos estudos sociais. Observemos mais uma vez suas palavras:

A Sociologia regional permite isolar o que for geográfico (...), o que sendo ainda ecológico, já seja sociológico. Isto é, manifesta-se em formas que correspondem a condições sociológicas de espaço social, suscetíveis de se encontrarem, como formas, em vários espaços sociais independentes de condições de clima, de cultura, de organização econômica, de sistema político. Por ser extremamente difícil isolar de todo formas de substâncias é que, em trabalhos de Sociologia Aplicada, o pesquisador é obrigado a analisar seu objeto de estudo – uma rua por

³⁹ Texto da aula inaugural de sociologia da Escola Normal de Pernambuco (1929). Acervo do Centro e Documentação da Fundação Gilberto Freyre – Recife /PE.

*exemplo, ou um bairro, ou uma região – considerando-o em vários dos seus aspectos de totalidade ou de complexo social, nem todos eles aspectos formais: alguns substanciais.*⁴⁰

Esta passagem é importante. Como já destacamos acima, permite constatar que o fato *sociológico* não se confunde com o *regional* em Freyre. O fato propriamente *sociológico*, segundo sua perspectiva, manifesta-se numa *forma* mais geral, independente da *substância* geográfica, econômica ou política regional.

Esboça-se aqui uma distinção que fundamentará a sua compreensão da natureza da sociologia e seus vínculos com outras disciplinas: a distinção entre *forma* e *substância* provavelmente originária de suas leituras diretas ou indiretas de Simmel, sociólogo alemão de grande ressonância nos Estados Unidos. Trata-se de uma distinção que ganhará destaque e será sistematizada na sua obra *Sociologia: uma introdução aos seus princípios* que analisaremos mais adiante.

A compreensão disso é importante, sobretudo, para entender certos aspectos ligados a sua tese sobre o patriarcado no Brasil. Observaremos a importância desta distinção para o debate que Freyre enfrentará no final dos anos 40 sobre a validade da generalização da idéia de patriarcado. Ressonâncias deste debate serão entrevistas, por exemplo, na segunda edição de *Sobrados & Mucambos*.

Nesse sentido, é de se supor que Freyre reúne aqui, em suas aulas de sociologia na Escola Normal, um dos recursos teóricos mais importantes com o qual constituirá a ossatura do seu pensamento, principalmente, o fundamento para sua idéia crucial acerca do patriarcado brasileiro: a distinção entre *forma* e *substância*.

Notemos que Freyre condenou a elaboração de grandes teorias sociais ao mesmo tempo em que incentivou pesquisas de médio alcance teórico que, não obstante, tenham como preocupação fundamental investigar as formas fundamentais de socialização humana que se manifestam sob a diversidade regional e ecológica.

Ainda assim, ele afirmava que uma das maiores contribuições da pesquisa sociológica para a formação de suas alunas é o reconhecimento dos aspectos regionais. É como se quisesse, por meio dos instrumentos de análise sociológica, conferir inteligibilidade e inteligência às realidades regionais ignoradas e, a partir disso, propor formas de ação.

⁴⁰ Texto da Aula Inaugural do curso de sociologia na Escola Normal do Recife. Acervo do Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre – Recife/PE.

Com efeito, na segunda parte do plano de aulas, dedicada às questões de método, Freyre introduziu uma explicação sobre o *social survey* e ainda vinculou esta discussão metodológica a uma reflexão acerca da “*sociologia como técnica de ação social*”.⁴¹ Parece, nesse sentido, evidente que era sua intenção manter uma compreensão verdadeiramente pragmática da disciplina.

Para ele, a pesquisa empírica, assim caracterizada, foi considerada importante sob dois aspectos: 1) Por um lado, compreendida como essencial para a construção de um novo arcabouço científico para a sociologia a fim de que se evitem as generalizações que caracterizaram a teoria social do século XIX. 2) Por outro lado, permite fundamentos para a ação social. Mas que tipo de ação social Freyre imaginava possível a partir do conhecimento de formas de socialização?

O próprio autor respondeu esta indagação quando nos lembrou que os resultados de uma das investigações sociológicas realizadas por suas alunas (sobre as formas de lazer infantis no Recife) serviram de fundamento para a implantação dos primeiros *play-grounds* em praças públicas de Recife. Lamentavelmente, não encontramos no Centro de Documentação os trabalhos de curso das alunas aos quais se referiu o autor. A única menção a isso é uma nota de Freyre no próprio diário:

Estamos descobrindo que muitas crianças do Recife não têm onde brincar. Que o Recife, com a extensão dos velhos sítios particulares que não vem sendo substituídos por parques ou jardins públicos, está se tornando uma cidade inimiga dos meninos. Os meninos que não tem onde jogar nem brincar: a não ser nas ruas. Sujeitos a ser esmagados pelos automóveis. Havemos de conseguir do Prefeito que inicie no Recife, ainda que de um modo modesto, um sistema de play-grounds. Outra novidade completa para o Brasil. Há de ser uma reivindicação para esta cidade do primeiro grupo de adolescentes brasileiros que vem realizando pesquisa de campo sociológica. Estácio está entusiasmado. Aliás, ele próprio me pede ‘conselhos sociológicos’ como com relação ao valado para dividir, no interior, a pecuária da agricultura: obra também pioneira de zoneamento de área rural. A Sociologia, quase sem aparecer, está dando um sentido novo ao governo de Pernambuco: a várias iniciativas tanto urbanas no Recife, como rurais. O Recife precisa não só de play-grounds, como de parques que se prestem a várias utilizações e sempre a uma maior aliança entre Cidade e Natureza. (FREYRE, 1975:236)

⁴¹ Plano de aulas de sociologia da Escola Normal de Pernambuco (1929). Acervo do Centro e Documentação da Fundação Gilberto Freyre – Recife /PE. Os tópicos do plano de aulas constam nos anexos desta tese.

Deste trecho se deduz a contribuição aguardada da sociologia, segundo Freyre: a intervenção sobre o mundo, sobretudo no controle e solução de alguns dos efeitos inexoráveis da modernização.

Diante da constatação empírica de que as crianças não tinham onde brincar no Recife dos anos 20 - já que os velhos sítios particulares desapareciam e as ruas eram tomadas por velozes automóveis - era necessária a intervenção ativa no sentido de criar um sistema de *play grounds*. Freyre pensava em conservar assim formas básicas de socialização (os folguedos e brincadeiras seculares) e evitar o afastamento da natureza. Nesta declaração, a sociologia lhe aparece como um instrumento para o controle dos efeitos inexoráveis da modernização.

O conhecimento sociológico, assim compreendido, era, para Freyre, bom orientador da ação, seja na reorganização da vida urbana ou rural. A sociologia como fundamento da ação política, o sociólogo como conselheiro do governo.

Certamente o contato com a sociologia norte-americana influenciou Freyre no sentido de pensar as Ciências Sociais muito ligadas a uma atitude de reforma social. Sobretudo a orientação do pragmatismo norte-americano - qual seja, o do conhecimento como orientação para ação - deve ter sido decisivo na formação de Gilberto Freyre e na própria concepção acerca do caráter 'aplicável' das ciências sociais. (VELHO, s/d) (VILA NOVA, 1998)

III. Conservação e criação

Como vimos, houve um momento oportuno em que o reformismo educacional buscou na sociologia os fundamentos científicos para a tarefa de organização social. A reforma Carneiro Leão em Pernambuco parece representar de modo muito paradigmático esse encontro entre reformismo, novos ideais pedagógicos e sociologia.

No debate sobre o esgotamento do pacto republicano, a nova disciplina sociológica foi compreendida como apoio intelectual de primeira ordem na construção da nação. Certamente, a busca pela 'realidade social brasileira' foi um grande fator favorável ao desenvolvimento da ciência social no Brasil neste período.

Lembremos que um diagnóstico feito na década anterior por Alberto Torres sugeria aos intelectuais que dois males essenciais eram responsáveis pelo atual estado de coisas no país: a

falta de contato com a realidade nacional e o mimetismo cultural e político.⁴² Acreditavam, pois, que as dificuldades do Brasil eram originárias, sobretudo, de uma suposta inadequação das instituições políticas à realidade nacional. Esta inadequação, não obstante, se estendia ao campo da cultura, das artes, da ciência. Entendia-se que a obsessão da elite brasileira em 'imitar' os europeus e norte-americanos no modo de vestir, nos gostos musicais e literários, na culinária, na decoração da casa, nas doutrinas sociais e políticas, etc. era verdadeiramente prejudicial à nação.

Desse modo, o combate ao mimetismo foi entendido quase como um dever cívico da intelectualidade. Ao mesmo tempo, pensava-se que a constituição de uma consciência nacional e de uma nova mentalidade dirigente exigia, sobretudo, o reconhecimento do que então costumaram denominar 'realidade nacional'.

Surge então a idéia de que a criação de um Estado brasileiro orgânico e eficiente, capaz de conter as tensões, só poderia ser possível por meio da constituição de uma elite conhecedora de nossa sociedade, de nossa cultura e de nosso meio geográfico. O combate às soluções políticas exógenas (liberais ou marxistas) se daria, portanto, por meio da elaboração de soluções mais apropriadas às condições nacionais peculiares.

Todos os intelectuais do período estavam então em busca do que é o *Brasil* e do que é *ser brasileiro*. Responder a estas indagações era, afinal, favorecer também a solução para os impasses políticos do período. Celebrou-se, assim, um desejo de articulação entre sociedade e Estado brasileiro, entre cultura e política. E criou-se um substrato fecundo para a valorização das ciências sociais (OLIVEIRA, 1980) (BASTOS, 1986)⁴³

Nesse sentido, sob o abrigo do termo 'sociologia' sintetizaram-se aspirações relativas à formação de uma nova nação, na qual Estado e sociedade estariam organicamente articulados. A nova disciplina científica fazia, pois, parte do ideário de salvação nacional.

Não obstante, no imaginário intelectual da época, a sociologia ajudaria não apenas na celebração do acordo entre Estado e Sociedade, mas também no acordo entre tradição e modernidade.

⁴² Acerca da revalorização do pensamento de Alberto Torres pelos intelectuais neste período ver algumas sugestões em (OLIVEIRA, 1980).

⁴³ Sobre a caracterização do 'estilo de pensamento' vigente nos anos 20 no Brasil ver: BASTOS, 1986. Segundo sua síntese, três importantes características do ensaísmo na época são: a crítica ao mimetismo cultural, o nacionalismo e o realismo. Tais características estão interligadas e manifestam uma aspiração de identificar que país era, afinal, o Brasil. A procura pela definição de uma identidade ao mesmo tempo cultural e nacional era o que mobilizava os esforços dos intelectuais do período. (BASTOS, 1986: 84-123)

A propósito, em 1926, foi publicado um livro que é especialmente representativo das expectativas em torno do conhecimento sociológico que se constituíram nesta época. Trata-se de *Introdução à Sociologia* de Pontes de Miranda, o primeiro livro de síntese sociológica elaborado no Brasil, de grande repercussão entre os intelectuais brasileiros. (MIRANDA, 1926)

O jurista, autor desta obra, era fascinado pelos benefícios que a sociologia poderia trazer à nação brasileira. Foi, como membro fundador da Academia Brasileira de Ciência no Rio de Janeiro, um militante radical, favorável ao desenvolvimento científico do país. Reivindicava especialmente a extensão da racionalidade científica para o campo da investigação social e a aplicação do conhecimento sociológico na realização de um novo projeto nacional. Vejamos suas palavras:

Depois de enfrentar problemas de Mecânica, de Física e de Biologia, com que se preparassem para a luta e a dignidade da existência, tiveram os povos de cuidar de outros mais complexos e mais graves, porque de todos dependem (...): os problemas sociais. (...) O nosso tempo assistiu ao bom êxito das aplicações científicas na indústria. A experimentação deu-nos confiança e a convicção na ciência. Compreende-se que se estabeleça a correlação, a simetria, entre o método dos laboratórios e os métodos da política. (...) Deseja-se reformular cientificamente, disciplinar a ação segundo os ditames da ciência.(...) Em todos os problemas sociais do momento terá a Sociologia de pronunciar a palavra decisiva: na ordem econômica (...), na ordem jurídica (...), na ordem religiosa e moral (...); na ordem política (...). (MIRANDA, 1926: 276) (grifo meu)

Observemos o caráter pragmático atribuído à sociologia: 'reforma' e 'disciplina' são as expectativas em relação à nova ciência. Para o autor, com efeito, a sociologia poderia contribuir para tornar o Brasil a *primeira civilização tropical*. (MIRANDA, 1926: 279)

Mas de que modo isso seria possível? A resposta de Pontes de Miranda é sugestiva de que tipo de interesse legitimava o esforço de implantação das cadeiras de sociologia no Brasil nos anos 20:

A Sociologia ensina a conservar e a criar. Conservar o que deve ser conservado e criar o que será melhor. Mas a vida às vezes sacrifica tudo, porque os indivíduos não souberam destruir o imprestável e proteger o que era útil. Raramente ela espera que os homens se convençam, surpreende-os, subjuga-os, esmaga-os. Conservar, portanto, é tão difícil e grandioso como criar; e nunca se conserva, se não se sabem acompanhar as pegadas de uma história tão autorizada e tão digna de respeito como a do passado, que é dos fatos em elaboração, a das tendências e das fatalidades que estão nos fatos. (MIRANDA, 1926: 277) (Grifo meu).

A sociologia parece contribuir, segundo Pontes de Miranda, para um acordo entre o velho e o novo. Ele acreditou, pois, que a partir do conhecimento sociológico não se fica subjugado ao fluxo da vida. Ao contrário: exerce-se o domínio deste fluxo a partir do julgamento científico sobre o que se deve manter e o que se deve inovar.

Observemos que, dentro desta perspectiva, o passado se torna substância importante: é a matéria sobre a qual se debruça o sociólogo. O estudo sociológico do passado, de suas leis e tendências, é revelador dos destinos, das fatalidades. Esta perspectiva certamente contrasta com a de Carneiro Leão que acreditava que apenas presente e futuro são do interesse da pesquisa sociológica.

Para Miranda, com efeito, presente e passado, aparentemente contrastantes, são como dois maciços, que separados por abismos intransponíveis, estão unidos por uma formação geológica comum. (MIRANDA, 1926: 275)

Gilberto Freyre estava muito próximo desta formulação acerca da temporalidade, como se verá em seus trabalhos posteriores. (VILLAS BÔAS, 1988) E parecia, também, nutrir a mesma expectativa em relação ao conhecimento sociológico.

Assim, ainda que ele e Pontes de Miranda se inscrevessem em tradições intelectuais completamente distintas, ambos certamente partilhavam da mesma noção acerca da contribuição do conhecimento sociológico, a um só tempo criativo e conservador. As 'leis sociológicas' (no entender de Pontes de Miranda) ou as 'formas sociológicas' (no entender de Freyre) são o substrato para a elaboração de uma civilização original, capaz de refletir sobre seu passado, desvendar o presente e, assim, administrar o seu destino.

É oportuno lembrar aqui de uma frase de Gilberto Freyre, contida num artigo escrito para o *Diário de Pernambuco* em dezembro de 1923. *O instinto de criação alimenta-se do passado; só o da aquisição prescindir dele.* (FREYRE, 1978: 341)

Aqui, como Pontes de Miranda, Freyre também se refere ao ato de criar. Mas afinal o que se pretendia criar? Parece, com efeito, que a idéia de criação, defendida por Pontes de Miranda e por Gilberto Freyre, contém uma crítica ao que então se considerava um dos maiores problemas nacionais: o mimetismo político e cultural que, segundo se compreendia, obcecava as elites brasileiras do período. *Criação*, no entender dos dois autores aqui referidos, opõe-se à *imitação*.

Com efeito, era comum, na época, como já observamos anteriormente, os intelectuais brasileiros acreditarem que, ao invés de simplesmente tomarmos de empréstimo os modelos

doutrinários, institucionais e estéticos das 'grandes nações civilizadas', deveríamos investir as energias na criação de alternativas próprias. Deveríamos, segundo esses homens, criar uma nova nação distante do mimetismo europeu ou norte-americano. Uma criação que, entretanto, na perspectiva de Gilberto Freyre, não deveria descartar o passado, nem mesmo ignorar as diversidades regionais.

O sentido destas idéias e destas expectativas em torno da sociologia nos parece ser essencialmente o seguinte: a pretensão de conduzir a direção do processo social; conduzir o destino do país. Se esse processo não deveria ser inspirado no exemplo de outros países e de outros modelos doutrinários (sob a suspeita de recair no mimetismo, tão combatido), restava a alternativa de encontrar a sua direção em nossa própria experiência histórica. Daí a origem de uma das obsessões intelectuais da década de 30: o retorno à história colonial do Brasil. Tratava-se, rigorosamente, de inventar tradições, imputar ao povo e à terra características invariáveis e genuínas a fim de encontrar nelas fundamentos seguros para a condução do processo social. No passado, compreendia-se, estavam contidas o que Miranda denominou de *fatalidades*, e o que Freyre chamou de *formas essenciais*.

Para isso, não se podia apelar tão somente ao conhecimento histórico, às técnicas de análise historiográficas convencionais. Era necessária a sociologia, ciência que buscava elementos invariáveis. Não se tratava de subjetivizar a experiência histórica, mas de desvendar, a partir dela, seus mecanismos subjacentes. Daí uma proximidade, visível entre o conhecimento histórico e sociológico neste período.

Verifica-se o caráter extremamente conservador da origem da sociologia entre nós que, embora nascida da crítica à República Velha e a toda a tradição intelectual bacharelesca, comprometeu-se imediatamente com o passado. Nisso a obra de Freyre é paradigmática.

Mas ainda assim, a sociologia não abriu mão do seu caráter renovador, como nos lembram as palavras de Gilberto Freyre e Pontes Miranda. Tamanho paradoxo entre o passado e o futuro: queria-se, a um só tempo, conservar o antigo e criar o futuro.

Afinal é este paradoxo que nos apresentam os episódios que tentamos descrever ao longo destes dois capítulos. Observemos que uma das primeiras experiências significativas do esforço de sistematização e institucionalização da sociologia no Brasil (na Escola Normal de Pernambuco) se realizou em meio a um ambiente intelectual e cultural extremamente ambíguo: Freyre (o protagonista da nossa história e pioneiro sistematizador da sociologia entre nós) estava, pois, num

fogo cruzado entre o pai e o oligarca, entre a tradição e a renovação, entre os princípios do Regionalismo e da Escola Nova. É em meio a estes dilemas que ele se revela como um 'cientista social'. Enquanto Estácio Coimbra era desnudado diante de tantas demandas contraditórias, Freyre vestiu-se de sociólogo.

Os dramas de Freyre sintetizam de certo modo os dramas próprios do Brasil da época. A Reforma Educacional de Pernambuco nos anos 20 é paradigmática do fato de que não havia nem portadores sociais para as reformas pretendidas, nem instrumentos para sua execução. Freyre em certo momento compreendeu a natureza destes dilemas. Compreendeu, também, que seu equacionamento não estava na promoção cultural e política da região, mas na ciência social. Tratava-se de combinar velho e novo, celebrar um acordo entre Estado e Sociedade, definir a nação a partir da revelação dos fundamentos de sociabilidade original.

Nesse sentido, a trajetória de Freyre é representativa das expectativas e das demandas que o conhecimento sociológico na época incorporou. Num contexto em que o oligarca era posto a nu pelas forças sociais, Freyre voltou seu olhar analítico para a sociedade. Tinha ao seu alcance os instrumentos sociológicos para que a arqueologia das formas essenciais (compreendidas como orientadoras da ação) fosse de fato possível. Conceitos como *controle social* e *formas de socialização* se tornaram então fundamentais num contexto que explicitava a sociedade em oposição ao Estado.

Freyre procurou no funcionamento íntimo da sociedade, na família, na criança, nas formas originárias de sociabilidade encontrar a chave, o segredo para o encaminhamento mais ponderado e racional do destino nacional.

Tratava-se de fazer com que a transformação não implicasse na mudança absoluta. O que se queria, a rigor, era celebrar uma negociação com o fluxo inexorável da modernidade, controlar seus efeitos e tensões. Conservar e criar, reformar, planejar, organizar: eis as tarefas do conhecimento sociológico. Essas as expectativas fundamentais que mobilizaram energias crescentes na década de 20 e 30 para a institucionalização e para a sistematização da disciplina nova. A sociologia fora, pois, compreendida como um apoio fundamental para esta intelectualidade.

E se Pontes de Miranda carecia de instrumentos analíticos e metodológicos para a conversão destas expectativas num sistema interpretativo, Freyre tinha a posse deles. Ainda que sua formação não fosse genuinamente sociológica, a experiência da docência em sociologia

parece ter representado um momento ímpar para a elaboração de uma síntese de conceitos e métodos.

Ao assumir a cadeira de sociologia na Escola Normal de Pernambuco (considerada a primeira do Brasil), Freyre teve, portanto, a oportunidade de realizar uma revisão importante das teorias sociológicas, de manter um contato mais sistemático com o instrumental sociológico e sobre as possibilidades de aplicação no contexto brasileiro.

Suas aulas de sociologia se apresentaram como uma oportunidade para revisar as ferramentas conceituais da disciplina, um preparo para o desafio que Freyre teria que enfrentar nos anos seguintes: a elaboração de *Casa-Grande & Senzala* cujo grande objetivo foi nos revelar que a sociedade brasileira era, a um só tempo, 'inteligente' e inteligível.

Como acabamos de observar, o plano e o texto da aula inaugural para o Curso da Escola Normal de Recife representam um testemunho importante de sua filiação intelectual a alguns aspectos da tradição sociológica norte-americana, ligada ao reformismo, ao pragmatismo, preocupada com a auto-regulação da sociedade, com a observação parcimoniosa de processos quase que ignorados de socialização, de conversão do indivíduo em sujeito social.

Observe-se que essa compreensão acerca da tarefa da sociologia, especialmente contida nas formulações de Gilberto Freyre, está também relacionada a um entendimento peculiar da própria natureza do ofício de sociólogo. Para Freyre, a mobilização sensível de teorias e conceitos para observação dos processos de socialização, bem como a formulação de soluções para os impasses da época, aproxima o ofício do cientista social ao ofício do artista. A rigor, o sociólogo não é apenas um observador, é também um criador.

Não obstante, para Freyre, o pragmatismo sociológico seria aplicado numa direção muito precisa: como fundamento científico para isso que estamos chamando da celebração de um pacto entre o presente e o passado. Ou seja, nessa perspectiva, a sociologia foi um importante instrumento de conhecimento e ação, capaz de ajudar na identificação, na manutenção ou na recriação das formas sociais remotas, consideradas fundamentais, a despeito das mudanças históricas que se impunham. Algo que hoje denominaríamos de um *plano de modernização conservadora legitimado pela razão sociológica*.

Nesse sentido, compreendemos que o instrumental teórico-metodológico da sociologia permitiu a Freyre um salto importante em relação à sua ação cultural (e porque não dizer, política) no âmbito do regionalismo. A rigor, sobretudo após a publicação de *Casa-Grande & Senzala*, sua

posição regionalista se converteu numa interpretação sociológica vigorosa, capaz de mobilizar um debate importante sobre a natureza das relações sociais no contexto brasileiro, de propor uma discussão sistemática sobre a identidade nacional, sobre o projeto de nação, sobre a natureza dos pactos políticos, sobre o lugar das diversidades regionais. No momento mesmo em que houve, em fins dos anos 20, o esgarçamento do pacto oligárquico - em que as forças sociais desafiavam o Estado - Freyre assumiu a tarefa de revelar os fundamentos da sociedade brasileira.

IV. O mito e o sentido de *Casa-Grande & Senzala*

Vale, pois, lembrar que a eclosão do movimento denominado de 'Revolução de 30' certamente foi favorável ao desenvolvimento do pensamento sociológico. Surgem, logo nos primeiros anos desta década, grandes ensaios de interpretação da realidade brasileira. Basta ver os trabalhos de Gilberto Freyre *Casa-Grande & Senzala* (1933), Caio Prado Júnior *Evolução Política do Brasil* (1933) e de Sérgio Buarque de Holanda *Raízes do Brasil* (1936), para ficar apenas entre os mais consagrados.

Também foi significativa a mobilização de esforços para a implantação da nova disciplina no sistema universitário brasileiro. Lembremos da criação dos cursos de Ciências Sociais na Escola Livre de Sociologia e Política (1933), na Universidade de São Paulo (1933), na Universidade do Distrito Federal (1935).

A resolução provisória das tensões que marcaram os anos 20, proposta pela Revolução, representou uma convocação dos esforços intelectuais para pensar a nação brasileira. Era um episódio importante para a renovação cultural, política e intelectual do país.

A rigor, a 'Revolução de 1930' é o rearranjo das frações da classe dominantes, a instauração de um novo padrão de dominação. É, pois, a manifestação política do processo reestruturação da economia nacional de substituição das atividades agrário-exportadoras para um padrão urbano industrial de acumulação.

Com efeito, na sucessão de Washington Luis foram explicitadas as disputas regionais acumuladas ao longo da República Velha que, rigorosamente, desde o Governo de Arthur Bernardes manifestavam-se na vida política do país.

O estopim da crise foi o lançamento de Julio Prestes, político paulista, como candidato governista a sucessão presidencial. Ao indicá-lo, Washington Luis, também paulista, quebrou o

pacto no qual se acordava o revezamento da presidência entre mineiros e paulistas. Foi, pois, então que, sob a liderança do estado de Minas Gerais, Rio Grande do Sul e Paraíba se articularam num movimento de oposição denominado Aliança Nacional Libertadora. Lançaram então a candidatura de Getúlio Vargas para a Presidência da República. (FAUSTO, 1975) (FAUSTO, 1985)

A divisão regional refletia na arena política a pressão contra a hegemonia da burguesia cafeeira, cuja base essencial era representada pelo estado de São Paulo. Isso ocorria, pois, no mesmo momento em que o setor cafeeiro ficou profundamente afetado pela crise mundial de 1929. (FAUSTO, 1985: 422)

Julio Prestes, o paulista, venceu as eleições, mas o resultado foi contestado pela Aliança que, em poucos meses, antes mesmo da posse do candidato vitorioso, articulou com sucesso um movimento político militar a fim de depor Washington Luis. O movimento foi deflagrado no dia 3 de outubro de 1930 e, exatamente um mês depois, o Governo foi entregue a Getúlio Vargas, após deposição de Washington Luis.

Em Recife, a Aliança encontrou alguma resistência por parte das forças legalistas, que se haviam colocado de prontidão ao surgirem as primeiras notícias da revolução. A vitória dos revolucionários, contudo, foi garantida pelo apoio popular à insurreição. Já na manhã do dia 5 de outubro, o movimento havia triunfado em Pernambuco, antes mesmo que os reforços provenientes da Paraíba chegassem a Recife. No dia seguinte, a posição dos revoltosos se consolidou quando o presidente do estado, Estácio Coimbra, abandonou o governo e o país em direção ao auto-exílio em Portugal.

Com efeito, Freyre interrompeu suas aulas na Escola Normal de Pernambuco exatamente devido ao 'Golpe de 30'. Segundo seu testemunho, voluntariamente acompanhou o governador de Pernambuco Estácio Coimbra em seu auto-exílio:

Estácio não admite que eu não o acompanhe. Está triste. Na intimidade, mais do que triste: abatido. Vejo-o todas as noites, de camisolão, como um menino, rezar. Rezar e chorar. (FREYRE, 1975: 248)

O oligarca fragilizado representado por Freyre nas páginas do seu diário mais parece ser uma metáfora da queda do poder dos líderes regionais após a centralização política imposta sob a coordenação de Getúlio Vargas em 1930.

Pois é em plena viagem de auto-exílio, em apoio ao oligarca combatido pela Revolução, que Freyre diz ter definido o desejo de escrever *Casa-Grande & Senzala* (FREYRE, 1973: 25) (FREYRE, 1975: 248-249)

Dias difíceis, sem deixarem de ser um tanto românticos, os que estou passando em Lisboa, com um fato único, duas únicas camisas, dois pares de meia. Tudo faço para evitar convites de amigos elegantes, jantares com condessas, 'cock-tails' em embaixadas. Convites que implicam em viver eu uma vida para a qual não estou economicamente apto. Disfarço quanto possível minha situação. Nada de pedir a qualquer amigo rico ou remediado que me empreste dinheiro. Não maldigo a angústia em que estou obrigado a viver, nestes dias de Lisboa, já dominado desde o Senegal, onde ficamos uns dias – pelo afã de escrever um livro que seja um grande livro, revivendo, o mais possível, o passado, a experiência, o drama da formação brasileira. Um drama demasiadamente humano. Um capítulo que não se escreveu da História ou da Aventura do Homem. (FREYRE, 1975: 249)

Aqui encontramos os elementos com os quais Freyre compôs o mito de origem de seu grande livro: a imagem da obra lhe veio em Senegal, numa longa viagem de exílio em direção a Portugal após o Golpe de 30. Note-se o caráter quase épico desta representação: o livro lhe surge na mente numa viagem em que sai do Brasil, passa pela África em direção a Portugal. O itinerário é significativo. Freyre desejava, afinal, dizer: o Golpe parecia convidá-lo para um retorno às origens do Brasil, um caminho de volta à vida intra-uterina da nação.

Os acontecimentos políticos pareciam arremessar Freyre para um retorno essencial, uma viagem intelectual ao passado da nação. O livro que seria sobre a história da infância no Brasil passa a ter como tema a infância do Brasil. (ADAMI, 2002)

E não apenas o itinerário da viagem é assim significativo. Freyre procurava demonstrar que pessoalmente também realizava uma espécie de retorno íntimo às origens culturais, às formas de sociabilidade fundadoras da cultura brasileira.

Faz questão de ressaltar que o livro foi imaginado e realizado em meio a grandes dificuldades. Seus testemunhos nos fazem crer que fora, na época, vítima do dolorido afastamento da terra natal, de vinganças políticas (a exoneração da cadeira de sociologia, a destruição da casa de seus pais no Recife), de dificuldades econômicas.

Segundo seu relato, especialmente as dificuldades econômicas exigiram um retorno para formas fundamentais de sociabilidade e expressão cultural que estariam na origem da formação

brasileira. Com efeito, a 'dureza' dos primeiros meses de exílio exigiam dele o afastamento da vida fidalga e a aproximação da vida 'rústica' e 'folclórica':

Essa angústia [do exílio e da falta de dinheiro] me faz conviver menos com a gente burguesa do que com a plebe rústica e folclórica: em Lisboa, entre saloios, fadistas, mulheres das chamadas vida alegre, de uma das quais, mulata de Angola, já aprendi que na África 'senzala' é 'sanzala', 'massangana' é 'massangano'. No Brasil, há muito convivo com gentes de xangô, em Pernambuco, e de candomblé, na Bahia, e de macumba em Niterói. Com babalorixás como Adão do Recife e Martiniano do Bonfim da Bahia. Com negras quituteiras. Com mulatas quase do mesmo tipo das que Lafcadio Hearn amou voluptuosamente em Martinica. Com barceiros alagonanos que me ensinaram a fumar maconha, sem o perigo de resvalar em 'amok'. Com 'gangs' de adolescentes desajustados. Com operários recifenses ingenuamente entusiastas do P.C. Com cariocas boêmios, tocadores de violão. Com gentes de clubes populares afro-brasileiros, de Carnaval, no Rio de Janeiro e no Recife. Com gentes de trabalho, em velhos engenhos do Nordeste e fazendas dos arredores de Petrópolis; e, ao mesmo tempo, com os velhos senhores, velhos senhores decadentes, já evitados pelos próprios netos; senhores velhos dos quais tenho chegado a ser quase um substituto de netos e bisnetos ingratos. Também com velhas baronesas brasileiras, velhas iaiás, ex-escravas. Venho recolhendo de vários deles confissões preciosas. Agora estou fazendo o mesmo em Lisboa, com condessas, com sábios e com prostitutas. Com prostitutas, aos goles de ginja. Com negras de Angola que comparo com as que conheci no Senegal francês. (FREYRE, 1975: 249)

Continuo na mais crua pobreza e quase incapaz de aceitar convites ilustres e, por isso mesmo, vivendo uma vida muito mais plebéia que burguesa, bebendo mais ginja nas bodegas do que vinho do Porto nos salões de fidalgos que me honra com sua amizade sem saber de minha extrema penúria. (FREYRE, 1975: 251)

Num contexto em que festas e "encontros fidalgos" eram evitados, Freyre dizia-se arremessado para a vida plebéia, cuja experiência de convívio voluntário no Brasil já lhe fora positiva. Porém, agora transformava suas experiências plebéias remotas e recentes num contato quase sistemático, por meio do qual recolhia subsídios para escrever sua *grande obra*.

Em Portugal, as pesquisas para sua obra compreenderam também a consulta aos livros e documentos na Biblioteca Nacional de Lisboa, no Museu Etnológico e em coleções particulares. Mas Freyre permaneceu apenas poucos meses em Portugal com o ex-governador combalido.

Logo depois, a convite da Universidade de Stanford, ministrou aulas nos Estados Unidos acerca da história do Brasil.

O próprio Freyre observava que estas aulas foram fundamentais para a estruturação de *Casa-Grande & Senzala*:

Foi na Universidade de Stanford que tomou corpo o meu projeto desse livro: um livro que fosse uma nova reconstituição, uma nova introspecção e uma nova interpretação de uma sociedade de origem européia desenvolvida com elementos extra-europeus de etnia e de cultura, em espaço tropical; e à base de uma organização patriarcal e escravocrática de economia, de família, de convivência. Impossível, como autor de 'Casa-Grande & Senzala', esquecer-me dos dias que então passei à sombra das palmeiras da acolhedora Stannford: foram dias decisivos para o livro projetado.(FREYRE *apud* GIUCCI; LARRETA, 2002: 711 e 712)

As notas das aulas em Stanford, consultadas por Larreta e Giucci (2003b), de fato revelam que o curso ministrado nos Estados Unidos por Freyre acabou sendo decisivo para a conformação da obra. Dois pontos do plano de aulas são importantes nesse sentido: o primeiro, previa a discussão acerca dos antecedentes europeus da sociedade brasileira. Nele, Gilberto Freyre dedicou-se a caracterizar a cultura, a vida social e as condições econômicas de Portugal na Idade Média. O segundo ponto, voltado para a caracterização do tipo de colonização promovida por Portugal no Brasil e seus efeitos para a vida social e cultural brasileiras. (GIUCCI; LARRETA, 2002: 727) Ambos os pontos do programa figuram em *Casa-Grande & Senzala*, sobretudo, no primeiro e no terceiro capítulos.

Em 1932, depois da estadia na Europa e da passagem nos Estados Unidos Freyre, retornou ao Brasil. Foi então que efetivamente redigiu seu livro *Casa Grande & Senzala*, também, segundo sua versão, em meio a grandes adversidades econômicas. Passou um tempo no Rio de Janeiro (onde fez ainda suas últimas pesquisas na Biblioteca Nacional) e então voltou ao Recife para concluir o texto da obra, isolado na casa que seu irmão lhe emprestara, vivendo da venda de frutas (mangas e jacas) que o pomar lhe oferecia com generosidade. Nada mais telúrico. (FREYRE *apud* GIUCCI; LARRETA, 2002:711 e 712)

Não julgamos necessário reconstituir, para os fins desta análise, as polêmicas em torno do lançamento de *Casa-Grande & Senzala*. Não trataremos ainda de analisar profundamente aqui o conteúdo desta obra. Ainda que muitas leituras e interpretações de *Casa-Grande & Senzala* sejam possíveis (numerosos estudos comprovam isso), o nosso objetivo é de apenas fazer notar que

Freyre, neste livro, decifrou um dos dilemas brasileiros fundamentais da década propondo uma revelação dos mecanismos de auto-regulação da sociedade brasileira. Trata-se, pois, de uma tese sociológica por excelência. Para isso, lançou mão dos instrumentos conceituais e metodológicos que estavam ao seu alcance para revelar que o modelo de organização social brasileiro era eficientemente auto-regulado.

Freyre realizou, em *Casa-Grande & Senzala*, uma interpretação do patriarcalismo, compreendido como instituição fundadora e civilizadora do país, responsável tão simplesmente pelo equilíbrio social. A unidade nacional, os caldeamentos cultural e racial são, segundo o autor, produtos de uma dinâmica particular instituída pelas complexas relações sociais desenvolvidas no interior da casa-grande e que teve como unidade básica a família patriarcal. (BASTOS, 1986)

Freyre quis, pois, afirmar o lugar importante que ocupa o patriarcado na organização e no equilíbrio da sociedade brasileira. Nesse sentido, ele não estabelece distinção entre formas de dominação e de socialização, entre Estado e Sociedade. No momento mesmo em que a autoridade dos oligarcas entra em declínio, Freyre, sob o discurso histórico sociológico, a legitima e diz que dela deriva 'a identidade nacional' e o equilíbrio social. Parece oferecer os fundamentos para novas formas de pacto político. (BASTOS, 1986) (PAULA, 1990)

Em *Casa-Grande & Senzala* Freyre, afinal, conseguiu articular - sob a afirmação sociológica do fenômeno do patriarcalismo - estrutura social e identidade nacional. Sugeriu assim as relações existentes entre Estado & Sociedade no Brasil. Decifrou o dilema dos anos 20 e deu um salto para uma nova etapa dos estudos sociais, já que ultrapassou o modelo da ideologia do Estado Autoritário. Ultrapassou também um modelo de ação cultural regionalista. (BASTOS, 1986)

CAPÍTULO 3

ENTRE O RECIFE E O RIO DE JANEIRO

I. No Recife, sociologia para estudantes de Direito

No dia 1º de julho de 1935, Gilberto Freyre foi nomeado, por Anísio Teixeira, professor de sociologia e antropologia da nova Universidade do Distrito Federal (UDF).¹ Não obstante, adiou seu embarque para o Rio por várias vezes. Atrasou, conseqüentemente, o início de seus cursos na UDF: as aulas na Universidade começaram em 1º de agosto e Freyre só iniciou suas atividades docentes em 11 de setembro.

Segundo confessava aos amigos, algumas dificuldades o impediram de assumir imediatamente as aulas. Dizia ter sido vítima, naquele período, de uma incômoda crise de furunculose, ao mesmo tempo em que se debatia com o excesso de trabalho resultante da elaboração de *Sobrados e Mucambos* (1936). Porém sua justificativa principal referia-se à necessidade de honrar um compromisso com os alunos da Faculdade de Direito do Recife, para os quais preparara um curso de sociologia.²

Algumas pistas sugerem que, durante o ano de 1934, Freyre mobilizou consideráveis esforços com o propósito de implementar uma cadeira de sociologia na Faculdade de Direito. Teria, segundo algumas notas jornalísticas, enfrentado forte oposição de professores da própria Faculdade de Direito.³ Chegou a acionar sua rede de amigos cariocas a fim de obter uma autorização especial

¹ O contrato de nomeação de Gilberto Freyre está disponível no acervo do Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre - Recife/PE.

² Ver carta de Gilberto Freyre a Fernando de Azevedo datada de 06/08/1935 – Acervo do Instituto de Estudos Brasileiros da USP. Também disponível em: (DIMAS, 2000).

³ Ver *Folha do Povo*, Recife, 10 e 14 de agosto de 1935. Acervo do Arquivo Público de Pernambuco.

junto ao Ministro da Educação Gustavo Capanema⁴ para introduzir a nova disciplina no currículo e ocupar temporariamente as funções docentes na Faculdade.⁵

É bem possível que esta autorização tenha sido liberada tardiamente, exatamente na época em que iniciavam as aulas da UDF. Se esta hipótese for verdadeira, Freyre teria ficado dividido entre seus novos compromissos e a antiga pretensão na Faculdade de Direito do Recife, para a qual dedicara tanto empenho.

Diante deste impasse, Freyre parece ter decidido adiar ao máximo seu embarque para o Rio de Janeiro. Procurou, ao menos, iniciar as atividades na Faculdade de Direito do Recife. Sua Aula Inaugural foi, pois, proferida no dia 9 de agosto e mereceu grande destaque na imprensa local - sobretudo no *Diário de Pernambuco* que lhe dedicou, na manhã seguinte, uma matéria de primeira página.⁶

A matéria jornalística destacou, em primeiro lugar, o sucesso de público da conferência. Além dos numerosos estudantes, noticiou-se a presença de professores das Escolas Superiores do Recife, dos Secretários da Agricultura e da Fazenda do Estado, de um juiz federal e de *representantes de outras autoridades federais e estaduais*.⁷

Nesta matéria comentou-se, também com entusiasmo, que Gilberto Freyre teria recusado convite para ministrar a aula inaugural da Universidade do Distrito Federal por optar pela abertura do curso de sociologia na Faculdade de Direito do Recife. O episódio, cujos dados ao nosso alcance não nos permitem confirmar (não sabemos se Freyre fora, de fato, convidado para ministrar Aula Inaugural da UDF), é registrado no jornal pernambucano como se fosse uma vitória da província sobre a capital da República na posse de um dos mais ilustres intelectuais brasileiros, *o escritor de Casa-Grande & Senzala*.

A citada nota jornalística não deixou ainda de destacar trechos da conferência de Freyre a partir dos quais podemos, ainda que de modo bastante limitado - e na ausência de outras fontes mais seguras -, reconstituir parte da fala de Freyre:

⁴ Gustavo Capanema (Pitangui/MG - 1900-1985) assumiu o Ministério da Educação em 1934 e permaneceu no cargo durante todo o período do Estado Novo. Era então assessorado por um grupo de intelectuais entre os quais os 'três Andrades': Carlos Drummond de Andrade, Mario de Andrade e Rodrigo de Mello Franco de Andrade. Ver site: www.cpdoc.fgv.br

⁵ Ver cartas de Rodrigo de Mello Franco de Andrade a Gilberto Freyre datadas de 28/08/1934 e 14/11/1934 - Acervo do Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre - Recife/PE.

⁶ *Diário de Pernambuco*, Recife, 10/08/1935, p. 1.

⁷ *Diário de Pernambuco*, Recife, 10/08/1935, p. 1.

... entra o Sr Gilberto Freyre a apreciar o papel da Sociologia no mundo intelectual contemporâneo e lembra que em 1890, na Faculdade de São Paulo, Paulo Egydio se referia à Sociologia como a uma ciência recém-nascida. (...) Nega o conferencista a existência de Sociologias particularizadas – de uma Sociologia educacional, de uma Sociologia médica, de uma Sociologia rural. Diz também que não existe uma Sociologia marxista nem fascista. Para Gilberto Freyre a Sociologia se acha num terreno alheio a competições, de crenças, de políticas, de classes. É ciência, e como tal, está isolada de determinadas influências do meio e de tempo. O que há é, muita vez, a coincidência da Sociologia aclarar ou interpretar fatos e documentos humanos de maneira a colaborar nesta ou naquela obra social.⁸

Ao assinalar o esforço de Paulo Egydio⁹, Freyre inscreveu sua mobilização favorável à introdução da cadeira de sociologia no curso de Direito dentro de uma tendência no meio jurídico brasileiro inaugurada ainda no século XIX.

Segundo a síntese feita pelo jornal, a sociologia foi então apresentada por Freyre aos futuros juristas como uma disciplina que, a despeito de sua formação recente, não se fragmentou segundo objetos e demandas políticas. Ao contrário, foi definida como ciência una, imparcial capaz de orientar ações sociais.

Certamente estas alertas de Freyre quanto à natureza do conhecimento sociológico eram uma tentativa de evitar as freqüentes confusões entre sociologia e socialismo, por exemplo. A sociologia, quis dizer o autor, conquistara, já naquela época, legitimidade científica necessária para discutir aspectos da realidade brasileira sem incorrer em perspectivismos políticos e ideológicos.

Nesse sentido, a abertura do curso de sociologia da Faculdade de Direito do Recife foi um importante episódio de promoção pública da nova disciplina sociológica, de sua natureza e de suas contribuições.

A rigor, a disciplina iniciada por Freyre na Faculdade de Direito do Recife não era *sociologia geral*, mas *introdução ao estudo de sociologia regional*. O programa de aulas do curso, Freyre o introduziu afirmando que o conhecimento sociológico elementar era pré-requisito para o

⁸ Diário de Pernambuco, Recife, 10/08/1935, p. 1.

⁹ Paulo Egydio foi professor na Faculdade de Direito de São Paulo no final do século XIX. Inaugurou a introdução das idéias de Durkheim no ambiente acadêmico brasileiro. Ofereceu cursos livres de sociologia e escreveu vários compêndios dedicados à apresentação das idéias de Durkheim entre os estudantes de direito. São eles: *A propósito da teoria de Durkheim* (1899), *Contribuição para a historia philosophica da sociologia* (1899), *Do conceito das leis sociológicas* (1900) e *Estudos de sociologia criminal* (1900). Ver: (ALVAREZ, 2000) (MEUCCI, 2000).

acompanhamento das aulas.¹⁰ Entretanto, revelou, ainda assim, alguma disposição para esclarecer dúvidas básicas dos alunos aconselhando-os a anotarem e entregarem suas indagações aos seus auxiliares. Tais dúvidas seriam esclarecidas em sessões especiais, fora do período normal de aulas.¹¹

Observa-se, no programa desta disciplina, que o curso visava a aplicação dos conceitos e métodos da ecologia social e da sociologia regional à reflexão dos problemas do Nordeste. O plano de aulas foi rigorosamente dividido em seis partes, cada qual com sua bibliografia correspondente:

Na primeira parte, Freyre indicou - a fim de revisar ou aproximar os alunos dos conceitos básicos de sociologia - a leitura de alguns compêndios de sociologia, entre os quais quatro publicados nos Estados Unidos (cujos autores são respectivamente Giddings, Hesse & Gleyse, Blackmar & Gillin e Carlton Hayes) e três no Brasil (de Fernando de Azevedo, Delgado de Carvalho e Miranda Reis).¹²

Na segunda parte do programa, o autor sugeriu uma nova relação de livros voltados à definição estrita do campo de pesquisas ecológicas. Antes, porém, definiu a ecologia humana como uma nova ciência que, a exemplo da ecologia, dedica-se a estudar o homem em sua relação com o meio natural. Acrescentou, não obstante, que não comunga das perspectivas do determinismo geográfico, tendo em conta a enorme mobilidade humana.¹³ A bibliografia que acompanha estes

¹⁰ Programa de aulas do curso de *Introdução ao estudo de Sociologia Regional* (1935) – Acervo do Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre - Recife/PE. Reproduzido nos anexos desta tese.

¹¹ Programa do curso de *Introdução ao Estudo de Sociologia Regional* – Acervo do Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre - Recife/PE. Reproduzido nos anexos desta tese.

¹² Importante destacar as particularidades dos três compêndios de autores brasileiros citados aqui por Freyre: *Princípios de Sociologia* de Fernando de Azevedo era, sem dúvida nenhuma, um dos principais manuais da disciplina até então publicados no Brasil, famoso por veicular, sobretudo, as idéias de Durkheim. *Sociologia* de Delgado de Carvalho por sua vez, veiculava as idéias de Simmel, talvez de modo pioneiro no meio intelectual brasileiro. *Ensaio de Síntese Sociológica* de Miranda Reis é também um dos primeiros manuais científicos da matéria publicados entre nós, onde se faz severas críticas à perspectiva evolucionista presente nas obras de Comte e Marx. (AZEVEDO, 1935) (CARVALHO, 1935) (MIRANDA REIS, 1935)

¹³ Num dos poucos fragmentos que restaram dos manuscritos das aulas de Sociologia Regional na Faculdade de Direito do Recife, Freyre esclareceu que discorda dos postulados do determinismo geográfico. Trata-se de um trecho que vale à pena reproduzir aqui: (...) *“O critério ecológico aplicado aos agrupamentos humanos não se limita à adaptação do homem ao meio físico, às condições climático-botânicas, aos animais, às condições de subsistência. O ‘socius’ tem outro solo, além do chão que pisa, em que planta, em que cria, onde levanta a sua casa; outro ar além do que respira; outro clima. Esse solo, esse ar, esse outro clima são os constituídos pelos valores, culturais acumulados antes dele e em torno dele por uma elaboração humana mais longa ou mais breve quanto ao tempo, mais extensa ou mais limitada quanto ao espaço. As culturas regionais são condicionadas por esses dois fatores – tempo e espaço; condicionadas também pelo maior ou menor contato com outras culturas, que as enriquecem e desenvolvem, pelo maior ou menor isolamento que permita as suas formas se diferenciarem e seus vários elementos se integrarem. São as barreiras e os meios naturais de comunicação – as montanhas, os rios, a proximidade do mar – que regulam – mas não de modo absoluto, é bem de ver – esse contato maior ou menor de uma cultura com as outras, esse isolamento mais profundo ou menos profundo, essa*

esclarecimentos compreende desde autores franceses (Gallois e Vidal la Blache), até autores que se firmaram no terreno da ecologia desenvolvida nas universidades americanas (como Sorokin), passando pelo indiano Mukerjee e dois brasileiros (Silvio Romero e Oliveira Viana)

Em seguida, Freyre prosseguiu com a indicação de leituras que representam progressivamente a especialização temática da sociologia regional e do método ecológico. Sugeriu o estudo de textos que remetem aos problemas específicos do campo e da cidade (sociologia rural e sociologia urbana), bem como de escritos diversos sobre habitações, tipos sociais e modos de vida que se manifestam em diferentes partes do mundo (em Paris, nos Estados Unidos ou no Brasil).

Num novo tópico, Freyre acrescentou indicações bibliográficas sobre o que denomina *o problema da distância e dos contatos sociais*. Citou então três autores: Bogardus, Rivers e Wisler. A seguir, apresentou um outro tópico no qual sugeriu aos seus alunos o aprofundamento das leituras dedicadas a discutir os meandros da pesquisa social. Indicou, pois, livros que explicitam técnicas para execução de diagnósticos sociais, estudos de caso, pesquisas de campo. Giddings e Delgado de Carvalho aparecem novamente nesta relação. Até mesmo 'Les regles de la methode sociologique' de Durkheim é citada.

Ao final deste preparo teórico e metodológico, Freyre convidou finalmente seus alunos para o estudo específico do Nordeste, Recife em especial. É que sugere a extensa lista de livros e documentos sobre o Nordeste indicadas pelo autor (que vai desde os romances regionalistas de Mario Sette e José Lins do Rego, passa por arquivos dos hospitais de Recife, por crônicas de jornais locais até anuários estatísticos e dados do recenseamento do Estado).

A bibliografia e os documentos recomendados neste plano de aulas manifestam uma espécie de convocação para o estudo da região a partir da análise de fatos e fontes diversas. Freyre parece, a partir da indicação deste material, recomendar igualmente o estudo das manifestações da vida econômica, dos movimentos demográficos, dos monumentos e da arquitetura, da alimentação, da literatura, das manifestações religiosas e até dos atos criminosos do Nordeste.

Ao final do programa, sugere um tema de pesquisa aos alunos: *"Tatuagem nos detentos do Recife: sua relação com a origem do indivíduo – rural ou urbana, marítima ou mediterrânea, burguesa ou proletária – com sua profissão, religião ou sexo".¹⁴*

diferenciação mais pálida ou mais nítida, essa integração mais completa ou menos completa de uma cultura regional. (...) (Grifo do autor) Acervo do Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre - Recife/PE.

¹⁴ Programa do curso de Introdução ao Estudo de Sociologia Regional – Acervo do Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre - Recife/PE. Reproduzido nos anexos desta tese.

Notemos que a sugestão de pesquisa empírica proposta por Freyre ao final do plano de aulas não corresponde exatamente aos temas que as próprias indicações bibliográficas e documentais sugerem. A proposta do curso condensa um esforço de aplicar os conceitos e métodos sociológicos à análise dos problemas do Nordeste que o tema de pesquisa aludido não contempla.

Porém cabe observar que o exame das tatuagens é, de algum modo, inspirado na pesquisa social norte-americana (muito ligada à interpretação dos adornos corporais).¹⁵ Tem, além disso, a virtude de ser pedagógico. A rigor, Freyre propôs aos iniciantes na pesquisa social o desafio de procurar nos homens confinados - alienados de seus bens e restritos a uma vida social regulada pelo sistema de vigilância penitenciário - as evidências de suas origens sociais, econômicas, geográficas, culturais. Inspirado na sociologia norte-americana, Freyre sugeriu uma reflexão sobre a relação indivíduo e sociedade. Parece dizer que as formas de socialização persistem nas condições mais adversas e se manifestam do modo mais sutil.

Não sabemos se a pesquisa foi levada a cabo. Entretanto, ao menos, a disposição de levar futuros advogados e legisladores à cadeia e lhes propor, a um só tempo, uma análise iconográfica e uma identificação da origem social dos detentos é significativa do esforço favorável ao desenvolvimento do olhar sociológico. Tal tarefa era condição essencial senão para a formação de pesquisadores sociais, para a formação de uma nova perspectiva acerca da sociedade e de seus fenômenos.

Na ausência de uma estrutura universitária que permitisse a acomodação dos estudos sociais, Freyre realizava este esforço na Faculdade de Direito. Entre juristas, promovia os estudos sociais, especialmente, a temática regional.

O período era, com efeito, oportuno para essa promoção da discussão sociológica sobre a questão regional. Afinal, o curso de *introdução à sociologia regional* oferecido por Freyre realizava-se à sombra dos violentos embates entre as forças do governo e os grupos oligárquicos que agitaram a vida nacional a propósito da redação da Carta Constitucional de 1934, cerca de um ano antes.¹⁶

Por meio da abordagem sociológica favorável ao reconhecimento das realidades regionais e ao reconhecimento de formas de sociabilidade genuínas, Freyre parecia propor um novo

¹⁵ Cabe lembrar que Donald Pierson, em 1933, sob orientação de Robert Park, obteve seu título de Mestre em sociologia com uma pesquisa sobre adornos faciais. (VILA NOVA, 1998:195)

¹⁶ Ver texto de CEPÊDA (2005), uma das únicas análises recentes sobre a Constituinte de 1934.

fundamento para celebração do pacto nacional. Parecia propor as unidades regionais como um 'princípio ativo' para a configuração da nação e do Estado.

Freyre levou à Faculdade de Direito do Recife - um dos principais e mais antigos centros de formação jurídica no Brasil - uma abordagem original sobre o tema regional. A sociologia regional aparece, em seu programa de aulas, como um possível instrumento para uma nova forma de reconhecimento da nação, capaz de considerar as forças regionais manifestas, inteligentes e inteligíveis que se desenvolveram localmente, especialmente no Nordeste. E para Freyre, a região não é compreendida apenas como área ecológica e cultural, mas também como área política e econômica.

A propósito, é oportuno lembrar de outro episódio no qual Freyre procurou divulgar a importância dos estudos sociológicos entre os bacharéis em Direito. Em outubro de 1935, já na condição de professor da UDF, ele foi convidado a proferir uma palestra na Faculdade de Direito de São Paulo. Sua conferência - intitulada *Menos doutrina, mais análise* - dedicou-se a convocar o grupo de jovens estudantes de Direito para o abandono das doutrinas jurídicas em favor da pesquisa sociológica. Mais uma vez afirmou o caráter independente da sociologia e lembrou o papel pioneiro de Paulo Egydio. (FREYRE, 1935)

Disse então aos futuros bacharéis que a sociologia, em seu desenvolvimento recente, também deixava de ser doutrinária e voltava-se para a análise. Ou seja, para Freyre, ocorria, no último século, no campo da sociologia, uma grande transformação: o abandono de grandes e abstratas generalizações ao mesmo tempo em que se reuniam numerosos esforços para o desenvolvimento de pesquisas regionais.

O copo donde a Sociologia bebe atualmente já não é o vaso enorme donde bebeu no século passado (...) é menos mas é seu. Tudo nela acusa hoje a tendência para a limitação ao sociológico e para a regionalização das pesquisas, que já não se fazem com a pompa das de outrora, mas limitando-se a áreas ecológicas e de cultura, a regiões, a províncias, bairros, ruas, hotéis. (FREYRE, 1935: 2)

E prosseguiu seu argumento apoiado em Mukerjee (sociólogo indiano que será muito citado em *Sociologia: uma introdução aos seus princípios*): dizia compreender que a regionalização da pesquisa sociológica era um imperativo necessário para a universalização mais honesta de certas conclusões e interpretações.

Uma nova tradição de estudo vertical e regional serviria, segundo Freyre, de contrapeso aos romantismos de diferentes naturezas, as aventuras sentimentais e idealistas que vigoraram no século XIX. Ajudaria também no combate ao romantismo jurídico que servira equivocadamente para nos inspirar na aplicação de leis exógenas de base européia e norte-americana.

Por fim, Freyre convidou os alunos de São Paulo para que compreendessem, por meio da investigação sociológica, as nossas peculiaridades. Para ele, afinal, apenas a pesquisa social poderia ser um fundamento sólido para a obra de reconstrução nacional.

Houve, afinal, um esforço quase panfletário de Freyre no sentido de beneficiar o desenvolvimento da perspectiva sociológica em meio aos alunos das Faculdades de Direito. Propor, no ambiente legalista dos bacharéis, a sociedade como fundamento do Estado, o costume como fundamento da lei, o regionalismo, a diversidade cultural, econômica e política como base de um novo acordo nacional não parecia tarefa muito fácil naquele período, ainda que a institucionalização da ciência social estivesse em pleno vapor com o surgimento recente dos cursos na Escola Livre de Sociologia e Política (1933), na Universidade de São Paulo (1934) e na própria Universidade do Distrito Federal.

Mas voltemos ao período que antecedeu a chegada de Freyre ao Rio de Janeiro para assumir as suas aulas na UDF. Com efeito, durante todo mês de agosto de 1935, enquanto ministrava o curso de sociologia regional na Faculdade de Direito do Recife, telegramas de Anísio Teixeira e cartas de amigos cariocas chegavam ao Recife pedindo que assumisse, com urgência, suas aulas na UDF.

Nenhuma justificativa parecia convencer os amigos do Rio acerca de sua ausência no Distrito Federal. Observemos trechos das cartas que os seus amigos Gastão Cruis¹⁷ e Rodrigo de Melo Franco de Andrade¹⁸ lhe escreveram nesta época:

¹⁷ Gastão Cruis (1884-1959) formou-se em Medicina no Rio de Janeiro em 1910. Como funcionário do Serviço de saneamento Rural, participou da expedição Rondon para as Guianas nos anos 20. Foi diretor da revista Literária 'Boletim de Ariel'(1931-1939). Atuou, também, como colaborador da 'Revista do Brasil'. Considerado um pré-modernista da literatura. Foi ainda bibliotecário da Universidade do Distrito Federal. Escreveu, entre outros livros, *Amazônia Misteriosa* e *Aparência do Rio de Janeiro*. Foi, juntamente com Rodrigo de Melo Franco de Andrade, um dos grandes amigos cariocas de Gilberto Freyre. Ver: www.cpdoc.fgv.br

¹⁸ Rodrigo de Melo Franco de Andrade (1898-1969) foi advogado, jornalista e escritor. Formado em Direito pela Universidade do Rio de Janeiro. Foi redator-chefe (1924) e diretor (1926) da 'Revista do Brasil'. Foi, também, chefe de gabinete de Francisco Campos, ministro da Educação e da Saúde Pública de Getúlio Vargas. Chefiou o Serviço de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional entre os anos de 1937 e 1968. Foi um dos maiores correspondentes de Gilberto Freyre. Na década de 30, fora uma espécie de intermediário entre Freyre e a direção da Schmidt Editores, a propósito da publicação de *Casa-Grande & Senzala*. Rodrigo também escrevia regularmente para Freyre nesta época para lhe informar acerca da recepção de *Casa-Grande & Senzala* no ambiente intelectual carioca. Nos anos 40 e 50 a correspondência entre ambos é também intensa e se refere, sobretudo, às atividades do IPHAN. Ver: www.cpdoc.fgv.br

Recebi há quatro dias a tua carta de 30, vinda por avião. Embora justas as razões que na mesma expedidas, para não vir imediatamente tomar posse das tuas cadeiras aqui, pois que tem compromisso de um curso aí, não deixei de recear pela tua situação na Universidade, uma vez que os cursos já se estão inaugurando e talvez que sua ausência viesse causar embaraços à Reitoria. Sobre isso cheguei mesmo a conversar com amigos, como Luis, Rodrigo e Bandeira, que também concordaram comigo, achando que talvez fosse melhor vires o mais breve possível. Contudo, como me dizias que tinhas escrito ao Anísio, abordando o mesmo assunto, seria inoportuno eu e os teus amigos tomarmos qualquer iniciativa a respeito. Acontece, porém, que, ontem, casualmente, numa reunião oferecida ao Georges Dumas na Associação Brasileira de Educação, estive com o Anísio e com ele conversei sobre o assunto, perguntando-lhe se havia recebido a tua carta. Ele disse-me que sim e que já tinha te escrito em resposta. É desejo dele, do qual já deves ter conhecimento, que te descartes do curso aí e venhas o mais breve possível para o Rio. O adiamento da tua vinda e empossamento do cargo, poder-lhe-á causar embaraços. Disse-me ele que pedira ao Paulo Carneiro para te escrever também a respeito e o mesmo pediu a mim, com grande insistência. Daí o motivo destas linhas, que espero seguirão pelo avião de amanhã. Acho que não poderás ter nenhum constrangimento em não realizar o curso aos alunos da Faculdade daí, uma vez que a tua nomeação na Universidade foi acontecimento superveniente.¹⁹

Já estava contando firme com sua vinda quando soube que V. tinha mandado dizer ao Anísio Teixeira que só poderia partir depois de concluído o curso de Sociologia a iniciar-se ainda aí na Faculdade de Direito. Fiquei descontente com o Mestre. Acho que V. deveria adiar as lições à mocidade pernambucana e que será muito menos inconveniente esse adiamento aí do que retardar-se a inauguração do seu curso aqui na Universidade. Além disso, se V. já tinha imposto condições precisas para aceitar a nomeação e se as autoridades municipais se submeteram àquelas condições, está me parecendo que V. não deveria criar mais dificuldades à sua vinda. Sobretudo porque o Anísio Teixeira desde muito vem se empenhando com a maior espontaneidade para obter sua colaboração. Por outro lado, tenho a impressão de que a viagem faria um bem grande à sua saúde e que dentro em breve V. estaria livre de uma vez da furunculose e do mais. Por fim nós todos aqui estamos com uma vasta saudade sua e conviria, por mais esse motivo, que V. tocasse para cá sem demora.²⁰

¹⁹ Carta de Gastão Cruis a Gilberto Freyre, datada de 06/08/1935. Acervo do Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre - Recife/PE.

²⁰ Carta de Rodrigo de Melo Franco de Andrade a Gilberto Freyre, datada de 10/08/1935. Acervo do Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre - Recife/PE.

A consulta às cartas de Anísio Teixeira remetidas a Gilberto Freyre nesta época, nos dão alguma idéia das exigências do autor pernambucano a que Rodrigo de Melo Franco de Andrade se referiu. Pois parece que Freyre exigira da Prefeitura do Rio um salário de, no mínimo, 3:000\$000.²¹

A princípio, Anísio Teixeira afirmou que não podia atender ao valor mínimo exigido pelo colega. Propôs a Freyre um ganho mensal de 2:500\$000 referente à 12h/aula por semana nas cadeiras de sociologia e antropologia e, como que atenuando a impossibilidade de cumprir sua exigência, afirmou que não seria difícil, no Rio, o aparecimento de oportunidades profissionais que lhe permitiriam complementar ou superar o valor de 3:000\$000.²²

Não obstante, tudo leva a crer que as exigências de Freyre foram atendidas, pelo menos no período compreendido entre os meses de julho de 1935 e julho de 1936: no primeiro contrato de Freyre celebrado com a Prefeitura do Rio de Janeiro, consta que seu salário mensal era exatamente 3:000\$000.²³

Sabemos, pois, que no início de setembro de 1935 - após três meses de difícil negociação contratual, crises de furunculose e de estafa, clementes pedidos de amigos cariocas e o curso na Faculdade de Direito - Freyre embarcou, finalmente, para o Rio com o propósito de iniciar os cursos de sociologia e antropologia na Universidade do Distrito Federal.

Na terceira semana de agosto, o *Diário de Pernambuco* já anunciava a toda a sociedade pernambucana a partida de Freyre: a pequena nota se resignava em lamentar a perda do escritor pernambucano para o Distrito Federal.²⁴

II. Enfim, no Rio de Janeiro

Freyre chegou ao cais do porto do Rio de Janeiro exatamente em quatro de setembro de 1935. Permaneceu na cidade durante duas temporadas apenas: entre setembro de 1935 e abril de 1936 (com um intervalo para as festas de final de ano, período no qual regressou ao Recife) e entre abril e junho de 1937. Em dezembro de 1937 pediu desligamento do cargo.

²¹ Carta de Anísio Teixeira a Gilberto Freyre, s/d, 1935 – Acervo do Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre - Recife/PE.

²² Carta de Anísio Teixeira a Gilberto Freyre, s/d, 1935 – Acervo do Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre - Recife/PE.

²³ Contrato de nomeação de Gilberto Freyre como professor da UDF – Acervo do Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre - Recife/PE.

²⁴ *Diário de Pernambuco*, 21/08/1935. Consultado na Sessão de Microfilmes da Fundação Joaquim Nabuco – Recife/PE.

Na Universidade, durante este período, manteve contato com importantes intelectuais, músicos e pintores brasileiros da época. De fato, num inventário das razões que podem explicar a aceitação do convite de Anísio Teixeira, deve-se considerar o cálculo de Freyre acerca possibilidade de criar e manter contatos e laços profissionais importantes para sua carreira intelectual. Era evidente que a dinâmica da vida intelectual no Rio de Janeiro permitiria contatos promissores para sua carreira. Pois o próprio José Olympio transferiu sua editora de São Paulo para o Rio em 1934 por considerar a capital do país mais adequada para seu empreendimento editorial.²⁵ Era, afinal, ali que se concentravam os maiores escritores, editores e editoras do Brasil ainda que São Paulo e Porto Alegre também tivessem notável vida editorial.

Não obstante, Freyre ficou na Capital Federal estritamente durante o período necessário para o desenvolvimento dos seus cursos na Universidade. Parecia compreender sua estadia no Rio de Janeiro como algo provisório.

Nem mesmo procurou uma habitação própria. Segundo sugerem algumas fontes (cartas do autor a amigos próximos e uma relação de endereços dos docentes da UDF)²⁶, Freyre morou, durante as duas temporadas, no apartamento do amigo Gastão Cruls, situado na Ladeira da Glória, número 35. Ao que tudo indica, manteve ali uma condição de hóspede muito querido.²⁷

Todo o período de permanência de Freyre no Rio foi muito incerto. Desde a sua chegada para assumir as aulas em 1935, até seu definitivo retorno ao Recife em 1937, ele manifestara muita hesitação. Algumas de suas hesitações possivelmente correspondiam às condições políticas que foram paulatinamente se tornando muito adversas, sobretudo na capital federal. Exatamente na época em que Freyre circulava no Distrito Federal, assistiu-se a um fortalecimento progressivo do Poder Executivo.

²⁵ Em julho de 1934 José Olympio mudou-se definitivamente para o Rio de Janeiro. Inaugurou a Livraria José Olympio na Rua do Ouvidor em frente à livraria Garnier. Suas palavras na época teriam sido as seguintes: *sei que vou arriscar muito, mas tenho de me mudar para o Rio; o lugar da minha editora é lá.* (VILLAÇA, 2001: 83) Segundo Villaça, em 1933 José Olympio [ainda em São Paulo], publicou apenas oito livros. Em 1934, [já no Rio] publicou trinta e dois. Em 1935, cinquenta e nove. E em 1936 sessenta e seis títulos. (VILLAÇA, 2001, 78) Sobre a história da Livraria e Editora José Olympio ver também SORÁ (1998b).

²⁶ Parte da correspondência ativa de Freyre foi reunida e publicada. Ver: (FREYRE, 1978). A relação de professores da UDF foi encontrada nos arquivos da Biblioteca do Instituto Superior de Educação do Rio de Janeiro, no bairro da Tijuca, onde funcionou, entre os anos de 1935 e 1939, a reitoria da Universidade.

²⁷ Nas memórias de Alfredo Freyre, pai de Gilberto, há trechos no qual é possível perceber a relação próxima entre a família de Gastão Cruls e a família de Freyre. (Alfredo FREYRE, 1970) Ver também a este respeito cartas de Gastão Cruls a Gilberto Freyre, datadas de 26/07/1935 e 04/09/1936. Acervo do Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre - Recife/PE.

Com efeito, o ano de 1935 foi pontuado por eventos significativos que revelavam elevado grau de tensão na sociedade. Sem dúvida nenhuma, foi um dos períodos mais difíceis para o governo Vargas desde a Revolução Constitucionalista de São Paulo, cujos acontecimentos deram início à preparação para o golpe do Estado Novo.

Malgrado a constitucionalidade - conquistada recentemente com a promulgação da Constituição de 1934 - o período foi caracterizado por confrontos políticos notáveis. Sintomático era o embate entre membros da Ação Integralista Brasileira e da Aliança Nacional Libertadora nas ruas da cidade do Rio de Janeiro.²⁸

Lembremos que em julho de 1935, após um Comício da Aliança Nacional Libertadora - no qual foi lido um Manifesto de Luis Carlos Prestes propondo a derrubada do governo - foi promulgada nova Lei da Segurança Nacional e, através dela, decretada a ilegalidade da ANL.²⁹

Importante ainda recordar que apenas dois meses após a chegada de Freyre ao Rio de Janeiro ocorreu um movimento que se convencionou chamar de "Intentona Comunista", uma tentativa fracassada de derrubada do Governo de Vargas por alguns dos membros da recém-extinta ANL.

Após a "Intentona", seguiu-se um período forte de repressão que vitimara, inclusive, a Universidade do Distrito Federal, seu criador Anísio Teixeira e seus docentes. As medidas repressivas que se seguiram à "Intentona" são compreendidas como um dos marcos importantes, representativos da preparação para o Regime autoritário do Estado Novo.

Em novembro de 1935, logo após a repressão ao Levante da Aliança Nacional Libertadora, Freyre, pela primeira vez, registrou o desejo de deixar o Rio de modo definitivo a fim de prosseguir carreira intelectual no Recife. Em carta a Fernando de Azevedo confessou que estava pretendendo organizar um Centro de Pesquisas Sociais em Pernambuco e que contava, para isso, com generosa

²⁸ A Aliança Integralista Brasileira e a Aliança Nacional Libertadora foram dois movimentos de massa bastante significativos deste período. A AIB foi criada em outubro de 1932, inspirada no fascismo italiano defendia ideário nacionalista anti-liberal e anti-semita e congregava setores católicos da camada média urbana sob o comando de Plínio Salgado. A ANL, por sua vez, foi fundada em 12 de março de 1935, tinha como membros comunistas e socialistas da camada média urbana e definia-se a partir do objetivo de combater o fascismo e o imperialismo. Propunha, entre outras coisas, a suspensão do pagamento da dívida externa, a nacionalização de empresas estrangeiras, a proteção aos pequenos e médios proprietários, a garantia das liberdades democráticas e a constituição de um governo popular. Ver: www.cpdoc.fgv.br

²⁹ O jornal *Diário de Pernambuco*, datado de 03/11/1935, comenta que Freyre assinara, com outros intelectuais, um Manifesto Contra a Lei de Segurança Nacional.

doação de um rico dono de terras pernambucano.³⁰ Observemos que, à sombra do fracasso da 'Intentona Comunista' é que se deu um dos primeiros registros (senão o primeiro) de sua intenção de organizar uma instituição de pesquisas sociais no Recife.

Sabemos que tal projeto de criação de um instituto de pesquisas sociais, Freyre levou a efeito apenas em 1949, com a fundação do Instituto Joaquim Nabuco. E para isso não pudera contar com a benevolência de um proprietário de terras, mas com o Estado brasileiro. A fundação do Instituto fora, pois, resultado de uma articulação política que o levara à Câmara dos Deputados em 1946, após a deposição de Vargas.

Naquele remoto ano de 1935, Fernando de Azevedo manifestou-se imediatamente favorável à iniciativa de Freyre de fundar no Nordeste um instituto de pesquisas. Não deixou, porém, de observar que numa empreitada dessa natureza, mais do que dinheiro era necessário empenho no sentido de formar discípulos.³¹

Entretanto, a despeito da suposta organização de um novo Centro de Pesquisas Sociais, Freyre retornou ao Rio no mês de janeiro de 1936, a fim de concluir o período de aulas iniciado em setembro. Nada sabemos acerca de suas negociações com o *ricaço de terras da região*.³² Tudo leva a crer que não foi possível, naquela ocasião, a abertura da instituição.

Em março de 1936, Freyre concluiu seus cursos de *antropologia* e *sociologia* na Universidade do Distrito Federal. Retornou ao Recife por alguns meses e, após viagem a Portugal e Espanha comissionado pela UDF, voltou ao Rio a fim de lançar - pela editora José Olympio - o primeiro volume da coleção *Documentos Brasileiros* sob sua coordenação: *Raízes do Brasil* de Sérgio Buarque de Holanda. Lançou, também nesta época, pela editora Nacional de São Paulo, o livro *Sobrados e Mucambos*, um dos volumes da Coleção Brasilianas.³³ O livro, que anos depois sofreria alterações e acréscimos significativos, é uma continuação de *Casa-Grande & Senzala*.

Neste período em que Freyre estava às voltas com a publicação de *Sobrados e Mucambos*, Fernando de Azevedo, então diretor da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade

³⁰ Carta de Gilberto Freyre remetida a Fernando de Azevedo, datada de 13/11/1935. Acervo da coleção "Fernando de Azevedo", no Instituto de Estudos Brasileiros (IEB) da Universidade de São Paulo - São Paulo/SP. Disponível também em DIMAS (2000:55).

³¹ Carta de Fernando de Azevedo a Gilberto Freyre, datada de 18/11/1935. Acervo do Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre - Recife/PE.

³² Carta de Gilberto Freyre remetida a Fernando de Azevedo, datada de 13/11/1935. Acervo da coleção "Fernando de Azevedo", no Instituto de Estudos Brasileiros (IEB) da Universidade de São Paulo - São Paulo/SP. Disponível também em DIMAS (2000:55).

³³ Segundo consta numa correspondência de Fernando de Azevedo para Gilberto Freyre, datada de 07/06/1934, fora o educador que sugerira o subtítulo de *Sobrados e Mucambos* como '*Decadência da família patriarcal no Brasil*'. Acervo do Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre - Recife/PE.

de São Paulo, acenou a possibilidade de trazê-lo para a Universidade de São Paulo. Eis as palavras exatas de Azevedo:

... Conversei muito com o Julinho (Julio Mesquita) a seu respeito e sobre a possibilidade de serem aproveitados os seus serviços na Universidade de São Paulo. Sempre me pareceu que, se quisermos organizar uma universidade de fato teremos que atrair, para nela trabalharem, os maiores especialistas e todos os elementos de grande valor no país. (...) O Julinho ouviu-me com grande interesse e ficamos os dois, de estudar ao menos (?) de trazê-lo para trabalhar na Universidade de São Paulo.³⁴

Azevedo acrescentou ainda, na mesma carta, que Júlio Mesquita teve ótima impressão de *Casa Grande & Senzala* e que manifestou desejo de contratar Freyre como colaborador exclusivo do jornal *O Estado de São Paulo*.

Nem USP, nem *O Estado de São Paulo*. Apesar da vida profissional promissora que as relações no sul do Brasil lhe ofereciam, a partir da segunda metade de 1936, Freyre manifestou novamente aos amigos o desejo de deixar suas aulas no Distrito Federal e retornar definitivamente ao Recife. Em carta ao amigo pernambucano Olívio Montenegro, Freyre afirmou que estava decidido a não continuar seus cursos na UDF, apesar dos constantes apelos do Ministro da Educação Gustavo Capanema e do Reitor Afonso Penna. (FREYRE, 1978: 231)

Igualmente, as cartas de Rodrigo de Mello Franco de Andrade sugerem que Freyre teria mencionado uma grande decepção em sua experiência no Rio que o desestimulariam a retomar suas aulas na UDF no ano de 1937.³⁵

Entretanto, apesar destas queixas, Freyre voltou uma vez mais para a UDF. Dessa vez, porém, organizou um novo curso: *pesquisas e inquéritos sociais*, dedicado aos alunos do terceiro ano de ciências sociais. Provavelmente, o desejo de propor esta nova e pioneira disciplina influenciou para que Freyre se afastasse mais uma vez ainda da terra natal. Com a oferta deste curso, parecia desejar firmar-se no campo das investigações sociais. Era uma oportunidade única para sua carreira, que legitimaria até mesmo a fundação de um novo instituto de pesquisas.

Contribuía também para o retorno de Freyre ao Rio de Janeiro a atmosfera de redemocratização. Lembremos que durante todo o ano de 1937 desenrolou-se a campanha eleitoral

³⁴ Carta de Fernando de Azevedo à Gilberto Freyre, datada de 25/04/1936. Acervo do Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre - Recife/PE.

³⁵ Cartas de Rodrigo de Melo Franco de Andrade a Freyre, datadas de 19/09/1936 e 23/01/1937. Acervo do Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre - Recife/PE.

para a Presidência da República. A sucessão era disputada por Armando Sales de Oliveira (conservador ligado à agricultura cafeeira e à indústria), candidato da oposição; pelo advogado José Américo de Almeida (que se tornou famoso pelo sucesso do seu romance regional *A bagaceira*) candidato semi-oficial; e por Plínio Salgado (chefe nacional dos integralistas) que disputava com José Américo a simpatia de Vargas. (ANDRADE, 1988)

A democratização e a possibilidade de eleição de José Américo (candidato publicamente apoiado por Freyre) poderiam até mesmo dar novas esperanças a UDF, instituição que sempre fora vítima das arbitrariedades de Getúlio Vargas e do Ministro Capanema e das críticas dos conservadores católicos. Certamente isso deve ter favorecido a decisão de Freyre de retomar suas aulas. Estava, pois, duplamente inspirado pela nova disciplina e pelos novos ares de democratização.

Com efeito, entre abril e junho de 1937, Freyre ficou ocupado com seu novo curso na UDF. Depois, rumou para a Europa na condição de delegado brasileiro do Congresso de Expansão Portuguesa no Mundo. No retorno ao Recife, publicou o livro *Nordeste* e envolveu-se pessoalmente na campanha presidencial do amigo José Américo.

Não obstante, sabemos que a eleição presidencial não ocorreu e que Getúlio Vargas deflagrou um novo golpe. Em 10 de novembro de 1937 o presidente dissolveu o Congresso e os partidos e iniciou um novo período de ditadura conhecido como 'Estado-Novo', sob o pretexto de um eminente golpe comunista.

O novo contexto político parecia especialmente desfavorável para as ambições acadêmicas de Freyre se considerarmos válida a hipótese de que a perspectiva de redemocratização teria sido de fato decisiva em seu retorno às atividades docentes na UDF.

De fato, a carta de demissão de Freyre não tardou a chegar. Foi entregue à reitoria da Universidade em dezembro, cerca de um mês após o início do Estado Novo e exatamente uma semana antes da nomeação de Alceu Amoroso Lima para a Reitoria. É este o texto da carta na íntegra:

Rio, 23 de dezembro de 1937.

Excelentíssimo Senhor Diretor da Escola de Economia e Direito. Universidade do Distrito Federal.

Meu caro diretor: Comunico-lhe, e por seu intermédio ao Sr. Reitor, que considero finda a minha atividade de professor e pesquisador dessa casa de ensino, não mais podendo continuar a serviço da Universidade do Distrito Federal. Creia que é com pesar que me separo dessa nova mas já ilustre instituição, particularmente da Escola de Economia e Direito, sob sua inteligente direção.

Faço votos sinceros para que continue a presta à causa do ensino universitário em nosso país os serviços que todos devemos esperar de sua admirável inteligência, assigno-me cria.º obrig.º Gilberto Freyre.³⁶

Certamente a instabilidade administrativa da Universidade que, entre outras coisas, gerava redução e atraso no pagamento dos professores, contribuiu para que Freyre tomasse a decisão de sair da UDF.

Segundo sugerem algumas fontes, a partir de 1936 não foi possível manter o salário de Freyre no valor de 3:000\$000. A propósito, vale lembrar o caráter provisório do contrato de trabalho dos docentes da Universidade: os professores da instituição eram nomeados para desempenhar suas funções pelo período de um ano. Vencido este prazo, era necessário celebrar novo acordo.

Nos documentos contábeis da UDF referentes ao ano de 1937, consta que o salário de Freyre era então de 1:600\$000. Neste período apenas o reitor (Affonso Penna Júnior) ganhava o equivalente à 3:000\$000. É certo que Freyre, naquele ano de 1937, ministrou apenas uma disciplina (*Pesquisas e Inquéritos Sociais*), o que justificaria tal redução salarial.³⁷

Esta nova condição salarial de Freyre (justificável ou não) era provavelmente agravada pelos atrasos constantes e pela incompletude no pagamento. Cartas de Gastão Cruels a Freyre mencionam dificuldades neste sentido. Segundo o testemunho de Cruels, desde 1936 os professores vinham sendo pagos com atrasos e descontos que chegavam a 50% de seus salários.³⁸

De outro lado, não se pode esquecer, entre as razões que favoreceram o desligamento de Freyre da UDF, que ele fora alvo sistemático de críticas dos conservadores católicos e que, a partir do Golpe do Estado Novo, as lideranças católicas, muito próximas à Capanema, assumiram o poder

³⁶ Carta de demissão transcrita pela Secretaria da UDF. Arquivos da UDF - Biblioteca do ISERJ-RJ.

³⁷ A propósito, é oportuno aqui lembrar que a partir de maio de 1936, além da renda de suas publicações, Freyre somava os ganhos da UDF com os da direção da recém-criada *Coleção Documentos Brasileiros* da editora José Olympio. Segundo dados levantados por Gustavo Sorá, na direção desta coleção, Freyre passou a ganhar uma mensalidade cujo valor inicial era 500\$000. Recebia ainda, por cada livro publicado na referida coleção, uma comissão que variava entre 600\$000 e 1:200\$000. (SORÁ, 1998:151).

³⁸ Cartas de Gastão Cruels a Gilberto Freyre, datadas de 21/07/1936 e 02/10/1937. Acervo do Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre - Recife/PE.

na instituição³⁹ tornando inviável a sua presença. Com efeito, pouco antes da nomeação de Alceu Amoroso Lima Freyre providenciara a sua carta demissionária.

A princípio, a carta de demissão de Gilberto Freyre - como também a de outros professores - não foi aceita por ter sido dirigida à Direção da Faculdade e não diretamente à Prefeitura. Além disso, Freyre acumulava, naquela ocasião, dois cargos públicos (o de docente da UDF e o de Técnico do Serviço do Patrimônio Histórico), o que passara a ser irregular desde a repentina promulgação do Decreto-Lei 24, de 24 de novembro de 1937, conhecida como a 'Lei da Desacumulação'.

Para regularizar a situação de Freyre, foi necessária a intervenção dos infalíveis amigos Gastão Cruls e Rodrigo de Mello Franco de Andrade. Ambos prepararam, com urgência, uma declaração que foi assinada pelo procurador de Gilberto Freyre no Rio, Luis Jardim. Não houve nem mesmo tempo de consultar o próprio Gilberto Freyre. O conteúdo do documento formulado pelos amigos foi este:

*'Gilberto de Mello Freyre, pelo seu procurador abaixo assinado, vem declarar a V. Exa. que renuncia ao seu contrato de professor de Inquéritos e Pesquisas da UDF, em obediência aos artigos I e II do Decreto Lei 24, de 29 de novembro, optando pelo cargo de Assistente Técnico de 3ª classe, contratado do Serviço de Patrimônio Histórico e Artístico do Ministério de Educação e Saúde.'*⁴⁰

Notemos que nesta nova carta, a demissão de Freyre fora justificada como cumprimento da 'Lei de Desacumulação'. Tais 'confusões' burocráticas foram muito comuns naquela época e expressam as dificuldades administrativas no âmbito da UDF significativamente agravadas sob o regime do Estado Novo.

Com efeito, a partir de novembro de 1937, após a promulgação do Decreto 24, parte significativa dos docentes da UDF (muitos deles professores primários e secundários em outras instituições públicas) tiveram que optar repentinamente por um de seus cargos. Houve então uma baixa significativa no corpo de professores da Universidade. Este foi um dos golpes cruciais na instituição que atingira o ponto nodal da proposta original da Universidade, qual seja, a de promover a integração entre os diferentes níveis de ensino.

³⁹ Imediatamente após o Golpe do Estado Novo o Padre Olympio de Melo assumiu a reitoria da Universidade do Distrito Federal.

⁴⁰ Carta de Gastão Cruls a Gilberto Freyre, datada de 02/01/1938. Acervo: Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre - Recife/PE.

Desligado de suas funções na UDF, Freyre retornou novamente ao Recife. Teria então sofrido uma crise emocional que costumava denominar de *banzo*.⁴¹ Suas correspondências da época sugerem que se sentia inseguro em relação ao futuro de sua carreira. Temia, sobretudo, o esquecimento dos amigos.⁴² Talvez tivesse receio de que sua rede de relações não se mantivesse com o retorno definitivo ao Recife.

A manifesta tristeza de Freyre mobilizou alguns amigos mais próximos para trazê-lo de volta ao Rio. Freyre teria sido, até mesmo, sondado para assumir o cargo de Diretor do Museu Nacional: Gastão Cruls comunicou por carta ao amigo pernambucano que o cargo estava vago, pois seu último diretor, Alberto Betim, também fora obrigado a afastar-se pela 'lei da desaccumulação'. Heloísa Torres assumiu interinamente a direção com a intenção de, segundo Cruls, ver-se logo substituída por *alguém de valor*. Foi então que o nome de Freyre foi lembrado.⁴³

Ao que tudo indica, Freyre teria mesmo recebido um convite formal de Heloísa Torres. Entretanto, o pernambucano recusou o convite exatamente nestes termos:

*(...) Deu-me de repente uma vontade enorme de ser, de qualquer modo, companheiro de estudos da melhor gente que se interessa no Brasil pelos assuntos que me interessam e que continuam e enriquecem hoje uma das melhores tradições da vida intelectual e científica da América. Mas pensando bem, não vejo como seria possível. Meu apego à província é agora definitivo – embora seja uma afeição difícil de conservar sob o ponto de vista prático. Além do que, como lembra Gastão, eu estaria sob o Ministro Capanema, com quem não dá jeito de conciliar-me e por quem teria que ser nomeado – a não ser que a nomeação fosse direta ou iniciativa do Presidente da República. Mas o primeiro impedimento? Não vejo jeito de renunciar. Pernambuco, como ponto definitivo, minha base. E o Museu, segundo creio, não admitiria conciliar essas necessidades sentimentais e de paisagem com a atividade no Rio. De modo que a situação é verdadeiramente essa: impossível. Tenho pena que seja assim, porque não imagino lugar nenhum, ambiente nenhum que foi mais agradável trabalhar. Mas é assim mesmo: nesta vida é muito raro as coisas se harmonizarem. Esteja certa que me lembrarei sempre do seu gesto.*⁴⁴

⁴¹ Carta de Freyre escrita no Recife em 10/04/1938, enviada à Heloísa Torres no Rio. Acervo de Heloísa Torres na Casa de Cultura de Itaboraí/RJ – Pasta Gilberto Freyre.

⁴² Carta de Freyre escrita no Recife em 25/01/1938, enviada à Heloísa no Rio. Acervo de Heloísa Torres na Casa de Cultura de Itaboraí/RJ – Pasta Gilberto Freyre.

⁴³ Carta de Gastão Cruls a Gilberto Freyre datada de 03/04/1938. Acervo do Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre - Recife/PE.

⁴⁴ Carta consultada no acervo da Casa de Cultura de Itaboraí/RJ – pasta Gilberto Freyre.

Este trecho é muito significativo do modo como Freyre se posicionava diante das circunstâncias, sempre muito ambíguo. Acompanhemos em detalhes o seu raciocínio nesta citação. Ele encerrou e abriu possibilidades num percurso narrativo quase labiríntico. Propôs e recusou condições quase a um só tempo. Num primeiro momento, manifestou o desejo de ir ao Rio. Não obstante, o contrapôs ao apego a Recife. Em seguida, revelou ser impossível sua conciliação com o Ministro Capanema, a quem, a rigor, seria diretamente subordinado. Ao mesmo tempo, porém, sugeriu que poderia até mesmo aceitar o cargo, desde que o próprio Vargas o nomeasse. Novamente, porém, lançou o que considerou um impedimento fundamental: a necessidade sentimental de residir em Recife. É então que, cuidadosamente, fez entrever que trabalharia para o Museu, desde que não lhe fosse exigida a presença no Rio. Terminou então afirmando, com muito lamento, ser impossível a conciliação do trabalho proposto com sua presença emocionalmente necessária no Recife.

Freyre, entretanto, nesta mesma época, aceitou um convite para ministrar aulas em Columbia. A pedido de colegas da Universidade americana, ofereceu ali um curso sobre “Problemas de História e de interpretação sociológica da escravidão”. Nesta ocasião, teria feito contato com importantes instituições científicas americanas e conversado sobre possibilidades de cooperação científica com o Brasil. É possível que tivesse planos para a sua carreira no sentido de promover as pesquisas sociais no Brasil por meio de agências de fomento americanas.⁴⁵

No ano de 1938, em Portugal, foi nomeado membro da Academia Portuguesa de História pelo presidente Oliveira Salazar. Notemos que, a partir de 1938, surgiram para Freyre oportunidades e honrarias significativas no exterior, especialmente nos Estados Unidos e em Portugal (mais tarde também na França).

Observemos, não obstante, que houve ainda outras tentativas notáveis de fixar Freyre em alguma instituição carioca. Em 1939, de volta ao Recife, ele manifestou, mais uma vez, sinais de crise em relação ao seu futuro profissional. Foi então que, por carta, José Bonifácio Rodrigues

⁴⁵ Em carta a Heloísa Torres - de 17/10/1938, Nova Iorque – Freyre comenta sobre um almoço no qual se encontraria com os diretores das três grandes fundações científicas norte-americanas: Carnegie, Gugenheim e Rockefeller. Segundo Freyre, seus diretores gostariam de consultá-lo sobre os melhores meios de cooperação entre as fundações e as entidades culturais do Brasil. Freyre pede que Heloísa Torres mantenha segredo sobre este almoço e não deixa de comentar sobre sua importância no meio científico norte-americano. Acervo da Casa de Cultura Heloísa Alberto Torres – Itaboraí/RJ.

avisou-o que Heloísa Torres⁴⁶ convencera o ministro Capanema a nomeá-lo professor da Universidade do Brasil.⁴⁷ Mas ele não aceitou o convite.

Naquele ano, Freyre voltou aos Estados Unidos na condição de professor extraordinário da Universidade de Michigan, onde ministrou um breve curso sobre a história do Brasil. Após o retorno, publicou "*Açúcar*" e "*2º Guia prático, histórico e sentimental de cidade brasileira*" sobre a cidade de Olinda. Fixou-se então definitivamente no Recife. Sua rotina de escritor foi apenas periodicamente interrompida devido a pequenas ou grandes viagens de observação. Nunca mais o Rio de Janeiro.

Vale lembrar, a propósito, que a relação de Freyre com Capanema (que em 1938 o próprio Freyre considerava impossível) tornou-se muito próxima a partir de 1941. Pesquisas recentes no acervo de correspondências do ex-ministro da Educação chegaram à conclusão de que Freyre foi um dos maiores correspondentes de Capanema. (LIMA, 1999) (GOMES, 2000) A intimidade era tamanha que Freyre julgava-se no direito de propor um plano de estudos na América do Sul, a ser financiado pelo governo, que lhe servisse igualmente de viagem de núpcias. Pedido que foi aceito por Capanema e pelo presidente Vargas. (SCHWARTMANN et al, 2000: 333-334)⁴⁸

Entretanto, nos parece óbvio que, a despeito das aproximações posteriores de Freyre com Capanema, parte de sua hesitação em relação à vida acadêmica carioca esteve relacionada às condições particulares de implantação e funcionamento da própria UDF, instituição que tinha Capanema como um dos seus principais alcoses. Como pudemos notar, a instituição viveu num regime de grande instabilidade administrativa até seu definitivo fechamento em 1939. E um dos grandes responsáveis por este estado de coisas foi o próprio Ministro da Educação Gustavo Capanema. Vamos, pois, dedicar alguns parágrafos para a descrição da experiência da

⁴⁶ Segundo o levantamento feito por Lucia Lippi de Oliveira nos arquivos de Capanema, Heloísa Torres tivera importância fundamental na indicação de professores para a Faculdade Nacional de Filosofia. (OLIVEIRA, 1995)

⁴⁷ Carta de José Bonifácio Rodrigues a Gilberto Freyre, datada de 14/05/1939. Acervo do Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre - Recife/PE.

⁴⁸ Freyre refere-se a esta viagem e aos planos intelectuais que a motivaram na primeira edição do livro *Sociologia: uma introdução aos seus princípios* (1945): ... *durante nossa viagem ao Uruguai, em 1941, esboçamos um plano de organização de um instituto para o estudo, sob o critério regional supra ou transnacional, do problema, na América hispânica, da fazenda de gado, estância, rancho, campo de criação e indústria e comércio de carne: estudo social que fosse principalmente sociológico em seus propósitos e métodos porém também histórico, ecológico, tecnológico e econômico. Infelizmente as circunstâncias do momento não se revelaram favoráveis a tais estudos que exigiriam o esforço conjunto de especialistas de várias ciências sociais e de cientistas sociais de vários países americanos (inclusive os Estados- Unidos) com a colaboração de um cientista social europeu que considerasse o problema do ponto de vista dos países importadores de carne e derivados, da América. Estudo semelhante poderia ser feito com relação à Amazônia cuja história natural e social e cujos problemas não são exclusivamente brasileiros ou peruanos, porém interessam ao norte inteiro da América do Sul: problema dos que denominamos regional no sentido mais amplo de região, que exceda o de nação e não apenas o de Estado.* (FREYRE, 1945: 622-623)

Universidade do Distrito Federal para a vida intelectual e científica no Brasil na época. Isso nos auxiliará a compreender esta etapa da trajetória de Gilberto Freyre.⁴⁹

III. A Universidade do Distrito Federal e o curso de ciências sociais

A UDF foi inaugurada em julho de 1935, resultado do esforço conjunto da Prefeitura do Rio de Janeiro, da Associação Brasileira de Educação, da Academia Brasileira de Ciências e, sobretudo, do diretor de Instrução Pública do então Distrito Federal, Anísio Teixeira.⁵⁰

A fundação da UDF esteve ligada à execução de um projeto de Reforma da Educação no Distrito Federal que tinha como propósito principal a integração orgânica entre os diferentes níveis de ensino. Tal projeto foi empreendido por Anísio Teixeira, entre os anos de 1931 e 1935, durante o mandato do prefeito Pedro Ernesto.⁵¹

Antes que nos concentremos no projeto da UDF vale a pena, rapidamente, destacar algumas características da gestão de Pedro Ernesto que explicitam o ambiente político no qual se realizou a reforma educacional que culminou com a fundação da Universidade. Destacaremos rapidamente quatro delas: 1) a base popular do seu governo, 2) a preocupação fundamentação científica do plano de ações políticas, 3) a busca por um acordo entre as classes populares, cientistas e intelectuais, 4) a defesa da autonomia administrativa do Distrito Federal.

⁴⁹ Sobre a UDF verificar, além da bibliografia indicada, o livro de memórias de Hermes Lima. Grande amigo de Anísio Teixeira, Lima foi diretor da Faculdade de Direito da UDF e dedicou um capítulo de seu livro à descrição desta experiência universitária (LIMA, 1974) Verificar também o trabalho de Maria Herminia Tavares de ARRUDA (1989).

⁵⁰ Anísio Spindola Teixeira (1900-1971) nasceu em Catité na Bahia. Estudou nos Estados Unidos, graduando-se em Educação pela Universidade de Columbia e ligando-se a John Dewey e Willian Killpatrick. Foi diretor geral do Departamento de Educação do Distrito Federal (1921) Na administração do prefeito Pedro Ernesto foi nomeado Diretor de Instrução, cargo no qual lançou um novo sistema de educação, da escola primária à universidade. De 1935 a 1945 foi perseguido pela ditadura de Vargas e, por isso, afastou-se da atuação pública. Em 1951 retomou suas atividades no plano federal a convite do Ministro da Educação Ernesto Simões, exercendo o cargo de Secretário Geral da Companhia de Aperfeiçoamento do Pessoal de Ensino Superior (CAPES). Foi, depois, diretor do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (1952-1964), membro do Conselho Federal de Educação (1962) e reitor da Universidade de Brasília (1963-1964). (PENNA, 1987: 169)

⁵¹ Pedro Ernesto (1884-1942) era formado em Medicina pela Faculdade da Bahia. Tinha grande reputação como cirurgião. Em 1922, associou-se em conspirações contra o Governo Federal. Em 1930, participou da Campanha de Getúlio Vargas à Presidência da República e do movimento político-militar que depôs Washington Luis. Tornou-se médico particular de Vargas. Em setembro de 1930, foi nomeado interventor do Distrito Federal. Desfrutou, até 1935, de enorme prestígio junto ao chefe do governo. A partir deste período foi, entretanto, acusado de manter relações com os membros da Aliança Nacional Libertadora. Em 1936, sob acusação de ser comunista, foi afastado da Prefeitura do Distrito Federal e permaneceu preso por alguns meses. Disponível em: <http://www.cpdoc.fgv.br>

Pedro Ernesto foi um conhecido prefeito do Rio, compreendido como um dos primeiros líderes populistas da história política do Brasil. Um dos objetivos manifestos de sua plataforma de governo era incorporar os setores populares no conjunto das responsabilidades governamentais, sobretudo por meio da extensão dos serviços públicos. Fez, nesse sentido, uma administração dirigida principalmente para a melhoria dos serviços de saúde e educação. Reequipou as instalações hospitalares, criando, entre outras obras, o Hospital Miguel Couto, Getúlio Vargas e Carlos Chagas. Além disso, nomeou o educador Anísio Teixeira - considerado o representante mais democrático da Escola Nova no Brasil - para a Diretoria Geral de Instrução e o designou para a tarefa de realizar uma grande reforma do ensino na cidade.

Vale lembrar que durante a gestão de Pedro Ernesto, Anísio Teixeira foi sempre muito atacado pela Igreja católica sob a acusação de ser materialista e comunista. Isso ocorria sob um clima de forte hostilidade entre lideranças católicas e os educadores que atuavam na defesa do ensino laico e gratuito. Porém, o Prefeito do Rio, malgrado os freqüentes ataques ao educador e às diretrizes da reforma por ele empreendida, manteve Anísio Teixeira no cargo com o respaldo e aprovação dos professores e das classes populares. (VICENZI, 1986: 8)

O forte apoio dos setores populares foi a razão pela qual, a despeito de suas crescentes críticas aos rumos do governo Vargas e dos ataques sofridos pelos católicos, fora tratado com alguma parcimônia pelo poder central. Mas isso durou apenas até abril de 1936, quando foi preso, afastado da Prefeitura, substituído pelo interventor Padre Olympio de Mello.

Lembremos também que Pedro Ernesto, durante o período em que esteve à frente da Prefeitura do Rio de Janeiro, acreditava que a solução de muitos dos problemas da cidade estava subordinada a um adequado conhecimento científico do meio social. Compreendia que o favorecimento da pesquisa científica, seguido da gestão técnica dos seus resultados, se apresentaria como instrumento precioso para orientar o plano de atendimento das necessidades da população.

Nesse sentido é que desejou reunir a elite técnica e científica com os setores populares para a discussão sistemática sobre as suas possíveis ações governamentais. Parecia crer que da colaboração efetiva entre trabalhadores, cientistas e intelectuais resultariam soluções mais eficazes para a cidade. O exemplo mais notório disso teria sido a fundação, por iniciativa do próprio prefeito, da União Trabalhista Humanitária, organização que tinha como objetivo congregar trabalhadores e

intelectuais para a troca de informações e para a orientação racional das ações políticas. (BARBOSA, 1996:26)

Finalmente, é importante ressaltar a luta de Pedro Ernesto para conquistar a autonomia administrativa do Distrito Federal. No início de 1933, participou da fundação do Partido Autonomista do Distrito Federal cujo principal ponto do programa era a luta pela autonomia política e administrativa do Distrito Federal. Sob sua liderança, o Partido Autonomista venceu as eleições para a Assembléia Constituinte de 1934 onde suas teses foram aprovadas. No ano seguinte, o partido obteve ampla vitória nas eleições para a Câmara Municipal do Rio de Janeiro, elegendo a maioria da bancada daquela casa. Os vereadores elegeram então Pedro Ernesto Prefeito do Rio de Janeiro, tornando-o o primeiro Prefeito eleito da história da cidade, ainda que indiretamente. Nesse caso, munido dos recursos da lei, com ampla base partidária e popular, garantiu sua autonomia em relação às orientações do governo central. Conquistara assim uma posição singular no contexto político da época. Posição esta que garantiu os fundamentos para a experiência da UDF.

Veremos, com efeito, que Reforma Educacional do Distrito Federal realizada desde 1934 teve como fundamento a autonomia política e o pressuposto da aliança entre setores populares e a elite intelectual.

Houve, por parte de Anísio Teixeira, uma preocupação - independentemente da ideologia varguista e católica - com a formação intelectual dos setores populares, sobretudo, por meio da expansão e melhoramento da rede de ensino oficial.

Teixeira esforçou-se notavelmente por realizar uma aproximação dos níveis de escolaridade entre os filhos de operários e os filhos das elites. Procurou diminuir as distinções curriculares que separavam as escolas técnicas destinadas aos futuros operários, das escolas secundárias, para a qual se encaminhavam os alunos mais abastados que se preparavam para realizar cursos superiores. Com este propósito, elevou todo o ensino técnico profissional ao nível do secundário: várias cadeiras passaram a ser conjuntamente estudadas pelos alunos dos cursos técnicos e dos cursos preparatórios para a Universidade. Permitiu, assim, que todos pudessem pleitear o ingresso em graus superiores de ensino.

No que se refere ao professorado, Teixeira procurou, sobretudo, melhorar a formação técnica e científica dos docentes. A qualificação de professores, especialmente os primários, era uma das metas prioritárias de sua ação. Tanto que, em 1947, exatamente doze anos após a

experiência de Reforma no Rio de Janeiro, numa confissão comovida, demonstrava que os professores foram fonte de gratificação profissional emocional do seu empenho:

*Fui diretor de ensino no Rio com a absoluta convicção de que não passava de um servente - um servente-mor, talvez - dos que realmente faziam o ensino. (...) Como diretor, isto é, servente, ficava gratificado quando criava para uma professora primária condições um pouco melhores de ensino...*⁵²

De fato, para melhorar o ensino dos professores Teixeira fundou o Instituto de Educação (mais tarde incorporado a UDF) e o equipou com laboratórios e escolas de aplicação. Fundou também o *Instituto de Pesquisas Educacionais*, que fora dirigido por Delgado de Carvalho e cuja função era, entre outras coisas, recolher dados sobre a realidade educacional do Distrito Federal para que servissem de subsídio para a ação educacional. (MARIANI, 1982: 171)

A preocupação com a excelência da formação profissional e humana de professores, com a elevação da cultura intelectual e científica (sobretudo dos setores populares) na cidade do Rio de Janeiro e com a pesquisa aplicada à política pública parecia conduzir Anísio Teixeira e o prefeito Pedro Ernesto diretamente à idéia da formação de um centro superior de estudos.

Com efeito, a fundação da UDF foi um episódio singular na vida universitária brasileira e se integrou aos objetivos gerais da reforma do ensino no Rio de Janeiro. Teixeira a concebia como um coroamento da reforma. (TEIXEIRA, 1934: 24)

Na perspectiva de Teixeira, com a fundação da nova Universidade não se desejava, tão somente, preparar quadros formados por indivíduos com domínio do saber existente e da experiência humana acumulada. Desejava-se, principalmente, criar um ambiente de saber, facilitador da participação de todos na formação intelectual da experiência humana, especialmente os professores. (FÁVERO, 1977)

Dois traços são característicos da concepção particular de universidade sustentada por Anísio Teixeira. (TEIXEIRA, 1997) Em primeiro lugar, o educador compreendia que o ambiente universitário deveria manter absoluta autonomia perante a Igreja e o Estado. A função do Estado deveria ser tão simplesmente zelar para que se mantivesse absoluta liberdade na produção e difusão do conhecimento.

⁵² Carta de Anísio Teixeira a Gilberto Freyre, datada de 2 de fevereiro de 1946. Acervo do Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre - Recife/PE.

Em segundo lugar, Teixeira acreditava que a UDF poderia efetivamente colaborar para uma coordenação intelectual que irradiasse o conhecimento humano entre diferentes camadas da sociedade. Uma coordenação universitária evitaria o autodidatismo, o conhecimento como mero fator de diferenciação social, o isolamento dos intelectuais, a segregação cultural da população.

A cultura brasileira se ressentida, sobretudo, da falta de quadros regulares para sua formação. Em países de tradição universitária, a cultura isola, diferencia, separa. E isso por que? Porque os processos para adquiri-la são tão pessoais e tão diversos, e os esforços para desenvolvê-la tão hostilizados e tão difíceis, que o homem culto, à medida que se cultiva, mais se desenraiza, mais se afasta do meio comum, e mais se afirma nos exclusivismos e particularismos de sua luta pessoal pelo saber. (TEIXEIRA, 1997: 126)

Nesse sentido, a criação da UDF fora compreendida como possibilidade de permitir uma integração maior entre os níveis básico, secundário e superior no âmbito da cidade do Rio de Janeiro. Para Teixeira, caberia à instituição universitária cultivar e manter aceso o interesse pelo mundo técnico, científico, literário e filosófico entre os diferentes estratos sociais da vida carioca.

A universidade deveria ser como um foco de irradiação de uma nova mentalidade científica. Por meio da formação universitária, milhares de professores e profissionais liberais poderiam esparramar e estimular os avanços da vida intelectual e científica. Tratava-se, pois, de velar para que a curiosidade humana não se extinguisse e, desse modo, garantir o progresso técnico e científico:

São as universidades que fazem hoje, com efeito, a vida marchar. Nada as substitui. Nada as dispensa. Nenhuma outra instituição é assombrosamente útil. (TEIXEIRA, 1997: 125)

Notemos que, dentro desta perspectiva, o desenvolvimento da ciência era essencialmente ligado à democratização do acesso à cultura. Estas, as condições ideais para o progresso nacional, segundo Teixeira. Notemos que se trata, a princípio, de um projeto universitário muito distinto da Universidade de São Paulo (USP), cujo *'leitmotiv'* foi essencialmente a formulação de elites intelectuais e políticas capazes de orientar o povo. (CARDOSO, 1982) É, pois, possível que o populismo de Pedro Ernesto oferecesse uma base política para uma experiência de institucionalização universitária bastante diversa daquela realizada em São Paulo.

Rigorosamente, a oportunidade legal para a criação da UDF surgiu com a promulgação da Constituição de 1934, que outorgou a autonomia administrativa ao Distrito Federal. (BARBOSA, 1996: 50)

Na verdade, houve uma polêmica relativa à legitimidade jurídica da instituição. Havia, pois, um confronto entre a legislação que garantia a autonomia administrativa conquistada pelo Distrito Federal e o Estatuto das Universidades Brasileiras, instituído pelo decreto Federal de 1931, que preconizava a submissão das Universidades à União. Essa polêmica perdurou durante todo o período de existência da Universidade até o seu fechamento em 1939 e ameaçou, até mesmo, o reconhecimento dos diplomas dos alunos formados em 1938.

O fato é que a instauração da Universidade fora, em 1935, permitida por Getúlio Vargas, a despeito do problema jurídico que estava em sua origem. Possivelmente, no início de 1935, o presidente temeu contrariar os interesses do prefeito do Distrito Federal por receio de perder seu apoio popular.

Anísio Teixeira foi reitor da UDF, mas se afastou em novembro de 1935 devido à acusação de participação no que se convencionou chamar de 'Intentona Comunista'. Para evitar embaraço político e possíveis conseqüências desfavoráveis para a Universidade e para a Secretaria de Educação do Distrito Federal, deixou suas funções e viveu uma espécie de auto-exílio na Bahia.⁵³

O afastamento de Anísio Teixeira da Universidade e da Diretoria de Instrução certamente abalara Freyre. Como vimos é exatamente após a Intentona Comunista e a demissão do educador que Freyre escreveu para Fernando de Azevedo sobre suas pretensões de criar no Recife um Instituto de Pesquisas Sociais.

⁵³ A correspondência entre Anísio Teixeira e Pedro Ernesto está disponível na Fundação Getúlio Vargas/CPDOC/Arquivo Anísio Teixeira e pelo site <http://www.prossiga.br/anisioteixeira/cartas>. Numa das cartas escritas por Anísio Teixeira ao prefeito do Rio, o educador justifica seu afastamento da Diretoria de Instrução da Prefeitura e nega que tenha participado da 'Intentona Comunista': *Pela conversa que tive, ontem, com vossa excelência, pude perceber que a minha permanência na Secretaria de Educação e Cultura do Distrito Federal constituía embaraço político para o governo de Vossa Excelência. (...) não é possível aceitar minha exoneração sem a ressalva de que ela não envolve, de modo algum, a confissão, que se poderia supor implícita, de participação, por qualquer modo, nos últimos movimentos de insurreição ocorridos no país. Não sendo político e sim educador, sou, por doutrina, adverso a movimentos de violência cuja eficiência contexto e sempre contestei. (...) Sou, por convicção, contrário a essa trágica confiança na violência que vem se espalhando pelo mundo, em virtude de um conflito de interesses que só pode ser resolvido, ao meu ver, pela educação no sentido largo do termo. (...) Conservo, em meio a toda a confusão momentânea, as minhas convicções democráticas, as mesmas que dirigiram e orientaram todo meu esforço, em quatro anos de trabalho e lutas incessantes, pelo progresso educativo do Distrito Federal e reivindico, mais uma vez, para essa obra que é do magistério do Distrito Federal, e não somente minha, o seu caráter absolutamente republicano e constitucional e a sua intransigente imparcialidade democrática e doutrinária.*

Vale lembrar que Freyre conheceu Anísio Teixeira alguns dias após o Golpe de 30, quando estava de passagem pela Bahia, antes do embarque em direção a Portugal com Estácio Coimbra. Certamente não sabia, mas encontrava ali um grande companheiro, fundamental em momentos importantes de sua carreira ⁵⁴

É mesmo possível que Freyre tenha se identificado de modo especial com o projeto da Universidade do Distrito Federal. Foi, pelo menos, isso que deixou entrever na introdução à primeira edição do livro *Sociologia: uma introdução aos seus princípios*. Ali, se referiu a experiência universitária da UDF como a *única tentativa séria de universidade que até hoje se esboçou no Rio de Janeiro*. (FREYRE, 1945: 68) Do mesmo modo, referiu-se a Anísio Teixeira como *figura admirável de renovador do ensino no Brasil*. (FREYRE, 1945: 67)

Desde o conflito que se convencionou denominar de 'Intentona Comunista' - em novembro de 1935 - a Universidade fora alvo de uma série de ataques por parte do Governo Federal que passara a vê-la como um covil de conspiradores. Isso resultou no afastamento de Anísio Teixeira da reitoria.

Mas é principalmente a partir de novembro de 1937, com a instauração do Estado Novo, que a intervenção federal foi severa. Logo após o Golpe de novembro, Getúlio Vargas depôs o reitor Afonso Penna e nomeou como interventor o Padre Olympio de Melo. A nomeação do padre representou, em certo sentido, a vitória dos setores conservadores sobre o projeto democratizante de Anísio Teixeira.

Diante das circunstâncias, seguiu-se um longo período de instabilidade administrativa na UDF. Depois de Olympio de Melo, assumiram sucessivamente a reitoria Alceu Amoroso Lima, José Baetta Vianna e Luiz Camilo de Oliveira Netto.

A rigor, o que se verificou a partir de 1937 foi um longo preparo para a dissolução da instituição até que, finalmente, em 1939 um decreto do governo federal fechou a Universidade e transferiu seus cursos para a Universidade do Brasil.⁵⁵

⁵⁴ Importante registrar a parceria de ambos no Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (órgão ligado ao MEC), quando, no período compreendido entre o final dos anos 50 e a primeira metade dos anos 60, Freyre dirigiu o Centro Regional de Pesquisas Educacionais do Recife. O estudo das relações pessoais e profissionais entre estas duas grandes figuras da vida intelectual brasileira precisa ser ainda realizado. Pode ser, pois, revelador, das estreitas relações entre Sociologia e Educação. Tal estudo poderá também elucidar alguns aspectos significativos das relações de ambos com a burocracia estatal brasileira.

⁵⁵ A Universidade do Brasil, fundada em 1935 por Capanema, pretendia impor um modelo de ensino superior para a nação. Sua fundação foi um projeto grandioso e centralizador, a partir do qual se pretendia controlar a qualidade do ensino universitário no Brasil. (www.cpdoc.fgv.br) Mario de Andrade, em carta a Gustavo Capanema, não deixou de lamentar o fechamento da UDF: *Não pude me curvar às razões dadas por você para isso: lastimo dolorosamente que se*

Antes de seu fechamento, um dos mais notáveis modos de atingir a UDF foi a promulgação do *Decreto 24* que impedia o acúmulo de funções no serviço público a que nos referimos no tópico anterior. Como grande parte dos professores da UDF ocupava cargos em outras instituições de ensino, o quadro docente fora esvaziado. Foi o caso de Cecília Meirelles, por exemplo, que teve que abrir mão das aulas na Universidade para permanecer no ensino primário.

Com efeito, um relatório de Capanema acerca da situação da Universidade, apresentado ao Presidente da República numa reunião ocorrida em 28 de junho de 1938, recomendava o fechamento da instituição por não estar de acordo com leis federais. O Ministro invocou o litígio jurídico que estava na origem da Universidade: para ele, não era possível manter uma instituição de ensino superior insubmissa às leis federais. Nesse sentido, para Capanema, a manutenção da instituição nesta condição (considerada ilegal) era um indicativo de *indisciplina*:

'Senhor presidente', escreve ele, 'o Estado Novo se assenta num princípio essencial: a disciplina. Em nome deste princípio, e partido do suposto que 'uma universidade, mesmo que a mais modesta, uma vez que seja de fato uma universidade, é uma instituição nacional, de alcance, de influência, de sentidos nacionais, propõe-se a incorporação dos cursos da UDF à Universidade Federal. (SCHWARTZMAN, 2000:229)

A partir desta breve revisão, constatamos que a fundação da UDF representou emblematicamente um momento de transição no campo intelectual brasileiro. Seus fundadores procuraram, por meio da autonomia política em relação ao governo federal, superar a visão do diploma superior como meio de distinção de uma elite. Desejaram tornar a universidade organicamente ligada às escolas, capaz de formar professores habilitados para iniciar crianças e jovens no gosto pela ciência. Seria como uma espécie de ponto de expansão da cultura científica na cidade do Rio de Janeiro. (BARBOSA, 1996: 20)

Os autores dedicados ao estudo da UDF são unânimes no seguinte aspecto: esta foi uma universidade bastante diferente. Os cursos oferecidos (de extensão ou de graduação) eram completamente inéditos no ensino superior brasileiro: administração e orientação escolar, diplomacia, estatística, serviço social, biblioteconomia, jornalismo, publicidade, arquivo e artes cinematográficas eram alguns deles. Notava-se, em certos aspectos, uma forte influência norte americana na importância conferida às artes industriais e aplicadas.

tenha apagado o único lugar de ensino mais livre, mais moderno, mais pesquisador que nos sobrava no Brasil (...) Este espírito, mesmo conservados os atuais professores, não conseguirá reviver na Universidade do Brasil, que a liberdade é frágil, foge das pompas, dos pomposos e das pesadas burocracia. (ANDRADE apud SCHWARTZMAN, 2000: 100)

A UDF ofereceu, também, serviços diferenciados para a comunidade como a Rádio-Escola⁵⁶ que, dirigida por Roquette Pinto, tinha por objetivo o aperfeiçoamento docente por meio da transmissão de noticiários e palestras científicas, literárias e artísticas. (VICENZI, 1986: 19) (CUNHA, 1980: 245)

Não existiu um sistema de cátedra e os professores foram contratados por períodos determinados. Os documentos de fundação previram ainda a autonomia financeira da Universidade. Pensou-se inclusive na participação dos alunos no Conselho Universitário. Não houve também um *campus*: foram utilizados os prédios do Instituto de Educação na Tijuca, de uma escola do Catete (ao lado do Palácio) e outras várias instalações da cidade. Ao que tudo indica, as aulas de sociologia eram ministradas no prédio do Catete.

Destacamos principalmente a admirável capacidade de Anísio Teixeira de congregar um grupo de notáveis em todas as áreas para compor o quadro docente. Dentre os intelectuais mobilizados para este projeto universitário citamos apenas alguns: Hermes Lima, Mario de Andrade, Cecília Meirelles, Heitor Villa-Lobos, Delgado de Carvalho, Portinari, Josué de Castro, Lourenço Filho. etc.⁵⁷ Foram também contratados professores estrangeiros, especialmente franceses, como Émile Brehier (filosofia), Eugène Albertini, Henri Hauser e Henri Troncon (história), Gaston Léduc (lingüística), Pierre Deffontaines (geografia) e Robert Garic (literatura). (SCHWARTZMAN, 2000: 228)⁵⁸

Parte significativa dos alunos era originária dos quadros docentes do ensino primário do Distrito Federal. Cursar a Universidade era, para eles, uma oportunidade de ascensão profissional e cultural.

⁵⁶ A Rádio-Escola (PRD5) foi inaugurada em 6 de janeiro de 1934 e era uma das ações ligadas à Reforma Educacional empreendida por Anísio Teixeira. A partir de 1935 foi incorporada aos serviços prestados pela Universidade do Distrito Federal.

⁵⁷ A lista total de professores contratados para o ano letivo de 1937 é a seguinte: Antonio Jacintho Guedes, Arthur Ramos de Araújo Pereira, Basílio de Magalhães, Bernhard Gross, Candido Portinari, Carlos de Azevedo Leão, Carlos Delgado de Carvalho, Celso Antonio de Menezes, Cyro Romano Farina, Djalma Guimarães, Fernando Raja Gabagila, Fernando Valentim do Nascimento, Georgina de Albuquerque, Gilberto de Mello Freyre, Heitor Villa-Lobos, Heloísa Alberto Torres, Isnard Dantas Barreto, Jayme Coelho, João B. de Mello e Souza, Jorge A. Padberg Drenpol, José Candido de Andrade Muricy, José Queiroz Lima, José Maria Bello, José Mariano Filho, José Rodrigues Oiticica, Josué de Castro, Lauro Travassos, Lélío Itauambira Gama, Madeleine Manuel, Mathias de Oliveira Roxo, Melissa Stodart Hull, Nestor Egidio de Figueiredo, Oscar Lorenzo Fernandez, Otto Roque, Sérgio Buarque de Holanda, Sylvia Meyer. Eram, pois, 43 professores. Esta lista foi encontrada nas caixas de documentos da reitoria da UDF na Biblioteca do ISEJ – Rio de Janeiro/RJ.

⁵⁸ Sobre os professores franceses na UDF ver: (FERREIRA, 1999).

Nos poucos anos de duração da experiência da UDF, seus alunos e professores produziram uma Revista Acadêmica: a *Revista da UDF*.⁵⁹ O único exemplar da Revista, publicado em dezembro de 1937 - em pleno período de intervenção federal na Universidade - é um testemunho eloqüente do grau de mobilização dos alunos em defesa da instituição.

Era, pois, uma revista que servia, ao mesmo tempo, como veículo de circulação interna (já que noticiava eventos, prazos e expedientes da Universidade) e como instrumento de difusão científica na medida em que continha artigos acadêmicos escritos por professores e alunos. A idéia original era, com efeito, dedicar grande espaço aos alunos. Nas palavras do editor tratava-se de *dar ocasião a que penas jovens (...) encontrem oportunidade de se adestrarem nas lides da cultura e do talento*.⁶⁰

É por meio da consulta a este único exemplar da *Revista da UDF* que ficamos sabendo da composição de diversos grêmios e clubes científicos no interior da Universidade, organizados pela ação combinada de alunos e professores.

Os alunos de artes possuíam um grêmio onde a música, a pintura e a escultura eram cultivados. Os alunos do curso de história e de latim inauguraram o Centro de Estudos Eugène Albertini, tendo sido entregue a presidência de honra ao professor da cadeira de história romana, Roberto Accioli. Os alunos de geografia criaram o Centro de Estudos Pierre Deffontaines. E, finalmente, os alunos de ciências sociais criaram o *Club* de Sociologia que tinha como presidente o próprio Gilberto Freyre.⁶¹ Logo dedicaremos um tópico para apresentar dados acerca desta experiência de Freyre no referido *Club*. Por enquanto, basta registrar a enorme agitação cultural e intelectual que parecia envolver não apenas os professores notáveis, mas também seus alunos.

A Universidade era composta por quatro Escolas ('Educação', 'Ciências', 'Economia e Direito' e 'Filosofia e Letras') e por um Instituto de Artes. A Seção de Ciências Sociais estava abrigada na Escola de Economia e Direito e habilitava os alunos nas seguintes especialidades: '*Professor*' e '*Bacharel*'. O título de Bacharel ou professor apresentava a alternativa de concentração em três diferentes menções: *Menção História*, *Menção Geografia* ou *Menção Sociologia*. Observemos, pois, que por ciências sociais compreendia-se um conjunto de três disciplinas: história, geografia e sociologia.

⁵⁹ O exemplar da Revista da UDF foi encontrado no acervo de periódicos da Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/RJ.

⁶⁰ Revista da UDF, no. 1, ano 1, dezembro de 1937. p. 3. (editorial assinado por Jorge Zarur)

⁶¹ Revista da UDF, no. 1, ano 1, dezembro de 1937. p. 82.

Como em todo ensino superior brasileiro da época, era exigida dos alunos ingressantes aprovação nas provas de habilitação em disciplinas específicas, definidas de acordo com o curso escolhido por cada candidato. Os alunos que desejavam ingressar no curso de ciências sociais deveriam ser aprovados nas seguintes exames de habilitação: *Menção Sociologia* - exames de habilitação em geografia, história, sociologia, lógica; *Menção História* - latim, geografia, história, sociologia; *Menção Geografia* - cosmografia, geografia, história, sociologia.⁶²

O decreto de fundação da Universidade previa a seguinte a função da Escola de Economia e Direito:

... desenvolver estudos sobre a organização econômica e social; constituir-se-á como centro de documentação e pesquisa dos problemas da vida nacional que interessarem à formação do estado, assim como à produção e circulação da riqueza e sua normal distribuição. (VICENZI, 1986: 11)

A despeito de ter a Universidade como objetivo fundamental a formação de professores para os cursos primários e secundários, não se ignorou a importância do desenvolvimento da pesquisa científica propriamente dita. Com efeito, a formação pedagógica e pesquisa científica foram compreendidos - segundo o projeto da Universidade e a exemplo da definição dos objetivos da Escola de Economia e Direito - como dois aspectos indissociáveis.

Além de Gilberto Freyre foram professores da Escola de Economia e Direito: Hermes Lima, Delgado de Carvalho, Jaime Coelho, Isnard Dantas Barreto, Fernando Antonio Raja Gabaglia, Arthur Ramos. (VICENZI, 1986: 20)

Segundo o testemunho do próprio Freyre - registrado no livro *Sociologia: uma introdução aos seus princípios* - foi por sugestão sua que a Seção de Ciências Sociais foi deslocada da Escola de Filosofia e Letras para a Escola de Economia e Direito:

Por sugestão nossa ao sr. Anísio Teixeira, fundador daquela Universidade e figura admirável de renovador do ensino no Brasil, os dois cursos – o de Sociologia e o de Antropologia – foram considerados inseparáveis, e o de Antropologia Social passou a ser completado pelo de Antropologia Física. Isto depois de deslocado, ainda por sugestão nossa, o curso de Sociologia da Faculdade de

⁶² Interessante notar que a *Sociologia* era disciplina obrigatória para aprovação na maioria dos cursos de graduação oferecidos pela Escola de Economia e Direito. A *habilitação* em Sociologia foi exigida, como verificamos, dos alunos de Ciências Sociais (História, Geografia, Sociologia), mas também dos alunos de Economia e Finanças, Administração, Direito e Jornalismo. Nesse sentido, todos os alunos da Escola eram minimamente alfabetizados na nova disciplina.

Filosofia e Letras – onde fora situado pelos organizadores da Universidade – para a Faculdade de Economia e Direito. (FREYRE, 1945: 68)

Independentemente de ter Freyre de fato sugerido ou não esta alteração, a declaração revela que ele não queria ver a sociologia abrigada na faculdade da filosofia e das letras. Talvez, com o propósito de legitimar cientificamente a área, numa época em que ela estava se institucionalizando no sistema acadêmico brasileiro.

O curso de ciências sociais *menção Sociologia* sofreu, com efeito, muitas modificações ao longo dos quatro anos de existência instável da Universidade. As mudanças refletiam, por um lado, instabilidade administrativa. A cada novo reitor, uma nova portaria redefinia o programa dos cursos. Por outro, as alterações podem ser também resultantes de disputas intelectuais próprias de uma área científica recentemente incorporada ao meio acadêmico brasileiro, em busca de definições. Vejamos em detalhes cada uma das mudanças realizadas.

Segundo portaria de Anísio Teixeira, aprovada em 22 de junho de 1935 o programa original do curso de *Professor de Sociologia* foi exatamente este:

1º ANO	2º ANO	3º ANO
<p><i>CURSO DE CONTEÚDO</i> (9 horas semanais)</p> <ul style="list-style-type: none"> . Antropologia (origem do homem, pré-história e raças) – 3 horas . Psicologia Social – 3 horas . Sociologia geral – 3 horas <p><i>CURSO DE FUNDAMENTOS</i> (9 horas semanais)</p> <ul style="list-style-type: none"> . Inglês ou alemão (3 horas) . Geografia Humana (3 horas) . Biologia (2 horas) . Desenho (2 horas) 	<p><i>CURSO DE CONTEÚDO</i> (9 horas semanais)</p> <ul style="list-style-type: none"> . Antropologia (o meio e as formas culturais) . Economia Social . Sociologia . Organização de programa e material didático em Ciências Sociais <p><i>CURSO DE FUNDAMENTOS</i> (8 horas semanais)</p> <ul style="list-style-type: none"> . Biologia Educacional . Sociologia Educacional . Psicologia . Estatística 	<p><i>CURSO DE CONTEÚDO</i> (7 horas semanais)</p> <ul style="list-style-type: none"> . Sociologia Aplicada . Economia Política . Economia Social <p><i>CURSO DE INTEGRAÇÃO PROFISSIONAL</i> (7 horas, mais prática de ensino. Total de 14 horas)</p> <ul style="list-style-type: none"> . Introdução ao ensino . Filosofia da Educação . Psicologia do adolescente . Medidas educacionais . Organização e programa de ensino secundário . Filosofia das ciências . Prática de ensino

O formato do programa se decompõe em dois blocos. O que denominam de *curso de conteúdo* parece ser o escopo teórico das ciências sociais. O que chamam de *curso de*

fundamentos, por sua vez, parece referir-se às disciplinas dedicadas à elevação cultural e humana dos alunos (como idioma e desenho, por exemplo) e à compreensão dos vários aspectos do processo educativo, desde os aspectos psicológicos e filosóficos até aqueles mais técnicos e administrativos.

Por tratar-se do programa de matérias para o curso de *Professor de Sociologia*, também se exigiu a prática de ensino. Infelizmente não encontramos o programa referente ao curso dedicado à formação de *Bacharel em Sociologia*. É possível, porém, que parte deste programa se dedicasse à formação destes alunos. De qualquer modo, ainda assim, seu exame nos oferece uma pista acerca das diretrizes da formação proposta na área pela Universidade do Distrito Federal.

De modo geral, as disciplinas propostas no *Curso de Conteúdo* para a formação de professores de sociologia e ciências sociais, sugerem um vínculo estreito entre antropologia, sociologia e economia e psicologia (esta última ocupando um espaço bem reduzido se comparada às outras). Apesar de não termos especificados o número de horas de cada uma das disciplinas, podemos notar a presença da antropologia física (no primeiro ano) e da antropologia cultural (no segundo ano). A sociologia está presente em todos os anos. No último ano, em especial, ela ganha o adjetivo de *aplicada*. A presença da economia cresceu ao longo do desenvolvimento do curso.

Em 1936, o currículo do curso sofreu uma modificação digna de nota. É o que nos informa a Portaria de Afonso Penna, aprovada em 18 de agosto de 1936.

1º ANO	2º ANO
<p><i>CURSO DE CONTEÚDO</i> (9 horas semanais)</p> <ul style="list-style-type: none"> . Antropologia Física – 2 horas . Antropologia Social – 2 horas . Psicologia Social – 3 horas . Sociologia Geral – 3 horas 	<p><i>CURSO DE CONTEÚDO</i> (9 horas semanais)</p> <ul style="list-style-type: none"> . Antropologia Física – 1 hora . Antropologia Social – 2 horas . Economia Social – 3 horas . Sociologia – 3 horas <p><i>CURSO DE FUNDAMENTOS</i> (8 horas semanais)</p> <ul style="list-style-type: none"> . Psicologia e Filosofia – 3 horas . Estatística – 3 horas . História Moderna e Econômica – 3 horas

Notemos agora a presença da *antropologia social* já no primeiro ano do Curso. Isso nos sugere que havia um esforço pela legitimação desta nova área de conhecimento. Talvez até mesmo em detrimento da *antropologia física*. Ao mesmo tempo, observamos que a *psicologia social*

permaneceu inalterada, com a mesma carga horária. Supomos, pois, que estas mudanças podem traduzir uma disputa intelectual entre Gilberto Freyre e Arthur Ramos.

A existência de uma disputa dessa natureza é sugerida pelo próprio Gilberto Freyre na citação que destacamos anteriormente. Freyre costumava, com efeito, afirmar repetidamente que censurava, com frequência, Arthur Ramos pelo seu pendor excessivo por interpretações psicanalíticas. (CORRÊA, 1998). (FREYRE, 1950)⁶³

A propósito, encontramos dois trabalhos realizados em 1940 por alunos de Arthur Ramos - por ocasião de um curso de etnografia na Universidade Nacional de Filosofia - que sugerem a existência de algumas divergências teóricas que estão na origem das ciências sociais no Brasil.⁶⁴ Malgrado sejam posteriores ao período da UDF, ambos são testemunhos valiosos acerca da natureza do embate entre Freyre e Ramos.⁶⁵

O primeiro trabalho, realizado pelo aluno Eraldo de Araújo Góes, recebeu nota 10.0 na avaliação do Professor Ramos. Nas suas páginas, o aluno afirmava que Nina Rodrigues foi o pioneiro nos estudos sobre o negro no Brasil seguido por Arthur Ramos. Interessante notar que o aluno não apenas não cita *Casa-Grande & Senzala* de Gilberto Freyre, como acrescenta críticas ao I Congresso Afro-Brasileiro, que fora organizado por Freyre em 1934. O aluno afirma que o evento foi politicamente explorado e tinha um caráter normativo.

O segundo trabalho recebeu nota 9.0. O aluno, Hélio de Alcântara Avelar discutiu, em seu breve texto, algumas teses de Boas presentes em "*Changes in the bodily form of descendants of immigrants*" (1911). Concluiu, pois, que até mesmo Franz Boas, pai da Antropologia Cultural, não feriu de morte a validade explicativa do biótipo.

Em síntese, o que estes dois trabalhos nos dizem é que Arthur Ramos (diferentemente de Freyre) quis legitimar o pioneirismo de Nina Rodrigues e reduzir o impacto do culturalismo de Boas, por meio de uma interpretação singular do autor que conferia importância à Antropologia Física.

Certamente estes trabalhos nos oferecem argumento importante que reforça a nossa suposição de que algumas das modificações no programa do curso de ciências sociais na UDF tinham como fundamento uma disputa intelectual em torno da definição das ciências sociais entre nós, seus temas, seus problemas, seus autores fundadores. Esta disputa teve, no ambiente da UDF,

⁶³ Ver também RAMOS (1957).

⁶⁴ Estes trabalhos estão disponíveis na Sessão de Manuscritos da Biblioteca Nacional - Rio de Janeiro/RJ. Fundo Arthur Ramos.

⁶⁵ Sobre este embate ver CAMPOS (2002).

como protagonistas Freyre e Ramos num embate que se traduzia nos domínios da antropologia física e da antropologia cultural.⁶⁶

Retomando o programa curricular apresentado na Portaria de Afonso Penna: o leitor deve observar que não encontramos, lamentavelmente, os dados referentes ao 3º ano do Curso. Sabemos, entretanto, que a disciplina *pesquisa e inquéritos sociais* foi ministrada por Freyre no período em que Afonso Penna foi reitor, portanto, durante a vigência desta portaria.

Por fim, a portaria de Alceu Amoroso Lima, de 03/02/1938, em vigência quando Freyre já tinha pedido demissão, contém igualmente algumas alterações significativas no programa do curso de "Professor de Ciências Sociais" *Menção Sociologia*. Vejamos:

1º ANO	2º ANO	3º ANO
<p><i>CURSO DE CONTEÚDO</i> (10 horas semanais)</p> <ul style="list-style-type: none"> . Sociologia – 3 horas . Economia Política – 3 horas . Antropologia Física – 3 horas . Antropologia Cultural – 2 horas <p><i>CURSO DE FUNDAMENTOS</i> (10 horas semanais)</p> <ul style="list-style-type: none"> . Geografia Humana (2 horas) . Biologia (2 horas) . Psicologia (2 horas) . Estatística e Demografia (2 horas) . Línguas: Francês, Inglês ou alemão (2 horas) 	<p><i>CURSO DE CONTEÚDO</i></p> <ul style="list-style-type: none"> . Sociologia (3 horas) . Economia Social (3 horas) . Legislação do trabalho (3 horas) . Psicologia Social (3 horas) . Antropologia Cultural (3 horas) <p><i>CURSO DE FUNDAMENTOS</i></p> <ul style="list-style-type: none"> . História das doutrinas políticas e Sociologia jurídica (3 horas) . Línguas: francês, inglês ou alemão (2 horas) 	<p><i>CURSO DE CONTEÚDO</i></p> <ul style="list-style-type: none"> . História das doutrinas econômicas (3 horas) . Sociologia Aplicada (Inquéritos Sociais) (2 horas)

Observamos aqui algumas novas modificações: a presença da Economia nos primeiros dois anos do curso; o espaço conquistado pela *antropologia cultural* nos dois primeiros anos, agora maior que a *antropologia física*; a inclusão da disciplina *legislação do trabalho* ao que parece bem de acordo com o trabalhismo de Vargas.

Ainda verificamos a inclusão do termo *doutrina* na denominação de duas disciplinas: *história das doutrinas políticas* e *história das doutrinas econômicas*. Este, um indicativo de que a Universidade agora estava sob o controle dos intelectuais católicos.

⁶⁶ Sobre uma outra disputa travada no campo das Ciências Sociais no Rio de Janeiro e que teve também teve como um dos protagonistas Artur Ramos ver: (RIBEIRO, 2000)

Com efeito, Vicenzi (1986), em seu estudo sobre a UDF, afirma que no início de 1938, os cursos tiveram seus currículos reformulados para incluir mais cadeiras de cunho católico. Neste período, aliás, muitos padres e intelectuais de formação católica foram nomeados professores da UDF, entre eles, Padre Murilo T. de Leite Penido, José Barreto Filho e Reinholdt Berge. (VICENZI, 1986: 26)

Em 1938, o curso de *Professor de Sociologia* formou 12 alunos, 07 homens e 05 mulheres. A relação dos formandos é a seguinte: *Alberto Raja Gabaglia, Benjamin Albagli, Iracema de Bragança, Iva Waisberg, Jorge Duarte Ribeiro, José Bonifácio Martins Rodrigues, José Isolina Alves de Araújo, Josepha Rossi Magalhães, Maria Violeta dos Reis Coutinho, Paulo da Rocha Brouwne, Ruy Bressone Corrêa, Wanda de Mattos Cardoso.*

Apenas alguns destes alunos podem ter suas trajetórias profissionais mais ou menos identificadas. Uma rápida incursão nos *sites* de busca da internet nos ajudou a identificar três deles: *Benjamin Albagli* fez carreira na área da Educação e chegou a ser presidente da Associação Brasileira de Educação na década de 70; *Maria Violeta dos Reis Coutinho* que, depois de casada adicionou o sobrenome *Villas-Bôas*, também se dedicou à área de Educação, foi professora Emérita da Faculdade de Educação na Universidade Estadual do Rio de Janeiro e escreveu alguns livros acerca do tema; *Iva Weisberg* que, casada acrescentou o sobrenome *Bonow*, na década de 50 e 60 escreveu alguns importantes compêndios na área de Psicologia Educacional.⁶⁷

IV. O *Club de sociologia*

Um aspecto relevante para esta pesquisa é a fundação do *Club de Sociologia* em junho de 1937, sob a direção de Gilberto Freyre. Tratou-se da reunião de um grupo interessado na promoção e na divulgação dos *estudos sociais* (a expressão é assim vaga) entre todos os alunos e professores da UDF. O *Club* surgiu com os seguintes objetivos: organizar uma biblioteca de sociologia, mobilizar dados e informações sobre a vida social nacional, empreender trabalhos de pesquisa e promover conferências.⁶⁸

⁶⁷ Ver BONOW, s/d. Texto disponível no site: <http://www.prossiga.br/anisioiteixeira/livro6/missionario.html>

⁶⁸ Era mais ou menos freqüente (até mesmo entre alunos e professores dos cursos de Sociologia Geral e Educacional nos cursos de Normal) a reunião de esforços para a formação do que se denominava então de 'Laboratórios de Sociologia' ou 'Museus Sociais'. Estas associações, de modo geral, dedicavam-se à reunião de documentos e dados sobre a realidade social do país e livros de Sociologia. Referiam-se à necessidade urgente de reunir materiais (em geral

Como vimos há pouco, foi freqüente no ambiente intelectual da UDF a formação de grêmios, centros e clubes de estudos, sobretudo no ano de 1937 quando chegavam ao terceiro ano os primeiros alunos da instituição, mais maduros e seguros para mobilizações e empreendimentos desta natureza.

A professora de Antropologia Heloísa Torres, nomeada vice-presidente do *Club de Sociologia*, parecia ter grande envolvimento com o grupo de alunos e parecia ser uma de suas principais animadoras, além do próprio Gilberto Freyre. Mas a lista de professores participantes se estendia (ao menos formalmente) a Roquette-Pinto (Antropologia) e Arthur Ramos (Psicologia). O bibliotecário da UDF e amigo de Freyre, Gastão Cruls também participou do *Club*.⁶⁹

Para a fundação desta associação, mobilizou-se até mesmo os bolsos do Reitor Afonso Penna. No livro *Sociologia*, Freyre, faz, com efeito, um comentário relativo a uma doação generosa do então reitor da UDF. (FREYRE, 1945: 68)

Pudemos confirmar esse fato por meio da consulta ao acervo documental da UDF. Encontramos ali uma carta de agradecimento de Gastão Cruls ao Reitor, datada de junho de 1937, na qual há a referência a uma doação de 12:000\$000 (doze contos de réis) de Afonso Penna ao *Club*, destinada à compra de livros da área. Eis o conteúdo da carta na íntegra:

Discrição Federal, 22 de junho de 1937.

*Assunto: Agradecimento
Ao sr. Reitor (Afonso Penna)
Remette: O bibliotecário (Gastão Cruls)*

Exmo. Sr. Reitor:

É com o mais vivo desvanecimento que venho acusar recepção do ofício no. 91/RU, de 16 do corrente, no qual V. Ex. nos comunica ter resolvido doar a Biblioteca da Universidade, para a aquisição de livros pedidos pelos srs. Professores sobre a especialização nos cursos que lecionam, com a importância de 43:132\$000 (quarenta e três contos cento e trinta e dois mil réis) já depositados no banco Boa Vista. Deante de gesto tão magnânimo e que de certo há de trazer a V. Ex. o mais profundo reconhecimento dos corpos docente e discente desta Universidade, na qualidade de Bibliotecário hei de envidar os meus melhores esforços para que as obras que vierem a figurar na futura "COLEÇÃO AFFONSO PENNA" obedeçam a um sábio critério de escolha e sejam adquiridas nas melhores condições possíveis. Outrossim, de acordo com os designios de V. Exa, naquela quantia, 12:000\$000 (doze contos de réis) serão destinados ao Club de Sociologia, da Escola de Economia e Direito, para o fim de adquirir livros da especialidade e destinados ao novel centro de estudos. Aproveito a oportunidade para apresentar a V. Exa. com os meus agradecimentos, os protestos de elevada estima e distinta consideração.

*Gastão Cruls
Bibliotecário⁷⁰*

fora do alcance de alunos e professores), além de corresponderem ao anseio de divulgação da importância da Sociologia. (FONTOURA, 1944:17).

⁶⁹ Alguns destes detalhes acerca do *Club* de Sociologia constam no texto de Wamireh Chacon 'Gilberto Freyre: constituinte e parlamentar' disponível pela internet no site: <http://bvvgf.org.br>. Chacon foi, pois, o único estudioso a mencionar esta experiência nos seus estudos sobre a trajetória de Freyre.

⁷⁰ Esta carta foi encontrada no acervo da UDF na Biblioteca do Instituto Superior de Educação do Rio de Janeiro (ISERJ), na Tijuca, cidade do Rio de Janeiro.

A rigor, esta é a primeira menção ao *Club* de Sociologia de que temos notícia. Infelizmente, não encontramos a relação de livros que provavelmente foi adquirida com esta verba. Encontramos, tão simplesmente, uma relação de pedidos de livros de sociologia e Antropologia datada de janeiro de 1936 que, ainda assim, é preciosa fonte para compreender, ainda que muito parcialmente, o modo como se desejava compor uma dos primeiros acervos especializados em Ciências Sociais no Brasil.

Origem: Escola de Economia e Direito - no. 3/ED

Distrito Federal em 15 de janeiro de 1936

Assunto: Pedido de livros

Ao sr. Reitor da Universidade

Remette o Diretor da Escola de Filosofia e Letras responsável pelo expediente da Escola de Economia e Direito

Exmo. Sr. Reitor:

Solicito-vos autorizeis sejam fornecidos a esta Escola os livros constantes da relação anexa, necessários para os cursos de SOCIOLOGIA E ANTROPOLOGIA SOCIAL.

Aproveito a oportunidade para reiterar-vos os protestos de estima e consideração.

Octavio de Faria

*Diretor da Escola de Filosofia e Letras – respondendo pelo expediente da Escola de Economia e Direito*⁷¹

Em anexo a seguinte listagem:

LISTA DE LIVROS DE SOCIOLOGIA E ANTROPOLOGIA SOCIAL

(dos marcados com X seria conveniente haver mais de um exemplar na Biblioteca da Escola)

- X 1. BLAKCMAR and GILLIN – *Outlines of Sociology*
- X 2. PARK and BURGUESS – *Introduction to the Science of Sociology*
- X 3. HAYES – *Introduction to the study of Sociology*
- 4. GIDDINGS – *Studies in the Theory of Human Society*
- 5. A. J. TODD – *Scientific Spirit and Social Work*
- 6. WOLFE – *Readings in Social Problems*
- X 7. KROEBER – *Anthropology*
- X 8. BOAS – *Mind of Primitive Man*
- 9. LOWIE – *Primitive Society*
- 10. WISSLER – *Man and Culture*
- 11. CONN – *Social Heredity and Social Evolution*
- 12. ELMER – *The Technique os Social Surveys*

Notemos, na lista acima, a presença de referências norte-americanas. Observe-se também o pedido de exemplares (não apenas um) do livro de Boas. Possivelmente esta lista foi feita a pedido de Gilberto Freyre e corrobora a hipótese de que Freyre desejava legitimar a perspectiva culturalista no ambiente acadêmico da UDF. Observamos também o pedido de dois exemplares do livro de Park

⁷¹ Esta carta, bem como a listagem que a acompanha, foi encontrada no acervo da UDF na Biblioteca do ISERJ - Rio de Janeiro/RJ.

& Burgess, citado frequentemente nos programas de aulas de Freyre e, conforme veremos, no livro *Sociologia: uma introdução aos seus princípios*.⁷²

É certo que Freyre, sobretudo após a fundação do *Club*, enquanto presidente, acabou por deter o controle sobre uma parcela importante dos pedidos de livros. Sem esquecer que conquistara o Reitor e o bibliotecário amigo para a sua causa. Tratava-se, pois, de uma posição estratégica para exercer influência tanto teórica quanto institucional no contexto do provável embate com Arthur Ramos.

No acervo da Casa de Cultura Heloísa Torres em Itaboraí, pequena cidade do estado do Rio de Janeiro, encontramos uma fotografia da ocasião em que foi inaugurado o *Club*, em junho de 1937.⁷³

No verso da imagem, pudemos identificar as seguintes assinaturas: *Prudente de Moraes, Prudente de Moraes Neto, Gilberto Freyre, Nana Lins do Rego, Gastão Cruis, Vera Teixeira, Maria Violeta dos Reis Coutinho, Wanda de Matos Cardoso, José Bonifácio Martins Rodrigues, Alberto Raja Gabaglia, José Isolino Alves de Araújo, Iva Waisberg, Heloísa Alberto Torres*. Cerca de quatro assinaturas são ilegíveis.

Os alunos são Maria Violeta, Wanda Cardoso, José Bonifácio, José Isolino e Iva Weisberg. Dentre estes, Freyre esteve mais próximo de José Bonifácio Rodrigues. A correspondência entre ambos, especialmente entre os anos de 1938 e 1940, foi significativa e é a partir dela que pudemos reconstruir alguns episódios importantes referentes a experiência do *Club*.

A foto nos dá alguma idéia acerca dos parceiros e colaboradores intelectuais de Gilberto Freyre no Rio de Janeiro neste período. Há presenças e ausências eloqüentes. Observa-se, pois, na imagem, a presença de José Lins do Rego e sua esposa e a ausência de Arthur Ramos.

Havia também um certo ar cerimonial. Parecia que o *Club* nascia para ser, de fato, um acontecimento cultural na cena intelectual e científica do Rio de Janeiro. Sabemos, entretanto, que o

⁷² *Introduction to the Science of Sociology*, de Park e Burgess foi publicado em 1921, nos Estados Unidos. Trata-se de um compêndio que resultou de um curso de *Princípios de Sociologia*, ministrado por ambos na Universidade de Chicago desde 1916. Os títulos dos capítulos são: 1. A Sociologia e as Ciências Sociais; 2. A Natureza Humana; 3. A Sociedade e o Grupo; 4. Isolamento; 5. Os Contatos Sociais; 6. Interação Social; 7. Forças Sociais; 8. Competição; 9. Conflito; 10. Acomodação; 11. Assimilação; 12. Controle Social; 13. Comportamento Coletivo; 14. Progresso. Notemos, a partir do sumário, a ênfase dada nos processos sociais. Segundo alguns estudiosos este livro foi um dos mais influentes da matéria já escritos nos Estados Unidos, responsáveis pela padronização do conteúdo sociológico entre os livros didáticos. Ou seja, ajudou a *estabelecer a orientação e o conteúdo da sociologia americana*.(EUFRÁSIO, 1999: 68)(FARIS, 1970:37)

⁷³ Imagem conservada no Acervo da Casa de Cultura Heloísa Torres - Itaboraí /RJ. Pasta *Club* de Sociologia.

Club não resistiria à desmobilização que se seguiu ao retorno de Freyre ao Recife e, por fim, ao fechamento da UDF.

Com efeito, tudo leva a crer que, na ausência de Gilberto Freyre, Heloísa Torres procurara levar adiante a iniciativa. Em seguida à inauguração, com Gilberto Freyre já ausente do Rio de Janeiro, foram promovidas diversas reuniões semanais com a presença de Heloísa, de Gastão Cruis, dos alunos José Bonifácio Rodrigues e Iva Waisberg e de um novo membro, Miranda Reis - professor de sociologia da UDF que substituiu Freyre nas aulas após a demissão de Alceu Amoroso Lima.⁷⁴

Uma carta remetida por Freyre para Heloísa Torres em julho de 1937 (portanto apenas um mês após a inauguração), de fato, comprova que deixou o *Club* aos cuidados da amiga. E ainda que não estivesse no Rio, pareceu interessado em participar do grupo sob o comando de Heloísa:

*O presidente não reina nem governa, mas nenhum sócio correspondente o excede no interesse com que acompanha o Club que a senhora felizmente está dirigindo. Só queria é que uma vez ou outra me mandasse notícias. E ordens. Coisas que aqui da província eu poderia fazer para o Club e pelo Club.*⁷⁵

Não obstante, seis meses depois, em janeiro de 1938, Freyre escreveu uma carta cheia de lamentos para Heloísa. Afirma ter sido esquecido pelos amigos do *Club* de Sociologia. Até mesmo pela própria Heloísa.⁷⁶ É que Freyre pedira aos colegas do *Club* (àqueles que tinham mais de 45 anos na época) que respondessem e o auxiliassem a distribuir um inquérito relativo à suas pesquisas para a elaboração do seu novo livro *Ordem e Progresso* e nenhum deles tinha ainda lhe sido entregue:

*Vejo que estou muito esquecido pelos meus companheiros do Club de Sociologia, a começar pela orientadora. E as respostas aos inquéritos? Não – francamente – desanimei ainda. Alguma coisa me diz que confie na sua palavra e na dos outros companheiros e bons amigos do Club que ficaram de me obter respostas de parentes e conhecidos. E vou confiando.*⁷⁷

⁷⁴ Referência às reuniões do *Club* constam na carta de Gastão Cruis a Gilberto Freyre, datada de 26/06/1937. Acervo do Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre - Recife/PE. Sobre Miranda Reis vale lembrar que é um dos pioneiros autores de manuais de Sociologia na década de 30 no Brasil e, em 1929, fora citado por Freyre no Programa de Aulas da Escola Normal de Pernambuco. Uma cópia do Programa consta nos anexos desta tese. Os originais foram consultados no Acervo do Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre - Recife/PE.

⁷⁵ Carta escrita por Freyre em 1º/07/1937, no Recife. Acervo da Casa de Cultura Heloísa Torres - Itaboraí/ RJ. Pasta Gilberto Freyre.

⁷⁶ Carta escrita por Freyre em 25/01/1938 no Recife. Acervo da Casa de Cultura Heloísa Torres - Itaboraí/ RJ. Pasta Gilberto Freyre.

⁷⁷ Carta escrita por Freyre em 25/01/1938 no Recife. Acervo da Casa de Cultura Heloísa Torres - Itaboraí/ RJ. Pasta Gilberto Freyre.

Em resposta, Heloísa foi afetuosa, mas incisiva. Nas entrelinhas, pareceu dizer que o temor de Freyre em relação ao suposto esquecimento por parte dos colegas do *Club* não passa de uma 'paranóia' do pernambucano.

*Dentre todas as vozes que lhe falam no íntimo a única que diz a verdade é a que aconselha a confiar nos amigos, esperando as respostas aos inquéritos. A que lhe fala de esquecimento por parte dos amigos do 'Club de Sociologia' é uma miserável. Pára com ela.*⁷⁸

Não temos, com efeito, meios de conferir se os colegas de fato o auxiliaram a distribuí-lo entre os conhecidos. O que podemos afirmar com certeza é de que Heloísa Torres não colaborou respondendo às questões. O inquérito remetido por Freyre à Heloísa permanece intacto no interior de um envelope numa das pastas de seu acervo documental mantido na Casa de Cultura de Itaboraí.⁷⁹

Em abril de 1938, Freyre remeteu uma nova carta para Heloísa na qual recusou o convite para dirigir o Museu Nacional e solicitou mais uma vez o envio das respostas aos inquéritos. Nesta mesma carta, Freyre pediu que a amiga mandasse, em seu nome, *lembranças aos companheiros do Club*. Acrescentou, porém, *se ainda existir Club*.⁸⁰

Pelo que sugerem as correspondências de Freyre com Heloísa Torres, as preocupações de Freyre referiam-se menos às atividades culturais e científicas do *Club* do que ao envio dos seus valiosos inquéritos. Nesse sentido, o grupo de colegas docentes que compunha o *Club* parecia significar, para Freyre, uma espécie de rede de sociabilidade capaz de permitir a distribuição de seus questionários.

Neste mesmo período, em meados do ano de 1938, um outro membro do *Club* - o então aluno José Bonifácio Rodrigues - escrevia para Freyre com frequência. Em correspondência datada de maio parecia querer responder à provocação lançada por Freyre na carta à Heloísa sobre a inatividade do *Club*:

(...) o nosso Club, posso garantir-lhe, vai bem. Alguns pessimistas dizem que vai mal. Não é verdade. Se até agora, nas reuniões havidas, só comparecemos – eu, D. Heloísa, Iva e um ou outro sujeito de caráter passageiro, nem por isso deixamos de ter nossas reuniões. Se, por um

⁷⁸ Carta escrita por Heloísa Torres em 11/02/1938 no Rio. Acervo do Centro e Documentação da Fundação Gilberto Freyre, Recife – PE.

⁷⁹ Pasta Gilberto Freyre na Casa de Cultura Heloísa Torres - Itaboraí/RJ.

⁸⁰ Carta enviada por Freyre à Heloísa Torres, datada de 10/04/1938. Acervo da Casa de Cultura Heloísa Torres em Itaboraí/RJ. Pasta Gilberto Freyre.

lado, não fazemos muito barulho – é porque preferimos trabalhar em silêncio, mais calma e sossegadamente. Afinal das contas não me parece que tenhamos feito uma sociedade recreativa: pelo menos não consta nos Estatutos. O fato é, sr. Presidente, que o Club está de pé. De pé e pronto para grandes empreendimentos. O seu boletim. As conferências. As pesquisas. E o comparecimento à Semana de Sociologia de São Paulo. Esta, como deve saber, foi transferida para setembro próximo, devendo as colaborações serem enviadas até 31 de julho como me mandou dizer o dr. Fernando de Azevedo. Desde já estamos tratando de nossa parte. Comecei, com Iva, a revisão daquele material referente à pesquisa dos morros. O que salvamos dele e mais as conferências do Raymundo Lopes e do Ruy Coutinho, ao lado de outras contribuições, servirá para o primeiro número do Boletim, número até especial todo dedicado à Sociologia urbana e à pesquisa social. Não acha que o projeto é bom? Contudo ainda resta a combinar vários assuntos, como apresentação, tamanho, divisão, etc. dos exemplares. Sem esquecer o lado econômico, que é péssimo atualmente. Quanto aos seus questionários, sinto dizer-lhe que ainda não encontrei quem decidisse responde-los. Tenho feito força. Mas qual! O único que eu pegara, embarcou para o Ceará e até agora nem questionário, nem resposta. Farei o possível, no entanto, para lhe enviar ao menos um. Pelo que acabo de saber, talvez o tenhamos, aqui no Rio, embora de passagem. Neste caso, poderemos combinar os assuntos do Club, do Boletim e das nossas pesquisas sociológicas.⁸¹

Por meio da correspondência de José Bonifácio a Gilberto Freyre é possível elencar algumas das atividades do *Club*, nem todas elas levadas a cabo. Uma delas, como se pode observar acima, é a participação do *Club* na *Semana de Estudos Sociológicos* promovida por Fernando de Azevedo na Universidade de São Paulo.

As cartas de Fernando de Azevedo também mencionam o *Club*.⁸² Azevedo manifestava já em 1937 o desejo de ver o *Club* representado na *Semana de Estudos Sociológicos*. Em 1938, afirmou que mantinha contato freqüente com Heloísa Torres a propósito do diálogo com o *Club*. Infelizmente, não encontramos, entre as correspondências de Heloísa Torres, as cartas remetidas por Fernando de Azevedo.

O que sabemos, por enquanto, é que os alunos José Bonifácio Rodrigues e Iva Waisberg estavam sistematizando os dados colhidos durante trabalho de campo para a Disciplina *Pesquisas e*

⁸¹ Carta de José Bonifácio Rodrigues enviada a Gilberto Freyre, datada de 10/05/1938. Acervo do Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre - Recife/PE.

⁸² Cartas de Fernando de Azevedo a Gilberto Freyre, datadas de 12/09/1937 e 09/07/1938. Acervo do Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre - Recife/PE.

Inquéritos Sociais sobre a vida nos morros a fim de apresentá-los na Semana de Sociologia da USP. Pareciam ser, pois, os membros mais ativos e entusiasmados do *Club*.

Com efeito, em março de 1939, com o fechamento da UDF, ambos alunos - com auxílio do então reitor da Universidade Luis Camilo e do amigo Prudente de Moraes Neto - foram protagonistas de um episódio de salvamento do patrimônio do *Club*. Em carta dirigida a Freyre, José Bonifácio descreveu os acontecimentos:

Como sabe, o Governo federal acaba de anexar, por decreto, a nossa Universidade do Distrito Federal à outra inexistente Universidade do Brasil. E essa medida, assim tão simples, quase atinge também o Club. Digo melhor – o patrimônio do Club, representado pelos livros e por seis contos, que tinham ficado na contadoria da UDF. Se o ministro Capanema tomasse conta de tudo, lá se ia o Club no embrulho. Felizmente foi só o susto. Graça à boa vontade do Luis Camilo, que é o reitor interino da UDF, e do Prudente de Moraes Neto, sempre nosso amigo, consegui retirar o que pertencia ao Club sem maior prejuízo. A nova sede agora é no escritório da Iva Weisberg, à R. Álvaro Alvim, 24, Ed. Heindenrich, 9º andar. E toda fortuna do Club, no total de 6:349\$100 acha-se depositada no Banco do Comércio e Indústria de Minas Gerais, donde só poderá ser retirada mediante a assinatura do Presidente e de outro diretor. Estamos, assim, livres do perigo, embora nossas reuniões corram um tanto desanimadas por nos faltar o principal animador...⁸³

Na mesma carta, José Bonifácio, acabou por fazer um desabafo que retrata de modo significativo o longo drama vivido não apenas pelos estudantes e professores da UDF, mas por uma parte significativa da elite intelectual do período:

É o diabo essa instabilidade do ensino nacional. Por mais que se tenha fé e vontade de fazer alguma coisa, não adianta vontade de fazer alguma coisa, não adianta. Lá vem um decreto, e muda tudo. Quando se fez a Universidade do Distrito Federal, pensamos que representasse um centro de estudos eficiente e sólido. Ao fim de quatro anos de esforços, crises e desenganos, compensados porém pelos pequenos resultados obtidos, faz-se tábuas rasa de tudo, porque se pretende recomeçar em proporções grandiosas a mesma experiência. Quem quer estudar realmente não encontra ambiente neste mar morto da inteligência e da cultura. E até o pouco que se conseguiu no meio universitário procura-se desastrosamente destruir.⁸⁴

⁸³ Carta de José Bonifácio Rodrigues enviada a Gilberto Freyre, datada de 31/03/1939. Acervo do Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre - Recife/PE. Não se sabe do paradeiro do acervo desta biblioteca.

⁸⁴ Carta de José Bonifácio Rodrigues enviada a Gilberto Freyre, datada de 31/03/1939. Acervo do Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre - Recife/PE. Não se sabe do paradeiro do acervo desta biblioteca.

O fato, é que desde sua inauguração, o *Club de Sociologia* manteve, de modo muito irregular suas atividades, em meio aos percalços administrativos e políticos da época. Ainda assim, até mesmo após o fechamento da UDF, a atividade do *Club* se manteve. Em 19 de novembro de 1939, sob os cuidados do *Club*, foi organizado um evento: uma conferência com Almir de Andrade, intelectual do Estado Novo que tinha acabado de publicar *Aspectos da Cultura Brasileira*.⁸⁵

A conferência com Almir de Andrade se realizava logo após o lançamento do referido livro, no qual Freyre é considerado um dos mais importantes autores do período. O evento não deixava, portanto, de ser uma espécie de promoção das idéias de Freyre que, como veremos no próximo capítulo, ganhava sentido político importante sob o regime do Estado Novo.

Em abril de 1940, uma nova manifestação de sobrevivência do *Club* (a última de que temos notícia). Trata-se de uma carta de José Bonifácio discutindo a idéia (supostamente sugerida por Freyre) de renomear o *Club* e de fundar uma nova revista de estudos sociais. Pelo que sugere a correspondência, Freyre gostaria que se chamasse o *Club* '*Sociedade Brasileira de Estudos Sociais*'. Bonifácio acatou com entusiasmo a sugestão da nova Revista e ficou honrado com o convite que Freyre lhe fez para que assumisse a direção da seção de sociologia do periódico. Entretanto, afirmou ter sido aconselhado por amigos que não se alterasse o nome do *Club* porque já era bastante conhecido, ainda que num circuito limitado, sob esta denominação.⁸⁶

A articulação de um projeto intelectual desta natureza, dedicado à promoção dos *estudos sociais* dentro e fora do meio acadêmico, por meio de uma associação e de publicações, se justificava exatamente em virtude do interesse crescente pelas Ciências Sociais no meio intelectual brasileiro do período. A rigor, o ano de 1939 pode ser considerado um marco para o aparecimento de inúmeras publicações relativas ao desenvolvimento da sociologia no Brasil. Veículos importantes na difusão do conhecimento sociológico apareceram neste ano. Entre eles cabe destacar: a *Revista Sociologia*, primeiro periódico especializado na área, publicado por Romano Barreto e Emílio Willems; o *Dicionário de Etnologia e Sociologia* de Herbert Baldus e Emílio Willems; o *Dicionário de*

⁸⁵ Este o conteúdo do telegrama-convite para o evento promovido pelo Club: "*O Clube de Sociologia tem a honra de convidar V. Exa. para a conferência de Almir de Andrade a realizar-se dia 19, 3ª feira, às 17 horas, Ed. Odeon, 717. Cordialmente, Gilberto Freyre.*" Acervo da Coleção de Manuscritos da Biblioteca Nacional - Rio de Janeiro/RJ. Fundo Arthur Ramos.

⁸⁶ Carta de José Bonifácio Rodrigues enviada a Gilberto Freyre, datada de 15/04/1940. Acervo do Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre - Recife/PE.

Sociologia de Achilles Archerio e Alberto Conte, a coletânea *Leituras Sociológicas* de Romano Barreto (composta por artigos publicados originalmente na Europa e nos Estados Unidos).

Ao que tudo indica, a Revista do *Club de Sociologia* não veio à luz. Não obstante, o esforço de Freyre na sistematização do conhecimento sociológico seria ainda coroado com a publicação de *Sociologia: uma introdução aos seus princípios* em 1945. Antes, porém, de analisar o conteúdo deste livro nos interessa passar em revista os manuscritos das aulas de sociologia dadas por Freyre na UDF. Pois dedicaremos o próximo capítulo à análise do modo como o autor compreendia a natureza do conhecimento sociológico, seus fundamentos teóricos e o seu destino prático.

CAPÍTULO 4

DIVERSIDADE, EQUILÍBRIO SOCIAL E CULTURA POPULAR

I. Menos oratória, mais investigação

A fonte que nos permite reconstruir parte significativa da experiência docente de Gilberto Freyre na UDF é um precioso conjunto de laudas datilografadas a partir do material taquigrafado pela secretária acadêmica Vera Teixeira durante as aulas de Freyre na UDF.¹ Cada aula resultou num texto de cerca de duas páginas. Algumas vezes encontramos duas versões de texto que se referem a uma mesma aula. Nestes casos, cremos que a versão original datilografada pela secretária foi submetida à revisão de Gilberto Freyre que fez pequenas correções e acréscimos.²

Com este material - que permite o acesso ao conteúdo das aulas - poderemos entrar em pormenores maiores do que nos foi possível fazer a partir da escassa documentação das aulas na Escola Normal de Pernambuco.

Mas antes que nos detenhamos ao conteúdo destes textos, queremos apresentar um trecho que sintetiza depoimentos de alunos de Gilberto Freyre na UDF:

Sobre as aulas de Gilberto Freyre, informaram os entrevistados que todos esperavam dele uma grande atuação, por causa do enorme sucesso de seu livro Casa Grande & Senzala. O professor era, porém, ainda muito jovem, mostrava-se excessivamente tímido, não encarava os alunos, e 'proferia suas lições com voz extremamente pausada e monótona, que levava ao estado de sonolência'. Uma estenógrafa ficava sempre a seu lado, e na semana seguinte os alunos recebiam o folheto com a aula do mestre datilografada. Mas ninguém teve, de início, curiosidade bastante para lê-las. No fim do primeiro semestre exigiu Gilberto Freyre, como trabalho de estágio, que os alunos classificassem como quisessem as

¹ Acervo do Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre - Recife/PE.

² Os textos das aulas de Gilberto Freyre na UDF foram também consultados e analisados por Wamireh CHACON (1989: 116-118).

matérias publicadas nos jornais do Rio de Janeiro, medissem-nas com régua e apresentassem suas conclusões sobre o que viessem a achar. Apesar de 'indignados', resolveram cumprir a tarefa, em grupo. Ao fazê-lo, porém, descobriram um mundo de excelentes novidades e, tomados de entusiasmo, decidiram ler as apostilas guardadas: verificaram, então, que elas constituíam verdadeiras obras literárias, com profundas observações de mestre sobre aspectos sociológicos da vida cotidiana. Foram estas aulas mais tarde compendiadas em livro. (VICENZI, 1986: 24)

Esta passagem é preciosa porque nos mostra o que nenhum documento, programa ou anotação de aula é capaz de revelar. Os testemunhos que deram base a estes trechos nos apresentam cenas cotidianas da relação professor/aluno. Por um lado, o professor tímido, com poucas habilidades docentes, malgrado a enorme habilidade literária. Por outro, alunos entediados e resistentes às ordens do professor.

A timidez e falta de virtudes oratórias do professor eram incômodas para os alunos, mas ainda assim, o professor, por meio de propostas de pesquisa, fora capaz de mobilizar a curiosidade sociológica.

Freyre também nos deixou um testemunho acerca do seu desempenho em sala de aula na UDF:

(...) Na Universidade, me vi cercado por vários outros, professores, digamos assim, 'baianos', quer dizer, cheios de flama oratória, como o próprio Hermes Lima. Houve certa relutância em me aceitar porque eu dava aulas em tom de conversa, mas não mudei meu estilo. A mocidade acabou aderindo a mim, o que foi uma das grandes vitórias que tive na vida. Em cada aula, os estudantes já tinham podido consultar a gravação da anterior, o que propiciava muitas conversas, com inteira liberdade de idéias. (Sociedade Brasileira de Pesquisa Científica. 1998: 121)

Ao fazer este relato, notemos que Freyre procurou chamar a atenção para um traço com o qual procurou marcar sua identidade intelectual: o caráter não ornamental, não bacharelesco de sua prosa e sua comunicação oral. Ele queria se contrapor afinal aos bacharéis ilustrados da Velha República, aos quais se referia como 'baianos' (certamente uma menção implícita a Rui Barbosa e a toda tradição intelectual que ele representava). Segundo este testemunho, uma de suas *grandes vitórias na vida* foi convencer os alunos da UDF de que virtudes oratórias do professor deveriam substituídas pela capacidade de despertar o interesse pela investigação da vida social.

Outros depoimentos de alunos registram também o alto nível de exigência de Freyre em relação ao desempenho discente. Sobretudo os trabalhosos inventários e o domínio da língua inglesa (exigido para o estudo dos textos indicados na bibliografia) eram temidos pelos estudantes. Um deles relatou que as leituras indicadas por Freyre exigiam a constante consulta à professora de inglês da Universidade. (BARBOSA, 1996: 74)

Segundo a documentação consultada, Freyre ministrou, no período compreendido entre os anos de 1935 e 1937, três diferentes disciplinas na Universidade: *antropologia*, *sociologia geral* e *pesquisas e inquéritos sociais*. Vamos, pois, examinar o conteúdo das aulas de cada uma delas:

II. Pela demarcação de áreas de cultura

Acerca da disciplina *antropologia*, ministrada por Freyre na UDF, foi possível apenas consultar oito textos que, a rigor, correspondem a oito dias de aula ocorridos no período compreendido entre outubro de 1935 a março de 1936. São, pois, os únicos textos que estavam catalogados no Acervo do Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre - Recife/PE.³

A julgar pelos poucos manuscritos ao nosso alcance, suas aulas de *Antropologia* foram ministradas de modo muito irregular: houve quatro aulas no mês de outubro de 1935, uma aula no mês de novembro, uma aula em dezembro, uma em janeiro de 1936 e, por fim, a última em março do mesmo ano. Obviamente, é possível que alguns dos manuscritos tenham desaparecido não permitindo a reconstituição total do conteúdo das aulas de Antropologia.

De todo modo, a partir dos manuscritos que pudemos consultar, os temas das aulas de antropologia foram os seguintes: uma aula sobre '*diferenciação entre o processo cultural e social*', uma aula sobre '*distinção entre traço de cultura e complexo de cultura*', uma aula sobre o que Freyre denominou de '*critérios de estudo antropológico*', duas aulas sobre '*traço cultural*', duas aulas sobre '*definição de áreas de cultura*', uma aula sobre o '*vocabulário*' como forma de percepção de fatos culturais.

Freyre iniciou o curso de antropologia propondo uma distinção entre os processos sociais e os processos culturais, que constituem objetos da sociologia e da antropologia respectivamente. Segundo seus termos, os processos sociais são anteriores à vida humana, ou seja, manifestam-se

³ O conteúdo de suas aulas de Antropologia na Universidade do Distrito Federal foram publicados no livro *Problemas brasileiros de Antropologia* (FREYRE, 1943).

também no reino animal, muito embora seja impossível aos animais a criação cultural. A partir desta perspectiva, os processos sociais de que trata a sociologia são aqueles que se referem aos problemas de interação entre os homens: são, pois, os problemas da distância, contato, diferenciação e integração social e seus efeitos. Os processos culturais de que trata a antropologia cultural são, por sua vez, segundo Freyre, exclusivamente humanos.

Não obstante, o autor proclama que freqüentemente, nos homens, os atos sociais se prolongam em atos culturais. Daí a dificuldade de estabelecer fronteiras absolutamente nítidas entre a sociologia e a antropologia.

Ainda assim, procurando estabelecer alguma especificidade à matéria, Freyre afirma que são três os 'critérios' de estudo na antropologia: raça, língua, cultura. O critério 'raça' é tema da Antropologia Física, ao passo que o tema 'língua' e 'cultura' são temas a que se dedicam a Antropologia Cultural.

Ao que sugerem estas notas de aula, Freyre ministrou na UDF um curso de iniciação à antropologia cultural embora não tenha negado a importância das análises antropométricas. Lembremos, pois, que possivelmente havia um esforço de Freyre no sentido de legitimar a perspectiva culturalista no ambiente da UDF, especialmente num contexto de confronto intelectual com Arthur Ramos.

Um dos problemas mais importantes da antropologia cultural, segundo estas anotações de Freyre, é a compreensão da expansão de disseminação da cultura. Uma tese difusionista se entrevê em suas notas. Ele procurou esclarecer que, durante os contatos sociais, traços de cultura se combinam com outros traços formando complexos culturais muito dinâmicos.

Afirmou ainda que traços culturais, quando destacados do complexo cultural, podem ser analisados em sua capacidade de resistência, alteração e adaptação em condições sociais, ecológicas e culturais bastante diversas daquelas que lhe deram origem:

O traço de cultura encontra resistência do meio físico e da área ecológica e se deixa às vezes, vencer por esta resistência, mas quase sempre, o que sucede é o seu condicionamento e sua alteração sob influências diversas do meio físico e da área ecológica.⁴

⁴ Notas de aula referentes à 4/10/1935 do curso de Antropologia ministrado por Freyre na Universidade do Distrito Federal. Acervo do Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre - Recife/PE.

Neste processo de dinâmica cultural, segundo Freyre, certos traços podem sobreviver, podem ser inócuos, pitorescos ou até mesmo prejudiciais ao novo contexto cultural. Não obstante, prossegue o autor, o que deve interessar particularmente ao antropólogo, é a percepção de que a sobrevivência de traços culturais, especialmente no Brasil, não revela uma evolução regular, constante e absoluta nos processos sociais e culturais. E aí se segue a seguinte observação:

Num país heterogêneo como o Brasil, em cuja formação entraram elementos os mais distanciados em momentos culturais, as contradições de formas de cultura são as mais acentuadas, as sobrevivências culturais, se nos colocarmos do ponto de vista europeu, são enormes. Encontram-se em coexistência em nosso país, algumas das expressões mais avançadas de técnicas e das mais atrasadas de religião, por exemplo. E mesmo dentro de certos progressos da técnica encontram-se em contradições violentas.⁵

É então que Freyre ingressa na discussão sobre a necessidade do desenvolvimento de pesquisas antropológicas no Brasil, dedicadas particularmente à demarcação de áreas de cultura. Freyre recomenda a expansão do estudo antropológico dos gostos regionais do brasileiro. Tais estudos, sugere, seriam úteis tanto do ponto de vista científico, quanto do ponto de vista político e econômico.

Para ele, com efeito, investigações antropológicas desta natureza evitariam generalizações precipitadas. É o que procura destacar no seguinte trecho:

A importância de se estabelecerem áreas de cultura independente dos critérios imperialistas é cada dia mais evidente. Tem interesse político: estudos nos oferecem evidências das nossas verdadeiras condições e possibilidades, que não se devem basear, exclusivamente, no que recebemos, com maior ou menor passividade, da Europa, ou no que nos foi imposto, com maior ou menor violência, pela civilização européia.⁶

Notemos que a pesquisa antropológica foi aqui representada como uma oportunidade para o reconhecimento da diversidade cultural do país. Isso, no entender de Freyre, permitiria a demarcação das diferentes áreas culturais existentes no país e renderia benefícios políticos e econômicos.

⁵ Notas de aula referentes à 11/10/1935 do curso de Antropologia ministrado por Gilberto Freyre na Universidade do Distrito Federal. Acervo do Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre - Recife/PE.

⁶ Notas de aula referente à 29/11/1935 do curso de Antropologia ministrado por Freyre na Universidade do Distrito Federal. Acervo do Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre - Recife/PE.

III. Pelo equilíbrio inter-regional

Diferentemente do curso de antropologia, tivemos oportunidade de consultar trinta 'aulas' relativas ao curso de *sociologia geral*, ministradas regularmente entre os meses de agosto de 1935 a março de 1936.⁷

Ao consultar estas notas, procuramos definir os temas de cada aula dada por Freyre. A partir disso, pudemos constatar o seguinte: das trinta aulas, oito (as primeiras) dedicaram-se à discussão acerca do *equilíbrio regional e ecológico*, mais especificamente à questão das relações entre cidade e campo. As sete aulas seguintes foram ocupadas com a discussão acerca dos conceitos de *distância social*, *contato social* e *interação social*. Mais cinco aulas tinham como objetivo a discussão de questões pertinentes ao problema da *unidade social*. Uma aula acerca da diferenciação entre a sociologia e a história. E, por fim, as oito últimas aulas serviram para o estudo dos diferentes métodos de investigação sociológica.

Esta contabilidade permite observar a relevância que certos temas tinham para Freyre. É evidente que a questão regional (expressa na problematização das relações entre meio urbano e rural) ocupava o topo das preocupações sociológicas dele. A representação conceitual desses problemas é apresentada num segundo momento do curso, quando ele expôs as definições de distância, contato e interação social e as submeteu também à discussão sobre equilíbrio regional. Do mesmo modo, o tema *unidade social* esteve vinculado ao tema.

Finalmente, quase metade do curso foi dedicada à explicação dos métodos sociológicos então aplicados nos estudos sociais. Entretanto, Freyre não exigiu que os alunos desenvolvessem investigações de campo propriamente ditas. Nesta ocasião limitou-se a recomendar pesquisas em jornais a fim de aproximá-los de alguns aspectos da realidade social. As pesquisas de campo foram, pois, realizadas com alguma sistemática sob orientação de Freyre durante o curso de *pesquisa e inquéritos Sociais*.

Analisaremos a partir de agora, em alguns dos seus detalhes, cada tópico deste curso de *sociologia geral* ministrado por Freyre.

⁷ As datas que constam nestes manuscritos se referem às aulas de sociologia de Freyre: em 1935 houve aulas semanais que, iniciadas em 18 de setembro, prosseguiram regularmente até 02 de dezembro. Após um recesso de cerca de um mês, as aulas foram retomadas em 08 de janeiro de 1936, quando eram dadas em intervalos irregulares, mas que não ultrapassavam uma semana (às vezes havia mais de um encontro semanal). O curso fora então concluído em 25 de março de 1936. Acervo do Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre - Recife/PE.

A. Sociologia regional e relações entre cidade e campo

Na sua aula de estréia na Universidade do Distrito Federal, Freyre dedicou-se à apresentação do conceito de Ecologia. Além do destaque que ele conferiu a este conceito, chamou a nossa atenção a presença da noção de equilíbrio. Na discussão acerca da relação entre cidade e campo (que ocupou sistematicamente as sete aulas seguintes), Freyre pareceu reivindicar um reajustamento das relações inter-regionais no Brasil fundamentado numa noção de equilíbrio regional.

Constata que o Brasil sofria de um mal denominado *desequilíbrio regional*. Em suas notas de aula, Freyre afirmou que tal problema se apresentou de modo mais visível desde a migração freqüente e numerosa das populações do campo para as cidades. O desequilíbrio demográfico entre meio rural e urbano, compreendido como resultado da enorme capacidade de atração das cidades era, para Freyre, uma das manifestações mais dramáticas do desequilíbrio regional.

Num longo prazo - dizia Freyre na década de 30 - a manutenção deste desequilíbrio acentuaria o isolamento das populações rurais. Isso ocorreria de modo particularmente acentuado no Brasil, nação em que a oposição campo/cidade sempre foi tão aguda, causadora de desajustes sociais patológicos. Freyre lembra, pois, da histórica oposição sertão/litoral no Brasil, do isolamento das populações sertanejas como fatores causadores dos graves conflitos que caracterizaram o Segundo Reinado, entre os quais o Contestado. Freyre compreendia afinal, que em circunstâncias similares, o agravamento do desequilíbrio regional poderia efetivamente contribuir para por em risco a manutenção da unidade nacional.

Não obstante, o imperialismo capitalista também foi apontado, por Freyre, como causador do desequilíbrio regional na medida em que faz desaparecer as especializações regionais, seus tipos sociais e seu modo de vida. O capitalismo, diz Freyre, impõe a certas regiões, regimes de vida e de trabalho que nem sempre são adequadas aos modos de vida singulares. Especialmente no caso dos trópicos, Freyre afirma que a *standartização* de habitações e vestuários é algo absolutamente inadequado.

O que parece estar em questão, para Freyre, é o crescente predomínio da cultura urbana sobre a cultura rural no mundo contemporâneo. Predomínio este que, segundo o autor, afetaria de modo particular sociedades como a brasileira, tão singulares em seu modo de vida.

Freyre, porém, alerta seus alunos contra o que denomina de *lirismo rural*. Numa das aulas dedicou-se exclusivamente a *libertar os sociólogos do lirismo rural*. Afirma, com a ajuda de alguns dados de Belisário Pena, que a idéia da vida rural mais saudável é apenas uma ilusão, sobretudo no Brasil. Compreendia que as condições ideais de vida, neste contexto de grandes transformações não estavam nem somente no campo, nem somente na cidade. O equilíbrio regional brasileiro seria, para o autor, produto de um intercâmbio entre aspectos positivos das duas realidades. Nesse sentido, condições sanitárias favoráveis que eram então típicas das cidades deveriam ser levadas ao campo, ao mesmo tempo em que a arquitetura das casas rurais (tão mais adequadas ao clima tropical com seus alpendres) deveriam ser também incorporadas no cenário urbano. Esta é uma idéia que, mais tarde, Freyre irá desenvolver em detalhes sob o conceito de 'urbano'. (FREYRE, 1982)

Porém, o que nos importa, por enquanto, é destacar o seguinte aspecto: notemos o modo incomum com que Gilberto Freyre iniciou o curso de sociologia na UDF. Ao invés de começar por uma definição da disciplina e dos conceitos fundamentais, ele optou por discutir diretamente o problema que considerava não apenas crucial do ponto de vista da sociologia, mas também da perspectiva da vida social e política brasileira.

Foi, afinal, o problema do acordo inter-regional o tema privilegiado das aulas de sociologia dadas por Freyre na UDF. Certamente, para ele, naquele período, o grande problema na pauta dos cientistas sociais brasileiros era a manutenção do equilíbrio entre as regiões a fim de se evitar, a um só tempo, o isolamento do meio rural e a supervalorização da cultura urbana. Nesse sentido, se entrevê, em suas notas de aula, uma proposta de instauração de uma nova divisão do trabalho capaz de levar em conta vocações regionais e permitir um intercâmbio de fórmulas de bem-estar entre meio rural e urbano.

Com efeito, para Freyre, o desequilíbrio regional (que, nacionalmente, se esboçava na centralização econômica e política no sudeste e, localmente, no inchaço das grandes capitais regionais) era um dos mais graves impasses da nação. Ao abrir o curso de *sociologia geral* imediatamente com esta temática, o autor manifestava o desejo de orientar as reflexões dos seus alunos para os problemas da relação entre as regiões do Brasil.⁸

⁸ Importante notar que a noção de 'equilíbrio regional' está presente em outros autores deste período. Vejamos, pois, o seguinte trecho de Afonso Arinos (1939): "*Hoje a unidade da pátria é principalmente isto: inteligência e sentimento. O federalismo é, no Brasil, uma realidade; o regionalismo, bem compreendido, uma verdadeira condição de vida. Erram crassamente os que pretendem combater, às cegas, o bom regionalismo. E este erro repercutirá*

Na segunda parte do curso, Freyre introduziu certos conceitos sociológicos considerados importantes. E estes conceitos, como veremos, serão também aplicados imediatamente à temática da oposição campo/cidade.

B. Distância, contato e interação social

As aulas seguintes do curso de *sociologia geral* foram dedicadas ao esclarecimento dos conceitos de *distância, contato e interação social*. Em primeiro lugar, Freyre afirmou que as distâncias, os contatos e os modos de interação social não têm fundamento biológico, mas tem por base as condições geográficas, psíquicas ou religiosas. Reparemos, pois, que no contexto do confronto com as interpretações de cunho racista, ele não cansava de demarcar a natureza diversa da sua perspectiva.

Vale também lembrar que Freyre cita com muita frequência, nesta parte de suas notas de aula, os autores Park & Burgess, muito embora afirme não concordar com a suposta simplicidade da tipologia das formas de interação social por eles proposta. Estes autores, conhecidos como membros do que se convencionou chamar de “Escola de Chicago”, organizaram um importante compêndio de sociologia no qual reuniram textos sociológicos de autores do mundo todo. Tal compêndio, já tivemos a oportunidade de verificar, Freyre o introduziu na relação da solicitação de compra de livros para a Biblioteca da UDF. Importante, aliás, destacar que Park foi um importante divulgador das idéias de Simmel no meio acadêmico norte-americano: sua classificação das formas de interação social se dá, pois, com nítida influência do autor alemão.

Com efeito, Freyre iniciou este bloco de aulas esclarecendo imediatamente que distância e contato sociais são conceitos importantes para a sociologia porque ambos têm não apenas origem, mas também efeitos psíquicos, lingüísticos e sociais relevantes. Nesse sentido, ele procurou demarcar que a natureza dos contatos sociais (ou mesmo sua ausência) são objetos de

dolorosamente contra a unidade nacional. Porque o Brasil se forma como um organismo da junção harmoniosa de entidades que, além da vida nacional, possuem a sua vida própria. Da mesma maneira, um meio social não se pode formar solidamente, se seus componentes, além da vida da relação social, não possuem uma vida íntima, uma vida de mesa e lareira, em que se opinem as virtudes privadas que deverão ser empregadas na obra comum. Eu vos digo, paulistas, que o meu maior receio está precisamente, na ação brutalizadora dos que pretendem suprimir a cooperação dos sentimentos regionais, na formação da idéia nacional. Pois isto é não compreender que esta só existe, só se forma, porque aqueles se integram e convergem para as formação. (...) Quando penso em Brasil, elaboro um complexo esforço intelectual em que se fundem idéias de Pernambuco, de Minas, de São Paulo, do Rio Grande e de todos os outros Estados. Brasil é uma síntese orgânica dessa diversidade básica. É a reunião superior dessas forças particularistas. Elas não existem sem ele, mas ele não é nada sem ela. (FRANCO, 1939: 218-219)

grande importância para a sociologia. Citando Simmel, afirmou, pois, que as condições de interação social são a base do sistema sociológico.

E embora Freyre alerte para o fato de que distância e contato social não devem ser confundidos com interação física entre os membros de uma determinada sociedade, a maioria dos seus exemplos nos sugerem que a interação física é fator, em alguma medida, definidor das condições de distância ou contato social.

Freyre explica pormenorizadamente que a distância social se manifesta com especial clareza na forma de distribuição das residências numa cidade. Certas áreas são, pois, ocupadas segundo critérios de classificação social (de acordo com a renda, a raça ou a religião, por exemplo). Nesse sentido, a localização da residência é, para Freyre, um índice importante, revelador da situação social de um indivíduo. Ao mesmo tempo, o isolamento de certas populações permite o desenvolvimento de um padrão peculiar de socialização que se expressa, sobretudo, no modo de falar, gesticular ou expressar emoções.

Nesse sentido, Freyre compreende que o isolamento espacial excessivo de um grupo implica em grave degeneração da unidade social. Este é o caso, afirma ele, de algumas comunidades sertanejas no Brasil, especialmente de Canudos, cujo conflito social ocorrido no século XIX foi, segundo sua perspectiva, consequência do isolamento social e geográfico daquela população.

Pois Freyre parece, por vezes, sugerir que a proximidade física é capaz de causar certos efeitos sociais desejáveis ao passo que o distanciamento implica em consequências temerárias. Inevitável deixar de pensar na sua tese de *Casa Grande & Senzala*: na proximidade física entre senhores e escravos no ambiente doméstico da casa-grande, que teria amolecido certas hierarquias sociais, por meio das trocas culturais e, também, afetivas e sexuais.

Numa de suas aulas sobre o tema, Freyre estabeleceu uma relação interessante entre *consciência de espécie* (conceito de Franklin Giddings) e as formas de interação social. Freyre compreende que a elaboração da *consciência de espécie* está imediatamente relacionada com as condições de interação social. Em tempo, ele compreende, tomando a definição de Giddings, que a *consciência de espécie* é a consciência da semelhança mental entre membros de um determinado grupo.⁹

⁹ No dicionário sociologia de Baldus e Willems (o primeiro do Brasil), publicado aqui em 1939 há o verbete definindo o termo 'consciência de espécie'. Eis a definição: *o fato subjetivo, elementar e original da sociedade é a consciência da espécie. Entendo por essa palavra um estado de consciência no qual cada ser, qualquer que seja sua posição na*

Nesta relação estabelecida por Freyre, quanto maior a proximidade social entre membros de uma determinada sociedade, maior a possibilidade do desenvolvimento de uma *consciência de espécie* entre os sujeitos em interação.

Porém Freyre sugere, nestas suas notas de aula, que há também efeitos importantes da *consciência de espécie* sobre as formas de interação social de um determinado grupo. Nesta perspectiva, a *consciência de espécie* pode, por um lado, garantir unidade social, mas pode também, por outro, promover o antagonismo e a dispersão de um grupo social em relação ao conjunto mais amplo da sociedade. A *consciência de espécie* pode, portanto, igualmente provocar contatos ou causar o distanciamento social.

Com efeito, no caso do Brasil, Freyre compreende que a obra de colonização portuguesa sedimentou, entre os brasileiros, uma consciência de espécie notável, responsável pela manutenção da unidade nacional. Ele acredita, porém, que a nação brasileira foi resultado de uma consciência de espécie prévia, anterior a nossa: a portuguesa. Segundo sua perspectiva, o desenvolvimento de tal consciência de espécie resultou igualmente dos contatos culturais e étnicos (do português com o mouro e com os africanos e suas respectivas culturas), mas também da unidade econômica já que se traduziu em técnicas coloniais de produção e de trabalho (escravidão).

Segundo Freyre, foi, pois, em grande parte, efeito da capacidade de adaptação e assimilação cultural e de difusão de técnicas econômicas que se criou no Brasil uma consciência de espécie que ultrapassou as diferenças regionais. O trabalho de assimilação cultural e difusão econômica foram principalmente regidos pela instituição patriarcal. É o que Freyre afirma em suas notas de aula:

Sobre esse território vasto a paisagem cultural foi se tomando, desde o meado do século XVI quase a mesma, - com o domínio da casa - o mesmo tipo de casa patriarcal portuguesa, mas com elementos adquiridos na Ásia - quase o mesmo tipo de engenho de fabricar açúcar - já português, mas de base ou fundamento mouro - e quase a mesma arquitetura de Igreja. De tal modo que hoje em Bananal, Estado de São Paulo

escala social, reconhece todo outro ser consciente como sendo da mesma espécie que ele. (WILLEMS & BALDUS, 1939:61) Freyre utilizou a noção de 'consciência de espécie' em seu trabalho original, apresentado como tese de mestrado na Universidade de Colúmbia. Numa das passagens deste trabalho, Freyre afirma que o clero brasileiro tratava de despertar habilmente 'consciência de espécie' entre os negros estimulando o culto e os festejos e gerando identificação com santos pretos e pardos. (FREYRE, 1977: 100-102)

*ou em Santa Luzia, em Minas encontraremos os mesmo elementos culturais de arquitetura que em qualquer cidade velha do norte.*¹⁰

Freyre defende aqui a tese, presente em *Casa-Grande & Senzala*, de que a unidade cultural brasileira é verificável a partir da presença da casa patriarcal.

Impossível não relacionar esta passagem à diferenciação entre *forma* e *substância*, confessadamente inspirada em Simmel e apresentada por Freyre na Aula Inaugural para a Escola Normal de Pernambuco. Segundo Freyre, a *forma* 'casa patriarcal' - a despeito das variações das *substâncias* políticas, econômicas e geográficas que distinguem os estados de Pernambuco, Minas e São Paulo - está sempre presente entre nós. Veremos que esta tese será defendida também nas páginas no livro *sociologia: uma introdução aos seus princípios* publicada em 1945 e será tema de um controvertido debate nos anos 50.

Não obstante, para Freyre, também a distância social é capaz de produzir uma consciência de espécie que é, verdadeiramente, produto do isolamento físico ou social, imposto a certos grupos. A desagregação da sociedade é, pois, um dos efeitos deste tipo de consciência de espécie produzida a partir do isolamento social. É então que Freyre chama novamente à baila a questão da oposição sertão/litoral no Brasil, considerada como um problema de desequilíbrio regional. Destaca mais uma vez, o caso de Canudos: é como se o isolamento daquela população tivesse produzido uma 'consciência de espécie local' que se opôs à 'consciência de espécie nacional', esta última, produto de séculos de interação social entre culturas diversas.

Freyre afirma, também, que, no Brasil, a pequena distância física entre pessoas de diferentes raças, não permitiu o desenvolvimento de uma '*consciência de espécie de negro*' ou uma '*consciência de espécie de branco*'. Esse tipo de consciência de espécie, caso tivesse se desenvolvido entre nós, seria também fator importante de desagregação social.

Queremos também destacar aqui uma passagem na qual Freyre se dedicou a apresentar as formas de interação social. Segundo o autor, há basicamente três formas de interação: a *resignação* (forma mais insignificante de interação), a *contemporização* (um sentido, ainda que inconsciente, para agir em nome da unidade social) e a *acomodação social* (disposição efetiva para adaptar-se a formas de vida comuns).

¹⁰ Notas de aula referentes à 20/11/1935 do curso de sociologia geral ministrado por Freyre na Universidade do Distrito Federal. Acervo do Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre - Recife/PE.

Dessas três formas de interação propostas por Freyre, a acomodação é a mais sofisticada, verdadeiramente criadora de vida social. De acordo com seus pressupostos, grande parte das atividades humanas de interação ou de simples contato social exige certa transformação no sentido da acomodação social.

Mas a acomodação social não se dá em qualquer direção. Com auxílio de Ross, Freyre constata que ela se processa principalmente na direção determinada pelo elemento superior da relação social.

Para Ross a acomodação se processa principalmente em torno do elemento superior de cultura de determinado grupo, a qualidade parecendo assim, predominantemente, pelo menos até certo ponto, sobre a quantidade ou o número.¹¹

Absolutamente de acordo com a formulação de Ross, Freyre conclui que, no Brasil, africanos e indígenas foram se acomodando à cultura portuguesa. Verifiquemos, pois a seguinte citação: "*a acomodação que se operou no Brasil colonial teria se processado em torno do elemento português, culturalmente superior embora em número esse elemento fosse inferior aos outros*".¹²

Freyre não deixa, porém, de constatar que também o português procurou se acomodar aos traços mais fixos e inflexíveis da cultura dos outros dois elementos (índio e negro). O que o leva a concluir então que houve certa reciprocidade cultural entre os elementos, a despeito do domínio do português.

Nesta definição de Freyre é que se inscreve a peculiaridade da sociedade brasileira. Afinal, entre nós, segundo sua perspectiva, a unidade nacional foi garantida pela unidade social, fundamentada num processo sociológico que envolveu o difusionismo cultural, a miscigenação racial, a eficiência econômica.

Para Freyre, o empreendimento colonial português produziu uma sociedade equilibrada. A sabedoria portuguesa fora, sobretudo, reforçada pela forma de organização familiar patriarcal, produtora eficiente de acomodação de forças sociais antagônicas.

Este processo sociológico de acomodação, Freyre o contrasta com o modo como o Estado, na história recente do país, estava produzindo diferenciação regional fundamentada no isolamento geográfico e cultural. Se o patriarcado produziu uma consciência de espécie favorável

¹¹ Notas de aula referentes à 2/12/1935 do curso de sociologia geral ministrado por Freyre na Universidade do Distrito Federal. Acervo do Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre - Recife/PE.

¹² Notas de aula referentes à 2/12/1935 do curso de sociologia geral ministrado por Freyre na Universidade do Distrito Federal. Acervo do Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre - Recife/PE.

ao equilíbrio social e nacional, a ação estatal recente estava produzindo uma consciência de espécie negativa no entender de Gilberto Freyre.

C. Unidade social

Nas aulas subseqüentes, Freyre se ocupou em apresentar questões relativas à unidade social. Para ele, o importante do ponto de vista da sociologia é fixar a atenção nas atividades que o grupo desenvolve através da ação conjunta de seus membros. Interessa à disciplina as formas de constituição da unidade social e seus fundamentos e não os indivíduos em si.

Nesse sentido, para Freyre, a grande questão da sociologia são as condições pelas quais se mantêm a unidade do grupo social. Seu pressuposto teórico básico, visível desde seu curso de sociologia na Escola Normal de Pernambuco, é de que os mecanismos de socialização são centrais para compreender a capacidade de auto-regulação e de acomodação das forças sociais de uma sociedade determinada. Assim se compreende a centralidade da instituição familiar e da socialização infantil em suas análises: ambas referem-se a processos primários de socialização.

Não obstante, para o autor a unidade social é, paradoxalmente, também produtora de antagonismos. Segundo seu ponto de vista, a construção, o desenvolvimento e a conservação da unidade social são, eles próprios, criadores de condições inimigas da unidade social.

É que, para Freyre, a sociedade é constituída, igualmente, por tendências de *associação* e *dissociação* ou, dito de outro modo, por processos de *diferenciação* por um lado e de *interação* por outro.

*Esse choque entre as tendências dos processos de dissociação e os de associação, resolve-se, às vezes, ou apenas se exprime dramaticamente, em divórcio, deserção do marido ou da mulher, do filho ou da filha, separação, guerras civis. Noutros casos dá-se o conformismo interior, mantendo-se no grupo uma certa unidade.*¹³

Entretanto, no jogo entre as duas forças antagônicas, Freyre crê que o processo histórico demonstra certa tendência de equilíbrio.

¹³ Notas de aula referentes à 13/01/1936 do curso de sociologia geral ministrado por Freyre na Universidade do Distrito Federal. Acervo do Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre - Recife/PE.

As alternativas de predomínio entre as forças ou tendências de integração e diferenciação parecem resultar do próprio desenvolvimento histórico que seria, pois, processo de equilíbrio social, surgindo a compensação no sentido B sempre que se verifica um excesso no sentido A.¹⁴

Ele entende, pois, que o equilíbrio entre as forças sociais antagônicas é manifestação da saúde de um grupo social.

Ora, o equilíbrio social parece estar também relacionado ao processo de *acomodação social* que Freyre definiu nas aulas anteriores. A manutenção da unidade social exige o 'equilíbrio dos antagonismos sociais' por meio do processo de *acomodação social* que é, em geral, dirigido pelo grupo superior (como foram os portugueses no Brasil colonial). Note-se que estão aqui expostos alguns dos princípios teóricos de Freyre que orientaram a sua interpretação em *Casa Grande & Senzala* e em *Sobrados e Mucambos*.

D. Métodos

Nas aulas seguintes Freyre expôs alguns dos recursos metodológicos à disposição dos cientistas sociais. Antes, porém, dedicou uma aula à diferenciação entre as disciplinas de sociologia e história. Tal distinção nos parece importante porque é a partir dela que ele definirá os objetivos da sociologia e, por conseguinte, seus métodos.

Freyre afirma que a história se preocupa com os fatos e fenômenos singulares, ao passo que a sociologia tem como propósito compreender os recorrentes e uniformes. É que, para o autor, os fatos sociológicos são, eles mesmos, efeitos de um processo social que se resume, essencialmente, ao jogo entre as forças de associação e diferenciação. É desta regularidade do confronto entre as forças antagônicas que deve então se ocupar o sociólogo.

Na perspectiva do autor, o cientista social deve, pois, compreender os efeitos gerais das forças sociais, as formas variadas como elas se manifestam em suas versões regionais e históricas. Deve, não obstante, ficar atento para não ser seduzido por falsas uniformidades.

Metodologicamente, Freyre recomenda equilíbrio entre dedução e indução. Afirma que o excesso de preciosismo empírico pode levar à mera acumulação de dados enquanto que a

¹⁴ Notas de aula referentes à 03/02/1936 do curso de sociologia geral ministrado por Freyre na Universidade do Distrito Federal. Acervo do Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre - Recife/PE.

imaginação dedutiva pode conduzir a generalizações precipitadas. O correto seria, no entender do autor, dosar equilibradamente estes dois métodos.

Freyre acrescenta ainda que a intuição é, também, um precioso recurso na pesquisa sociológica. Para ele, a intuição é acionada, sobretudo, na realização do ajustamento do material empírico ao que ele chama de *verdade social e humana*.

Tal perspectiva acerca do valor da intuição na investigação social parece ser a origem discreta de uma idéia fundamental de Freyre com a qual ele caracterizará seu método sociológico: a noção de empatia. (FREYRE, 1945)

Nas suas aulas de *sociologia geral* da UDF, após as recomendações relativas ao equilíbrio entre dedução, indução e intuição, Freyre dedicou-se a apresentar, em alguns dos seus detalhes, os métodos sociológicos propriamente ditos. Dois métodos foram então apresentados: a) método das variações concomitantes (para o qual ele dedica uma aula), b) estudo do caso sociológico (para o qual ele dedica cinco aulas).

O método das variações concomitantes é aquele, afirma Freyre, no qual o sociólogo deverá comparar o comportamento de dois fatores em circunstâncias sociais distintas, a fim de testar a correlação entre eles. É o que se faz em pesquisas que procuram relacionar 'suicídio' e 'religião' em diferentes países, ou aquelas que relacionam os índices de 'criminalidade' e 'desemprego' em diversas localidades, cita o autor. O material estatístico torna-se nestes casos precioso recurso.

Mas o autor alerta que, além da manipulação dos dados estatísticos, o pesquisador deve conhecer o conjunto das forças sociais atuantes nas diferentes regiões investigadas. O não conhecimento dos diversos elementos sociais condicionantes nas sociedades em questão pode levar o pesquisador a estabelecer relações falsas.

Freyre admite, não obstante, que os estudos comparativos desta natureza têm sempre certa *tendência deformadora*. Ressalta, pois, que por mais que o pesquisador seja rigoroso e objetivo na manipulação do material estatístico e na observação dos elementos condicionantes é impossível evitar que ele preste maior atenção a certos aspectos que lhe interessam em especial, ignorando ou desvalorizando outros.

Porém, parece que, para Freyre, apesar dos riscos evidentes, o método comparativo é muito útil porque permite compreender as *formas* sociológicas que se manifestam

independentemente de condições regionais, históricas e políticas. É até, nesse sentido, surpreendente que ele não dedique mais aulas a este método.

A outra técnica metodológica apresentada por Freyre é estudo de caso. Os exemplos mais notáveis de estudo de caso são, para ele, os inquéritos de Le Play. Afirma que a técnica do *caso sociológico* é uma tendência da moderna sociologia, na medida em que os resultados de pesquisas desta natureza permitirão a construção da verdadeira teoria sociológica, tarefa ainda por fazer segundo a opinião de Freyre. Na verdade, para ele, os estudos de caso representam uma nova fase da sociologia, uma fase em que haverá menos doutrinação e mais pesquisa sistemática.

O mergulho em pequenas pesquisas regionais (os casos) permitirá, sob esta perspectiva, a generalização teórica mais precisa. Com efeito, Freyre afirma que, no processo de construção da grande teoria sociológica, há duas grandes colaborações: a perspectiva antropológica e a perspectiva ecológica. Ambas auxiliam a sociologia no enfrentamento sistemático da realidade social, em suas diferentes manifestações culturais e ecológicas. Ele compreende afinal que o sociólogo não é mais, como no XIX, um intelectual de gabinete. Dele são agora exigidas qualidades pessoais e intelectuais para o trabalho de campo.

Segundo compreendemos, para Freyre, a sociologia passava então por uma nova fase em que o excesso de abstração e teorização dava lugar à pesquisa de campo. Sobretudo a investigação sistemática sobre realidades peculiares deveria ser objeto dos novos pesquisadores. Apenas a partir do resultado de tais pesquisas, abarcando um universo social bastante abrangente e diversificado, é que se poderia, no entender de Gilberto Freyre, ousar na difícil tarefa de elaboração de construções teóricas de grande alcance.

Aos seus alunos, Freyre recomenda que investiguem, portanto, diferentes tipos sociais presentes numa mesma cidade. Cita como exemplo o 'moleque do morro', considerado por ele um objeto de investigação notável para os futuros estudos de caso a serem desenvolvidos pelos discentes.

Ele afirma ainda que além da colaboração que os estudos de caso podem dar para a constituição científica da sociologia, tais investigações têm também valor pedagógico e disciplinador. Talvez seja exatamente por isso que Freyre dedique a maior parte de suas aulas de metodologia à apresentação do estudo de caso. Lembremos que a técnica de variações concomitantes mereceu apenas uma aula da atenção do professor.

Com efeito, a grande virtude dos estudos de caso é que, segundo Freyre, eles permitem o estudo do *vivo*. Nos estudos assim recortados é a vida, seus pequenos e quase imperceptíveis movimentos, que deve ser capturada pela mente atenta do sociólogo.

Freyre recomenda que seus alunos não deixem, portanto, de investigar o que considera os verdadeiros testemunhos do fluxo da vida: cartas pessoais, livros de venda e anúncios de jornais. Estes são, pois, documentos de imenso valor sociológico para Freyre, porque permitem o acesso à vida rotineira dos membros de uma dada sociedade. É esta vida rotineira que afinal denuncia, diz Freyre, transformações mais gerais da sociedade.

Para Freyre, correspondências pessoais, recortes de jornal, livros de receitas, anotações de pequenos comerciantes, testamentos e diários têm, de fato, pouco valor para a história. Não obstante, são de enorme valor para a sociologia. Lembremos que, para ele, a sociologia ocupa-se das regularidades da vida social. Deve, portanto, estar atenta aos aspectos mais íntimos da vida humana, pois são estes definem transformações sociais mais gerais. Ao passo que a História, preocupada com a singularidade, se dedica aos fatos heróicos e oficiais.

Nesta diferenciação nota-se, pois, porque a noção de temporalidade de Freyre é tão singular. Ao definir que a sociologia se preocupa com regularidades da vida social o seu foco será sempre mais atento à questão das continuidades, sobretudo aquelas que se manifestam de modo muito sutil em alguns meandros da vida humana. (VILLAS BÔAS, 2003) (BASTOS, 2003)

IV. O morro carioca e a inteligibilidade da cultura popular

Provavelmente, os mesmos alunos do curso de sociologia geral, freqüentaram, cerca de um ano e meio depois, o curso de *pesquisas e inquéritos sociais*. Foi neste novo curso que Freyre aprofundou recomendações metodológicas feitas até agora.

As notas de Gilberto Freyre acerca da disciplina '*pesquisas e inquéritos sociais*' nos fazem supor que se tratava de um curso orientado para a prática de pesquisa propriamente dita. No Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre, encontramos apenas as anotações referentes a oito aulas, ocorridas no período entre abril e junho de 1937. É possível que, no

restante do ano, o tempo fosse exclusivamente dedicado ao desenvolvimento das pesquisas de campo propriamente ditas.

Ao que sugerem alguns relatos de alunos e algumas cartas, Freyre orientou então uma grande pesquisa de campo sobre o fenômeno do morro carioca. A pesquisa teria sido levada a cabo no morro da Mangueira.

Com efeito, segundo um esquema encontrado nas notas de aula de Freyre, cada pequeno grupo de alunos foi responsabilizado pela investigação de um determinado aspecto da realidade do morro. Seus trabalhos deveriam, pois, ser desenvolvidos ao longo do ano letivo de 1937. No total, foram doze os temas propostos que, em conjunto, resultariam num estudo aprofundado:

1. *A cidade do Rio de Janeiro como área ecológica*
2. *História social da cidade do Rio de Janeiro*
3. *História econômica da cidade do Rio de Janeiro*
4. *Os morros e suas alternativas na história do Rio de Janeiro*
5. *Características gerais do morro atual no Rio de Janeiro*
6. *Relações atuais entre o morro de população pobre e a cidade do Rio de Janeiro*
7. *O morro na linguagem carioca*
8. *O morro nas estatísticas de mortalidade e natalidade na cidade do Rio de Janeiro*
9. *O morro nas estatísticas de crime da população do Rio de Janeiro*
10. *As sobrevivências africanas no Rio em geral e no morro em particular*
11. *O samba como expressão social do morro*
12. *O morro na literatura brasileira, no romance social, na crônica, na poesia*

O estudo do morro se relaciona, em certa medida, aos problemas teóricos propostos pelo autor em suas aulas de sociologia. Trata-se de mensurar distância, contato e interação social entre habitantes do morro e da cidade através de alguns indicativos sugestivos. Freyre certamente desejava, partir deste estudo de caso, permitir a aplicação de alguns dos conceitos sociológicos que considerava fundamentais. Procurou, assim, favorecer entre seus alunos o gosto pela pesquisa e a compreensão mais profunda da dinâmica dos processos sociais.

Entretanto, o estudo proposto refere-se também aos problemas efetivos do Rio de Janeiro. Cabe notar que houve, na cidade, naquele período, um crescimento urbano notável, estimulado, sobretudo, pela migração interna. Entre 1920 e 1935 a população aumentou em cerca de 600 mil habitantes. (BARBOSA, 1996:25)

Diante do fenômeno demográfico, novas regras se estabeleciam para regular a ocupação e a circulação urbana e monitorar o uso do espaço pelas famílias tradicionais, pelos trabalhadores

domésticos, pelos profissionais liberais e pelos operários. Assistia-se, por meio de uma nova divisão espacial, a complexificação da sociedade.

O surgimento de novos agentes sociais inscrevia-se no espaço de modo dramático na cidade do Rio de Janeiro. (NUNES: 1994:181) Com o crescimento populacional, crescia também a incômoda presença de pobres e miseráveis. Sobretudo os morros foram uma alternativa para a parcela da população mais desfavorecida que, embora em condições bastante precárias de moradia, tentava manter-se próxima do mercado de serviços domésticos. (NUNES, 1994:183) Ou seja, em sua estratégia de sobrevivência, incrustados de modo precário nos melhores bairros, os habitantes dos morros pareciam impor à elite reformista modernizadora, heterogeneidade, pobreza, diversidade racial e cultural.

Na época, os morros eram representados pela elite da cidade e pelo setor público como um ambiente de desordem, sujeira e culto ao irracionalismo. Exemplo disso: é conhecido o combate dos governantes e da igreja ao samba exatamente neste período. (VIANNA, 1995)

Neste contexto, a proposição da pesquisa de Freyre manifesta a preocupação em torno do problema da ocupação urbana que fora também tema clássico da sociologia norte-americana. Rigorosamente, esta investigação orientada por Freyre está bem acomodada dentro do ambiente da gestão do Prefeito Pedro Ernesto que, como vimos, combinava aproximação com as classes populares e a crença de que resultados da pesquisa social trariam uma nova dimensão para a ação pública.

Mas a pesquisa de Freyre, proposta aos seus alunos da UDF, em certo sentido, ultrapassa a problemática urbana da cidade do Rio de Janeiro. O crescimento populacional do Rio de Janeiro e o padrão de ocupação que dele derivou, relacionou-se ao declínio da economia rural e ao 'desequilíbrio inter-regional' (para usarmos aqui o termo de Freyre). Ou seja, rigorosamente, o fenômeno mais típico da ocupação urbana carioca dizia respeito a um fenômeno demográfico que tinha sua origem na deliberada política de concentração da economia industrial e de serviços em certas áreas específicas do país. Nesse sentido, os morros cariocas pareciam ser, para Freyre, um caso paradigmático dos efeitos do desequilíbrio regional, problema que fora tão aludido durante suas aulas teóricas.

Mas se, por um lado, para Freyre, o 'morro' é consequência do desequilíbrio regional, por outro lado, o autor também chama a atenção para a sua inteligibilidade. Ao propor o estudo

racional da experiência social e cultural vivenciada no morro, Freyre lhe conferiu, afinal, um 'status' diferente daquele proposto pela elite.

Nesse sentido, vale lembrar de algumas palavras significativas de Freyre acerca dos morros cariocas proferidas cerca de dez anos antes, em sua primeira visita à cidade do Rio de Janeiro:

Esse Morro da Favela, que de vez em quando aparece entre os vultos desiguais, entre os altos e baixos dos quintos e dos segundos andares de casas e de edifícios novos – alguns horrorosamente horríveis; esse Morro da Favela dá ao Rio uns azuis e uns vermelhos e uns amarelos, verdadeiramente deliciosos. A estética dos engenheiros não chegou por lá. Nem chegará tão cedo. Aquilo não será fácil de achatar nem de acinzentar nem de ajeitar. (...) Por muito tempo a estética de fraque se limitará a olhar para a Favela, através do seu 'pince-nez', lamentando aquela feiúra. Aquela falta de civilização. Aqueles restos do Rio de antes de Passos, pendurados por cima do Rio. (FREYRE, 1979: 335 vol. 2)

Observemos que, em 1926, Freyre vira nos morros cariocas um colorido que contrastava com a uniformidade proposta pelos engenheiros representantes da modernidade capitalista. Segundo seu olhar, a estética do morro contrastava com o padrão de modernidade imposto pelo Estado em suas práticas de reformas urbanas. O cenário carioca lhe pareceu então representativo da cisão entre Estado e Sociedade. (CARVALHO, 1985)

Em 1937, Freyre, municiado pelos instrumentos da ciência social, queria então que fosse cientificamente reconhecida como manifestação de diversidade e não como indício de desigualdade social a vida dos habitantes dos morros. Conduzia seus alunos a reconhecer sociologicamente a inteligibilidade da experiência histórica, social e cultural dos morros.

Observemos ainda que a pesquisa proposta por Freyre se fundamentou numa visão totalizante do fenômeno do 'morro' no Rio de Janeiro. O morro seria, pois, analisado sob uma perspectiva multidimensional que compreendia aspectos ecológicos, históricos, econômicos, demográficos, culturais e sociais. O morro é, pois, visto dentro dos critérios de tempo, de espaço, de contato e de isolamento com a cidade.

Os temas de pesquisa foram logo apresentados no início do curso, em sua primeira aula. Nas sete aulas restantes, que provavelmente antecederiam a 'ida dos alunos ao campo', Freyre procurou prepará-los, alertá-los para o tipo de abordagem utilizada, para as possíveis dificuldades e para cuidados necessários.

Na segunda aula (em 06/04/37), logo afirmou que a sociologia não é socialismo, nem uma técnica a serviço de ideais filosóficos, éticos, religiosos ou políticos. A sociologia é, para ele, afinal uma ciência nova que vem lutando contra dificuldades para estabelecer suas condições científicas. Nesse sentido, ele pede que os alunos mantenham minimamente a objetividade, evitando a intervenção de sentimentos e, sobretudo, de expectativas, que impliquem no comprometimento dos resultados.

Freyre desejava, com efeito, que a pesquisa, a ser desenvolvida por cada um dos alunos, seja tanto quanto possível científica, ou seja, desinteressada de fins práticos imediatos e de modo nenhum, dominada por sentimentalismos ou idealismo moral ou político. Aqui há um aspecto notável porque embora Freyre reconhecesse os possíveis benefícios pragmáticos do conhecimento sociológico, ele queria que seus alunos não estivessem, durante as pesquisas, voltados para esse aspecto apenas. Não queria, sobretudo, que a sociologia fosse então confundida com determinadas perspectivas políticas, ideológicas ou partidárias. Nesse sentido, ele procurou evitar que seus alunos, durante a coleta de dados, formassem certas expectativas estreitas sobre o conhecimento produzido, perspectivas que alterariam o caráter científico da investigação.

A observação que se seguia era de que a pesquisa se faria segundo uma perspectiva ecológica. Isso equivale a dizer, afirma ele, que se admite e se reconhece a interpenetração de influências entre os membros de um grupo e o meio físico.

Este pressuposto ecológico exige, pois, segundo Freyre, que o pesquisador observe os efeitos do clima sobre o ajustamento social dos indivíduos a relação da população com a água, os animais, as plantas e os alimentos. A orientação ecológica, acrescenta Freyre, foi fundamental em seus estudos que deram origem à obra *Casa Grande & Senzala* (então recente).

Vale, aliás, notar que aqui, nestes manuscritos para o curso de 'pesquisas e inquéritos sociais', flagramos Gilberto Freyre citar, com muita freqüência, sua experiência enquanto pesquisador. Numa de suas aulas, recomendou que seus alunos seguissem um esquema de pesquisa elaborado por ele durante sua pesquisa na Ilha Joaneiro, próximo a Recife. Sugeriu que empregassem o roteiro de perguntas por ele adotado, uma ficha com indagações cujas respostas seriam capazes de permitir o conhecimento das condições sociológicas da população tais como a vida alimentar, a vida familiar, o lazer, as condições de moradia.

Freyre pediu também que os alunos prestassem bastante atenção às expressões e a linguagem do grupo social. Seu conselho: além de seguirem os tópicos das fichas de investigação, deveriam estar atentos aos aspectos mais sutis de comunicação do grupo em questão, tal como o gestual, as expressões faciais de alegria, deboche ou tristeza e a linguagem verbal propriamente dita. Recomendou que identificassem, sobretudo, a diferença de expressão dos moradores do morro em relação aos moradores de outras zonas da cidade.

Interessante reparar que Freyre, em muitas das aulas dedicadas à preparação dos alunos para a pesquisa de campo, procurou relacionar os conceitos sociológicos estudados sob a perspectiva teórica à realidade empírica a ser enfrentada, qual seja, os morros cariocas. Numa destas aulas (19/05/37) em que procura relacionar conceitos a fatos, Freyre afirmou que a pergunta principal que se impõe aos alunos, antes mesmo da ida ao campo, é a seguinte: porque a maior parte da população pobre da cidade do Rio de Janeiro se concentra nos morros? E antecipa: *a resposta está relacionada à noção de distância social e seus efeitos de segregação.*

Há um momento interessante desta aula na qual Freyre comparou o tipo de segregação espacial que se manifesta nos morros cariocas à segregação observada nos Estados Unidos e na África do Sul. E conclui então que a subida da população pobre aos morros cariocas nunca alcançou os padrões de distância social verificados nestes países. Afirma: *"entre nós esses deslocamentos se processam mais ou menos suavemente, favorecidos pela plasticidade social, tão característica da vida e do desenvolvimento brasileiro. Plasticidade social muito grande".*

Freyre de fato compreendeu que a distância social não é grande entre nós. Tanto é assim que pediu que os alunos ficassem atentos para notar a contribuição do morro para a composição da elite da cidade. Segundo seu ponto de vista, algumas personalidades (entre as quais Machado de Assis) são representativas da trajetória de habitantes do morro que se tornaram membros da elite carioca. Isso, a comprovação de que as distâncias sociais não foram assim tão radicais entre nós.

Muitas destas considerações remetem à tese central de *Casa Grande & Senzala e Sobrados e Mucambos*. Com efeito, segundo um dos ex-alunos de Freyre, ele estava de fato na época *em lua-de-mel com a publicação de Casa Grande & Senzala*. (BARBOSA, 1996:88)

Entretanto, Freyre não recomendara apenas pesquisas de campo no morro carioca. Depoimentos de ex-alunos sugerem que ele estimulou também trabalhos de campo sobre as

zonas de comércio popular da cidade do Rio, além de exigir constantemente de seus alunos reflexões sociológicas acerca do meio social em que estavam diretamente envolvidos.

Lembro-me da pesquisa que realizamos com Gilberto Freyre aqui no Saara, naqueles comércios no centro da cidade; dos inquéritos sociais que fizemos numa favela aqui do Rio; e, ainda dos trabalhos de avaliação de Gilberto Freyre que eram bem diferentes. Ele passava trabalhos em que, amparados nos textos estudados, tínhamos que analisar situações do cotidiano, fatos observados em nossa rua, na vizinhança. Era muito estimulante e instigava trabalhos bem originais'. (Depoimento de ex-aluna, apud BARBOSA, 1996: 71)

Vale também observar que José Bonifácio Rodrigues menciona, numa de suas freqüentes cartas à Freyre, que estava desenvolvendo uma pesquisa sobre a unidade familiar no Brasil sob a orientação do professor pernambucano.¹⁵

Com efeito, um dos aspectos notáveis dos cursos de Freyre foi o estímulo ao trabalho de campo. E embora não houvesse nenhum Instituto de Pesquisa abrigado na Escola de Economia e Direito e o propósito da Universidade fosse, sobretudo, formar professores para o ensino médio e primário, a orientação era que, de fato, os alunos fossem capazes de formular hipóteses, elaborar inquéritos, confrontar conhecimento teórico e empírico.

Soubemos, consultando relatos de ex-alunos da UDF, que Carneiro Leão (que dera alguns cursos de sociologia na UDF sob orientação de Gilberto Freyre) chegou a levar uma turma de alunos a São Paulo para que investigassem, nas lavouras de café da época, a socialização dos imigrantes italianos. (VICENZI, 1986:24)

Observamos, nesse sentido, que houve enorme investimento de Freyre (e nos parece que ele foi de fato um pioneiro da promoção da pesquisa de campo entre seus alunos) para que a reflexão sociológica e antropológica ultrapassasse a pura especulação mental e se aproximasse da vida da população.

¹⁵ Carta de José Bonifácio Rodrigues a Gilberto Freyre, datada de 30/07/1936. Acervo do Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre - Recife/PE. Gilberto Freyre, por sua vez, menciona na primeira edição de *Sociologia: uma introdução aos seus princípios* um trabalho sobre 'Irmandades no Brasil' desenvolvido por seu antigo aluno José Bonifácio. (FREYRE, 1945: 628)

V. Algum lugar para suas idéias sociológicas?

A partir dos dados apresentados neste capítulo, notamos um nexos possível entre as hesitações de Freyre no Rio de Janeiro (representadas, sobretudo, pelo seu desejo de retorno ao Recife) e os impasses que se apresentavam no contexto político do país naquele período. Impasses que, aliás, se manifestaram de modo particularmente acentuado no ambiente da Universidade do Distrito Federal.

Com efeito, a dramática história da UDF representa paradigmaticamente os impasses políticos da época. Lembremos que a universidade foi concebida a partir de fundamentos jurídicos passíveis de contestação, num acordo político ocasional e oportuno entre Pedro Ernesto e Getúlio Vargas. Não obstante, a instituição conseguiu se manter mais ou menos incólume de outubro de 1935 até novembro de 1937 (malgrado o afastamento do Reitor Anísio Teixeira no seu quarto mês de vida), quando o governo finalmente deu forma autoritária cabal ao Estado brasileiro e a intervenção federal foi efetivada.

Foram, pois, cerca de dois anos de uma experiência universitária que se estabeleceu mais ou menos à revelia do poder central, num contexto local marcado pela esperança na aliança entre elites intelectuais e setores populares. Tratou-se, pois, de um episódio particularíssimo na história da institucionalização universitária no Brasil.

Constatamos que, a despeito das dificuldades administrativas, a UDF foi um centro intelectual com grande dinamismo, capaz de congregar grandes intelectuais brasileiros. A época era desafiadora: na atmosfera de indefinição do destino do país - em pleno período de andamento do governo provisório de Vargas - a grande indagação que inspirava os intelectuais era acerca da definição da natureza do acordo entre Estado e Sociedade no Brasil.

Não é por acaso que, neste período, as ciências sociais passaram a ter centralidade nos debates acerca da construção do Brasil. Basta ver o notável esforço de institucionalização da disciplina na década de 30 entre nós: na Escola Livre de Sociologia e Política (1933), na Faculdade de Filosofia e Ciências da Universidade de São Paulo (1934) e na Universidade do Distrito Federal (1935).

Com efeito, as notas de aula de Freyre são testemunhos do dinamismo da UDF e das expectativas de que as ciências sociais eram então depositárias. Observamos, pois, que, por meio das ciências sociais (a sociologia, em especial), o autor pretendeu nos apresentar fundamentos

científicos para a celebração de um novo pacto inter-regional e para um novo acordo entre a esfera social e esfera política. (CARVALHO, 2002)

A propósito, notemos que nas proposições teóricas e empíricas apresentadas aos seus alunos da UDF, Freyre formulou duas críticas à elite do país: uma à concentração do desenvolvimento econômico e das decisões políticas na região sudeste; outra ao modo negativo de representação das classes populares.

As duas críticas têm como fundamento o esboço de um projeto nacional distinto, um projeto de modernidade igualmente distante do progressismo-liberal-americano e do anti-modernismo. Em certo sentido, Freyre evocou, em suas notas de aula, um modelo ibérico de ajuste social e de acomodação de forças contraditórias, ainda que não possa ser definido como um anti-modernista radical. (CARVALHO, 2002)

De um lado, propôs um novo acordo inter-regional que não levasse a efeito o isolamento e a decadência radical do meio rural. Tal acordo seria, pois, baseado num intercâmbio entre campo e cidade. Tratava-se, afirmava Freyre, de levar ao campo alguns dos benefícios da cidade, e de adotar na cidade alguns padrões de bem-estar tipicamente rurais. Tal postura significou a reivindicação de uma divisão do trabalho mais equilibrada entre as diferentes regiões do país. Freyre sustentava uma perspectiva preocupada com o declínio de certas áreas do país e seus efeitos sociológicos, igualmente prejudiciais nas grandes cidades (superpopulação) e no meio rural (isolamento radical).

Sua formulação acerca da relação entre cidade e campo deixa entrever, no limite, um desejo para que se celebrasse um acordo entre a tradição e modernidade. Sua perspectiva supõe afinal o encontro de um padrão de modernização que não representasse efetivamente o rompimento e a destruição da tradição nacional, especialmente mantida no meio rural.

De outro lado, observamos em Freyre o esforço de conferir, por meio da investigação sociológica, inteligibilidade à cultura popular. Ainda que de modo conservador (propondo uma incorporação que não passava nem de longe pela noção democrática de cidadania) ele parecia dizer que as classes populares não seriam obstáculo social e político para a construção nacional, desde que fossem assimiladas e incorporadas as suas expressões culturais.

A UDF foi um ambiente favorável para a apresentação de fundamentos conceituais e empíricos para um projeto nacional desta natureza. Mesmo sob o paulatino fortalecimento do poder central, entre novembro de 1935 e novembro de 1937, as idéias do autor faziam sentido

naquele ambiente engendrado sob o emblema da autonomia política e do populismo. Não obstante, a partir da instauração do Estado Novo e da direta intervenção estatal na Universidade não foi mais possível acomodar o projeto de construção nacional idealizado por Freyre.

Possivelmente, a centralização estatal protagonizada por Getúlio Vargas sob o regime do Estado Novo não admitia proposições que celebrassem a importância das culturas e poderes regionais e que defendessem um padrão lento e progressivo de modernização fundamentado na diversidade cultural e em formas originárias e pitorescas de sociabilidade.

Observamos que Freyre ficou na UDF durante todo o período que antecedeu a definitiva intervenção estatal. Sua demissão e seu retorno ao Recife são, afinal, compreensíveis quando pensamos no nexo de suas proposições intelectuais com o contexto sócio-político. Do mesmo modo, é também compreensível a não aceitação dos convites para trabalhar na USP, na direção do Museu Nacional na Universidade do Brasil que lhe foram feitas respectivamente em 1936, 1938 e 1939.

Possivelmente, Freyre pensara que nem a Universidade de São Paulo, tampouco o Museu Nacional e a Universidade do Brasil seriam ambientes que permitiriam o desenvolvimento de formulações desta natureza, tal como fora possível no ambiente da UDF.

É certo que a Universidade carioca tinha um modelo institucional mais dúctil, livre da cátedra, onde foi possível alocação das idéias de Freyre e de sua personalidade pouco ligada às formalidades acadêmicas. Mas também é notável a distinção entre o projeto da UDF e o projeto da USP em outro sentido. Retomemos, pois, a hipótese de que a USP estava ligada a um projeto elitista ao passo que a UDF se atrelava a uma orientação populista.

Com efeito, vale lembrar que, no ambiente da cidade de São Paulo, tanto a USP (1934) quanto ELSP (1933), foram fundadas a partir do desejo dos paulistas de recuperar - pela cultura, pela ciência e pela competência técnica de suas elites - a posição de hegemonia política no âmbito nacional que haviam perdido desde a Revolução Constitucionalista de 1932. O principal objetivo da instituição era, afinal, devolver pela ciência e pela educação superior, a posição de liderança nacional de São Paulo.

Não é, por acaso, que o projeto de fundação da USP é qualificado por seus analistas ora como elitista, ora como autoritário. (CARDOSO, 1982) (LIMONGI, 1989) Especialmente a função da Faculdade de Filosofia foi definida pelos fundadores da USP como um ambiente destinado à preparação das elites para a condução e orientação do povo amorfo a fim de lhe dar uma

consistência diferenciada e definida. (CARDOSO, 1982: 180) Na ausência de uma sociedade civil, tratava-se afinal de preparar elites dirigentes aptas para exercer suas funções de condução e orientação dentro de um governo esclarecido e forte. (CARDOSO, 1982: 179) (LIMONGI, 1989: 127)

Os fundadores da USP acreditavam que o ambiente necessário para a formação desta nova elite deveria ser de severa disciplina mental. A ciência foi então compreendida como importante instrumento no combate ao que se chamou de anarquia intelectual. O pensamento científico permitiria, pois, a disciplinarização e uniformização do pensamento. As palavras de Fernando de Azevedo são, pois, representativas disso.

A liberdade de pensamento não implica o direito de pensar como se queira: todos reconhecemos que o pensamento é livre (...) mas o trabalho científico só é fecundo com a condição de que os homens voluntariamente se submetam a um plano essencialmente o mesmo, ao investigar, e ao mesmo método, ao raciocinar: não se pode e não se deve reivindicar para o pensamento o direito de pensar como se queira, sem as austeridades de um método preciso, sem objetividade e sem probidade científica, porque isto seria reclamar o direito à libertinagem para a função mais augusta de que dispomos. No desempenho da sua missão a inteligência deve mover-se dentro das condições que pela própria natureza lhe foram prescritas. (FERNANDO DE AZEVEDO apud CARDOSO, 1982: 182)

Irene Cardoso (1982) constatou que esta concepção radical acerca da necessidade da disciplina do pensamento resultou na repressão de orientações teóricas, metodológicas e políticas em nome da 'austeridade', da 'objetividade'. Os contratos dos professores da USP tinham, pois, cláusulas que impediam a atividade e a propaganda política.¹⁶

As diferenças entre o projeto da USP e da UDF parecia, com efeito, corresponder ao um impasse no interior do próprio campo educacional. Estudiosos da área identificaram diferenças significativas entre a orientação de Anísio Teixeira (um dos fundadores da UDF) e Fernando de Azevedo (um dos fundadores da USP). Consideram, pois, a corrente liderada por Anísio Teixeira 'liberal democrática', enquanto que aquela liderada por Fernando de Azevedo foi qualificada como 'liberal-elitista'. (VICENZI, 1986: 10) (CUNHA, 1980)

¹⁶ Cardoso aponta que, segundo Bastide, uma das causas do afastamento de Levi-Strauss da USP teria sido a interferência de Júlio Mesquita Filho que o considerava um elemento perigoso porque ligado à Frente Popular Francesa. (CARDOSO, 1982)

Vale, por fim, acrescentar que a diferença entre os dois modelos de universidade tinha como fundamento representações muito distintas acerca da experiência social em cada uma das cidades. Enquanto São Paulo era vista pelos intelectuais como uma cidade que superara, por meio de assombroso desenvolvimento industrial, tradições arcaicas; o Rio de Janeiro era visto como uma cidade na qual, malgrado as reformas urbanas e higienistas, sobreviveram a arquitetura e a sociabilidade de 'malandros' e 'parasitas' que, teimosamente, resistiam à dinâmica homogeneizadora da modernidade imposta pelo Estado. (CARVALHO, 1985)

É evidente que há muito exagero nessa diferenciação. É possível que encontremos, a despeito das diferenças significativas, muitos pontos em comum nas duas experiências sociais e urbanas. Não obstante, é mesmo possível que no Rio, onde o mercado não chegou a representar uma força social muito atuante, fosse mais notável a presença e a resistência popular. Um tipo de resistência que se manifestava, sobretudo, na ocupação dos morros, na religiosidade e nas expressões musicais 'obscuras'.

Isso fazia da cidade carioca um universo múltiplo de interações, de contradições entre o tradicional e o moderno, de lutas políticas. A fragmentação social estava impressa na cidade, em seus bairros, subúrbios e morros. Daí a solução populista para estabelecer um acordo entre a esfera social e política fazer enorme sentido no contexto carioca. Ao passo que, em São Paulo, onde era mais aceita a homogeneização modernizadora, ser possível um elitismo autoritário e uma assepsia científica que, em certa medida, representava a força unívoca da ação modernizadora. Tal ação, a propósito, resultaria, no campo das ciências sociais, na instituição de um padrão teórico e conceitual rígido, cujo maior representante seria Florestan Fernandes. (ARRUDA, 2002)

O substrato social e político para a fundação da UDF foi diferente daquele no qual surgiu a USP. Se a USP teve como fundamento o elitismo de certos grupos dominantes, a UDF nasceu numa atmosfera 'populista' engendrada pelo ambiente social pela ação política de Pedro Ernesto.

O populismo que cercou a experiência universitária da UDF abrigou confortavelmente a solução proposta por Gilberto Freyre sobre a valorização da cultura popular. Em certa medida, a proposta sobre a experiência de pesquisa no morro carioca manifestava o reconhecimento científico da cultura popular, legitimava e dava enorme sentido ao acordo 'populista' que estava sendo encaminhado pela Prefeitura naquele período.

Lembremos, a propósito, que Pedro Ernesto era um assíduo freqüentador do Morro da Mangueira. Foi, pois, durante seu mandato que a prefeitura do Distrito Federal concedeu um terreno para a construção da sede da escola de samba. Foi também, em seu governo, que houve o reconhecimento oficial das escolas de samba. (SOIHET, 2003: 314 e 316)

Observemos, portanto, que, naquelas circunstâncias políticas, pretendia-se celebrar a integração dos setores populares na vida pública por meio do reconhecimento de suas manifestações culturais. Freyre, em certo sentido, traduzia e legitimava sociologicamente o fenômeno através de suas proposições sociológicas. Seus pressupostos acharam, portanto, um ambiente cultural e político extremamente favorável.

E ainda que Pedro Ernesto tenha sido afastado da prefeitura e sua solução populista tenha perdido espaço na arena de disputas políticas para as soluções autoritárias, a UDF permaneceu como um lugar onde esta discussão fora possível até que, finalmente, em 1937, a supremacia do Estado assumiu sua feição plena.

Rigorosamente, até 1937 a UDF manteve certa autonomia que permitia o desenvolvimento de interpretações como a de Freyre. Autonomia esta que se manifestava em três diferentes níveis: em relação ao governo central, em relação às elites tradicionais e, também, em condições favoráveis de liberdade teórica e metodológica.

A mesma experiência não teria sido possível na USP. Também não ocorreria no Museu Nacional e tampouco na Universidade do Brasil.

Acerca da recusa de Freyre para dirigir o Museu Nacional, pode-se supor que a instituição, tão ligada, no período, à antropologia física, não permitiria o desenvolvimento das ambições intelectuais do autor. Além disso, pensamos ser possível supor que o projeto intelectual de Freyre não passava pela antropologia no sentido estrito da disciplina. A rigor, era a sociologia que monopolizava a discussão sobre a nação e sobre a relação entre sociedade e Estado no país. Nesse sentido, foi no campo sociológico, sobretudo, que Freyre encontrara, bem ou mal, um palco privilegiado para a apresentação e discussão de seu projeto nacional.

E na Universidade do Brasil (instituição ao qual foram incorporados os alunos e parte dos docentes da UDF)? Por que Freyre resistira às investidas de Capanema para que prosseguisse ali sua experiência docente? Ora, lembremos que a Universidade do Brasil fora fundada por Capanema em 5 de julho de 1937, à revelia da UDF, como parte de um grande projeto de

centralização política e padronização educacional que se opunha radicalmente à autonomia da UDF.¹⁷ (SCHWARTZMAN, 2000: 223)

A propósito, Carvalho (1985: 11) nos ajudou a constatar que a escolha do local para do *campus* da Universidade do Brasil foi uma metáfora eloqüente do destino que algumas lideranças do Regime desejavam para o projeto político e educacional protagonizados respectivamente por Pedro Ernesto e Anísio Teixeira. É que Capanema propôs a desapropriação de toda a área da Mangueira para a construção do novo *campus* da Universidade. Ainda que o projeto não tenha sido levado adiante, o desejo de desapropriação daquela região evocou o 'desmonte' de um plano de nação que tinha como fundamento a inteligibilidade popular expressa nas senzalas, mucambos e morros. Logo, tal pretensão sinalizava, no limite, para a falta de lugar para as proposições sociológicas de Gilberto Freyre.

E já que estamos, de alguma maneira, nos referindo ao problema da acomodação de intelectuais e suas idéias no interior das instituições do Estado Novo, é também valioso aqui recordar, com o auxílio de Schwartzmann (2000), das tensões vividas por Mario de Andrade no período em que prestou serviços a Gustavo Capanema no Ministério da Educação. Convidado, em 1938, para compor o *staff* do Ministério, o intelectual paulistano viveu ali uma situação incerta. Após recusar algumas funções devido a divergências fundamentais com os projetos em desenvolvimento, restou-lhe a execução de pequenos trabalhos que aceitou por absoluta falta de alternativas e com grande custo pessoal.¹⁸ (SCHWARTZMAN, 2000: 100)

¹⁷ Tal centralização se manifestava no esforço pela definição de um modelo curricular para cada curso que, por sua vez, serviria como padrão a ser seguido pelas outras universidades. No caso do currículo do curso de Ciências Sociais, há indícios de que alguns intelectuais do período foram mobilizados para propor projetos de organização do curso. Sabe-se que, em 1938, um anteprojeto foi encaminhado pelo antropólogo Arthur Ramos ao Ministério da Educação para a organização do Instituto de Ciências Sociais na Universidade do Brasil. Sabe-se também que, em 1941, Heloísa Torres também encaminhara a sua proposta, a qual, aliás, mereceu severa crítica de Donald Pierson que, na época, era professor da Escola Livre de Sociologia e Política. Eis a crítica de Pierson à Heloísa Torres: *não acha mais aconselhável organizar as matérias de acordo com o pessoal disponível para o ensino e a pesquisa em cada faculdade, do que de acordo com um certo padrão de ideal nacional, seja qual for a sua perfeição? Criar cursos para serem ensinados em todas as faculdades sem o pessoal adequado tenderá a deformar as ciências sociais antes de, por assim dizer, terem nascido... Não acha preferível, uma vez obtidos os professores adequadamente orientados e preparados no próprio campo de ensino, deixar ao critério destes especialistas o preparo dos próprios programas em vez de os padronizar de acordo com a rígida centralização do ensino da capital do país? (...) Prender seu trabalho a um padrão central me parece uma policy irrealista, policy que criará desnecessários obstáculos ao progresso educacional uma vez que: 1) as condições de ensino, num país tão vasto como o Brasil, variam bastante de lugar para lugar (e devo indicar também, de tempo para tempo); 2) esta padronização inibe, em vez de estimular, a iniciativa particular; e, 3) ela sujeita ao melhoramento do ensino, em cada lugar, às vicissitudes de possível controle político (ou administrativo) inadequadamente formado.* (SCHWARTZMAN, 2000: 244)

¹⁸ Ver as cartas de Mário de Andrade enviadas para Gustavo Capanema em (SCHWARTZMANN, 2000: 376-397).

O projeto de desapropriação da área da Mangueira e o dilema enfrentado por Mario de Andrade são reveladores: o Ministério da Educação, personificado na figura de Capanema, não se identificava com um projeto nacional fundamentado no que se convencionou denominar de 'busca das raízes populares'. Ao contrário, queria fazer do catolicismo e do culto aos heróis e símbolos da pátria a base do Estado forte.

Assim, ainda que Capanema buscasse o convívio e a colaboração dos intelectuais durante sua gestão no Ministério, as proposições da natureza como as de Mario de Andrade (e, porque não dizer as de Gilberto Freyre) não tiveram verdadeiramente como se acomodar na estrutura do governo.

Não obstante, alguns estudos recentes apontam para a complicada relação do governo com a cultura popular. Diferentemente do que ocorria nas ações do Ministério da Educação, outro órgão do governo - o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) - tinha orientações distintas. Sob a direção de Gustavo Capanema, o Ministério da Educação estivera voltado para a formação de uma cultura formal e erudita; ao passo que o Departamento de Imprensa e Propaganda, sob a direção de Lourival Fontes, buscava, através do controle dos meios de comunicação de massa, orientar as manifestações da cultura popular.

É importante notar ainda, com o auxílio de Velloso (2003) que houve uma composição muito diversa do *staff* dos intelectuais nesses dois órgãos. Capanema se cercou de intelectuais que constituíram a vanguarda do movimento modernista: Carlos Drummond de Andrade, Lucio Costa, Oscar Niemayer, Candido Portinari e Mario de Andrade.

Lourival Fontes, por sua vez, contou com o apoio de Cassiano Ricardo, Menotti Del Picchia e Candido de Motta Filho, todos intelectuais modernistas conhecidos por seu argumento autoritário, responsáveis por imprimir as linhas mestras da política cultural direcionada às camadas populares durante o Estado Novo. (VELLOSO, 2003: 149)

No DIP, alguns dos intelectuais que compunham o seu *staff*, eram, num certo sentido, antagonistas intelectuais de Freyre. Sobretudo Cassiano Ricardo, que produziu uma interpretação na qual afirmava que a singularidade nacional brasileira (a democracia racial), era antes produto do bandeirantismo do que do patriarcalismo. Ao modelo de brasilidade rural e nordestino proposto por Freyre, ele opôs o modelo de colonização paulista, móvel e dinâmico. Com isso esperou

definir a contribuição de São Paulo para a construção de uma nacionalidade original.¹⁹ (RICARDO, 1937)

Desse modo, se Freyre não tivera lugar ao lado de Capanema no Ministério da Educação e seus demais órgãos, tampouco teve lugar ao lado de Lourival Fontes no Departamento de Imprensa e Propaganda, então ocupado por modernistas cuja noção de brasilidade e modernidade era absolutamente diversa daquela proposta por Freyre.

Era notável a intervenção do DIP (Departamento de Imprensa e Propaganda) sobre a música popular. Houve incentivo aos compositores de sambas e marchas de carnaval cujas letras fossem de encontro aos valores apregoados pelo Regime. O objetivo era exaltar a ética do trabalho e o ufanismo brasileiro por meio da música popular. Um dos exemplos mais conhecidos deste tipo de composição foi o de 'Aquarela do Brasil', de Ari Barroso. Lembremos também da música "Bonde de São Januário", composta por um famoso boêmio carioca (Wilson Batista), que não obstante, neste seu samba, exaltou a vida operária e condenou a boemia.²⁰

A exemplo do que ocorreu na música, houve, durante todo o Regime, um notável esforço para impor e engendrar um padrão de modernidade, disciplina e nacionalismo por meio da cultura popular. Para a elite governante, a cultura popular não era senão instrumento para de doutrinação ideológica. (VELLOSO, 2003:172)

O que se viu, igualmente no Departamento de Imprensa e Propaganda e no Ministério da Educação, foi uma política napoleônica de nacionalização e ideologização da cultura, onde nacionalização tinha o sentido de padronização artística, religiosa, educacional. (SCHWARTZMAN, 2000: 181-182)

Em nenhum dos órgãos do governo se incorporou a busca das raízes genuínas da cultura brasileira, tal como proposta por Mario de Andrade ou Gilberto Freyre (guardadas as devidas diferenciações entre ambos). A ação cultural e educacional do regime estava muito mais próxima do ufanismo verde-amarelo, do culto nacionalista a autoridades, heróis e instituições.

É possível que houvesse, no interior dos órgãos do governo e entre os intelectuais que os compunham, uma disputa em torno da definição da identidade nacional brasileira e das estratégias

¹⁹ Velloso (1983), com efeito, aponta o papel importantíssimo de Cassiano Ricardo na articulação ideológica do Estado Novo. Ver também (CAMPOS, 2005: 10)

²⁰ Eis um trecho do samba Bonde de S. Januário *"quem trabalha é quem tem razão/eu digo e não tenho medo de errar/o bonde de S. Januário/leva mais de um operário/sou eu que vou trabalhar/antigamente eu não tinha juízo, mas resolvi garantir o meu futuro/sou feliz, vivo muito bem/a boemia não dá camisa para ninguém/e digo bem."* (CAPELATO, 2003: 128) Sobre a história do samba no Brasil ver também: (VIANNA, 1995).

de ação em relação à cultura, especialmente a popular. Uma pesquisa exaustiva acerca dos mecanismos materiais e intelectuais desta luta ainda está por ser feita.

O que podemos agora sugerir é que, as idéias de Freyre, se levadas ao limite, poderiam entrar em colisão com algumas das ações dos órgãos governamentais. Além disso, Freyre parecia não se acomodar institucionalmente em torno destes grupos de intelectuais e de suas idéias: nem no grupo que orbitava em torno de Capanema, nem no grupo de Lourival Fontes. Com isso, nosso autor ficou à margem do processo de definição da ossatura e das estratégias do Estado brasileiro. E principalmente: ao não se acomodar no interior de nenhuma instituição universitária, acabou por não desempenhar um papel notável na constituição do campo sociológico propriamente dito.

VI. Ambigüidades e afinidades com o Estado Novo

As constatações apresentadas no tópico anterior nos colocam diante de um paradoxo. Afinal, ainda que sob o Regime do Estado Novo não fosse possível abrigar e levar ao limite algumas das proposições sociológicas de Freyre, ele manteve proximidade notável com o governo.

Nesse sentido, malgrado as idéias de Freyre não tenham sido efetivamente incorporadas no desenho do Estado Vargasista, e ele não fosse membro da 'guarda intelectual' do Regime, não foi perseguido ou banido da cena intelectual como ocorrera com Anísio Teixeira e outros. Rigorosamente, ele fora ambíguo na sua relação com o Estado Novo.

A relação de Freyre com o governo foi resguardada, por um lado, pelo alcance de sua rede social. Alguns dos membros dos grupos burocráticos que compunham os órgãos no Estado Novo eram do seu círculo de amizades. Por exemplo: Rodrigo de Melo Franco de Andrade era seu amigo íntimo e tinha livre acesso ao Gabinete de Capanema por meio de seu contato com Carlos Drummond de Andrade.

Esta rede de amigos era ocasionalmente acionada em sua defesa, quando Freyre era vítima de repressão do próprio Regime.²¹ Um episódio notável desta relação próxima de Freyre

²¹ Freyre fora preso em 1942 em Recife pelo governo do Estado de Pernambuco. Segundo seu relato, sua correspondência pessoal era ainda sistematicamente violada pela polícia do Estado. E em 1945, numa campanha

com o poder central foi quando, em 1942, preso pelo interventor pernambucano Agamenon Magalhães, muitos telegramas chegaram ao Recife em nome de Getúlio Vargas solicitando explicações do interventor e pedindo-lhe uma 'solução de tolerância'.²² Paradoxalmente, a proximidade de Freyre com o poder central o protegera da repressão do representante regional do Regime.

Recordemos ainda que, em 1941, Freyre aproximou-se consideravelmente do ministro Capanema. Isso é visível por meio da consulta à correspondência do Ministro da Educação. (GOMES, 2000) (SCHWARTZMANN, 2000) A propósito, já mencionamos também aqui que, neste período, o Ministério da Educação financiou uma viagem de Freyre à Argentina e Uruguai que servira também de viagem de núpcias para o escritor.

Tal viagem fora, a propósito, intelectualmente justificada (num testemunho do autor publicado em 1945, numa grande nota de rodapé do livro *Sociologia: uma introdução aos seus princípios*) como sendo o primeiro passo de um projeto maior no qual ele pretendia colher contatos para esboçar um plano de organização de um instituto para estudo sociológico da região sul da *América hispânica* sobre...

... o problema (...) da fazenda de gado, estância, rancho, campo de criação e indústria e comércio de carne: estudo social que fosse principalmente sociológico em seus propósitos e métodos, mas também histórico, ecológico, tecnológico e econômico. (FREYRE, 1945: 622)

Segundo seu testemunho, Freyre tinha em mente um projeto de *estudo trans-regional*. Desejava, provavelmente, demonstrar que a formação patriarcal era predominante também na região sul do país e do continente. Daí o estudo ser qualificado como *principalmente sociológico*, já que se tratava de uma investigação na qual se pretendia destacar as formas fundamentais de sociabilidade em diferentes contextos regionais. Freyre chegou a incluir a Amazônia em seu plano. (FREYRE, 1945: 623)

Possivelmente, na elaboração deste plano, Freyre esperou contar com a sensibilidade do então presidente que tinha, por origem, laços afetivos com a região sul e a economia pecuária.

pela redemocratização do país, a favor da candidatura de Eduardo Gomes para a presidência, fora, segundo seu testemunho, o alvo de um atentado que atingiu mortalmente o estudante de Direito Demócrito de Sousa Filho.

²² Verificar correspondência de Agamenon Magalhães no mês de junho de 1942. Acervo do CPDOC/Fundação Getúlio Vargas – Rio de Janeiro/RJ.

Mas tudo leva a crer que a ambição não ultrapassou essa fase de primeiros contatos. Com efeito, Freyre se referiu ao fracasso do plano da seguinte maneira:

Infelizmente as circunstâncias do momento não se revelaram favoráveis a tais estudos que exigiriam o esforço conjunto de vários especialistas das ciências sociais e de cientistas sociais de vários países americanos (inclusive dos Estados Unidos) com a colaboração de um cientista social europeu que considerasse o problema do ponto de vista dos importadores de carnes e derivados da América. (FREYRE, 1945: 622)

É possível que o plano não tivesse sido levado adiante por dificuldades relativas à escassez de mão de obra qualificada no Brasil e na América Latina e pelas dificuldades de financiamento. É certo que o projeto exigia a formação de uma comunidade articulada de cientistas sociais que, certamente, não seria possível naquela circunstância por razões ligadas à fragilidade da constituição do campo de estudos sociais, especialmente no Brasil. Não temos, por enquanto, fontes para reconstruir esta experiência. Não obstante, a pretensão do autor e a aposta inicial do Ministério da Educação nos revelam que Freyre tinha projetos e, também, legitimidade na condição de cientista social.

Não devemos, pois, esquecer que, exatamente neste período, ocorreu o seu definitivo reconhecimento como cientista social. Eram então frequentes as citações em livros que se referiam a Freyre como uma referência obrigatória na área das Ciências Sociais.

Livros, tais como o de Fernando de Azevedo, *Cultura brasileira*, publicado em 1942. Azevedo que, naquela época era já titular da cátedra de Sociologia II na USP, fez numerosas referências a *Casa-Grande & Senzala* como marco interpretativo para a compreensão da sociedade brasileira. (SORÁ, 1998:126)

É importante também citar aqui o livro de Almir de Andrade, *Aspectos da cultura brasileira* publicado em 1939.²³ Ao revisar os estudos sociais desenvolvidos no Brasil, Andrade considerou

²³ Almir de Andrade (1911-1991) formou-se em Direito na Faculdade de Direito do Rio de Janeiro em 1931. Até 1935 dedicou-se à advocacia civil e comercial ao mesmo tempo em que se aprofundava no estudo da psicanálise. Em 1933 publicou o livro *A verdade contra Freud*. Na mesma época colaborou para as revistas "Boletim de Ariel, 'Lanterna Verde' e 'Revista do Brasil'". Em 1937 foi nomeado professor de Direito da Faculdade do Rio de Janeiro. No ano seguinte, foi contratado para reger a cátedra de Psicologia. Em 1941 assumiu a cátedra de Direito Constitucional da Universidade do Brasil. Neste mesmo ano, a convite de Lourival Fontes (diretor do Departamento de Imprensa e Propaganda) fundou a *Revista Cultura e Política* (publicação mensal de estudos brasileiros, comprometida com o Regime que circulou até outubro de 1945) e publicou o livro *Formação da cultura brasileira*. Ainda no início da década de 40 foi nomeado diretor da Agência Nacional, órgão do DIP encarregado de organizar e dirigir a publicidade oficial do governo. Em 1950, quando foi lançada a candidatura de Vargas ao governo, assumiu a coordenação da

Casa-Grande & Senzala como verdadeiro fundador da pesquisa sociológica no Brasil. Afirmou, sobretudo, que o *método histórico-culturalista* proposto por Freyre em seu livro inaugural, além de pioneiro entre nós, é um instrumento fundamental da Ciência Social. (ANDRADE, 1939)

Igualmente, em *Primeiros Estudos Sociais no Brasil: séculos XVI, XVII e XVIII*, publicado por Almir de Andrade em 1941, há a evocação ao pioneirismo de Freyre: o autor diz, pois, que o surgimento da sociologia no Brasil se dá efetivamente por meio da aplicação, por Gilberto Freyre, do método histórico-cultural na interpretação da realidade brasileira. (ANDRADE, 1941:08)

A admiração de Andrade pelo *método de Freyre* tinha, pois, sentido. A história era, para Andrade um instrumento precioso por permitir o conhecimento do passado. Pois que, na sua perspectiva, o passado deveria ser verdadeiramente inspirador de qualquer processo de renovação social. Notemos, portanto, que, do mesmo modo que Freyre ou Pontes de Miranda, Almir de Andrade recomendava a busca, no passado, das necessidades fundamentais do homem, especialmente dos elementos constituidores da nacionalidade brasileira. (MARTINS, 2003: 85) De outro lado, também a cultura era, para Andrade, conceito central para construção da nacionalidade. A partir da noção de cultura é que ele pensava a conciliação entre a esfera social e a esfera política.

Reparemos, pois, que história e cultura eram, para Andrade, não apenas recursos analíticos preciosos para a ciência social, mas, também, instrumentos para articulação do discurso do Estado Novo. (BASTOS, 1997: 205)

Nesse sentido, a ciência social, entendida a partir da articulação analítica entre História e cultura, tendo Gilberto Freyre como um de seus mais importantes representantes, adquiriu importante significação para o equacionamento do pacto político instaurado pelo Regime. (BASTOS, 1997)

Nestas condições, o método de Freyre passou a ser um dos fundamentos do discurso oficial do Estado Novo. Sua sociologia ofereceu, naquele contexto, suporte apropriado para o novo pacto social que substituía o antigo pacto oligárquico. (BASTOS, 1986) (PAULA, 1990) Observemos então que a sua consagração como cientista social, passou pela apropriação de seu método sob as circunstâncias do Regime.

publicidade radiofônica e jornalística da campanha. Após a eleição de Getúlio, foi nomeado sub-chefe do gabinete civil da Presidência da República. (ABREU, 2001)

Sobretudo a sua perspectiva sociológica histórico-culturalista foi então consagrada. Sabemos, pois, que suas idéias não se referiam apenas a isso, mas foi deste ponto de vista que foram selecionadas e apropriadas. Os aspectos menos críticos e mais conservadores do seu pensamento foram então acionados.

Mencionemos, a propósito, a presença ocasional de Freyre na revista *Cultura Política*. O periódico, que circulou no país entre os anos de 1941 e 1945, foi dirigido por Almir de Andrade, editado pelo Departamento de Imprensa e Propaganda, mas vinculado diretamente à Presidência da República. Foi basicamente um veículo voltado ao público letrado, uma espécie de *fórum* oficial voltado à discussão da política, da economia, das letras e das ciências no Brasil. (GOMES, 1996) Em suas páginas, Andrade atuou como uma espécie de doutrinador do Estado Novo e rotinizou a tese da 'democracia racial'. (MARTINS, 2003: 91)

Em 1941, Freyre escreveu ali um artigo dedicado a homenagear o presidente Vargas por ocasião de seu aniversário. Nas páginas deste texto, Freyre afirmou que embora não fosse *um entusiasta absoluto dos métodos atuais de governo e de administração* propostos por Vargas, considerava que sob o comando do presidente a base de governo...

... deslocou-se da pura interpretação política dos problemas acompanhada de soluções ou tentativas de solução, simplesmente financeiras e jurídicas, para aventurar-se o Brasil à procura de novas bases de técnica de governo e de administração: sociais e, principalmente, sociológicas e econômicas. (FREYRE, 1941b: 123)

Freyre dizia reconhecer em Vargas uma inclinação pelas soluções sociológicas dos problemas. O mérito de Vargas, segundo a perspectiva de Freyre, registrada nas páginas deste texto, era de que não organizou um governo de bacharéis impregnados de legalismo e financismo.

Notemos que embora Freyre não encontrasse lugar para seu projeto de nação baseado na descentralização regional, dizia encontrar em Vargas um esforço na busca de solução sociológica para os problemas nacionais. Simples episódio de adulação? O que Freyre queria dizer com isso? A rigor, nos parece que ele encontrou em Vargas um legítimo empenho no combate ao mimetismo e ao bacharelismo. Ou seja, segundo Freyre, Vargas poderia ser visto como um atuante combatente do intelectualismo superficial que não mobiliza senão soluções acadêmicas de administração pública. Nessa direção, para Freyre, Vargas retomaria José

Bonifácio e a tradição portuguesa de administração colonial caracterizada por um gênio pragmático e por uma compreensão dos problemas sociais.

Com efeito, o que Freyre parece qualificar como 'natureza sociológica' do governo de Vargas é essencialmente a negação das formulações liberais, consideradas inaplicáveis à nossa realidade social. O Estado corporativo seria, talvez, no entender de Freyre, um modo de relação entre Estado e sociedade que, embora não merecesse a sua concordância, era, ainda assim, uma experimentação reveladora do esforço de distanciamento das fórmulas políticas pré-determinadas.

Num certo sentido, antiliberalismo e sociologia eram noções que estavam profundamente interligadas na perspectiva de Freyre. A rigor, a sociologia, para Freyre, era compreendida como profundamente antiliberal. Como também anticomunista. Lembremos que, para ele, o empenho para a reivindicação do desenvolvimento de pesquisas sociológicas estava fundamentado na negação dos grandes ideais universais e o retorno a realidades sociais singulares.

Assim, embora tenhamos apontado no tópico anterior para alguns dos pontos de atrito entre as idéias de Freyre e o Regime do Estado Novo, havia evidentemente alguns pressupostos de seu pensamento que permitiram a sua apropriação pelo Regime e, conseqüentemente, a sua consagração intelectual exatamente nestas circunstâncias.

Em primeiro lugar, convém notar que a sua idéia de diversidade cultural permitiu, a um só tempo, distanciamento e aproximação com certas políticas do governo.

Com o auxílio de Seyferth (2001), verificamos que Freyre, no contexto do triunfo do nazismo na Europa sob o fogo da II Guerra Mundial, a despeito da sua defesa pela diversidade cultural, se identificou com os nacionalistas próximos ao regime de Vargas, ao externalizar sua preocupação com o enquistamento étnico das colônias alemãs.

Nesse sentido, nota-se certa ambigüidade na noção de pluralismo cultural defendida por Freyre. Nem todo pluralismo era, pois, tolerável para o autor. Rigorosamente, parece que, do ponto de vista dele, a diversidade cultural não pode ultrapassar os limites fixados pela formação nacional herdada dos tempos coloniais. Nesse sentido, legítima é apenas a pluralidade assimilada pelo complexo cultural legado dos portugueses. (SEYFERTH, 2001: 182)

Vale agora lembrar que, em outra ocasião desta tese, lembramos que Freyre fez uso da noção de controle social proposta pelo sociólogo americano Edward Ross e que citou constantemente, em *Casa-Grande & Senzala* o livro *The old world in the new*, um estudo acerca da imigração portuguesa nos EUA publicado em 1914. (FREYRE, 2004: 351)

Pois Ross é conhecido por seus críticos por elaborar um conceito monista de sociedade, na qual uma cultura nacional dominante acaba por integrar as culturas imigrantes. A rigor, segundo seus críticos, para Ross, o controle social resulta da capacidade da cultura dominante integrar as culturas exógenas. (MELOSSI, 1992)

Freyre parece entender, por vezes, que a cultura portuguesa era de fato dominante entre nós e que o equilíbrio social é, sobretudo, resultado de sua vocação para assimilação das demais culturas. Foi, pois, isso que vimos em algumas de suas aulas na UDF.

Observemos, portanto, que, num certo sentido, as idéias de Freyre podiam ser, senão na íntegra, parcialmente apropriadas pelo regime em diferentes episódios, como esse que evocamos acerca da imigração alemã ao sul do Brasil. Sua concepção, também monista de sociedade, contribuía para o combate de algumas expressões culturais consideradas exógenas ao padrão de nacionalidade que se pretendia instaurar.

Outro fator fundamental que permite pontos de contato das idéias de Freyre com a prática e o discurso do Estado Novo é que ele jamais qualificou os setores populares como interlocutores legítimos do Estado, malgrado exija o seu reconhecimento do ponto de vista da cultura. Freyre esteve, pois, apartado da luta pela cidadania. Essa sua posição não fez dele uma ameaça a Vargas.

Nas suas formulações sociológicas há, com efeito, a subsunção do debate político (aquele que diz respeito à representação popular nas esferas institucionais clássicas propostas pelo liberalismo democrático) ao debate sobre identidade nacional. (MARTINS, 2003: 94) Não se pode esquecer que ao definir e qualificar sociologicamente um padrão democrático de assimilação cultural e racial Freyre equacionou na forma de um discurso científico um dos dilemas fundamentais da elite brasileira dos anos 30: ele dissociou definitivamente a prática democrática dos ideais igualitários e das formas liberais de representação política. Assim é que a expressão democracia étnica ou racial faz enorme sentido: a igualdade é antes um atributo da sociedade e da cultura do que um atributo e um dever do Estado. Essa era uma perspectiva de Freyre que poderia interessar ao Estado varguista.

Ainda uma vez é importante que se diga que se foram instrumentos importantes da política varguista algumas formulações de Freyre, não se pode esquecer que seu projeto de descentralização regional das ações políticas e a crítica à concentração econômica ficariam à sombra neste período e só seriam retomadas em 1945, durante o processo de democratização.

Queremos com isso dizer que, rigorosamente, o seu projeto nacional não se realizou plenamente, malgrado tenha tido uma enorme consagração intelectual sob a ditadura varguista.

CAPÍTULO 5

**SOCIOLOGIA: FRONTEIRAS
DISCIPLINARES E INTER-RELAÇÕES**

I. Outros compêndios

Neste capítulo, procuraremos apresentar os princípios sociológicos propostos por Freyre em *Sociologia* (como chamaremos agora o livro *Sociologia: uma introdução aos seus princípios*). Procuraremos demonstrar que o livro é uma tomada de posição do autor em relação às perspectivas sociológicas atuantes no meio intelectual brasileiro. Veremos que Freyre se contrapõe ao marxismo, à sociologia cristã, ao evolucionismo, às perspectivas mais progressistas. Propõe, assim, uma visão de sociedade significativa para o debate em curso.

O livro é, com efeito, uma obra única no conjunto da produção intelectual de Freyre já que se trata, rigorosamente, de um compêndio didático. A existência deste livro testemunha, por si só, o esforço considerável do autor no sentido de realizar uma síntese sociológica.

Este esforço não foi, porém, isolado. Somou-se à mobilização de vários autores dedicados à formação, no Brasil, de um acervo significativo de manuais de sociologia.

Já observamos aqui que tal esforço foi inaugurado por Pontes de Miranda em 1926, com a publicação do livro *Introdução à Sociologia*. Mas apenas nos anos 30 este fenômeno de constituição de um acervo de manuais sociológicos adquiriu contornos significativos. A institucionalização da sociologia nos cursos secundários (normais e complementares) e a introdução dos cursos de ciências sociais no ensino superior brasileiro¹ certamente contribuíram para o surgimento repentino de cerca de duas dezenas de compêndios de sociologia nesta época.

¹ A primeira vez que o conhecimento sociológico ingressou formalmente no sistema de ensino secundário brasileiro foi em 1891, após a reforma de ensino promovida por Benjamin Constant: chamava-se *Sociologia e Moral* a nova disciplina. Porém, um ano depois de sua implantação, a disciplina foi retirada do programa. Retornou ao sistema regular do ensino apenas no século seguinte, em 1925, compondo o currículo da 6ª série ginasial, cursado por alunos interessados em obter o diploma de Bacharel em Ciências e Letras. Poucos anos depois, em 1929, a Sociologia tornou-se disciplina obrigatória nos cursos Normais dos Estados de Pernambuco e Rio de Janeiro. Em 1931, em todo o território brasileiro,

Compõem este conjunto de obras os livros: *Iniciação à Sociologia* (1931) de Alceu Amoroso Lima, *Sociologia Aplicada* (1935) de Delgado de Carvalho e *Princípios de Sociologia* (1935) de Fernando de Azevedo. Em geral, tais livros eram sínteses enciclopédicas da história do pensamento sociológico, das teorias e métodos da disciplina nova, muitos dos quais concebidos à imagem e semelhança de alguns compêndios estrangeiros. (MEUCCI, 2000)

Não obstante, o livro *Sociologia* de Freyre faz parte de uma segunda 'safra' de compêndios de sociologia surgida no Brasil nos anos 40, da qual *Teoria e Pesquisa em Sociologia* (1945) de Donald Pierson é também um exemplar paradigmático.²

De certa maneira, estes dois livros - de Freyre e de Pierson - mais do que mera reconstituição histórica das etapas do pensamento sociológico, dedicaram-se à síntese e legitimação de certas tendências metodológicas e teóricas no meio sociológico brasileiro, que então já se afirmava com certo vigor.³ (PIERSON, 1945)

Naquele ano de 1945, a sociologia já não era mais uma disciplina obrigatória nos cursos secundários: desde 1941 ela fora retirada do currículo dos cursos complementares. Isso nos sugere que os livros de Pierson e Freyre atendiam a uma demanda muito distinta daquela que mobilizou os esforços dos autores de compêndios sociológicos nos anos 30. *Sociologia* e *Teoria e Pesquisa* pareciam, pois, destinados aos alunos dos cursos superiores de ciências sociais.

Vale lembrar, aliás, que em 1943, o Departamento de Sociologia da Escola Livre de Sociologia e Política foi transformado em *Divisão de Estudos Pós-Graduados* sob a direção do próprio professor Pierson. Foram então admitidos os primeiros alunos de pós-graduação em Ciências Sociais no Brasil. Tal iniciativa foi um marco notável. De certo modo, acentuou o processo de profissionalização e de constituição de um campo próprio de estudos.

Certamente, foi esse movimento em direção à formação do campo sociológico que originou a necessidade de produção de novos compêndios da disciplina, menos escolásticos e mais focados na definição das especificidades da área. Com efeito, os livros de Freyre e Pierson são igualmente

ingressou no quadro geral de matérias para os cursos complementares (dedicados ao preparo dos alunos para o ingresso nas faculdades e universidades). Porém, permaneceu nestes cursos apenas até 1941. A graduação em Ciências Sociais foi implantada pela primeira vez no Brasil na Escola Livre de Sociologia e Política, em 1933. A seguir, na Universidade de São Paulo (1933) e na Universidade do Distrito Federal (1935). (MEUCCI, 2000:9)

² Sobre Pierson ver: VILA NOVA, 1998.

³ Um fato notável, comum aos dois livros aqui aludidos. A introdução da obra de Pierson foi feita por Fernando Lourenço, um conhecido educador atuante no Rio de Janeiro. A segunda edição do livro de Freyre, surgida em 1957, também tivera prefácio feito por um educador: Anísio Teixeira, que, como notamos em capítulo anterior, fora o responsável pelo surgimento da UDF e pela contratação de Freyre. Em certo sentido, a autoria dos prefácios nos dois livros demonstra que a relação entre a educação e a sociologia - ainda que na época houvesse esforço para a 'autonomização' das duas áreas - era muito estreita.

caracterizados pelo desejo de distinguir com cuidado a sociologia das outras áreas de conhecimento, sobretudo da filosofia social, do serviço social, da psicologia, da biologia. Tratava-se afinal de definir sistematicamente um campo próprio para a sociologia e para os sociólogos.

Logo que Freyre começou a dar as aulas de sociologia na UDF, no ano de 1935, os editores já aguardavam a publicação de um compêndio seu. Numa carta enviada a Freyre em 09/05/1936, Fernando de Azevedo pediu-lhe que reservasse a publicação do livro resultante de suas aulas na UDF para a série 'Iniciação Científica' da Biblioteca Pedagógica Brasileira, coleção de livros da Companhia Editora Nacional que, na época, era dirigida pelo próprio Azevedo.⁴ Parecia, portanto, ser grande a expectativa em relação à publicação do manual sociológico de um dos mais promissores e jovens cientistas sociais brasileiros.

Não obstante, a primeira edição de *Sociologia* apareceu apenas em 1945, exatamente dez anos após o início do curso de sociologia na UDF. Do mesmo modo, seus manuscritos das aulas de antropologia na mesma Universidade também apareceram tardiamente, em 1943, pela editora Casa do Estudante no Rio de Janeiro.

Importante lembrar de um fato que, em certo sentido, 'antecipou' a 'divulgação' dos manuscritos das aulas de sociologia de Gilberto Freyre. Em 1940, as 'cobiçadas' notas de Freyre serviram para a elaboração de um outro compêndio, *Fundamentos de Sociologia* de Carneiro Leão (o mesmo que instituiu a sociologia como disciplina obrigatória na Escola Normal de Pernambuco e que fora seu colega na Escola de Economia e Direito da UDF).

Não sabemos com precisão se esta publicação causou algum mal-estar entre Gilberto Freyre e seu autor. Segundo testemunho de Wamireh Chacon⁵, a relação entre eles não sofreu nenhum abalo. Porém, uma carta Carneiro Leão, enviada a Freyre na época da edição de *Fundamentos de Sociologia*, parece revelar certo temor de que a publicação fizesse surgir alguma indisposição dele com o amigo. Vamos aqui apresentar o trecho da correspondência que comprova o que queremos dizer:

Se vão os 'Fundamentos de Sociologia'. Como verá e como o prefácio declara estão inspirados em seu trabalho anterior na UDF. Publiquei-os porque você há três anos promete, mas não publica a sua 'Sociologia'. Se eles servirem de provocação ao aparecimento do tratado que o Brasil tem direito de esperar de Gilberto Freyre dar-me-ei por bem pago da coragem de

⁴ Freyre tinha, na época, acabado de publicar *Sobrados e Mucambos* pela Editora Nacional por intermédio de Fernando de Azevedo.

⁵ Em entrevista concedida à pesquisadora em 03/12/2003, em Brasília.

me aventurar em seara na qual se encontra semeador tão fecundo. Os compêndios oferecidos até agora em sua maioria absoluta subvertendo o conceito da Sociologia e contribuindo para aumentar o horror a essa disciplina, não influíram pouco, também por sua vez, para que cometesse, talvez prematuramente, esse livro. Espero, entretanto, que o fato de oferecê-lo a você – mestre reconhecido na matéria – e à memória querida de nosso grande amigo comum Estácio Coimbra me absolverá da temeridade. Mande-me por escrito sua impressão o quanto antes.⁶

Nota-se, com efeito, alguma ansiedade de Carneiro Leão com relação à recepção da publicação por parte de Freyre. O único testemunho que temos acerca da opinião de Freyre sobre o livro de Carneiro Leão está nas páginas de introdução à primeira edição de *Sociologia*:

O esboço de Sociologia que agora nos aventuramos a publicar se baseia em lições dessa matéria e de Antropologia Social, professadas, de 1935 a 1937, na Universidade do Distrito Federal (Rio) e taquigrafadas pela Sra. Vera Teixeira. Dessas notas taquigrafadas de aulas já se serviu, aliás, o Professor A. Carneiro Leão, nosso ilustre substituto na cátedra de Sociologia na mesma Universidade, para organizar seu 'Fundamentos de Sociologia' (Rio, 1941). É ele quem declarou com exemplar probidade intelectual: virtude nada comum, nesses pontos miúdos, entre nós, brasileiros. Àquelas notas acrescentou, porém, o Professor Carneiro Leão tanta coisa sua ou de leituras novas, que 'Fundamentos de Sociologia', embora se tenha antecipado na publicação de algumas das nossas sugestões e das tentativas de combinações que representam o esforço próprio e até a audácia pessoal e não simples reflexo de influências ou de teorias norte-americanas, francesas ou alemãs – afasta-se, em mais de um ponto essencial, da orientação que procuramos dar de 1935 a 1937 àqueles dois cursos – o de Antropologia Social e o de Sociologia – e procuramos comunicar, agora, a este simples esboço de introdução ao estudo da Sociologia. (FREYRE, 1945:67)

Observamos que Gilberto Freyre procurou diferenciar-se das idéias apresentadas por Carneiro Leão. Ao compararmos os manuscritos de Freyre com o livro *Fundamentos de Sociologia* nos parece evidente que Carneiro Leão fora até mais fiel aos manuscritos do que o próprio Gilberto Freyre. Ainda que tenha dado substância adicional às notas de Freyre, Carneiro Leão seguiu essencialmente o mesmo esquema proposto pelo autor nas suas aulas da UDF. O plano de *Fundamentos de Sociologia* segue, pois, com os seguintes temas: noção de ecologia humana, seguida pela discussão do equilíbrio regional (rural/urbano), apresentação dos conceitos de

⁶ Carta de Carneiro Leão enviada a Freyre, datada de 03/02/1940. Acervo da Fundação Gilberto Freyre – Recife/PE.

contato/distância social, adaptação acomodação e assimilação social e, por fim, os métodos e técnicas sociológicas.

Este episódio da publicação de *Fundamentos de Sociologia* é revelador da grande demanda que tinham as idéias sociológicas de Freyre no período. É sintomático o fato que seu amigo tenha deliberadamente e assumidamente se ocupado da publicação dos seus manuscritos. Lembremos que, conforme mostramos no capítulo anterior, é sob o Estado-Novo que Freyre se vê consagrado como cientista social, capaz de desvendar os segredos da sociedade através do 'método culturalista-histórico'. (ANDRADE, 1939) Nesse sentido, na época em que Carneiro Leão lançou seu compêndio Freyre e a sociologia estavam verdadeiramente 'em alta'.

Possivelmente, as idéias sociológicas de Freyre tiveram em *Fundamentos de Sociologia* um importante veículo de divulgação no ambiente escolar brasileiro. Afinal foram realizadas cinco edições de *Fundamentos de Sociologia* (1940, 1954, 1956, 1961 e 1963).

De todo modo, a 'provocação' de Carneiro Leão não teve resultados imediatos. Apenas cinco anos após o aparecimento de *Fundamentos de Sociologia*, Freyre entregou seus manuscritos aos cuidados do editor José Olympio.

Segundo sugere a correspondência entre o autor e o famoso editor, algumas dificuldades surgiram no preparo gráfico da obra. Freyre não concordara com o formato proposto pela editora e queixara-se da demora no tratamento dos originais. José Olympio lamentava não poder satisfazer os desejos e os prazos de Freyre, explicava e justificava suas limitações e chegou a lhe afirmar que ficasse à vontade para publicá-lo em outra editora.⁷

Freyre, não obstante, permaneceu na José Olympio. Teve então sua obra revisada pelo próprio livreiro e gozou, na época do lançamento, de um notável esquema de divulgação para a venda dos seis mil exemplares impressos. O box publicitário⁸ nos sugere que se tratava de um livro caro, composto por dois volumosos tomos vendidos ao preço de Cr\$ 100,00 a edição simples e Cr\$ 300,00 a edição de luxo (o catálogo da época da editora José Olympio nos ajuda a constatar que preço médio de um livro na época era de Cr\$ 30,00).

O esquema de divulgação da editora compreendia chamadas publicitárias e resenhas elogiosas n'*A Vida dos Livros*, um periódico mensal da livraria José Olympio sobre suas edições. No

⁷ Carta de José Olympio, datada de 03/02/1945. Acervo da Fundação Gilberto Freyre – Recife/PE. – Recife/PE.

⁸ Ver nos anexos ao final da tese.

já mencionado *box* publicitário preparado pela José Olympio, veiculado em jornais da época, o livro *Sociologia* foi apresentado como a *nova e monumental* obra de Gilberto Freyre.⁹

E quais teriam sido os motivos para o suposto 'atraso' de uma década na publicação? Observamos que Freyre escreveu muitas e seguidas obras no período compreendido entre os anos de 1935 e 1945. Na cronologia que se segue, não houve um só ano neste período sem que ele tivesse publicado uma obra:

1936: *Sobrados e Mucambos*

1937: *Nordeste*.

1938: *Conferências na Europa*

1939: *Assucar (algumas receitas de doces e bolos nos engenhos do nordeste)*

1940: *Um engenheiro francês no Brasil*

1941: *Região e tradição*

1942: *Ingleses no Brasil*

1943: *Problemas brasileiros de Antropologia*

1944: *Perfil de Euclides da Cunha e outros perfis*

No período analisado, constata-se que o autor priorizou a elaboração de obras analíticas e interpretativas em detrimento da formulação de compêndios científicos de ciências sociais. A exceção é de *Problemas brasileiros de Antropologia*, no qual Freyre dedicou-se a publicação dos manuscritos de aula de Antropologia na UDF (ainda assim apenas em 1943, cerca de oito anos após a realização do curso na Universidade).

É possível que esta aparente 'opção' pelas obras interpretativas esteja relacionada ao processo de formação e amadurecimento do campo das ciências sociais e, também, dos primeiros portadores do conhecimento sociológico entre nós.

Não se deve ignorar que a elaboração de um compêndio científico original requer um esforço de conversão da 'prática' interpretativa num 'sistema conceitual' passível de ser transmitido a especialistas e futuros especialistas no ramo de conhecimento em questão. Uma conversão nada fácil que exige a formação de agentes capazes de realizar esta síntese, de um público leitor especializado e, também, de certo padrão discursivo.

Com efeito, os compêndios de sociologia de Freyre e Pierson surgiram exatamente num momento de inflexão, no qual a teoria social deixava de apresentar-se simplesmente como manifestação dispersa em grandes narrativas e surgia, paulatinamente, como um sistema teórico-metodológico autônomo.

⁹ Ver nos anexos ao final da tese.

O ano do lançamento de *Sociologia* (1945) representou um marco importante na formação de novos produtores e transmissores do conhecimento sociológico no Brasil. Foi, pois, em 1945 que Florestan terminara o curso de pós-graduação da Escola Livre de Sociologia e Política e ingressara no quadro de docentes da Universidade de São Paulo. Com ele, na mesma turma de pós-graduação de Ciências Sociais da Escola Livre, formara-se Oracy Nogueira, Virgínia Bicudo e Gioconda Mussolini. (CORREA, 1987: 58) Também foi em 1945 que Antonio Candido tornou-se assistente da cadeira de Sociologia I na Universidade de São Paulo e que Emílio Willems iniciou o desenvolvimento de um estudo de comunidade em Cunha – SP, para ficar apenas entre os exemplos mais notáveis. Constituíam-se entre nós uma nova geração de sociólogos formados e abrigados sob as condições institucionais criadas na última década.

Vale ainda lembrar que, no ano seguinte, Pierson escreveu uma série de artigos na *Revista Sociologia*, (primeiro periódico especializado na área de estudos sociológicos, fundado em 1939). Os artigos eram dedicados à divulgação, entre os alunos da Universidade, dos métodos e fundamentos sociológicos e intitulavam-se: *Esboço de método científico para a Sociologia, É ciência a Sociologia, Ecologia Social*.¹⁰ Alguns destes artigos de Pierson foram, aliás, acrescentados à 2ª edição de *Teoria e Pesquisa em Sociologia*, publicada em 1948. (PIERSON, 1948)

Observa-se, portanto, que o processo de constituição do campo sociológico foi intermitente ao longo da segunda metade dos anos 40, exatamente num período de grandes mudanças no ambiente nacional e internacional. Lembremos que também no ano de 1945 teve fim a Segunda Guerra Mundial e que com o tombamento dos países do Eixo, tombaram os regimes autoritários de base nacionalista.

No Brasil, as reacomodações pertinentes ao fim do conflito mundial repercutiram profundamente no governo de Getúlio Vargas. Logo no início de 1945, Vargas (que manteve o país numa ditadura por cerca de oito anos) autorizou as eleições presidenciais e a formação de uma assembleia constituinte. As novas eleições foram então previstas para o final do ano. Não obstante, em 29 de outubro de 1945, antes que fosse instaurado o processo eleitoral, as forças armadas - alegando temer a não realização das eleições - forçaram a renúncia de Vargas. (SKIDMORE, 2003)

A saída de Vargas, favorecida pela atmosfera internacional, trouxe uma nova experiência política e social para os brasileiros. A política democrática possibilitou o aparecimento de desacordos e conflitos que foram mantidos latentes durante o Estado Novo. Idiossincrasias,

¹⁰ *Revista Sociologia* (1946), vol. VIII, no. 1 e vol. VIII no. 2. Muitos destes artigos de Pierson foram, em 1948, acrescentados à 2ª edição de *Teoria e Pesquisa em Sociologia*. (PIERSON, 1948)

representadas pelos novos partidos (UDN, PSD, PTB, PCB¹¹), foram também evidenciadas no desenrolar da luta política. As diferenças no funcionamento da 'máquina política' nas diferentes regiões do país revelavam o contraste no desenvolvimento que havia se tornado ainda mais agudo durante os quinze anos que se seguiram à 'Revolução de 30'. (SKIDMORE, 1977: 79 e 80)

A democratização exigira, sobretudo, a inovação da estrutura legal do Estado. Daí a necessidade de redigir uma nova constituição que substituísse o documento autocrático de Francisco Campos, em vigor desde 1937.

Com efeito, a partir de 1945, sob um clima de 'descoberta' dos enormes contrastes econômicos e políticos da realidade nacional (que tinham sido a um só tempo 'produzidos' e 'encobertos' pela ação e pelo discurso do Regime), é que se instaurou um debate sistemático sobre o novo projeto de Estado brasileiro.

Observamos, portanto, que o ambiente no qual surgiam os novos cientistas sociais brasileiros os desafiava com uma indagação crucial: quais seriam, após o fim da longa ditadura, os fundamentos para um novo acordo entre interesses contraditórios? Seria possível este acordo diante da pluralidade de interesses originária dos contrastes regionais? Como se produziram e reproduziam afinal estes contrastes? Como se poderiam induzir mudanças sociais significativas em direção da modernização social e política?

Os livros *Sociologia* de Freyre e *Teoria e Pesquisa* de Pierson inauguram uma fase de busca pela institucionalização da investigação sociológica exatamente neste período. Ambos, embora tenham diferenças significativas, visavam instituir a prática da investigação social sob critérios definidos para que se pudesse diagnosticar os problemas e seus encaminhamentos possíveis.

A rigor, os dois compêndios assinalam uma disputa entre concepções distintas de sociologia e sociedade.¹² A comparação entre os dois livros e a percepção acerca da disputa pareceu evidente para os leitores da época: Sérgio Milliet, afirmou que o livro de Freyre foi um contraponto às idéias de Pierson acerca das Ciências Sociais.¹³

¹¹ O PCB foi declarado fora da lei por decisão judicial em 1947 com o argumento de que era um partido *anti-democrático*. (SKIDMORE, 2003: 93)

¹² Sebastião Vila Nova fez um estudo sobre o papel de Pierson na conformação da identidade do sociólogo no Brasil analisando o confronto entre duas concepções acerca do ofício: a pragmática e a humanista. (VILA NOVA, 1998)

¹³ Sérgio Milliet, *Diário de Notícias*, 11/11/1945. Recorte no Acervo do Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre – Recife/PE.

O compêndio de Freyre manifestava um desejo de legitimar uma perspectiva teórico-metodológica mais ligada ao pensamento sociológico alemão diante da nova geração de cientistas sociais. Segundo sua perspectiva, havia, pois, várias sociologias, tantas sociologias quanto *seitas sociológicas* e comparou a disputa entre as diferentes concepções de sociologia às guerras religiosas. (FREYRE, 1945:11)

II. Os fenômenos sociológicos e a posição da sociologia

Como já observamos, o livro *Sociologia* é composto por dois volumosos tomos. As 762 páginas (em sua primeira versão) são todas dedicadas a apresentar o lugar da disciplina no quadro de ciências e suas ramificações temáticas. É como uma espécie de organograma da nova ciência, na qual o autor apresenta, além da definição das atribuições da sociologia, as inter-relações de suas unidades constitutivas e o limite de atribuições de cada uma delas.

No primeiro tomo, Freyre dedicou longas páginas a esboçar detalhadamente a especificidade da sociologia e sua relação com outras disciplinas científicas e filosóficas. O segundo tomo, por sua vez, contém uma análise do que Freyre chama de *sociologias especiais*, ramos temáticos que se ocupam de problemas sociológicos específicos. São elas: *sociologia biológica*, *sociologia psicológica*, *sociologia regional ou ecologia social*, *sociologia genética e histórica*, *sociologia da cultura*.

Além de definir os limites e as inter-relações da sociologia com o ambiente científico 'externo', Freyre também circunscreveu, no segundo tomo, a disciplina em sua divisão 'interna': a *sociologia geral* e as *sociologias especiais*.

A sociologia, segundo ele, era uma ciência nova que, não obstante, tinha já a difícil tarefa de combater o generalismo e o diletantismo que a teriam caracterizado no século XIX. (FREYRE, 1945:77) Tinha, também, a missão de diferenciar-se do socialismo, com a qual era, segundo Freyre, frequentemente confundida. (FREYRE, 1945:79)

A partir destas constatações, relativas à confusão e indefinição do campo sociológico e seus efeitos prejudiciais, Freyre justificou a necessidade de diferenciar a sociologia das outras ciências. Para ele, a sociologia tem autonomia de método, de técnica de pesquisa e de interpretação. Tem, pois, uma maneira particular de aproximar-se do social. E para definir a

especificidade do olhar sociológico, Freyre optou por distinguir os fenômenos *sociológicos* do amplo universo de fenômenos sociais: "...*nada mais importante para quem se inicia no estudo tanto quanto possível científico da Sociologia, que a discriminação entre social e o sociológico.*". (FREYRE, 1945:79)

Como já lembramos, no mesmo ano da primeira edição de *Sociologia*, Donald Pierson lançou seu *Teoria e Pesquisa em Sociologia* (1945). Neste livro, Pierson também se dedicou a diferenciar a sociologia de outros tipos de conhecimentos relativos ao universo social. O sociólogo norte-americano afirmou, logo no início do seu compêndio, que a "*sociologia não abrange todo o social*". (PIERSON, 1945:42) A frase de Pierson poderia ser também de Freyre.

Com efeito, Freyre afirmou, nas páginas de *Sociologia*, que o *social* compreende todas as relações, atividades e produtos que se referem à associação entre seres humanos; ao passo que o *sociológico* diz respeito, tão somente, aos processos de socialização. Ou seja, na perspectiva de Freyre, do universo social amplo e heterogêneo de fenômenos, a sociologia retira para si o estudo dos fatos relacionados aos processos de *socialização*. (FREYRE, 1945: 79-80)

Vale apenas notar que, diferentemente de Freyre, Pierson destacava como objeto da sociologia - no interior do universo de fenômenos sociais - o "*grupo social, sua origem, estabilidade e subsequente desintegração*". Embora Pierson reconhecesse que o grupo refere-se ao "*processo pelo qual os indivíduos combinam-se em unidades maiores*" nos parece significativo o fato de que ele define o *grupo* em si e não o *processo* que lhe dá origem como objeto da ciência nova. (PIERSON, 1945:43)

A noção de *socialização* proposta por Freyre é certamente inspirada em Simmel. Porém a esta concepção de Simmel, acrescentou um fundamento que caracterizou o pensamento norte-americano: a idéia de que a socialização diz respeito ao processo no qual o *indivíduo biológico* se transforma em *pessoa* socialmente situada no espaço, no tempo e no sistema de valores de um determinado grupo social. A *socialização* refere-se, afinal, ao processo de constituição do homem social. (FREYRE, 1945: 85)

Nesta passagem de *Sociologia*, na qual apresenta a noção de *pessoa*, Freyre estava certamente evocando a contribuição sociológica norte-americana, especialmente aquela referente às condições nas quais se realiza a socialização humana, bem representada por George Mead e Robert Park.

Foi certamente a perspectiva sociológica destes autores que levou Freyre a concluir, em seu compêndio de sociologia, que o homem social é o resultado de uma síntese dramática entre o legado psico-biológico do indivíduo e o universo ecológico, histórico e cultural na qual vive. A constituição da pessoa socialmente situada é, pois, compreendida como um processo complexo que envolve o condicionamento recíproco entre fatores biológicos, psíquicos, geográficos, históricos e culturais.

Não obstante, embora Freyre admita um condicionamento recíproco entre os fatores aludidos, ele observa que a ação do ambiente histórico-cultural sobre a biologia, a psiquê e o espaço é que deve ser objeto de particular atenção do sociólogo. Ou seja, Freyre admite, pois, que as disposições biológicas, psíquicas e geográficas podem ter efeitos sociais importantes, mas alerta para o fato de que elas são também condicionadas pelo ambiente social.

No caso particular da relação entre psiquê e sociedade, Freyre afirma que o grupo social age fortemente sobre a formação da personalidade. Inclusive nos lembra, com exemplos variados baseados nos estudos de Ruth Benedict, que cada sociedade produz determinados tipos e disposições bio-psíquicas. (FREYRE, 1945:110)

Mas esta ação da sociedade sobre a psiquê individual não constitui uma via de mão única. Freyre lembra que, embora a sociedade atue na formação das personalidades, ela não apenas produz e reproduz passivamente certas disposições psíquicas: freqüentemente ela recebe influências de personalidades capazes de modificar disposições sociais. Muitas vezes, diz ele, os membros da sociedade acrescentam algo de particularmente seu à herança de seu grupo. Neste complexo processo de socialização é que, segundo Freyre, está igualmente inscrita a conservação e a renovação da herança sócio-cultural. (FREYRE, 1945:123)

Portanto, de acordo com Freyre, os fenômenos relativos à constituição da *pessoa social* nunca são unicamente sociais, como não são também unicamente naturais ou psíquicos. São, segundo o autor, *bio-sociais e psico-sociais* na medida em os caracteres biológicos e psíquicos estão igualmente inscritos no ser social.

Não obstante, esta inter-relação entre os fenômenos biológicos, psíquicos, ecológicos e sociais não produz, no entender de Freyre, dificuldades para especificar a particularidade dos processos sociais. Ainda que os 'processos de socialização' de que se ocupa a sociologia tenham base biológica, não devem ser confundidos com processos naturais. Os processos de socialização,

no entender de Freyre, operam pela acumulação de cultura, por meio de contato, da comunicação e da interação social. (FREYRE, 1945: 121).

Com efeito, daí a enorme importância sociológica das formas de contato e interação social. Freyre afirma, pois, que o desenvolvimento de características gerais do grupo, ou, mais do que isto, a produção de uma unidade social é decorrência de contatos sociais que compreendem desde relações físicas e sensoriais (contatos primários) propriamente ditas, até relações indiretas por meio de moedas e veículos de comunicações (contatos secundários). (FREYRE, 1945: 138)

Desse modo, dado o caráter singular da interação social e do processo de socialização daí decorrente, as disciplinas biologia e psicologia não bastam, segundo Freyre, para explicar a complexidade do ser social. Entretanto, elas podem e devem ser, afirma o autor, colaboradoras constantes do trabalho do sociólogo que deve dispor de seus conhecimentos e avanços para enfrentar os desafios que lhes impõe a síntese dramática entre sujeito e sociedade. (FREYRE, 1945: 121)

Observemos que, para Freyre, a sociologia, ao ter por objeto o processo de socialização assim definido, ocupa um lugar especialíssimo entre as ciências. Pela complexidade de seu objeto ela tem a peculiaridade de se constituir no cruzamento entre diversos saberes. Freyre a denomina de disciplina 'coordenadora', já que trabalha com um objeto multidimensional que compreende igualmente fenômenos biológicos, psíquicos, geográficos, históricos e culturais.

Entre os estudos que tratam do ser humano como unidade bio-social e cultural, a posição da Sociologia, quer como Sociologia geral e ciência social especial, quer como qualquer das Sociologias especiais parece-nos ser a de estudo de coordenação. Coordenação, primeiro, do orgânico com o social e o cultural, para que a totalidade humano-social não sofra sob nenhum dos extremos: nem de naturalismo, nem de culturalismo. (FREYRE, 1945:161)

Outro argumento que lhe permite afirmar a especificidade da sociologia em relação às demais disciplinas (ao mesmo tempo em que afirma a necessidade de diálogo com as distintas áreas do conhecimento) é a distinção entre *forma* e *substância*. Certamente evocando Simmel, Freyre afirma que a sociologia se ocupa, sobretudo, com as *formas* pelas quais se manifesta o processo de socialização. Ao passo que o *conteúdo* de tais processos, seja ele psíquico, biológico, histórico ou geográfico não interessa ao sociólogo no sentido estrito do termo.

Para Freyre, os fenômenos biológicos, psíquicos, históricos, culturais e geográficos são aspectos substanciais que interessam ao sociólogo não em sua essência, ou seja, não como objetos em si mesmos, mas apenas na medida em que são fatores que estão contidos no processo de socialização. Um exemplo: para Freyre, não deve ser objeto de interesse do sociólogo a formação geológica de uma determinada região. O sociólogo, segundo seu ponto de vista, deverá estar atento, tão simplesmente, ao modo como certas disposições geográficas interferem no processo de socialização (contato e isolamento) dos seus habitantes.

A sociologia trata, portanto, da *forma* como se realiza a socialização enquanto as outras ciências tratam dos *conteúdos* particulares que estão contidos neste processo. Quando a sociologia investiga os *conteúdos sociais*, é tão somente com o objetivo de, por meio deste estudo, compreender as *formas sociais*.

... é Sociologia todo estudo científico de 'processo', de 'forma' – ou de 'forma-conteúdo' – de 'função' ou de 'síntese', de interação sócio-cultural e que deixa de ser exclusivamente Sociologia para tornar-se também outras Ciências Sociais todo estudo que se ocupe exclusivamente ou principalmente de 'produtos sociais' ou de 'substâncias' ou 'conteúdos culturais': (FREYRE, 1945:82)

Pois que o conteúdo, função, forma, processo estão integrados e a sociologia para compreender as formas e sínteses produzidas pela interação social necessita do auxílio de outras disciplinas. E é neste aspecto que se inscreve o diálogo constante e necessário da sociologia com a história, a geografia, a antropologia, e outras ciências.

O especialista que se extrema no especialismo ou no provincianismo científico, pelo receio de progredir só em superfície como os 'dilletanti', os cosmopolitas ou os judeus errantes das ciências, pode tornar-se a negação absoluta do 'dilletanti' do cosmopolita e do judeu errante pela ausência de contatos com outras atividades e tendências científicas. Nem tanto ao mar, nem tanto a terra. (FREYRE, 1945:639)

Notamos, pois, que embora Freyre postulasse a especificidade do 'sociológico' ele não temia, por outro lado, reivindicar o auxílio de outras disciplinas científicas. Queremos com isso afirmar que o sociólogo aqui imaginado por Freyre não é um especialista no sentido estreito do termo, tampouco é um diletante. Trata-se de uma definição difícil esta proposta por Freyre acerca da

especificidade da sociologia. Em comparação com o compêndio de Pierson ele propõe uma solução tensa, por vezes ambígua em relação à instituição de fronteiras.

Importante observar, mais uma vez, a referência de Freyre a Simmel, sobretudo, a célebre distinção na noção de forma e conteúdo. Embora Freyre confessasse que não lia bem o alemão, sabe-se que Simmel, no contexto acadêmico norte-americano do início do século tivera grande repercussão. Lembremos que Park estudara em Berlim e freqüentara as conferências de Simmel. O autor alemão esteve presente de modo notável num dos mais importantes compêndios de sociologia publicados nos Estados Unidos no período: o *Introduction* publicado por Park e Burgess (constantemente citado nas páginas de *Sociologia*). Albion Small (igualmente um dos fundadores do departamento de sociologia da Escola de Chicago), que também estudara em Berlim, traduziu cerca de quinze textos de Simmel para o *American Journal of Sociology*. (VILA NOVA, 1998:83-84)

Ao longo do livro *Sociologia* constata-se, pois, o esboço de uma distinção entre o objeto sociológico daqueles filiados à tradição sociológica de Durkheim de um lado, e de Simmel de outro.

Com efeito, para nosso autor, a ciência social não é propriamente natural porque o seu objeto é um processo contínuo e sempre renovado de constituição do homem social que compreende fatores múltiplos. A noção de *processo* se diferencia da noção de *coisa*.¹⁴

Freyre sugere, pois, que esta síntese dramática entre o indivíduo e a sociedade - que produz a 'pessoa social' - se opera efetivamente como resultado da relação social recíproca. Como para Simmel, Freyre parece também compreender que a intermitente coexistência entre os homens é que produz a sociedade. Rigorosamente a sociedade constitui-se como um 'sistema de relações' e não como um objeto exógeno. (FREYRE, 1945: 87)

¹⁴ No Brasil, Freyre não foi o único a evocar Simmel como fundamento para definição do objeto sociológico. Delgado de Carvalho citou freqüentemente Simmel em seus livros de Sociologia publicados nos anos 30, em especial no '*Sociologia Aplicada*' (1935). Freyre, aliás, se refere a este livro numa nota de *Sociologia: uma introdução aos seus princípios*. (1945: 416) Cita-o também em seu programa de aulas do curso de introdução à sociologia regional na Faculdade de Direito do Recife, realizado em agosto de 1935. Lembremos que Delgado de Carvalho fora colega de Freyre na UDF e em seus inúmeros compêndios de Sociologia era notória a inspiração na produção sociológica norte americana e alemã: evocava Giddings para afirmar que os objetos fundamentais da sociologia são processos sociais que estão representados em conceitos como acomodação, ajustamento e adaptação social. Para Carvalho, os estudos de comunidade deviam dedicar-se ao estudo dos processos sociais de mudança e de reajustamentos perpétuos. Tais processos sociais não são, segundo ele, produtos de um contrato, mas parte integrante da vida. Para ele, *adaptação* é um processo restrito, biológico, natural e hereditário. Ao passo que os processos de *acomodação* e ajustamento social são sociológicos por excelência. O ajustamento é, entretanto, um processo que tem em vista uma ação conjunta. Um nome que é citado por Carvalho e também por Freyre é Mclver, autor de um compêndio denominado *Sociology* que infelizmente não encontramos nas bibliotecas consultadas durante o desenvolvimento desta pesquisa. (CARVALHO, 1935)

Nesse sentido é que sugere o entendimento dos processos de socialização que, ainda que estejam distantes das formações amplas e oficiais, são manifestações verdadeiras da sociedade em *status nascens*. Ou seja, os processos sutis de conversão e reprodução do indivíduo em pessoa social são o *locus* no qual a sociedade é, a um só tempo, conservada e renovada num ir e vir contínuo capaz de, surpreendentemente, criar conexão e unidade. (FREYRE, 1945: 82) (SIMMEL, 1986:29)

Daí se compreende os fundamentos teóricos que inspiraram Freyre na elaboração de *Casa-Grande & Senzala*: o olhar dedicado às manifestações moleculares dos processos de socialização (as brincadeiras dos moleques, o preparo da comida, os hábitos de toucador). Na casa-grande, Freyre notara a produção e reprodução de formas particulares de cooperação, conflito, subordinação e submissão. Possivelmente inspirado em Simmel - autor que fora citado por Freyre já nos manuscritos das aulas da Escola Normal de Pernambuco em 1929 – ele compreendera que os acontecimentos mais banais e microscópicos da vida social é que constituem os verdadeiros produtores da unidade social.

As influências que levaram Freyre à valorização destas fontes são, não obstante, bastante variadas e certamente não se reduzem à Simmel. A história do cotidiano era um método que estava em alta nos anos 10 e 20 entre antropólogos e historiadores norte-americanos. Um dos marcos que repercutiu o procedimento foi a publicação dos cinco volumes de *The Polish Peasant in Europe and America*, de Florian Znaniecki e William Thomas, publicados entre 1918 e 1920, uma investigação clássica sobre o problema da imigração realizada a partir da consulta à correspondência pessoal dos imigrantes. (THOMAS e ZNANIECKI, 1984)

O movimento *New History* possivelmente também o inspirou. Como já lembramos, tratou-se de uma corrente historiográfica de grande repercussão nos Estados Unidos dos anos 20 que reivindicava a alteração do *metier* do historiador, propondo o acento em fatores culturais e psíquicos na tarefa de interpretação histórica. (TUNA, 2003)

Mas voltemos à obra analisada. Observemos que logo nas primeiras páginas de *Sociologia*, Freyre apresenta mais uma dicotomia que explicita a sua filiação a uma tradição sociológica que tem sua origem no pensamento social alemão. Importante, nesse sentido, verificar a distinção que ele faz entre natureza e cultura.

Inspirado em Rickert, Freyre afirma que diferentemente dos objetos naturais, os fatos da cultura são dotados de significados particulares, circunscritos no tempo e no espaço da sociedade que os produziu.

Não há leis sociológicas que correspondam às leis das ciências naturais puras. Essa sua incapacidade [da Sociologia] para estabelecer leis que tenham de início validade universal daquelas em que se apóiam as ciências naturais talvez seja insuperável: uma condição do seu caráter de ciência mista: natural e cultural. (FREYRE, 1945: 175)

A distinção entre o *natural* e o *cultural* apresentada por Freyre na obra *Sociologia* corresponde respectivamente à distinção entre o *universal* e o *particular*. Essa compreensão acerca da distinção entre natureza e cultura tem uma consequência metodológica importante no pensamento sociológico de Freyre. Permite diferenciar os procedimentos de pesquisa: enquanto os objetos da natureza podem ser estudados a partir de critérios impessoais e universais, os objetos culturais e sociais exigem uma abordagem particular. (FREYRE, 1945:163) Daí a ênfase dada pelo autor no caráter empático da investigação sociológica.

Tal distinção entre cultura e natureza não fora feita por Pierson em seu *Teoria e Pesquisa em Sociologia*. Pierson afirmava, nas páginas de seu compêndio, que "*os acontecimentos humanos são naturais (por outras palavras, são produtos de forças naturais, suscetíveis de serem analisadas e compreendidas).*" (PIERSON, 1948:30)

Evidente, entretanto, que Pierson reconhecia, como Freyre, que enquanto os dados físicos independem de seu lugar no espaço e no tempo, os dados sociológicos são eminentemente históricos. (PIERSON, 1948: 52) Ele distingue, com auxílio de Sombart, que o conhecimento que se opera nas ciências físicas é um conhecimento externo, ao passo que o conhecimento sociológico é interno. (PIERSON, 1948: 79)

Certamente esta diferenciação entre conhecimento interno e externo - presente nas páginas de Pierson - é familiar à perspectiva de Freyre. Não obstante, em Pierson, não se vê um encaminhamento do problema para o nível da distinção entre natureza e cultura. Ou seja, não se vê no sociólogo norte-americano uma filiação deliberada ao pensamento sociológico alemão que, no limite o conduziria a uma perspectiva historicista e compreensiva que ele de fato não parecia admitir na íntegra.

Conforme já observamos, já no final dos anos 20, no manuscrito da aula inaugural de sociologia na Escola Normal de Pernambuco Freyre considerava o caráter particular da sociologia no que se refere às questões metodológicas. Embora não empregasse ainda o termo empatia dizia ser a sensibilidade e a imaginação do sociólogo um fator importante para o desenvolvimento da pesquisa social. Lembremos que, na aula inaugural dedicada às normalistas pernambucanas, ele já dizia, pois, que, a despeito da sociologia ser um estudo científico, tinha também algo de filosófico e de artístico.

Entretanto, nas páginas de *Sociologia* Freyre afirmou que os sociólogos devem ter cautela para não confundir a sociologia com filosofia. Considerava, entretanto, importante a colaboração entre filosofia e sociologia. Para ele, o conhecimento filosófico e o científico se completam e se aproximam no reconhecimento da complexidade humana.

Mas ainda que Freyre considerasse importante para o sociólogo a imaginação filosófica dedicada à interpretação imaginativa e à especulação das possibilidades sociais, afirma não desejar ver submetida à reflexão sociológica aos pressupostos filosóficos.

É essencial que a ciência em que se desenvolve a Sociologia não se submeta à Filosofia; mas é sempre uma pobre Sociologia aquela que hoje despreza o contato com a Filosofia, receosa de tornar-se simples anexo da Filosofia Social. (FREYRE, 1945:175)

Para Freyre, a filosofia social não pode ser, em hipótese nenhuma, orientadora da sociologia, mas pode ser uma fonte preciosa acerca do conhecimento das possibilidades sociais imaginadas naquele momento histórico. Diferentemente da filosofia, a sociologia é uma ciência que não tem compromisso com os imperativos abstratos. Nesse sentido, parece arriscado para Freyre que a ciência sociológica se submeta aos ideais filosóficos: tal submissão lhe faria desviar o olhar sobre o funcionamento real dos processos sociais.

Do mesmo modo, e até com maior ênfase, Freyre procurou diferenciar o conhecimento sociológico da política e das ciências jurídicas. Este esforço de diferenciação é o mesmo que caracterizou os críticos da Primeira República. Afirma que, entre nós, os juristas e os políticos se atêm a soluções legais e doutrinárias, confundindo-as com as soluções sociológicas. Isso os faz ignorar - cegos por suas leis e ideologias unívocas - as diversidades e particularidades que brotam da vida social. Tal situação, prossegue o autor, causa perturbação séria para a atividade econômica e para o desenvolvimento da cultura brasileira regionalmente diversa. Favorece também insatisfação

de natureza psicológica entre sua gente, desde a mais esclarecida e capaz até a mais simples ou primitiva. (FREYRE, 1945:231)

Observemos que Freyre repõe a dicotomia entre o *Brasil real e o legal*: compreende, pois, que as leis e as doutrinas que inspiram os juristas e políticos brasileiros do período não são os móveis da vida real. (FREYRE, 1945:229)

Possivelmente, ao repor nos anos 40 esta discussão que animou os intelectuais e pensadores brasileiros na década de 20, Freyre parecia pretender - sob a atmosfera do fim da ditadura e da convocação para uma nova constituinte - chamar a atenção para o fato de que era necessária a celebração de um novo pacto entre a esfera social e a esfera jurídico-política. Rigorosamente, ele recolocava, inspirado pelo debate acerca do novo formato do Estado brasileiro, a questão que já reivindicava desde o fim dos anos 20: queria ver reconhecida a diversidade e as particularidades regionais por meio do conhecimento sociológico.

Nesse sentido, Freyre recomendava o urgente desembaraço das funções sociológica, jurídica e política. Tal desembaraço teria repercussão na vida prática, pois possibilitaria que a sociologia, por meio de suas investigações, pudesse orientar a prática política e jurídica. O grande papel da sociologia, nesse caso, deveria fazer reconhecer que o direito e a política estão ligados à experiência da vida social. Ou seja, Freyre acreditava na sociologia como um instrumento precioso para substituir a abstração jurídica por uma orientação mais ligada ao funcionamento da sociedade.

Freyre então sugere que o estudo das instituições sociais e jurídicas e do Estado seja também objeto de atenção do sociólogo numa sociologia dedicada a investigar as regularidades das instituições, suas formas, funções e os processos típicos que lhe correspondem. (FREYRE, 1945:232)

Não obstante, embora Freyre defenda um ramo da sociologia dedicado a investigações desta natureza, veremos que esta sociologia especial - denominada *sociologia jurídica e política* - não teve lugar nem discussão sistemática no segundo tomo do livro. Como já observamos serão os seguintes os ramos da nova ciência de que se ocupa o autor: *sociologia biológica*, *sociologia psicológica*, *sociologia regional*, *sociologia histórica* e *sociologia da cultura*. Notemos não apenas a ausência de *sociologia jurídica e política*, como também a ausência de uma *sociologia econômica*.

Esta divisão temática proposta no segundo volume está fundamentada na noção de socialização que ele nos apresentou nas páginas iniciais de *Sociologia*. Lembremos que, para ele, os fatores fundamentais que compõem o processo de socialização são as disposições biológicas,

psicológicas, regionais ou ecológicas, históricas e culturais. Não esqueçamos que o processo de socialização por ele compreendido, diz respeito à síntese destes fatores sob o convívio social.

Nesse sentido, embora Freyre reconheça que as esferas política e econômica sejam dimensões importantes, ambas parecem ser, no seu entendimento, subordinadas às disposições fundamentais aludidas. Como veremos adiante, Freyre chega a compreender os jogos políticos e partidários à luz dos processos psico-sociais e até mesmo a partir de processos ecológicos.

Essa idéia de 'subordinação' fica mais clara quando Freyre nos apresenta, ao final do primeiro tomo, a relação entre economia e sociologia (melhor dizendo, a relação entre fenômenos econômicos e a sociedade). Para ele, os fatos econômicos são também sociológicos, ou seja, variam de acordo com as condições particulares de cada sociedade e, não raro, estão submetidos ao governo de processos psico-sociais ou eco-sociológicos como teremos ainda a oportunidade de destacar. (FREYRE, 1945:217)

A ciência econômica não é, para ele, uma ciência determinista regida por leis universais unívocas. Notemos que Freyre, nesta sua explanação, procurou, sobretudo, se contrapor ao pensamento marxista, especialmente suas derivações mais economicistas que repercutiam na ciência sociológica.

A rigor, pode-se afirmar que o livro *Sociologia* refere-se à demarcação de uma perspectiva sociológica singular que, conforme veremos a seguir, concentra suas ferramentas explicativas nos fatores psicológicos, ecológicos, históricos e culturais. Freyre recusa, pois, a perspectiva econômica. Nas páginas deste livro, Freyre toma uma posição diante do campo de forças teórico que então estava se constituindo.

A propósito, convém notar que antes de encerrar o primeiro tomo da obra, Freyre dedicou-se a fazer críticas a alguns pensadores católicos brasileiros que se dedicavam ao campo da sociologia.

Esta crítica aparece de modo contundente num tópico no qual o autor realiza uma breve discussão acerca dos limites entre sociologia e religião. Neste tópico, afirma que o fenômeno religioso é também objeto do interesse sociológico. Entretanto faz duas pequenas observações: a primeira é a de que a investigação sociológica da religião não acarreta a negação da validade da experiência religiosa. A segunda é de que ele considera importante afirmar que os conteúdos religiosos só podem ser conciliados aos conteúdos científicos na esfera da filosofia social. Pois é aqui que Freyre critica o ponto de vista católico que, fundamentado nas perspectivas bergsoniana e neotomista, buscava, no domínio da sociologia, expor argumentação mística e teológica. (FREYRE,

1945:249) Ao condenar este tipo de perspectiva, Freyre parecia condenar, sobretudo, a atuação de nossos intelectuais católicos da época que, a exemplo de Alceu Amoroso Lima, dedicaram-se a escrever compêndios de sociologia.

Pois parece que, para Freyre, a tarefa de instituir um campo próprio para a sociologia implicava, sobretudo, numa luta contra os diletantes, legalistas, deterministas e místicos.

III. Sociologia e psicologia e *sociologia psicológica*

Freyre enumera, nas páginas de *Sociologia*, algumas das formas possíveis de processos sociais, compreendidos como *processos de interação social*. (FREYRE, 1945:358) Desse modo, ele tornou reconhecível uma parte substantiva da 'ossatura conceitual' de seu pensamento. Permitiu compreender sob qual perspectiva interpreta a natureza das relações sociais.

Com efeito, Freyre afirma que processos de interação social são, ao mesmo tempo, de interação psíquica. Recomenda assim, uma prática de investigação sociológica, hoje denominada micro-sociologia que é dedicada ao exame dos processos de interação sócio-psíquica entre membros de uma determinada sociedade.

Uma das *sociologias especiais* apresentadas por Freyre no segundo tomo do livro é exatamente a *sociologia psicológica*, um ramo particular de conhecimento voltado para este tipo de abordagem. Esta especialidade, na perspectiva do autor, dedica-se a enfrentar algumas das questões cruciais para o conhecimento sociológico. Tais questões dizem respeito ao confronto entre a unidade psíquica do homem e a diversidade social. (FREYRE, 1945:332)

Freyre comenta acerca da necessidade do sociólogo, neste ramo específico, descobrir as fontes emocionais e intelectuais da sociedade ou do grupo que estuda, através de uma sociologia fundamentalmente psicológica, isto é, especializada no estudo de formas sociais e de cultura identificadas com predominâncias psíquicas de temperamento ou comportamento. Cita, nesse sentido, a classificação de Benedict acerca da diferenciação entre povos apolíneos e dionisíacos. (FREYRE, 1945:373)

O autor compreende, pois, que há uma base psíquica invariável sobre a qual se erguem diversas experiências sociais. Esta base psíquica comum é reconhecível, segundo o autor, no impulso religioso e artístico, no ímpeto para organização social, na necessidade de ter o comportamento convencionalizado e aprovado por um grupo. (FREYRE, 1945:337) Estes são,

segundo Freyre, impulsos e necessidades psíquicas invariáveis que acometem homens de todos os tempos e lugares.

Por sua proximidade com a psicologia (compreendida mais como ciência natural do que social, na perspectiva de Freyre), a sociologia psicológica se apóia nestas uniformidades de comportamento do ser humano e acaba por aproveitar dos desenvolvimentos da fisiologia, da neurologia, da psiquiatria para compreender melhor os meios pelos quais se realiza o processo social.

Nesse sentido, certos processos sociais de natureza psíquica têm, para Freyre, validade universal: distinguem-se pela sua constância e universalidade: seus efeitos se repetem ou tendem a se repetir, independente de espaço ou de tempo. Segundo Freyre, a psicologia serve para apoiar cientificamente a sociologia, pois é uma ciência natural e generalizadora, com possibilidade de desenvolver leis de validade universal sobre aspectos do comportamento do indivíduo. (FREYRE, 1945: 189)

Não obstante, as formas de manifestação dos processos sociais universais são particulares em cada tipo de sociedade. As sociedades podem, pois, acentuar, incentivar ou atenuar certos tipos de processos de interação. Isso porque Freyre compreende que até mesmo os impulsos universais (inatos, portanto) sofrem alterações e modificações pela sociedade, embora nunca sejam eliminados. (FREYRE, 1945:340)

De acordo com Freyre, no ser humano, as tendências inatas exigem um longo tempo de dependência e aprendizagem social, diferentemente dos animais. Nesta fase (que é também a fase de socialização), algumas tendências instintivas são desenvolvidas e outras reprimidas de acordo com a cultura dominante. (FREYRE, 1945:334)

Nesse sentido, Freyre não deixa de compreender que a solução para os impulsos inatos e a combinação singular de processos universais varia de uma cultura para outra. (FREYRE, 1945:334) Conhecer as uniformidades do comportamento psico-social, suas variações e combinações possíveis nas diferentes culturas é a tarefa da *sociologia psicológica*.

Para este propósito trata-se, pois, de reconhecer, em primeiro lugar, os 'tipos' de processos psico-sociais. Freyre afirma, com efeito, que há dois processos sociais básicos, quais sejam, o processo de *contato social* e o processo de *comunicação social*. Contato e comunicação dizem respeito afinal, às possibilidades de *interação social*.

Para Freyre, os processos referidos não operam senão socialmente, por meio do contato, da comunicação verbal ou gestual entre os homens. Tem sua origem e seu resultado num meio onde pessoas e grupos sociais estão constantemente interagindo através de símbolos socialmente convencionalizados.

Citaremos abaixo cada um dos processos sociais especiais (derivados do processo de interação) elencados por Freyre. Observamos, pois, que nesta passagem do livro Freyre faz uma notável síntese de autores, sobretudo autores norte-americanos que se dedicaram especialmente a destacar os tipos de processo social, a exemplo de Giddings, Park, Burgess, Ross, Hayes entre outros. Notaremos mais uma vez a presença de Simmel nesta síntese que, ainda que tenha sido indireta (por meio da influência exercida pelo autor alemão entre os norte-americanos) é notável.

Vale ainda ressaltar que Freyre compreende que nenhum dos processos se manifesta de maneira pura: *a verdade é que raramente um processo social se apresenta puro e simples aos olhos do sociólogo que o estude ao vivo e não academicamente.* (FREYRE, 1945: 362) Ainda que sejam universais, as formas de combinação entre os processos, suas manifestações peculiares em cada meio particular, tal como se apresentam no fluxo contínuo da vida social, é que deverá ser analisada pelo sociólogo.

A. Cooperação

Para o autor, o processo de cooperação é um dos mais importantes, pois até mesmo os processos de exploração e domínio exigem antes um processo de cooperação.

Com auxílio de um autor (a quem Freyre se refere como prof. Hiller), afirma que a própria exploração requer a cooperação tácita da vítima, cuja dependência é necessária à continuação de tal relação. (FREYRE, 1945:362)

B. Competição

É o oposto da cooperação. Freyre compreende que, não raro, cooperação e competição se manifestam simultaneamente e desta inter-relação depende o equilíbrio da sociedade. Vejamos seu argumento:

Para alguns sociólogos o processo de conflito ou competição é sempre o dominante: teoria que não é confirmada pelo estudo de todos os grupos sociais e de todas as formas de convivência em que se exprima o homem social havendo evidentemente no ser humano tendência não instintiva para a cooperação como para a competição. A tendência para a cooperação, sob certas circunstâncias ou situações sociais, pode tornar-se a dominante em grupos e comunidades: é o que se verifica, segundo as observações da professora Margaret Mead, entre os iroqueses, Samoanos... (FREYRE, 1945:360)

A propósito da manifestação conjunta dos processos de cooperação-competição, Freyre comenta acerca de um processo que denomina de *cooperação competidora* (termo cunhado por Hiller). Este processo, afirma Freyre, diz respeito àquelas situações sociais muito freqüentes que exigem a cooperação de elementos que competem entre si. Como exemplo, a cooperação entre a Rússia soviética e a Alemanha nazista durante a Segunda Grande Guerra: mesmo inimigas, em condições peculiares, decidiram por uma aliança mútua. (FREYRE, 1945:363)

Nessa passagem de Freyre, impossível mais uma vez não lembrar de Simmel, especialmente suas constatações acerca da 'luta' e da 'competição'. Para o sociólogo alemão, as divergências entre grupos da sociedade, com freqüência, produzem também convergência social. Nesse sentido, no entender de Simmel, como também no de Freyre, as oposições e lutas são dotadas de positividade sociológica na medida em que simultaneamente resultam em integração social. (SIMMEL, 1986: 266)

A sua tese sobre o patriarcado contém o pressuposto de que a relação entre senhor e escravo no Brasil, ainda que não desprovida de domínio e violência, gerou uma síntese que se constituiu como o principal elemento sociológico da unidade da formação brasileira. (FREYRE, 2002:6)

C. Acomodação ou adaptação

É, também, um dos processos mais importantes da vida social, segundo o autor. Acomodação compreende a interação na qual pessoas ou grupos conscientemente alteram-se, contemporizam ou transigem no sentido de conseguir as vantagens da convivência. (FREYRE, 1945:366)

Segundo o autor, mesmo entre subordinado e dominador há interação no sentido da acomodação: o senhor absoluto é influenciado pelo escravo, ainda que esta influência e o exercício

dela sejam involuntários. Daí se poder dizer que as relações entre senhor e escravo são expressões do processo de acomodação. (FREYRE, 1945:370)

D. Subordinação

Para Freyre, a subordinação é uma forma de acomodação, onde o grupo dominado não apenas transige e contemporiza com outro, mas ainda se deixa dominar e dirigir pelo mesmo. Reparemos que novamente aqui ele dilui o processo de conflito.

Certamente a leitura, ainda que indireta de Simmel, foi decisiva para que Freyre assim entendesse o processo de subordinação. Lembremos que em seu famoso compêndio '*Sociologia: estudos sobre as formas de socialização*' (publicado em 1907), o sociólogo alemão nos lembrava que mesmo nas relações de submissão mais opressoras e cruéis subsiste a colaboração socializadora: ... *por trás da aparente superioridade total de um dos elementos e da obediência passiva do outro, esconde-se uma ação recíproca.* (SIMMEL, 1986: 151)

Com efeito, o problema da subordinação se transformou num dos mais cruciais problemas sociológicos, pois diz respeito aos modos de introjeção do pacto social nas consciências humanas. Especialmente no pensamento alemão, esse problema teve ressonância significativa na época em que se procurava os fundamentos para a constituição da nação alemã ao mesmo tempo em que se assistia ao declínio das formas tradicionais de autoridade. Basta lembrar dos escritos de Nietzsche que, entre outras preocupações, revelava interesse acerca do modo como súditos passam ser portadores de sua própria subjugação.

Igualmente, no entender de Freyre, subordinação e acomodação se manifestam numa mesma relação:

Disfarçada a subordinação do processo geral de interação como processo especial à parte do de acomodação – com o qual realmente se assemelha sob mais de um aspecto – seu característico é ser mais que a acomodação um processo em que a pessoa ou o grupo convive com outro, não só transige e contemporiza como o outro, mas se deixa dominar ou dirigir pelo mesmo. A mulher, sob formas extremas de patriarcado é antes uma subordinada que uma acomodada ao regime absoluto de domínio masculino e de jugo monossexual. O mesmo pode dizer-se do escravo, sob formas extremas de escravidão, em que sua condição é, não só legal ou tecnicamente como quase efetivamente antes de coisa que a de pessoa; antes a de massa que a de grupo humano. Entretanto, mesmo entre subordinado e dominador há interação: o senhor absoluto é influenciado

pelo escravo mais sem vontade própria. Daí poderem as relações entre eles ser consideradas expressão do processo de acomodação. (FREYRE, 1945: 370)

O desafio do sociólogo que está contido nesta formulação é a compreensão das formas de reciprocidade que estão contidas na relação de subordinação. Foi, pois, isso que, em certo sentido, Freyre procurou fazer ao examinar a relação entre senhor e escravo no Brasil colonial, onde se encontram as bases para o equilíbrio e a reprodução da estrutura social.

Quanto à possibilidade de afirmar que certos seres humanos ou certas 'raças' têm maior ou menor propensão à subordinação, Freyre afirma ser difícil distinguir o que é nato do que é adquirido socialmente. Não obstante, ao discutir a condição subordinada do negro no Brasil afirma ser menos resultado de certas predisposições psíquicas, do que de ação continuada da sociedade dominante e suas instituições:

Sua adaptação mais fácil à condição de escravo parece-nos ser resultado não de predisposições bio-psíquicas que os caracterizassem rigidamente como 'raça', a 'raça inferior', nascida para servir', nem mesmo a 'raça-mulher' como se tem dito deles e também dos russos, mas de uma experiência cultural mais rica e adiantada que a do ameríndio ainda nômade (...) Parece que a situação social continuada de escravo é que fixou neles os hábitos de subordinação e o próprio masoquismo que de transmitiram a grande parte da massa brasileira, com resultados políticos que não precisamos de acentuar aqui. (FREYRE, 1945:345)

Lembremos que, para Freyre, impulsos natos e culturais, no caso do homem, se imiscuem ao longo do processo de socialização humano. Notemos nesta citação que Freyre compreende que as características psíquicas adquiridas socialmente podem ser transmitidas às outras gerações. Ele afirma, pois, que a situação social continuada de escravo acaba por *fixar* nos negros hábitos de subordinação.

E. Coação ou dominação

É o oposto ao processo de subordinação. Trata-se, segundo Freyre, de um processo no qual é imposto ao fraco um regime de convivência em que sua vida segue passivamente imposições do grupo ou da pessoa dominante.

F. Assimilação

Freyre cita Park e Burgess como importantes teorizadores deste processo. É o processo social, segundo Freyre, parecido com o processo de acomodação. Entretanto, a assimilação é inconsciente. Refere-se a um efeito importante do processo de interação no qual um grupo é 'absorvido' por outro grupo.

Não se trata de conformar-se a pessoa ou grupo, com as memórias, os sentimentos e as atitudes dominantes, mas de ser absorvidos por eles tornando-se íntimo participante não só de estilos como de motivos de vida novos para o adventício, o aderente ou o convertido. Pois a assimilação quase sempre subentende imigração, adesão, conversão. O europeu que se americaniza nos seus motivos de vida e não apenas nas exterioridades a ponto de confundir-se com os americanos natos na personalidade que adquire; o protestante que se converte à Igreja Católica de Roma, a ponto de tornar-se uma das expressões da ortodoxia católico-romana como Manning na Inglaterra; o liberal que, em política, lentamente adere aos conservadores – até tornar-se um deles – são casos de assimilação. (FREYRE, 1945: 368)

Para Freyre, a assimilação compreende uma relação de absorção de uma cultura dominante por um grupo não dominante. Tal idéia, em certo sentido, é reveladora de uma concepção hierárquica das culturas que, conseqüentemente, ainda que de modo inconsciente, direciona os resultados da interação cultural. A cultura dominante 'equaliza' as outras, suavizando diferenças e conflitos. Mas mais do que isto (como destaca Freyre nos exemplos citados), por meio do processo de assimilação, produz-se 'assimilados' capazes de fazer repercutir com ênfase ainda maior os valores da cultura dominante. Certamente, como já pudemos verificar em capítulos anteriores, era assim que Freyre compreendia a cultura portuguesa no período colonial brasileiro.

Esta passagem nos permite também compreender a ossatura conceitual que possibilitou Freyre compreender o 'mulato' (sobretudo tal como exposto em *Sobrados e Mucambos*), como um

‘assimilado’ que se constitui, por vezes, em agente fundamental de reprodução da cultura dominante. Daí a sua atração pelas insígnias de autoridade e mando do Exército. (FREYRE, 2002d: 1227)

G. Imitação

Um dos processos mais ligados à vida social e de cultura do ser humano que, em grande parte, se socializa e se culturaliza, *imitando os atos e repetindo os símbolos* no entender de Freyre. Neste tópico Freyre faz uso das idéias de Gabriel Tarde acerca da noção de imitação. (FREYRE, 1945:364)

H. Diferenciação

Trata-se de um processo no qual se produz a excentricidade de pessoas ou subgrupos em relação aos padrões sociais dominantes. Quando a diferenciação é excessiva ela pode gerar dissociação, desorganização ou desintegração. No entanto, em geral, afirma Freyre, as diferenças são equilibradas ora pelo processo de subordinação, ora pelo de acomodação. (FREYRE, 1945:364)

Nesta discussão acerca dos processos de diferenciação, Freyre escreve um importante trecho no qual ele reflete sobre a unidade nacional brasileira à luz da formulação de Lumley. Tal autor, segundo Freyre, faz uma metáfora entre a vida em comunidade e uma orquestra: em ambas as diferenças resultam numa unidade interessante e harmoniosa.

Pode talvez dizer-se da comunidade brasileira considerada em conjunto, que é das que mais se ajustam à idéia das comunidades-orquestras, do professor Lumley, pela relativa harmonização de diferenças em sua cultura e em sua vida: diferenças desenvolvidas em suas várias regiões, quer naturais, quer culturais, por uma colonização de que vêm participando elementos diversos: portugueses, espanhóis, italianos, franceses, holandeses, alemães, ameríndios, negros, etc. descendentes de senhores, de escravos, de civilizados, de primitivos, de fidalgos, de artesãos, de capelães protestantes, maometanos, judeus, ‘fetichistas’. É que ao lado do processo social de diferenciação, por algum tempo contido em seus excessos pelo de subordinação de não-católicos ao católico, de não-portugueses ao português, de mulheres a homens, vem principalmente atuando na formação social brasileira o processo de acomodação. Aliás, para alguns sociólogos não

existe, como já vimos, processo de subordinação autônomo; a subordinação seria uma forma de acomodação. (FREYRE, 1945:366)

Freyre prossegue a sua argumentação afirmando que aqueles que não se acomodaram como senhores ou escravos no Brasil colonial diferenciaram-se em tipos extremos de 'caboclos', de 'gaúchos', de 'quilombolas' e 'sertanejos', "*cuja extrema diferenciação dissociativa viria a perturbar mais de uma vez os processos de interação associativa, ou de integração de comunidade. Sirvam de exemplo as 'tapuiadas', as 'balaiadas', os excessos separatistas do movimento chamado 'farroupilha'...*" (FREYRE, 1945:367)

Segundo a perspectiva de Freyre, conflitos políticos são compreendidos à luz de mecanismos de acomodação-diferenciação. É notável nesse sentido, destacar mais uma vez o modo como Freyre subordina os fatos políticos e econômicos aos processos sócio-psíquicos acima aludidos. Essa passagem é valiosa para demonstrar essa especificidade do pensamento de Freyre:

Aqui nos parece oportuno chamar a atenção do iniciando em estudos de Sociologia para duas expressões correntes nos mesmos estudos: 'processo econômico' e 'processo político'. A inflação, por exemplo, é freqüentemente apresentada como 'processo econômico'; o golpe de estado, como 'processo político'. Uma e outra são, ao nosso ver, expressões do processo ou de processos sociais. A inflação, decorrendo de aumento da produção ou dos preços, é consequência nítida da ação, do processo social de competição na esfera econômica, em particular e na vida social, em geral. O mesmo pode dizer-se do golpe de estado na esfera política, em particular, e na vida social, em geral. O fato de um processo social manifestar-se nessa ou naquela esfera não nos autoriza a adjetivá-lo segundo a esfera principal ou ostensiva de sua manifestação. Sendo este o nosso critério de processo social, repelimos também a expressão 'processo de conflito' para designar as manifestações de processo de competição na esfera política. (FREYRE, 1945: 363)

Esta citação acaba por confirmar a nossa hipótese, apresentada anteriormente, acerca do modo como o autor compreende as esferas econômicas e política da sociedade. Rigorosamente, economia e política são domínios regidos por processos psico-sociais. No limite, poderíamos afirmar que não há, para Freyre, fenômenos intrinsecamente políticos ou intrinsecamente econômicos. Há, tão simplesmente, os processos sociais aludidos que se manifestam nesta ou naquela esfera da vida. São, pois, tais processos que governam a vida social em todos os seus domínios.

Os conflitos políticos nacionais são, sob esta ótica, vistos como originários da incapacidade (não apenas naturalmente psíquica, mas também socialmente provocada) de adaptação e de acomodação de certos grupos sociais.

Observemos que há uma prevalência dos fatos de unidade e de harmonia no sistema conceitual proposto por Freyre: conflito e competição exigem antes cooperação; subordinação requer acomodação; e por fim, a diferenciação cede lugar ao processo paulatino de subordinação. Esta sua concepção acerca dos processos sociais foi rica em conseqüências para o tipo de interpretação da sociedade brasileira que ele elaborou.

IV. A noção de “*raça*”: sociologia e biologia; *sociologia biológica*

Observamos, já no primeiro olhar, que, nas páginas de *Sociologia*, a palavra *raça* aparece sempre grafada entre aspas. Com efeito, ao lermos com redobrada atenção certos trechos do livro, notamos que há uma formulação singular da noção de *raça* que parece explicar as aspas e todo o cuidado com o termo que elas simbolizam.

Rigorosamente, isso que estamos aqui chamando de ‘noção de *raça*’ se subordina a uma noção, também particular, acerca do ser humano. Como pudemos observar em passagens anteriores, para Freyre, o ser humano é, a um só tempo, produto de sua situação psíquica, biológica, ecológica, cultural e histórica.

A partir desta noção de *humano*, ele parece compreender que sexo e *raça* se referem a uma condição que não é puramente biológica, mas é *bio-social*. Ou seja, a situação biológica é, para ele, também uma situação social já que resulta de uma síntese da qual participa ativamente o processo de interação entre os homens. (FREYRE, 1945:320)

Estas breves colocações sugerem que, para Freyre, heranças biológicas, psíquicas aliadas a fatores geográficos, históricos e culturais constituem uma espécie de amálgama inseparável, com que se forma e define o ser humano. Para Freyre, as determinações e os condicionamentos entre estes fatores são recíprocos. Ou seja, para ele, é igualmente válido afirmar que heranças biológicas e geográficas condicionam a organização social e que traços genéticos e configurações espaciais são, também, produto de processos sociais. Consultemos novamente suas palavras:

... o indivíduo biológico subsiste na pessoa social, condicionando-lhe através do sexo, da raça, da constituição, do temperamento, a socialização, a personalização, o 'status', as situações sociais. (FREYRE, 1945:188)

... o meio, os processos sociais são capazes de afetar indiretamente os determinantes biológicos nos diferentes indivíduos que o compõem, por meio de seleção ou direção social. (FREYRE, 1945:187)

Freyre evita assim qualquer perspectiva determinista. Para ele, não tem validade explicativa nem o determinismo biológico, nem o geográfico e tampouco o sociológico (muito embora este último lhe pareça mais razoável). Não obstante, aceita a possibilidade de existirem diferenças no comportamento social entre as diferentes 'raças':

(...) Tudo parece indicar, contra o determinismo cultural absoluto, que postos sobre a mesma oportunidade de ambiente e de cultura, grupos de 'raças' diversas desenvolveriam culturas diferentes, de acordo com diferenças de temperamentos e, possivelmente mentais. (FREYRE, 1945:306)

Nesse sentido, afirma que a sociologia deve se manter em íntimo contato com a biotipologia e com a biopsicologia. Deve, segundo o autor, investigar conjuntamente a possível relação entre tipos e subtipos biologicamente definidos e suas diferentes aptidões sociais. (FREYRE, 1945:321)

Mas embora admita diferenças mentais entre as 'raças', Freyre se opõe ao argumento de que os brancos têm maior número de indivíduos de gênio ou superiores. Diz, pois, que entre os negros e as classes pobres é mais difícil que se realize um gênio por falta de estímulos e facilidades sociais, muito embora haja casos em que a superioridade enérgica (geneticamente explicável) de indivíduos socialmente desfavorecidos faça-os ultrapassar todas as dificuldades. (FREYRE, 1945: 308)

Com efeito, nota-se que Freyre não recusa os condicionantes biológicos, mas também não esquece da importância dos fatores sociais. Ele supõe, pois, uma influência recíproca entre todos eles. E é possível que ele tenha uma compreensão peculiar acerca da ação social sobre caracteres bio-psíquicos e sua posterior transmissão.

Aliás, não podemos esquecer, que é a idéia de mútua influência entre os fatores biológicos, ecológicos, culturais e históricos que fundamenta a proposta de Freyre acerca dos ramos das *sociologias especiais*. As *sociologias biológica, psicológica, regional, cultural e histórica* tratam, pois, de investigar a relação entre os fatores genéticos, psíquicos, geográficos, culturais e históricos e a

vida social do homem. Estudam as correlações entre o comportamento social humano, o meio ambiente, o espaço, a constituição da 'raça', da família e do sexo entre outros temas.

Dito isto, é possível então compreender os fundamentos da noção de raça em Freyre. *Raça*, para ele, não compreende apenas a condição biológica, mas também psíquica, ecológica, histórica e cultural. Nesta perspectiva, o conceito de raça assume uma conotação dinâmica, muito mais relacionada à situação social, do que a fatores genéticos inalteráveis.

.... não nos esqueçamos de que o choque entre as influências de herança e de vida social que tornam dinâmico e de modo nenhum estático o conceito de 'raça', parecem colocar o indivíduo étnico em situação de adjetivo com relação à realidade básica para o sociólogo, que é a personalidade humana, formada por uma constelação de situações pura ou predominantemente sociais. (FREYRE, 1945:320)

Para Freyre então, um grupo racial não se explica estaticamente pela sua herança biológica já que estas são também condicionadas por situações sociais bastante dinâmicas. As diferenças de comportamento social e mental entre as 'raças' seriam assim produtos de uma longa e complexa relação de condicionamentos recíprocos, diretos e indiretos, entre estes fatores.

Consciente da particularidade desta compreensão da noção de raça, Freyre chega mesmo a cogitar a possibilidade de substituir o termo raça por 'complexo racial'. (FREYRE, 1945:320)

Estas constatações nos fazem lembrar do comentário de Ricardo Benzaquen de Araújo acerca da imprecisão do uso do conceito de raça em *Casa Grande & Senzala*, obra mais conhecida de Gilberto Freyre. (ARAÚJO, 1994) Benzaquen, tentando desvendar o enigma do uso dos conceitos de raça e cultura em Freyre, lançou a hipótese de que o meio físico opera como uma espécie de fator mediador entre os dois conceitos:

Gilberto opera com o conceito de raça, mas transmite a curiosa sensação de que não quer se comprometer com o seu sentido mais usual, deixando-nos diante de um dilema ou, pelo menos, obrigando a questão a permanecer em aberto. Acredito, porém, que este pequeno enigma possa começar a ser elucidado se introduzirmos na discussão uma terceira categoria, o 'meio físico', cuja importância na costura das teses apresentadas em Casa-Grande & Senzala não pode nenhuma ser desprezada. (ARAÚJO, 1994:39)

Na verdade, em vez de ser percebida como um terceiro elemento isolado, que poderia unicamente somar aos anteriores, esta noção [de meio físico]

deve ser compreendida como uma espécie de 'intermediária' entre os conceitos de raça e de cultura, relativizando-os, modificando o seu sentido mais freqüente e tornando-os relativamente 'compatíveis' entre si. Isto só é possível porque Gilberto trabalha com uma definição fundamentalmente 'neolamarckiana' de raça, isto é, uma definição que, baseando-se na ilimitada aptidão dos seres humanos para se 'adaptar' às mais diferentes condições ambientais, enfatiza acima de tudo a sua capacidade de incorporar, transmitir e herdar as características adquiridas na sua – variada, discreta, localizada – interação com o meio físico, dando origem ao que William Thomas chamava de raças artificiais históricas... (ARAÚJO, 1994:39)

Em outras palavras, Araújo acredita que a determinação racial e cultural em Freyre é mediada pela noção da ação ambiental sobre o comportamento humano. Freyre partiria, segundo Araújo, do pressuposto fundamental da ilimitada aptidão dos seres humanos para se adaptar a condições particulares e cogitaria, inclusive, a possibilidade de transmissão dos caracteres adquiridos. Trabalharia, portanto, com uma noção neolamarckiana de raça.

Com efeito, em *Sociologia* Freyre refere-se positivamente à tese neolamarckista:

Lembremo-nos que hoje, em Biologia, se é certo que a maior parte dos biólogos concordam em que a evolução orgânica e a seleção natural sejam fatos, há, ao mesmo tempo, acordo quase universal, entre eles, quanto aos processos da primeira não serem explicados pela segunda. A seleção natural é considerada já por biólogos um tipo definido de particularismo biológico. Foram precipitados os que pretenderam filiar a seus processos fatos sociais e de cultura. Quase o mesmo parece aplicar-se ao dogma biológico da não transmissão de caracteres adquiridos. As evidências em sentido contrário à sua infalibilidade reunidas até hoje bastam para assegurar a desuniversalização, já pretendida por alguns, de lei tão arrogante; mas parecem ir adquirindo forças cada dia maiores para fazê-la voltar ao estado fluido de questão aberta no qual, lógica e filosoficamente, já se encontra. Forças que não tiveram as primeiras afoitezas do neolamarckismo. (Grifo meu) (FREYRE, 1945:189)

Freyre sugere aqui a reavaliação do *dogma Biológico da não transmissão dos caracteres adquiridos*. E ainda numa pequena nota, afirma que existem experiências favoráveis à perspectiva neolamarckista:

desejamos sugerir que o problema da transmissão de caracteres adquiridos está entre as questões abertas da Biologia Moderna, embora os anti-lamarckistas presumam ter feito desaparecer seus adversários. Em sociologia não podemos nos desinteressar do assunto, pois como diz o Professor Mac Dougall (...): "... an answer to the question: does Lamarckian

transmission occur? Is an imperatively needs by biology and by all social sciences. (FREYRE, 1945:257)

A leitura de *Sociologia* mostra que a hipótese de Benzaquen acerca do neolamarckismo de Freyre parece estar correta. História, cultura, ambiente físico e tendências psíquicas compreendem elementos dinâmicos no processo que Freyre denomina de 'composição da raça', mais tarde transmissíveis.

Mas as bases para o neolamarckismo de Freyre podem ser buscadas no próprio Boas. Lembremos que Boas publicou um estudo no qual concluiu que transformações físicas nos corpos dos imigrantes europeus ao longo do tempo em que viveram nos EUA foram transmitidas às gerações seguintes. Certamente Freyre conheceu os resultados desta pesquisa e os incorporou à sua síntese. Freyre citou pois, em *Sociologia*, este estudo de Boas e alguns outros:

Segundo essas pesquisas, observa-se nos ingleses dos fins do século XVIII aos nossos dias, um estreitamento progressivo da face e do palato (céu da boca), devido, talvez, a condições novas criadas pela Revolução Industrial na vida ou no ambiente de grande parte da população inglesa. O aumento da estatura nos filhos dos japoneses criados nos Estados Unidos, devido, supõe-se – à influência do leite, é indicado por outras pesquisas de interesse sócio biológico. E não precisamos recordar as célebres pesquisas de Boas sobre as alterações na forma do crânio nas crianças de origem européia nascidas e criadas nos Estados Unidos. (FREYRE, 1945: 313)

Deve-se também ter em conta que esta perspectiva neo-lamarckista, ainda que nos pareça estranha hoje, foi argumento muito importante para rechaçar as perspectivas racistas mais deterministas. Compreender um processo contínuo de 'composição da raça' a partir de uma síntese com o meio social e ambiental foi, numa determinada época, significativa para o combate das teses racistas. Ou seja, em certo sentido, o argumento da 'composição da raça' não deixou de ser, pois, um argumento anti-racial.

Esta compreensão de que há condicionamento recíproco entre os caracteres biológicos, sociais e ambientais permite que Freyre proponha um ramo de estudos sociológicos bastante curioso: a *sociologia biológica*. Nas palavras de Freyre, esta especialidade se voltaria a

... procurar estabelecer correlações entre o organismo ou sistema fisiológico e o comportamento social, dando o máximo de atenção ao organismo e ao

sistema fisiológico como base ou condição do comportamento social.
(FREYRE, 1945: 286)

Embora Freyre admita, neste trecho, que os fatores biológicos podem ser vistos como base ou condição do comportamento social, a *sociologia biológica* não significa, no seu entender, a submissão passiva da sociologia às concepções e métodos da biologia. Isso quer dizer que, neste ramo de especialização, não se supõe uma analogia entre sociedade e organismo. Tampouco se parte do pressuposto de que os comportamentos sociais podem ser compreendidos como pura expressão do legado biológico.

O pressuposto que fundamenta essa preocupação temática é o de que a 'situação biológica' é resultado também de uma 'situação histórica e cultural' particular. Freyre afirma, a propósito, que a *seleção natural* não é um fenômeno exclusivamente natural, na medida em que também é condicionada pela qualidade ou tipo de cultura ou civilização que se desenvolve em dado lugar ou tempo. A seleção biológica é, afinal, acompanhada e condicionada pela seleção social. (FREYRE, 1945: 296)

Nesse sentido, a pesquisa no domínio da *sociologia biológica*, ao admitir a ação recíproca dos fatores biológicos e sociais, contribui para a compreensão da relação entre hereditariedade e ambiente social em situações históricas, culturais e geográficas particulares. Trata-se, em resumo, de conhecer como condições sociais e condições biológicas se condicionam reciprocamente produzindo efeitos importantes na sociedade.

Os temas sugeridos por Freyre, que podem ser objeto de investigação da *sociologia biológica*, são os seguintes: análise das condições sociais na qual se produz a miscigenação racial, identificação de tipos étnicos e seu desempenho numa determinada sociedade, reconhecimento da origem racial das elites políticas e dos gênios de determinada sociedade, compreensão dos fatores sociais que causam mudanças nas taxas de natalidade e mortalidade na sociedade moderna, entre outros.

Observamos que os temas propostos para análise na especialidade da *sociologia biológica*, a um só tempo encobrem e revelam a aceitação do legado biológico como fator determinante do comportamento social. Esta ambigüidade de Freyre, freqüentemente apontada por diversos estudiosos da sua obra (BASTOS, 1997:221) (MEDEIROS, 1984: 25,36) (LIMA, 1989: 207 e 201) é fundamentada na noção de que há, com efeito, uma ação recíproca entre os fatores sociais e

biológicos. Nesse sentido, ora ele aciona os argumentos do condicionamento social sobre a raça, ora o contrário.

Aliás, é importante chamar a atenção para um recente trabalho sobre Gilberto Freyre no qual a autora demonstra, com muita propriedade, que a trajetória intelectual do jovem pernambucano foi tortuosa e penosa antes que chegasse à noção de positividade da mestiçagem contida em *Casa-Grande & Senzala*. Frequentemente o paradigma racista norteava as observações de Freyre em suas resenhas e artigos jornalísticos publicados na década de 20. É, pois, a partir de 30 que ele forjará uma identidade intelectual ligada, sobretudo, ao culturalismo de Boas. (PALLARES-BURKE, 2005: 321)

Com efeito, a leitura do livro *Sociologia* nos permite compreender que esta ambigüidade de Freyre em relação às teorias racistas será mantida e incorporada ao seu sistema sociológico, justificando a proximidade entre a biologia e a sociologia e, mais do que isto, dando origem à proposição de uma área de pesquisa denominada *sociologia biológica*.

V. Sociologia regional; processos sócio-ecológicos

Uma das preocupações de Gilberto Freyre, em seu compêndio *Sociologia*, foi fundamentar uma especialidade da ciência sociológica dedicada ao estudo das correlações entre as organizações sociais e o ambiente no qual se desenvolvem. Trata-se da *ecologia humana* ou *sociologia regional* (os dois termos são usados como sinônimos no livro). Os objetivos fundamentais deste ramo de conhecimento são, nas palavras de Freyre, os seguintes:

estudo de processos e formas de vida regional em conjunto, de interação favorável ou desfavorável à vida social humana em dada região, de distribuição, de situação e de movimento de população no espaço físico-social ou principalmente sócio-cultural ou só sócio-cultural. (FREYRE, 1945:430)

Os problemas sociológicos a que se dedica esta especialidade não dizem respeito à substância econômica ou geográfica no sentido estrito do termo, mas aos processos sociais que se desenvolvem em determinada situação física (situação física aqui compreendida como conjunto de condições do solo, de vegetação e de vida animal). Trata-se, em síntese, do estudo do 'complexo

ecológico' que compreende a inter-relação de homens, plantas, animais sob determinadas condições climáticas, históricas, culturais. (FREYRE 1957: 427)

Entretanto, embora, na perspectiva de Freyre, a *sociologia regional* não se ocupe da descrição e da investigação acerca da hidrografia ou dos recursos minerais de uma determinada área, ela necessita do auxílio das disciplinas ligadas à geografia e à economia. Segundo o autor, com efeito, os conhecimentos econômicos e geográficos são não apenas imprescindíveis, mas inevitáveis neste ramo da sociologia que se dedica à análise da relação entre os homens e o ambiente.

Freyre reconhece, pois, o caráter condicionante dos fatores ecológicos sobre o comportamento social. Algumas sugestões nesse sentido estão contidas em vários exemplos citados ao longo do livro. Num deles, Freyre se refere aos 'tipos sociais' como produto de um equilíbrio ecológico. É interessante porque essa passagem do texto corrobora a hipótese de Araújo que agora a pouco lembramos sobre os efeitos do meio ambiente na 'composição da raça'. Observemos esta citação:

Brevelíneos e longelíneos são, como bem sabemos, antes expressões biológicas que realidades sociológicas; mas como ignorá-las o sociólogo para quem a 'pessoa social' é o indivíduo biológico com 'status' e a conquista desse 'status' o resultado de um processo que por ser social e cultural não deixa de ter sido ou de continuar sendo condicionado pelas relações do indivíduo com a bioquímica regional e com o solo? Relações de competição ou de cooperação com o mesmo solo, com a vegetação, com a maior ou menor presença de água na região, com tipos de terra favoráveis ou antagônicos aos tipos de povoadores, com formas de vida animal perturbadoras ou auxiliares das atividades de cada 'socius' e da sociedade regional em conjunto, da sua maior ou menor permanência no tempo, de sua maior ou menor mobilidade no espaço. Pois a tanto nos parece estender-se o domínio da Sociologia ecológica no seu interesse pelos fatos e problemas sociais de posição sobre o comportamento humano e sobre as instituições sociais. Que haja confusão de análise sociológica com a biológica ou com a investigação geográfica em volta de problemas tão complexos. Paciência. Tais confusões são inevitáveis. (FREYRE, 1945:450)

Com efeito, nesta passagem, Freyre está observando (exatamente de acordo com a hipótese de Araújo), que o 'processo eco-social de constituição psíquica do homem' contém, condicionantes ambientais. Neste sentido, 'tipos sociais', como 'tipos psíquicos' são resultados

também desta relação com o que ele denomina de 'bioquímica regional', ou seja, a relação humana com o solo, a vegetação, a água, os animais, os alimentos.

Num outro exemplo, Freyre procura demonstrar que a economia é também determinada por condições ambientais. Com auxílio dos argumentos do autor indiano Mukerjee, Freyre relaciona formas de organização da vida social com menor ou maior escassez de alimentos. Comenta que no Japão, onde a escassez de água exige formas coletivas de irrigação, acaba por estimular, formas comunitárias de economia. (FREYRE, 1945:471) Tal organização, afirma Freyre, difere do individualismo dos plantadores de trigo em regiões de água abundante.

Do mesmo modo, numa outra passagem, Freyre relaciona formas de propriedade às condições físicas do meio. Observemos as suas palavras:

A forma de propriedade (...) é quase sempre um 'produto' natural derivado das condições do meio geológico e climático, da sua aptidão cultural, do seu aproveitamento pelo trabalho humano ou pelo esforço da máquina. (...) assim seriam geralmente as condições naturais de produção que explicariam o fenômeno da grande propriedade. (FREYRE, 1945: 476)

Muito embora Freyre admita, algumas linhas depois, que os fatores naturais seriam suscetíveis de alteração pelo homem no sentido de favorecer a pequena ou a grande propriedade, é inevitável observar uma espécie de determinismo ecológico. Trata-se, pois, de uma tensão constante em sua obra.

Com a mesma perspectiva que admite o condicionamento geográfico sobre a organização social, Freyre analisa o Brasil. Observa que a diversidade social corresponde, de algum modo, à diversidade geográfica do país. Afirma que as formas de vida e de organização individualistas dos monocultores de cana em terras de massapé, contrastam com as formas de vida coletiva dos agricultores em regiões menos abundantes. (FREYRE, 1945:472)

Freyre, com efeito, compreende que as relações com o espaço têm importância capital para o estudo da sociedade e da natureza humana. Segundo seu ponto de vista, é um problema sociológico de primeira grandeza a compreensão das formas de adaptação do homem ao meio físico. Do mesmo modo que é importante o conhecimento dos efeitos do meio físico sobre o comportamento social de determinado grupo.

Porém, embora admita este condicionamento, Freyre afirma não ser possível aplicar os conceitos da ecologia vegetal e animal aos estudos da ecologia social. Conforme vimos em outro momento, para Freyre, o homem é um ser biológico, porém alongado em ser social. Nesse sentido,

os processos simbióticos na comunidade humana se manifestam de modo diverso. Isso faz com que a sociologia não possa se constituir como uma ciência natural tão simplesmente. (FREYRE, 1945: 442)

Para ele, a totalidade regional não é apenas geográfica, mas também política, econômica, antropológica e sociológica. As regiões, segundo Freyre, devem ser portanto definidas por outros critérios que não apenas pelos fatores naturais que a circunscrevem. Nesse sentido, a definição de região exige um conjunto de métodos gerais: o geográfico, o antropológico, o histórico, o político. (FREYRE, 1945:431)

A reflexão sistemática sobre a relação entre o homem e o meio físico e as definições básicas da sociologia regional ou ecologia social foram, segundo Freyre, inauguradas por Ratzel, mas aprofundadas pela Escola de Chicago, pelo cientista social tcheco Chalupny e pelo sociólogo indiano Mukerjee.

A Escola de Chicago, no entender de Freyre, se constituiu de fato como um grupo capaz de estudos originais, cuja contribuição poderá ser decisiva para a teoria e a metodologia sociológica. Representou um avanço importante na investigação da relação entre ambiente e os homens no domínio dos estudos sociais.

Não obstante, ele considera que há certo biologismo dominante na Escola de Chicago visível na aplicação imediata dos conceitos originários dos processos animais e vegetais. Daí que insistem seus autores, segundo Freyre, no processo de competição, esquecidos de que a cooperação também age entre seres humanos, grupos e instituições. (FREYRE, 1945: 434)

Nesse sentido, as descrições dos cientistas sociais de Chicago, segundo a opinião de Freyre, ainda que sejam originais e criativas e resultem numa interpretação interessante sobre a configuração das sociedades modernas, não reconhecem, por vezes, a diferenciação entre a comunidade humana e a vegetal.

Freyre lamenta-se, também, de que os 'ecologistas de Chicago' não se coloquem em contato com outras tendências sociológicas a fim de retirar sugestões valiosas para suas análises. Para o pernambucano, tais investigadores sociais norte-americanos sofrem uma espécie de *provincianismo intelectual*. Afirma não compreender, sobretudo, como nenhum dos intelectuais da referida escola de aproximou de um autor como Emmanuel Chalupny que embora reconheça que os processos ecológicos são auxiliares preciosos para a ilustração e exposição de muitos fatos

sociológicos, compreende que a sociologia é independente da biologia como ciência. (FREYRE, 1945: 437)

Freyre prossegue o seu capítulo sobre *sociologia regional* apresentando sucessivamente os processos eco-sociais que servem para a compreensão das relações entre o homem e o meio físico, histórico e cultural que foram empregados por Chalupny ou por alguns autores de Chicago. Rigorosamente, Freyre revela maior afinidade com os usos e aplicações que Chalupny fez de tais conceitos.

A. Sucessão

O primeiro dos processos sociais lembrados por Freyre é o de *sucessão ecológica* que se refere às alterações sucessivas na sociedade humana causada pela pressão entre grupos dominantes.

O termo sucessão, que em Biologia se refere ao deslocamento de uma espécie de animal ou de uma forma de vida vegetal por outra espécie ou forma, é aplicada em Sociologia, pelos ecologistas de Chicago, ao deslocamento de grupos étnicos, econômicos, culturais, gerações, estilos de Arquitetura, sob a pressão de outros grupos, gerações e estilos: de negros por brancos, de velhos por moços, de burgueses por proletários, de suíços católicos por suíços protestantes, da arquitetura Renascença pela arquitetura funcional. (FREYRE, 1945:435)

Observemos que, conforme esta definição, a aplicação do conceito é ampla. Compreende desde a sucessão de grupos no espaço físico até a sucessão de estilos no *espaço* cultural, passando também pela sucessão de grupos dominantes na política.

Estendendo a capacidade analítica do conceito de sucessão, Freyre afirma, com auxílio das constatações de Emanuel Chalupny, que valores sociais são relativos na medida em que se sucedem ininterruptamente. Com auxílio do *mestre de Praga*, o autor representa a vida social como um espaço no qual, por vezes, certos valores ocupam o centro. Tais valores, porém, logo serão inevitavelmente sucedidos por outros que, também por um período limitado, ocuparão o lugar central da organização social em questão. Ao comentar um trabalho de Chalupny acerca do valor 'progresso', Freyre faz as seguintes considerações:

... sua idéia [a de Chalupny] de 'progresso relativo' é sociologicamente ecológica pelo menos neste ponto: em considerar o progresso uma

sucessão de deslocamentos de centros de gravidade da cultura no espaço sócio-cultural e às vezes no físico-social, no tempo social e às vezes no cronológico sem que esses deslocamentos importem em aperfeiçoamento absoluto ou universal da cultura. (FREYRE, 1945:441)

O mesmo é válido para sistemas políticos, sempre sucedidos no tempo por modelos e soluções diferentes. Observe-se novamente o comentário de Freyre ao trabalho de Chalupny:

... o professor Chalupny nos recorda que a idéia, que em Sociologia podemos considerar ecológica, de sucessão (no tempo) de sistemas políticos diferentes, era a hipótese sociológica, ou quase sociológica, dentro da qual a democracia não seria 'absolutamente' melhor que a 'aristocracia'. (FREYRE, 1945:441)

A rigor, pode-se afirmar que, assim aplicado, o conceito de *sucessão* e a capacidade de compreender a vida social como um espaço geométrico permite uma forma eficiente de relativização de valores sociais. Permite, pois, como deseja Freyre, colocar em dúvida certos valores impostos como universais.

É, pois, interessante verificar como em pleno período de democratização do país, Freyre revela dúvidas quando aos próprios valores democráticos. Inclusive, sugere que desenvolvamos uma noção peculiar de democracia que assimilasse a experiência monárquica e aristocrática no qual o controle da vontade geral fosse combinado ao controle da elite e dos técnicos e intelectuais mais capazes. (FREYRE, 1945:442)

Logo, parece interessante verificar que Freyre, em 1945, ao mesmo tempo em que lutava pela democratização (apoiava a candidatura de Eduardo Gomes à presidência e fora um dos mais fortes representantes do ideário democrático em Pernambuco durante o ano de 1945 por meio de sua candidatura a Deputado Federal) manifestava, nas páginas de *Sociologia*, ressalvas acentuadas a propósito da democracia.¹⁵

B. Isolação, diferenciação, reação

Um outro processo sócio-ecológico lembrado por Freyre é o de *isolação*. Sua definição é equivalente à aplicação do conceito de processo sócio-psíquico de *diferenciação*, apresentado no

¹⁵ Sobre atuação de Freyre como Deputado Federal e constituinte em 1946 ver: (BRAGA, 1998). Verificar também os textos dos discursos de Freyre no parlamento: (FREYRE, 1966)

tópico anterior. Para Freyre, a isolamento e a diferenciação de certos grupos humanos seriam catastróficas para a vida social se, ao isolamento, não reagissem outros grupos antagônicos que, por fim, ajudam a manter certo equilíbrio entre as tendências sociais dominantes.

É então que Freyre apresenta um exemplo, formulado por Chalupny, a fim de revelar o modo como ao processo de *isolamento* corresponde outro processo de *reação* ou *contrapêso*.

...a aglomeração de capital por isolamento resultaria, segundo Chalupny, catastrófica, se não se opusesse a ele a aglomeração de operários, inimigos do capital e seu contrapêso. (FREYRE, 1945: 439)

Destacando um exemplo formulado por Chalupny, Freyre qualifica como processo sócio-ecológico de *isolamento-reação*, a relação entre capital e trabalho. Note-se, pois, que não é o conflito que figura nesta relação segundo o entender de Freyre, mas a idéia de que a concentração de capital corresponde a um processo eco-social de reação por parte do outro grupo. Aqui mais uma vez flagramos uma passagem na qual a esfera econômica é também subsumida pelos processos eco-sociais.

C. Avanço-regressão

Com auxílio de Chalupny, Freyre afirma que um dos processos mais freqüentes na vida social dos homens é o de avanço-regressão. Tal processo está relacionado ao processo de reação anteriormente aludido e corresponde à produção de tendências que são como que contrapeso de outras:

Teríamos que considerar, entre as reações e contrapesos, os freqüentes regressos ou regressões, na vida social e cultural dos grupos humanos: o regresso ou a regressão a Kant, em Filosofia, por exemplo, como contrapeso a tendências anti-kantianas; o regresso ou a regressão a Mozart, em Música, como contrapeso a tendências exageradamente românticas; o regresso ou a regressão à família patriarcal como contrapeso a tendências exageradamente anti-patriarcais na vida de família. (FREYRE, 1945:439)

Trata-se de um processo - que afeta igualmente as esferas cultural, social e política - relacionado ao confronto sempre contínuo tendências opostas. Note-se a relativização da noção de evolução e progresso linear que está contida na conceituação deste processo. A relatividade do

progresso é, pois, transformada, nas páginas de *Sociologia*, num fato sócio-ecológico passível de transforma-se numa lei sociológica geral. (FREYRE, 1945:440)

Num certo sentido, esse processo a que Freyre faz tão reiterada alusão diz respeito ao modo como ele concebe o ciclo da vida social. Um processo interminável que não cabe num eixo explicativo linear, mas que é igualmente composto de forças que avançam e regridem intermitentemente. Para Freyre não é possível o aperfeiçoamento absoluto e universal da cultura.

D. Atração-repulsão

Freyre nos apresenta também os processos de *atração e repulsão*. Segundo ele, são processos que interessaram à *sociologia regional* ou ecologia humana - sobretudo aos especialistas de Chicago - devido às questões relativas aos problemas de atração e repulsão entre pessoas e grupos. Trata-se do problema clássico urbano de distribuição da população entre periferia e o centro.

E. Segregação, *distanciamento*, *competição*

Do mesmo modo, e pelas mesmas razões, o processo de *segregação* importa aos sociólogos regionais ou aos ecologistas sociais. Para Freyre, a segregação é, na maioria das vezes, tão simplesmente, originária do processo psico-sociológico de *competição* por espaço e da *distanciamento* social que daí resulta.

Como exemplo, ele afirma que, no Rio de Janeiro, é a competição por espaço que...

expulsa, repele ou simplesmente distancia do Botafogo ou do Flamengo pessoas, grupos e instituições menos favorecidos de fortuna para fazê-los procurar, uns, nos subúrbios do tipo de Cascadura, outros, nos morros do tipo da Mangueira, os lugares de residência apropriados à sua condição econômica nem sempre ligada à sua condição étnica ou à sua origem social. (FREYRE, 1945:454)

Faz também uma breve análise histórica da ocupação espacial de Recife no século XIII, mostrando como se aplica ao estudo do caso desta cidade, os processos sócio-ecológicos de atração, repulsão, segregação e competição espacial-social. Freyre resume os efeitos da ocupação

holandesa sobre a arquitetura e a distribuição espacial. Recife seria, pois, um exemplo ideal de processos de organização ecológica (FREYRE, 1945:458)

F. Influência inversa

Freyre nos apresenta também uma lei formulada por Chalupny: a lei da *influência inversa*. Refere-se a uma espécie de reação ao domínio. (FREYRE, 1945:445) A lei é abundantemente exemplificada. A relação entre um soberano e seu povo a expressa: o povo tem formas de ação e influência que podem, de algum modo, ameaçar o poder do governante. Nesta lei, Freyre situa a influência do escravo africano sobre a cultura brasileira, que teria amolecido ou até neutralizado.

Com efeito, esses conceitos de origem ecológica trazem possibilidades surpreendentes de interpretação da realidade brasileira. Esta abordagem traz conseqüências particulares na interpretação da relação entre escravos e o senhor no contexto da sociedade patriarcal-tropical. Observemos algumas das constatações de Gilberto Freyre ao elaborar uma interpretação eco-sociológica da relação entre negros e brancos na sociedade colonial brasileira.

Para ele, a posição do escravo, no espaço físico-social da monocultura tropical não foi absolutamente passiva. Foi criadora de maneiras, palavras, estilos de vida e símbolos. Por isso, para Freyre, o escravo negro foi como que, a um só tempo, cooperador e concorrente do branco na tarefa de colonização, graças à sua maior capacidade de adaptação ao meio tropical e sub-tropical.

A cana-de-açúcar, cuja cultura exclusiva tornou-se no Brasil a base natural de um tipo ecológico de sociedade patriarcal, latifundiária e escravocrata em conseqüência do furor monocultor quebrou, em certas áreas, o equilíbrio na convivência regional; mas tornou possível a vida de conforto e às vezes até esplendor do grupo dominante. Por outro lado, um dos grupos dominados, importado para as áreas de cana como escravo – o africano – afastaria do mesmo espaço físico-social seus antigos dominadores – os ameríndios – para adaptar-se esplendidamente ao meio natural, a ponto de parecer mais antigo que o indígena e acomodar-se melhor às exigências da nova sociedade – as do trabalho agrário, sedentário e constante – e às da nova situação ou posição: a de escravo agrário e doméstico. (FREYRE, 1945:429)

No espaço social que aqui se abriu sobre o físico – excedendo-o às vezes – sobre o massapê, sobre a terra roxa, sobre as terras mais favoráveis à cultura de cana-de-açúcar e depois do café, a posição do escravo não foi fixa nem passiva de modo absoluto, mas elevou-se sob a forma de malungo, sob a de mãe negra, sob a de negra Mina ou mulata, amante de branco fino

e às vezes mãe, por ele reconhecida, de filhos educados como brancos, à situação de elemento ativo e quase tão criador de maneiras, de estilos de vida, de palavras de sentido doméstico e econômico, de símbolos e de características de nossa civilização patriarcal, como o senhor. Mas, nesse caso, a favor da ascensão do escravo negro a cooperador e a competidor do branco em mais de um domínio de vida social e cultural parece ter operado seu poder de adaptação porventura maior que o do branco, ao meio tropical e subtropical do Brasil: ao meio e ao espaço físico e bioquímico a que tiveram de adaptar-se os dois adventícios – o senhor europeu e o escravo africano – com suas predisposições ou indisposições de ordem biológica e de cunho social. Estas predisposições e indisposições concorreriam decerto para a posição de cada um, como ser humano, e como portador de cultura, em face do meio americano e afetariam a posição de escravo, do negro, e a do senhor, do branco, em relação um do outro e as relações de ambos com o mesmo meio: o americano. E o problema sociológico que aí se apresenta nos parece principalmente ecológico ao mesmo tempo que bio-social: de acomodação, de competição e de cooperação condicionadas até certo ponto pela adaptação. (FREYRE, 1945:447)

Esta citação nos inspira a fazer duas observações. Em primeiro lugar, explicita o modo como Freyre mobiliza os conceitos de acomodação, adaptação, cooperação e competição. Os processos psíquicos/ecológicos/sociológicos são como uma lente de aumento, amplificam os pequenos mecanismos de sobrevivência, as disputas, alianças, os pequenos triunfos.

Observemos que, em Gilberto Freyre, a sociedade é um sistema de relações, dinâmico e criativo, onde a idéia de estratificação social é subsumida pelos micro-processos sociológicos. As relações consideradas são não apenas as inter-humanas, mas também do homem com o meio e suas expressões e fatores culturais. (FREYRE, 1945:1133)

Deste ponto de vista dinâmico e relacional, multi-focal, a narrativa de Freyre ganha assim cheiro, cor, humor cotidiano. Os processos 'eco-psíquicos-bio-sociais', porém, ignoram o contexto mais amplo onde se desenrolam estes dramas e estas modestas vitórias: o contexto político e econômico da colônia e o lugar da escravidão nestas grandes tramas coloniais. Disto resulta uma interpretação que quer nos convencer que a 'capacidade de produção de cultura' concede aos negros um lugar privilegiado na sociedade.

Em segundo lugar, não há como deixar de observar, nesta citação, o completo embaralhamento entre ordem social e biológica sugerindo que ambas não apenas se confundem conceitualmente, mas são, de fato, como que a extensão uma do outra, reciprocamente determinadas. Nesta última citação, afinal, Freyre afirma que, da maior capacidade *bio-social* de

adaptação ao meio físico do negro resultou sua posição social. Nesta perspectiva, o negro encontrou no próprio sangue (predisposições), na terra, no clima e nas estratégias sociais, os grandes aliados para a resistência ao regime de escravidão. O sucesso dos negros foi, afinal, a adaptação à monocultura e ao regime escravocrata!

Mukerjee¹⁶ é, pois, um dos autores mais citados por Freyre neste tópico do livro. Para Freyre, embora o indiano revele, por vezes, um excesso de biologismo, é a ele que se deve a fundamentação da sociologia regional ou da ecologia humana.

Freyre nos diz, com efeito, baseado em Mukerjee, que a sociologia regional, por meio do estudo comparativo de regiões contrastantes, contribui para a compreensão das relações entre fatos sociais essenciais e condições físicas. Permite também identificar os princípios humanos de ocupação e distribuição de terra e bens.

Nesse sentido, a importância dos estudos regionais insere-se, segundo Freyre, no esforço de recolher as diversas manifestações possíveis de vida social. Por meio destes estudos pode-se, pois, relativizar o universalismo de certas leis sociais, mais particularmente aquelas ligadas ao marxismo e ao liberalismo. Este ramo da sociologia está, portanto, relacionado ao esforço de Freyre de cuidado com as generalizações e de atenção às formas particulares de organização social.

O estudo do 'regional' torna-se necessário nas ciências culturais e mistas para a purificação científica do próprio 'universal' – universal por antecipação – tão comum na Sociologia dos fins do século passado e dos começos do atual. (FREYRE, 1945:203)

O avanço de tais estudos regionais ou ecológicos, prossegue Freyre ainda inspirado no autor indiano, além de permitir o desenvolvimento das pesquisas sociológicas e a reformulação de leis sociológicas, permitiria também fundamentar uma nova Filosofia Social, cujas ações políticas seriam então fundadas em um conhecimento mais exato das relações inter-regionais.

A sociologia regional tem, portanto, para Freyre, um sentido político na medida em que...

... alerta-nos contra a suposta superioridade absoluta de formas de vida e de organizações sociais como a democrática à maneira anglo-saxônica, na política, e a industrialista-capitalista, na economia, atingidas pelos povos hoje técnica e militarmente mais fortes da Europa, sem que essa superioridade se estenda a outras zonas de cultura e de vida. Alerta-nos, por outro lado, acerca da pretendida inferioridade absoluta daquelas formas

¹⁶ Infelizmente não conseguimos localizar em nenhuma das bibliotecas consultadas os textos e obras deste autor indiano. Uma pesquisa dedicada à relação entre as idéias de Freyre e Mukerjee nos parece pertinente.

extra-européias de vida e de organização sociais que representam talvez harmonização mais completa de povos extra-europeus, em particular, e de grupos humanos em geral, com seus ambientes, do que a da maioria dos europeus de hoje com os ambientes europeus; do que a dos norte-americanos com o seu. (FREYRE, 1945:477)

Nesta passagem, Freyre parece nutrir-se da expectativa de que a *sociologia regional* poderia ser um instrumento valioso para revelar a lógica e a eficácia de experiências sociais diversas.

Hoje vamos descobrindo em algumas das formas extra-européias de vida e organização sociais simbiose ou correspondência harmoniosa com os ambientes regionais. Representam elas expressões de ajustamentos humanos ao espaço físico e social merecedoras de estudo atento, tais as vantagens de organização social e também de satisfação psicológica de pessoas e grupos que parecem apresentar, em contraste com formas de dominação doutros espaços físicos e sociais por europeus que procuram manter-se sempre europeus e estender seu individualismo capitalista à Ásia e à África com um simplismo às vezes brutal. (FREYRE, 1945: 478)

Com isso, pretendia, pois, encontrar os fundamentos para a relativização dos valores democráticos e capitalistas. Rigorosamente, a sua proposição sociológica guarda um compromisso com os valores antiliberais e antidemocráticos.

Freyre afirma, com efeito, que a Ecologia social pode se alongar em critério filosófico e em técnica de engenharia social aconselhando formas possíveis de ajustamento entre populações e recursos regionais. (FREYRE, 1945:470)

A extensão e a intensificação de pesquisas de Sociologia regional ou de Ecologia Social em áreas de cultura ou em regiões extra-européias podem trazer à reconstrução social das sociedades ocidentais mais perturbadas por excessos de competição, sugestões valiosas. São estudiosos de problemas sociais daqueles países da América que, tendo sido colonizados principalmente por povos europeus, deles receberam instituições européias de vida e de organização sociais que nem sempre correspondem às condições americanas de espaço físico nem as que decorrem da formação social das Américas e de sua herança de cultura, em parte extra-européia. Algumas dessas instituições são postiças e mal-ajustadas: de funcionamento social e pessoalmente doloroso. (FREYRE, 1945:479)

Para Freyre, a importância da sociologia regional é central em países como o Brasil. Diz respeito à possibilidade de ajustamento de pessoas e instituições ao seu meio social e físico tão singular e diversificado.

Lembremos, aliás, que o contexto sócio-político no qual foram publicadas estas idéias exige que Freyre redimensione a problemática regional. Afinal estávamos, como já pudemos notar, no fim da ditadura Vargas num processo de democratização e de descoberta dos novos contrastes regionais que foram, a um só tempo, produzidos e ocultados pelas ações políticas e discursivas durante o Estado-Novo. Neste ambiente, Freyre parecia, pois, exigir uma nova formulação política original fundada no reconhecimento das particularidades regionais.

A propósito, nos parece interessante que Freyre se aproprie das idéias propostas por um autor indiano. Como se sabe, a Índia é um país enorme e cheio de contrastes, comparável ao Brasil neste aspecto. Não é, pois, de se estranhar que o autor indiano proponha o conhecimento sociológico baseado no recorte regional. Mukerjee recomenda, segundo Freyre, que se reconheça a história, a geografia, a cultura diversa dos países orientais. Para Freyre, esta idéia parece fazer enorme sentido, inclusive para o firmamento de um novo acordo sócio-político.

Freyre aprova, sobretudo, a crítica do autor indiano aos imperativos econômicos e sociais baseados apenas no industrialismo ocidental. Freyre cita dois livros de Mukerjee: *Regional Sociology* e *Democracies of the East: a study in comparative politics*, publicado em 1923, Londres. Sobre este último livro do autor indiano, Freyre ressalta, numa longa nota, que Mukerjee procura demonstrar que o passado e a atualidade de formas orientais de organização política não se enquadram em leis de evolução unilinear baseadas sobre a experiência do ocidente. Nesse sentido, Freyre diz acreditar que a democracia varia de conteúdo, de forma e de função em cada sociedade. (FREYRE, 1945: 609)

Notemos que, tanto em Chalupny¹⁷ como em Mukerjee, Freyre retira as idéias que permitem relativizar os valores democráticos e capitalistas. Por meio desta síntese de autores, a propósito da *sociologia regional* ele apresenta a ossatura conceitual da sua perspectiva que resultou num olhar

¹⁷ Do mesmo modo que Mukerjee, não encontramos nenhum livro de Chalupny nas bibliotecas consultadas. Sabemos, entretanto, que era um sociólogo tcheco. É possível que, num determinado período, a produção sociológica da Tchecoslováquia tenha despertado algum interesse entre nós, ainda que reduzido. Curioso, nesse sentido, é que Roger Bastide publicou, em 1938, um artigo sobre a Sociologia na Tchecoslováquia no *Estado de São Paulo*. Neste artigo, Bastide caracteriza a Sociologia na Tchecoslováquia: ... *é ela* [a Sociologia na Tchecoslováquia] *uma Sociologia que se baseia na inteligência e confia aos intelectuais especializados a solução dos problemas políticos e sociais, como também espera que a inteligência resolva os graves problemas que o Estado atualmente enfrenta. (...) A sociedade já não é, hoje em dia, um todo homogêneo. Compõe-se de agrupamentos diversos de famílias, credos, classes econômicas e, finalmente, na Europa Central, de nacionalidades raciais. Não poderá ser viável uma sociedade em que coexistem simplesmente estes agrupamentos, tornando-se necessária a existência de uma unidade superior, unidade que, para os sociólogos tchecos, se encontra na cultura.* Neste artigo, Bastide refere-se ainda a Chalupny: *citamos entre os maiores vultos da Sociologia tcheca, Chalupny, autor de uma sociologia sistemática e geral de que já publicou cinco volumes que, a partir da história das Ciências Sociais, abrangem a Sociologia do Direito e a Moral.* (BASTIDE, 1938)

conservador sobre o destino e a sociedade brasileira que, em certo sentido, se contrapôs ao olhar de outros sociólogos brasileiros.

VI. História e sociologia; *sociologia histórica*

A *sociologia histórica* ou *genética* é, pois, de acordo com Freyre, outro ramo do conhecimento sociológico que se dedica ao estudo dos antecedentes e do desenvolvimento das formas sociais presentes na vida social e na cultura. (FREYRE, 1945: 500)

Nesta perspectiva, ao sociólogo é importante o conhecimento histórico, pois é a história a substância sobre a qual será possível o reconhecimento de formas e processos mais gerais, das tendências e repetições. Segundo Freyre, a importância da história para o conhecimento sociológico é algo afirmado até mesmo pelo indiano Mukerjee que, a despeito de seus estudos de ecologia humana, reconhece a análise genética como um instrumento valioso para a investigação das relações entre o homem e a realidade regional.

Freyre, não obstante, lamenta que os sociólogos americanos ofereçam poucas obras de sociologia histórica ou genética. Para ele, a exceção notável entre os norte-americanos é a de Giddings que, na sua obra '*Descriptive and historical sociology*' propõe fazer do conhecimento de experiências históricas diversas um laboratório de interesse sociológico. (FREYRE, 1945:501)

Diferentemente dos americanos, alemães como Dilthey e Rickert representam, no entender de Freyre, a tendência sociológica moderna mais significativa pela profundidade de análise de fenômenos sociais considerados em sua perspectiva histórica. (FREYRE, 1945:511) Tal prática sociológica é significativa, também, segundo Freyre, entre os latino-americanos a exemplo de Sarmiento, Francisco Bulnes, César Zulmeta. Igualmente, entre autores brasileiros a preocupação no gênero de estudos sócio-históricos é, de acordo com Freyre, considerável: Sérgio Buarque de Holanda, Caio Prado Júnior, Otávio Tarquínio de Sousa, Sérgio Milliet estão entre os autores citados por ele. (FREYRE, 1945:504)

Freyre, a princípio, faz uma importante distinção entre o fato histórico e o fato sociológico, diferenciando a preocupação do sociólogo da do historiador. *O fato histórico é singular. O fato sociológico, ao contrário, é aquele que se repete ou aquele em que se encontra a tendência de repetir-se.* (FREYRE, 1945:177)

Nesse sentido, para Freyre, sociologia e história fazem uso diverso das fontes históricas. Enquanto o historiador convencional está interessado em reconstituir acontecimentos, o sociólogo vê nas fontes elementos para reconstituição do processo social intermitente. Tal preocupação exige, segundo Freyre, uma atitude de não aceitar passivamente os documentos oficiais de um grupo. O trabalho do sociólogo exige, pois, a análise de documentos aparentemente sem importância que, como já notamos, permitem, de acordo com os pressupostos de Freyre, dar a exata dimensão da vida social em curso.

... documentos aparentemente sem importância dos quais muitas vezes nos vêm os melhores esclarecimentos sobre a exata configuração da época que se procure compreender nas suas relações com outras épocas: inclusive com a atual, isto é, a do observador ou pesquisador.
(FREYRE, 1945: 525)

Nesta perspectiva, portanto, os acontecimentos históricos escondem, em sua singularidade, formas e processos recorrentes, mais ou menos uniformes. Partindo deste pressuposto, admite que a *sociologia histórica* possa reduzir fatos singulares a formas e processos sociais fundamentais. (FREYRE, 1945:528)

Freyre destaca a importância do estudo comparativo no campo da *sociologia histórica*. Do mesmo modo que a sociologia regional exige o estudo dos processos sociais em diferentes espaços regionais, a *sociologia histórica* estuda as formas de socialização em diferentes condições de desenvolvimento histórico. Do sociólogo espera-se, segundo esta abordagem, o estudo sistemático e comparativo de grupos e instituições semelhantes em épocas diversas e sob grande variedade de condições e situações dinâmicas. A sociologia, diferentemente da história é, para Freyre, descritiva e comparativa. Dedicar-se a cotejar *formas e processos sociais* a fim de realizar suas generalizações. (FREYRE, 1945:501)

A comparação histórica é, pois, compreendida como um instrumento científico indispensável ao sociólogo. Nesse sentido, Freyre parece aceitar a proposição de Giddings acreditando, de fato, que as experiências históricas podem servir de laboratório experimental do sociólogo.

Não obstante, apoiado nos pressupostos de Rickert, Dilthey, Simmel e Weber, Freyre afirma que o estudo comparativo no campo da sociologia exige uma atitude compreensiva que se distingue da atitude descritiva e estatística praticada pelos cientistas físicos ou naturais. Para Freyre, nenhum dos critérios das ciências físicas ou naturais basta ao estudo da história humana. Lembremos, pois,

dos argumentos do autor para definir a sociologia como uma ciência mista que vive na fronteira entre as ciências naturais e as ciências culturais. A *sociologia histórica*, para Freyre, não pode prescindir da percepção íntima dos fatos experimentada pelo próprio pesquisador, já que se refere a questões relativas a 'valores' e não a 'fatos' propriamente ditos.

No exercício da comparação 'compreensiva' de experiências sociais em diferentes tempos históricos, Freyre aprova o instrumento proposto por Max Weber: a constituição do tipo ideal. Freyre considera, com efeito, Max Weber um dos mais importantes autores no terreno na análise histórico-sociológica, sobretudo devido às suas contribuições relativas ao método. Afirma, pois, que a formulação de regularidades do comportamento humano em situações ideal-típicas é um arrojo racional, um expediente lógico que, não obstante admite a percepção íntima do pesquisador. Uma combinação dos métodos objetivo e empático. (FREYRE, 1945: 519)

Freyre, com efeito, dizia lançar mão com frequência da alternativa metodológica apresentada por Weber, ainda que, anos depois, fizesse ressalvas ao método do tipo ideal. (FREYRE, 1968) Em *Sobrados e Mucambos* afirmou que se ateuve apenas ao estudo de alguns tipos representativos de habitação porque selecionou aqueles que lhe pareceram os sociologicamente mais representativos para o estudo da sociedade patriarcal em seus contrastes: sobrados e mucambos urbanos representam as habitações sociologicamente mais relevantes, nas quais se desenvolveu um complexo de relações sociais significativo, revelador dos processos sociais naquele ambiente de transição. (FREYRE, 2002d: 681)

Note-se que, ainda que Freyre (como já tivemos a oportunidade de verificar) não leve ao extremo a afirmação da universalidade de formas e processos sociais (já que eles se manifestam, no seu entender, em combinações particulares de acordo com cada situação cultural, ecológica e histórica), admite a possibilidade de repetição de acordo com determinadas circunstâncias favoráveis. A constatação da repetição e frequência de determinados fenômenos sob determinadas circunstâncias sociais permite, até mesmo, no entender de Freyre, a previsão no campo das ciências sociais.

O 'sociológico' é, portanto, em alguma medida, trans-histórico embora não se possa, segundo Freyre, levar essa proposição ao limite. Levá-la ao limite, seria, afinal, admitir que as leis históricas são naturais (quer dizer, universais), algo que está fora de questão para Freyre, já que se aproxima de Rickert e Dilthey na definição do processo histórico como um processo singular que é constituído pela interação social dos indivíduos e não pela regulação de leis exógenas. É, pois,

negando o caráter 'natural', exógeno e universal dos processos históricos, que Freyre recusa a aceitação das teses do materialismo histórico e a aplicação exclusiva de métodos estatísticos e descritivos. (FREYRE, 1945:513)

É nesse sentido, que a solução metodológica de Weber lhe aparece atraente nesta passagem de *Sociologia*. Não se aproxima radicalmente do objetivismo e do naturismo histórico-sociológico, mas ainda assim admite algum tipo de generalização fundamentado numa análise compreensiva. Apresenta, pois, um equilíbrio entre relativismo radical e a generalização extrema.

Observemos ainda que, por tratar de algo referido a *forma* e *processo*, e não ao *conteúdo* histórico propriamente dito, não há, segundo Freyre, no âmbito dos estudos sociológicos, uma separação rígida entre presente e passado. Nas *formas* e *processos* sociais estão, pois, contidos presente, passado e até futuro. Embora não mencione, nas páginas de *Sociologia*, o conceito *tempo trívio*, Freyre cita com alguma frequência o autor espanhol Ortega Y Gasset. Dele extrai a idéia de que o passado penetra no presente e que para que se compreenda algo humano é preciso recorrer à história.¹⁸ (FREYRE, 1945: 538)

Vale lembrar que na segunda edição de *Sobrados e Mucambos*, publicada em 1949, Freyre afirmava, numa longa introdução, que não pretendia que aquela sua obra fosse cronologicamente exata. Dizia, naquela circunstância, que sua preocupação não era rigorosamente cronológica, mas referia-se à unidade de forma e de processo da organização patriarcal no Brasil que se expressou em diferentes lugares e em diferentes períodos. (FREYRE, 2002d)

Notemos por fim que, como constatamos na explicação dos processos eco-sociológicos, aqui também Freyre seleciona conceitos que acabam por reforçar o argumento de que a vida social é representada como uma sucessão histórica não linear, no qual o passado se recompõe intermitentemente, por meio de tipos sociais e tendências que se repetem ainda que renovadas. Nesse sentido, segundo Freyre, a pesquisa sociológica deve compreender também a pesquisa histórica (que é propriamente genética): as origens históricas escondem o segredo da sociedade, seu conteúdo repetitivo, seu padrão de continuidade.¹⁹ O *tempo primordial*, nesta perspectiva, é o fundador de padrões de socialização que são seminais. (VILLAS BÔAS, 1988). O passado é ordenador dos outros tempos.

¹⁸ Ver em BASTOS (2003: 83) uma análise sobre a presença e as conseqüências do emprego da noção de 'tempo trívio' de Ortega y Gasset na obra de Gilberto Freyre, especialmente na sua interpretação acerca da decadência do patriarcado.

¹⁹ Ver em VILLAS BÔAS (1988) estudo sobre a noção de tempo em Freyre e suas afinidades com o pensamento de Bérqson. Consultar também VILLAS BÔAS (2003).

Não obstante, é importante destacar que o *tempo primordial*, fundador e revelador dos padrões genuínos de socialização é buscado num *lôcus* também determinado: na intimidade da casa e da família. A sociologia genética refere-se, portanto, igualmente, a um *tempo* original e a um *lugar* original onde se realiza propriamente a gestação da sociedade.

A propósito, em *Ordem e Progresso* Freyre (1957), desenvolve a tese de que a República foi uma continuidade sociológica do Império, ou seja, a mudança do regime político não representou uma mudança na organização social. As expectativas liberais foram contrariadas pela sobrevivência insistente de certas formas sociais originárias de outros tempos manifestadas nos hábitos mais sutis da vida privada. Houve, no Brasil, segundo Freyre, a 'dissolução dos futuros nos passados'.

Nesse sentido, o autor afirma em *Ordem e Progresso* que, devido à noção peculiar de tempo contida na sua proposição sociológica, cometia transbordamentos cronológicos e também repetições e insistências para ressaltar as expressões de constância do passado. (FREYRE, 2002c: 34) Dizia se opor a certa tradição sociológica que compreende o presente como *tempo imperial e decisivo*. (FREYRE, 2002c: 48 e 161)

Freyre propõe uma concepção de tempo em que o antagonismo entre presente e passado seja superado, especialmente na análise da sociedade brasileira.

uma perspectiva capaz de considerar, no desenvolvimento dessa sociedade, não dois tempos contrários, apenas, e estes dois apenas cronológicos, mas vários tempos coexistentes; e todos eles menos cronológicos que psicológicos; menos históricos que sociais. (FREYRE, 2002c: 48)

Realizou-se, segundo a perspectiva do autor apresentada em *Ordem e Progresso*, um fenômeno de combinação de velhos e novos tempos e temporalidades que são freqüentemente contraditórios e antagônicos. É o caso das experiências sociais de Antonio Conselheiro e de Rodrigues Alves, tão diversas embora vivessem na mesma época. (FREYRE, 2002c: 33)

Um episódio paradigmático desta posição de Freyre acerca da temporalidade foi um debate na Câmara dos Deputados. O confronto a que nos referimos foi suscitado quando Freyre, então Deputado Federal, confessava admirar a solução política proposta durante o Império no Brasil pelo Poder Moderador. Freyre foi, pois, interrompido por um deputado que afirmava considerar os argumentos históricos muito fracos, entendia o interesse pelo passado, mas achava que ali eram necessárias providências em relação ao presente e ao futuro. A esta objeção Freyre respondeu: *é*

onde se engana V. Exa.: O passado nunca foi, o passado continua. (FREYRE, 1966: 179 – grifos do autor)

Nesta visão está, pois, implícita uma perspectiva singular sobre a mudança social. Rigorosamente, para Freyre a mudança social é regulada pelo passado. (REZENDE, 2000) Mais uma vez, percebe-se que a noção de progresso é neutralizada.

VII. Sociologia e antropologia; *sociologia da cultura*

Um outro ramo importante da sociologia geral é a *sociologia da cultura*. Segundo Freyre, ela dedica-se tanto à compreensão das instituições culturais (origem, desenvolvimento, difusão) quanto ao estudo de determinado grupo social homogêneo, que pode ser uma tribo, uma província, uma nação, uma classe social. (FREYRE, 1945:551)

Tais estudos permitem compreender a variedade de situações culturais humanas. Quando em perspectiva comparada permitem, também, generalizações ao considerar 'formas de organização social', 'tipos de personalidades psico-culturais'. Grosso modo, contribuem para o que Freyre chama de *status sociológico global do ser humano*.

Segundo Freyre, o estudo da cultura é comum ao antropólogo e ao sociólogo, mas sob pontos de vista diferentes. Embora a sociologia utilize métodos de pesquisa desenvolvidos pelos antropólogos culturais, ela se dedica ao estudo de sociedades menos restritas no espaço e no tempo. Por isso mesmo, no entender do autor, a sociologia tem tendências mais generalistas que a antropologia (muitas vezes, segundo Freyre, sua afoiteza por generalizações resulta em conclusões que as análises particularistas da antropologia não confirmam). Por isso mesmo, a sociologia, preocupada com uma totalidade sócio-cultural mais ampla, tem suas generalizações moderadas pela antropologia.

A Sociologia deve principalmente à Antropologia cultural a continência ou moderação em que, nos últimos trinta anos, se vem abrandando o furor de generalização dos sociólogos do século XIX. (FREYRE, 1945:196)

Disso, conclui-se, que para Freyre, as relações entre sociologia e antropologia são muito estreitas. Para ele, o 'social' diz respeito aos processos de interação humana, enquanto o 'cultural' são os produtos deste processo. Dito de outra maneira, a sociologia diz respeito à *forma*, enquanto que a Antropologia refere-se à *substância*. Social e cultural são, afinal, extensão um do outro. Da

associação inter-humana emerge um conjunto de crenças, idéias, valores, artes, técnicas, que no seu conjunto compreendem a cultura. (FREYRE, 1945:114)

Nesse sentido, a produção cultural é resultado de necessidades coletivas, iniciativas individuais, processos de assimilação e trocas culturais entre grupos e condições ecológicas favoráveis. (FREYRE, 1945: 595)

Freyre afirma que tanto entre povos chamados primitivos como entre os denominados civilizados, as coisas físicas, bem como as ações, se prolongam quase todas em valores. Daí que para Freyre, cada ser social está cercado de coisas-valores e ações-valores que são também criações culturais. Coisas-valores são, por exemplo, os guarda-sóis na Ásia que mais do que proteger do sol ostentam o status de quem os utiliza. Ato-valor é o aperto de mão a pessoas célebres. (FREYRE, 1945:585)

Um dos principais pressupostos da sociologia da cultura é que hábitos e costumes modelam efetivamente os homens. Nas palavras de Freyre, a "*sociologia se inclina a acreditar que o hábito faz o monge.*" (FREYRE, 1945:563)

É possível, até mesmo, a modelação da 'raça', segundo Freyre: o caso citado é o dos mulatos sul-americanos que, por meio de vestimentas, ornamentos, procedimentos nos cabeleireiros, anéis etc. simulam pertencimento a uma outra raça. Por isso, Freyre afirma que, às vezes, há efetiva superioridade da situação cultural em relação à situação biológica. (FREYRE, 1945:566)

Constatada a importância da cultura sobre o comportamento social, Freyre propõe então o ramo da sociologia dedicado exclusivamente ao estudo das relações entre as formas de socialização e seus produtos culturais, a *sociologia da cultura*.

Freyre sugere então os temas fundamentais deste novo ramo de conhecimento:

- a) *Estudo das relações entre as formas sociais e técnicas de produção.*
- b) *Estudo das relações entre formas sociais e possíveis diferenças específicas de aptidões se não gerais, especiais entre 'raças' (estudo em que a sociologia da cultura tem que agir em colaboração com a antropologia, com a sociologia psicológica e com a psicologia).*
- c) *O estudo da influência de indivíduos superiores ou de gênio sobre a cultura, sobre a diferenciação de formas e de instituições culturais.*
- d) *Estudo da situação social de cada sexo, suas relações, suas funções diversas sob diferentes condições de cultura. Tal estudo será, segundo Freyre, útil para a possível discriminação de causas biológicas das culturais.*
- e) *Estudo da situação das camadas humanas discriminadas pela idade, sob diferentes culturas, também para discriminação de causas biológicas das culturais.*

- f) *Estudo dos problemas de contato entre culturas tecnicamente adiantadas ou denominadas civilizadas, e as atrasadas, ou denominadas primitivas.*
- g) *Estudo de tipos ou configurações atuais, civilizadas, de cultura pelos métodos por algum tempo exclusivo à Antropologia e à Etnologia no estudo dos primitivos.* (FREYRE, 1945:561)

Os temas, de modo geral tratam da maneira como as formas de interação e a cultura - em condições determinadas - afeta a economia, a psique, a condição racial, sexual, define aptidões e tendências. Referem-se, também, à relação de interação entre culturas de diferentes níveis.

Freyre propõe também que fatos da vida econômica e política sejam compreendidos do ponto de vista da dinâmica cultural. Afirma, pois, que a economia é condicionada pelo conjunto da vida social e cultural. Daí aconselhar a conveniência *de não se separar rigidamente da sociologia da cultura, a sociologia da economia.* (FREYRE, 1945:603)

O autor dedica-se mais longamente à descrição de alguns fatos políticos segundo o ponto de vista da Sociologia da cultura. Ele afirma que Canudos é um exemplo paradigmático de uma espécie de *surto triunfante da personalidade paranóica*, estado que é freqüente, afirma ele, em contextos de desarmonia profunda da cultura.

Nas páginas do livro, Freyre faz longa a discussão sobre Conselheiro do ponto de vista psico-cultural. Para ele, o fenômeno de Canudos tem sua origem num choque dramático entre antagonismos de cultura: a cultura do litoral e a cultura dos sertões. O confronto de Canudos, de acordo com a perspectiva de Freyre, escondia o confronto entre uma região adiantada e outra isolada e atrasada.

Antonio Conselheiro igualmente encontrara os sertanejos pobres do Norte do Brasil com sua primitividade de cultura e sua simplicidade de vida, em contraste com os requintes do litoral urbano e agrário, entrevistos ou imaginados de longe por aquela gente pastoril. (FREYRE, 1945:557)

Seguindo esta mesma linha, Freyre faz uma interpretação psico-culturalista da Segunda Guerra Mundial e do Nazismo:

... o que se verificou nos últimos anos na Europa e talvez no mundo inteiro (...) pode ser considerado grandiosa epidemia – ou pandemia – sócio-psicológica, em que se teriam juntado as figuras necessárias de psicopatas – paranóicos com mania de perseguição e de grandeza principalmente – massas enormes de sociopatas. No caso do Nazismo na Alemanha e do seu conflito com as chamadas ‘nações burguesas’ (...) tudo parece indicar

que não se tratava de guerra convencional entre Estados nem mesmo entre nações, mas de profunda incompatibilidade ou desarmonia de composições ou camadas culturais tendendo as revoltadas para o primitivismo, as dominantes para o progressismo, aquelas para o agrarismo, estas para o industrialismo capitalista, os grupos insurretos para o anti-intelectualismo, para um como instintivismo e alguns para o paganismo, contra o cristianismo e o judaísmo dos mais identificados com a causa da Civilização. (FREYRE, 1945:559)

Com efeito, Gilberto Freyre sugere que o problema das revoluções seja discutido dentro do escopo da sociologia da cultura. Desse modo, as Revoluções seriam compreendidas como um processo essencialmente cultural, ignorando-se a substância revolucionária ou política:

... ao ocupar-se de uma revolução – seja ela política ou religiosa, econômica ou intelectual – o sociólogo está interessado menos na matéria religiosa, política, econômica ou intelectual – que no ‘processo’; menos na ‘substância’ que na ‘forma’. O estudo da substância revolucionária é extra-sociológico... (FREYRE, 1945:554)

Estas passagens são, de fato, significativas, pois demonstram como é que Freyre - neste caso, ao apresentar os princípios fundamentais da sociologia da cultura, explica os conflitos políticos da lógica da esfera cultural. É o que faz quando se dedica à explanação da ecologia social: subsume os fatores políticos e econômicos da definição da propriedade privada à relação com o ambiente físico. As formas de propriedade de uma organização social não resultam, para ele, em sua origem, de decisões na esfera econômica e política, mas duma relação antecipada com o ambiente físico.

Vejamos, a propósito, alguns dos pontos fundamentais aqui levantados acerca dos princípios sociológicos do autor. Em primeiro lugar, percebemos que Freyre não qualifica a estrutura social, não indaga acerca de uma estrutura subjacente, sobretudo, aos fenômenos políticos e econômicos da sociedade.

O segundo ponto crucial da sua perspectiva sociológica é que ele acreditava que mesmo grandes transformações sociais são tributárias de um tempo e de um lugar primordial: o passado remoto e a intimidade doméstica. No caso preciso da sociedade brasileira, Freyre entende que mesmo alterações radicais de regime político (como foi a passagem do Estado Monárquico para a República no Brasil), preservaram a sociabilidade e a forma de dominação patriarcal entre nós herdadas do tempo de colônia. (FREYRE, 2002c)

Para ele, a mudança social não é senão a reposição e a recriação do passado, segundo um padrão de cultura dominante fundado num tempo e num espaço primordiais que, no caso do Brasil, compreendem o período colonial e o universo de relações da casa-grande (onde foram rigorosamente forjados e engendrados a unidade nacional e sua forma típica de socialização).

O conceito de acomodação social é nesse sentido fundamental para a perspectiva de Freyre. Para o autor, o processo social fundamental é o de acomodação. O sucesso de uma sociedade (seu equilíbrio) está, sobretudo, ligado, no entender de Freyre, à capacidade de acomodar as forças antagônicas que são inerentes à vida social. Para ele, a acomodação destas forças de realiza sempre sob a regência de um grupo e de uma cultura dominante. Ele compreende que, no Brasil, o equilíbrio social é resultante da grande capacidade da cultura portuguesa de acomodar os conflitos entre os diferentes tempos e espaços sociais.

Outro ponto fundamental de Freyre, expresso igualmente em seus manuscritos de aula e em *Sociologia*, é a idéia de que o ciclo da vida social não é linear já que compreende avanços e regressões intermitentes. Com isso, Freyre acaba por relativizar radicalmente a idéia de progresso unívoco.

Freyre compreende, com efeito, que cada sociedade tem uma dinâmica histórica particular que não pode ser submetida aos imperativos consagrados na forma ocidental de vida. Nesse sentido, ele compreende que a valorização do progresso, do trabalho - de uma temporalidade linear enfim - não são comuns a todas as experiências sociais. E é a diversidade social que resulta destes particularismos que exige, segundo Freyre, a pesquisa sociológica atenta às formas originais e diferenciadas de organização social. Freyre não esconde, pois, que admira as formas de vida não-européias e não-burguesas, especialmente a forma ibérica que, no seu entender é culturalmente mais rica e da qual a organização social brasileira é tributária.

CAPÍTULO 6

O CONFRONTO ENTRE A 'SOCIOLOGIA DE FREYRE' E A 'SOCIOLOGIA CIENTÍFICA'

Um teólogo, depois de ouvir o sermão de outro teólogo, comentou: 'a teologia daquele homem é a minha demonologia. O que descreve como Deus corresponde à minha idéia do Demônio.

Gilberto Freyre, *Sociologia: uma introdução aos seus princípios*, 1945.

Depois de responder tantas perguntas, algumas das quais assaz indiscretas, creio ter direito a fazer por minha vez uma única e pequenina. Que serventia terão para um grande sociólogo estas confissões de um mero jornalista? Sempre pensei que a Sociologia fosse coisa tão séria como a sobrecasaca de Augusto Comte....

Leonel Vaz de Barros, s/d.¹

I. O processo de constituição do campo sociológico

Sociologia foi reeditado quatro vezes: nos anos de 1957, 1962, 1967 e 1973. Houve ainda uma tentativa de sexta edição: nos anos 80, Freyre preparava uma nova versão do livro a ser publicada pela editora Globo. Chegou mesmo a anunciar esta reedição em artigo da Folha de São Paulo. (FALCÃO; ARAÚJO, 2001: 260-262)

Entre as anotações do autor, encontramos manuscritos que documentam que houve, na primeira metade dos anos 80, esforços para o preparo de uma nova edição de *Sociologia*. Esta

¹ O jornalista autor deste comentário respondeu ao inquérito que Freyre elaborou para a pesquisa que resultou na obra *Ordem & Progresso*. Após responder detalhadamente o imenso questionário acerca de seus dados biográficos, Vaz de Barros fez esta observação que destacamos como epígrafe deste capítulo. Os manuscritos dos inquéritos encontram-se no Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre – Recife/PE.

reedição sofreria alterações notáveis, a começar pelo título: Freyre a publicaria sob o novo nome de *Em busca de uma sociologia plural*.²

O preparo da nova edição sugere a mobilização do autor, sucessivamente renovada, no sentido de re-atualizar suas idéias sociológicas. Não obstante, nunca foi publicada. Como também nunca foram publicados os novos volumes de *Sociologia* que Freyre prometera desde a primeira edição da obra, em 1945. *Sociologia* permaneceu, nesse sentido, uma obra incompleta.³

Com efeito, segundo o projeto inicial do autor, os dois tomos de seu compêndio seriam acrescidos de mais três volumes: o terceiro seria dedicado aos problemas de método; o quarto traria uma discussão sobre a história da disciplina; o quinto se ocuparia com a discussão da delicada relação entre sociologia, filosofia e engenharia social.

Não obstante, ainda que não tivesse elaborado os três volumes adicionais, Freyre introduziu mudanças significativas nas reedições dos dois tomos originais. Principalmente a segunda edição do livro sofreu alterações notáveis (para as quais ficaremos atentos) e que estão relacionadas ao estado do debate sociológico no período.

Neste capítulo, procuraremos apresentar alguns dos episódios deste debate desde o final dos anos 40 até o final dos anos 50. Reconstruiremos, sobretudo, o diálogo de Freyre e seus críticos. Procuraremos mostrar que houve uma inflexão fundamental no pensamento sociológico nesta época, relacionada à constituição do campo sociológico a partir dos anos 50 e ao próprio estado do debate social. Neste processo, ocorreu um confronto entre Freyre e alguns cientistas sociais, um embate que é significativo para a compreensão dos diferentes sentidos que a sociologia assumiu entre nós.

Importante notar que, ao longo do período compreendido entre o aparecimento da primeira e segunda edição de *Sociologia* (1945 – 1957), a constituição do campo sociológico assumiu contornos notáveis. Com efeito, é uma unanimidade entre os pesquisadores da área que a década de 50 foi decisiva para as ciências sociais no Brasil. (ARRUDA, 1995) (ARRUDA, 2002) (BASTOS, 1996) (IANNI, 1998)

Os anos 50 representaram, pois, um momento de constituição do campo científico com a entrada em cena dos primeiros professores brasileiros e o aparecimento dos resultados das suas

² Manuscritos sobre o livro *Sociologia*. Acervo do Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre – Recife/PE.

³ Em 1957, na segunda edição de *Sociologia*, Freyre anunciou também o preparo de novas edições estrangeiras do livro (espanhola, inglesa e francesa) que igualmente jamais se concretizaram.

pesquisas, sobretudo em São Paulo. Foi então que ocorreu um esforço de rompimento com as formas pouco especializadas de conhecimento da vida social através do assentamento da carreira acadêmica e da rotinização de certas regras relativas à produção conhecimento sociológico. Pôde-se então definir o *lugar* e os *meios* legítimos para profissionalização do sociólogo; institucionalizar a *linguagem* cientificamente válida, eleger os *autores-emblema* representantes de teorias e procedimentos metodológicos legítimos; definir o *método* de análise; instituir *temas* e *problemas* admitidos no interior do campo científico.

Nesse sentido, na década de 50, a vigilância quanto às fronteiras do campo passou a ser mais severa do que nos anos 40. Este fenômeno evidentemente implicou numa luta simbólica importante que é paradigmaticamente revelada no diálogo entre Freyre e seus críticos que procuraremos neste capítulo apresentar e analisar. Tal diálogo manifesta o confronto sistemático entre o que se convencionou chamar de *sociologia científica* e a *sociologia de Freyre*.

Importante, antes de entrar na discussão acerca do confronto entre Freyre e os cientistas sociais, que se compreendam as condições nas quais foi possível a inflexão do debate sociológico à qual acabamos de fazer alusão. Isso exige, pois, que se reconheça o papel central da experiência de São Paulo na renovação das ciências sociais no Brasil.

Com efeito, na década de 50, após um longo período de contato com missões científicas estrangeiras e a formação da primeira geração de portadores especializados do conhecimento sociológico entre nós, São Paulo desempenhou uma função importante para a definição das novas regras do campo sociológico. A Escola Livre de Sociologia e a Universidade de São Paulo tomaram para si a tarefa de romper com os padrões anteriores de interpretação da realidade social existentes no Brasil. A vigilância teórica e metodológica exercida por Florestan Fernandes talvez seja o resultado mais bem acabado deste esforço. (ARRUDA, 2001)

Não se pode, pois, desvincular esta experiência no campo da sociologia ao fenômeno de metropolização e de complexificação da vida social de São Paulo, que se transformava então em centro manufatureiro hegemônico do país. A constituição do campo científico ultrapassa, pois, as fronteiras da própria universidade e se relaciona aos processos sociais amplos em curso. (ARRUDA, 2001:54)

A expansão industrial da cidade naquela década gerava efeitos notáveis no setor de serviços, na paisagem urbana e nas atividades educacionais e culturais. Importante também observar que o caldeamento cultural de povos (italianos espanhóis e portugueses, sírios,

libaneses, japoneses e alemães) transformava São Paulo numa babel cultural singular. (ARRUDA, 2001:57)

Certamente, a nova vivência metropolitana e cosmopolita do ambiente paulistano levou à explosão de novas linguagens culturais que se manifestavam nos teatros, na universidade, nos museus. Manifestações culturais que se referiam, sobretudo, ao desenraizamento experimentado pelas transformações recentes. Nos produtos culturais do período notava-se, pois, uma fadiga da tradição, uma vontade de devir. Neste ambiente, todos eram tributários do futuro.

Com efeito, Arruda nos mostra que a experiência urbana e cultural paulistana era vivida no período como um momento auspicioso, de superação do passado:

Vivenciava-se, naquele momento, a descrença plena em relação ao legado histórico anterior e essa atitude se exprimia na emergência de um tecido cultural renovado, produzido na esteira na modernização abrupta e evidente na transformação da linguagem em variados campos de expressão artística e científica. (ARRUDA, 2001:32)

... a radicalidade das mudanças ocorridas no decênio de 1950 impõe repensar a tão decantada relação entre cultura e sociedade e, concomitantemente, situar a especificidade desses complexos liames. Contingentes da nova geração de produtores culturais não se pensavam como continuadores de qualquer tradição: contrariamente, viam-se como introdutores de ruptura profunda e buscavam construir novas identidades, fato (ARRUDA, 2001: 33)

Neste ambiente, tanto na dramaturgia, na arquitetura como nas letras constituíram-se novas linguagens metropolitanas. Na sociologia houve, igualmente, a constituição de um novo discurso a fim de assinalar o rompimento com o passado e o compromisso com o futuro. No ambiente da Universidade de São Paulo, impôs-se a tarefa de constituição de uma nova linguagem, representativa de uma consciência moderna caracterizada pela objetividade, pela neutralidade valorativa e pelo universalismo: *"a nova sociologia veio escorada na valorização do conhecimento positivo obtido através do trabalho de campo controlado, considerado daí por diante como novo padrão de cientificidade."* (OLIVEIRA, 1995: 238)

Houve, pois, um esforço para produzir a diferenciação disciplinar da sociologia em relação às outras áreas, principalmente a literatura. Dois autores foram fundamentais na vigilância e na instituição do cânon sociológico: Donald Pierson e Florestan Fernandes (ambos ligados à Escola

Livre de Sociologia e Política e à Universidade de São Paulo). (OLIVEIRA, 1995:240) (VILA NOVA, 1998)

Nesta circunstância, procurou-se separar, entre os autores próximos, o modo de produção amador do modo de produção especializado. Considerou-se atrasado o pensamento social até então produzido. Surgiram então os esquemas classificatórios da história das Ciências Sociais no Brasil. (CANDIDO, 1957) (FERNANDES, 1958) A manifestação pré-científica da disciplina foi demarcada como ligada à tradição ensaística; pouco especializada e caracterizada pela narrativa histórica.

Neste ambiente, a linguagem e a abordagem de Freyre que fora considerada revolucionária nos anos 30, envelhecera sob os novos julgamentos 'especializados' da década de 50. A sua *Sociologia* sofreu, pois, uma re-significação no período que vai dos anos 40 aos anos 50. (FERNANDES, 1958)

II. O lugar do sociólogo e da sociologia

Nos anos 30, com a institucionalização das Ciências Sociais no ensino superior brasileiro, o princípio de produção de conhecimento sociológico passou a ser o acadêmico. Isso equivale a dizer que a academia direcionou os critérios e regras para elaboração da linguagem, para a diferenciação disciplinar e a formulação da identidade profissional na área.

Foi, pois, nas instituições superiores que se estruturou a carreira do cientista social. A universidade passou a ser o *locus* privilegiado para a profissionalização, para a produção do conhecimento sociológico, para a institucionalização de regras legítimas do campo científico.

Pelas razões a que nos referimos acima, sobretudo, a Universidade de São Paulo e a Escola Livre de Sociologia e Política, tornaram-se proeminentes nesta tarefa.

A universidade erigiu (...) uma nova modalidade cultural, implicando num tipo de reflexão constante e pontuado de exigências próprias, respaldado tanto na produção de um conhecimento voltado para a carreira, quanto num saber que exigia as preocupações com a transmissão. O profissional universitário é, ao mesmo tempo, professor. A transmissão dos conteúdos gera o esforço de sistematização dos sistemas de pensamento expresso em grandes sínteses, frequentemente apoiado em grandes discursos sobre o método. Procedimentos desta natureza são típicos da academia:

o 'homo academicus' gosta do acabado. Daí a permanente discussão teórica como resultado do papel professoral. (ARRUDA, 1995: 116)

A ambiência metropolitana e a estabilidade institucional dos centros universitários paulistanos certamente permitiu o processo acelerado de profissionalização e especialização na área. Ali se criou condições sociais e institucionais favoráveis para a definição do *cânon* do campo sociológico. (MICELI, 1989:86)

Com efeito, Freyre, a partir da constituição da academia como o lugar legítimo para a produção do conhecimento sociológico e para a instituição das regras do campo, passou a ficar numa situação ambígua. Rigorosamente, o livro *Sociologia* contém esta tensão que é significativa do processo de constituição do campo sociológico. Seu autor não estava, pois, acomodado no lugar que se constituiu como o *locus* privilegiado para a produção do conhecimento sociológico e para a definição das fronteiras do campo científico. Ao mesmo tempo, ainda que ausente do lugar instituído como legítimo para falar em nome da sociologia, lançava um compêndio cujo objetivo era exatamente propor formas de distinção entre o conhecimento sociológico e outras áreas: lembremos que Freyre justificava a elaboração do livro como sendo uma empreitada contra o diletantismo. Nestas circunstâncias, assumia, a um só tempo, a condição de escritor, de aventureiro liberto das restrições da cátedra e de especializado.

O pressuposto de que a Universidade era o *locus* legítimo para a institucionalização das regras do campo sociológico foi tão acentuado que Freyre, quando da primeira edição de *Sociologia*, julgou ser necessário, logo nas primeiras páginas introdutórias ao livro, justificar o fato de que elaborava um compêndio de sociologia sem que fosse um acadêmico docente.

O autor afirmou então que, embora não fosse professor de faculdades ou de universidades, era especializado na área. Logo, era capaz de contribuir para o desenvolvimento dos estudos sociológicos:

esta introdução ao estudo de Sociologia, não é obra de sociólogo que faça profissão do ensino ou da prática especializada ou exclusiva de qualquer ramo da ciência social. É de alguém, cuja situação é, bem ou mal, a de escritor. Escritor cuja atividade para-sociológica se baseia largamente no fato de ter, em seus cursos universitários, e em viagens da Europa, se especializado com algum rigor e com algum gosto no estudo da antropologia social (em que teve por mestre principal, como já foi dito, o professor Franz Boas), da Sociologia, da história social, da economia e do direito público. Este estudo especializado durante anos decisivos na formação intelectual do autor – estudo que de algum modo ele conserva

atual pelo contato com atividades universitárias e com revistas e publicações especializadas, embora não como professor de carreira nem como membro de academias e associações de caráter profissional – talvez sirva de desculpa à sua ousadia de publicar um trabalho do gênero que se segue. (FREYRE, 1945: 64-65)

Freyre definiu-se como um escritor que, entretanto, especializou-se com dedicação e prazer em ciências sociais por meio de seus estudos nos Estados Unidos e na Europa.

Não obstante, ainda assim, Freyre procurou assinalar que o livro *Sociologia* resultou de sua experiência docente no ensino superior, dedicando-o aos seus estudantes de sociologia e antropologia da extinta Universidade do Distrito Federal (1935-1938) e, também, à Heloísa Alberto Torres, sua colega.⁴ Na segunda edição, não houve, porém, na dedicatória, sequer menção aos seus estudantes da UDF nem à Heloísa. Freyre dedicou-a "*à memória de Roquette-Pinto*"⁵ que morreria em 1954.⁶

Não se pode esquecer, entretanto, que Freyre criara, em 1949, uma instituição dedicada à pesquisa social, onde se abrigaria durante toda sua vida: o Instituto Joaquim Nabuco, sediado na cidade do Recife (que hoje é a Fundação Joaquim Nabuco).⁷

⁴ Freyre refere-se aos seus alunos e à Heloísa Torres também na introdução da primeira edição. Dos seus alunos afirma que *acharam um jeito de sobreviver organizando-se numa sociedade de estudiosos de sociologia* com donativo de Affonso Penna Júnior. Parece referir-se ao *Club de Sociologia*. Diz ainda que tal sociedade estava então para converter-se em Instituto Brasileiro de Estudos Sociais. (FREYRE, 1945: 68) De Heloísa Torres, então diretora do Museu Nacional afirma que, como professora da UDF, *deu decisivo amparo ao estudo científico de sociologia no Brasil*. (FREYRE, 1945:69)

⁵ Edgar Roquette-Pinto (1884-1954) nasceu no Rio de Janeiro. Em 1905 formou-se na Faculdade de Medicina. Em 1906 foi nomeado professor assistente de Antropologia no Museu Nacional. Foi delegado brasileiro no Congresso de Raças, realizado em Londres, em 1911. Foi colaborador da Comissão Rondon, professor de História Natural na Escola Normal do Distrito Federal (1916) e professor de Fisiologia na Universidade Nacional do Paraguai (1920). Fundou, em 1923, na Academia Brasileira de Ciências, a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, que tinha fins exclusivamente educacionais e culturais e que, em 1936, passou a pertencer ao Ministério da Educação. Em 1926 dirigiu o Museu Nacional. Em 1932, fundou a Revista Nacional de Educação; fundou e dirigiu, no Ministério da Educação, o Instituto Nacional do Cinema Educativo e fundou, também naquele ano, o Serviço de Censura Cinematográfica. Escreveu as seguintes obras: *O exercício da medicina entre os indígenas da América* (1906); *Excursão à região das Lagoas do Rio Grande do Sul* (1912); *Guia de antropologia* (1915); *Rondônia* (1916); *Elementos de mineralogia* (1918); *Conceito atual da vida* (1920); *Seixos rolados Estudos brasileiros* (1927); *Glória sem rumor* (1928); *Ensaio de antropologia brasileira* (1933); *Samambaia, contos* (1934); *Ensaio brasileiro* (1941); além de grande número de trabalhos científicos, artigos e conferências, publicados de 1908 a 1926 em diferentes revistas e jornais. Disponível em: www.academia.org.br

⁶ Pallares-Burke (2005), a propósito, lembra que Roquette Pinto foi um autor decisivo (tanto quanto Boas), para que Freyre, na década de 20, percebesse a ausência de fundamento científico das teses que admitiam a degeneração do mestiço. (PALLARES-BURKE, 2005:332-345)

⁷ Faltam análises críticas sobre a história da Fundação Joaquim Nabuco. Um levantamento e estudo minucioso das pesquisas que Freyre comandou na instituição seria fundamental para a compreensão mais exata da trajetória do autor a partir do final dos anos 40. Sugerimos a consulta ao texto de FRESTON (1989) que contém algumas sugestões interessantes sobre a instituição. Verificar também: (CAVALCANTI, 1990) (SANTOS, 2003)

A criação do Instituto foi viável graças ao prestígio social de Freyre e à conjuntura democrática. Consagrado pela obra *Casa-Grande & Senzala* (que estava em sua quinta edição brasileira e acabava de ser publicada nos Estados Unidos e Inglaterra) e conhecido pelas atividades jornalísticas nos *Diários Associados*, Freyre se elegeu Deputado Federal em 1946. (FRESTON, 1989:321) Dois anos depois, em 1948, lançou na Câmara Federal um projeto no qual propôs a criação do Instituto, a pretexto das comemorações do centenário de nascimento de Nabuco. Na ocasião, disse que o objetivo do Instituto era promover estudos sociológicos das condições de vida do trabalhador e do lavrador da região do norte. (FREYRE, 1966)

Certamente a criação do Instituto foi também favorecida pela crescente preocupação com a questão das desigualdades regionais a partir da abertura democrática. O Nordeste e o Norte passaram a ser fonte de interesse crescente desde a segunda metade dos anos 40.

Importante lembrar que a criação da Universidade de Pernambuco foi exatamente no mesmo ano em que Freyre se elegeu Deputado Federal. Não obstante, o curso de ciências sociais fora ali viabilizado apenas em 1950. (PERRUCCI, 1986) (SOUTO-MAIOR, 2003) E, ao que tudo indica, Freyre não participou do processo de institucionalização do curso. Até mesmo porque o criador da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Pernambuco – que então abrigava o curso de ciências sociais - era Barbosa Lima Sobrinho⁸, Deputado Federal pelo PSD, a quem Freyre, publicamente, se declarava como inimigo político.⁹

A propósito, Freston lembra que, durante o discurso de apresentação do projeto de criação do Instituto à Câmara, Freyre foi inquirido sobre as razões pelas quais ele se opôs a vincular o Instituto a alguma Universidade. Freyre teria ignorado a pergunta que, no limite, parecia

⁸ Alexandre José Barbosa Lima Sobrinho (1897-2000). Nasceu em Recife/PE. Bacharel em Direito pela Faculdade de Direito do Recife (1917). Foi adjunto de promotor do Recife, em 1917, e advogado no período imediato ao de sua formatura. Colaborou na imprensa pernambucana, no Diário de Pernambuco, no Jornal Pequeno e, principalmente, no Jornal do Recife. Mudou-se para o Rio em 1921 e então trabalhou no Jornal do Brasil. Na Associação Brasileira de Imprensa, exerceu a presidência nos períodos de 1926 a 1929; a presidência do Conselho Administrativo de 1974 a 1977; e novamente a presidência em 1978-80 e nos períodos subsequentes, até o de 1990-92. Foi eleito deputado federal por Pernambuco para o triênio 1935-3. Exerceu a presidência do Instituto do Açúcar e do Alcool, de 1938 a 1945, quando tomou posse da cadeira de deputado federal por Pernambuco, na Assembléia Constituinte de 1946. Na Câmara dos Deputados, em 1946, foi membro da Comissão de Finanças e designado relator do orçamento do Ministério da Guerra. Renunciou à cadeira de deputado em 1948, para assumir, a 14 de fevereiro do mesmo ano, o cargo de governador do Estado de Pernambuco, exercendo o mandato até 31 de janeiro de 1951. Deputado federal por Pernambuco para a legislatura 1959-1963, integrou, nessa Casa do Congresso, a Comissão de Justiça. Publicou *A ilusão do direito à Guerra* (1922), *O problema da imprensa* (1923), *A árvore do bem e do mal* (1926), *Pernambuco e o Rio São Francisco* (1929), *A Revolução de outubro* (1935), *Interesses e problemas do sertão pernambucano* (1937), *Problemas econômicos e sociais da lavoura canavieira* (1941), *Os fundamentos nacionais da política do açúcar* (1944), *Oito anos de administração no Instituto do Açúcar e do Alcool* (1946). (BRAGA, 1998:489)

⁹ Em 1947, Freyre escreveu um artigo no *Diário de Pernambuco*, no qual critica o vínculo de Barbosa Lima Sobrinho com o interventor Agamenon Magalhães. Considera-o, pois, um *traidor de Pernambuco*. (FREYRE, 1947)

indagar sobre um possível vínculo entre o novo Instituto e a Faculdade de Filosofia da Universidade Federal de Pernambuco. Anos mais tarde Freyre justificaria que, livrando o Instituto do vínculo com a Universidade, queria evitar a excessiva burocratização, considerada por ele comum aos meios universitários. (FRESTON, 1989: 323)

Parece correto pensar, pois, na hipótese de que a cisão originária entre o Instituto Joaquim Nabuco e a Faculdade de Filosofia de Pernambuco é menos resultado de uma vontade de autonomia burocrática e administrativa do que consequência de embates políticos locais. Neste caso, é significativo que tais conflitos políticos tenham se manifestado por meio de um confronto institucional, especialmente no campo das ciências sociais.

Além disso, dois dos nomeados professores de ciências sociais na Universidade de Pernambuco - Pinto Ferreira¹⁰ e Gláucio Veiga¹¹, ambos originários da Faculdade de Direito - eram críticos contundentes de Gilberto Freyre. O próprio Freyre costumava afirmar que Gláucio Veiga foi então considerado *o mais terrível anti-Gilberto do mundo inteiro*. (FREYRE, 1985)

Após a fundação do curso de Ciências Sociais na Universidade Federal de Pernambuco, o debate sociológico local se dividiu entre duas correntes: a *sociologia de Freyre* e a *sociologia de Pinto Ferreira e Gláucio Veiga*. A rivalidade entre as correntes estava relacionada de um lado, à rivalidade institucional entre a UFPE e o Instituto; de outro, manifestava duas perspectivas sociológicas bastante diversas: uma mais ligada ao *ensaísmo* e a outra preocupada com a objetividade empírica.

É, porém, importante lembrar que, nos anos 50, o próprio Instituto abrigava orientações sociológicas distintas. Segundo depoimentos levantados por Freston havia, dentro dele, um grupo voltado para a pesquisa de campo (representado pelos pesquisadores Levy Cruz e René Ribeiro)

¹⁰ Luiz Pinto Ferreira, nascido em 1918, fez curso de Ciências Jurídicas e Sociais na Faculdade de Direito do Recife em 1938. Ainda estudante, provavelmente por influência de Pontes de Miranda, escrevera dois artigos de sociologia: *introdução à sociologia matemática* (1937) e *introdução à física sociológica* (1938). Em 1944, assumia a livre docência na Faculdade de Direito do Recife, na cadeira de teoria geral do estado. Atualmente é catedrático em direito constitucional. Escreveu diversos compêndios na área de direito e sociologia, nos quais evocou a tradição teórica alemã acrescentada às idéias socialistas. Publicou também um livro sobre a história da Faculdade de Direito do Recife. Foi fundador do MDB em Pernambuco, partido pelo qual foi eleito Senador. (SOUTO MAIOR, 2003)

¹¹ Gláucio Veiga, nascido em 1923, fez o curso de ciências jurídicas e sociais da Faculdade de Direito do Recife entre os anos de 1944 e 1948. Foi professor da Universidade Federal de Pernambuco. Em 1954, fundou um Instituto de Ciência Política e Pesquisas Sociais em Pernambuco onde fazia pesquisas sobre Sociologia eleitoral. Publicou trabalhos relevantes na área de direito e escreveu o livro *História das idéias da Faculdade de Direito do Recife*. Nos anos 80, Veiga era membro efetivo dos *Seminários de Tropicologia* organizados pela Fundação Joaquim Nabuco. Foi também o proponente da introdução da cátedra Gilberto Freyre na Universidade Federal de Pernambuco inaugurada em 1998. Ver: <http://www.fgf.org.br/seminariodetropicologia/anos/1985.html> Ver também: (FRESTON, 1969: 350) (REIS, 2003).

e outro, voltado para uma '*sociologia mais literária, mais impressionista*'. Segundo Freston, pouco a pouco, a corrente literária foi vencendo e adquirindo dominância no interior da instituição. Uma possível evidência disso, teria sido a saída de René Ribeiro¹² do Instituto para assumir a cadeira de antropologia na UFPE no ano de 1957. (FRESTON, 1989: 347) (RIBEIRO; HUTZIER: 1997: 70)

Entretanto, o Instituto Joaquim Nabuco foi, ainda assim, considerado como o órgão verdadeiramente responsável pela implantação da pesquisa social organizada em Pernambuco. Segundo o testemunho de Nilo Pereira, foi o Instituto que, de fato, institucionalizou a pesquisa social na região.¹³ (FRESTON, 1989: 349) O próprio René Ribeiro considera que o Instituto promoveu vantagens para o desenvolvimento da pesquisa: foi um ambiente formado pela presença de notabilidades internacionais que se relacionavam pessoalmente com Freyre, com os quais era possível conseguir financiamento para pesquisa e postos-chave para a carreira (o próprio René Ribeiro, tornou-se presidente da seção regional do Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura da UNESCO). O Instituto tinha, também, condições favoráveis para aquisição de livros e aparelhagem sofisticada. Além disso, oferecia oportunidades para treinamento dos pesquisadores e para publicação dos resultados de suas pesquisas. (FRESTON, 1989:349)¹⁴

Com efeito, nos anos 50, foram ministrados, no Instituto Joaquim Nabuco, cursos de sociologia e, desde o ano de 1952, o órgão manteve o periódico *Boletim do Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais*. (FRESTON, 1989: 331)

Segundo Heraldo Souto Maior, frequentemente professores da Universidade e seus alunos faziam pesquisas e estagiavam no Instituto Joaquim Nabuco. É o caso dos pesquisadores Manoel Correia de Andrade, Mario Lacerda de Melo e Gilberto Osório de Andrade que eram oriundos dos departamentos de geografia, ciências Sociais e direito. Souto Maior afirma que sua experiência de campo iniciou quando era ainda aluno de graduação na Faculdade de Direito do

¹² René Ribeiro (1914-1990) nasceu na cidade do Recife. Formou-se em Medicina pela Faculdade de Medicina de Pernambuco. Foi livre-docente de Psiquiatria da referida Faculdade, *Master of Arts* em Antropologia pela Northwestern University (USA), *Fellow* da American Anthropological Association (USA), professor de Antropologia da Universidade Federal de Pernambuco, sócio-fundador da Associação Brasileira de Antropologia. Publicou diversos ensaios em revistas especializadas e os seguintes livros: *Cultos afro-brasileiros do Recife* (1952), *Religião e relações raciais* (1956) e *Antropologia da religião* (1982).

¹³ Um levantamento inicial das pesquisas realizadas pelo Instituto Joaquim Nabuco foi realizado por Clóvis Cavalcanti. Ver: (CAVALCANTI, 1990)

¹⁴ Na edição de 1957 de *Sociologia* apareceram referências frequentes aos trabalhos desenvolvidos no Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais. Pequenos acréscimos realizados por Freyre dedicados a comentários elogiosos aos pesquisadores do Instituto, entre os quais René Ribeiro, Vamireh Chacon, Eloi Pontes, Aderbal Jurema.

Recife, contratado para realizar a primeira pesquisa do Instituto sobre habitações rurais em Pernambuco.¹⁵

Não obstante, ainda que o Instituto oferecesse efetivas condições para o desenvolvimento de pesquisas sociais, as relações ali eram preponderantemente baseadas em contatos pessoais, como lembra o próprio René Ribeiro em seu depoimento. O Instituto se constituiu, portanto, como um importante espaço de pesquisa que, embora não carregasse o pesado ônus do ensino e fosse isento dos entraves burocráticos do aparelho universitário, vivia sob a influência pessoal de Gilberto Freyre. Nesse sentido, não gozava da mesma legitimidade da Universidade. (FREYRE, 1989:349)

Assim Freyre, malgrado tivesse conquistado um espaço institucional próprio, continuava, pois, numa condição ambígua em relação ao campo das ciências sociais. Algumas alterações ao texto original de *Sociologia* manifestam tensão nesse sentido.

Na segunda versão de *Sociologia*, Freyre faz um acréscimo no qual afirma ter resistido às tentativas de incorporá-lo ao sistema universitário no Brasil e nos Estados Unidos, promovidas pela *imperial* Universidade do Brasil (onde, segundo sua versão, teria sido oferecida a cátedra principal de sociologia), pela Universidade da Bahia, do Recife, de Yale e de Harvard. (FREYRE, 1957:99)

Acrescentou ainda alguns trechos ao livro, nos quais se refere aos trabalhos e pesquisas do Instituto Joaquim Nabuco e seus jovens pesquisadores. É então que surgiram referências aos nomes de René Ribeiro e Wamireh Chacon nas páginas de *Sociologia*. (FREYRE, 1957: 103,199-204) Freyre parece assim procurar pontuar discretamente o seu *lôcus* institucional.

Freyre adicionou, também, na edição de 1957, uma pequena frase a fim de afirmar que na Universidade americana de Columbia alcançou titulação acadêmica: (...) *onde fizemos estudos ao mesmo tempo de Doutorado e de Mestrado, sem preocupação de graus, mas dentro de uma rigorosa sistemática universitária*. (FREYRE, 1957:75) Este sutil acréscimo ao texto original surgiu ali porque, provavelmente, naquele ano de 1957, a titulação acadêmica era elemento imprescindível para constituir legitimidade no campo das Ciências Sociais. Não bastava, naquela época, dizer que era escritor mais ou menos especializado, dedicado às coisas sociológicas e que se aproximava com liberdade criativa das teorias e métodos sociológicos.

¹⁵ Depoimento de Heraldo Souto Maior para a pesquisadora, por meio de correio eletrônico, em 14/02/2006.

Não se pode esquecer que naquele período, os estudos de pós-graduação, passaram a ser compreendidos como uma fase crucial na preparação do cientista social. Entendia-se, pois, que no desenvolvimento de suas teses, os pesquisadores eram de fato levados a refletir sociologicamente experimentando, a um só tempo, a pesquisa de campo e a aplicação de conceitos e métodos. O ofício de sociólogo estava, nos anos 50, estritamente vinculado aos estudos pós-graduados. (FERNANDES, 1962:16)

Por fim, vale acrescentar que, na edição de 1957, há um trecho interessante no qual Freyre dizia reconhecer a dominância de São Paulo nos estudos sociológicos. Nesta circunstância, afirmava que tinha ali reconhecida a sua contribuição sociológica, pois fora bem recebida a primeira edição do compêndio.

Ao apresentarmos esta segunda edição de "Sociologia", revista, aumentada e atualizada, não devemos deixar de exprimir nosso agradecimento aos que mais generosamente acolheram, no Brasil e no estrangeiro, a primeira edição, quando apareceu em 1945. No Brasil, os Professores ANÍSIO TEIXEIRA, FERNANDO DE AZEVEDO e FLORESTAN FERNANDES, os críticos LUÍS WASHINGTON e CIRO DE PÁDUA – quase todos de São Paulo. O que se explica pelo fato de ser hoje São Paulo, graças principalmente ao professor FERNANDO DE AZEVEDO, mas também a sucessivos professores franceses, anglo-americanos e um pelo menos, inglês, contratados para o ensino de ciências sociais pela sua Universidade e pela Escola de Sociologia e Política, o principal centro brasileiro de estudos sociológicos e universitários. (FREYRE, 1957:11)

Este trecho expressa o reconhecimento de Freyre de que São Paulo abrigava os principais centros de estudo sociológicos no Brasil (USP e ELSP em particular). E nestes, que eram os mais importantes núcleos da produção sociológica no Brasil, sua obra fora bem recebida. Freyre procurou assim, afirmar a inserção de *Sociologia* no circuito acadêmico *up to date* da época. Isso expressa que queria ser reconhecido na academia, especialmente entre os acadêmicos de São Paulo, que então gozavam de uma indiscutível legitimidade científica no campo das ciências sociais.

Não obstante, Freyre freqüentemente sugeria que a sua condição era de um *marginal* que, entretanto, era capaz de contribuir de forma original para os estudos sociológicos:

... à margem do professorado e das academias, há lugar para indivíduos que a própria Sociologia chamaria de marginais: semi-sociólogos capazes de uma vez por outra contribuir para o desenvolvimento do estudo de

problemas sociológicos com pontos de vista e arrojos extra-acadêmicos e extra-didáticos, embora de modo nenhum anti-acadêmicos e anti-didáticos. Arrojos raros e difíceis, ainda que não impossíveis, dentro das academias ou à sombra das cátedras regulares. (FREYRE, 1945: 66)

O autor afirmava ser próprio dos marginais o espírito de aventura (e não a irresponsabilidade e a boemia). Espírito este que, segundo sua perspectiva, permite, no campo intelectual, arrojos e audácias que são raros entre aqueles compromissados com a academia e a atividade docente.

Mas como Freyre define sociologicamente a condição de *marginal*? Encontramos a resposta também nas páginas de *Sociologia*. Para o autor, o marginal é um indivíduo deixado *temporariamente ou permanentemente de quarentena pelo grupo dominante*, ou também pode ser aquele que vive instavelmente entre duas culturas. (FREYRE, 1957:649)

Observa-se que, segundo Freyre, a situação de marginalidade implica de um lado, uma condição de exclusão em relação a um grupo dominante. De outro, implica a ambigüidade entre situações sociais distintas.

Com efeito, a partir do fenômeno de definição das regras do campo sociológico, Freyre frequentemente invocou a condição de excluído pelos 'paulistas' do campo sociológico. Não obstante, cultivou, também, certa ambigüidade entre o que poderíamos chamar aqui de *cultura científica* e a *cultura ensaística*.¹⁶ Daí que costumava dizer que *era e não era sociólogo*, a um só tempo. (FREYRE, 1968b)

Rigorosamente, Freyre se distanciou do debate de idéias sociológicas realizado sob as regras acadêmicas. Não participou de bancas, congressos e sociedades científicas promovidas e organizadas no Brasil, sobretudo em São Paulo, embora fosse frequentemente convidado. A propósito, é sabido que ele recusara participar da banca de doutoramento de Octavio Ianni e Fernando Henrique Cardoso. O convite fora feito por Florestan Fernandes, orientador das teses:

Os dois primeiros doutoramentos da cadeira de Sociologia I, a realizar-se em breve, de candidatos que trabalham sob minha orientação, devem ocorrer dentro deste semestre. Os candidatos são seus conhecidos e admiradores: Fernando Henrique Cardoso e Octavio Ianni. Os trabalhos

¹⁶ Lepenies (1996) faz um estudo interessante sobre alguns dos episódios do embate entre a literatura e as ciências sociais na Europa (França, Alemanha e Inglaterra). Para ele, com efeito, as Ciências Sociais se constituem como uma espécie de 'terceira cultura', na sua hesitação entre as ciências naturais e a literatura. (LEPENIES, 1996: 17) A discussão deste capítulo se inspirou efetivamente neste estudo.

*versam assunto de sua principal área de estudos – a sociedade senhorial brasileira, só que agora vista do ângulo das relações entre o senhor e o escravo no Sul do Brasil (porto Alegre e Curitiba). Queríamos prestar-lhes uma homenagem, que constitui ao mesmo tempo uma honra para nós, pedindo-lhe para participar da banca examinadora. Poderia fazer um sacrifício e aceitar este encargo? Do meu ponto de vista – posso dizer-lhe, sem ser chamado? – que não tem razão de ser o isolamento em que se tem mantido em relação aos centros universitários brasileiros, especialmente o de São Paulo (...) Acho que seria magnífico contar com sua colaboração e tomaria todas as providências para que todo o trabalho pudesse ser concentrado em poucos dias, para não prejudicar suas obrigações maiores.(...)*¹⁷

Numa segunda correspondência, Florestan insistia na presença de Freyre. Informou-o de que a Reitoria da Universidade liberara extraordinariamente verbas para que Freyre ficasse em São Paulo com sua esposa e os dois filhos durante o período que considerasse apropriado. Acrescentava que uma resposta favorável ao convite representaria um marco importante *para a alteração do clima de trabalho intelectual que tem prevalecido entre nós*.¹⁸ O último apelo de Florestan chegou por telegrama, quando pedia resposta urgente sobre a participação de Freyre na banca de doutoramento.¹⁹

Florestan evidenciou a existência de um clima intelectual incômodo e desfavorável entre eles. Freyre, entretanto, não cedeu aos seus pedidos insistentes. E, embora ocasionalmente se referisse ao fato de ter sido excluído dos debates e dos ambientes acadêmicos, ele próprio parecia, deliberadamente, querer evitá-los. Parecia querer evitar a submissão de suas idéias ao confronto sistemático.²⁰

Nestas circunstâncias, ausente dos espaços privilegiados para o debate sociológico entre nós, Freyre lançava mão de recursos peculiares para construir sua legitimidade e para responder aos seus críticos: os numerosos prefácios de seus livros, artigos em periódicos e jornais eram os lugares habituais onde dialogava com seus interlocutores. Não enfrentava seus opositores senão

¹⁷ Carta de Florestan Fernandes a Gilberto Freyre, datada de 07/04/1961. Acervo do Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre – Recife/PE.

¹⁸ Carta de Florestan Fernandes a Gilberto Freyre, datada de 15/05/1961. Acervo do Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre. Está reproduzido em (FALCÃO; ARAÚJO, 2001: 232).

¹⁹ Telegrama de Florestan Fernandes a Gilberto Freyre, s/d. Acervo do Centro de Documentação da Fundação Joaquim Nabuco. Está reproduzido em (FALCÃO; ARAÚJO, 2001: 233).

²⁰ Há um artigo de jornal no qual Freyre se diz excluído da academia, sobretudo, por meio de uma alegada campanha de silêncio contra suas obras. O artigo foi publicado no *Estado de São Paulo*, em 31/03/1979, sob o título "Freyre denuncia campanha de silêncio contra seus livros". Está reproduzido em (FALCÃO; ARAÚJO, 2001: 245-246).

no seu próprio terreno, a partir de uma apropriação também peculiar que ele fazia dos comentários críticos às suas obras.

Rigorosamente, ao se definir com a ambígua condição de 'marginal-especializado', Freyre dizia estar, a um só tempo, dentro e fora do campo científico. Esta posição lhe trouxe o bônus de não limitar suas formulações pelas regras científicas e de não ser rigorosamente obrigado a responder às exigências acadêmicas. Não obstante, lhe trouxe também o ônus de não ter participado dos processos de constituição das regras do campo científico e de estruturação da carreira do cientista social.

Daí que, como afirma Bastos, o autor esteve ligado ao processo de sistematização do conhecimento sociológico, mas ao mesmo tempo, esteve completamente desligado da sua institucionalização. (BASTOS, 1997: 201)

III. Purificação da linguagem sociológica

No processo de constituição do campo sociológico, a natureza da narrativa tornou-se um dos pontos nodais na luta pelo monopólio da competência científica. A partir do final dos anos 40, no Brasil, no campo da sociologia, ocorreu um esforço crescente no sentido de instituir o rompimento com o padrão descritivo que vigorou entre nós durante a década de 20 e 30, qual seja, o ensaísmo²¹. (ARRUDA, 2001:199-200)

Como teremos oportunidade de conferir, a obra de Freyre foi, pouco a pouco, sendo considerada fora dos padrões discursivos sociologicamente legítimos. Passou-se a exigir linguagem objetiva, descrições empíricas precisas acompanhadas da vigilância epistemológica intermitente. Essa vigilância, realizada, sobretudo, pelas novas gerações de cientistas sociais formados em São Paulo (pelas razões a que aludimos em tópico anterior), foi mais severa a partir do final dos anos 40 e atingiu o seu auge na segunda metade dos anos 50.

Com efeito, ainda em 1945, muitos saudaram o aparecimento de *Sociologia* pelo que o livro tinha de didático. Destacavam o fato de que Freyre expôs o conteúdo de maneira saborosa e instigante. Roger Bastide, por exemplo, afirmou que a grande qualidade do livro é que seu autor

²¹ Ver artigo de Luis Carlos Jackson sobre *Parceiros do Rio Bonito* de Antonio Candido. Neste artigo, o autor demonstra que a tese de doutorado de Candido, apresentada em 1954 para a cadeira de Sociologia II da Universidade de São Paulo, causou estranhamento por se afastar do espírito acadêmico vigente, misturar esquemas teóricos e ter uma linguagem pouco científica. (JACKSON, 2001)

foi capaz de despertar e interessar o leitor. Dizia que não se tratava, tão simplesmente, de uma suma sociológica no sentido estrito do termo, mas de uma espécie de prolongamento de *Casa Grande & Senzala*.²²

Num artigo da revista *Vamos Ler* (veículo de divulgação da Editora A Noite do Rio de Janeiro), também se afirmou que o livro de Freyre não se parecia em nada com um compêndio sociológico. E isso equivalia a dizer que o livro tinha uma fluidez narrativa que contrastava com a aridez da maioria dos livros dedicados a sínteses científicas.

Anísio Teixeira, num comentário pessoal ao autor, destacou também o caráter didático de *Sociologia*:

*É o primeiro grande livro didático que leio. (...) Com tais livros, Gilberto, se poderia talvez dispensar a escola. Porque o saber precisa, para ser comunicado, de ser tornar assim pessoal, humano, quente, imaginativo. (...) Diria que você conseguiu num livro a tal apresentação psicológica (e não lógica) da matéria de que fala Dewey.*²³

Em algumas passagens, a carta de Anísio Teixeira a propósito de *Sociologia* chegou a ser comovente. O educador remeteu a obra à Universidade do Distrito Federal: para Teixeira foi como se o livro de Freyre, tão próximo e original, provocasse a reminiscência daquela experiência universitária tão precocemente interrompida:

*Foi tudo passageiro, foi tudo um sonho... Mas ficou o seu curso, primeiros discípulos e agora o livro, este livro que é algo de novo, que é de um professor a narrar por escrito, como o mesmo calor, o mesmo temperamento, a mesma sedução de quem estivesse a conversar com seus alunos.*²⁴

Entretanto, embora comentadores admirassem a capacidade de Freyre tornar atraente a síntese sociológica, condenaram, por vezes, a dispersão provocada pela enumeração exagerada de exemplos. O próprio Bastide afirmou que Freyre freqüentemente se perdeu em suas

²² Roger Bastide, *Diários Associados*, 05/12/1945. Recorte do Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre - Recife/PE.

²³ Carta de Anísio Teixeira a Gilberto Freyre, datada de 2 de fevereiro de 1946. Acervo do Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre - Recife/PE.

²⁴ Carta de Anísio Teixeira a Gilberto Freyre, datada de 2 de fevereiro de 1946. Acervo do Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre - Recife/PE.

discussões secundárias.²⁵ Florestan Fernandes, do mesmo modo, constatou a enumeração de *exemplos inúteis* que, a despeito de serem produto de sua inteligência ativa, prejudicaram o plano da obra, tornando-a excessivamente dispersa.²⁶

Em poucos anos, esta crítica difusa acerca da dispersão narrativa de Freyre foi substituída por uma censura sistemática ao seu estilo pessoal e literário. Desde o final dos anos 40 apareceram comentários desfavoráveis à sua narrativa. Um dos primeiros registros é a crítica de Donald Pierson. Num texto de 1949 para o *Manual bibliográfico de estudos brasileiros*²⁷, a propósito de uma resenha sobre o desenvolvimento da sociologia no Brasil, Pierson comentou que embora Gilberto Freyre tenha sido pioneiro nas investigações sobre o contato social e cultural no Nordeste, suas análises eram *dispersivas, normativas e de caráter um tanto mais literário que científico*. (MORAES; BERRIEN, 1949: 793)

A propósito, interessante lembrar que Pierson também submeteu à revisão a segunda edição de *Teoria e Pesquisa em Sociologia*, publicada em 1948. Nesta revisão, além de algumas atualizações relativas aos dados históricos (sobretudo os que se referiam à 2ª Guerra Mundial), acréscimos de novos capítulos (aos quais já nos referimos em capítulo anterior) e reorganização do sumário, Pierson fez algumas correções pontuais ao texto. Alterou principalmente sua *linguagem*. Um dos exemplos notáveis disso: na segunda edição, ele substituiu a expressão *aurora da inteligência humana* por *quando o homem começou a refletir*. (PIERSON, 1945: 36) (PIERSON, 1948: 35) Observemos, pois, que ele procurou substituir expressões literárias por termos mais objetivos.

Certamente este esforço de *purificação* da linguagem é significativo da mudança operada, a partir do final dos anos 40, no padrão discursivo e interpretativo admitido no campo sociológico. Configurou-se então, por meio da linguagem, uma separação radical entre o modo de produção amador e o modo de produção especializado. Sobre a linguagem literária não era, afinal, possível o exercício do controle racional. (ARRUDA, 2001: 213)

É também nesta nova edição de *Teoria e Pesquisa em Sociologia* que Pierson menciona, numa nota de rodapé acrescida ao texto original, *alguns escritores que desconhecem as*

²⁵ Roger Bastide, *Diários Associados*, 05/12/1945. Recorte do Acervo do Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre- Recife/PE.

²⁶ Florestan Fernandes, *Jornal de São Paulo* em 08/01/46. Recorte do Acervo do Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre- Recife/PE.

²⁷ O livro, organizado por Rubem Borba de Moraes e William Berrien, possui também um capítulo escrito por Gilberto Freyre que se dedica a sintetizar os trabalhos sobre a República no Brasil. (MORAES; BERRIEN, 1949)

distinções que se fazem na linguagem científica entre os conceitos de 'preconceito' e 'discriminação'. Embora não explicita o destinatário, parece que Pierson se refere a Freyre e sua interpretação sobre a situação racial do Brasil. Pierson afirma que no país há *discriminação* dos negros, embora não haja propriamente *preconceito* racial. A condição de sociólogo de Freyre é, pois, questionada nesta pequena nota; referido como escritor, acusado de confundir conceitos, de não reconhecer os meandros da linguagem científica.²⁸

Freyre respondeu às críticas de Pierson quase que imediatamente, na introdução à segunda edição de *Sobrados e Mucambos*, publicada em 1949. Neste texto, para os que o acusavam de fazer mais poesia que ciência, Freyre afirmou que não se utilizava com abundância de estatísticas e números porque a sociologia quantitativa é apenas parte da sociologia:

Os devotos da Sociologia apenas quantitativa ou matemática, ou da história apenas cronológica e descritiva, são hoje sebastianistas à espera de algum D. Sebastião que sob a forma de novo Bacon restaure nos estudos sociológicos e nos históricos, o prestígio absoluto do Número ou do Fato Puro. Que esperem o seu D. Sebastião. Mas que dêem aos outros o direito de seguir critério diferente de Ciência Social ou de História Humana. (FREYRE, 2002d: 678)

Aqui Freyre ironiza os 'cientistas puristas' afirmando que estavam num embate entre 'crenças' sociológicas. E reivindicou 'liberdade de culto': um lugar para sua prática de investigação sociológica que embora diversa, tinha fundamentos nítidos e legítimos. Para Freyre, o gênero de *sociologia científica* era, na verdade, apenas uma variedade sociológica. O autor rejeitava uma interpretação do mundo orientada exclusivamente por números e por formas precisas e desejava espaço para análises de cunho qualitativo.

Em 1954, a crítica à narrativa e ao método empático de Freyre ganhou ainda um novo episódio. Na *Revista Pernambucana de Sociologia*, periódico da Universidade Federal de Pernambuco, Gláucio Veiga criticou o que chamou de *efeitos estilísticos* dos textos de Gilberto Freyre e os relacionou a uma suposta inconsistência teórica do autor.²⁹

Lembremos que Gláucio Veiga era professor de sociologia da Universidade Federal de Pernambuco. Nesse sentido, seu comentário repercutiu especialmente no Estado. Veiga foi, pois,

²⁸ Vale lembrar que na segunda edição de *Teoria e Pesquisa*, Pierson mantém um texto sobre *A 'situação racial brasileira*, embora o tenha transformado num apêndice (na primeira edição era um capítulo). Neste texto, Pierson admite algumas teses de Freyre sobre o tema e cita a obra *Casa-Grande & Senzala*. (PIERSON, 1948: 411)

²⁹ *Revista Pernambucana de Sociologia*, ano I, no. 1, Recife, 1954, p. 130.

alvo de críticas num artigo publicado no *Jornal do Commercio* por Frederico da Rocha.³⁰ Ainda que não conheçamos o seu autor, o artigo nos parece importante porque nos mostra que, nos anos 50, antes mesmo da segunda edição de *Sociologia*, os confrontos relativos ao processo de constituição do campo sociológico assumiu contornos cada vez mais nítidos.

Rocha, que assumia uma posição favorável a Gilberto Freyre, condenava o modo como estavam sendo realizadas as críticas ao autor de *Casa Grande & Senzala*:

*O conflito entre a Sociologia de Gilberto Freyre e grupo que prega uma Sociologia científica, não se está fazendo nos moldes da honestidade e da equanidade, atitudes guias dos estudiosos das Ciências Sociais.(...) A apreciação intelectual gira em torno da seguinte razão: fulano acha sicrano imbecil porque este é de orientação marxista assim como beltrão acha sicrano um patife porque este pertence a uma reacionária ordem religiosa. É essa a luta ridícula que tem sentido entre torcedores de 'football' mas nunca entre homens de ciência, que constitui o círculo vicioso de nosso meio intelectual.*³¹

É possível, portanto, afirmar que quando Freyre preparou a segunda versão de *Sociologia*, no ano de 1957, estava já instituído - como uma luta entre fundamentalistas religiosos, ou mesmo entre torcedores de futebol - um confronto notável entre a *sociologia de Freyre* e a *sociologia científica*.

Com efeito, o prefácio de Anísio Teixeira preparado para segunda edição de *Sociologia*, demonstra que, neste animado confronto, o educador saiu em defesa de Freyre. Neste prefácio, Teixeira exalta as qualidades sociológicas e didáticas do autor e do livro prefaciado. Freyre é caracterizado como um cientista-escritor, a um só tempo mestre e criador da Sociologia, comparado a figuras como Ortega y Gasset, Bérqson e Proust. Interessante notar que, Teixeira procura afirmar a genialidade de Freyre que, segundo seu ponto de vista, não era então devidamente reconhecida pelas limitações recentes instituídas no meio sociológico. Para Teixeira, o meio sociológico, então ocupado com *descrições meticulosas e amontoados quantitativos de fatos inexpressivos*, acabava por não permitir a projeção do gênio de Freyre, que não obstante, certamente seria reconhecido no futuro. (TEIXEIRA *apud* FREYRE, 1957:7)

³⁰ Frederico S. M. da Rocha. *Jornal do Commercio*, 25/12/54. Recorte do Acervo do Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre- Recife/PE.

³¹ Frederico S. M. da Rocha. *Jornal do Commercio*, 25/12/54. Recorte do Acervo do Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre- Recife/PE.

Ao qualificar Freyre como um gênio, Teixeira acaba por excluí-lo das regras que se impõem ao campo científico. Afinal, um gênio não se submete às minúcias e limitações das convenções científicas. Ao contrário: subverte as regras, antecipa tendências, se sobrepõe a fronteiras e cria um estilo próprio.

Em 1958, logo após a segunda edição de *Sociologia*, houve mais um episódio significativo deste confronto entre a '*sociologia científica*' e a '*sociologia de Freyre*': um debate entre Freyre e o então jovem pesquisador da Universidade de São Paulo, Octávio Ianni. O debate é revelador. Diz respeito, mais uma vez, sobretudo, à demarcação da linguagem dominante nas Ciências Sociais no Brasil.

Na *Revista Anhembi*, Octavio Ianni publicou uma resenha sobre o livro *Sociologia*. O tom do texto foi severo. A crítica não foi amolecida por elogios ou pequenas concessões. Dois trechos do texto representam bem o que estamos aqui buscando caracterizar:

Publicada num período crítico para a ciência no país, como foi o caso de 'Princípios de Sociologia' de Fernando de Azevedo, 'Sociologia' não pode ser considerada uma obra das mesmas proporções e tão adequada às necessidades do momento como aquela. No plano teórico, o 'Manual' de Gilberto Freyre representa menos para moderna Sociologia brasileira do que, no terreno empírico, as suas investigações para as modernas pesquisas empíricas sistemáticas que aqui se realizam. (IANNI, 1958:358)

... a obra não apresenta os requisitos exigidos pelo estado presente das preocupações dos especialistas brasileiros. (IANNI, 1958:358)

Estes comentários de Octávio Ianni acerca do livro *Sociologia* representam bem o espírito da segunda geração de cientistas sociais brasileiros formados na USP e que então reproduziam esforços para a vigilância do *cânon* sociológico.

Observemos que ao propor uma comparação entre *Sociologia* de Freyre e *Princípios de Sociologia* de Fernando de Azevedo, Ianni confirmou o confronto entre duas tradições teóricas distintas e seus autores-emblemas. De um lado, Freyre e de outro Azevedo. Dito de outro modo, de um lado Simmel, de outro, Durkheim. Ou ainda, tal como foi traduzido esse confronto para a linguagem de nossos intelectuais: de um lado o ensaísmo, de outro, o rigor científico.

De fato, o rigor pretensamente científico de *Princípios* está manifesto numa linguagem séria, acadêmica, burocrática que se contrapõem à linguagem pessoal e coloquial de Freyre. Lembremos que Azevedo publicou o mencionado livro em 1935, logo após a fundação da USP.

Trata-se de um compêndio enciclopédico, inspirado principalmente nas recomendações metodológicas durkheimianas, a partir das quais o autor repete sem cessar o caráter autônomo da Sociologia. Certamente, era um esforço de síntese relacionado à conquista recente de um lugar acadêmico para a nova disciplina científica. (AZEVEDO, 1935)

O texto de Ianni comprova como esse esforço de Azevedo foi eficaz sobre os alunos que foram os primeiros estudantes de ciências sociais entre nós. Ora, a julgar pelas palavras do então jovem pesquisador formado na USP, Durkheim era, de fato, a referência a partir da qual eram avaliados autores e obras sociologicamente válidos. Reparemos um trecho do texto de Ianni que é paradigmático desse fenômeno: "... *não se pense que ele [Freyre] resolveu percorrer, meticulosamente, as etapas da sua investigação empírica, com todas as suas implicações teóricas e metodológicas, como fez Durkheim em 'Les Règles de la Méthode Sociologique'*". (IANNI, 1958:354)

Não obstante, o julgamento que Ianni fez de Freyre levou em conta, sobretudo, a linguagem:

... o defeito fundamental da obra reside no fato do autor ter utilizado nela o mesmo método expositivo e a mesma linguagem que desenvolveu na elaboração das suas investigações empíricas. A fluência, a versatilidade, a flexibilidade da linguagem, a multiplicidade de ângulos, que não prejudicam as suas análises da sociedade patriarcal, não são adequadas a uma obra em que são examinados conceitos, idéias e problemas teóricos. Enquanto nas investigações empíricas a fluidez da linguagem vai apanhando, simultaneamente, todas as facetas do fato, fenômeno ou processo em foco, enriquecendo a reconstrução descritiva, em 'Sociologia' esses recursos perturbam o entendimento de proposições que, por definição, devem ser precisas, exatas, desataviadas. (IANNI, 1958:356)

Ianni afirma ainda que a obra de Freyre padece de uma *confusão entre o tipo de abstração que realiza o artista e aquela efetuada pelo cientista*. (IANNI, 1958: 356) Ao dizer isso, Ianni estava, em certo sentido, retirando Freyre do debate sociológico 'sério'. Afinal a 'Sociologia' de Freyre era como uma concepção particularista e merecia aspas, segundo sugere Ianni.

Esta constatação não surgiu de forma tão evidente na recepção da primeira edição do livro. Nesta época, a linguagem coloquial de Freyre não era propriamente considerada um problema para a validade científica de seus enunciados. Como vimos, naquele período, por vezes, a narrativa de Freyre foi percebida como um aspecto favorável, sobretudo em termos didáticos. O

próprio Florestan Fernandes não considerou esse detalhe digno de nota, a não ser pelo fato de considerar inapropriado o adjetivo *anfíbio* proposto por Freyre para a caracterização da natureza da Sociologia e de censurar o caráter dispersivo da narrativa.³²

No momento da primeira edição de *Sociologia*, embora houvesse esforços para a profissionalização da disciplina, não havia ainda uma linguagem especializada instituída. Ao passo que, em 1957 um novo padrão discursivo ligado à descrição objetiva, impessoal fora já convencionalizado.

Possivelmente o grande desafio imposto aos cientistas sociais da Universidade de São Paulo daquele período era o da rotinização de um discurso sociológico capaz de tornar mais rigoroso o pensamento e de expressar de modo mais objetivo a consciência de uma nova ordem social que ganhava contornos muito nítidos nos anos 50. (ARRUDA, 2001)

Este desafio foi, pois, proposto por Florestan Fernandes em seus textos, mas plenamente assumido pelos seus alunos, a julgar pela veemência com que Ianni se refere à '*sociologia de Freyre*'. Lembremos que, no contexto paulistano de grande transformação urbana e no ambiente uspiano de assepsia científica, o discurso canônico no campo dos estudos sociológicos fundamentado na universalidade científica e no trabalho especializado foi instituído.

Na perspectiva de Ianni, Freyre não parecia atender aos novos desafios do campo científico. O seu ensaísmo era incômodo, considerado um padrão discursivo comprometido com uma concepção estamental de cultura. Ianni se refere à linguagem de Freyre como *defeito fundamental de sua obra*. Esta observação nos dá uma idéia acerca da centralidade ocupada pela linguagem no processo de autonomização do conhecimento sociológico entre nós.

Freyre procurou responder às críticas fora do ambiente do debate acadêmico, por meio da imprensa jornalística.³³ Num artigo para o *Diário de Pernambuco* ele afirmou, com ironia, que a despeito de estar afastado do grande centro produtor de ciência, de viver e produzir numa decadente cidade do Nordeste, conseguiu ter alguma expressão nos meios intelectuais paulistas. Com cinismo, parece afirmar que tanta importância tem suas idéias, elaboradas com certo despreendimento, que são merecedoras de atenção e de repreensão por parte dos sisudos intelectuais paulistas. Vejamos o trecho:

³² Florestan Fernandes, *Jornal de São Paulo* em 08/11/46. Recorte do Acervo do Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre- Recife/PE.

³³ Interessante refletir acerca do modo como Freyre utilizou-se do meio jornalístico para defender-se de críticas, propor debates, provocar questões e demarcar opiniões.

(...) Uma vez ou outra venho sendo atingido, nas suas páginas, por advertências ou repreensões de sisudos censores, ao quais não faria mal um pouquinho de 'sense of humor'. E é principalmente com relação às minhas, na verdade, deselegantes pretensões a pioneiro em certas atividades de natureza intelectual – atividades que, iniciadas ou esboçadas no decadente Recife, têm alcançado em centros admiravelmente progressivos, seu melhor esplendor ou seu definitivo triunfo – que os censores de Anhembi me têm dirigido as palavras, às vezes enfáticas e quase sempre solenemente pedagógicas de repreensão.³⁴

Freyre insistiu em afirmar o seu pioneirismo na pesquisa sociológica, sobretudo no que se refere ao uso de métodos antropológicos. Acusado por Ianni de arrogar falso pioneirismo na área da investigação empírica (pioneirismo que, no entender de Ianni, pertencia ao casal Lynd desde a publicação de *Middletown*, em 1926), Freyre afirmou que desde 1924 os estudos antropológicos são desenvolvidos por ele. Considerou prova disso a publicação do que hoje denominamos de *Livro do Nordeste* que reúne um conjunto de trabalhos de investigação empírica sob sua coordenação. Lembrou ainda que, na cátedra de Sociologia na Escola Normal de Pernambuco, os trabalhos empíricos, de natureza sociológica, eram realizados por suas alunas por meio de sua orientação. Concluiu então: *de modo que se pode dizer e ter, nesse particular, o obscuro pioneirismo recifense coincido de algum modo com o brilhante pioneirismo de Lynd.³⁵*

O autor procurou, neste artigo, dar ao debate um caráter de confronto regional. É como se esta cisão no campo sociológico traduzisse uma luta entre o *decadente Recife* e a moderna São Paulo. Com efeito, veremos, que, para além das regras do campo sociológico, estavam em confronto projetos de modernidade para o país, radicalmente distintos e, em certo sentido, fundamentados na ambiência social de cada um dos seus autores portadores.

Quanto à comparação que Ianni estabelece entre Freyre e Azevedo, Freyre argumentou que nunca quis comparar-se a Azevedo. Disse, como de hábito, que não se sente senão um eterno estudante dessa especialidade. Ainda afirmou, concordando com Ianni, que, de fato, lhe faltam virtudes de Azevedo, quais sejam, a nitidez, a lucidez, o método, a ordem. Reconhece-se

³⁴ Gilberto Freyre, *Diário de Pernambuco*, 27/07/1958. Recorte do Acervo do Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre- Recife/PE.

³⁵ Gilberto Freyre, *Diário de Pernambuco*, 03/08/1958. Recorte do Acervo do Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre- Recife/PE.

então como arcaico, boêmio, sem nenhuma virtude pedagógica capaz de torná-lo um verdadeiro mestre, como são Azevedo e Durkheim.³⁶

Defendeu-se ainda da acusação de ter deixado de lado alguns problemas fundamentais, afirmando que eram poucos os que não foram por ele abordados e que aqueles pertinentes à questão metodológica seriam discutidos num novo volume de *Sociologia* cujo subtítulo seria: *introdução ao estudo dos métodos sociológicos*.

Freyre desqualificou as considerações de Ianni pertinentes à sua narrativa. Afirmou que, embora Ianni seja discípulo brilhante de Azevedo em questões de Sociologia, não lhe compete fazer análise estilística de autores.

Por fim, admitiu a existência de relações entre de abstração científica e a abstração artística. E, sem modéstia, afirmou que este seu ponto de vista foi discutido na França num encontro em sua homenagem no Castelo de Cerezy que, em 1956, reuniu professores da Sorbonne para discutir suas obras. Afirmou, afinal, que, suas idéias, embora reconhecidas internacionalmente, irritam ainda...

aqueles sociólogos para os quais fora da sistemática e da linguagem durkheimiana, não há de modo algum Sociologia. Mas serão os durkheimianos os donos exclusivos da moderna Sociologia? Parece que não. Nem mesmo na França – pátria do grande Durkheim – onde por iniciativa francesa realizou-se em 1956 aquele seminário em torno das idéias, dos métodos e da linguagem de um sul-americano ainda vivo... em que se reconheceu o direito de ser em sua idéias, seu métodos e sua linguagem, um renovador dos estudos sociais no sentido de, dentro deles, promover-se maior aproximação entre o método científico e o humanístico na apreensão da realidade social.³⁷

A defesa de Freyre não terminou, porém, com esta réplica publicada no *Diário de Pernambuco*. Dois meses depois, Freyre escreveu um artigo na Revista *O Cruzeiro*. Lembremos que esta revista tinha circulação nacional e era um poderoso instrumento de divulgação ao dispor do autor que ali escrevia artigos semanais desde 1948. O artigo, intitulado *Ciência Social e Língua*

³⁶ Gilberto Freyre, *Diário de Pernambuco*, 03/08/1958. Recorte do Acervo do Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre- Recife/PE.

³⁷ Gilberto Freyre, *Diário de Pernambuco*, 03/08/1958. Recorte do Acervo do Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre- Recife/PE.

Portuguesa é certamente mais um capítulo deste debate com Octavio Ianni, ainda que Freyre não o cite.³⁸ Destacamos o seguinte trecho:

*... vez por outra sou acusado de escrever 'bem demais' para ser um sociólogo' ou um antropólogo 'comme il faut'. Parece convicção de alguns mestres brasileiros de Ciência Social que os indivíduos com pretensões de ser tomado a sério como sociólogo ou antropólogo deve escrever impatrioticamente mal o português.*³⁹

Segundo Freyre, é possível que estes *mestres brasileiros* achem que, apenas escrevendo mal, pode-se dar a impressão de estar impregnado de Comte, Spencer, Freyer ou Pareto. Caso contrário, ao expressar-se de modo lúcido, o sociólogo passa a ser então tomado como um *literato disfarçado em cientista*.⁴⁰ E prosseguiu: "*Os cientistas que escrevem mal tem horror aos que escrevem bem: tratam-nos de resto, considerando-os com o mais soberano desprezo, 'literatos'.*"⁴¹

Freyre, nestas colocações, não estava exatamente se retirando do campo científico. Assumia a condição de cientista social, muito embora a sustentasse com uma idéia de ciência social bastante incomum.

No prefácio de *Sociologia* escrito em 1962, Freyre obviamente retomou o debate acerca dos efeitos estilísticos e a validade sociológica de sua obra. Àqueles que o acusaram de literato Freyre deixou ali um recado: afirmou que tais críticos são, em geral, *beletristas fracassados*, que se refugiam nos *ismos* por um ressentimento anti-literário e que ignoram o fato de que sociólogos e antropólogos modernos se aproximam de fontes e processos literários de revelação do homem social. (FREYRE, 1962: XXV)

Observemos que o prefácio à terceira edição de *Sociologia* é caracterizado por uma linguagem mais ofensiva. Freyre desqualificou seus críticos, mas também ressaltou a estreita relação entre sociologia e literatura.

O vínculo entre as duas áreas poderia, segundo Freyre, se manifestar de diferentes maneiras. De um lado, a Literatura poderia ser considerada como fonte de pesquisa preciosa. De outro, dizia que a forma de escrita *empática* (ou, em outras palavras, *literária*) seria mais adequada para dar conta das dimensões múltiplas e fluidas da realidade.

³⁸ Gilberto Freyre, *O Cruzeiro*, 25/10/58.

³⁹ Gilberto Freyre, *O Cruzeiro*, 25/10/58.

⁴⁰ Gilberto Freyre, *O Cruzeiro*, 25/10/58.

⁴¹ Gilberto Freyre, *O Cruzeiro*, 25/10/58.

Freyre afirmou, pois, que os *insights* e a sensibilidade narrativa da literatura resultam em revelações fecundas para a sociologia científica. Nesse sentido, para ele, a literatura não deixa de ser secretamente ou latentemente sociológica. Autores como Simmel, Frazer, Bérghson, Proust e Unamuno, segundo ele, possuem obras literárias que, não obstante, representam a realidade social sem o sacrifício da explicação e da exatidão. A descrição técnica, burocrática e cartesiana não oferece, segundo Freyre, uma representação do caráter dinâmico e multidimensional da vida social. Ser um bom escritor é, portanto, para ele, condição para fazer boa Sociologia.

Importante notar que o vínculo de Freyre com o ensaísmo se aprofunda ao longo dos anos 50. Basta comparar as duas edições de *Sociologia* para constatar isso.

Na introdução à primeira edição de *Sociologia*, Freyre dedicou longas páginas a descrever sua trajetória intelectual a fim de demarcar as influências que teriam concorrido para a sua visão acerca da natureza dos fenômenos sociais. Naquela circunstância, parecia querer que o leitor compreendesse que sua perspectiva sociológica era resultado de influências incomuns: Oliveira Lima⁴², John Casper Brenner⁴³ e o antropólogo Boas são, pois, os autores que lhe teriam oferecido uma visão diversa de Brasil.

De Oliveira Lima e John Brenner Freyre dizia ter recebido o incentivo para os estudos sociais e o auxílio para se desembaraçar do complexo de inferioridade brasileira. Segundo Freyre, a influência deles é que permitiu que, mesmo na atmosfera puritana, conservadora e racista da cidade de Baylor, iniciasse uma *reação sentimental* que o fazia pensar intensa e constantemente na situação e no futuro de um povo em grande parte mestiço, o brasileiro. (FREYRE, 1945: 34)

De acordo com seu testemunho, a reação sentimental foi, não obstante, acrescida de fundamentos científicos na sua passagem por Colúmbia. Freyre afirmou, pois, que apenas sob a influência de Boas, suas questões acerca do destino do Brasil mestiço e tropical ganharam uma conotação de reflexão sistemática orientada pelas novidades científicas no campo das Ciências Sociais. Destaca também influências de Giddings, Seligmann e Zimmern⁴⁴.

⁴² Uma consulta à correspondência de Freyre com Oliveira Lima pode ser feita em GOMES (2005).

⁴³ Sobre a correspondência passiva de Brenner há um artigo interessante: (GUIMARÃES; ARAÚJO: 2004)

⁴⁴ Pallares-Burke (2005) enumerou alguns dos aspectos da obra de Zimmern que devem ter impressionado Freyre: *sua multidisciplinaridade, seu estilo rico e ensaístico, seu pendor literário, sua descrição do poderoso sistema patriarcal grego como um 'complexo sistema de costume social e religioso', sua utilização pioneira da expressão Big House como sinônimo de poder da família patriarcal e sua visão da escravidão grega como relativamente humana e suave.* (PALLARES-BURKE, 2005:354) A autora também sugere que a idéia de Zimmern de que o preconceito de cor é fenômeno historicamente datado - em épocas diversas, os alvos de preconceitos são diferentes - teria despertado a inspiração antropológica de Freyre. Do mesmo modo, a noção de que equilíbrios em antagonismos são elementos chaves para a compreensão da história seria um legado de Zimmern, presente na interpretação de Freyre.

Curiosamente, Freyre afirmou, nesta introdução de 1945, que não teve senão contatos esporádicos, no período de sua formação fundamental, com autores brasileiros. Em certo sentido, negava a herança de nossos pioneiros ensaístas e sugeria a predominância de outras influências, mais científicas. Parecia querer dizer a todos que suas idéias são antes originárias de sua formação científica norte-americana e inglesa do que das leituras realizadas entre nós.

Não obstante, em 1957, ainda que não deixasse de citar a bibliografia especializada e de invocar a formação acadêmica, Freyre afirmava livremente sua inclinação ensaística. Foi então que passou a admitir a importância e até a influência de autores brasileiros. Dizia-se impermeável ao pessimismo, mas sensível à forma ensaística de Euclides da Cunha, Silvio Romero e Alberto Torres.

Com efeito, na segunda edição de *Sociologia*, referências aos sociólogos americanos figuram, lado a lado, com clássicos da literatura brasileira, francesa e, sobretudo, ibérica. Nesse sentido, referências de Merton, Parsons e Sorokin, dividem as páginas com citações de Gilberto Amado, Graça Aranha, Fernão Mendes Pinto, Padre Antonio Vieira, Eça de Queiroz, Camões, Ortega y Gasset e Unamuno. (FREYRE, 1957:15)

Observamos, pois, que Freyre passara a assumir mais decididamente o seu legado ensaísta ao longo dos anos 50. Isso ocorreu ao mesmo tempo em que o ensaísmo fora considerado uma linguagem anacrônica e sociologicamente ilegítima. A estratégia de Freyre, neste contexto, era, claramente, questionar as fronteiras, recentemente instituídas, entre a linguagem científica e a linguagem literária no campo sociológico.

Procurava, portanto, demonstrar que transitava livremente entre estas duas tradições intelectuais. Para isso, mobilizava vasta bibliografia que, embora rica e atualizada, não ocupava senão um caráter ornamental nas páginas de *Sociologia*. Frequentemente, Freyre não conseguia dar às leituras uma função orgânica favorável à sua argumentação.⁴⁵ Tanto na edição de 1957 como na de 1962 de *Sociologia*, o autor fez pequenas, mas numerosas, inserções ao texto original acrescentando novas citações e referências bibliográficas.

(PALLARES-BURKE, 2005:356) Não obstante, segundo a autora, o encontro pessoal entre Freyre e Zimmern se deu uma única vez, em novembro de 1921, numa conferência do autor inglês na Universidade de Columbia. (PALLARES-BURKE, 2005:354)

⁴⁵ Freyre tornou-se, pois, um citador compulsivo de autores. Um dos livros que mais expressa este fenômeno é *Como e porque sou e não sou sociólogo*, publicado em 1968. (FREYRE, 1968b)

Nesse sentido, à medida que a vigilância quanto a estas fronteiras se tornou mais severa, mais notáveis eram as citações e referências de Freyre a obras e autores de tradições intelectuais ligadas ao ensaísmo.

Do seu ponto de vista, afinal, apenas o ensaísmo daria conta da complexidade dos fenômenos de socialização que não seriam, pois, traduzíveis numa descrição asséptica e matemática. Para Freyre, o ensaísmo era, certamente, um modo de transferir para o texto, representar em sua própria forma de escrever a ambigüidade, o excesso, a instabilidade que caracterizam a vida social, particularmente no Brasil. (ARAÚJO, 1994:208) Nesse sentido, segundo sua perspectiva, importava não apenas o que dizia, mas como dizia.⁴⁶

IV. Freyre e Gurvitch: afinidades sociológicas

Destacamos, entre os pequenos acréscimos à segunda edição de *Sociologia*, a citação freqüente do sociólogo francês Georges Gurvitch⁴⁷, professor de Sociologia da Sorbonne de quem Freyre foi amigo.⁴⁸ Gurvitch indicou o nome de Freyre para o título de doutor *honoris causa* na Sorbonne e organizou, em 1956, já referida homenagem a Freyre no Castelo de Cerezy. Foi também o francês que gerenciou (com a ajuda de Roger Bastide) as tarefas relacionadas às publicações de Freyre em seu país.⁴⁹ A estas gentilezas do sociólogo francês, Freyre

⁴⁶ Ver o comentário de Lepenies acerca da palestra de Buffon na Academia Francesa. (LEPENIES, 1996:13)

⁴⁷ Georges Gurvitch (1894-1965) era filósofo de formação. Em 1920, fugiu da Rússia após ter participado da Revolução de 1917. Em 1925 vai para a França onde redigiu uma tese sobre *A idéia de Direito Social*. Em 1945, Gurvitch criou o *Centre d'Etudes sociologiques* e foi seu diretor até 1949. Deu aulas na École Pratiques de Hautes Études (VI Section) também até 1949. Em 1946 fundou a Em 1951, foi nomeado professor titular da Sorbonne. Em 1946 fundou na Editions du Seul o *Cahier Internationaux de Sociologie*. Em 1950, fundou na PEF, a *Bibliothèque de Sociologie Contemporaine*, Em 1958 fundou *L'Association Internationale des Sociologues de Langue Française* onde reuniu sociólogos do mundo todo especialmente do terceiro mundo. (LALLEMENT, 2004)

⁴⁸ Freyre conheceu Gurvitch durante uma conferência realizada pela UNESCO em Paris, 1948 cujo tema eram as tensões internacionais. Nesta ocasião, Gurvitch acusou Freyre de ter sido indevidamente convocado para a reunião, já que pertencia aos quadros do governo brasileiro (Freyre, na época era deputado Federal). Freyre afirmou que respondeu à acusação calmamente e que, na saída, Gurvitch acompanhou-o ao Hotel. (FREYRE, 1972:7) Desde então nasceu a amizade que pode, aliás, ser verificada na correspondência passiva de Freyre, encontrada no Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre – Recife/PE.

⁴⁹ Em 1952 foi publicada, na França, a tradução de *Casa-Grande & Senzala, Mâitres et Esclaves* pela editora Gallimard. O livro teve ali ressonância significativa que resultou na presença de Freyre no evento de Cerezy. Na segunda edição de *Sociologia* Freyre, inclusive, citou passagens de um artigo de Jean Pouillon - importante antropólogo e crítico francês que fazia oposição intelectual ao estruturalismo de Levi-Strauss - publicado em *Les Temps Modernes*, nas quais o autor elogiou o livro *Casa-Grande & Senzala*.

correspondia recebendo-o em suas viagens ao Brasil, organizando sua estadia e agendando conferências.

Freyre citou trabalhos de Gurvitch ainda na primeira edição de *Sociologia*, quando nem se conheciam pessoalmente, mas absteve-se então de qualquer comentário especial sobre o autor. (FREYRE, 1945:763) Na segunda edição, porém, os comentários favoráveis a Gurvitch surpreendem o leitor em várias passagens.

Com efeito, Freyre, num dos trechos acrescentados à nova edição, não poupa elogios a Gurvitch com o pretexto de compará-lo a Sorokin: (...) *grande inquieto como é, vive a renovar-se ele próprio como sociólogo, como se seu tempo de criação sociológica fosse tão mais intenso que o dos sociólogos convencionalmente didáticos, que não pudessem caminhar juntos.* (FREYRE, 1957: 62) Freyre também recomendou, em nota de rodapé acrescentada na segunda edição, a leitura do livro de Gurvitch *Determinismos sociais e liberdade humana* para a compreensão da sociedade patriarcal e sua estrutura global.⁵⁰ (FREYRE, 1957:714)

O livro *Determinismos sociais e liberdade humana* a que Freyre se referiu na citação acima, editado por Gurvitch em 1955, contém alguns dos fundamentos de sua proposição sociológica. São dois os pontos da proposição sociológica de Gurvitch que nos parecem importantes destacar aqui exatamente pela semelhança com as idéias de Freyre:

1. Pluralismo: Gurvitch compreende que a realidade social é multidimensional. Para ele, cada agrupamento social é composto por diferentes camadas, níveis de determinação e tempos sociais que se combinam, resultando numa forma peculiar de vida social. Há assim, segundo Gurvitch, em cada sociedade, uma multiplicidade de fatores determinantes e entre eles existem falhas, desajustes, arranjos, paradoxos e sincronias que resultam numa composição original irredutível às leis sociológicas gerais.

2. Reivindicação de empirismo: Diante desta singularidade irredutível a generalizações, Gurvitch propõe o exame e a caracterização exata dos determinismos sociais atuantes em cada universo social concreto. Para ele, é um imperativo a compreensão das realidades regionais. Reivindicava, pois, uma atitude investigativa interessada pelas particularidades de cada experiência social. Para ele, o desenvolvimento da pesquisa empírica era essencial para a elaboração de classificações sociológicas a partir da experiência de temporalidade de cada grupo social.

⁵⁰ Sabe-se que parte deste livro foi escrito por Gurvitch, durante visita ao Brasil em 1952. Ver: (FREYRE, 1972).

Muitas destas noções estão, de fato, presentes na perspectiva sociológica de Freyre. Como para Freyre, era grande a afinidade entre Gurvitch e o pensamento social alemão. Talvez, essa fosse a matriz fundamental comum a ambos.

Georges Gurvitch ficou, com efeito, conhecido como introdutor do pensamento fenomenológico alemão na França. Sua preocupação com a Sociologia numa época em que a escola de Durkheim foi afetada pela guerra, o colocou numa posição de destaque no sistema acadêmico francês enquanto professor da Sorbonne, diretor do *Cahiers Internationaux de Sociologie* e da *Bibliothèque de Sociologie Contemporaine* (a mais importante coleção de obras sociológicas publicadas em França). (SCHWARTZMAN, 1964)

Não obstante, embora tivesse uma posição institucional proeminente, foi um autor marginal em relação ao que se denominou de "Sociologia científica". Segundo Schwartzman, esta marginalidade pode ser constatada pela quase total ausência de referências a Gurvitch na literatura sociológica norte-americana e inglesa. Gurvitch enfrentou forte oposição às suas idéias mesmo no meio intelectual francês. Seu nome esteve, pois, ausente em publicações importantes da França como os *Archives Européennes de Sociologie* ou a *Revue Française de Sociologie*. (SCHWARTZMAN, 1964)

Um dos autores que mais se dedicou a combater as idéias Gurvitch no meio intelectual francês foi Armand Cuvillier. Seu livro mais notável nesse sentido é *Où va la Sociologie française?*, publicado na França em 1953. Neste livro, Cuvillier critica o excesso de abstração filosófica no domínio da Sociologia francesa e lamenta a influência da perspectiva alemã sobre seus colegas franceses. Cuvillier era, pois, ferrenho opositor aos pressupostos da Sociologia compreensiva e fenomenológica desenvolvida na Alemanha.

O objetivo de Cuvillier neste livro foi, segundo seus próprios termos, demonstrar que a sociologia francesa não deveria ser confundida com a *Sociologia do Sr. Gurvitch*, a quem acusa de, tão simplesmente, burilar filosoficamente conceitos arbitrários. À vertente fenomenológica representada por Gurvitch, Cuvillier opôs uma tradição sociológica representada por Durkheim, na qual a ciência sociológica é efetivamente reconhecida como uma ciência positiva e objetiva, apoiada em investigações concretas. Partidário de Durkheim, Cuvillier chegou a incluir neste livro um texto no qual o sociólogo francês fez críticas severas a Simmel. (CUVILLIER, 1953)

Tal embate, como se pode ver, remetia ao confronto entre duas tradições sociológicas distintas que ficaram sendo conhecidas como *sociologia compreensiva* e a *sociologia científica*.

Uma originária entre os pensadores alemães e a outra de origem francesa. Como pudemos notar, este o confronto que se reproduziu nos anos 50 no Brasil: de um lado, a *sociologia científica*, de outro a *sociologia de Freyre*. Nestas circunstâncias, Freyre parece ter compreendido Gurvitch como um autor-emblema importante na luta pela afirmação da competência sociológica de sua abordagem.

Importante destacar que, no Brasil, as idéias de Gurvitch tiveram grande ressonância. Um indicativo disso é que muitos de seus livros foram traduzidos e que sua bibliografia constava em numerosos cursos de Sociologia. (SCHWARTZMAN, 1964) Possivelmente, a propagação de suas idéias entre nós deve-se à atuação de alguns professores franceses no meio acadêmico brasileiro. Maria Isaura Pereira de Queiroz nos lembra, a propósito, que Roger Bastide – que fora seu professor na Universidade de São Paulo - dizia encontrar em Gurvitch pontos de referência importantes para suas inquietações teóricas e empíricas relativas à pesquisa sobre o candomblé. (QUEIROZ, 1983: 44)

A propósito, a própria Maria Isaura, recorre, com muita freqüência, a Gurvitch em seus trabalhos de investigação sociológica. (QUEIROZ, 1965: 140) (QUEIROZ, 1973: 69-70) Cética quanto aos modelos teóricos generalizantes, a autora colocava em dúvida a universalidade de certos processos sociológicos e investia na observação rigorosa da experiência social humana. Neste percurso, Gurvitch lhe pareceu um autor fundamental para ajudar na reflexão acerca de certos processos sociais irreduzíveis a leis sociológicas mais gerais.⁵¹

Com efeito, a notável ressonância de Gurvitch no meio sociológico brasileiro não significava, porém, que o autor francês não enfrentasse, também entre nós, críticas relativas ao caráter pouco científico de sua abordagem. É nesse sentido emblemático um texto publicado em 1961 por Octavio Ianni na *Revista Brasileira de Ciências Sociais*.⁵² Neste texto, Ianni criticava Gurvitch por construir sistemas conceituais abstratos. Gurvitch fora, pois, acusado de formalismo conceitual no qual o trabalho científico ficara reduzido a uma espécie de jogo conceitual. Segundo Ianni, a exemplo de Parsons, Gurvitch dedicava-se tão somente à tarefa gratuita de *associar e*

⁵¹ Ver texto de Gláucia Villas Boas sobre Maria Isaura Pereira de Queiroz, na qual a autora busca distinguir a produção de Maria Isaura do quadro da produção sociológica de sua geração. Segundo Villas Boas, Maria Isaura afastou-se da perspectiva dualista, das orientações da Economia Política, das vulgatas do evolucionismo linear, produzindo pesquisas empíricas exaustivas que buscavam preservar a qualidade própria da dimensão social da vida humana. (VILLAS BÔAS, 1999)

⁵² A *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, mantida pela Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade Federal de Minas Gerais, teve uma existência descontínua entre os anos de 1961 e 1968. Ver: (ARRUDA, 1989)

dissociar conceitos, à infundável busca, ordenação e reordenação das causas e fatores, caindo no pretenso rigorismo da causalção pluralista .(IANNI, 1961: 191)

As críticas feitas a Gurvitch por Ianni eram, pois, exatamente as mesmas daquelas apontadas por Cuvillier na França. Reproduziu-se aqui o embate entre a *sociologia compreensiva* e a *sociologia científica* que se realizava na França. Os personagens deste confronto entre nós eram sobretudo Florestan Fernandes e Octavio Ianni de um lado, e Gilberto Freyre de outro.

Freyre certamente desejou, nas páginas de *Sociologia* - sobretudo em sua segunda edição quando as fronteiras do campo estavam instituídas - reforçar a identidade entre a proposta sociológica de Gurvitch e a sua. Do mesmo modo que Fernando de Azevedo usara Durkheim como emblema na luta pela legitimidade do conhecimento sociológico nos anos 30, Freyre agora usava Gurvitch a fim de fundamentar a sua compreensão *sui generis* da disciplina. O pernambucano afirmava que, como ele, Gurvitch propunha uma *sistemática como que dionisíaca de conhecimento sociológico da realidade social*.⁵³ (FREYRE, 1957:93)

Observemos que, a partir de 1957, Freyre assumiu deliberadamente uma proximidade com o meio intelectual francês devido não apenas à recepção positiva da tradução de sua obra *Casa-Grande & Senzala*, mas também porque havia uma identificação entre sua proposta sociológica e a de Gurvitch.

V. A natureza e o método da sociologia: a *origem* ou o *esquema*

A concepção de que a Sociologia é uma ciência *mista* e *anfíbia*, sustentada por Freyre com tanta ênfase nas páginas de *Sociologia*, fora recebida com certo mal-estar por alguns leitores do livro ainda na primeira edição do compêndio.

Ao assumir o caráter misto da Sociologia, Freyre fora acusado de não fazer uma diferenciação satisfatória entre a disciplina e as demais áreas científicas (principalmente a Psicologia). Sua argumentação fora considerada problemática para aqueles acostumados à

⁵³ Porém, flagramos, num dos acréscimos à segunda edição de *Sociologia*, uma referência de Freyre a Cuvillier. Neste trecho, Freyre diz concordar com Cuvillier a propósito do papel importante desempenhado pelos grupos sociais na sociedade. O comentário, embora nos pareça inútil para a argumentação de Freyre, provavelmente tem um sentido simbólico: Freyre assinalou, com a referência a Cuvillier, o domínio da literatura sociológica independentemente de sua orientação teórica. (FREYRE, 1957:152)

diferenciação rigorosa de Durkheim entre o domínio da Sociologia e de outras disciplinas científicas, sobretudo a psicologia.⁵⁴

Aos críticos que lhe acusaram de não distinguir perfeitamente os fenômenos psicológicos dos fenômenos sociais, Freyre dedicou um pequeno acréscimo à segunda edição de *Sociologia*. Evocou ali o sociólogo americano Thomas afirmando que a perspectiva psicológica é, de fato, fundamental para a compreensão dos fenômenos sociais e políticos. Constatou, pois, que a Sociologia devia estar atenta à 'situação sócio-psicológica'. (FREYRE, 1957: 294) Do mesmo modo, que deveria também estar atenta à situação ecológica, cultural e histórica. Tratava-se - o diálogo e a íntima comunicação entre a Sociologia e as demais áreas de conhecimento - *do inter-relacionismo necessário à compreensão e interpretação científico-filosófica do homem*. (FREYRE, 1957:295).

Outro argumento importante de Freyre, lançado na segunda edição de *Sociologia*, a fim de responder à acusação de confundir fenômenos psíquicos com fenômenos sociológicos foi apresentado num longo acréscimo ao primeiro capítulo. Neste acréscimo, Freyre desenvolve a idéia de que os traços de personalidade e índices de inteligência são eles mesmos resultantes das condições do processo de socialização:

É pela vida em grupo e através da cultura, conservada em grupo, e das particularidades regionais dessa vida e da cultura assim conservada, que a personalidade humana toma predominâncias que passam a caracterizar grupos, culturas, regiões, profissões, religiões. (FREYRE, 1957:159)

Note-se que o autor buscou, de um lado, reafirmar a multidimensionalidade do objeto e, de outro, procurou dar aos fenômenos psicológicos um fundamento sociológico. Para Freyre, como para Thomas, havia, pois, uma continuidade entre personalidade e cultura.⁵⁵

O livro *Sociologia* suscitou também a seguinte questão: ao definir o caráter misto da disciplina - entre a cultura e a natureza - Freyre estaria colocando em dúvida seu estatuto

⁵⁴ Luis Washington, *Jornal de São Paulo*, 11/11/1945 e Cledon da Fonseca, *Jornal do Comércio*. 25/11/1945. Recorte do acervo do Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre – Recife/PE.

⁵⁵ Um artigo recente sobre a articulação entre os níveis micro-sociológicos e macro-sociológicos na obra de Freyre, chama a atenção para as biografias feitas pelo escritor - especialmente de Oliveira Lima, Felix Cavalcanti, Euclides da Cunha e Luis Albuquerque. Segundo o autor do artigo, Freyre compreende os indivíduos como portadores de processos sociais. Segundo esta análise, Freyre realizaria, em seus trabalhos, uma passagem do nível biográfico para o nível macro-sociológico. (MORAIS; RATTON, 2005)

científico? ⁵⁶ Alguns leitores - favoráveis à Freyre - diziam que, ao admitir o caráter misto da Sociologia, o autor procurou apresentar em toda a sua complexidade as dificuldades e limites desta área de conhecimento.⁵⁷ Para eles, a posição de Freyre foi vista como uma tentativa corajosa de abordar os problemas sociológicos. Ciro de Pádua, que era então professor da Escola Livre de Sociologia e Política, acrescentou, em seus comentários ao livro, que a grande contribuição de Gilberto Freyre foi assumir a imaturidade da Sociologia contrariando aqueles que ingenuamente a representaram como uma ciência perfeita, espécie de panacéia salvadora que contém a solução para todos os males.⁵⁸

Diante deste debate, Freyre procurou rerepresentar com mais ênfase não apenas a definição da singularidade da Sociologia, mas também dos fenômenos sociológicos. Várias passagens acrescidas ao conteúdo do livro dizem respeito ao reforço da idéia de que os processos sociais admitem a influência de fatores biológicos ambientais e psicológicos (logo naturais) tanto quanto de fatores sociais e culturais propriamente ditos. (FREYRE, 1957:18)

Há um acréscimo importante no primeiro capítulo da segunda edição (FREYRE, 1957: 152-164) no qual o autor procurou ressaltar a multiplicidade de fatores condicionantes da vida social. Freyre procurou, pois, afirmar que...

... o comportamento do grupo estão de acordo os modernos sociólogos em apresentá-lo como resultado de influências vindas do ambiente natural, do ambiente cultural e da hereditariedade dos componentes do grupo. Grupo e personalidade humana completam-se como resultado das mesmas influências ecológicas, sociais e culturais e biológicas.(FREYRE, 1957: 159)

A reafirmação da natureza 'mista' dos fenômenos de socialização (enquanto fundamento do caráter misto da ciência sociológica) foi ainda acompanhada, nesta nova edição, por trechos igualmente enfáticos no sentido de reivindicar o uso combinado de métodos objetivos e compreensivos na análise sociológica. (FREYRE, 1957: 229, 248, 252, 253, 254, 581) Para

⁵⁶ Luis Washington, *Jornal de São Paulo*, 11/11/1945 e Cledon da Fonseca, *Jornal do Comércio*. 25/11/1945. Recorte do acervo do Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre – Recife/PE.

⁵⁷ Lopes de Andrade, *Letras e Artes*, 20/10/1946. Carlos Ott, *O Estado da Bahia*, s/d. Recortes do Acervo do Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre- Recife/PE.

⁵⁸ Ciro de Pádua, *O Estado de São Paulo*, 23/10/1945. Recorte do Acervo do Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre- Recife/PE.

Freyre, a combinação de tais métodos não representava a negação da validade do conhecimento produzido no campo dos estudos sociológicos.

Certamente, a ambigüidade de Freyre entre a tradição científica e a tradição ensaística se fundamentava na sua própria concepção da natureza da Sociologia que era de fato assumida como uma *terceira cultura*, na singular posição entre a ciência e a literatura. (LEPENIES, 1996) Importante notar que, em 1957, do mesmo modo que Freyre assumiu mais enfaticamente seu ensaísmo, procurou também destacar de modo mais contundente o caráter misto da disciplina. Foi então que acrescentou novos adjetivos à ciência sociológica. Qualificou-a de *existencialista* e *barroca*.

O adjetivo *existencialista*, segundo Freyre, foi dado pelos intelectuais franceses que teriam concluído - a partir da leitura recente da tradução de *Casa-Grande & Senzala (Mâitres et Esclaves -1952)* - que sua abordagem correspondia a uma *sociologia ou antropologia existencial*. (FREYRE, 1957:13) Freyre dizia concordar com o adjetivo na medida em que sua proposição de fato opõe (como o existencialismo francês) ao 'homem abstrato', o homem concreto, vivo, regional, circunstancialmente situado. (FREYRE, 1957:14)

Do mesmo modo, o adjetivo *barroco*, de origem ibérica refere-se, segundo Freyre, a um estilo de vida e reflexão no qual o homem é compreendido em sua relação íntima com o meio, com a paisagem e com o espaço. Era, portanto, para ele, barroca toda abordagem sociológica que se dedica à tentativa de fixação no concreto, no vivo, no criativo e no presente para compreensão do homem.

Reparemos que os novos adjetivos dados à sua perspectiva sociológica, acrescentados no prefácio da segunda edição (quais sejam, *existencialista* e *barroca*), remetem mais à filosofia e à arte do que a ciência propriamente dita.⁵⁹

Surpreendentemente, ainda no terceiro prefácio de *Sociologia*, escrito em 1962, Freyre apresenta, um novo adjetivo à sua concepção sociológica. Afirmou, pois, que ela é *pluralista* e que representava uma tendência das ciências sociais modernas.⁶⁰ (FREYRE, 1962: XIV) Este

⁵⁹ Em *Ordem & Progresso* Freyre refere-se a um outro termo, com o qual sua investigação sociológica foi caracterizada na França: *sociologia proustiana*. (FREYRE, 2002c: 45)

⁶⁰ Lembremos que a planejada re-edição de *Sociologia* nos anos 80 (que afinal nunca veio à luz) ganharia novo título de *Em busca de uma Sociologia mais plural*. Vejamos um trecho que possivelmente comporia um novo prefácio desta reedição: *O que o próprio autor desta 'Em busca de uma Sociologia mais plural' aqui, modestamente lembra, como evidência de quanto podem diferir as avaliações ou os julgamentos do que, em Sociologia, seja exemplar, desde que se admita ser ela uma ciência em processo de tornar-se eminentemente plural ou pluralista. Pluralismo que admite várias expressões do que possa ser considerado exemplo de expressão sociológica. Podendo ser um autor de hoje*

argumento de Freyre, de que a Sociologia plural seria tendência futura da ciência sociológica contém uma ironia. À medida que era classificado – nos novos esquemas periodistas da história das ciências sociais no Brasil - como um representante da fase pioneira e ensaística dos estudos sociais, dizia portar uma compreensão sociológica representativa das tendências mais recentes e vanguardistas. (CANDIDO, 1957) (FERNANDES, 1958)

Na segunda edição de *Sociologia*, Freyre reforçou ainda o argumento de que a perspectiva barroca e existencialista não se contenta com as fontes oficiais, guardadas nos arquivos. Acrescentou algumas páginas dedicadas à apresentação de novos argumentos favoráveis à utilização de cartas e documentos pessoais como fonte de pesquisa científica no ramo das Ciências Sociais. (FREYRE, 1957: 33, 36) Citou mais uma vez biografias de valor literário que podem, igualmente, ser utilizadas para fins de pesquisa: entre nós, aquelas produzidas por Nabuco, José Lins do Rego, Gilberto Amado e Helena Morley são citadas como relevantes para os estudos sociológicos. (FREYRE, 1957:28) ⁶¹

Freyre, conforme já procuramos demonstrar em tópico anterior, colocava em questão, provocadoramente, as fronteiras instituídas entre a literatura, o ensaísmo e o conhecimento cientificamente legítimo na área das ciências sociais.

Importante também lembrar que, na segunda edição de *Sociologia*, Freyre afirma que, até mesmo para a compreensão dos processos econômicos, a investigação de fontes pouco convencionais é válida. Freyre quis, pois, afirmar que os métodos qualitativos servem também para a compreensão de objetos que estão, a rigor, sob o domínio das abordagens quantitativas. Parecia dizer que mesmo a esfera da economia é regida por processos de natureza eco-psico-sociais. Desse modo, combatia o determinismo econômico.

Rigorosamente, há, nestas páginas de Freyre, uma associação entre a perspectiva economicista e o marxismo. O marxismo é, para ele, economicista, na medida em que aceita o determinismo exclusivo da economia. A propósito, em 1957, Freyre fez acréscimos ao texto de *Sociologia*, a fim de reafirmar que as generalizações de natureza econômica não são válidas para

aproximando-se de sociólogo clássico, entre os mestres, menos um Durkheim que um seu oposto, ou seja, Simmel. O pluralismo sociológico é, aliás, orientação do autor que, vinda, de modo latente, de edições anteriores, na nova edição deste livro, assume relevo decisivo e ostensivo. Expressão de atitude aberta do autor, em tão importante particular: ser a Sociologia plural em vez de pretender apresentar-se singular. Manuscritos contidos na pasta do livro *Sociologia*. Acervo do Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre – Recife/PE.

⁶¹ Em *Ordem e Progresso*, publicado em 1959, há também uma discussão acerca da validade dos dados biográficos na análise sociológica. (FREYRE, 2002c) Ver também o livro de Freyre *Contribuição para uma Sociologia da biografia: o exemplo de Luis de Albuquerque, governador do mato grosso no final do século XVII*. (FREYRE, 1978b)

todo o tipo de sociedade. Refere-se ao livro *Marxism and contemporary science*, publicado em 1949 por J. Lindsday. Utiliza os argumentos do autor do livro (a quem se refere como um pós-marxista) para reforçar sua perspectiva de que os marxistas, em geral, consideram equivocadamente universais certas situações que, não obstante, são particulares e provisórias, relativas apenas a determinadas circunstâncias de determinadas sociedades. (FREYRE, 1957: 267)

O uso de novas fontes pouco convencionais para a compreensão da história econômica auxiliaria, segundo Freyre, a entender os processos de um ponto de vista menos abstrato. A história de instrumentos, de máquinas, de processos de produção e transporte em seus detalhes mais inusitados, prossegue ele, nos ajudariam a compreender os processos de transformação que ocorrem entre os homens. A reconstituição da história dos indivíduos, de sua mobilidade social, de sua genealogia permite, segundo o autor, o conhecimento exato da composição antropológica e sociológica das classes. (FREYRE, 1957:33-34)

De modo geral, observa-se que, na segunda edição de *Sociologia*, Freyre parecia querer procurar destacar com mais ênfase o vínculo inextricável entre a sua perspectiva acerca da natureza da Sociologia, a narrativa ensaística e as fontes de análise.

Na segunda edição de *Ordem e Progresso* (1962), Freyre afirma que houve críticas ao uso de autobiografias como fonte de análise. Aos críticos responde:

Ordem e Progresso é a projeção, no plano da história não só social como sexual e íntima do brasileiro mais recentemente histórico, daquela Antropologia experiencial e da Sociologia existencial que o autor tem procurado opor às Sociologias não apenas abstratas, nas suas concepções de homem de sociedade, como somente estatísticas, sociométricas e quantitativas nos seus métodos; e às antropologias somente descritivas. Sociologias e antropologias, aliás, hoje, em declínio. (FREYRE, 2002c: 18)

Parece-nos, não obstante, que as críticas mais substantivas a Freyre referem-se menos à natureza das fontes do que ao exercício de um controle racional sobre as mesmas e, sobretudo, à reflexão sistemática e metódica acerca da passagem do universo empírico para um esquema analítico mais abrangente.

Sabemos, aliás, que de modo geral, havia uma percepção bastante favorável acerca do uso de documentos pessoais e histórias de vida na investigação sociológica. Na revista *Sociologia*

- periódico publicado pela Escola Livre de Sociologia e Política e pela Universidade de São Paulo - encontramos, ao longo da década de 50, uma série de artigos que tratam do tema da aplicação destas fontes à pesquisa. São, pois, artigos de Florestan Fernandes, Roger Bastide, Oracy Nogueira e Maria Isaura Pereira de Queiroz. (BASTIDE, 1953) (FERNANDES, 1956) (NOGUEIRA, 1952) (QUEIROZ, 1953)

A rigor, Freyre parecia confundir os argumentos de seus críticos, embaralhando a crítica metodológica e desqualificação das fontes. E é por fazer essa associação, a nosso ver equivocada, que ele procurou tão insistentemente reafirmar a legitimidade de suas fontes de pesquisa.

A propósito, é importante lembrar da crítica de Florestan Fernandes ao livro *Sociologia* feita ainda em 1946. A crítica diz respeito ao fato de que Freyre não teria enfrentado os problemas pertinentes à relação entre a Sociologia teórica e a Sociologia empírica (que, nos termos de Freyre dizem respeito à relação entre *sociologia geral* e *as sociologias especiais*).⁶²

Embora Florestan afirmasse reconhecer que o livro revela, de modo inteligente, as inquietações, idéias, dificuldades, orientações e experiências de Freyre, não considera que houve um enfrentamento sistemático das questões pertinentes à conciliação entre teoria e pesquisa no campo da Sociologia.

Florestan foi severo nesta crítica: afirmou que Freyre parece, de fato, *fugir dos compromissos implícitos na tarefa de escrever um livro desta natureza*.⁶³ Esta fuga produziria então, segundo Florestan, o virtuosismo sociológico que prolonga discussões periféricas. Para Florestan, não bastava afirmar que a Sociologia Geral é coordenadora, tal como o fez Freyre, pois esta era uma solução banal e superficial.

Ora, para o sociólogo paulista, a Sociologia Geral, mais do que mera coordenação, devia dedicar-se à discussão de conceitos, fundamentação filosófica, análise de métodos, processos e técnicas a serem aplicadas na pesquisa dos temas e problemas particulares. Florestan parecia dizer que o livro de Freyre é interessante, mas não responde aos problemas complexos enfrentados pelos cientistas sociais. Florestan chega até mesmo a questionar utilidade dos novos volumes, já que o autor hesita em discutir os problemas fundamentais da disciplina.

⁶² Florestan Fernandes, *Jornal de São Paulo* em 08/11/46. Recorte do Acervo do Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre- Recife/PE.

⁶³ Florestan Fernandes, *Jornal de São Paulo* em 08/11/46. Recorte do Acervo do Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre- Recife/PE.

Possivelmente para responder às críticas de Florestan, Freyre acrescentou, em seu prefácio da segunda edição, a seguinte observação:

... o leitor das páginas que se seguem há de notar, através de quase todas elas, o empenho de considerar-se incompleta, estéril, ou, no mínimo, prematura em suas generalizações, a Sociologia geral – que não é outra senão a abstracionista – para a qual seja vã ou inútil a outra: a existencial, a do homem social em movimento, vivo, concreto, situado sob diferentes predominâncias de suas situações de relação. (FREYRE, 1957:40)

Esta citação confirma que, embora Freyre evocasse, de modo muito próprio, a idéia de *formas de socialização* como objeto da Sociologia, nunca se aprofundou na reflexão acerca dos meios de abstração adequados para tratar dos processos empiricamente dinâmicos e fluidos. Os procedimentos metodológicos exigidos para a realização da passagem da análise dos *conteúdos* sociais para as *formas de socialização* permanecem obscuros em Freyre. Nesse sentido, diríamos que o autor opta por não tangenciar os problemas relativos à dicotomia entre *vida* e *forma*, que foram enfrentados de modo tão tenso por Weber, por exemplo. (COHN, 1979) Rigorosamente, Freyre parece não se interessar pelos meios de abstração inerentes ao trabalho científico. A citação acima é esclarecedora: entre o *abstrato* e o *concreto*, ele opta pelo concreto.

É sintomático, nesse sentido, o fato de que o próprio Freyre tenha confundido frequentemente o uso de *fontes* com *método*. Tal confusão alude à dificuldade de transformar a pesquisa empírica num esquema analítico propriamente dito.

Por isso, talvez, não tenha sido possível elaborar o volume metodológico de *Sociologia*. Rigorosamente, Freyre não apresentou alternativas para a passagem do universo empírico para o universo teórico. Este é um ponto nodal apontado por Florestan Fernandes que parecia exigir, afinal, do compêndio científico de Freyre: a revelação dos procedimentos que elevavam os dados empíricos aos esquemas científicos válidos.

Impossível aqui não lembrar da caracterização que Mannheim fez do pensamento conservador. Pois que Freyre parece, de fato, se encaixar perfeitamente na tipologia apresentada pelo sociólogo alemão.

Com efeito, não há em Freyre - como não há no pensamento conservador caracterizado por Mannheim - uma preocupação com a *estrutura* do mundo em que vive. A chave explicativa, para ele, não está na formulação de um esquema abstrato, mas num exercício intuitivo e empático

que visa descobrir o mesmo *impulso fundamental* de acontecimentos variados. Impulso este derivado de uma origem, de um *tempo primordial* (a que nos referimos no capítulo anterior). As formas sociais estão, pois, submetidas a experiências históricas singulares, impossíveis de serem subsumidas a um esquema analítico. (MANNHEIM, 1981: 121-122)

Daí a enorme importância dada à *sociologia genética* na proposição sociológica de Freyre e a impossibilidade dele constituir um método que permita a passagem dos dados empíricos para um modelo teórico. A totalidade, para Freyre é alcançada, numa operação de busca pelo *tempo primordial*. E este tempo primordial é também buscado nos micro-processos de socialização da vida doméstica. A casa é, pois, o lugar *primordial*. O núcleo explicativo da sociedade está, para Freyre, no passado e na intimidade que são, pois, fontes que permitem singularizar a experiência social que se reconstitui.

Nesse sentido, estão ausentes em suas interpretações algumas noções referidas à estrutura social. Um exemplo notável que comprova o que estamos aqui querendo demonstrar é que Freyre refere-se sempre à mobilidade social como algo menos relacionado a um modelo de estratificação da sociedade do que a processos ecológicos, psíquicos ou de valoração cultural.

Fenômenos sociais amplos são, no olhar de Freyre, subsumidos a situações culturais e históricas particulares, a processos eco-psico-sociais constituídos por paradoxos intermitentes. As situações a que ele se refere não permitem a representação na forma de um modelo teórico, como também não se expressam numa narrativa objetiva. Suas teses não se traduzem num modelo analítico universal e não tem senão um alcance médio. Contrariamente, a totalidade imaginada por Florestan é racionalmente alcançável, traduzível em esquema universalmente válido.

Segundo Araújo, Freyre *dá efetivamente a impressão de recusar um compromisso com a idéia de totalidade, ou seja, com a preocupação de apresentar uma visão sistemática e exaustiva das questões em pauta.* (ARAÚJO, 1994: 203) Daí que o inacabamento essencial de sua obra corresponde à forma ensaística. (ARAÚJO, 1994: 203) (COSTA LIMA, 1989)

Se estivermos corretos em nossa interpretação e possível compreender a razão pela qual as obras de Freyre perderam, ao longo dos anos, sua repercussão e seu vigor interpretativo.⁶⁴ O

⁶⁴ Luiz Antonio de Castro Santos esboça uma comparação entre a trajetória de Freyre, Caio Prado Júnior e Sérgio Buarque de Holanda. Procura compreender porque Caio Prado e Sérgio Buarque de Holanda mantiveram vigorosas as suas análises após os anos 30, enquanto que a interpretação de Freyre teria *fenecido* e *empanado*. (SANTOS, 2003: 108) Santos crê, pois, numa trajetória descendente da produção gilbertiana a partir dos anos 40, resultante, sobretudo, do modo como ele construiu sua vida intelectual no Recife. Concordamos com Santos, mas para além do narcisismo inegável de Freyre, acrescentamos que há alguns elementos inerentes a seu sistema explicativo que se

desvendamento das origens tinha sido afinal realizado em suas primeiras obras da década de 30. As obras seguintes tratavam de re-atualizar e re-demonstrar 'a presença do *tempo primordial* em outros tempos'.

Nesse sentido, *Ordem e Progresso* é paradigmático: Freyre faz ali um estudo de numerosas biografias, a fim de construir uma perspectiva multifacetada da sociedade brasileira. E o problema não parece ser exatamente o uso de histórias de vida, mas o fim a que elas se destinam. Afinal de contas, Freyre, no auge do desenvolvimentismo, compõe, por meio da reunião de biografias, uma experiência social irreduzível a modelos explicativos, tributária do passado remoto e que não se submete a uma direção política e econômica unívoca.⁶⁵ (FREYRE, 2002c)

Se levamos ao limite a perspectiva de Mannheim, o que testemunhamos verdadeiramente no confronto entre a *sociologia científica* e a *sociologia de Freyre* é o embate entre dois *estilos de pensamento*: o pensamento conservador e o pensamento progressista.

esgotaram ao longo dos anos 40. Importante, também, compreender que o vigor interpretativo de Freyre teve grande relação com a solução política encaminhada a partir dos anos 30 e que, à medida que esta solução se esgota, esgotam-se também o vigor de sua interpretação e de seus instrumentos de análise. (SANTOS, 2003: 116)

⁶⁵ Ver artigo de Lucia Lippi de Oliveira sobre o livro *Ordem e Progresso*. (OLIVEIRA, 2003)

CAPÍTULO 7

OUTRA SOCIOLOGIA, OUTRA MODERNIDADE

I. O debate intelectual dos anos 50

Neste capítulo demonstraremos que o confronto entre a *sociologia científica* e a *sociologia de Freyre* não se referiu apenas a uma luta simbólica no interior do campo sociológico, mas também a uma luta política no sentido amplo do termo. A rigor, as disputas quanto aos limites do campo científico – relativas à institucionalização dos meios de profissionalização do sociólogo, à definição de uma linguagem legítima e à posse de autores-emblemas - traduziam um embate social mais amplo que dizia respeito à definição dos valores norteadores no encaminhamento do processo histórico no país.

Com efeito, entre os anos de 1945 e 1964, a sociologia foi um o palco privilegiado onde se travou uma discussão sistemática sobre a consolidação do projeto de modernidade no Brasil.

Já dissemos aqui que o ano de 1945 marcou o início de uma nova experiência social no Brasil ligada, sobretudo, ao fim da ditadura de Vargas. Vimos, pois, que a democratização do país revelou conflitos, instaurou um debate sobre o nosso destino após longos anos de ditadura.

Convém acrescentar que esta nova experiência foi acompanhada por uma sensação de oportunidade histórica. No contexto do final da II Grande Guerra, sob o vigor do Plano Marschall, entendia-se que países como o Brasil teriam finalmente a chance de ocupar um lugar privilegiado no concerto das nações. Sob a área de influência dos EUA, difundia-se no Brasil – como também em toda a América Latina - um espírito de otimismo e esperança no regime democrático e, sobretudo, no desenvolvimento capitalista. Havia, pois, a sensação da eminência da realização de um salto histórico, uma passagem da condição de atrasados para a de industrializados.

Desde o governo de Eurico Dutra (1946-1951), quando fora efetivamente promulgada a nova constituição e assegurados alguns princípios do liberalismo político, o debate nacional girou em torno das condições favoráveis ao desenvolvimento capitalista. Em pleno período de

instauração da Guerra Fria, cortadas as relações diplomáticas com a Rússia e cassados os direitos do partido comunista, Eurico Dutra construiu hidrelétricas e estradas para o novo Brasil que estava por nascer.

Do mesmo modo, os governos seguintes de Getúlio Vargas (agora eleito democraticamente) e de Juscelino Kubitschek também priorizaram o desenvolvimento econômico. Vargas criou o Banco Nacional de Desenvolvimento, a Petrobrás, a Usina de Volta Redonda. Kubitschek, por sua vez, construiu estradas integrando o centro-oeste ao sudeste, apoiou o setor automobilístico, construiu as hidrelétricas de Furnas e Três Marias, expandiu a Petrobrás, construiu Brasília. A aceleração do desenvolvimento era o motor propulsor de seu governo.

Neste contexto, em que o Estado atuava como agente do desenvolvimento capitalista, ocorria uma das mais drásticas transformações demográficas no Brasil. Houve uma redistribuição da população sobre o território nacional. O crescimento industrial implicou, pois, numa transferência considerável das populações rurais para os centros urbanos. Desde os anos 40 até os anos 70 a população urbana quadruplicou no país. (PATARRA, 1984: 261)

Tal fenômeno resultou no crescimento notável das capitais brasileiras. Com isso, de um lado, surgiram dificuldades relativas à acomodação desta população nos centros urbanos, à oferta de trabalho, moradia, saúde e educação. De outro, apareceram problemas relacionados à pobreza da área rural e da distribuição de terras. Em resumo, o que se verificou foi a urbanização repentina da população, o aumento dos contrastes regionais e sociais, o agravamento da questão fundiária.

Diante das expectativas e dos resultados sociais (nem sempre favoráveis) do desenvolvimento econômico, formulou-se, ao longo dos anos 50, a idéia de que cientistas sociais atuariam, sobretudo, na construção e planificação de uma sociedade economicamente sadia e democrática. Os intelectuais (sobretudo aos economistas e cientistas sociais) consideraram-se historicamente responsáveis pela condução racional das mudanças e pelo controle de seus efeitos.

De maneira muito geral, pode-se afirmar que estava em pauta, nos meios intelectuais e políticos dos anos 50 no Brasil, a possibilidade de inclusão do país no concerto das nações democráticas e desenvolvidas: aprofundava-se a discussão acerca da natureza da experiência democrática no país e dos meios para universalização efetiva dos direitos sociais, indagava-se sobre os instrumentos capazes de promover o desenvolvimento capitalista entre nós. Oliveira resume as inquietações do período:

Nos anos 50 e início dos anos 60, é preciso lembrar, a intelectualidade brasileira estava envolvida com o projeto de fazer o Brasil deixar de ser subdesenvolvido para se tornar uma nação desenvolvida, lutava para vencer as resistências às mudanças sociais, pregava o abandono do mundo arcaico em todas as suas formas para que o país enfim assumisse os traços culturais de uma sociedade moderna. (OLIVEIRA, 2003: 137)

Deve-se, nesse sentido, lembrar que, em 1949, a fundação da CEPAL pelo economista Raul Prebisch foi um aspecto importante deste processo que se manifestava não apenas no Brasil, mas em todo o continente latino americano. Ali, na Comissão Econômica para a América Latina, reuniu-se um conjunto de intelectuais (entre os quais Celso Furtado, José Medina Echavarría, Gino Botti, etc.) que procurou compreender a forma como crescimento econômico e progresso se processavam em países subdesenvolvidos.

A rigor, os trabalhos dos 'cepalinos' eram orientados no sentido de propor uma política econômica e social específica para os países latino-americanos. Tratava-se de diagnosticar os problemas estruturais em matéria de emprego, produção e distribuição nas condições econômicas e culturais específicas da periferia subdesenvolvida. A partir deste diagnóstico pensava-se, então, em esboçar bases para planificação. (BIELSCHOWSKI, 1998:29)

Importante também mencionar a fundação do Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB), em julho de 1955, órgão vinculado ao Ministério da Educação e Cultura que reuniu um conjunto de intelectuais - também economistas e cientistas sociais - para estudo e compreensão da realidade brasileira a fim de promover o desenvolvimento nacional. Tornou-se um dos centros mais importantes para elaboração do nacional-desenvolvimentismo. (NAVARRO DE TOLEDO, 1997) (PEREIRA, 2002)

Guerreiro Ramos, um dos representantes mais emblemáticos do ISEB, acreditava ser necessário o desenvolvimento de uma sociologia autêntica para que ela fosse efetivamente ser um fator operativo no desenvolvimento industrial nacional. Industrialização era a categoria básica que caberia à sociologia explorar, no seu entender. Para ele, o maior desafio do período era favorecer a emancipação das ciências sociais para que elas pudessem orientar as mudanças sociais necessárias. (RAMOS, 1995:147)

Vale também acrescentar que em 1957, no Rio de Janeiro, foi também fundado o Centro Latino-Americano de Pesquisas em Ciências Sociais, órgão patrocinado pela Unesco e que tivera

a direção Luiz de Aguiar Costa Pinto. Ali, Costa Pinto, queria demarcar uma perspectiva distinta da Cepal e do Iseb no sentido de procurar atribuir à sociologia a compreensão dos nexos (nem sempre diretos) entre crescimento industrial e desenvolvimento social. (SORJ, 1999:226)

Na USP, Florestan Fernandes, definia a função do cientista social como sendo essencialmente o combate sistemático ao atraso cultural. O sociólogo, para ele, um militante em favor da institucionalização de uma civilização técnica e científica, onde concepções racionais de mundo são universalizadas, compreendidas e aplicadas. (FERNANDES, 1962)

A sociologia, segundo Florestan, em condições de se desenvolver numa sociedade racionalizada, baseada em conceitos e teorias de validade universal, ofereceria conhecimentos que poderiam facilitar a libertação dos influxos negativos da economia, que fariam compreender os mecanismos de integração e de diferenciação na sociedade brasileira, que permitiriam reconhecer as diferenças e as semelhanças nas formas de desenvolvimento do capitalismo no Brasil, na África, na Ásia. (FERNANDES, 1962; 23)

Observa-se, pois, que orientações sociológicas, ainda que distintas, preocupavam-se, de um lado, com a defesa da racionalização e da democratização da educação; com as condições e as especificidades do processo de desenvolvimento capitalista entre nós.

No léxico dos autores da época figuravam, sobretudo, termos como desenvolvimento, industrialização, racionalização, mudança social, progresso, atraso, dualidade. São palavras sintomáticas do comprometimento do pensamento social senão com o desenvolvimentismo, com o processo de modernização e racionalização da sociedade.

Nos anos 50, em meio a demandas sociais importantes representadas por movimentos sociais – sobretudo aqueles referidos à questão fundiária – houve uma mudança significativa no debate sociológico em relação às décadas de 30 e 40. Neste novo ambiente, a questão dominante não era a identificação das especificidades e fundamentos sociais da constituição da nação e da nacionalidade. Tratava-se agora de refletir sobre as bases (os limites e as possibilidades) para a consolidação, entre nós, da modernidade política e econômica pautada na experiência recente dos países ocidentais.

Houve então um confronto significativo entre interpretações do Brasil voltadas para a construção da identidade nacional e as interpretações que tinham como ponto de partida a construção de uma sociedade moderna, pessoal e igualitária.¹ Um confronto que, rigorosamente,

¹ Ver: (VILLAS BOAS, 2003: 116)

remetia ao embate entre o tipo de resolução política autoritária e conservadora encaminhado nos anos 30 e o projeto progressista que se esboçara a partir de 1945.

O embate entre Freyre e os cientistas sociais no período é paradigmático deste confronto que assumia nítidos contornos políticos. Com efeito, nesta época, Freyre fora alvo de críticas relativas a um aludido compromisso com o autoritarismo, especialmente com a ditadura de Salazar em Portugal. Do mesmo modo, suas idéias relativas ao nosso pertencimento a uma comunidade luso-tropical, a positivização sociológica de supostas especificidades da cultura ibérica, sua tese acerca da onipresença do patriarcalismo em todas as regiões brasileiras e sua perspectiva culturalista foram, também, questionadas por sugerirem a afirmação de uma particularidade brasileira fundamentada num caráter anti-burguês, impeditivo, no limite, da extensão das experiências democráticas e capitalistas.

II. Autoritarismo e iberismo

A noção de que Freyre estava comprometido com o autoritarismo foi notável, sobretudo, a partir dos anos 50, quando alguns aspectos de sua interpretação passaram a compor o discurso oficial do governo português. Circunstâncias peculiares da vida política portuguesa daquele período beneficiaram a ressonância das idéias de Freyre.²

Lembremos que, nesta época, Portugal vivia sob a ditadura de Salazar (1932-1968), num período politicamente delicado. A tensão estava principalmente relacionada à manutenção das colônias portuguesas na África e Ásia num contexto de fortalecimento do movimento anti-colonialista. Era então necessário que fosse revisto o Ato Colonial em vigência desde os anos 30 (documento relativo às colônias que inibia completamente a autonomia política e administrativa dos territórios e cujas justificativas para manutenção da condição colonial passava por argumentos racistas). No limite, era necessário revisar os fundamentos da nacionalidade portuguesa e, conseqüentemente, os fundamentos do próprio discurso do governo salazarista.

² No ano de 1937, como já fizemos notar em capítulo anterior, Freyre fora a Portugal ministrar conferências em algumas universidades de Lisboa e do Porto. Naquela ocasião, ele divulgou algumas teses acerca da especificidade da cultura portuguesa - que estavam presentes desde a publicação de *Casa-Grande & Senzala*. Destas conferências resultaram dois livros *Conferências da Europa* (1938) e *O mundo que o português criou* (1940) que contém alguns dos fundamentos do que ele, mais tarde, denominou de *luso-tropicalismo*. Não obstante, tudo leva a crer que, na década de 30, as idéias de Freyre tiveram uma repercussão limitada em Portugal. (CASTELO, 1998)

Em 1951, foi apresentado um projeto de revisão do Ato Colonial que contemplava mudanças significativas na terminologia. A nova terminologia recomendava o uso do termo 'províncias ultramarinas' no lugar de 'colônias'. A substituição do termo correspondia à necessidade de relacionar a posse dos territórios à unidade nacional portuguesa. Tratava-se então de reinventar o conceito de nação portuguesa a partir da integração dos territórios. (CASTELO, 1998: 24)

Pois foi neste contexto que Freyre encontrou um ambiente no qual algumas de suas idéias ganharam enorme relevância. A aproximação de Salazar e Freyre foi então uma estratégia retórica que, não obstante, procurava asseverar a preservação do império português, a sobrevivência da nação e, evidentemente, a continuidade do regime autoritário. (CASTELO, 1998) (THOMAZ, 2002: 281)

Exatamente no ano em que se propôs a revisão do Ato Colonial, Freyre foi convidado pelo próprio governo português (em nome do Ministro do Ultramar Sarmento Rodrigues) para realizar uma longa visita ao país e suas colônias. A visita começou em agosto e prolongou-se até fevereiro do ano seguinte.

Logo após a visita, em abril de 1952, Freyre iniciou uma colaboração num grande jornal de Lisboa, *O Diário popular*. Desta visita resultaram ainda os livros *Um brasileiro em terras portuguesas* (1953) e *Integração portuguesa nos trópicos* (1958) e o *Luso e o Trópico* (1961) (os dois últimos encomendados e publicados aos auspícios de organismos do Estado português). Estes são os volumes onde o autor sistematizou suas idéias acerca do luso-tropicalismo, termo que aparece pela primeira vez em *Um brasileiro em terras portuguesas*. (CASTELO, 1998: 25 e 37)

E o que é exatamente lusotropicalismo? Freyre constata que há efetivamente uma área cultural luso-tropical que compreende Portugal e todos os territórios que foram colonizados por portugueses. Nestes territórios, a obra de colonização teria sido realizada com base em valores de acomodação cultural. Nesse sentido, a idéia fundamental do luso-tropicalismo é que o português desenvolveu nos trópicos uma obra singular de colonização baseada menos no racismo e na dominação violenta de povos do que na contemporização, transigência e ajustamento de populações e culturas diferentes. Segundo o autor, o ajustamento hábil do português ao mundo tropical e a realização deste empreendimento colonial sem precedentes ocorreu, principalmente,

devido a certas predisposições psico-culturais dos portugueses. (FREYRE, 1953) (FREYRE, 2002: 64-155)

O luso-tropicalismo se fundamenta na idéia de que os portugueses têm grande capacidade de harmonização de contrastes étnicos, culturais e sociais. Tal capacidade seria, pois, originária de uma gênese histórica peculiar dos povos ibéricos que, no passado remoto viveram, a um só tempo, entre valores da cultura oriental e ocidental.³ Essa experiência histórica engendrou, pois, uma sociedade com uma habilidade de harmonizar contrastes, nem puramente oriental, nem puramente européia. (FREYRE, 2001:103)⁴

Estas idéias tiveram, nos anos 50, em Portugal, um alcance e um sentido notáveis. Diante das circunstâncias políticas que exigiam a redefinição da nacionalidade portuguesa, os fundamentos do luso-tropicalismo encontraram relevância política. Num esforço para cativar a opinião pública internacional, a partir dos anos 50 e início dos anos 60, Salazar apostou na vulgarização das idéias de Freyre acerca da especificidade ibérica e da obra contemporizadora da colonização portuguesa. (CASTELO, 1998: 99)

Com efeito, quando da segunda publicação de *Sociologia*, Freyre - em intenso contato com Portugal, envolvido com o luso-tropicalismo - passou a reivindicar, para o interior do campo de estudos sociológicos, uma área própria da sociologia dedicada ao estudo comparativo das diferentes experiências sociais que compõem a comunidade luso-tropical. Trata-se da *luso-tropicologia*, um novo ramo dos estudos regionais que teria como objeto os espaços sociais tropicais caracterizados pelo legado da cultura ibérica. (FREYRE, 1957:38) Rigorosamente, a *luso-tropicologia* se dedicaria ao estudo *do modo português de estar no mundo e de se relacionar com os trópicos*. (FREYRE, 1961, 41)

Nas páginas de *Sociologia* Freyre procurou definir este novo ramo de estudos sociais aproximando-o das investigações feitas pelo indiano Mukerjee:

(...) sob [o critério] de ecologia social esboçado pelo professor Mukerjee, que tentamos desenvolver uma ciência especial, a luso-tropicologia, que,

³ Em *Para além do apenas moderno* Freyre sintetiza as seguintes características de sociedades de origem ibérica: a) predominância da cultura oral; b) acentuada religiosidade e pendor místico; c) acentuada sensualidade e composição racial incomum; d) desenvolvimento de métodos originais de conhecimento. Este é um livro significativo no qual Freyre, em plena ditadura militar, re-atualiza e redimensiona um projeto de 'modernidade ibérica' para o Brasil. Encontra afinidades entre os traços arcaicos da sociedade brasileira e as tendências pós-modernas. (FREYRE, 2001e)

⁴ Ver: (BASTOS, 1998).

dentro de ciência mais ampla (...) buscassem estudar sistematicamente a simbiose luso-tropical que há séculos vem se definindo como uma especial adaptação por motivos culturais no Oriente, na África e na América onde se encontram hoje, com substâncias étnicas às vezes diversas, comunidades semelhantes em suas formas de cultura, a ponto de poderem ser consideradas uma comunidade luso-tropical. (FREYRE, 1957:303)

Assim definida a luso-tropicologia, a tarefa do cientista social, dentro da perspectiva proposta por Freyre, passa a ser a de identificar, compreender e reconhecer a sábia engenharia social que nos foi legada pela cultura ibérica. Nesse sentido, pensamos que, rigorosamente, a luso-tropicologia tem algo de *policy-science*.

Com efeito, numa conferência lida por Freyre em 1959 no Real Instituto de Antropologia da Grã-Bretanha e Irlanda ele defendia a consolidação de um tipo de civilização que pode ser chamada de luso-tropical. Consultemos as suas palavras:

...admite-se que a antropologia ou a ciência social, no conceito brasileiro de uma hispano-tropicologia, ou, mais particularmente, de uma luso-tropicologia, pode ser desenvolvida como uma ciência política orientada ou aplicada. Pode ser a base para possíveis políticas apropriadas e estratégias de caráter tanto político quanto sociológico, de interesse imediato e especial para as comunidades hispânicas ou luso-tropicais, mas também de interesse considerável para o mundo todo. Dentro de tal conceito de desenvolvimento sócio-cultural dinamicamente generalizado, condicionado por uma ecologia tropical mas não por ela determinado – pois trata-se do resultado de formas específicas de contato entre agentes humanos e culturais com essa ecologia – dentro desse conceito generalizado, é possível para os cientistas sociais com uma visão política sugerir alternativas de modernização política e social para as populações de áreas hispânicas ou luso-tropicais, em harmonia com o que tem sido uma tendência geral para formas étnica e culturalmente mistas de ajustamento humano em ambientes tropicais. (grifo meu) (FREYRE, 2003: 234)

Observa-se aqui claramente o desejo que formulação de um novo padrão de modernidade e modernização, engendrado especialmente no ambiente tropical e ibérico, referido à capacidade de acomodação de diversidades raciais e culturais.

Tal projeto intelectual, a fundação da luso-tropicologia - que surgira com contornos mais nítidos nos anos 50 - foi alvo de diversas críticas no meio brasileiro. Pode-se mesmo dizer que a

oposição às idéias de Freyre se tornou mais severa após sua viagem às colônias portuguesas que teria tornado evidente o aludido vínculo de Freyre com regimes autoritários.

Na *Revista Pernambucana de Sociologia*⁵, órgão oficial da Sociedade Brasileira de Sociologia, seção Pernambuco, foi publicada uma resenha dos livros '*Aventura e Rotina*' e '*Um brasileiro em terras portuguesas*', na qual o autor, Gláucio Veiga, fez críticas à relação do autor com o Governo de Salazar. Para Veiga, as obras *documentam um compromisso entre o Sr. Gilberto Freyre e um governo antipático: o regime salazarista*. (VEIGA, 1954)⁶

Observe-se que, após dez anos do fim do Estado Novo no Brasil, a democracia parecia ser um bem precioso para as novas gerações de cientistas sociais. Freyre fora, pois, visto como um autor visceralmente comprometido com o autoritarismo.

Porém esta crítica de Veiga não se referia apenas ao vínculo (formal ou não) do autor com o governo autoritário de Salazar. Dizia respeito, sobretudo, à natureza da interpretação de Freyre que conferia positividade sociológica a aludidos traços da cultura ibérica. Traços que, segundo o ponto de vista progressista, eram sinais eloqüentes de atraso.

Com efeito, Gláucio Veiga, ironiza a admiração de Freyre pela rusticidade da cultura ibérica: *insiste o sr. Gilberto Freyre em admirar a cultura portuguesa pelo seu aspecto 'místico' (sic) e confessa em mais de uma passagem, seu horror pela Suíça, porque a Suíça não tem analfabetos*.⁷

Veiga estava, pois, se referindo a uma conhecida posição de Freyre que está presente em muito de seus escritos. Freyre pensava que a alfabetização não devia de modo algum ser sinal de superioridade dos povos civilizados sobre os povos rústicos. Ao contrário, segundo seu ponto de vista, povos analfabetos têm, em geral, uma cultura oral rica e diversificada que contrasta com a mediania e monotonia cultural de povos submetidos à homogeneização da ação escolar.⁸ (FREYRE: 2001c: 88-89)

⁵ A Revista Pernambucana de Sociologia foi uma espécie de veículo do movimento intelectual denominado '*Nova Escola de Recife*': Os propósitos de tal movimento foram definidos como os seguintes: *o sentido ideológico da 'Nova Escola de Recife' é o da aplicação do realismo socialista e dialético no plano da filosofia e da arte, da sociologia e da literatura, da crítica e do pensamento humano em geral, numa obra fecunda de libertação espiritual diante dos tabus e preconceitos, de compreensão exata da realidade, inspirando suavemente o progresso da humanidade*. Revista Pernambucana de Sociologia, ano II, no. 2, Recife, 1955, p. 3. Ao que tudo indica, porém, a Revista não ultrapassou o terceiro volume. Seus exemplares foram localizados na Biblioteca Central da Universidade Federal de Pernambuco.

⁶ *Revista Pernambucana de Sociologia*, ano I, no. 1, Recife, 1954, p. 128.

⁷ *Revista Pernambucana de Sociologia*, ano I, no. 1, Recife, 1954, p. 130.

⁸ Num artigo de 1923, para o Diário de Pernambuco, Freyre afirmou o seguinte: *O analfabeto é um ser útil e interessantíssimo, o que não sucede com o meio culto. (...) Eu mil vezes prefiro o menestrel dos nossos sertões a toda legião de poetas meio-letrados cá do litoral. (...) Compare-se a fala do sertanejo com a do semi-letrado do litoral: é*

O argumento de Freyre coloca em questão um dos valores cruciais da sociedade burguesa ocidental que é a universalização da educação. Os índices de analfabetismo não são considerados, pelo autor, indícios de atraso, tampouco de desigualdade, mas de riqueza cultural. Notemos que a mesma noção de cultura, que lhe servira para combater o racismo, positivava o analfabetismo.

A rigor, para Freyre, alguns fatores considerados como indicativos de atraso pela perspectiva progressista não são senão elementos de uma engenharia social sábia na produção e manutenção da riqueza cultural. (FREYRE, 2001c: 89) A noção de cultura permitia-lhe positivizar e singularizar estes fatores.

A propósito, importante recordar que a perspectiva culturalista de Freyre foi também sistematicamente criticada desde o início dos anos 40. Em 1943, um depoimento de Antonio Candido para um inquérito d' *O Estado de São Paulo* trazia já críticas contundentes a Freyre nesse sentido. (NEME, 1945) Candido afirmou que um dos mitos reacionários a ser combatido era a tendência da sociologia cultural de se ocupar com a defesa da inevitabilidade de todo elemento de uma dada experiência social. São suas as seguintes palavras:

Veja o nosso mestre Gilberto Freyre a que ponto leva o seu culturalismo. Suas últimas obras descambam para o mais lamentável sentimentalismo social e histórico (...) O mesmo movimento que o leva a gostar de goiabadas das tias (...) o leva gostosamente a uma democracia patriarcal, em um bom exemplo de como o método cultural carrega água para o monjolo da reação. (ANTONIO CANDIDO *apud* ARRUDA; GARCIA, 2003:59)

Portanto, ao mesmo tempo em que Freyre viu seu método histórico-culturalista ser consagrado por Almir de Andrade nas páginas da Revista *Cultura Política*, também fora alvo de críticas. Críticas que, rigorosamente, associavam o seu método ao reacionarismo do governo.

aquela a mais rica em nervos. (FREYRE, 1979: 254, vol.1) Do mesmo modo, em 1971, Freyre dizia que as elevadas taxas de analfabetismo da sociedade brasileira não indicam uma inadaptação às exigências do futuro próximo. Consultemos mais uma vez as palavras do autor: *A televisão torna possível uma maior valorização das artes rústicas, e cria maiores oportunidades do próprio artista analfabeto, ou quase analfabeto, comunicar-se com um público numeroso e dos próprios analfabetos ou quase analfabetos terem ao seu dispor, como telespectadores, para teatro, canto, música, recitais de poesia, exposições de artes plásticas, públicos heterogêneos. São meios de comunicação, os que se anunciam, que prescindem da cultura alfabética ou erudita ou acadêmica de parte dos mesmos telespectadores. Isto para a época de transição que começamos a viver, provável como é que as divisões entre alfabéticos e analfabéticos tendem a desaparecer.* (FREYRE, 2001e: 50)

Observemos, pois, que ainda na primeira metade dos anos 40, o culturalismo fora visto como uma perspectiva politicamente reacionária. Fora compreendida como uma abordagem que despertava o saudosismo por arcaísmos coloniais. Vale lembrar que Florestan Fernandes igualmente dedicou-se ao questionamento do culturalismo em seus artigos publicados n' *O Estado de São Paulo* a partir de 1943. (ARRUDA; GARCIA, 2003:59)

Nos anos 50, o sociólogo Costa Pinto foi um dos grandes protagonistas no combate à abordagem culturalista não apenas pelos seus efeitos políticos, mas também porque particularizava experiências sociais impedindo a explicação sociológica numa perspectiva mais abrangente. Para Costa Pinto, o olhar culturalista, ao considerar uma totalidade regional encerrada numa lógica cultural particular, dificultava a identificação das estruturas e processos sociais subjacentes às manifestações singulares.⁹ Para ele, o conceito de cultura era incapaz de revelar as grandes transformações relativas à expansão industrial e urbana experimentada no Brasil naquela época. (COSTA PINTO, 1965)

Verificamos que a crítica ao culturalismo encerrava, a um só tempo, uma dimensão política e uma dimensão metodológica, dois elementos inextricáveis do debate sociológico dos anos 50 no Brasil. Em certo sentido, foi neste ambiente que se inaugurou uma diferenciação entre a antropologia (disciplina cuja explicação estava mais ligada a fatores culturais) e a sociologia (que procurava compreender a lógica estrutural dos processos de mudança social). A sociologia, compreendida como disciplina comprometida com o debate acerca das condições sociais gerais para o desenvolvimento. (SORJ, 1999:226) A separação entre os dois campos esteve, pois, referida ao debate político ideológico da época.

III. O legado patriarcal

Freyre compreendia, pois, que nos países cujo legado cultural é ibérico, a experiência social tem como substrato mecanismos sociais de acomodação que, no limite, dispensam a organização democrática convencional, pois, supõem uma espécie de igualitarismo cuja essência está nos processos de troca cultural. Para ele, a democracia não se expressa apenas pela

⁹ Ver também: (CONSORTE, 1999:47) (SORJ, 1999: 223).

extensão dos direitos sociais, nem por meio da ação exclusiva do Estado, mas se expressa principalmente na capacidade de assimilação das diferenças culturais. (FREYRE, 2001c:94)

Dentro deste pressuposto é que se situa sua tese sobre a importância do patriarcado. Para Freyre, o patriarcado é, no limite, a instituição verdadeiramente capaz de reger os mecanismos de acomodação social entre nós, onipresente em todo o território nacional em todos os tempos. Observemos, a propósito, um trecho do prefácio à segunda edição de *Sobrados e Mucambos*, escrito em 1949, no qual Freyre busca afirmar a presença ativa e renovada do patriarcado na vida social e política brasileira:

A família, sob a forma patriarcal ou tutelar, tem sido no Brasil uma dessas grandes forças-permanentes. Em torno dela é que os principais acontecimentos brasileiros giraram durante quatro séculos; e não em torno de reis ou de Bispos, de chefes de estado ou de chefes de Igreja. Tudo indica que a família entre nós não deixará completamente de ser a influência senão criadora conservadora e disseminadora de valores que foi na sua fase patriarcal. (...) Sob forma nova que lhe permita resistir a pressão de forças hoje mais poderosas do que ela, e adaptar-se a novas circunstâncias de convivência humana, a família no Brasil, tende a desenvolver-se com a Igreja, a Cooperativa, a Comuna, o Sindicato, a Escola, num dos órgãos de renovação e de descentralização do poder numa sociedade ainda impregnada de sobrevivências feudais e tutelares. Como família patriarcal ou poder tutelar, porém, a energia da família está quase extinta do Brasil; e sua missão bem ou mal cumprida. Suas sobrevivências, porém, terão vida longa e talvez eterna não tanto na paisagem quanto no caráter e na própria vida política do brasileiro. O patriarcal tende a prolongar-se no paternal, no paternalista, no culto sentimental do místico do Pai ainda identificado, entre nós, como homem protetor... (FREYRE, 2002d:702)

Nesta citação, Freyre afirma que a desintegração da família patriarcal no Brasil não equivale ao declínio do patriarcado enquanto modelo para as relações sociais e políticas. Observemos que em pleno processo de democratização, Freyre argumenta que a tendência é de que, entre nós - marcados a ferro pelo patriarcalismo -, as instituições políticas sigam permanentemente o modelo da sociabilidade doméstica e familiar.

Um ponto nodal não pode ser aqui esquecido por nós: ao insistir no fato de que o patriarcado foi o cimento da unidade social e política brasileira, com manifestações ainda evidentes no período contemporâneo, Freyre assume uma perspectiva muito peculiar em relação ao encaminhamento do processo político brasileiro. Esta tese implica a negação da capacidade do

exercício do poder e da cidadania nas bases do liberalismo democrático no Brasil. Para Freyre, afinal, a unidade orgânica sobre a qual se assenta o poder no Brasil é pessoal, doméstica e afetiva. Trata-se, pois, de um legado cultural ibérico que, segundo Freyre, se contrapõe à racionalidade, impessoalidade e universalidade burguesas.

Com efeito, esta tese de Freyre acerca da centralidade do patriarcado foi contestada, especialmente a partir do final dos anos 40. Questionou-se, sobretudo, se a instituição patriarcal teria, de fato, desempenhado o mesmo papel central em todas as regiões do país.

Este debate teve um dos seus primeiros episódios quando Donald Pierson, em 1947 - a propósito de uma resenha da edição americana de Casa-Grande & Senzala para a *American Sociological Review* - criticou a tentativa de Freyre fazer generalizações acerca do Brasil a partir da experiência social nordestina. Pierson afirmou então que a tese do patriarcado era apenas válida para uma determinada região do Nordeste compreendida pelo estado de Pernambuco. (PIERSON, 1947)

Em 1949, na introdução à segunda edição de *Sobrados e Mucambos*, Freyre procurou responder longamente à crítica de Pierson. Lamentou que alguns autores, a exemplo de Pierson, pretendessem limitar a área de validade de sua tese:

Empenhado a limitar a estreito espaço físico, por eles arbitrariamente fixado, a validez dos estudos por nós iniciados em Casa Grande & Senzala e continuados em Sobrados e Mucambos, alguns críticos têm pretendido que só a pequeno trecho do Brasil se aplicaríamos nossas generalizações: ao 'Nordeste' ou à 'área Recife-Olinda'. E já houve quem insinuasse que só dessa área ou sub-área, tínhamos qualquer conhecimento. Engano a que somos obrigados a um tanto imodestamente retificar. (...) Vasto como é o Brasil – o geográfico e o etnográfico e não tanto o histórico e sociológico – compreende-se a relutância dos estudiosos mais conscienciosos do passado ou da realidade brasileira em aceitarem interpretações, como a oferecida pela nossa caracterização desse passado e dessa realidade sob a forma de expressão sociológica de familismo patriarcal ou tutelar. (FREYRE, 2002d:695)

Segundo Freyre, tais críticos em geral confundiram a forma sociológica com o conteúdo etnográfico, etnológico, étnico, econômico ou geográfico. Para ele, embora fosse distinta a substância geográfica, econômica, étnica entre as fazendas de café, engenhos nordestinos e estâncias gaúchas, a forma de socialização fundamental era a mesma: a organização familiar

patriarcal que, de tão generalizada, conformou a unidade nacional e imprimiu uma forma particular de prática política entre nós.

Rigorosamente, Freyre, ao diagnosticar, como um legado do sistema patriarcal, apostava na persistência da continuidade entre a esfera doméstica e a esfera pública no Brasil (assim como apostava na continuidade entre o passado colonial e o presente republicano). Desse modo, contrapôs-se, sobretudo, a algumas idéias fundamentais de Sérgio Buarque de Holanda, apresentadas já em 1936, quando da publicação de *Raízes do Brasil*. Holanda não concebe que a constituição do Estado possa admitir a continuidade com a esfera doméstica:

O Estado não é uma ampliação do círculo familiar e, ainda menos, uma integração de certos agrupamentos, de certas vontades particularistas, de que a família é o maior exemplo. Não existe entre o círculo familiar e o Estado uma gradação, mas antes uma descontinuidade e até uma oposição. A indistinção fundamental entre as duas formas é prejuízo romântico que teve os seus adeptos mais entusiastas durante o século décimo nono. De acordo com esses doutrinadores, o Estado e as suas instituições descenderiam em linha reta, e por simples evolução da Família. A verdade, bem outra, é que pertencem a ordens diferentes em essência. Só pela transgressão da ordem doméstica e familiar é que nasce o Estado e que o simples indivíduo se faz cidadão, contribuinte, eleitor, elegível, recrutável e responsável, ante as leis da Cidade. (HOLANDA, 1989:101)

Holanda reconhecia que, no Brasil, o círculo familiar se expressou com mais força em nossa sociedade, fato que se manifestou até então na predominância dos interesses particulares sobre os interesses públicos. Entretanto, ele compreendia que este fundamento de nossa cordialidade vinha sendo enfraquecido pela lenta e irrevogável transformação urbana. É que para Holanda, uma lenta *revolução* estava ocorrendo entre nós desde a data da Abolição e da Proclamação da República e esta '*nossa revolução*' acenava para o fim definitivo do predomínio agrário, das influências ibéricas, dos fundamentos personalistas do poder. (HOLANDA, 1989: 126) Holanda compreendia, pois, que a vitória contra a velha ordem colonial e patriarcal era lenta, mas irrevogável e definitiva:

Essa vitória nunca se consumará enquanto não se liquidem, por sua vez, os fundamentos personalistas e, por menos que o pareçam, aristocráticos, onde ainda assenta nossa vida social. Se o processo revolucionário a que vamos assistindo (...) tem um significado claro, será

este o da dissolução lenta, posto que irrevogável das sobrevivências arcaicas, que o nosso estatuto de país independente até hoje não conseguiu extirpar. Em palavras mais precisas, somente através de um processo semelhante teremos finalmente revogada a velha ordem colonial e patriarcal, com todas as conseqüências morais, sociais e política que ela acarretou e que continua a acarretar. (HOLANDA, 1989: 135)

As interpretações de Freyre e Holanda são contrastantes. Como vimos, Freyre, ao contrário de Holanda, compreendida que a família patriarcal entrara em declínio com as transformações recentes e que, ainda assim, o 'patriarcalismo' iria permanecer enquanto modalidade dominante.

Nos final dos anos 40, estas discordâncias entre Freyre e Sérgio Buarque de Holanda ganhavam a arena pública e contornos mais nítidos a partir do debate que sucedeu o fim da ditadura varguista. Num artigo de jornal, Holanda, a propósito de uma resenha para a segunda edição de *Sobrados e Mucambos*, fez ressalvas à tese de Freyre acerca do papel preponderante do patriarcado. Afirmou veementemente que a tese de Freyre não era válida para todo o Nordeste, tampouco válida para a região sul do Brasil. Freyre era, pois, segundo seu ponto de vista, produtor de uma visão poética dos fatos históricos, vítima do enlevo pelo passado de sua região natal ancestral. (HOLANDA, 1979: 108)

Neste texto, Sérgio Buarque de Holanda procurou também atingir o argumento teórico nodal de Freyre. Afirmou que Freyre não conseguia, ele próprio, distinguir a forma da substância.

É bastante significativo que, apesar do seu insistente empenho em emancipar a 'forma' social da 'substância' ou do 'conteúdo', Gilberto Freyre raramente consegue desunir estes elementos quando se trata de distinguir, entre esta e aquela área de povoamento e ocupação do solo, as que lhe parecem expressões mais adultas e completas. É, embora fingindo em certos casos, dar escasso valor sociológico aos 'objetos materiais' ou às técnicas peculiares a cada região distinta, não há dúvida que, em outros, chega a introduzir, entre os próprios objetos, uma espécie de escala hierárquica, manifesta na medida em que eles parecem acomodar-se melhor à 'forma' ideal e soberana. (HOLANDA, 1979:107)

Sérgio Buarque de Holanda parece referir-se ao argumento de Freyre - apresentado na introdução à segunda edição de *Sobrados e Mucambos* - de que a existência de formas arquitetônicas comuns (as casas-grandes) em várias regiões brasileiras confirma a presença

trans-regional do patriarcado entre nós. Ora, Sérgio Buarque de Holanda parece indagar: a arquitetura é substância ou forma? Seria, este, pois, o exemplo notável no qual, no entender de Holanda, Freyre confundiria certos objetos materiais com formas sociológicas, enquanto.

Sérgio Buarque prossegue a crítica contestando a própria natureza da apropriação das definições de Simmel por Freyre. Segundo o historiador, se em Simmel a distinção entre forma e conteúdo não serve senão como simples metáfora, em Freyre elas se transformam em categorias analíticas que, não obstante, são indefiníveis. Segundo o julgamento de Sérgio Buarque, na versão de Freyre, estas noções convertem-se em realidades mais ou menos empíricas, servindo de base a julgamentos de valor que mal se disfarçam. (HOLANDA, 1979: 106)

Num certo sentido, Sérgio Buarque tem razão quanto à fragilidade do fundamento teórico que apóia Freyre nesta distinção. Entretanto, as dificuldades quanto à separação entre 'forma' e 'substância' já estão contidas na proposição de Simmel. Muitos críticos de Simmel - inclusive o próprio Durkheim - apontaram a inconsistência da metáfora do autor alemão que, por vezes, parecia ignorar que os 'conteúdos' são também produtos do processo de socialização. (VANDENBERGHE, 1997:127) (DURKHEIM *apud* CUVILLIER, 1953)

Queremos com isso dizer que a objetividade conferida por Holanda a Simmel é, também, questionável. E que o confronto que ele estabelece com a interpretação de Freyre, igualmente, mal disfarça (usando o termo de Holanda) um embate que ultrapassa a dimensão teórica e científica. Notemos que Holanda reivindicava o rompimento com o passado oligárquico, ao passo que Freyre considerava inerente ao processo social, necessária e favorável a continuidade entre esfera pública e esfera privada.

Vale também aqui lembrar das críticas de Glauco Veiga. Num artigo de 1954 (a que já nos referimos aqui), Veiga colocou igualmente em dúvida a validade nacional das idéias de Freyre acerca do patriarcado: *os livros do sr. Gilberto Freyre, como sempre, giram em torno do velho tema levantado em 'Casa Grande & Senzala', temática que o sr. Gilberto Freyre pretende fazer válida para todo o Brasil, quando na realidade somente se aplica a uma das áreas culturais do Brasil.*¹⁰ (VEIGA, 1954)

Observemos que contestar a validade nacional da tese de Freyre era, de alguma maneira, demarcar uma área a partir da qual fosse possível alavancar uma experiência social nova, democrática, burguesa em essência. Freyre, por sua vez, ao insistir na onipresença de formas

¹⁰ *Revista Pernambucana de Sociologia*, ano I, no. 1, Recife, 1954, p. 128.

patriarcais, negava essa possibilidade até mesmo para os meios sociais mais urbanos e modernizados.

Em 1957, neste ambiente no qual se conferia validade regional à sua tese fundamental, Freyre lançou, nas páginas de *Sociologia*, a idéia de uma área de pesquisa cujo tema fosse exatamente compreender formas comuns de socialização que ultrapassassem as fronteiras regionais. Tratava-se, pois, de diagnosticar certas formas *transregionais*. Entre nós, sobretudo, a pesquisas sociológicas regionais submetidas a comparações e confrontos sistemáticos poderiam, segundo o seu ponto de vista, constatar, além da diversidade cultural, a manifestação da forma patriarcal em variadas regiões brasileiras e quem sabe em outros países e região do continente americano. (FREYRE, 1957:177)

A rigor, neste debate que se travou acerca da validade da tese do patriarcalismo, o que estava em questão, de alguma maneira, são os fundamentos da construção do novo Estado brasileiro após os longos anos de ditadura. A rigor, este é o confronto que está na origem daquele relativo à linguagem sociologicamente legítima. De um lado, apostava-se na constituição de um aparelho administrativo estatal fundado em interesses impessoais e objetivos como garantia dos direitos democráticos (como se apostou também na narrativa impessoal e objetiva como garantia de cientificidade), de outro, Freyre considerava inerente à vida política brasileira o personalismo (como considerava inerente à análise sociológica de natureza existencialista o ensaísmo).

Impossível não nos referirmos aqui ao confronto sobre a questão racial no período. Os resultados contrastantes da interpretação de Freyre e de Florestan Fernandes sobre o tema na década de 50 referem-se a olhares sociais absolutamente distintos (com efeitos políticos também contrastantes). Enquanto Florestan dizia que a Abolição não havia integrado os negros à sociedade de classes e logo, não os havia elevado à condição de *cidadão*, Freyre dizia que o caldeamento cultural, a mestiçagem e a ausência de distâncias sociais eram evidências da ausência de preconceito racial entre nós. Enquanto o primeiro diagnosticava os contornos da desigualdade social brasileira e partia do pressuposto de que não houve, entre nós, a universalização dos direitos democráticos, o segundo conferia positividade sociológica à nossa diversidade racial e cultural, considerada produto de uma experiência intrinsecamente '*igualitária*'. (BASTIDE; FERNANDES, 1955) (FERNANDES, 1955)¹¹

¹¹ Este embate entre diferentes interpretações sobre a questão racial no Brasil, a propósito do desenvolvimento do que se convencionou denominar 'Projeto Unesco', foi bem mapeada por Marcos Chor Maio. Ver: (MAIO, 1997, 1999, 1999b)

IV. A diversidade regional

Freyre passou a evocar, com especial dedicação na segunda edição de *Sociologia*, o valor dos estudos sociológicos regionais entre nós. Houve, nesse sentido, um acréscimo substantivo ao primeiro capítulo do compêndio. Freyre introduziu um novo tópico sob o título de *Cultura, organização, espaço e tempos sociais*. Trata-se de um texto disperso, pontuado de numerosos exemplos, mas que parece se dedicar, sobretudo, à reafirmação da importância do estudo sociológico de regiões (*sociologia regional* ou *ecologia social*, como prefere, por vezes, denominar Freyre). Reivindicou, nestas páginas, uma reinterpretação da realidade brasileira com base no reconhecimento da diversidade regional. Dizia encontrar apoio em políticos nacionais já esclarecidos pela questão. (FREYRE, 1957: 177)

Com efeito, nesta época, este empenho favorável à reafirmação da validade e da necessidade dos estudos sociológicos regionais encontrava condições bastante favoráveis. A década de 50 resgatou, sob um novo contexto, as questões relativas ao regionalismo. Em 1945, ainda sob o governo centralizador de Vargas, foi criada a primeira divisão regional do país.¹² Esboçou-se então, no apagar das luzes Estado Novo, um pacto nacional baseado na valorização das diferenças geo-econômicas de cada região.

Porém apenas na segunda metade dos anos 50 houve, de fato, a operacionalização da noção de região em algumas ações políticas. Dois exemplos notáveis disso: em 1957, a criação dos Centros Regionais de Estudos Educacionais¹³ e, em 1959, o surgimento da SUDENE

¹² Aquela que dividiu o mapa em cinco regiões: Norte, Nordeste, Centro-Oeste, Sul e Sudeste. Ver: <http://www.cpdoc.fgv.br>

¹³ Os Centros Regionais de Estudos Educacionais eram vinculados a Centro Brasileiro de Estudos Educacionais, imediatamente subordinado ao Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos - INEP, dirigido por Anísio Teixeira. Freyre dirigiu, a convite de Anísio Teixeira, o Centro Regional de Estudos Educacionais de Pernambuco no período compreendido entre os anos de 1957 e 1964. A investigação sobre o CRPE/PE está ainda por ser realizada. No CRPE/PE, anexado ao Instituto Joaquim Nabuco, sob o comando de Freyre, foram executadas diversas pesquisas, foi fundada uma Escola de Aplicação, foi mantido um periódico (os cadernos *Região e Educação*). A correspondência institucional entre Freyre e o Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos - INEP é mantida no Setor de Arquivos da Fundação Joaquim Nabuco - Recife/Pernambuco. Uma pesquisa sobre esta experiência lançaria luz sobre alguns aspectos importantes relativos à relação entre pesquisa sociológica e Educação nos anos 50 no Brasil, bem como permitiria compreender uma parte da trajetória de Freyre que não é conhecida, sobretudo sua relação com os órgãos do Estado brasileiro. Sobre o CRPE/PE ver: (PEREGRINO, 1987) (SELLARO, 1990) (Ver também os exemplares do periódico EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS SOCIAIS - Boletim do Centro Brasileiro de Estudos Educacionais). Sugestões valiosas sobre a relação entre a pesquisa sociológica e educacional encontram-se em (FERREIRA, 2001) (FREITAS, 2000), (FREITAS, 2001) (GOUVEIA, 1989), (MARIANI, 1982), (PAOLI, 1995), (XAVIER, 1999)

(Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste)¹⁴. Não obstante, nesta época, a operacionalização política da noção de região estava, de modo geral (a exemplo da SUDENE), ligada a uma preocupação com os limites e possibilidades regionais no contexto da homogeneização capitalista. A tônica passara a ser a 'desigualdade' e não a 'diversidade' regional.

A despeito disso, neste debate sobre a possibilidade de homogeneização capitalista, Freyre se posicionou de modo contundente. Procurou reafirmar, sobretudo, a noção de 'diversidade' fundamentada no relativismo culturalista. No acréscimo ao primeiro capítulo de *Sociologia*, feito em 1957, afirma, pois, que são muito diferentes as experiências espaciais e temporais em cada unidade regional do país. Afirma também que variam regionalmente os valores atribuídos ao progresso e os critérios de ascensão social. Mais do que isso, alega que, nesta enorme diversidade, são tipicamente os traços anti-burgueses os mais vivos e atuantes. Observemos esta passagem:

De tal modo separa um grupo de outro, diferente sentido de tempo, que torna não só certas culturas regionais ou nacionais absolutamente lentas no caminhar, no trabalhar, nos gestos, nos atos, em contraste com outras, ágeis nos seus gestos de trabalho e em suas realizações industriais e econômicas, que essas diferenças tem sido folcloricamente consagradas, todos nós conhecendo o contraste entre a 'hora do brasileiro' e a 'hora do inglês'. (...) O fato do inglês ou do anglo-americano ser, ou parecer ser, mais exato ou preciso em seu modelo de contar horas, minutos e segundos que o latino, em geral, corresponde a diferenças de tempo social, ou sócio-cultural, entre essas duas grandes culturas modernas, a anglo-saxônia e a latina, das quais a primeira vive, desde a Revolução Industrial, mais consciente do futuro que a latina, apegada, em sua maioria, a um passado que se confunde, para muitos latinos, com o presente. Dizemos em sua maioria porque há exceções como Buenos Aires e São Paulo, que são sub-regiões urbanas latino-americanas, em que o tempo social, ou sócio-cultural, dominante entre seus habitantes coincide com o das áreas industrialmente mais adiantadas, em suas articulações do presente com o futuro, da moderna comunidade anglo-saxônica. Também para esses subgrupos regionais de cultura neolatina 'tempo é dinheiro', como diz o expressivo ditado em língua inglesa. (FREYRE, 1957: 186)

O autor afirma a nossa especificidade latina, evidenciada por uma concepção de tempo que se volta mais para o passado do que para o futuro. Para Freyre, a experiência temporal dos

¹⁴ Sobre surgimento da SUDENE e o relatório que lhe deu origem ver: (FURTADO, 1959)

centros mais urbanizados do país não é, pois, tipicamente brasileira. Logo, não pode ser generalizada como um destino inexorável para todos os recantos do país.

Para ele, o grande desafio em épocas de expansão do capitalismo é, sobretudo, conciliar o desenvolvimento com a diversidade regional do país, cuja cultura, em algumas regiões, apresentava traços verdadeiramente anti-burgueses.

As diferenças de tempo social, ou sócio cultural, dificultam as relações inter-regionais ou intra-regionais, inclusive as relações entre sub-grupos urbanos e os subgrupos rurais de uma mesma comunidade: entre as suas culturas. Pois a tendência é os subgrupos rurais viverem, agirem e trabalhareis em ritmo mais lento que os subgrupos urbanos. (FREYRE, 1957:186)

Observemos, portanto, que Freyre, nesta segunda edição de *Sociologia* - ou seja, em pleno período de execução do plano de metas de Juscelino Kubitschek – procurava, por meio da afirmação de nosso iberismo e de nossa latinidade, apresentar um contraponto ao projeto desenvolvimentista no Brasil. A afirmação da diversidade, da latinidade implica, pois, na negação da execução de um projeto unívoco para todo o país.

No contexto dos anos 50 - quando os grandes temas sociais eram a extensão dos direitos sociais universais de um lado, e a inclusão do Brasil no concerto das nações desenvolvidas de outro, a obsessão de Freyre passa a ser afirmar sistematicamente a especificidade da cultura brasileira rica e diversa, fundamentada nos valores ibéricos, caracteristicamente anti-burgueses.

E para o debate sociológico do período, esta perspectiva foi considerada ‘anacrônica’ por não dar conta das novas demandas sociais então em curso. Foi considerada reacionária por negar a possibilidade de universalização da experiência democrática, socialista ou capitalista.

A pauta do debate social na época tratava, pois, dos instrumentos econômicos e políticos para a realização plena do projeto de modernidade burguesa no país. Nestas circunstâncias, o suposto legado cultural ibérico foi reforçado por Freyre que nos caracterizava, rigorosamente, como um povo com tendências anti-burguesas (manifestas sobretudo na presença notável da instituição patriarcal e na riqueza cultural pitoresca). Ou seja, com a problemática da universalização no horizonte, houve o desprezo pelo método empático, pela micro-sociologia ocupada com processos sócio-psíquicos e com particularidades culturais, pelo ensaísmo de

pendor literário. As condições para que a Sociologia de Freyre se desenvolvesse não eram favoráveis.

Nesse sentido, talvez, é que tanto Florestan Fernandes em 1946, quanto Octavio Ianni em 1958, diziam que a proposição sociológica de Freyre não respondia aos desafios impostos pelo vivenciados: a surpresa diante das transformações velozes rumo a taylorização, tecnologização e urbanização das sociedades. As novas demandas daquela época pareciam não admitir a proposição desenvolvida pelo sociólogo pernambucano.

Do mesmo modo, a perspectiva relativista acerca do desenvolvimento e do progresso não tinha lugar. Note-se que era um ambiente muito distinto daquele no qual Freyre se viu consagrado. Contrastava com época do Estado-Novo em que a tônica do debate social era a construção da nação. Durante o regime Vargas, a perspectiva histórico-culturalista, enquanto elemento afirmador da particularidade nacional serviu como peça fundamental para o a celebração do pacto político. Ao passo que na década de 50, o que estava em questão não era a afirmação de singularidades culturais, mas a compreensão dos limites e possibilidades relativos aos processos de universalização das experiências democráticas, capitalista ou, até mesmo, socialista.

Por isso, com o esgotamento do pacto de 30, deu-se a recusa dos instrumentos de investigação de Freyre e de seu diagnóstico acerca das especificidades nacionais. A sociologia proposta por Freyre ainda que tivesse efeitos sociais importantes foi, a partir deste período, condenada a uma espécie de 'ostracismo' nos limites do campo sociológico porque parecia não responder as demandas propostas pelos novos agentes sociais.

CONCLUSÃO

OS SENTIDOS DA SOCIOLOGIA NO BRASIL

*Péssimo! Sempre a mesma velha história! Ao terminar a construção da casa, notamos que sem nos dar conta aprendemos, ao construí-la, algo que simplesmente tínhamos de saber, antes de começar a construir. O eterno aborrecido 'Tarde demais! – A melancolia de tudo terminado!...' (Grifos do autor)
Friedrich Nietzsche, *Além do bem e do mal*, 1885.*

O mapeamento de aspectos centrais da trajetória intelectual de Gilberto Freyre desde os anos 20 até os anos 50 é revelador dos diferentes sentidos que a disciplina sociológica assumiu ao longo do período no Brasil.

Pudemos verificar, de modo geral, dois momentos significativos. No primeiro, que compreende o período entre o final dos anos 20 e a segunda metade dos anos 40 – entre os últimos anos da República Velha e o percurso da era Vargas –, a sociologia se ocupava essencialmente com a definição da especificidade da nação.

No segundo momento, quando da institucionalização do campo científico, em que o país vivia em pleno processo de democratização e de acelerado desenvolvimento econômico, a sociologia voltara-se para a compreensão da dinâmica estrutural do processo capitalista.

Esta inflexão fundamental no pensamento social brasileiro a que fazemos alusão é visível especialmente pela redefinição do lugar ocupado por Freyre no campo sociológico em formação. Se nos anos 30 e início dos anos 40 o autor fora celebrado como cientista social, ao longo dos anos 50, quando a sociologia passara a ser academicamente institucionalizada e cientificamente orientada, a validade dos seus princípios sociológicos foi sistematicamente questionada.

A crítica a Freyre assumiu, sobretudo, a forma de combate à sua linguagem, considerada inadequada da perspectiva do novo padrão discursivo que, pouco a pouco, se tornou dominante no campo sociológico: houve, pois, o embate entre a linguagem científica, objetiva e universal, e a narrativa ensaística, pessoal e estetizada.

O debate em torno da questão semântica manifestava, não obstante, um confronto entre perspectivas sociológicas radicalmente distintas, engendradas em ambientes sociais e históricos muito diversos. A rigor, tal embate remetia à disputa entre diferentes projetos acerca da modalidade de integração do Brasil no conjunto das sociedades modernas. Tratou-se de um embate político por excelência que se travou de modo especialmente contundente no âmbito da sociologia.

No limite, o livro *Sociologia* representa o esforço de Freyre de sistematizar uma abordagem teórica e demarcar certos princípios sociológicos exatamente no período em que começava a se instaurar um embate entre diferentes perspectivas, em pleno período de abertura democrática. Um confronto político se traduzia, pois, no embate entre princípios sociológicos.

Com efeito, nesta conclusão, cotejaremos os princípios sociológicos que serviram de fundamento para os diferentes projetos de modernidade e que se confrontaram entre nós principalmente nos anos 50. Revisaremos antes os três princípios fundamentais da síntese sociológica elaborada pelo por Freyre desde 1929 e que tomou forma no livro *Sociologia*, anteriormente analisado.

Em primeiro lugar, Gilberto Freyre sustenta uma noção de *sociedade* que tem inspiração na sociologia norte-americana e em alguns autores alemães (Simmel em especial). Nesta perspectiva, a sociedade se constitui intermitentemente através dos contatos sociais e ambientais travados cotidianamente. O fundamento da sociedade é, pois, segundo esta abordagem, a *interação física e mental entre os homens e o meio ambiente*. Daí a importância dada aos fatores biológicos, psíquicos e ecológicos no processo de interpretação sociológica.

Para Freyre, portanto, a análise sociológica resulta da articulação entre algumas noções da biologia, psicologia, geografia, história e antropologia. Estes os conhecimentos convocados para a compreensão do processo de socialização.

A partir desta noção de sociedade é que a narrativa de Freyre, para contemplar a complexidade da interação entre estes fatores de natureza tão diversa, evoca igualmente o cheiro do sexo, a textura da terra e das peles, os humores e trejeitos dos personagens que tecem a trama social.

A segunda característica fundamental do pensamento sociológico de Freyre é a *noção de continuidade*. A socialização é, para o autor, um processo menos fundamentado nas rupturas do que na *acomodação* das diferenças e contradições. A noção de continuidade explica a importância fundamental dada à *Sociologia genética* no seu esquema interpretativo: para Freyre, a perspectiva

histórica permite a compreensão de um tempo original, no qual se constituíram as formas de socialização fundamentais que se repetem - ainda que renovadas - em novas circunstâncias, sob a regência dos mecanismos de acomodação social.

Não obstante, este princípio de continuidade sustentado por Freyre não se dá apenas no plano temporal, mas manifesta-se também entre os diferentes círculos sociais. Para o autor, a esfera doméstica é primordial para a compreensão da socialização. Assim, do mesmo modo que a experiência histórica remota se apresenta renovada em outros momentos, também a sociabilidade doméstica se manifesta em outros níveis da sociedade. Este fundamento sociológico se traduz principalmente na sua tese acerca da continuidade entre esfera doméstica e esfera pública no Brasil, legado do patriarcalismo colonial. A rigor, na tese sobre o patriarcado, Freyre articula o princípio da continuidade histórica e nas esferas de sociabilidade.

O terceiro princípio da síntese sociológica elaborada por Freyre é o da *diversidade cultural e regional*. Esta noção ocupa um papel central na sua proposta explicativa, pois todas as formas de diferenciação social são vistas como evidências da diversidade de natureza cultural e regional. Observamos que, na ausência de um ponto de vista estrutural sob o qual se desenrolam as interações sociais, Freyre opera com a particularização das experiências sociais sob o prisma do relativismo culturalista e ecológico. Indisfarçável que a diversidade cultural e regional é, para ele, um valor dotado de positividade sociológica.

Mas é importante observar que, ao mesmo tempo em que Freyre – sobretudo nos seus manuscritos de aula na UDF -, reivindicava o reconhecimento das diversas realidades regionais brasileiras, exigia também o reconhecimento de uma forma sociológica comum às diferentes regiões do país: o patriarcado. Na sociedade brasileira, a noção de diversidade encontrava, pois, seu limite na noção do papel unificador do patriarcalismo. Com isso, Freyre construiu uma representação da nação a um só tempo articulada pela diversidade e pela unidade: *diversidade* assentada sobre a *cultura* e diferenciação física das regiões, e *unidade* assentada sobre a experiência *patriarcal*.

Esta articulação entre diversidade e unidade é tensa e, por vezes, contraditória nas páginas de Freyre. A noção da unidade nacional assentada sobre o patriarcalismo foi, como vimos, tema de controvérsia. Ao afirmar que a arquitetura patriarcal é encontrada do Maranhão ao Rio Grande do Sul, Freyre recusa os argumentos dos autores que consideram a validade de suas teses apenas restritas ao Nordeste. Entretanto, ao lançar mão do argumento da unidade patriarcal, o autor acaba por não admitir experiências sociais que não aquelas ligadas ao legado colonial ibérico. Vê-se então

a própria noção de diversidade cultural comprometida. Nesta interpretação, a única diversidade admitida é aquela orquestrada e acomodada pela cultura ibérica, essencialmente anti-burguesa, com raízes orientais.

A noção da unidade/diversidade coordenada pela vocação conciliadora e anti-burguesa da cultura ibérica teve um sentido político relevante. De um lado, correspondia a dizer que o país não poderia ter um projeto político e econômico unívoco. De outro, implicava na afirmação de que a força do patriarcado acenava para uma solução política singular que deveria ter por fundamento a experiência social colonial (formada originalmente no Nordeste agrário) e não as formas convencionais da representatividade democrática.

Com efeito, o esforço de síntese sociológica que resultou nestes princípios se iniciou no interior da Escola Normal de Pernambuco, em meio a ambições reformistas, num ambiente assolado pela consciência da decadência regional. Foi neste contexto que Freyre reuniu instrumentos analíticos que tomariam sua primeira forma interpretativa em *Casa-Grande & Senzala*.

Dando inelegibilidade à sociedade, o autor ofereceu nova base tradicionalista, conservadora e antiliberal para a definição da nação e para a celebração do pacto nacional. Ultrapassou assim, a um só tempo, os limites do 'denuncismo' regionalista e do discurso jurídico. Na solução apontada por Freyre, o fundamento da sociedade e, conseqüentemente, da nacionalidade são as *formas de socialização* primordiais encontradas no passado colonial, cristalizadas no Nordeste agrário, nos mecanismos de acomodação instaurados a partir da vida doméstica.

Sua resolução sociológica tinha uma direção pragmática importante: articular nação e sociedade, passado e futuro, conservação e criação, rural e urbano. É então que se deu uma interessante conjunção entre ciência e política. A despeito de sua opção pela história íntima, Freyre deixou sempre evidente a orientação pública de sua reflexão. (ARAÚJO, 1994: 200) Sua sociologia estava preocupada desde o início com a intervenção na vida social de seu tempo, ainda que não permitisse qualificar a esfera política como dotada de propriedades particulares, como expressa contundentemente sua defesa do continuum privado/público. Na verdade, a partir da sociologia, Freyre reivindicou a 'despolitização' da política, na medida em que imaginava que a ação política deveria ter como base certa noção de sociedade.

Importante dizer que alguns aspectos da perspectiva sociológica de Freyre passaram a fazer enorme sentido, sobretudo após a Revolução de 30, quando o esforço político era, essencialmente, criar um discurso referido à nação. Tratou-se, em tempos de reorganização do Estado brasileiro, de

reinventar o ideário de nação. Nesse sentido, ao longo dos anos 30 e anos 40, durante o primeiro período do governo de Vargas e, sobretudo, ao longo do Regime do Estado Novo, a sociologia ocupou uma dimensão importante. A disciplina se constituiu então como um instrumento para a definição da especificidade da experiência social brasileira. Lembremos, pois, que a definição da sociedade e a busca pela especificidade da nação estão aqui inextricavelmente ligadas. Sociologia e nação se confundiam na imagética dos intelectuais neste primeiro momento.

A sociologia foi, igualmente, instrumento do governo e dos grupos de oposição a Vargas (lembremos que em São Paulo a institucionalização da disciplina se realiza exatamente pelos setores ligados à oposição à Vargas). A disciplina ocupou, pois, um papel central na disputa entre os diversos setores sociais: a definição da sociedade e da nação era parte integrante da disputa política.

Neste período, as grandes ferramentas da sociologia passaram a ser aquelas inicialmente mobilizadas por Freyre: história e cultura. A própria noção de diversidade regional foi, lentamente, incorporada no discurso do Regime. Define-se, por meio da história, da cultura e da perspectiva regional, a origem e a originalidade da nação. Assim produziu-se a singularização da experiência social brasileira.

No limite, a busca pela singularidade nacional servia como fundamento para a particularização da experiência política e para a fundamentação de um novo pacto político após a crise do pacto oligárquico. A sociologia assumiu então verdadeiramente uma feição conservadora e antiliberal.

Nesse sentido, Freyre foi um protagonista fundamental no processo de sistematização da sociologia em seus primeiros tempos. Reuniu os primeiros instrumentos analíticos que lhe permitiram circunscrever o objeto sociológico e possibilitaram dar resposta a uma questão que incomodava tantos intelectuais ao longo dos anos 20: definiu, pois, a *nação* a partir da caracterização da *sociedade*. (BASTOS, 1987, 1997)

Ao mesmo tempo, Freyre divulgou os benefícios do conhecimento sociológico entre seus leitores, alunas normalistas, futuros bacharéis em direito e estudantes de ciências sociais. O autor teve, pois, um papel igualmente importante na definição dos conceitos e temas sociológicos e na formação de um público interessado na nova área. (BASTOS, 1987)

Não obstante, conforme aludimos, a solução apontada por Freyre nos anos 30 (que o consagrou como também a disciplina), perdeu seu lugar central a partir do final dos anos 40, quando

surgiu, pouco a pouco, uma nova perspectiva sociológica engendrara num contexto social muito distinto. O surgimento desta nova abordagem só pode ser compreendido no quadro de referência das transformações históricas vividas no período. No contexto internacional, houve então o fim da Segunda Guerra, o enfraquecimento dos nacionalismos, a implantação do Plano Marshall. No Brasil, o fim da Ditadura de Vargas e o ingresso do país na área de influência dos Estados Unidos.

A partir de 1945 e, principalmente, ao longo dos anos 50, diante de um acelerado desenvolvimento industrial, a tônica do debate passou a ser a modernização do país, a elaboração de um projeto de industrialização, a composição de um regime político dentro de princípios liberais, a radicalização dos princípios democráticos de participação popular.

Neste contexto, a sociologia se sedimentou numa nova base institucional: a Universidade. Principalmente no ambiente metropolitano de São Paulo, onde havia duas instituições estáveis (a Escola de Sociologia e Política e a Universidade de São Paulo), foi possível formar regularmente as primeiras gerações de portadores especializados no conhecimento sociológico entre nós. Os trabalhos da ELSP e da USP se constituíram então como o padrão dominante dos estudos sociológicos. Ali, sob o signo da racionalização e universalização dos procedimentos científicos, ocorreu a definição das regras do campo sociológico e, sobretudo, a profissionalização do cientista social.

Uma nova forma de olhar nascera desta nova experiência histórica que se constituía desde meados de 1945. A sociologia, especialmente acomodada no sistema universitário e no ambiente metropolitano de São Paulo, se transformou numa espécie de autoconsciência científica da modernidade. Modernidade esta que foi traduzida de modo tão radical na renovação da linguagem, dos temas e dos métodos da sociologia. Engendrou-se então a missão do sociólogo como um crítico inovador da sociedade.

E ainda que a produção sociológica do período seja muito rica e diversificada, podemos destacar três características fundamentais dos trabalhos produzidos sob esta nova ambiência social e institucional.

Em primeiro lugar, a nova abordagem que então se constituiu tinha por base uma concepção estrutural da sociedade. As demandas da época pareciam exigir um olhar deste tipo. Tratava-se de compreender a inserção do país numa dinâmica mundial de transformações. Daí que as discussões metodológicas tiveram enorme importância. Basta ver os debates entre Florestan Fernandes, Guerreiro Ramos e Costa Pinto que se iniciaram na segunda metade dos anos 40 e percorreram a

década de 50.¹ Tais debates dedicavam-se a definir a natureza desta estrutura e impor regras objetivas para permitir a tradução dos dados empíricos em esquemas teóricos.

A segunda característica é que as pesquisas, de modo geral, privilegiavam o foco nos traços de mudança social da sociedade agrária para a sociedade moderna. Por meio da sociologia, procurava-se explicar o padrão das grandes e pequenas alterações ocorridas na sociedade brasileira sob o acelerado processo de industrialização.

Mas a mudança social, expressa pela racionalização, democratização e desenvolvimento econômico, era igualmente, para os novos cientistas sociais, um desafio analítico e uma expectativa. Ou seja, a um só tempo, os novos cientistas testemunhavam, diagnosticavam e reivindicam a transformação e a superação do mundo agrário, estamental, oligárquico.

A terceira característica dos trabalhos sociológicos deste período é também fundamental. Instaurou-se uma nova abordagem acerca das diferenças sociais. Nesta nova perspectiva, a diferenciação social era compreendida como resultado de uma desigual inserção dos indivíduos na estrutura social. Foi então que a sociologia passou a se ocupar de novos e antigos agentes sociais com o propósito de compreender as condições de integração (ou desintegração) dos indivíduos na dinâmica estrutural da sociedade. Lembremos das numerosas pesquisas feitas na época sobre 'caiçaras', 'caipiras', ex-escravos, índios destribalizados, imigrantes, operários. (JAKSON, 2001) (VILLAS BOAS, 1992 e 1997) Tratava-se de compreender os mecanismos de marginalização social e de acomodação entre o 'arcaico' e o 'moderno' em meio a uma reflexão mais ampla sobre a dinâmica capitalista.

Estes três traços (ainda que muito genéricos) que caracterizaram a abordagem sociológica no Brasil dos anos 50 (aquela dominante) contrastam profundamente com aqueles princípios propostos por Freyre.

Observemos que história e cultura não foram mais consideradas ferramentas legítimas da sociologia. A explicação de natureza histórica perdeu lugar na medida em que a preocupação não era mais a formação da nação, mas a compreensão da estrutura que orquestrava as transformações sociais recentes.

Nesta perspectiva é que se passou a exigir de Freyre uma discussão metodológica acerca da passagem do material empírico para o modelo teórico. Não obstante, a abordagem de Freyre não permitia a construção de um modelo teórico abrangente. Suas ferramentas conceituais, ainda que

¹Ver Revista Sociologia: como a questão metodológica a partir do final dos anos 40, passou a ocupar os autores. (COSTA PINTO, 1947) (FERNANDES, 1947).

possibilitassem a compreensão dos processos de transformação da sociedade brasileira, não permitiam a constituição de um modelo analítico equivalente àquele pretendido por Florestan Fernandes, por exemplo. Aliás, é possível entender porque, afinal, Florestan Fernandes e Octavio Ianni reiteravam que Freyre não respondia às questões fundamentais da disciplina. Rigorosamente, Freyre parecia não atender as demandas intelectuais que as novas circunstâncias históricas impunham: no limite, suas ferramentas não davam conta dos mecanismos da dinâmica capitalista.

A particularização da experiência social brasileira através do conceito de cultura não fazia, igualmente, sentido no novo quadro de questões que se instaurava. As expectativas de particularização da vida social brasileira deram lugar a uma nova preocupação acerca das condições e limites para a universalização da experiência democrática e capitalista.

Houve, pois, neste segundo momento, críticas contundentes às análises sociológicas fundamentadas na noção de diversidade cultural. Com efeito, neste processo de inflexão do pensamento sociológico a que fazemos alusão, uma das mudanças mais notáveis é que a categoria de cultura passou a não ser admitida como sociologicamente explicativa. No contexto do desenvolvimentismo a noção de *diversidade* cultural e regional foi enfraquecida. A diferenciação passou a ser olhada sob o prisma da dinâmica do desenvolvimento capitalista, produtora da *desigualdade*.

Interessante observar que houve uma mudança na noção de especificidade brasileira. Ainda que se mantivesse a convicção de que a experiência social brasileira era particularíssima, a nova geração de cientistas sociais não se indagava acerca da singularidade cultural, mas procurava agora compreender as particularidades do desenvolvimento capitalista no Brasil, manifestas nos mecanismos de exclusão social. Ou seja, na nova perspectiva, o Brasil passara então a ser visto como uma forma peculiar - incompleta - de realização do projeto burguês ocidental, e não como um modo singular de caldeamento de raças e culturas. (BASTOS, 1998:152)

Desse modo, os princípios, instrumentos conceituais e categorias explicativas de Freyre, ainda que tenham sido efetivamente importantes para a sistematização da disciplina, foram considerados inválidos no interior do campo sociológico dominante que se instaurara nos anos 50.

Mas também a interpretação que resultava destes instrumentos tinha sua validade negada. Sobretudo a tese do patriarcado foi então compreendida como uma interpretação bastante restrita. Notemos que o que se colocou rigorosamente em questão foi princípio freyreano da continuidade entre o passado colonial brasileiro e o tempo presente. Sua tese colocava, pois, limites à

possibilidade de transformação, de mudança para uma nova ordem social urbana, capitalista, racional. Igualmente, a noção de continuidade entre público e privado que estava implícita nesta tese, colocava em questão a possibilidade do exercício dos princípios democráticos, a impessoalidade e o igualitarismo em especial, entre nós.

Ainda assim, sob críticas contundentes, vimos que Freyre insistiu na tese da singularidade da experiência brasileira assentada sobre o patriarcalismo e a diversidade regional e cultural. Ele negou, pois, a 'regionalização' de sua tese e procurou incansavelmente legitimar os seus princípios sociológicos. A reedição substantivamente modificada de *Sobrados e Mucambos* em 1949, os acréscimos feitos em *Sociologia* em 1957 e a publicação de *Ordem e Progresso* em 1959 são testemunhos eloqüentes disso. Um esforço que, não obstante, contrastava com o próprio curso do processo histórico que não era favorável às suas idéias.

Freyre parecia não perceber que o sentido da sociologia havia se alterado entre nós. Se no período da sistematização da sociologia a expectativa que se depositava sobre a nova ciência era de dar contornos nítidos à nação a partir do diagnóstico de uma linha de continuidade com o passado; nos anos posteriores, a primeira geração de sociólogos formada no Brasil, assumia um compromisso intelectual e político com a ruptura do pacto instaurado em 30, com a superação do atraso. Os novos cientistas sociais desejavam a racionalização, a industrialização e a democratização da sociedade. Tal compromisso contrastava com idéia de Freyre: para ele, o sociólogo estava, pois, comprometido com a continuidade, o pitoresco, o tradicional, o singular.

Importante, não obstante, lembrar que, embora tenham ficado fora do campo sociológico, as idéias de Freyre permaneceram atuantes como forças sociais, cujos efeitos ainda estão por ser avaliados. Queremos com isso dizer que Freyre ficou ausente da sociologia universitária, mas no centro do processo de articulação do pacto de poder que se instaurou a partir de 1964.

Devemos, por fim, observar que se as idéias de Freyre perderam seu sentido dentro do universo do debate científico nos anos 50, atualmente cremos que os novos desafios colocados pelo processo de globalização lançam uma luz renovada sobre sua produção. Pluralismo cultural e racial e regionalismo são, pois, temas prementes no mundo contemporâneo cujas demandas acenam para a revalorização dos seus escritos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABREU, Alzira Vargas (coord.). (2001) *Dicionário histórico-bibliográfico brasileiro pós 30*. Rio de Janeiro: Editora FGV, CPDOC.
- ADAMI, Simone Aparecida Camargo. (2002) *Gilberto Freyre em três tempos. Um estudo da gênese de 'Casa-Grande & Senzala a partir de 'Tempo Morto & outros Tempos*. São Paulo: Dissertação de Mestrado. Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, FFLCH, USP.
- ALMEIDA, José Maurício Gomes de. (2003) "Regionalismo e Modernismo: as duas faces da renovação cultural dos anos 20". In: KOSMINSKI, Ethel Volfzon. LÉPINE, Claude. PEIXOTO, Fernanda Áreas. *Gilberto Freyre em quatro tempos*. Bauru, SP: EDUSC.
- ALVAREZ, Marcos César. (2000) "Paulo Egidio e a Sociologia criminal em São Paulo". In: *Tempo Social*. São Paulo: vol. 12, no. 1.
- _____. (2004) "Controle social: notas em torno de uma noção polêmica. In: *São Paulo em Perspectiva*. Vol. 18, no.1, São Paulo, jan./mar.
- ANDRADE, Almir Bonfim de. (1939) *Aspectos da cultura brasileira*. Rio de Janeiro: Schmidt Editor.
- _____. (1941) *Primeiros estudos sociais no Brasil: séculos XVI, XVII e XVIII*. Rio de Janeiro: José Olympio.
- ANDRADE, Lopes de. (1946) "Sociologia". In: *Jornal Letras e Artes*. 20/10/1946.
- ANDRADE, Manuel Correia de. (1988) *A revolução de 30: da República Velha ao Estado Novo*. Porto Alegre: Mercado Aberto.
- _____. (1997) *Pernambuco imortal: evolução histórica e social de Pernambuco*. Recife: CEPE.
- ARAÚJO, Cristina. (2002) *Escola Nova em Pernambuco*. Recife: Fundação de Cultura da Cidade do Recife.
- ARAÚJO, Ricardo Benzaquen. (1994) *Guerra e paz: Casa-Grande & senzala e a obra de Gilberto Freyre nos anos 30*. Rio de Janeiro: Editora 34.
- ARRUDA, Maria Arminda do Nascimento. (1989) "A modernidade possível: cientistas e ciências sociais em Minas Gerais". In: MICELI, Sérgio (org.). *História das Ciências Sociais no Brasil*. vol. I, São Paulo: Vértice, Editora Revista dos Tribunais: IDESP.
- _____. (1995) "A sociologia no Brasil: Florestan Fernandes e a 'escola paulista'". In: MICELI, Sérgio (org.) *História das Ciências Sociais no Brasil*. vol. 2. São Paulo: IDESP, FAPESP.
- _____. (2001) *Metrópole e cultura*. Bauru, SP: EDUSC.
- ARRUDA, Maria Arminda do Nascimento; GARCIA, Sylvia Gemignani. (2003) *Florestan Fernandes: mestre da sociologia moderna*. Brasília, Paralelo 15, CAPES.
- ARRUDA, Maria Hermínia Tavares de. (1989) "Dilemas da institucionalização das Ciências Sociais no Rio de Janeiro". In: MICELI, Sérgio (org.). *História das Ciências Sociais no Brasil*. vol. I, São Paulo: Vértice, Editora Revista dos Tribunais: IDESP.
- AZEVEDO, Fernando de. (1935) *Princípios de Sociologia*. São Paulo: Companhia Editora Nacional.
- _____. (1942) *A cultura brasileira*. Tomo 1. São Paulo: Melhoramentos.
- _____. (1971) *História de minha vida*. Rio de Janeiro: José Olympio.
- AZEVEDO, Neroaldo Pontes de. (1983) *Modernismo e regionalismo em Pernambuco: sua divulgação nos periódicos dos anos 20*. Tese de Doutorado. São Paulo: Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, FFLCH, USP.
- BALDUS, Herbert & WILLEMS, Emílio. (1939) *Dicionário de etnologia e sociologia*. São Paulo: Companhia Editora Nacional.
- BARBOSA, Rosângela Nair de Carvalho. (1996) *O projeto da UDF e a formação dos intelectuais*. Digitado. Dissertação de Mestrado, IFCS/ UFRJ.
- BARROS, Souza. (1972) *A década de 20 em Pernambuco: uma interpretação*. Rio de Janeiro: Paralelo.
- BASTIDE, Roger. (1938) 'A Sociologia na Tcheco-slovania e a crise no Estado Tcheco' In: *O Estado de São Paulo*, 25/09/1938.
- _____. (1945) 'Sociologia' In: *Diários Associados*, 05/12/1945.
- _____. (1953) "Introdução a dois estudos sobre a técnica de histórias de vida". In: *Sociologia*. São Paulo, vol XV, n.1, março.

- BASTIDE, Roger, FERNANDES, Florestan. (1955) *Relações raciais entre negros e brancos em São Paulo*. São Paulo: Anhembi.
- BASTOS, Elide Rugai. (1986) *Gilberto Freyre e a formação da sociedade brasileira*. Tese de Doutorado. São Paulo: Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais, PUC-SP.
- _____. (1987) "Gilberto Freyre: a sociologia como sistema". *In: Ciência e Trópico*. Recife: 15 (2), jul./dez., p. 157-164.
- _____. (1997) *Pensamento sociológico no Brasil: consenso ou crítica*. Tese de Livre Docência. Departamento de Sociologia, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, UNICAMP.
- _____. (1998) "Iberismo na obra de Gilberto Freyre". *In: Revista USP*. São Paulo, no. 38, junho/julho/agosto.
- _____. (1998) "Florestan Fernandes e a construção das Ciências Sociais". *In: MARTINEZ, Paulo Henrique (org.) Florestan ou o sentido das coisas*. São Paulo: Boitempo.
- _____. (2001) "Lo intrahistórico em la reflexión de Gilberto Freyre". *In: Prismas. Revista de História Intelectual*. Universidad Nacional de Quilmes. no. 5.
- _____. (2002) "Pensamento social da escola sociológica paulista". *In: MICELI, Sérgio. O que ler na ciência social brasileira – 1970-2002*. São Paulo: ANPOCS, Sumaré; Brasília: CAPES.
- _____. (2003) *Gilberto Freyre e o pensamento hispânico: entre Dom Quixote e Alonso El Bueno*. Bauru, SP: Edusc.
- BASTOS, Elide Rugai; BOTELHO, André. (2005) *Para uma sociologia dos intelectuais*. Mimeog. Texto apresentado no Seminário 'A Sociologia da Cultura no Brasil e a obra de Sérgio Miceli'. Universidade de São Paulo, 14, 15 e 16 de setembro.
- BENDIX, Reinhard. (1996) *A construção nacional e a cidadania*. São Paulo: EDUSP.
- BENEVIDES, Ireleno Porto. (1984) *Para uma Sociologia crítica de "Senzala e Casa-Grande"*. Texto apresentado na 8ª ANPOCS. Mimeo.
- BIELSCHOVSKI, Ricardo. "Evolución de las ideas da CEPAL". *In: Revista de la CEPAL*. Numero extraordinário, octubre, p. 21-46.
- BOMENY, Helena Maria Bousquet. (1993) "Novos talentos, vícios antigos: os renovadores e a política educacional". *In: Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, vol. 6, no. 11, p. 24-39.
- _____. (2001) *Os intelectuais da educação*. Rio de Janeiro: Zahar.
- BONOW, Iva Weisberg. (s/d) *Missionário e mártir da educação democrática no Brasil* (depoimento em homenagem à Anísio Teixeira). Disponível em <http://www.prossiga.br/anisioiteixeira/livro6/missionario.html>
- BOSSERMAN, Philip. "Georges Gurvitch et les dukheimiens em France, avant et après la Seconde Guerre Mondiale". *In: Cahier Internationaux de Sociologie*. vol. LXX, Paris: Presses Universitaires, p. 11-125.
- BOUGLÉ, Cél estin. (1939) *Qu'est-ce la sociologie?* Paris: Félix Alcan.
- _____. (1931) *Le guide de l'étudiant en sociologie*. Paris: Marcel Rivière.
- BOUGLÉ, Célestín; RAFFAULT, J. (1930) *Éléments de sociologie (textes choisis et ordonnés)*. Paris: Félix Alcan.
- BOURDIEU, Pierre. (2003) "O campo científico". *In: ORTIZ, Renato. A sociologia de Pierre Bourdieu*. São Paulo: Olho d'Água.
- BRAGA, Sérgio Soares. (1998) *Quem foi quem na Assembléia Constituinte de 1946: um perfil socioeconômico e regional da constituinte de 1946*. vol. II. Brasília: Câmara dos Deputados.
- BRANDÃO, Zaia. (1999) *A intelligentsia educacional: um percurso com Paschoal Lemme por entre as memórias e as histórias da Escola Nova no Brasil*. Bragança Paulista: IFAN-CDAPH, EDUSF.
- CAMARGO, Aspásia (et all). (1989) *O golpe silencioso*. Rio de Janeiro: Rio Fundo.
- CAMPOS, Maria José. (2002) Arthur Ramos. *Luz e sombra na antropologia brasileira: uma versão da democracia racial no Brasil nas décadas de 30 e 40*. Dissertação de Mestrado. Departamento de Antropologia, FFLCH/USP.
- _____. (2005) *Menotti Del Picchia, Cassiano Ricardo e a democracia racial brasileira: versões modernistas em movimento*. 'Paper' de comunicação do XXII Congresso Brasileiro de Sociologia. Disponível em: <http://www.sbsociologia.com.br>
- CANDIDO, ANTONIO. (1957) "A sociologia no Brasil". *In: Enciclopédia Delta Larousse*. São Paulo, volume IV.
- _____. (1981) *Formação da literatura brasileira*. 6ª edição. Belo Horizonte: Itatiaia.
- CANO, Wilson. (1975) *Raízes da concentração industrial em São Paulo*. Rio de Janeiro, São Paulo: Difel.
- _____. (1985) *Desequilíbrios regionais e concentração industrial no Brasil 1930-1970*. São Paulo: Global Editora; Capinas: Editora da Unicamp.

- CAPELATO, Maria Helena. (2003) "Estado Novo: o que trouxe de novo?" *In: FERREIRA, Jorge e DELGADO, Lucilia de Almeida Neves*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- CARDOSO, Irene. (1982) *A universidade da Comunhão Paulista*. São Paulo: Cortez, Editores Associados.
- CARNEIRO LEÃO, Antonio. (1954) *Fundamentos de Sociologia*. 2ª edição. São Paulo: Melhoramentos.
- CARVALHO, Delgado de. (1935) *Sociologia Aplicada*. São Paulo: Nacional.
- CARVALHO, Maria Alice Rezende de. (1985) "Letras, sociedade & Política: imagens do Rio de Janeiro". *In: Boletim Informativo e Bibliográfico de Ciências Sociais*. Rio de Janeiro, no. 20, 2º semestre de 1985, pp. 3-22.
- _____. (2002) "Casa-Grande & Senzala e o pensamento social brasileiro". *In: FREYRE, Gilberto. Casa-Grande & Senzala*. (Edição crítica coordenada por Guillermo Guicci, Henrique Larreta e Edson Nery da Fonseca). Madri, Barcelona, La Habana, Lisboa, Paris, México, Buenos Aires, São Paulo, Lima, Guatemala, San José: ALLCA XX.
- CARVALHO, Mario César. (2000) "Céu e inferno de Gilberto Freyre". *In: Folha de São Paulo*, 12/03/ 2000.
- CARVALHO, Marta Maria Chagas de. (1997) "Educação e política nos anos 20: a desilusão com a República e o entusiasmo com a educação". *In: LORENZO, Helena de Carvalho; COSTA, Wilma Peres da. (orgs). A década de 20 e as origens do Brasil moderno*. São Paulo: Fundação Editora UNESP.
- CASTELO, Cláudia. (1998) *O mundo que o português criou*. Porto: Edições Afrontamento.
- CAVALCANTI, Clóvis. ((1990) "Quatro décadas de trabalho científico: a contribuição do Instituto de Pesquisas Sociais da Fundação Joaquim Nabuco para o desenvolvimento da pesquisa social." *In: Cadernos de Estudos Sociais*. Recife, vol. 6, n.1, jan./jun.
- CEPÊDA, Vera Alves. *O conceito de democracia na proposta de representação classista na Constituinte de 1934*. Paper de comunicação apresentado no XII Congresso da Sociedade Brasileira de Sociologia. Belo Horizonte, junho 2005. Disponível em: www.sbsociologia.com.br
- CHACON, Wamireh. (1989) *A luz do Norte*. Recife: Massangana.
- _____. (2001) *A construção da brasilidade: Gilberto Freyre e sua geração*. Brasília: Paralelo 15, São Paulo: Marco Zero.
- _____. (2003) "A trilogia gilbertiana: um itinerário culturalista". *In: QUINTAS, Fátima. (org.) Evocações e interpretações de Gilberto Freyre*. Recife, Editora Massangana, Fundação Joaquim Nabuco.
- CHAGURI, Mariana Miggiolaro. (2005) *José Lins do Rego e as transformações do Nordeste Agrário*. Monografia de Graduação em Ciências Sociais. IFCH/Unicamp.
- CHAVES, Antiógenes. (1942) "Estácio Coimbra e as audiências públicas". *In: ESTACIO COIMBRA. In memoriam*. Rio de Janeiro: Jornal do Commercio.
- COHN, Gabriel. (1979) *Crítica e resignação*. São Paulo: TA Queiroz.
- CONSORTE, Josidelth Gomes. (1999) "Lembrando Costa Pinto. Memória das ciências sociais no Brasil". *In: MAIO, Marcos Chor; VILLAS BÔAS, Gláucia. (orgs.) Ideais de modernidade e Sociologia no Brasil: ensaios sobre Luiz Aguiar Costa Pinto*. Porto Alegre: Editora Universidade/UFRGS.
- CORRÊA, Marisa. (1987) *História da Antropologia no Brasil. 1930-1960. Testemunhos*. São Paulo: Vértice, Editora Revista dos Tribunais; Campinas: Editora da Unicamp.
- _____. (1997) 'Dona Heloísa e a pesquisa de campo'. *In: Revista de Antropologia*. vol. 40, no. 1, São Paulo. Também disponível no site: <http://www.scielo.br/scielo>.
- _____. (1998) *Ilusões da liberdade: a Escola Nina Rodrigues e a Antropologia no Brasil*. Bragança Paulista, SP: EDUSF.
- _____. (2003) *Antropólogas & Antropologia*. Belo Horizonte: Editora UFMG.
- CORRÊA, Roberto Alvim. (1962) "Gilberto Freyre ensaísta". *In: Gilberto Freyre: sua ciência, sua filosofia, sua arte*. Rio de Janeiro: José Olympio.
- CORTEZ, Martha Cecília Herrera. (1997) *Educação, sociedade e idéias pedagógicas na Colômbia durante a República Liberal (1930-1946). A hegemonia da Escola Nova*. Tese de doutoramento. Faculdade de Educação, UNICAMP.
- COSTA LIMA, Luis. (1989) "A versão solar do patriarcalismo: Casa-Grande & senzala". *In: Aguarrás do tempo: estudos sobre a narrativa*. Rio de Janeiro: Rocco.
- COSTA PINTO, Luis A. (1965) "Sociologia e mudança social". *In: Sociologia*. IX (4), São Paulo.
- _____. (1947) *Sociologia e desenvolvimento: temas e problemas do nosso tempo*. 2ª. Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

- CUNHA, Luis Antonio. (1980) *A universidade temporã: o ensino superior da Colônia a era de Vargas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- CUVILLIER, Armand. (1953) *Où va la sociologie française?* Paris: Libraire Marcel Rivière et cie.
- D'ANDREA, Moema Selma. (1987) *A tradição re(des)coberta*. Campinas, Dissertação de Mestrado, Departamento de Teoria Literária, Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP.
- DIMAS, Antônio. (2000) "Profissão de fé epistolar." *In: Revista Cult*. Março.
- _____. (2003) "Um manifesto guloso". *In: KOSMINSKI, Ethel Volfzon. LÉPINE, Claude. PEIXOTO, Fernanda Áreas. Gilberto Freyre em quatro tempos*. Bauru, SP: EDUSC.
- EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS SOCIAIS. Boletim do Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais. Rio de Janeiro.
- EISENBERG, Peter L. (1977) *Modernização sem mudança*. Rio de Janeiro: Paz e Terra; Campinas: UNICAMP.
- ESTACIO COIMBRA *IN MEMORIAN*. (1942) Rio de Janeiro: Jornal do Commercio.
- EUFRÁSIO, Mario A. (1999) *Estrutura urbana e ecologia humana. A Escola sociológica de Chicago (1915-1940)*. São Paulo: Editora 34.
- EVANGELISTA, Ely Guimarães dos Santos. (2000) *A UNESCO e o mundo da cultura*. Tese de doutorado. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, UNICAMP.
- FALCÃO, Joaquim; ARAÚJO, Rosa Maria Barbosa. (2001) *O imperador das idéias: Gilberto Freyre*. Rio de Janeiro: Topbooks.
- FARIS, Robert. (1970) *Chicago Sociology*. Chicago: The Chicago University Press.
- FAUSTO, Boris. (1975) *Revolução de 30: historiografia e história*. 3ª edição. São Paulo: Brasiliense.
- _____. (1985) "A crise dos anos vinte e a Revolução de 30". *In: HOLANDA, Sérgio Buarque. História Geral da Civilização Brasileira*. Tomo III: O Brasil Republicano. 2º volume: Sociedade e Instituições. 3ª edição, São Paulo: DIFEL.
- FÁVERO, Maria de Lourdes de Albuquerque. (1977) *A universidade brasileira em busca de sua identidade*. Petrópolis: Vozes.
- FERNANDES, Florestan. (1946) "Sociologia". *In: Jornal de São Paulo*. São Paulo, 03/01/1946.
- _____. (1946) "Sociologia". *In: Jornal de São Paulo*. São Paulo, 08/01/1946.
- _____. (1947) "O problema do método na investigação sociológica". *In: Sociologia*. IX (4), São Paulo.
- _____. (1955) "Do escravo ao cidadão". *In: BASTIDE, R.; FERNANDES, F. Relações raciais entre negros e brancos em São Paulo*. São Paulo: Anhembi.
- _____. (1956) "História de vida na investigação sociológica: a seleção de sujeitos e suas implicações." *In: Sociologia*. São Paulo, vol. XVIII, no. 1, maio.
- _____. (1958) *A Etnologia e a Sociologia no Brasil. Ensaio sobre aspectos da formação e do desenvolvimento das ciências sociais na sociedade brasileira*. São Paulo: Anhembi.
- _____. (1962) "A sociologia como afirmação". *In: Revista Brasileira de Sociologia*. vol. II, no. 1, março. p. 21-46.
- _____. (1974) "Atitudes e motivações desfavoráveis ao desenvolvimento". *In: Mudanças sociais no Brasil*. São Paulo: Difel. p. 93-116.
- _____. (1978) *A condição de sociólogo*. São Paulo: Hucitec.
- FERREIRA, Márcia dos Santos. (2001) *O Centro Regional de Pesquisas Educacionais de São Paulo (1956-1961)*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Educação/Universidade ed São Paulo.
- FERREIRA, Marieta de Moraes. (1999) "Os professores franceses e o ensino da história no Rio de Janeiro dos anos 30". *In: MAIO, Marcos Chor; VILLAS BÔAS, Gláucia. Ideais de modernidade e sociologia no Brasil*. Porto Alegre: Editora UFRGS, pp. 277-300.
- FONSECA, Cledon. "A Sociologia e seus problemas." *In: Jornal do Comércio*. 25/11/1945.
- FONSECA, Edson Nery da. (1993) "Cuspindo no prato". *In: Jornal do Comércio*. Recife, 14 de novembro.
- _____. (2002) *Gilberto Freyre de A a Z*. Rio de Janeiro: Zé Mario Editor.
- FONTOURA, Afro Amaral. (1944) *Programa de Sociologia*. Porto Alegre: Globo.
- _____. (1953) *Introdução à Sociologia*. 2ª edição. Rio de Janeiro: Globo, 1953.
- FRANCO, Afonso Arinos de Melo. (1939). *Terra do Brasil*. São Paulo: Nacional.
- _____. (1961) *A alma do tempo. Memórias (formação e mocidade)*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora.
- FREITAS, Marcos Cezar de. (1998) *Álvaro Vieira Pinto: a personagem histórica e sua trama*. São Paulo: Cortez: USF-IFAN.
- FREITAS, Marcos Cezar de. (2000) "A pesquisa educacional como questão intelectual na história da educação brasileira (breves anotações para uma hipótese de trabalho)". *In: FREITAS, Marcos Cezar de. Memória intelectual da educação brasileira*. Bragança Paulista: IFAN/CDPAH/ EDUSF.
- _____. (2001) *História, antropologia e a pesquisa educacional: itinerários intelectuais*. São Paulo: Cortez.

- FRESTON (1989). "Um império na Província: o Instituto Joaquim Nabuco em Recife". In: MICELI, Sérgio. *História das Ciências Sociais no Brasil*. Vol. 1, São Paulo: Vértice, Editora Revista dos Tribunais, IDESP.
- FREYRE, Alfredo. (1970) *Dos oitenta aos oitenta anos*. Recife: Universidade Federal de Pernambuco.
- FREYRE, Gilberto. (1922) "Social life in Brazil in the Middle of the Nineteenth Century". In: *Hispanic American Review*. vol. 5, nov. pp. 206-259.
- _____. (1935) "Menos doutrina, mais análise". In: *A Época*. Rio de Janeiro, n. 29, v.4, p. 201-209, dez.
Disponível em: <http://www.fgf.org.br>
- _____. (1941) Atualidade da sociologia'. In: *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 8/10/1941.
- _____. (1941b) 'A propósito do presidente'. In: *Cultura e política*. Rio de Janeiro, ano I, no. 5, julho.
- _____. (1943) *Problemas brasileiros de Antropologia*. Rio de Janeiro: Casa do Estudante.
- _____. (1945) *Sociologia: uma introdução aos seus princípios*. Rio de Janeiro: José Olympio.
- _____. (1947) Traição a Pernambuco. In: *Diário de Pernambuco*. Recife, 16/01/1947.
- _____. (1950) "Mestre Arthur Ramos". In: *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 15/0/1950.
- FREYRE, Gilberto. (1953) *Um brasileiro em terras portuguesas*. Rio de Janeiro: José Olympio.
- _____. (1954) 'Getúlio Vargas: meu depoimento'. *O Jornal*. Rio de Janeiro, 5/06/1954.
- _____. (1957) *Sociologia: uma introdução aos seus princípios*. 2ª edição. Rio de Janeiro: José Olympio.
- _____. (1958) 'A propósito de Sociologia'. In: *Diário de Pernambuco*. Recife, 27/07/1958.
- _____. (1958) 'Ainda a propósito de Sociologia' In: *Diário de Pernambuco*. Recife, 03/08/1958.
- _____. (1958) "Ciência Social e Língua Portuguesa". In: *O Cruzeiro*. 25 de outubro.
- _____. (1958) *Integração portuguesa nos trópicos*. Portugal: Junta de Investigações do Ultramar.
- _____. (1960) "Educação e desenvolvimento no Brasil". In: *Boletim do Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais*. no. 9, pp. 151-153.
- _____. (1961) *O luso e o trópico*. Lisboa: Comissão Executiva das Comemorações do V Centenário da Morte do Infante D. Henrique.
- _____. (1962) *Sociologia: uma introdução aos seus princípios*. 2ª edição. Rio de Janeiro: José Olympio.
- _____. (1966) *Quase política*. Rio de Janeiro: José Olympio.
- _____. (1968) *Brasis, Brasil, Brasília*. Rio de Janeiro: Record.
- _____. (1968b) *Como e porque sou e não sou sociólogo*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília.
- _____. (1972) *Meu amigo Gurvitch*. Caderno 32. Faculdade de Direito de Caruaru, Pernambuco.
- _____. (et al). (1973) *Estácio Coimbra, homem representativo de seu meio e do seu tempo*. Recife: Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais.
- _____. (1973b) 'Uma microsociologia em desenvolvimento no Brasil: a análise e interpretação dos anúncios de jornais'. In: *Ciência & Trópico*. Recife: vol. 1, no. 1, jan.jun.
- _____. (1975) *Tempo morto e outros tempos: trechos de um diário de adolescência e primeira mocidade (1915-1930)*. Rio de Janeiro: José Olympio.
- _____. (1977) *Vida social no Brasil nos meados do século XIX*. Rio de Janeiro: Editora Arte Nova, Recife: Fundação Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais.
- _____. (1978) *Cartas de próprio punho sobre pessoas e coisas do Brasil e do estrangeiro*. Brasília: MEC.
- _____. (1978b) *Contribuição para uma sociologia da biografia: o exemplo de Luis de Albuquerque, governador do Mato Grosso no fim do século XVII*. Cuiabá: Fundação Cultural do Mato Grosso.
- _____. (1979) *Tempo de aprendiz*. 2 vols. São Paulo: IBRASA, Brasília: INL.
- _____. (org.) (1979b) *O livro do Nordeste*. Recife: Arquivo Público Estadual.
- _____. (1982) *Rurbanização: que é?*. Recife, Editora Massangana.
- _____. (1985) 'Condicionamentos internacionais da área luso-tropical'. In: MIRANDA, Maria do Carmo Tavares de. (org.) *Primeiras Jornadas de Tropicologia - 1984*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco. Disponível também em: http://www.tropicologia.org.br/anais/pdt/anais_1_jt.pdf
- _____. (1987) *Homens, engenharias e rumos sociais*. Rio de Janeiro: Record.
- _____. (1996) *Manifesto regionalista*. Recife: Editora Massangana.
- _____. (2000). *Dona Sinhá e o filho do padre*. Rio de Janeiro: Ediouro.
- _____. (2001) 'A necessidade do pluralismo sociológico'. In: FALCÃO, Joaquim & ARAÚJO, Rosa Maria Barbosa. *O imperador das idéias*. Rio de Janeiro: Topbooks.
- _____. (2001b) *Aventura e Rotina*. Rio de Janeiro: Topbooks.
- _____. (2001c) *Interpretação do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras.
- _____. (2001d) *Palavras repatriadas*. Brasília: Editora da UnB; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado.
- _____. (2001e) *Para além do apenas moderno*. 2ª edição. Rio de Janeiro: Topbooks e Univer Cidade. (1ª edição em 1971)

- _____. (2002) *Casa-Grande & Senzala*. (Edição crítica coordenada por Guillermo Giucci, Henrique Larreta e Edson Nery da Fonseca). Madri, Barcelona, La Habana, Lisboa, Paris, México, Buenos Aires, São Paulo, Lima, Guatemala, San José: ALLCA XX.
- _____. (2002b) 'Como e porque escrevi Casa-Grande & Senzala'. FREYRE, Gilberto. *Casa-Grande & Senzala*. (Edição crítica coordenada por Guillermo Giucci, Henrique Larreta e Edson Nery da Fonseca). Madri, Barcelona, La Habana, Lisboa, Paris, México, Buenos Aires, São Paulo, Lima, Guatemala, San José: ALLCA XX.
- _____. (2002c) 'Ordem e Progresso'. In: *Intérpretes do Brasil*. 2ª edição. vol. 3. Rio de Janeiro: Nova Aguilar.
- _____. (2002d) 'Sobrados & Mucambos: decadência do patriarcado rural e desenvolvimento urbano'. In: *Intérpretes do Brasil*. 2ª edição. vol. 2. Rio de Janeiro: Nova Aguilar.
- FREYRE, Gilberto. (2003) 'Ciência social, ciência social aplicada e Brasil.' In: FREYRE, Gilberto. *Palavras repatriadas*. Brasília: Ed. UnB, São Paulo: Imprensa Oficial do Estado.
- _____. (2004) *Casa-Grande & Senzala*. São Paulo: Global.
- FREYRE, Fernando de Mello. (1985) *Engenharia social e outros temas*. Recife: Editora Massangana.
- FURTADO, Celso. (1959) *Operação Nordeste*. Rio de Janeiro: Instituto Superior de Estudos Brasileiros.
- GIDDINGS, Franklin. (1944) *Principios de Sociología: análisis de los fenómenos de asociación y de organización social*. Buenos Aires: Editorial Albatroz.
- GIUCCI, Guillermo, LARRETA, Enrique Rodríguez. (2002) 'Casa-Grande & Senzala: os materiais da imaginação histórica'. In: FREYRE, Gilberto. *Casa-Grande & Senzala*. (Edição crítica coordenada por Guillermo Giucci, Henrique Larreta e Edson Nery da Fonseca). Madri, Barcelona, La Habana, Lisboa, Paris, México, Buenos Aires, São Paulo, Lima, Guatemala, San José: ALLCA XX.
- GIUCCI, Guillermo, LARRETA, Enrique Rodríguez. (2003) 'Casa-Grande & Senzala: os materiais da imaginação histórica'. In: QUINTAS, Fátima. (org.) *Evocações e interpretações de Gilberto Freyre*. Recife, Editora Massangana.
- GOMES, Ângela de Castro (coord.) (1980) *Regionalismo e centralização política: partidos e constituinte nos anos 30*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- _____. (1996) *História e historiadores: a política cultural do Estado Novo*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas.
- _____. (1999) *Essa gente do Rio... modernismo e nacionalismo*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas.
- _____. (2000) "O ministro e sua correspondência: projeto político e sociabilidade intelectual". In: GOMES, Ângela de Castro (org.) *Capanema: o ministro e seu ministério*. Rio de Janeiro: Editora FGV, p. 13-48.
- _____. (2004) "Em família: a correspondência entre Oliveira Lima e Gilberto Freyre". In: GOMES, Ângela de Castro. *Escrita de si. Escrita da história*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, p. 51-76.
- _____. (2005) *Em família: a correspondência entre Oliveira Lima e Gilberto Freyre*. Campinas: Mercado das Letras.
- GOMES, Ângela de Castro; MATTOS, Hebe Maria. (s/d) "Sobre apropriações e circularidades: memória do cativo e política cultural na Era Vargas. Disponível em: <http://gladiator.historia.uff.br/labhoi/pdf/lab03.pdf>
- GOUVEIA, Maria Aparecida Joly. (1989) "As Ciências Sociais e a Pesquisa sobre educação". In: *Tempo Social*. Revista de Sociologia da USP. 1 (1), 1º semestre, p. 71-79.
- GUIMARÃES, Lucia Maria Paschoal; ARAÚJO, Valdeci Lopes. (2004) "O sistema intelectual brasileiro na correspondência passiva de John Casper Branner". In: GOMES, Ângela de Castro. *Escrita de si. Escrita da história*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, p. 93-109.
- HOLANDA, Sérgio Buarque. (1979) *Tentativas de mitologia*. São Paulo: Perspectiva.
- _____. (1989) *Raizes do Brasil*. 21ª edição. Rio de Janeiro: José Olympio.
- HOMMAGE À JEAN POUILLON. (2002) *L'Homme. Revue Française d'Anthropologie*. no. 164.
- IANNI, Octavio. (1958) 'A Sociologia de Gilberto Freyre' In: *Revista Anhembi*, ano VIII, no. 92, v. XXXI, julho.
- _____. (1961) "A crise do pensamento sociológico". In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. Vol.1, no. 1, p.189-203.
- _____. (1978) *Escravidão e racismo*. São Paulo: Hucitec.
- _____. (1998) "A Sociologia do Brasil". In: *Florestan ou o sentido das coisas*. São Paulo: Boitempo.
- JACKSON, Luis Carlos. (2001) "A tradição esquecida. Estudo sobre a sociologia de Antonio Candido". In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. São Paulo: vol. 16, no. 47. Disponível também em: www.scielo.br
- LAHUERTA, Milton. (1997) "Os intelectuais e os anos 20: moderno, modernista, modernização". In: LORENZO, Helena de Carvalho; COSTA, Wilma Peres da. (orgs). *A década de 20 e as origens do Brasil moderno*. São Paulo: Fundação Editora UNESP.

- LALLEMENT, Michel. (2004). *A história das idéias sociológicas*. Rio de Janeiro: Vozes.
- LARRETA, Enrique Rodriguez. (2001) "Gilberto Freyre e a sociologia crítica: as artes do intérprete." *In*: RIBEIRO, Maria Thereza Rosa. (org.) *Intérpretes do Brasil*. São Paulo: Mercado Aberto.
- _____. (2003) "O caminho para *Casa-Grande*: itinerários de Gilberto Freyre." *In*: ROCHA, João César de Castro. (org.) *Nenhum Brasil existe: pequena enciclopédia*. Rio de Janeiro: Topbooks Editora.
- LARRETA, Enrique Rodriguez; GIUCCI, Guillermo. (2003b) "Casa-Grande & Senzala: os materiais da imaginação histórica". *In*: QUINTAS, Fátima. (org.) *Evocações e interpretações de Gilberto Freyre*. Recife: Editora Massangana.
- LEÃO, Antonio Carneiro. (1929) "Qual foi o plano de educação do Estado?" *In*: *Jornal A Província*. Recife, 20/01/1929. p. 1 e 3.
- _____. (1942) "Estácio Coimbra". *In*: *Estácio Coimbra. In memoriam*. Rio de Janeiro: Jornal do Commercio.
- LEITE, Isabella. (1999) *O ambiente cultural do Recife modernista*. Dissertação de Mestrado em Desenvolvimento Urbano, Centro de Artes e Comunicação, UFPE.
- LEMOS FILHO. (1960) *Clã do açúcar (Recife 1911-1934)*. Rio de Janeiro: São José.
- LEPENIES, Wolf. (1996) *As três culturas*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.
- LEVINE, Robert. (1980) *A velha usina: Pernambuco na federação brasileira, 1889-1937*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- LIMA, Alceu Amoroso. (1945) "São pernambucanos os autores dos três melhores livros deste ano". *In*: *Jornal do Commercio*: Recife, 23/12/1945.
- LIMA, Hermes. (1974) *Travessia: memórias*. Rio de Janeiro: José Olympio.
- _____. (1978) *Anísio Teixeira, estadista da educação*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- LIMA, Patrícia de Souza. (1999) "Correspondência de intelectuais: o Arquivo Gustavo Capanema como lugar de sociabilidade". *In*: *Primeiros escritos*. no. 4, junho. Também disponível em: <http://www.historia.uff.br/labhoi/pdf/pe4-1.pdf>
- LIMONGI, Fernando. (1989) "Mentores e clientelas da Universidade de São Paulo". *In*: MICELI, Sérgio. *História das Ciências Sociais no Brasil*. vol. I, São Paulo: Vértice, Editora Revista dos Tribunais: IDESP.
- LINHARES, Temístocles. (1962) "O problema da relação forma-substância na obra de Gilberto Freyre." *In*: *Gilberto Freyre: sua ciência, sua filosofia, sua arte*. Rio de Janeiro: José Olympio.
- LINK, Arthur S. & CATTON, William B. (1965) *História moderna dos Estados Unidos*. Rio de Janeiro, Zahar.
- LUCA, Tânia Regina de. (1999) *A Revista do Brasil: um diagnóstico para a (N)ação*. São Paulo: Unesp.
- LUKACS, George. (1968) *Ensaio sobre literatura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- MAIO, Marcos Chor. (1997) *A história do Projeto Unesco: estudos raciais e ciências sociais no Brasil*. Dig. Tese de Doutorado em Ciência Política. Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro.
- _____. (1999) "Tempo controverso: Gilberto Freyre e o projeto UNESCO". *In*: *Tempo Social*, Revista de Sociologia da USP, São Paulo, 11 (1), maio, p.111-136.
- _____. (1999b) "O projeto UNESCO e a agenda das Ciências Sociais no Brasil dos anos 40 e 50". *In*: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. ANPOCS, São Paulo, 14 (40), junho, p. 141-158.
- _____. (1999c) "O negro no pensamento social brasileiro e o legado de Gilberto Freyre". *Comunicação do Seminário de Tropicologia*. Disponível em: http://tropicologia.org.br/conferencia/1999negro_pensamento.html
- MAIO, Marcos Chor; VILLAS BÔAS, Gláucia. (orgs.) (1999c) *Ideais de modernidade e Sociologia no Brasil: ensaios sobre Luiz Aguiar Costa Pinto*. Porto Alegre: Editora Universidade/UFRGS.
- MANNHEIM, Karl. (1981) "O pensamento conservador". *In*: MARTINS, José de Souza. *Introdução à sociologia rural*. São Paulo: Hucitec.
- MANNHEIM, Karl (et al) (1997) *Sociologia do conhecimento*. Rio de Janeiro: Zahar.
- MARIANI, Maria Clara. (1982) "Educação e Ciências Sociais: o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais". *In*: SCHWARTZMAN, Simon (org.) *Universidades e instituições científicas no Rio de Janeiro*. Brasília: CNPq.
- MARTINS, Ana Lucia Nemi. (2003) *Espanha e Brasil: o ocidente possível no pensamento de Almir de Andrade*. Tese de doutorado. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, UNICAMP.
- MARTINS, José de Souza. (1998) "Vida e história na Sociologia de Florestan Fernandes." *In*: *Florestan: sociologia e consciência social no Brasil*. São Paulo: EDUSP.
- MEAD, George H. *Espíritu, persona y sociedad*. (1953) *Desde el punto de vista al conductismo social*. Buenos Aires: Editorial Paidós.

- MEDEIROS, Maria Alice de Aguiar. (1984) *O elogio da dominação: relendo Casa-Grande & Senzala*. Rio de Janeiro: Achiamé.
- MELO, Alcília Afonso de Albuquerque. (2000) *Revolução na arquitetura: Recife, década de 30. Intervenções do Estado sobre a arquitetura e o espaço da cidade do Recife*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em História, UFPE.
- MELOSSI, Dario. (1992) *El Estado del control social*. Madrid: México DF: Siglo XXI.
- MENEZES, Djacir. (1934) *Princípios de Sociologia*. Porto Alegre: Globo, 1934.
- MEUCCI, Simone. (2000) *A institucionalização da Sociologia no Brasil: os primeiros manuais e cursos*. Dissertação de Mestrado, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas/UNICAMP.
- MICELI, Sérgio. (1979) *Intelectuais e classe dirigente no Brasil*. São Paulo: Rio de Janeiro: Difel.
- _____. (1989) "Condicionantes do desenvolvimento das Ciências Sociais". In: MICELI, Sérgio. (org.) *História das Ciências Sociais no Brasil*. vol. I, São Paulo: Vértice, Editora Revista dos Tribunais: IDESP.
- _____. (2001) *Intelectuais à brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras.
- MILLIET, Sérgio. (1945) 'Sociologia'. In: *Diário de Notícias*, 11/11/1945.
- MIRANDA REIS, V. (1935) *Ensaio de síntese sociológica*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Ariel.
- MIRANDA, Francisco Cavalcanti Pontes de. (1926) *Introdução à Sociologia Geral*. Rio de Janeiro: Pimenta de Mello & Cia.
- MORAES, Eduardo Jardim. (1983) *A constituição da idéia de modernidade no modernismo brasileiro*. Tese de doutoramento. Departamento de Filosofia, Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, UFRJ.
- _____. (1988) "Modernismo revisitado". In: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, vol. 1, no. 2, p. 220-238.
- MORAES, Rubem Barbosa; BERRIEN, William. (org.) (1949) *Manual bibliográfico de estudos brasileiros*. Rio de Janeiro: Gráfica Editora Souza.
- MORAIS, Jorge Ventura; RATTON, José Luis. (2005) "Gilberto Freyre e a articulação dos níveis micro e macro na Sociologia". In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. vol. 20, no. 58, p. 129-144.
- MORAIS, Fernando. (1994) *Chatô, o rei do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras.
- MOTTA, Roberto. (1993) "Boas e Gilberto". In: *Diário de Pernambuco*. Recife, 6/11/1993.
- _____. (1993) "Ingrato? Verdadeiro?". In: *Jornal do Comércio*. Recife, 24/11/1993.
- _____. (1993) "Menos Boas, mais Gilberto". In: *Diário de Pernambuco*. Recife, 20/11/1993.
- NAVARRO DE TOLEDO, Caio. (1997) *Iseb: fábrica de ideologias*. 2ª edição. Campinas: Editora da UNICAMP.
- NEME, Mario (org.) (1945) *Plataforma da nova geração*. Porto Alegre: Globo.
- NOGUEIRA, Oracy. (1952) "A história de vida como técnica de pesquisa." In: *Sociologia*. São Paulo, vol. XIV, n.1, março.
- NUNES, Clarice. (1994) "A escola reinventa a cidade". In: HERSCHMANN, Micael; PEREIRA, Carlos Alberto M. *A invenção do Brasil moderno: medicina, educação e engenharia nos anos 20 e 30*. Rio de Janeiro: Rocco.
- O ENSINO NORMAL EM PERNAMBUCO – 1922-1926. Brochura mimeog. (Recife, Acervo da Biblioteca Estadual Presidente Castelo Branco, Coleção Pernambucana).
- OLIVEIRA, Lucia Lippi (coord.) (1980) *Elite intelectual e debate político nos anos 30: uma bibliografia comentada da revolução de 1930*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas.
- _____. (1995) "As ciências sociais no Rio de Janeiro". In: MICELI, Sérgio. (org.) *A história das Ciências Sociais no Brasil*. vol. 2, São Paulo: IDESP, FAPESP.
- _____. (1997) "Questão nacional na Primeira República". In: LORENZO, Helena de Carvalho; COSTA, Wilma Peres da. (orgs). *A década de 20 e as origens do Brasil moderno*. São Paulo: Fundação Editora UNESP.
- _____. (2003) "Ordem e Progresso em Gilberto Freyre". In: KOSMINSKI, Ethel Volfzon. LÉPINE, Claude. PEIXOTO, Fernanda Áreas. *Gilberto Freyre em quatro tempos*. Bauru, SP: EDUSC.
- _____. (2003b) "Sinais de modernidade da era Vargas: vida literária, cinema e rádio". In: FERREIRA, Jorge & DELGADO, Lucília A. N. *O Brasil Republicano 2*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- OTT, Carlos. 'Sociologia'. (s/d) In: *O Estado da Bahia*.
- OUTHWAITE, William & BOTTOMORE, Tom. (1996) *Dicionário do pensamento social do século XX*. Rio de Janeiro: Zahar.
- PÁDUA, Ciro. (1945) "Sociologia" In: *O Estado de São Paulo*, 23/10/1945.
- PALLARES-BURKE, Maria Lucia Garcia. (1997) "Gilberto Freyre e a Inglaterra, uma história de amor". In: *Tempo social*. Vol. 9, no. 2, p. 16-17, outubro.
- _____. (2003) "Gilberto Freyre: um nordestino vitoriano". In: KOSMINSKI, Ethel Volfzon. LÉPINE, Claude. PEIXOTO, Fernanda Áreas. *Gilberto Freyre em quatro tempos*. Bauru, SP: EDUSC.
- _____. (2005) *Gilberto Freyre: um vitoriano dos trópicos*. São Paulo: Editora Unesp.

- PAOLI, Niuvenius Junqueira. (1995) *As relações entre Ciências Sociais e Educação nos anos 50/60 a partir da história e produções intelectuais de quatro personagens: Josidelth Gomes Consorte, Aparecida Joly Gouveia, Juarez Brandão Lopes e Oracy Nogueira*. São Paulo: Tese de Doutorado, Faculdade de Educação, USP.
- PARK, Robert Ezra; BURGESS, Ernest Watson (1927). *Introduction to the science of sociology*. Chicago: Chicago University Press.
- PATARRA, Neide L. (1984) "Dinâmica populacional e urbanização no Brasil: o período pós-30". In: FAUSTO, Boris (org.) *História Geral da Civilização Brasileira. O Brasil Republicano*. Tomo III. 4º vol. São Paulo: Difel.
- PAULA, Silvana Gonçalves de. (1990) *Gilberto Freyre e a construção da modernidade brasileira*. Dissertação de Mestrado. Instituto de Ciências Humanas e Sociais/UFRRJ.
- PENNA, Maria Luiza. (1987) *Fernando de Azevedo: educação e transformação*. São Paulo: Perspectiva, 1987.
- PEREGRINO, Maria Graziela. (1987) "Gilberto Freyre orientador e diretor do CRPE do Recife." In: *Ciência e Trópico*. Recife, vol. 15, no. 2, jul/dez, p. 141-302.
- PEREIRA, Alexandre Eugenio. (2002) *O ISEB na perspectiva de seu tempo: intelectuais, política e cultura no Brasil (1952-1964)*. Tese de doutorado. São Paulo, FFLCH/USP.
- PEREZ, Cilmar Ferrari. (2002) *A formação sociológica das normalistas nas décadas de 20 e 30*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Educação, UNICAMP.
- PERRUCCI, Gadiel. (1986) "Um projeto oligárquico-liberal de Universidade: notas para uma história da UFPE". In: *Cadernos de Estudos Sociais*. Recife. vol. 2, n.2, jul./dez.
- PIERSON, Donald. (1947) "Masters and slaves". In: *American Sociological Review*. no. 12, no. 5.
- _____. (1945) *Teoria e Pesquisa em Sociologia*. São Paulo: Melhoramentos.
- _____. (1947) "Ecologia humana". In: *Sociologia: revista didática e científica*. São Paulo, vol. IX, no. 2.
- _____. (1948) *Teoria e pesquisa em Sociologia*. 2ª edição. São Paulo: Melhoramentos.
- PORTO, José da Costa. (1977) *Os tempos de Estácio Coimbra*. Recife: Imprensa Universitária da UFPE.
- QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. (1965) *O messianismo no Brasil*. São Paulo: Dominus, Editora da Universidade de São Paulo.
- _____. (1973) *O campesinato brasileiro*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.
- _____. (1983) "Nostalgia do outro e do alhures: a obra sociológica de Roger Bastide". In: QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. (org.) *Roger Bastide: sociologia*. São Paulo: Ática.
- _____. (1977) *Os cangaceiros*. São Paulo: Duas Cidades.
- QUINTAS, Fátima. (org.) (2003) *Evocações e interpretações de Gilberto Freyre*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco: Editora Massangana.
- RAMOS, Arthur. (1957) *Introdução à Psicologia Social*. 3ª edição. Rio de Janeiro: Casa do Estudante.
- RAMOS, Guerreiro. (1995) *Introdução crítica à sociologia brasileira*. Rio de Janeiro: UFRJ.
- RECEUSEAMENTO GERAL DO BRASIL. (1960) *Sinopse preliminar do senso demográfico*. IBGE. Serviço Nacional de Recenseamento.
- REIS, Moreira Pallares. "Os 80 anos de Gláucio Veiga". In: *Diário de Pernambuco*. 07/08/2003.
- REGO, José Lins. (1942) "Um senhor de engenheiro". In: ESTACIO COIMBRA. *In memorian*. Rio de Janeiro: Jornal do Commercio.
- REVISTA PERNAMBUCANA DE SOCIOLOGIA, ano I, no. 1, Recife, 1954.
- _____. ano II, no. 2, Recife, 1955.
- _____. ano III, no. 3, Recife, 1956.
- REZENDE, Antonio Paulo. (2004) "Freyre: as travessias de um diário e as expectativas da volta". In: GOMES, Angela de Castro. *Escrita de si Escrita da história*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas.
- REZENDE, Maria José. (2000) "A obra 'Ordem e Progresso' e a mudança social no Brasil." In: *Caderno de Estudos Sociais*. Fundação Joaquim Nabuco. Recife. V. 16, no. 2, p. 331-359.
- RIBEIRO, Adélia Maria Miglievich. (2000) *Heloísa Alberto Torres e Marina São Paulo Vasconsellos: entrelaçamento de círculos e formação das ciências sociais na cidade do Rio de Janeiro*. Tese do doutoramento. Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, UFRJ.
- RIBEIRO, René; HUTZIER, Celina Ribeiro. (1997) "Institucionalização da Antropologia cultural na UFPE". In: BOMENY, Helena; BIRMAN, Patrícia. (org.) *As assim chamadas Ciências Sociais*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, UERJ.
- RICARDO, Cassiano. *O Brasil no original*. São Paulo: Bandeira Editora.
- ROCHA, Frederico S. M. da. (1954) "Sociologia de fachada e sociologia científica". In: *Jornal do Commercio*. Recife: 25/12/1954.
- ROCHA, João Cezar de Castro. (2003) "As origens e os equívocos da cordialidade brasileira". In: ROCHA, João Cezar de Castro. *Nenhum Brasil existe. Pequena enciclopédia*. Rio de Janeiro: UERJ, Topbooks, UniverCidade.

- ROSS, Edward. (1969) *Social Control: a survey of the foundations of order*. Cleveland: The Press of Western Reserve.
- SALES, Tadeu José Gouveia. (2002) *A expansão da obras públicas e a convivência do homem no Recife nos últimos 150 anos*. Recife: Companhia Editora de Pernambuco.
- SANTOS, Luiz Antonio de Castro. (2003) "O espírito de aldeia: orgulho ferido e vaidade na trajetória intelectual de Gilberto Freyre". In: *Pensamento social no Brasil*. Campinas: Edicamp.
- SCHWARTZMAN, Simon. (1964) "Introdução ao pensamento de Georges Gurvitch". Programa do curso de Sociologia e Política da Faculdade de Ciências Econômicas de Minas Gerais. Disponível em: www.schwartzman.org.br/simon/gurvitch.htm
- _____. (org.) (1982) *Universidades e instituições científicas no Rio de Janeiro*. Brasília: CNPq.
- _____. (et al.) (2000) *Tempos de Capanema*. São Paulo: Paz e Terra: Fundação Getúlio Vargas.
- SELLARO, Leda Rejane Accioly. (1990) "Os cadernos 'Região e Educação': temas, enfoques e contribuições. In: *Tópicos Educacionais*. Periódico do Centro de Educação da Universidade Federal de Pernambuco. Recife, v. 8, no.1, jan/jun.
- _____. (2000) *Educação e modernidade em Pernambuco – inovações no ensino público (1920-1937)*. Tese de Doutorado. Departamento de História/UFPE.
- SETTE, Mario. (1921) *Senhora do engenho*. Recife: Imprensa Industrial.
- SEVCENKO, Nicolau. (2003) *Literatura como missão. Tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. 2ª edição. São Paulo: Companhia das Letras.
- SEYFERTH, Giralda. (2001) "O regionalismo da tradição na perspectiva nacionalista: a identidade regional segundo Gilberto Freyre". In: QUINTAS, Fátima. (org.) *Anais do Seminário Internacional Novo Mundo nos Trópicos*. Recife: Fundação Gilberto Freyre.
- SILVA, Josie Agatha Parrilha; MACHADO, Maria Cristina Gomes. *Carneiro Leão e a formação de professores*. Disponível em: <http://www.presidentekennedy.br/rece/trabalhos-num3/artigo11.pdf>.
- SIMMEL, Georg. (1983) *Sociologia*. (org. Evaristo Moraes Filho). São Paulo: Ática.
- _____. (1986) *Sociologia: estudos sobre las formas de socialización*. Madrid: Alianza Editorial.
- SKIDMORE, Thomas E. (2003) *Brasil: de Getúlio a Castelo*. 13ª edição. São Paulo: Paz e Terra.
- _____. (2003) Raízes de Gilberto Freyre. In: KOSMINSKI, Ethel Volfzon. LÉPINE, Claude. PEIXOTO, Fernanda Áreas. *Gilberto Freyre em quatro tempos*. Bauru, SP: EDUSC.
- SKINNER, Quentin. (1988) *Meaning in context: Quentin Skinner and his critics*. Cambridge: Polity Press.
- _____. (1996) *As fundações do pensamento político moderno*. São Paulo: Campanha das Letras.
- SOCIEDADE BRASILEIRA DE PESQUISA CIENTÍFICA. (1998) *Cientistas do Brasil*. São Paulo: SBPC.
- SOIHET, Rachel. (2003) "O povo na rua: manifestações culturais como expressão de cidadania". In: FERREIRA, Jorge e DELGADO, Lucília de Almeida Neves. (org.) *O Brasil Republicano*. Vol. 2. Rio de Janeiro: civilização Brasileira.
- SORÁ, Gustavo. (1998) "A construção sociológica de uma posição regionalista. Reflexões sobre a edição e recepção de *Casa-Grande & Senzala* de Gilberto Freyre". In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. vol.13, no. 36, fevereiro.
- _____. (1998b) *Brasílianas. A casa José Olympio e a instituição do livro nacional*. Tese de doutorado. Museu Nacional, UFRJ.
- SORJ, Bia. (1999) "Demarcando o campo da sociologia: a contribuição de Costa Pinto". In: MAIO, Marcos Chor; VILLAS BÔAS, Gláucia. (orgs.) *Ideais de modernidade e Sociologia no Brasil: ensaios sobre Luiz Aguiar Costa Pinto*. Porto Alegre: Editora Universidade/UFRGS.
- SOUTO MAIOR, Heraldo Pessoa. "Para uma história da Sociologia em Pernambuco: uma tentativa de periodização". *Estudos de Sociologia*. Recife: vol. 9, n.1, p. 7-29.
- SOUZA, Jessé. (2000) *A modernização seletiva: uma reinterpretação do dilema brasileiro*. Brasília: Editora da UnB.
- STOCKING JR, George W. (org). (2004) *A formação da Antropologia americana: Franz Boas*. Rio de Janeiro: Contraponto: Editora da UFRJ.
- SZESZ, Christiane Tavares (et al). (2003) *Portugal-Brasil no século XX: sociedade, cultura e ideologia*. Bauru: SP: Edusc.
- TEIXEIRA, Anísio. (1924) "A propósito da escola única". In: *Revista do Ensino*. Salvador, vol. 1, no. 3. Disponível em: <http://www.prossiga.br/anisio/teixeira/artigos>.
- _____. (1934) *Educação Pública: administração e desenvolvimento*. Rio de Janeiro: Oficina Gráfica do Departamento de Educação.
- _____. (1962) "Gilberto Freyre, mestre e criador de sociologia." In: *Gilberto Freyre: sua ciência, sua filosofia, sua arte*. Rio de Janeiro: José Olympio.
- _____. (1997) *Educação para a democracia*. 2ª edição. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ.

- THOMAS, William & ZNANIECKI, Florian. (1984) *The polisch peasant in Europe and America*. University of Illinois Press.
- THOMAZ, Omar Ribeiro. (2002) *Ecossistemas do Atlântico Sul*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ/Fapesp.
- TUNA, Gustavo. (2003) *Da outra América: Gilberto Freyre e a 'new-history' norte-americana*. Texto apresentado ao IV Seminário de Pensamento Social Brasileiro. Unicamp/Centro de Estudos Brasileiros.
- VALENTE, Waldemar. (1973) "Estácio Coimbra. A reforma Carneiro Leão e a Sociologia na Escola Normal do Estado de Pernambuco". In: FREYRE, Gilberto (et al). *Estácio Coimbra, homem representativo de seu meio e do seu tempo*. Recife: Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais.
- VAMOS LER. *Revista da empresa A Noite*. Rio de Janeiro, 25/10/1945
- VANDENBERGHE, Frédéric. (1997) *Une histoire critique de la sociologie allemande*. Tome I. Paris: La Découverte.
- VEIGA, Glaucio. *História das idéias da Faculdade de Direito do Recife*. Recife: Editora Universitária, 1981.
- _____. "Resenha". *Revista Pernambucana de Sociologia*. ano I, no. 1, Recife, 1954.
- VELHO, Gilberto. *O significado da obra de Gilberto Freyre para a Antropologia contemporânea*. Disponível em: <http://riotal.com.br/coojournal/academicos035.htm>.
- VELLOSO, Mônica Pimenta. (1983) *O mito da originalidade brasileira: a trajetória intelectual de Cassiano Ricardo*. Dissertação de Mestrado, Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica.
- _____. (2003) "Intelectuais e política cultural no Estado Novo". In: FERREIRA, Jorge e DELGADO, Lucília de Almeida Neves. *O Brasil Republicano 2*, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- A VIDA DOS LIVROS. *Noticiário das edições da Livraria José Olympio*. Rio de Janeiro, nov/dez. 1945.
- _____. *Noticiário das edições da Livraria José Olympio*. Rio de Janeiro, fev. 1946.
- VIANNA, Hermano. (1995) *O mistério do samba*. Rio de Janeiro: Zahar.
- VICENZI, Leticia Josephina Braga de. (1986) 'A fundação da Universidade do Distrito Federal e seu significado para a educação no Brasil'. In: *Fórum Educacional*. Rio de Janeiro, v. 10, no. 03, jul./set. Disponível também em: <http://www.prosiga.br/anisoteixeira/artigos/federal.html>.
- VIDAL, Diana Gonçalves (org.) (2000) *Na batalha da educação: correspondência entre Anísio Teixeira e Fernando de Azevedo (1929-1971)*. Bragança Paulista, SP: EDUSF.
- VILA NOVA, Sebastião. (1998) *Donald Pierson e a escola de Chicago na Sociologia brasileira: entre humanistas e messiânicos*. Lisboa: Vega.
- VILLAÇA, Antonio Carlos. (2001) *José Olympio: o descobridor de escritores*. Rio de Janeiro: Thex.
- VILLAS BÔAS, Gláucia. (1988) 'O tempo da Casa-Grande'. In: *Dados: Revista de Ciências Sociais*. vol. 31, no. 3.
- _____. (1992) *A vocação das Ciências Sociais no Brasil (1945-1964). Um estudo de sua produção em livro*. Tese de Doutorado. FFLCH, Universidade de São Paulo.
- _____. (1997) "A recepção da Sociologia Alemã no Brasil: notas para uma discussão". In: *Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais*. Rio de Janeiro, no. 44, 2º semestre de 1997, p. 73-80.
- _____. (1999) "Entre a tradição e a contemporaneidade". In: KOSMINSKI, Ethel (org.) *Agruras e prazeres de uma pesquisadora: ensaios sobre a sociologia de Maria Isaura Pereira de Queiroz*. São Paulo: UNESP, Marília Publicações, FAPESP.
- _____. (2003) "Tempo e singularidade". In: QUINTAS, Fátima. (org.) *Evocações e interpretações de Gilberto Freyre*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco: Editora Massangana.
- WAZBORT, Leopoldo. (2000) *As aventuras de Simmel*. São Paulo: Editora 34.
- WASHINGTON, Luis. (1945) 'Sociologia'. In: *Jornal de São Paulo*, 11/11/1945.
- WEINBERG, Julius & HINKLE, Gisela & HINKLE, Roscoe. (1969) "Introduction". In: ROSS, Edward. *Social Control: a survey of the foundations of order*. Cleveland: The Press of Western Reserve.
- WHITE, Borton. (1957) *Social thought in America: the revolt against the formalism*. Boston: Beacon Press.
- WITTRÖCK, Björn & WAGNER, Peter & WOLLMANN, Hellmut. (1999) "Ciência social y estado moderno; el conocimiento de las políticas y las instituciones políticas em la Europa occidental y los Estados Unidos". In: WAGNER, Peter & WEISS, Carol Hirschon & WITTRÖCK, Björn & WOLLMAN, Helmut. *Ciencias Sociales y Estados modernos*. México: Fondo de Cultura Económica.
- XAVIER, Libânea Nacif. (1999) *O Brasil como laboratório: educação e ciências sociais no projeto dos Centros Brasileiros de Pesquisas Educacionais CBPE/INEP/MEC (1950-1960)*. Bragança Paulista: IFANICDAPH/EDUSF.

ACERVOS CONSULTADOS

Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre – Recife/PE

Fundação Joaquim Nabuco - campus Anísio Teixeira – Recife/PE

Biblioteca Pública Castelo Branco – Recife/PE

Arquivo Público do Estado de Pernambuco – Recife/PE

Arquivo Público do Estado de São Paulo – São Paulo/SP

Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo/ IEB – São Paulo/SP

Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/RJ

Casa de Cultura Heloísa Torres – Itaboraí/RJ

Arquivo e Biblioteca do Instituto Superior de Educação do Rio de Janeiro/ISERJ – Rio de Janeiro/RJ

ANEXOS

Plano da cadeira de Sociologia

O curso de Sociologia compreenderá o estudo analítico e histórico dos fatos sociais, em geral, é o estudo técnico ou concreto dos fatos sociais, próximos, de imediato interesse nacional e local.

Para o estudo dos últimos, a classe tentará sondagem por meio de estatísticas, inquéritos e "social survey".

Pela classe de Sociologia serão visitadas no Recife e cidades próximas, os principais serviços públicos, obras de assistência social, bairros pobres, usinas, fábricas, etc., exigindo-se do estudante o máximo de trabalho pessoal de observação e pesquisa.

Assig. Gilberto Freyre

Programa de Sociologia

- 1- Os fatos sociais. As ciências sociais – Sua diferenciação, lugar entre elas da sociologia – Relação da sociologia com a biologia.
- 2- O "socius" como unidade de estudo sociológica – (1) histórico e analítico (estático). (2) Técnico (dinâmico). O método sociológico – (1) Descritivo. (2) Estático – "social survey". A sociologia como técnica de ação social.
- 3- Organização social – Origem e fases – A base social – Relações Sociais – Atividades sociais – Controle social.
- 4- A natureza física nas suas relações com os fatos sociais.
- 5- Os processos de socialização – Agregação, associação, cooperação, combinação, organização, comunicação, diferenciação (Giddings)
- 6- Forças sócio-econômicas (Baldwin) e sociais puras.
- 7- A família – Fases do seu desenvolvimento – Comunidade econômica e cultural – Entre os hebreus, gregos, romanos, na Idade Média, na Renascença, depois da Revolução Industrial, na América e no Brasil.
- 8- O Estado – Teorias do Estado e das suas funções – Problemas sociológicos do governo no Brasil.
- 9- Produção e consumo de riqueza sob o ponto de vista sociológico – Riqueza individual e riqueza social – Riqueza e população.
- 10- Moral social – Relações com a religião – Tabu – A religião e a organização social – A Igreja católica e a organização brasileira.
- 11- Pauperismo – Métodos de caridade – Igreja católica – O sistema Hanburg – O sistema Indiana – O sistema Buffalo.
- 12- Crimes – Causas sociais – Efeitos sociais – Prevenção de crime, defesa da sociedade, reforma do criminoso.
- 13- O urbanismo e seu aspecto sociológico – Grandes cidades – Pequenas cidades – O Recife.
- 14- Sociologia rural – no Brasil – Em Pernambuco.
- 15- O problema da miscigenação no Brasil.
- 16- Sociologia da criança – Sociologia escolar.
- 17- História da sociologia – A sociologia no Brasil.

O prof. da cadeira
 (Assig.) Gilberto Freyre
 19 de março de 1930

Curso de Introdução ao Estudo da Sociologia Regional Faculdade de Direito do Recife - 1935

O curso não é de Sociologia Geral, mas sua introdução ao estudo da regional. Supõe-se o conhecimento dos elementos da sociologia. O estudante já deve saber o que é "socius", por exemplo. Mas se não sabe, pergunte. Sugestões de leitura para o estudo dos elementos de sociologia.

Giddings – Elements of Sociology
Hesse e Gleyse – Notions de Sociology
Blackmar e Gillin – Outlines of Sociology
Hayes – Introduction to the study of Sociology
Fernando de Azevedo – Princípios de Sociologia
Delgado de Carvalho – Sociologia (não a educacional)
Miranda Reis – Síntese sociológica

A bibliografia que se refere à Sociologia regional ou à Ecologia humana é ainda pequena. Ecologia não é coisa feia. É simplesmente a ciência que procura determinar e explicar o complexo de relações entre plantas e animais que crescem juntos e o respectivo meio. A Ecologia humana procura estudar o homem pelo mesmo critério, isto é em relação com grupos regionais de animais e plantas e com o respectivo meio. Mas tomando em consideração a extraordinária mobilidade do homem no espaço e no tempo – fugindo aassim ao determinismo geográfico. Sugestões de leitura sobre esses pontos.

Research methods in Ecology (Universidade de Nebraska)
Barrington Moore – The scope of Sociology
Huntington – The human habitat
R. Mukerjee – Regional Sociology
Alfred Korzibinski – Manhood of humanity
Silvio Romero – O Brasil social
Sorokin – Social mobility
Vidal de la Blache – Tableau de la Geographie de France
Landeman – Teh community
Gallois – Regions naturelles et noms de pays
Oliveira Viana – Raça e assimilação

O estudo sociológico do campo e da cidade representa especializações do critério e do método ecológico ou da sociologia regional. Sugestões de leitura:

Vogt – Rural sociology
Gillette – Rural sociology
Olof Jonason – Agricultural regions of Europe
Carver – Rural economics
Finch – Geography of world's agriculture
Kirpatrick – The farmer's standings of living
F. de Coulanges – La cité antique
Rostovtzett – Cities of the ancient world
Howe – The modern city and its problems
Bedford – Readings in urban sociology
Brum – Le regionalisme
Maignam – Regionalisme
Martonne – Valachie
Voughan – The great capital

Ainda, por extrema especialização do critério regional, pode-se estudar, em sociologia, ou em geografia cultural, os tipos de habitação, as ruas, e as partes, como expressão de áreas ecológicas de cultura em geral e, de áreas políticas e econômicas, comerciais (bairros, freguesias, cortiços, macumbarias) em particular. Sobre estes pontos são estas as nossas sugestões de leitura:

Bygton – Homestead the households of a Mill Town
 Demolins – La route créé le type social
 Hayner – The hotel. The sociology of hotel life
 Aronovitch – Housing and the housing problem
 Damangeon – Port of Paris
 Mac Gill – Land values an ecological facts
 Dreuser – The color of a great city
 João do Rio – A alma encantadora das ruas
 John dos Passos – Manhattan transfer

Sobre o problema da distância e contatos, sugerimos a leitura de:

Bogardus – The new sociological research
 Rivers – Contact os peaples
 Wisler – Man and cultur

Sobre o método sociológico em geral e da sociologia regional em particular.

Thordike – Mental and social measurement
 E. Durkheim – Les regles de la methode sociologique
 Giddings – The scientific study of human society
 Richmond – Social diagnosis
 Delgado de Carvalho – Sociologia
 Elms – Tecniqe of social surveys
 Richmond – What is social case work?
 Chopin – Field work and social research

Sobre o Nordeste, Pernambuco e o Recife

Alberto Torres – Organização nacional
 H. Koster – Travels in Brazil
 J. de Sampaio – Fitogeografia do Brasil
 Oliveira Lima – Pernambuco
 Mario Marroquim – A língua do Nordeste
 Boringer – Estudo sobre o clima do Recife
 Saturnino de Brito – Saneamento do Recife
 José Américo de Almeida – A Paraíba e seus problemas
 Otávio de Freitas – A cidade do Recife
 José Domingos Cadeceira – Ruas do Recife
 Pereira da Costa – Mosaico pernambucano, folk-lore pernambucano e outras crônicas
 Josué de castro – Alimentação no Recife
 Arthur Orlando – O porto e a cidade do recife
 Aníbal Fernandes – Relatório da inspetoria de monumentos
 Recenseamento 1913
 Recenseamento 1925
 Anuário Estatístico de Pernambuco de 1927 até o presente
 Sílvio Rabelo – Psicologia do desenvolvimento infantil
 Estevão Pinto – Pernambuco no século XIX e os indígenas do Nordeste
 Artigos da seção “Vida Econômica” do jornal “A Província” de 1928-1930
 Série “Crimes célebres no Recife” de Oscar Melo no mesmo jornal
 Sampaio Ferraz – O molhe de Olinda

Sebastião Galvão – Dicionário de Pernambuco
Alfredo de Carvalho – Estudos Pernambucanos
Arquivo de Assistência dos Psicopatas especialmente “Doenças de negros em Pernambuco” (de U. Pernambucano) e “A maconha em Pernambuco” (J. Lucena)
Anuário do “Diário da Manhã”
Franklin Távora – O cabeleira (romance)
Carneiro Villa – A emparedada Rua Nova
Ademar Tavares, Carlos Estevão e outros – Trovas
Lucilo Varejão – De que morreu João Feital (romance)
José Lins do Rego – Menino do engenho, Doidinho, Bangüê, O moleque Ricardo (romances)
José Américo de Almeida – Bagaceira
Mario Sete – Maxambambas e maracatus (crônicas)
Ascenso Ferreira - Catumbá (poesia)
Manuel Bandeira – Recife (poema)
Odilon Nestor – Igreja do terço (poemas)

O estudante não hesite em fazer perguntas por escritos, sobre assuntos ligados às conferências e ao curso, entregando-as a José Antonio ou Paulo Bezerra. Sempre que possível o encarregado do curso dará entrevistas aos estudantes fora das horas de conferência.

Pesquisa em projeto: “Tatuagem nos detentos do Recife: sua relação com a origem do indivíduo – rural ou urbana, marítima ou mediterrânea, burguesa ou proletária – com sua profissão, religião e sexo.

Recife, ? de agosto de 1935.

(Cópias feitas na Assistência a Psicopatas por gentileza do Dr. Pernambucano).

Gilberto Freyre

*A nova e
monumental
obra
de*



Gilberto Freyre
Sociologia

2 VOLS. IN-8.º COM 800 PÁGINAS
PREÇO 100,00 – Ex. de luxo 300,00
UMA EDIÇÃO DA

Livraria José Olympio Editora

Box publicitário que a Livraria José Olympio elaborou para a divulgação do livro *Sociologia: uma introdução aos seus princípios* em 1945. Foi veiculado em jornais e revistas da época em tamanho menor do que este que aqui reproduzimos.